UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento

F.P.C.E.
BIBLIOTECA
U.P.

TE-654
ex.1

(DES)CONTINUIDADES NA VINCULAÇÃO AOS PAIS E AO PAR AMOROSO EM ADOLESCENTES

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia pela Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Costa

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação
N.º de Entrada 18667
Data 24/07/02

2002

Este estudo realizou-se no âmbito do Programa PRAXIS XXI (PCSH/C/PSI/84/96) (15 de Junho de 1997 a 31 de Dezembro de 1999) da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Foi ainda financiado, numa fase final, pelo PRODEP/2000 (Medida 5/Acção 5.3 Formação Avançada de Docentes do Ensino Superior/Concurso 4/5.3/PRODEP/2000 – Ref. Projecto 5.3/N/816.005/00) (1 de Setembro de 2000 a 19 de Janeiro de 2002).

Para o Thomas

Para o André e a Raquel

Agradecimentos

Este trabalho é obviamente devedor do contributo de várias pessoas e instituições que, sob formas diversas, criaram as condições para a sua execução. Gostaria, pois, de deixar aqui expresso o meu profundo reconhecimento.

À Professora Doutora Maria Emília Costa, pela relevância do papel que tem vindo a desempenhar no meu desenvolvimento profissional. Inevitavelmente pelo contexto seguro e pela confiança básica, essenciais à realização deste trabalho. Pelas discussões, tantas, que permitiram dar sentido à diversidade de resultados. Por insistir em (re)pensar os saberes teóricos à luz da sua experiência clínica. Finalmente, pelo exemplo fortíssimo de dedicação e investimento na formação de profissionais de Psicologia.

Às Dras. Helena Milheiro de Almeida e Sónia Barbosa que, enquanto bolseiras de iniciação à investigação, colaboraram de forma efectiva na execução deste trabalho, fazendo e refazendo pacientemente muitos dos tratamentos estatísticos, e desempenhando a tarefa exigente de realizar e, sobretudo, de classificar as entrevistas.

À Professora Doutora Anne Marie Fontaine, pela influência decisiva que exerceu na minha formação enquanto investigadora; por todos os momentos de encorajamento e de "resolução" das minhas dúvidas estatísticas. À Professora Doutora Isabel Menezes pelo companheirismo e solidariedade, sempre, ao longo destes anos; por ter compreendido a minha ausência. A ambas e à Professora Doutora Liliana de Sousa do Instituto de Biomédicas Abel Salazar agradeço, ainda, a generosidade pelo tempo dedicado à leitura rigorosa de partes desta tese, bem como as sugestões feitas.

À Dra. Cidália Duarte, por ter deitado "mãos à obra" num momento difícil deste trabalho, ao disponibilizar-se para desempenhar o papel de juiz das entrevistas sobre a vinculação à família. Pelo sentido de humor, indispensável, e as tantas manifestações de apoio. Por me ter substituído nas minhas funções docentes.

Ao Dr. Rui Alves pela colaboração prestada na realização e na classificação das entrevistas, pela serenidade de quem não tem certezas, pelo entusiasmo que imprimiu às nossas discussões.

À Professora Doutora Isabel Narciso e à Dra. Teresa Ribeiro da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, companheiras de

viagem, pela prontidão com que responderam aos meus pedidos, pela generosidade de todos os materiais disponibilizados, pelo interesse genuíno que sempre manifestaram. À Professora Doutora Isabel Narciso, ainda, pelas conversas que me permitiram compreender melhor as questões da dependência no casal.

À Dra. Rita Moreira e à Margarida Allen pela passagem dos dados para suporte informático, à Tânia Gouveia por tantos quadros que ainda faltavam, à Luísa Ribeiro pelas horas dedicadas à transcrição das entrevistas. A todas pelo esforço imenso para cumprir os prazos estabelecidos.

À Dra. Joana Oliveira, pelo apoio na execução dos gráficos, mas sobretudo, pela constante abdicação dos seus próprios interesses em favor da ajuda aos outros.

À D. Luísa Santos, pelas revisões das referências bibliográficas e dos índices; pela paciência na gestão quotidiana de todos os pedidos e mais um de tantos colegas.

A todos os colegas que manifestaram o seu apoio, e em particular ao Professor Doutor Joaquim Luis Coimbra pelo desafio teórico permanente, ao Dr. Carlos Gonçalves e às Dras. Raquel Barbosa, Graça Silva, Marta Santos e Inês Nascimento, pelos momentos de encorajamento e de estímulo à prossecução deste trabalho, pelas conversas sobre a teoria da vinculação e a propósito dos instrumentos.

A todos os alunos que prontamente se disponibilizaram para a administração dos questionários. E a todos aqueles que voluntariamente acederam a participar neste estudo. Especialmente aos que partilharam connosco partes importantes da sua vida.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (UP) e à Fundação para a Ciência e Tecnologia por terem criado as condições necessárias à implementação deste projecto e à elaboração desta dissertação.

À minha família e aos meus amigos pela presença constante e pelo apoio incondicional. À minha querida tia Jóninha pelos muitos ensinamentos ao longo da vida.

Ao Thomas, pelo exemplo de ligação à VIDA, porque sempre me conduz à essência das coisas. Ao André e à Raquel, por tudo.

TD
MATIDES
V01.1

Índice Geral

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1 – A TEORIA DA VINCULAÇÃO 9

1. John Bowlby e Mary Ainsworth, os pioneiros da teoria da vinculação: Aspectos da história sócio-biográfica e cultural 10

2. Conceitos e princípios gerais da teoria da vinculação 16

2.1. Sistema comportamental da vinculação 17

2.2. Regulação do sistema comportamental da vinculação 20

2.3. Desenvolvimento do comportamento de vinculação 23

2.4. Distinção entre comportamento de vinculação e vinculação 28

2.5. Natureza e qualidade das vinculações 31

2.6. Modelos internos dinâmicos: Natureza e função 36

2.7. Vinculação ao longo do ciclo de vida 43

3. Síntese 48

CAPÍTULO 2 – ABORDAGENS CONCEPTUAIS E METODOLÓGICAS DA VINCULAÇÃO NO JOVEM E NO ADULTO 51

1. Mary Main e os modelos representacionais da vinculação 52

1.1. A reconceptualização da avaliação das diferenças individuais 52

1.2. A identificação da vinculação desorganizada-desorientada 55

1.3. Distinção entre estratégias condicionais primárias e secundárias 57

1.4. Primeiros estudos empíricos 63

2. Cindy Hazan e Philipp Shaver e o amor romântico enquanto processo de vinculação 73

2.1. O amor romântico numa perspectiva evolucionista 74

2.2. Primeiros estudos empíricos 77

2.3. Para um modelo normativo da formação de uma vinculação no adulto 84

3. Kim Bartholomew e o modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação 99

3.1. Uma abordagem prototípica da vinculação 100

3.2. O retorno ao conceito de modelos internos dinâmicos 101

3.3. A inconsistência dos dados empíricos e a clarificação do evitamento 103

3.4. A exploração empírica do modelo 104

3.5. Histórias desenvolvimentais e protótipos de vinculação 115

4. Integração de perspectivas: comunalidades e diferenças 120

CAPÍTULO 3 - CONTROVÉRSIAS ACTUAIS NO ESTUDO DA VINCULAÇÃO 127

1. A natureza do constructo de vinculação 128
1.1. Vinculação: disposição interna ou constructo relacional? 128
1.2. A organização hierárquica dos modelos de vinculação 133
2. Ecologia das relações de vinculação 136
2.1. Díade ou rede de relações de vinculação 136
2.2. O contexto de vinculação e as influências sistémicas 138
3. Continuidade e estabilidade *versus* mudança 139
3.1. Continuidade de processos e dinâmicas 140
3.2. Processos de assimilação e de acomodação 142
3.3. A transformação como condição de segurança 146
3.3.1. A renegociação das relações pais-filhos adolescentes como exemplo 146
3.4. A indissociabilidade entre o indivíduo e o meio 147

CAPÍTULO 4 - A OBSERVAÇÃO EMPÍRICA DA VINCULAÇÃO NO JOVEM E NO ADULTO 153

1. Abordagens conceptuais de avaliação das diferenças individuais 154
1.1. Abordagens categoriais ou tipológicas 155
1.1.1. A *Situação Estranha* 155
1.1.2. A medida de Hazan e Shaver 159
1.1.3. Limitações e vantagens das abordagens categoriais 162
1.2. Abordagens dimensionais 164
1.2.1. Vantagens e limitações das abordagens dimensionais 164
1.2.2. Algumas medidas dimensionais de avaliação da vinculação 166
1.2.2.1. A *Adult Attachment Scale* (Collins & Read, 1990) 166
1.2.2.2. O *Adult Attachment Questionnaire* (Simpson, 1990) 168
1.2.2.3. O *Reciprocal Attachment Questionnaire* e o *Avoidant Attachment Questionnaire for Adults* (West & Sheldon-Keller, 1994 169
1.2.2.4. O *Attachment Style Questionnaire* (Feeney Noller & Hanrahan, 1994) 171
1.2.3. O *evitamento* e a *ansiedade* como dimensões organizadoras da vinculação 172
1.3. Abordagens prototípicas 174
2. Metodologias de observação da vinculação no jovem e no adulto 175
2.1. Os modelos representacionais como objecto privilegiado de avaliação 176
2.2. Memórias autobiográficas e emoção 179
2.3. A entrevista como oportunidade de revisão dos significados pessoais 182
2.4. Medidas narrativas da vinculação: o exemplo da Adult Attachment Interview (AAI) 184
2.5. O recurso a metodologias de observação naturalista 191
2.6. Outras metodologias 193

3. Domínios de avaliação da vinculação no jovem e no adulto **195**
3.1. Relações parentais 195
3.1.1. Elementos diferenciadores dos instrumentos 196
3.1.2. Alguns instrumentos de auto-relato 197
3.1.2.1. O *Parental Bonding Instrument (PBI)* 197
3.1.2.2. O *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)* 198
3.1.2.3. O *Parental Attachment Questionnaire (PAQ)* 200
3.2. Relações amorosas 201
3.3. Relações de amizade com pares 205
3.3.1. Vinculação ou afiliação? 205
3.3.2. Alguns instrumentos de autorelato 206
4. Convergência entre métodos e sistemas de avaliação **207**
5. Síntese **210**

CAPÍTULO 5 - REVISÃO DA INVESTIGAÇÃO NO ÂMBITO DA VINCULAÇÃO DO JOVEM E DO ADULTO **213**

1. Investigação no domínio da vinculação aos pais **216**
1.1. Vinculação parental e género 217
1.1.1.O género dos adolescentes 217
1.1.2. O género das figuras parentais 220
1.2. Vinculação parental e idade 224
1.3. Vinculação parental e adaptação psicossocial 229
1.3.1. Autoestima e autoconceito 229
1.3.2. Competência social 231
1.3.3. Solidão 232
1.3.4. *Stress* e estilos de *coping* 234
1.4. Vinculação parental e adaptação ao contexto universitário 236
1.5. Vinculação parental e identidad 241
1.6. Vinculação parental e dimensões do funcionamento familiar 244
1.7. Síntese 248
2. Investigação no domínio da vinculação amorosa **251**
2.1. Vinculação amorosa e constructos próximos 252
2.2. Vinculação e qualidade da relação amorosa 256
2.2.1. Estudos que recorrem a uma medida derivada da de Hazan e Shaver 256
2.2.2. Estudos que recorrem à formulação original desta medida 261
2.2.3. Estudos que utilizam esta medida com alteração do formato de resposta 265
2.3. Vinculação amorosa e self-disclosure 268
2.4. Vinculação amororsa, interacção e apoio social 273
2.5. Género e vinculação amorosa 281
2.5.1. Diferenças na vinculação em função do género 281

2.5.2. Género e capacidade preditiva da vinculação 283
2.6. Concordância da vinculação no par amoroso e acomodação 288
2.7. Síntese 297
3. Relações entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa **300**
3.1. Vinculação amorosa e qualidade das relações familiares na infância 301
3.2. Vinculação amorosa e qualidade das relações familiares actuais 311
3.3. Síntese 315

CAPÍTULO 6 – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA: OBJECTIVOS, HIPÓTESES E METODOLOGIA **317**

1. Objecto de estudo e opções epistemológicas **318**
2. Objectivos e hipóteses **320**
3. Metodologia **334**
3.1. Entrevistas de avaliação da vinculação 335
3.1.1. Entrevista de avaliação da vinculação à família (EVF) 335
3.1.1.1. Semelhanças e diferenças entre a EVF e a *AAI* 340
3.1.2. Entrevista de avaliação da vinculação aos pares (EVP) 342
3.2. Formação de entrevistadores e de juizes 347
3.3. Classificação das entrevistas e concordância entre juizes 348
4. Plano de observação **352**

CAPÍTULO 7 – DESENVOLVIMENTO DE INSTRUMENTOS DE VINCULAÇÃO E ESTUDOS DE VALIDAÇÃO **355**

1. A abordagem conceptual de avaliação das diferenças individuais **356**
2. Organização temática dos instrumentos **357**
3. O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) – Estudos de validação **362**
3.1. Versão inicial 362
3.2. Amostra e procedimento 363
3.3. Estrutura factorial 367
3.3.1. Estrutura factorial da versão Mãe 369
3.3.1. Estrutura factorial da versão Pai 373
3.4. Correlações entre as dimensões 378
3.5. Fiabilidade 379
3.5.1. Consistência interna 380
3.5.2. Teste-reteste 381
3.6. Validade de constructo 383
3.6.1. Estudos correlacionais 384

3.6.1.1. Objectivos e hipóteses 384
3.6.1.2. Relações entre o QVPM e o *Inventory of Parent and Peer Attachment* 386
3.6.1.3. Relações entre o QVPM e o *Psychological Separation Inventory* 389
3.6.1.4. Relações entre o QVPM e o *Self-Description Questionnaire III* 393
3.6.1.5. Conclusão dos estudos correlacionais 396
3.6.2. Estudos diferenciais 398
3.6.2.1. Objectivos e hipóteses 398
3.6.2.2. Tratamentos estatísticos 400
3.6.2.3. Diferenças em função do género do adolescente e do progenitor 401
3.6.2.4. Diferenças em função da composição familiar do adolescente 405
3.6.2.5. Diferenças em função da idade, do agrupamento vocacional, do tamanho da fratria, do nível ocupacional e escolaridade do pai e da mãe 406
3.6.2.5.1. Idade 406
3.6.2.5.2. Agrupamento vocacional 406
3.6.2.5.3. Tamanho da fratria 406
3.6.2.5.4. Nível ocupacional dos pais 407
3.6.2.5.5. Escolaridade dos pais 407
3.6.2.6. Conclusão dos estudos diferenciais 408
3.6.3. Análises de *clusters* 408
3.6.3.1. Distribuição dos *clusters* em função do género 413
3.7. Síntese 417
4. O Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) – Estudos de validação 418
4.1. Versão inicial 418
4.2. Amostra e procedimento 420
4.3. Estrutura factorial 422
4.4. Correlações entre as dimensões 427
4.5. Consistência interna 428
4.6. Teste da invariância dimensional 429
4.7. Validade de constructo 430
4.7.1. Estudos correlacionais 431
4.7.1.1. Objectivos e hipóteses 431
4.7.1.2. Relações entre o QVA e o *Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status* 433
4.7.1.3. Relações entre o QVA e a percepção do apoio social 437
4.7.2. Estudos diferenciais 442
4.7.2.1. Objectivos e hipóteses 442
4.7.2.2. Tratamentos estatísticos 444
4.7.2.3. Diferenças em função do género 445
4.7.2.4. Diferenças em função da existência de experiências amorosas 446
4.7.2.5. Diferenças em função da duração da relação 447
4.7.2.6. Diferenças em função da composição familiar 447
4.7.2.7. Diferenças em função da idade, do agrupamento vocacional, do tamanho da fratria, do nível ocupacional e escolaridade do pai e da mãe 448

4.7.2.8. Conclusão dos estudos diferenciais 448
4.7.3. Análise de *clusters* 449
4.7.3.1. Distribuição em função de género 452
4.7.3.2. Diferenças na duração da relação em função dos *clusters* 453
4.8. Síntese 457

CAPÍTULO 8 – RELAÇÕES ENTRE A VINCULAÇÃO AOS PAIS E A VINCULAÇÃO AMOROSA EM ADOLESCENTES: ESTUDO EMPÍRICO **459**

1. Instrumentos de autorelato **460**
1.1. Amostra 460
1.2. Tratamentos estatísticos 463
1.3. Resultados 464
1.3.1. Associações entre vinculação parental e amorosa ao nível dimensional 464
1.3.2. Diferenças na vinculação amorosa em função dos protótipos de vinculação aos pais 468
1.3.3. Efeitos de uma vinculação segura a pelo menos uma das figuras parentais 471
1.4. Discussão 474
2. Entrevistas **479**
2.1. Amostra 480
2.2. Tratamentos estatísticos 483
2.3. Resultados 484
2.3.1. Distribuições das classificações da vinculação aos pais e aos pares 485
2.3.1.1. A vinculação aos pais 485
2.3.1.2. A vinculação aos pares 487
2.3.1.3. Comparação entre a vinculação aos pais e aos pares 487
2.3.1.4. Discussão 489
2.3.2. Efeitos do género e da duração da relação amorosa 496
2.3.2.1. Nos padrões de vinculação aos pais e aos pares 496
2.3.2.2. Nas dimensões de relacionamento com os pais e os pares 499
2.3.2.3. Discussão 501
2.3.3. Relações entre a vinculação aos pais e aos pares 502
2.3.3.1. Concordância nas classificações dominantes 502
2.3.3.2. Correlações entre os padrões de vinculação 505
2.3.3.3. Correlações entre dimensões do relacionamento e padrões de vinculação 507
2.3.3.4. Correlações entre padrões de vinculação e modelo de si próprio e do outro 511
2.3.3.5. Discussão 514
2.3.4. Relações entre dimensões estruturais das narrativas e vinculação 525
2.3.4.1 Correlações entre dimensões estruturais da EVF e

padrões de vinculação aos pares 525
2.3.4.2. Correlações entre dimensões estruturais da EVP e padrões de vinculação aos pais 526
2.3.4.3. Correlações entre dimensões estruturais de ambas as entrevistas 528
2.3.4.4. Discussão 529
2.3.5. Discriminação dos grupos de vinculação aos pares em função da vinculação aos pais 533
2.3.5.1. Discriminação em função dos padrões de vinculação aos pais 534
2.3.5.2. Discriminação em função das dimensões estruturais da EVF 539
2.3.5.3. Discussão 543

3. Convergência entre métodos 552

3.1. Amostra 552
3.2. Tratamentos estatísticos 552
3.3. Resultados 553
3.3.1. Concordância entre as classificações da vinculação obtidas por meio de métodos diferentes 553
3.3.2. Correlações entre dimensões das entrevistas e dos instrumentos de autorelato 560
3.3.2.1. Correlações entre padrões de vinculação aos pais e QVPM 560
3.3.2.2. Correlações entre dimensões do relacionamento parental e QVPM 561
3.3.2.3. Correlações entre padrões de vinculação aos pares e QVA 563
3.3.2.4. Correlações entre dimensões de relacionamento com os pares e QVA 563
3.4. Discussão 564

CONCLUSÕES **571**

1. Do desenvolvimento e adaptação de metodologias de observação da vinculação 580
2. Da convergência entre métodos 585
3. Das relações amorosas como contexto de vinculação na adolescência 587
4. Das (des)continuidades entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa em adolescentes 589
5. Do papel do género nas representações da vinculação aos pais e ao par amoroso 593

Referências bibliográficas 597

Índice de quadros e figuras 633

Introdução

Depois de um período fortemente marcado por um individualismo exacerbado na definição dos processos e dos objectivos que caracterizam o desenvolvimento humano, assiste-se à emergência de uma nova consciência relativamente à centralidade das *relações* nos processos de construção e de transformação de sentido(s) que organizam a acção individual. O reconhecimento da natureza relacional e social do processo de construção do conhecimento exige que se dedique uma atenção particular aos contextos interpessoais mais significativos e designadamente aos processos que aí decorrem, numa acepção claramente constructivista e ecológica do desenvolvimento humano.

É o que se propõe fazer este trabalho ao eleger dois contextos relacionais de vida – o das *relações com os pais* e o *das relações amorosas* – que, pela natureza e qualidade dos acontecimentos que aí se produzem, assumem um papel preponderante para o desenvolvimento, e ao procurar explorar as continuidades e as descontinuidades que os atravessam. Os processos e os conteúdos a que atenderemos para a compreensão das possíveis articulações entre estes dois domínios são aqueles que se prendem com as *representações da vinculação*, na sua dupla vertente de estruturas de conhecimento da(s) realidade(s) e de estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal. Note-se que se trata de compreender as ligações afectivas de grande proximidade emocional, ficando excluídas por definição um conjunto de outras relações afectivas ou sociais que, não obstante o seu significado e influência nas trajectórias desenvolvimentais, não se constituem habitualmente como veículos determinantes na elaboração de um sentido interno de segurança pessoal.

Este trabalho toma, assim, como ponto de partida a teoria da vinculação (Ainsworth, 1967; 1989; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/91, 1973, 1980)

que, fazendo convergir conhecimentos das áreas das ciências biológicas e sociais, postula a existência de um sistema comportamental específico, - o *sistema comportamental da vinculação* -, responsável pela necessidade humana básica de criação e manutenção de ligações afectivas de proximidade ao longo do ciclo de vida. Para além de garantir a protecção face a situações de adversidade e assegurar a sobrevivência, razão, aliás, da sua evolução filogenética, este sistema funciona em estreita articulação com o sistema exploratório, estando a capacidade de exploração de si, dos outros e do mundo inevitavelmente associada à qualidade das relações de vinculação estabelecidas ao longo da vida. Precise-se, assim, que quando nos referimos às representações de vinculação, a ênfase é colocada nas articulações dinâmicas entre duas tendências humanas fundamentais - a necessidade de ligação e a necessidade de individualidade -, cujos equilíbrios, variáveis desenvolvimentalmente e ao longo das ontogéneses individuais, traduzem as configurações de sentido possíveis que organizam a relação do indivíduo com o mundo.

Esta dissertação apoia-se igualmente em abordagens conceptuais e metodológicas mais recentes que procuram, por um lado, aplicar os pressupostos básicos da teoria da vinculação a importantes processos do desenvolvimento do jovem e do adulto, de que é exemplo o relacionamento amoroso, e, por outro, proceder a elaborações conceptuais que permitem adaptar a teoria às particularidades das faixas desenvolvimentais em causa e sobretudo garantir a sua actualização em face a conhecimentos adquiridos no plano empírico e no plano epistemológico.

Conforme o título deste trabalho anuncia, o estudo aqui apresentado incide sobre o final da *adolescência*, tendo esta opção resultado da constatação da necessidade de se proceder a importantes revisões no modo como tem sido conceptualizadas (a) a relação entre pais e filhos adolescentes, (b) os objectivos do desenvolvimento do adolescente, e (c) a articulação destes com os diversos

sistemas em que o adolescente participa, e designadamente o sistema familiar. Para além disso, verifica-se que o sistema relativo ao envolvimento amoroso tem merecido, no que a este período desenvolvimental diz respeito, uma atenção marginal por parte da investigação científica, para além de lhe ser atribuído um estatuto secundário enquanto contexto de desenvolvimento. Neste trabalho, pelo contrário, propõe-se que o relacionamento romântico na adolescência seja perspectivado à luz da teoria da vinculação, enquanto contexto significativo de vinculação que põe em curso processos que contribuem para a actualização, revisão e transformação das representações acerca de si próprio e dos outros que medeiam a relação do indivíduo com o mundo.

Finalmente, a procura das (ir)regularidades nas representações da vinculação em ambos os contextos de vida, para além de consubstanciar uma das asserções fundamentais da teoria da vinculação – a da existência de importantes ligações entre a qualidade das experiências familiares e o modo como o indivíduo se relaciona com outras figuras emocionalmente significativas ao longo do ciclo de vida - centra a investigação numa importante dimensão ecológica do desenvolvimento humano, a das *relações entre as relações*. Note-se que a perspectiva assumida é aquela que considera o indivíduo como um sistema autopoiético que se caracteriza por um processo contínuo e generativo de transformação, sendo o mecanismo central de autoregulação essencialmente determinado por uma tendência para manter a coerência sistémica dos processos de construção de significado. Neste sentido, coexistem a um mesmo tempo processos de transformação e de manutenção da ordem individual. Dito de outro modo, os contextos de vinculação do jovem e do adulto podem contribuir para a manutenção e a estabilização de estruturas de vinculação adquiridas anteriormente, como também constituir-se como oportunidades decisivas para a ocorrência de mudanças substanciais na forma como o indivíduo se relaciona com o mundo.

Esta dissertação encontra-se organizada em duas partes e oito capítulos. A primeira parte reúne um conjunto de informações que resultam, em traços largos, do aprofundamento da perspectiva teórica, do debate das questões mais controversas e da revisão da literatura empírica, enquanto que a segunda oferece um contributo ao nível empírico, a partir do desenvolvimento e adaptação de metodologias de avaliação da vinculação para a população portuguesa, e da condução de um estudo junto de uma amostra de adolescentes.

O primeiro contacto com a teoria da vinculação é feito no Capítulo 1, a partir do conhecimento das trajectórias biográficas dos seus autores principais – *John Bowlby* e *Mary Ainsworth* – bem como das condições epistemológicas que caracterizam o contexto sociocultural e científico da época, e que permitem enquadrar historicamente a relevância desta proposta teórica para uma nova compreensão do desenvolvimento humano e da intervenção psicológica. De seguida, são apresentados os conceitos nucleares da teoria e a sua articulação num conjunto de proposições gerais.

No Capítulo 2 analisam-se três abordagens conceptuais e metodológicas distintas que, partindo dos pressupostos básicos da teoria da vinculação, projectaram a reflexão teórica e a investigação empírica para a adolescência e a idade adulta. Respeitando a cronologia temporal da emergência das diferentes contribuições, destacaremos a atenção dada por Mary Main à dimensão representacional da vinculação, os trabalhos de Cindy Hazan e Philipp Shaver na exploração do amor romântico enquanto processo de vinculação e, finalmente, a proposta de um modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew, no qual se inscreve a abordagem metodológica do estudo presente. A aceitação que estas abordagens acolheram na comunidade científica originou um forte incremento da investigação empírica neste domínio, assistindo-se por diversas ocasiões a sobreposições precipitadas de conceitos que, se semelhantes na sua designação, diferem na sua definição. Por esta razão procederemos à identificação das comunalidades e das especificidades

inerentes a cada proposta, procurando contribuir para uma melhor clarificação das diferenças substantivas no constructo da vinculação.

Estão, igualmente, em curso no plano teórico alguns importantes debates que resultam não apenas de leituras divergentes das proposições enunciadas pela teoria da vinculação, mas também da necessidade de rever algumas asserções e sobretudo de incorporar informações novas à luz de conhecimentos construídos mais recentemente, bem como das transformações sociais na organização da vida humana. Neste sentido, o Capítulo 3 traz para a discussão algumas das questões mais controversas, entre as quais se contam a natureza disposicional *vs* relacional do constructo da vinculação e o conceito de modelos internos dinâmicos, a envolvência ecológica das relações de vinculação, a estabilidade *vs* mudança das estruturas de vinculação e, finalmente, a continuidade dos processos de vinculação e a noção de coerência sistémica.

Mas se a investigação empírica se tem revelado profícua, é de sublinhar a proliferação de dispositivos de avaliação que, perante a ausência de um consenso generalizado na definição do constructo da vinculação, cria obstáculos à integração dos resultados observados empiricamente. O Capítulo 4 oferece, assim, uma sistematização das questões mais salientes neste domínio, estando organizado em torno de três eixos temáticos. O primeiro explicita as grandes *abordagens conceptuais* subjacentes à avaliação das diferenças individuais na vinculação – as *categoriais* ou *tipológicas,* as *dimensionais* e as *prototípicas* – que traduzem conceptualizações distintas do constructo de vinculação, com implicações importantes no plano empírico. O segundo reporta-se às diferentes *metodologias* de recolha e observação de dados. Finalmente, o terceiro debruça-se sobre os *domínios temáticos* contemplados nos diferentes dispositivos de avaliação e que abrangem contextos relacionais distintos, como o das relações com os *pais*, com os *pares* e com os *companheiros amorosos*, para designar aqueles que mais visibilidade têm atingido na investigação. Por último, e como resultado do confronto com a existência de vários sistemas de classificação da

vinculação assentes em abordagens conceptuais diversas e tematizando diferentes aspectos da vinculação é colocado o problema da *convergência* entre métodos e sistemas de classificação, sendo passados em revista os estudos que pretendem analisar esta questão. Refira-se, ainda, que transversalmente a todos os eixos se apresentam e analisam os instrumentos de avaliação que têm assumido um lugar de destaque na investigação sobre a vinculação na adolescência e na idade adulta. Pretende-se, desta forma, permitir uma maior aproximação ao(s) modo(s) como estão operacionalizadas as variáveis relativas à vinculação, tanto do ponto de vista categorial como dimensional, reconhecendo o seu inevitável constrangimento sobre os resultados produzidos. Por outro lado, pretende-se fornecer detalhes sobre as ferramentas metodológicas que garantam uma leitura rigorosa e aturada dos principais resultados da investigação empírica que irão ser apresentados no capítulo seguinte.

No Capítulo 5, que encerra a primeira parte deste trabalho, proceder-se-á, assim, a uma revisão da investigação mais relevante, tendo-se optado por sistematizar a informação de acordo com os dois grandes domínios privilegiados neste trabalho - o da vinculação aos pais e o da vinculação amorosa. Apresentam-se, num primeiro momento, as associações de cada uma destas variáveis com um conjunto de outros indicadores e processos desenvolvimentais e, num segundo momento, serão passados em revista os estudos que procuram explorar as ligações entre as representações relativas a cada domínio. Além disso, teve-se em conta, na análise dos estudos, o tipo de metodologias utilizadas e o sistema específico de classificação a que recorreram os diferentes autores.

A segunda parte deste trabalho, da qual constam 3 capítulos, dá lugar à apresentação e discussão de um conjunto de estudos empíricos que procuram apoiar a construção e a adaptação de metodologias de observação da vinculação junto de adolescentes e jovens adultos portugueses, bem como testar as associações entre os dois contextos relacionais referidos – o das *relações com*

os pais e o das *relações amorosas* - do ponto de vista das representações da vinculação.

Mais concretamente, o Capítulo 6 é dedicado à delimitação do objecto de estudo, à definição dos pressupostos epistemológicos, à identificação dos grandes objectivos e à elaboração das hipóteses principais. Além disso, procede-se igualmente à descrição da metodologia, designadamente no que diz respeito à adaptação das entrevistas semi-estruturadas utilizadas (*Entrevista de Avaliação da Vinculação à Família* e *Entrevista de Avaliação da Vinculação aos Pares*, Bartholomew & Horowitz, 1991), apresentando-se os resultados que permitem atestar da validade das mesmas junto da amostra de adolescentes portugueses. Por sua vez, no Capítulo 7 é desenvolvido o processo de elaboração de dois instrumentos originais de autorelato – o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* e o *Questionário de Vinculação Amorosa* -, bem como os estudos realizados para a validação dos mesmos, tanto no que concerne as propriedades psicométricas, como a validade de constructo. Finalmente, o Capítulo 8 apresenta e discute os resultados observados junto de uma amostra de adolescentes portugueses a partir da conjugação de ambas as metodologias. As continuidades e as descontinuidades entre ambos os contextos foram analisadas com base não apenas nas recorrências temáticas reveladoras da qualidade das estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal, mas também com base na organização do discurso do adolescente que permitiu detectar recorrências estruturais no modo de dar sentido às experiências de vinculação em cada um dos contextos. Por outro lado, a integração de métodos distintos no plano de observação, para além de possibilitar uma aproximação mais compreensiva ao objecto de estudo, permitiu pôr o problema da convergência metodológica e recolher elementos para uma melhor clarificação das variáveis acedidas por cada método.

Este trabalho termina com o elenco das principais conclusões, entendidas enquanto sínteses necessariamente provisórias do conjunto de conhecimentos

que procurámos reunir ao longo deste trabalho, tanto no plano teórico como empírico. Além disso, sugerem-se pistas para investigação futura e identificam-se as limitações do estudo presente.

Capítulo 1
A teoria da vinculação

Este capítulo é inteiramente dedicado à apresentação da teoria da vinculação, tal como formulada originalmente por John Bowlby e Mary Ainsworth[1]. Antes de nos debruçarmos sobre os principais conceitos em que assenta a teoria e sobre o modo como estes se articulam num edifício teórico, começaremos por dedicar algumas linhas a aspectos sociobiográficos dos autores. De facto, nenhuma teoria é susceptível de ser apreendida na sua abrangência e nas suas implicações sem que se conheça o contexto sociocultural e científico em que ela supostamente emergiu e a trajectória biográfica da(s) personalidade(s) que lhe deu(deram) forma[2]. Procuraremos, assim, utilizar uma perspectiva histórica na

---

[1] Apesar de muitos serem aqueles que se referem apenas a John Bowlby como o autor da teoria da vinculação, é evidente a contribuição desta autora para o desenvolvimento da mesma, nomeadamente através da introdução de alguns conceitos nucleares, como o de base segura e o de equilíbrio entre vinculação-exploração. Aliás, o próprio Bowlby reconhece, na secção dedicada aos agradecimentos do 1º volume da sua trilogia, a contribuição dada por Ainsworth ao desenvolvimento da teoria da vinculação, não apenas por via da disponibilização das observações realizadas no Uganda, como também através das sugestões fornecidas a alguns capítulos do livro. Para além disso, Bowlby dedica um dos seus últimos livros – *A secure base* - à própria Mary Ainsworth.

2 Erik Erikson (1950, 1968) e a teoria do desenvolvimento psicossocial são bem disso exemplo, quando tomamos conhecimento dos movimentos errantes de procura de uma definição de si próprio que o autor percorreu e que o levaram a problematizar o conceito de identidade, influenciando de modo decisivo a comunidade científica na sua reflexão teórica e empírica acerca da adolescência, em particular, e do desenvolvimento ao longo do ciclo vital, em geral (Conzen, 1996). Ou seja, a procura de compreensão de determinadas problemáticas da existência humana não resulta exclusivamente de um interesse científico "asséptico" e/ou das circunstâncias epistemológicas das épocas em causa, mas é também influenciada pela história de vida do investigador e pela procura de construção de sentido para determinadas experiências em particular.

reconstrução do percurso do(s) autor(es) e da teoria, certos, porém, de que, como afirma Lakatos (e cito de memória), "toda a reconstrução histórica é mais racional do que o seu original". Finalizaremos com uma síntese dos principais aspectos referidos ao longo desta apresentação.

1. John Bowlby (1907-1991) e Mary Ainsworth (1913-1999), os pioneiros da teoria da vinculação: Aspectos da história socio-biográfica e cultural

Educado numa família da média-alta burguesia, segundo os princípios tradicionais britânicos da época, designadamente do fim da era victoriana e início da era edwardiana, John Bowlby, assim como os seus 5 irmãos, é deixado aos cuidados de amas e governantas. Da mãe é descrito o gosto pela natureza, uma excessiva centração em si própria e a clara preferência por um irmão mais velho, com quem Bowlby parece ter tido uma forte amizade a par de uma grande rivalidade. O pai, cirurgião londrino, é retratado como uma figura intimidadora, com um grande sentido de dever profissional e com grande prestígio na comunidade. Embora Bowlby evitasse falar da sua infância[3], alguns dos seus amigos e colegas de trabalho acreditam que muito provavelmente esta se caracterizou pela distância emocional dos seus pais, experiência que terá levado o autor a desenvolver um interesse e uma sensibilidade muito particulares às questões relacionadas com a qualidade das interacções afectivas na família (Holmes, 1993).

A escolarização de Bowlby é feita num internato, a pretexto da protecção dos perigos da guerra, embora o autor venha mais tarde a manifestar a sua

[3] Apenas a título de curiosidade, Holmes chega mesmo a referir que muito provavelmente o discurso de Bowlby relativamente a aspectos da sua vida familiar na infância seria classificado no padrão desligado através da *Adult Attachment Interview* (Holmes, 1993).

discordância pela decisão, referindo-se a ela como: " (...) merely the traditional first step in the time-honoured barbarism required to produce English gentlemen." (Holmes, 1993, p. 17).

Não satisfeito com um futuro na Marinha que lhe era reservado, Bowlby decide enveredar por uma formação em medicina, ocupando o lugar destinado ao filho primogénito e que este não quis seguir por receio de não alcançar o prestígio de seu pai, licenciando-se em 1928 na Universidade de Cambridge (Holmes, 1993). Mais tarde, opta por uma especialização na área de psiquiatria e psicoterapia infantil, após ter trabalhado como voluntário num internato para crianças desadaptadas. Esta experiência viria, segundo o próprio, a tornar-se decisiva na percepção da importância das experiências de vida reais no desenvolvimento da criança e do jovem (Ainsworth & Bowlby, 1991). Simultaneamente frequenta o Instituto de Psicanálise no sentido de obter formação enquanto psicanalista.

Na época, duas mulheres lideravam o combate teórico que atravessava a sociedade psicanalítica pós-freudiana - Anna Freud e Melanie Klein -, opondo, respectivamente, uma perspectiva que assumia a centralidade do complexo de Édipo a uma perspectiva que enfatizava as fantasias da criança e a experiência de frustração e agressividade da mesma na relação com a mãe, bem como o primado do instinto de morte no desenvolvimento da personalidade, em geral, e das neuroses, em particular (Holmes, 1993). O modo como Bowlby se relacionava com cada uma delas parece ser alvo de alguma especulação, se atentarmos à inconsistência dos relatos biográficos que consultamos. Ora se sugere que Bowlby não lhes reconhecia credibilidade científica, considerando que a sua argumentação era baseada na autoridade e na intuição (Holmes, 1993), ora se sublinha a atitude de respeito que Bowlby tinha especialmente para com A. Freud[4]. Em todo o caso, fortes divergências teóricas e metodológicas se

[4] Os excertos que se seguem ilustram bem a ausência de uma representação uniforme acerca das relações que Bowlby mantinha com Anna Freud e Melanie Klein: "Bowlby saw both women

desenhavam. Não apenas relativamente ao papel atribuído às experiências reais na vida da criança (por oposição aos conflitos intrapsíquicos e à fantasia das perspectivas psicanalíticas), como também relativamente à orientação empiricista na recolha de dados para a construção teórica (por oposição às inferências realizadas com base nos relatos ou observações de sujeitos em situações clínicas das perspectivas psicanalíticas). Estas divergências foram-se tanto mais acentuando, quanto Bowlby tem a possibilidade de um contacto estreito e continuado com as ideias defendidas por Klein e os seus seguidores. Para além de realizar uma psicanálise ao longo de 7 anos com Joan Rivière, uma psicanalista de orientação kleiniana, é supervisionado clinicamente pela própria M. Klein no seu trabalho directo com crianças, com quem discorda em diversas ocasiões a propósito da desvalorização por parte de Klein dos contextos relacionais de vida na intervenção junto das crianças.

Quando, pela primeira vez, defende publicamente na Sociedade Psicanalítica Britânica os efeitos do meio ambiente no desenvolvimento (*The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character*, 1940), encontra, não surpreendentemente, fortes resistências do grupo kleininano (Harris, 1990; Shaver & Clark, 1994).

Durante o período da Segunda Grande Guerra, é integrado num grupo de psiquiatras militares, cuja função era essencialmente proceder à selecção de oficiais, estendendo os seus conhecimentos ao domínio da estatística, tendo

---

and most of their followers as hopelessly unscientific. Neither Klein nor Anna Freud had any kind of scientific background. Both argued from intuition and authority rather than subjecting their claims to empirical testing." (Holmes, 1993, p. 4). Apoiando-se em Senn (1977), por sua vez Bretherton (1998, p. 13) refere: "Bowlby, I believe, had immense respect for Anna Freud. Even though he did disagree with her on a number of important theoretical matters, he shared with her a deep concern for the welfare of children, accompanied by the desire to translate that concern into public advocacy." Ou, ainda, Steele e Steele (1998b, p. 140): "He (Bowlby) referred to there having been differences of opinion between him and Anna Freud when it came to theory, but that there wasn't a single aspect of child care and practice on which they disagree."

igualmente a oportunidade de conhecer alguns colegas que viriam, mais tarde, a reorganizar a Clínica de Tavistock, onde Bowlby viria a implementar alguns projectos de investigação. É também nesta altura que é publicado um importante artigo que descreve as experiências precoces de deprivação, separação e rejeição de jovens delinquentes (*Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life,* 1944).

Nos anos 50, quando apresenta os primeiros textos preliminares do que viria a ser a sua trilogia[5], as reacções são de apreensão e cepticismo, como bem ilustram os comentários que transcrevemos em nota de rodapé[6]. Já então estavam em curso os primeiros estudos empíricos dirigidos por Bowlby, e que versavam sobre os efeitos da separação precoce da criança relativamente à mãe, utilizando uma metodologia simultaneamente retrospectiva e prospectiva na recolha dos dados. Para tal conta com a preciosa colaboração de J. Robertson que, na sequência de observações continuadas de separações de crianças dos seus pais, realiza um filme (*A two-year old goes to hospital*)[7], que viria a

---

5 "The Nature of the Child's Tie to his Mother" (1958); "Separation Anxiety" (1959) e "Grief and Mourning in Infancy and Early Childhood" (1960)

6 Shaver e Clark (1994, p. 107) reproduzem algumas reacções interessantes: "Anna Freud commented that biological and behavioral considerations "taken by themselves, not in conjuntion with metapsychological thinking ... do not fulfill the analyst's requirements." (Freud, 1960, p. 54). (...) Susanna Isaacs Elmhirst, a Kleininan, thought Bowlby "too mechanistic; he treats humans as though they were animals, which is just what they aren't. He ignores love and anguish, the real stuff of human life." (Gosskurth, 1986, p. 406). "Bowlby? Gives us Barabbas! He took the poetry out of analysis", exclaimed another analyst, A. Hyatt Williams (Gosskurth, 1986, p. 406)."
As reacções de importantes psicanalistas da época são, de facto, reveladoras das dificuldades dos movimentos conservadores em aceitarem as possibilidades da mudança de paradigma científico (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

7 Trata-se de um filme que regista os comportamentos de uma criança que, por motivos de internamento hospitalar devido a operação a uma hérnia umbilical, se separa dos seus pais durante 8 dias. Para além dos comportamentos exibidos pela criança relativamente às figuras parentais durante a visita, e relativamente ao pessoal médico e hospitalar, bem como sozinha, o

descrever, pela primeira vez, as três fases do processo de separação, designadamente o *protesto*, o *desespero* e a negação ou *desvinculação* (Harris, 1990).

Também Mary Ainsworth[8], uma psicóloga clínica canadiana, vem casualmente integrar a equipa de investigação de Bowlby, ao responder a um anúncio de jornal, por ocasião da sua estadia em Londres a propósito do acompanhamento de seu marido, na época a completar os seus trabalhos de doutoramento. Ainsworth havia já realizado o seu doutoramento no domínio da psicologia do desenvolvimento em 1939 na Universidade de Toronto, tendo por orientador William Blatz. Deste modo, o interesse de Ainsworth pela temática dos efeitos da separação materna precoce no desenvolvimento da personalidade advinha da sua formação anterior e do seu contacto com a teoria da segurança (*Security theory*, Blatz, 1940, 1966), segundo a qual a família se constitui como a base segura que cria condições para o desenvolvimento da criança (Bretherton & Main, 2000).

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, Ainsworth participou no *Canadian Women's Army Corps*, onde viria a desempenhar funções ligadas à selecção de pessoal e ao aconselhamento psicológico, que terão despertado o interesse para o trabalho clínico (Bretherton, 1991).

Após um período de colaboração mais estreita com Bowlby, que decorreu entre 1950 e 1954, Ainsworth desloca-se durante dois anos para o Uganda, onde

---

filme também regista a interacção da criança com os pais em casa dos mesmos uma semana antes do internamento. Saliente-se que uma das intenções deste filme era justamente permitir evidenciar as potencialidades de observações naturalistas sistemáticas na investigação psicanalítica (Bowlby, Robertson & Rosenbluth, 1952).

[8] São muito poucos os dados que dispomos acerca da história familiar de Mary Ainsworth. Apenas sabemos que Ainsworth era a filha mais velha de um casal, cujo pai era um homem de negócios bem sucedido (Bretherton & Main, 2000).

vem a realizar o primeiro estudo sistemático de observação do desenvolvimento da relação de vinculação entre o bebé (cujas idades variavam entre 15 semanas e 2 anos no início do estudo) e a respectiva mãe junto de 28 famílias, ao longo de 9 meses. Este trabalho, baseado em observações naturalistas e em entrevistas, permitiu ensaiar uma primeira classificação das diferenças individuais das crianças na organização da vinculação, e viria a ser publicado só alguns anos mais tarde (Ainsworth, 1963, 1967), por ocasião do envolvimento de Ainsworth como leitora na Universidade em Baltimore.

É também nesta altura que Ainsworth e colaboradores levam a cabo um importante estudo longitudinal, conhecido como o estudo de Baltimore, que consistiu em observações sistemáticas das interacções de 26 díades mãe-bebé (desta vez com início no primeiro mês de vida e final no 12º mês de vida), em contexto natural e em laboratório, realizado na Universidade de John Hopkins, que, mais tarde, daria origem a uma publicação de referência no domínio da vinculação (*Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation,* Ainsworth *et al.*, 1978). Para além do enorme impacto que o desenvolvimento do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*[9] e do respectivo sistema de classificação exerceram na comunidade científica, Ainsworth e colaboradores também contribuem de forma significativa para o desenvolvimento da teoria da vinculação ao nível conceptual. Destacam-se os conceitos de *equilíbrio entre a vinculação e a exploração*, de *base segura* e de *sensibilidade* da figura de vinculação na prestação de cuidados. Neste sentido torna-se mais clara a ideia da interacção entre os padrões de vinculação e determinados ambientes de prestação de cuidados.

Ainda nos anos 50, Bowlby é convidado pela Organização Mundial da

9 Trata-se de um procedimento que tem como objectivo avaliar as diferenças individuais na organização comportamental da vinculação e que será apresentado no Capítulo 4.

Saúde a preparar um relatório sobre o destino das crianças sem família (*Maternal Care and Mental Health*, 1951)[10], oportunidade que lhe permite o contacto com diversos especialistas no domínio do desenvolvimento da criança, e cuja publicação viria a tornar-se um sucesso editorial. Neste estudo, o autor encontra uma associação marcada entre separações maternas precoces e comportamentos delinquentes na adolescência, com maior prevalência nos rapazes, chamando, assim, a atenção para o facto da privação dos cuidados maternos poder colocar a criança em risco de perturbação psicológica futura.

É também por volta desta altura que Bowlby toma conhecimento dos trabalhos de Lorenz (1935), de Tinbergen (1951) e de Harlow (1958) no campo da etologia, nos quais viria a inspirar-se, a par dos estudos realizados por Ainsworth, para, mais tarde, fundamentar a teoria da vinculação, que desenvolve extensamente em três volumes que constituem a conhecida trilogia *Attachment* (1969), *Separation* (1973) e *Loss* (1980).

Desde então, a teoria da vinculação tem vindo a afirmar-se como um contributo de grande relevância para a compreensão da importância das ligações afectivas no desenvolvimento presente e futuro da criança, e, mais recentemente, como uma abordagem heurística para o estudo das relações de proximidade emocional nos jovens e nos adultos.

2. Conceitos e princípios gerais da teoria da vinculação

A teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal de os indivíduos desenvolverem ligações afectivas de proximidade ao longo da

[10] Uma versão abreviada da obra é publicada mais tarde sob o título de "Child Care and the Growth of Love" (Bowlby, 1953), contando na sua segunda edição com um capítulo da autoria de Mary Ainsworth.

existência com o objectivo de atingirem segurança, que lhes permita explorar o *self*, os outros e o mundo com confiança (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/91, 1973, 1980). Por outro lado, a teoria defende que a capacidade para a formação de laços emocionais constitui um elemento determinante para o desenvolvimento e o funcionamento psicológicos, procurando, assim, contribuir para a compreensão das perturbações psicológicas, que têm por base a dissolução ou ruptura indesejada de laços afectivos.

2.1. Sistema comportamental da vinculação

Fortemente influenciado pelos estudos etológicos de Konrad Lorenz (1935) e, muito particularmente, pelo conceito de *imprinting*, Bowlby (1969/91) postulou a existência de um *sistema comportamental*, destinado à regulação desta predisposição inata para a formação de laços emocionais, e em particular do laço emocional entre o bebé e a figura cuidadora[11].

Um sistema comportamental é um sistema específico da espécie e que é

---

11 Bowlby (1969/91) demarca-se da perspectiva dominante na época, segunda a qual a vinculação da criança à mãe se desenvolve a partir da associação da mãe ao prazer na satisfação do instinto da alimentação (*basic hunger drive*). Para contestar esta afirmação, que considera meramente especulativa, Bowlby recorre aos resultados de observações naturalistas e a experiências realizadas com outras espécies (*ibidem*, cap. 12) e que, na generalidade, apontam para a ausência de uma associação entre o comportamento de vinculação e a gratificação alimentar. Todavia, o autor reconhece a importância da sucção no desenvolvimento da vinculação, como notam as suas palavras: "(...) although on the hypothesis advanced attachment behaviour is conceived as developing independently of food, it does not develop independently of sucking (...)." (*ibidem*, p. 218). Deste modo, para além da função de nutrição, a sucção desempenha igualmente a função de permitir a proximidade da figura de vinculação.
Importa, todavia, sublinhar as distinções que o autor faz entre o conceito de vinculação e o de dependência, de origem psicanalítica. " (...) dependence is not specifically related to maintenance of proximity, it is not directed towards a specific individual, it does not imply an enduring bond, not it is necessarily associated with strong feeling. Furthermore, in the concept of dependence there are value implications the exact opposite of those that the concept of attachment conveys." (Bowlby, 1977a, p. 204)

constituído por comportamentos que tem uma finalidade em comum, ainda que possam ser morfologicamente diferentes, sendo que pelo menos um deles contribui para a eficácia reprodutiva (*reproductive fitness*). Dito de outro modo, os seres humanos estarão predispostos biologicamente a desenvolver laços de vinculação, uma vez que tal predisposição aumenta a eficácia reprodutiva, ou seja, contribui para a sobrevivência da espécie. Trata-se de um sistema comportamental com uma função biológica específica[12] – a de garantir a *protecção* face a situações de adversidade -, e independente de outros sistemas, como por exemplo, o sexual, o da alimentação e o exploratório, cujas funções são a reprodução, a nutrição e o conhecimento do meio, respectivamente. Bowlby refere que a teoria da vinculação contrasta com a teoria da libido tradicional, na medida em que a última considera estes tipos de comportamentos como expressões variadas de uma única pulsão (*single drive*). Por outro lado, defende que os laços emocionais não estão subordinados nem derivam da necessidade de sexo e de alimentação. Não apenas cada um destes sistemas desempenha uma função específica, como o conjunto de comportamentos que cada sistema reúne é distinto, e os factores que influenciam o seu desenvolvimento podem ser variados[13].

---

12 Por função biológica entende-se: "(...) the biological function of a particular bit of behaviour is not *any* favourable consequence that its performance may have. Biological function is defined more narrowly: it is that consequence in the course of evolution has led the behaviour in question to become incorporated into the biological equipment of a species. Such incorporation occurs as a result of some advantage (in terms of survival and breeding success) that the behaviour confers on those that possessed of it." (Bowlby, 1969/91, p. 225). Para fundamentar a ideia de que o comportamento de vinculação tem uma função biológica específica, Bowlby faz uma descrição exaustiva dos comportamentos instintivos semelhantes em outras espécies, cujo objectivo é, antes de mais, a procura de proximidade de uma determinada figura (*ibidem*, cap. 11).

13 Acrescente-se que autor não exclui a possibilidade de interacção entre eles e até em alguns aspectos a possibilidade de sobreposição, como ilustram as suas palavras: "By keeping them distinct we are able to study not only the ways in which they differ but also the ways in which they overlap and interact with each other – as it has long been evident they do." (Bowlby, 1988a, p. 6)

Este sistema comportamental terá, assim, evoluído no processo de selecção natural da espécie humana, no sentido de permitir a protecção dos bebés e das crianças pequenas de perigos diversos, e nomeadamente de predadores. Em particular na infância, os comportamentos de vinculação desempenham um papel importante na sobrevivência da criança e na sua capacidade de se adaptar a um meio em constante evolução, permitindo uma exploração segura do meio, a partir da regulação da proximidade com a figura de vinculação[14]. Para além disso, dada a sua imaturidade, o bebé e a criança não poderão sobreviver sem a satisfação dos cuidados básicos por um adulto. Também no que diz respeito aos adultos, Bowlby (1973) defende que a organização actual da vida quotidiana acarreta consigo uma série de riscos que fazem com que a companhia de outros exerça um efeito de protecção.

Do ponto de vista comportamental, este sistema consiste num conjunto diversificado de comportamentos que resultam na obtenção ou na manutenção da proximidade a uma determinada figura. Ou seja, o *comportamento de vinculação* refere-se a qualquer forma de comportamento destinado a manter ou a atingir uma proximidade desejada a uma determinada figura, que geralmente é concebida como mais forte e/ou mais sábia e, por isso mesmo, com maior probabilidade de lidar efectivamente com as dificuldades impostas por um meio

---

14 Na literatura sobre a vinculação na infância é especialmente utilizada a designação de *attachment figure* ou *caregiver* para referir as figuras que se responsabilizam directamente pelos cuidados prestados às crianças. Se bem que, por razões de ordem social e cultural, tendam a ser maioritariamente as mães que cuidam mais de perto, e em fases iniciais do crescimento, dos filhos, sendo por isso mais frequentemente designadas de figuras de vinculação primárias, a teoria da vinculação não exclui a possibilidade de os pais exercerem esta função de modo tão ou mais responsivo e sensível às necessidades das crianças quanto as mães. Por outro lado, e tendo especialmente em conta o facto de muitas crianças não viverem em contextos familiares tradicionais (como por exemplo em lares, em hospitais, ou outros locais), a teoria da vinculação designou de *'caregivers'* ou figuras cuidadoras todas aquelas que unidas por laços biológicos ou outros, prestam cuidados de forma continuada às crianças.

exigente. Deste conjunto de comportamentos fazem parte o sugar, o arragar-se (*clinging*), o seguir, o chorar e o sorrir, que entre os 9 e os 18 meses se tornam organizados em sistemas orientados por objectivos (*goal-corrected systems*) mais complexos e sofisticados[15].

2.2. Regulação do sistema comportamental da vinculação

Com base na teoria dos sistemas de controle (*control-systems theory*), Bowlby (1969/91) defende a existência de um sistema de controle situado no Sistema Nervoso Central semelhante aos sistemas de controle fisiológico que regulam, por exemplo, a temperatura do corpo ou a pressão sanguínea. Concebe, assim, o sistema da vinculação como sendo organizado ciberneticamente, fazendo regular a sua activação e desactivação[16] de um nível óptimo de distância/proximidade da figura de vinculação, influenciado pelas condições físicas e psicológicas da própria criança, bem como pelas condições do meio ambiente, processo que designa de *homeostase ambiental*

[15] A este propósito, importa salientar a contribuição de Sroufe e Waters (1977; Waters, 1981) na clarificação deste aspecto, ao introduzirem a noção de *organização*: "Within the ethological-organizational approach, the same meaning is not attributed to every instance of phenotypically similar behaviors. The meaning of behavior is acknowledged to be a function of context, including behavioral context. In addition, it is recognized that behaviors can be grouped into meaningful categories on the basis of criteria other than phenotypic similarity. Categories may consist of behaviors that have similar eliciting or terminating conditions, predictable outcomes, developmental histories, correlates, and so on, regardless of whether the behaviors also serve a variety of functions. Any behavior category is a construct and requires validation." (Waters, 1981, p. 635).

[16] Main (1999) sublinha as contribuições de Ainsworth e de Bretherton na clarificação das noções de activação e desactivação, já que estas poderão induzir a ideia da possibilidade de inactividade total do sistema de vinculação, quando, na verdade, este se encontra "continuamente activo", na medida em que está alerta e é sensível a alterações desfavoráveis do meio interno e externo, monitorizando continuamente a possível acessibilidade à figura de vinculação, ainda que tal se possa processar a um nível inconsciente. Saliente-se que Bowlby (1969/91) reconhece, na segunda edição do 1º volume da sua trilogia, a importância desta clarificação de como o sistema de comportamental de vinculação opera.

(*environmental homeostasis*)[17]. Neste sentido, por exemplo, a fadiga, a fome, a dor, o frio e a doença podem contribuir para a activação do sistema de vinculação, assim como a ausência, a partida ou o desencorajamento pela figura de vinculação da proximidade, ou ainda, o confrontar-se com situações menos familiares, sentidas como ameaçadoras e geradoras de ansiedade[18].

A regulação do sistema, ou seja, a manutenção da relação com a figura de vinculação dentro de certos limites de proximidade e de acessibilidade, é, assim, feita com base na interacção do sujeito com o meio interno e com o meio externo. E é desta avaliação subjectiva das circunstâncias do meio interno e externo e do seu confronto com um critério de *segurança percebida* (*felt security*) que resulta a activação/desactivação do sistema (Ainsworth *et al.*, 1978).

Para além disso, a regulação do sistema de vinculação também se faz a partir da sua articulação com outros sistemas comportamentais, e em particular com o de *exploração* (Ainsworth, 1982). Por exemplo, um meio novo e atraente

---

17 Bowlby afirma que ao postular a forma de operar deste sistema deste modo, a teoria da vinculação integra em si mesma uma teoria da motivação que substitui as teorias tradicionais relativas à energia e às pulsões, uma vez que os sistemas de controle são eles próprios fontes de actividade.

18 No 2º Volume da sua trilogia (*Attachment and Loss: Separation,* 1973), Bowlby procura desenvolver uma perspectiva evolucionista acerca do medo e da ansiedade, afirmando que, para além dos estímulos culturamente aprendidos, existem estímulos naturais, entre os quais se inclui o estar ou ficar sozinho, que despoletam reacções emocionais de apreensão e de medo, por estarem evolutivamente associados a situações de ameaça e de perigo. Ou seja, a reacção de protesto da criança face a separações é, antes de mais, uma resposta adaptativa às circunstâncias do meio. Como notam as suas palavras: "(...) because being alone carries an increased risk of danger, especially for young individuals and others who are weak, the fear response to inacessibility of mother can usefully be regarded as a basic adaptive response, namely a response that during the course of evolution has become an intrinsic part of man's behavioural repertoire because of its contribution to species survival. If that is so, that is *no apriori* reason to assume that fear elicited by mother's inacessibility can be explained only in terms of an individual's having experienced something distressing or frightening while separated from her (...)" (Bowlby, 1973, p. 211 – 212)

para a criança poderá activar o sistema de exploração, desde que esteja garantida a proximidade da figura de vinculação, estando assim o sistema de vinculação activado apenas a um nível mínimo. Todavia, se o meio por alguma razão se tornar demasiadamente ameaçador, assiste-se à activação do sistema de vinculação a uma intensidade mais elevada e à diminuição ou termino da activação do comportamento de exploração.

Em todo o caso, as condições necessárias para terminar a activação do sistema de vinculação variam consoante a intensidade da sua activação. Se o sistema for activado de forma muito intensa, apenas o contacto físico com a figura de vinculação servirá para securizar a criança e fazer desactivar o sistema. Por outro lado, à medida que a criança vai crescendo em idade, verifica-se que a intensidade da activação do sistema de vinculação vai diminuindo relativamente às condições que outrora o faziam activar a um nível bastante elevado[19]. Acresce ainda o facto de que, com a idade, o indivíduo vai dispondo de um leque cada vez maior de possibilidades que o tranquilizem perante situações potencialmente ameaçadoras, fazendo assim terminar a activação do sistema. Entre estas, contam-se em particular os recursos simbólicos (como por exemplo, as fotografias, as cartas, determinados objectos, ou a simples recordação mental da figura) que permitem a proximidade da figura de vinculação na ausência física da mesma. Bowlby refere ainda que, para além do factor experiência que permite que determinadas situações que anteriormente eram estranhas se tornem familiares, e por isso mesmo, façam diminuir a intensidade da activação do sistema de vinculação, também o factor endócrino e as suas alterações ao longo da idade poderão explicar algumas das variações em função da idade.

Segundo a teoria da vinculação, o comportamento de vinculação continua a

---

[19] Como já referimos anteriormente, Bowlby identifica o início do terceiro ano de vida como um marco importante na transição para um sentimento de maior segurança perante a ausência da mãe e na presença de outras figuras, que explica através de factores maturacionais. A partir desta idade, o sistema de vinculação não é tão facilmente activado como anteriormente.

ser activado durante a juventude e a idade adulta em circunstâncias semelhantes àquelas que ocorrem na infância, muito embora adaptadas às novas faixas etárias. Assim, também em situações que podem constituir ameaças para o indivíduo, como as de doença, de perigos inesperados, de calamidades, etc. se assiste à procura de proximidade real ou imaginada de uma figura com quem o sujeito adulto tenha desenvolvido uma relação de confiança. A este propósito, o autor sublinha, como aliás o faz durante várias vezes na sua obra, que estes comportamentos no adulto não são indicativos de regressão, no sentido psicanalítico do termo, mas muito mais da importância das ligações afectivas na vida do adulto[20].

2.3. Desenvolvimento do comportamento de vinculação

Bowlby (1969/91) descreve quatro fases de desenvolvimento do comportamento de vinculação, desde que a criança nasce até à idade dos três anos, e que se caracterizam pela emergência progressiva de padrões comportamentais cada vez mais estruturados e complexos[21]. Estas são designadas do seguinte modo: Fase 1 – *Orientação e sinais com discriminação limitada da figura*; Fase 2 – *Orientação e sinais dirigidos a uma (ou mais) figura(s) discriminada(s)*; Fase 3 – *Manutenção da proximidade a uma figura discriminada por meio da locomoção bem como de sinais*; e Fase 4 – *Formação de uma*

---

20 "It is (...) extremely misleading for the epithet 'regressive' to be applied to every manifestation of attachment behaviour in adult life, as is so often done in psychoanalytical writing where the term carries the connotation pathological or, at least, undesirable (...). To dub attachment behaviour in adult life regressive is indeed to overlook the vital role that it plays in the life of man from the cradle to the grave." (Bowlby, 1969/91, p. 208)

21 No Capítulo 2, dedicado à apresentação e discussão das propostas de Hazan, Shaver e colaboradores, é analisado o paralelo entre as fases de desenvolvimento do comportamento de vinculação na infância e o processo de envolvimento amoroso no jovem e no adulto.

parceria orientada por objectivos [22].

A primeira fase, *orientação e sinais com discriminação limitada da figura,* caracteriza as primeiras oito a doze semanas de idade, em que o bebé, embora não sendo capaz de discriminar figuras, tende a orientar-se para os seres humanos, de modo a aumentar a proximidade com estes. São disto exemplo, comportamentos ainda rudimentares, como o movimentar-se em direcção às pessoas, o seguir com os olhos, o procurar agarrar com as mãos, o sorrir, o palrar e o parar de chorar na sequência de ouvir a voz humana ou ver a face humana.

Durante a segunda fase, *orientação e sinais dirigidos a uma (ou mais) figura(s) discriminada(s)*, assiste-se a um aumento importante deste tipo de comportamentos e à emergência da capacidade do bebé de diferenciar uma (ou mais) figura(as) com quem começa a estabelecer uma relação particular e que se torna a pessoa privilegiada da interacção social. Esta fase, de início insidioso entre as oito e as doze semanas, dura geralmente até os seis meses de idade.

Na terceira fase, *manutenção da proximidade a uma figura discriminada por meio da locomoção bem como de sinais,* a criança já exibe um repertório comportamental mais sofisticado. Segue a figura de vinculação quando esta se desloca ou pretende ausentar-se; manifesta contentamento quando a figura regressa, e está capaz de a usar como uma base segura a partir da qual pode

---

22 Ainsworth (1972) identifica 4 fases idênticas aquelas referidas por Bowlby, atribuindo-lhes as seguintes designações: Fase 1 – Fase inicial de pré-vinculação; Fase 2 – Fase de início de construção da vinculação (*attachment-in-the-making*); Fase 3 - Presença de uma vinculação (*clear-cut attachment*); e Fase 4 – Parceria orientada por objectivos (*goal-corrected partnership*).

Waters, Kondo-Ikemura, Posada e Richters (1991), por sua vez, propõem uma remodelação dos estádios de Bowlby nas fases desenvolvimentais seguintes: (1) interacção diádica inicial, (2) emergência da distinção *self*-outro, (3) *self* como objecto, (4) emergência do comportamento de base segura na infância, (5) diminuição do comportamento de protesto de separação, (6) consolidação do comportamento de base segura na primeira infância, (7) emergência de uma orientação positiva relativamente aos objectivos parentais de socialização, e internalização de valores familiares, e (8) desenvolvimento de uma parceria que procura assegurar a comunicação e a supervisão, a partir do momento que a criança se torna independente.

explorar o meio que a rodeia. A discriminação mais fina da figura de vinculação relativamente a outras figuras é concomitante com uma maior reserva perante estranhos. Simultaneamente outras figuras que habitam os contextos de existência da criança podem tornar-se figuras de vinculação secundárias. Com início entre os seis e os sete meses, esta fase costuma prolongar-se até ao final do segundo ano, podendo observar-se, ainda, durante o terceiro ano de vida.

Finalmente, na quarta fase, as acções que a criança implementa com o objectivo de se aproximar da figura de vinculação começam a ser influenciadas pelas representações que a criança vai desenvolvendo acerca dessa mesma figura, de si própria e do meio ambiente. A figura de vinculação ganha estabilidade no tempo e no espaço para a criança, e esta está mais capaz de prever as suas acções independentemente das suas próprias necessidades. Assiste-se, assim, progressivamente ao desenvolvimento de uma relação mais complexa, em que ambos os elementos tomam em consideração a perspectiva do outro, procurando negociar a realização de objectivos conjuntos. Daí a designação desta fase de *formação de uma parceria orientada por objectivos* (*goal-corrected partnership*). O seu início é previsto durante o decurso do quarto ano de vida, estando intimamente ligado com o desenvolvimento da tomada de perspectiva conceptual.

Segundo Bowlby (1969/91) existem pelo menos quatro processos que contribuem para a selecção de uma figura de vinculação: (a) uma predisposição inata para a criança se orientar sensorialmente para certas classes de estímulos que provêm do ser humano, designadamente os estímulos auditivos emitidos pela voz humana, os estímulos visuais presentes na face humana e os estímulos tácteis e cinestésicos resultantes do corpo e das mãos do ser humano, e que resulta numa atenção particular da criança às figuras que se interessam por ela e que cuidam dela; (b) a aprendizagem por exposição que permite à criança apreender os atributos perceptivos de quem cuida dela e discriminar essa pessoa

de outras, distinguindo o familiar do estranho; (c) uma predisposição inata da criança para se aproximar do que e de quem lhe é familiar; e (d) o *feedback* de resultados, segundo o qual uma sequência comportamental é reforçada quando seguida de determinados resultados. Relativamente a este último aspecto, Bowlby refere que a sensibilidade da figura adulta ao choro da criança e a qualidade da interacção social são as variáveis mais relevantes no processo de reforço do comportamento de vinculação dirigido a uma determinada figura. Também Ainsworth, no estudo realizado no Uganda, verificou que a observação do choro, e designadamente a quantidade e as circunstâncias em que ocorre, é fundamental na distinção entre bebés seguros e inseguros (Ainsworth & Marvin, 1995).

Importa, neste momento, clarificar as razões aduzidas pelo autor para o processo de selecção de uma figura de vinculação, uma vez que uma quantidade considerável de literatura específica sobre este tema tem vindo a divulgar noções que não nos parecem totalmente fieis à teoria. De facto, muito mais importante do que a prestação dos cuidados de rotina à criança, é a natureza da interacção social entre a criança e a potencial figura de vinculação e a sensibilidade desta última para responder aos sinais do bebé. O autor refere, inclusivamente, o trabalho de Schaffer e Emerson (1964) que verificam que, em certos casos, apesar de as crianças passarem a maior parte do seu tempo com as mães que se dedicam exclusivamente aos seus cuidados, as crianças apresentam vinculações mais significativas com os pais, dado que estes, embora dispondo de menor tempo, utilizam-no de modo a interagir de forma mais próxima com as mesmas. Neste sentido, se o facto de as mães tradicionalmente se ocuparem dos cuidados básicos das crianças cria mais oportunidades de interacção social, não garante a qualidade dessas mesmas interacções. Esta situação é tanto mais importante, quanto o autor refere explicitamente a possibilidade de outras figuras, que não a mãe biológica, serem escolhidas pela criança como figuras de vinculação principais, não conferindo, assim, a teoria da vinculação, às mães a

exclusividade do papel e da função de permitirem o desenvolvimento de vinculações seguras, como o pretendiam crer certas críticas provenientes de movimentos feministas. Todavia, por questões de organização social, são as mães que tendem a ocupar-se e a envolver-se de forma contínua com as crianças sobretudo no período de tempo inicial que sucede o seu nascimento.

Mas apesar de Bowlby reconhecer explicitamente a possibilidade de uma outra figura desempenhar o papel de figura de vinculação principal, acrescenta que, embora ainda não estudado na espécie humana, não se deverá negligenciar o impacto dos factores hormonais maternos no desenvolvimento do laço emocional com o bebé.

Independentemente desta questão, uma perspectiva evolucionista considera que as figuras parentais estão equipadas com um sistema comportamental que lhes permite dar resposta de forma *complementar* às necessidades de vinculação das crianças, pese embora a importância da aprendizagem ao longo da vida e durante a própria interacção com a criança[23]. Segundo Bowlby (1988a), seria importante estudar o desenvolvimento do *comportamento de prestação de cuidados* (*caregiving behavior*) a partir de uma abordagem etológica, semelhante àquela utilizada na análise do comportamento de vinculação. Neste sentido, o autor enfatiza o *laço de vinculação-prestação de cuidados* (*attachment-caregiving bond*) que se desenvolve entre pais e filhos e que garante os cuidados prestados à criança até que ela atinja a idade de reprodução sexual, perpetuando assim os genes dos próprios pais.

23 "Parenting behaviour, as I see it, has strong biological roots, which accounts for the very strong emotions associated with it; but the detailed form that the behaviour takes in each of us turns on our experiences – experiences during childhood especially, experiences during adolescence, and experiences with each individual child." (Bowlby, 1988a, p. 5)

2.4. Distinção entre comportamento de vinculação e vinculação

Mas se a manifestação do comportamento de vinculação é episódica no espaço e no tempo, uma *vinculação* (ou *attachment bond*) tende a ser duradoira e existe para além da manifestação pontual dos referidos comportamentos. Acrescente-se, aliás, que em ocasiões excepcionais, a não emissão de comportamentos de vinculação poderá ser reveladora justamente da existência de uma vinculação. É o caso das atitudes e reacções comportamentais de crianças sujeitas a separações prolongadas das figuras de vinculação primárias, em que a não manifestação de comportamentos de vinculação no período do reencontro, bem como no período pós reencontro, não traduz a ausência de uma ligação de vinculação da criança àquela figura, tratando-se antes de uma reacção de protecção face à angústia da separação de figuras com quem a criança desenvolveu relações emocionalmente significativas (Bowlby, 1969/91)[24]. Por sua vez, uma criança pode dirigir comportamentos de vinculação a um estranho, sem que obviamente isso signifique a existência de uma ligação de vinculação.

Por outro lado, enquanto que o comportamento de vinculação é susceptível

---

[24] Importa referir que nos primeiros escritos de Bowlby a sua posição relativamente às separações da criança até aos cinco anos é bastante radical. O autor assume que qualquer separação é sentida inevitavelmente como perda e deixará as suas marcas no desenvolvimento futuro, potencializando inclusivamente o desenvolvimento de neuroses. Aliás, na sequência das posições tomadas por Bowlby, desenvolve-se a consciência da importância da presença efectiva das mães ou de outras figuras significativas em situações prolongadas de separação, como, por exemplo, aquelas relativas a hospitalizações. Todavia gera-se igualmente um movimento de oposição liderado por feministas que chama a atenção para a culpabilização implícita das mães que, por questões profissionais ou outras, deixam os seus filhos em creches e infantários. Mais tarde, Bowlby (1980) reconhece que mais importante do que as separações propriamente ditas é o modo como a família prepara e lida com a separação e o reconhecimento e a aceitação de reacções emocionais de protesto. Em todo o caso, e na perspectiva evolucionista defendida por Bowlby, as reacções a separações indesejadas do ser humano (criança, jovem ou adulto) em relação às suas figuras de vinculação, deverão ser entendidas como respostas instintivas ou disposições naturais perante um estímulo indiciador de perigo potencial, como, aliás, teremos oportunidade de desenvolver mais adiante.

de ser exibido em relação a diversas pessoas, uma vinculação duradoira desenvolve-se apenas com um leque muito restrito de figuras, designadamente as mais significativas na prestação de cuidados, ocupando habitualmente uma delas um lugar principal, processo que Bowlby designa de *monotropia* (Bowlby, 1969/91). Neste sentido, é construída uma *hierarquia de preferências*, ou seja perante circunstâncias adversas, a criança tende a procurar a proximidade da figura que ocupa o primeiro lugar da hierarquia, mas caso ela não esteja disponível, a criança tenderá a procurar a figura seguinte, e assim sucessivamente. Deste modo, se Bowlby assume claramente a presença de várias potenciais figuras de vinculação na vida da criança, o significado de cada uma delas não é equivalente.

Finalmente, assiste-se com o decorrer da idade, e muito particularmente a partir do 3º ano de vida, a uma diminuição da exibição de comportamentos de vinculação, muito embora estes nunca venham a desaparecer ao longo de todo o ciclo de vida, sem que tal signifique o esmorecimento do laço emocional. Do mesmo modo, também a organização hierárquica das figuras de vinculação tende a sofrer alterações ao longo do desenvolvimento, sendo que, nomeadamente a partir da adolescência, se assiste a uma transferência progressiva das funções de vinculação dos pais para os pares, ainda que se considere que geralmente os laços desenvolvidos na infância tendem a persistir ao longo do ciclo de vida.

De qualquer modo, importantes mudanças normativas na organização da vinculação são precipitadas pela adolescência, derivadas de alterações cognitivas, hormonais e neurofisiológicas (Ainsworth, 1982). Ao contrário das relações de *complementaridade* ou de assimetria que caracterizam as ligações das crianças aos seus pais, as relações de vinculação nos jovens e nos adultos tendem a ser de *reciprocidade* ou de simetria com pares, em que à partida é suposto os sujeitos disporem de um estatuto semelhante e da possibilidade de exercício igual de poder. Estas últimas são ainda caracterizadas pelo facto de ambos os elementos da díade se encontrarem num duplo papel de receptores

dos cuidados do outro e de prestadores de cuidados ao outro, ou, dito de outro modo, estão vinculados a um companheiro amoroso, e são figuras de vinculação desse mesmo companheiro. Também neste sentido, estes sistemas comportamentais de vinculação e de prestação de cuidados funcionam em reciprocidade, por oposição à infância, em que a activação do *sistema de vinculação* da criança tende a produzir a activação do *sistema de prestação de cuidados* das figuras parentais, muito embora os autores não considerem o contrário como verdadeiro[25].

Mas para além dos sistemas comportamentais da vinculação e da prestação de cuidados, uma relação amorosa no adulto envolve ainda um terceiro sistema comportamental, o sistema sexual, que para além de assegurar a reprodução, mantém e fortalece a ligação emocional entre os parceiros adultos. (Ainsworth, 1989; Bowlby 1969/91). Todavia, este sistema por si só, muito embora assegurando a reprodução, não garante a sobrevivência da espécie, pelo que são necessários os dois primeiros.

Em todo o caso, importa sublinhar que, enquanto na infância o sistema comportamental da vinculação se sobrepõe aos restantes, na idade adulta a vinculação constitui mais um dos aspectos que caracterizam as relações entre os pares.

---

25 Na generalidade todos reconhecemos que as ligações da criança aos pais são em muitos aspectos de natureza diferente daquelas que unem um par amoroso, e que são os pais por excelência que contribuem para a segurança dos seus filhos. Pensamos, todavia, que em certa medida o processo inverso também ocorre e de modo normativo. Ou seja, é possível afirmar que as crianças também contribuem para a segurança interna dos seus pais, tendo inclusivamente em conta diversos critérios definidos para caracterizar as relações de vinculação. Pensamos não apenas na intensidade e natureza das manifestações emocionais de luto dos pais perante situações de perda dos filhos, mas também em outras componentes relacionais, como por exemplo a procura de proximidade física e emocional, o conforto na interacção, a ansiedade face a separações prolongadas, etc., que os pais experienciam relativamente aos seus filhos e que, na maioria das vezes, não pode ser identificado como inversão de papéis, como diversos autores o querem fazer crer.

2.5. Natureza e qualidade das vinculações

De acordo com a teoria da vinculação, todas as crianças desenvolvem vinculações relativamente aos seus progenitores. Todavia, a *presença* contínua de uma figura cuidadora, embora garanta o estabelecimento da ligação afectiva, nada nos diz acerca da sua *qualidade*[26]. Na verdade, a qualidade dos laços emocionais que se estabelecem entre pais e filhos depende da natureza das interacções que caracterizam a dinâmica familiar. Em particular, a teoria da vinculação destaca a *sensibilidade* das figuras parentais para dar resposta às necessidades de proximidade e de segurança da criança e a *disponibilidade* física e emocional das mesmas, para estar acessível e ser responsiva quando a criança procura a figura de vinculação[27].

Quando estas são adequadamente sensíveis e responsivas na interacção com as últimas, é suposto desenvolver-se uma vinculação segura que oferece condições para um desenvolvimento óptimo da relação do indivíduo com os outros e que lhe permite uma melhor integração no meio. Pelo contrário, quando estas condições não são satisfeitas, a criança poderá desenvolver uma vinculação insegura, apresentando dificuldades no desenvolvimento emocional, de regulação do afecto e de integração interpessoal (Ainsworth *et al.*, 1978;

---

26 Bowlby (1977a) refere que o desenvolvimento de uma vinculação não é ditado pelas leis da aprendizagem social, ou seja, uma vinculação desenvolve-se mesmo no contexto de uma relação punitiva. Esta ideia tem vindo a inspirar alguns estudos sobre a permanência de indivíduos em relações amorosas adultas violentas. Ver Roberts e Noller (1998) e Bartholomew, Henderson e Dutton (2001) para um aprofundamento desta questão.

27 Segundo Ainsworth, é muito importante diferenciar afectuosidade ou calor materno (*maternal warmth*) de sensibilidade materna (*maternal sensitivity*). Enquanto que a segunda dimensão é mais interactiva, tendo em conta as iniciativas da criança, a primeira parece traduzir uma característica geral da mãe. Por outro lado, a primeira é de difícil operacionalização e não contribui de forma tão saliente para explicar as diferenças nos padrões de vinculação (Ainsworth & Marvin, 1995).

Bowlby, 1973, 1988a)[28].

Para além disso, também a *consistência* das atitudes e comportamentos parentais positivos parece desempenhar um papel significativo no desenvolvimento de uma atitude de confiança na criança (Ainsworth *et al.*, 1978). Ou seja, as crianças que crescem num mundo familiar estável e previsível apresentam maior probabilidade de desenvolver uma vinculação segura. Quanto mais descontínuo e imprevisível o ambiente familiar e as suas relações com outros contextos significativos, como por exemplo o infantário, maior a probabilidade de a criança desenvolver uma vinculação insegura.

Finalmente, a teoria da vinculação confere um papel de relevo à capacidade dos pais para fornecerem uma *base segura* aos filhos, encorajando-os a explorar o mundo em seu redor (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1973, 1977a). A necessidade de exploração é, assim, considerada a par da necessidade de vinculação uma componente básica do ser humano e, segundo Ainsworth (1972), é justamente do equilíbrio dinâmico entre ambos os sistemas comportamentais que resultam as maiores vantagens para o desenvolvimento e para a garantia de sobrevivência.

Esta capacidade parental, para além de ser influenciada pelas próprias histórias de vida dos pais[29], exige que os mesmos tenham "um conhecimento intuitivo e compreensivo do comportamento de vinculação da criança", reconhecendo, respeitando e satisfazendo o seu desejo e necessidade de uma base segura (Bowlby, 1977a, p. 206). Por outro lado, exige igualmente que os pais reconheçam que uma das maiores fontes de irritação e de raiva resulta justamente da não satisfação do desejo da criança de amor e atenção.

Como resultado de estudos sistemáticos levados a cabo no Uganda e em

---

[28] Ver Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson (1999) para uma revisão da investigação empírica.

[29] Retomaremos este aspecto em particular no Capítulo 2, a propósito das contribuições de Mary Main para o desenvolvimento conceptual e empírico da teoria da vinculação.

Baltimore, e a partir da análise das diferenças individuais na *organização comportamental* da vinculação de bebés face às figuras significativas e ao meio circundante, foram identificados 3 padrões distintos de interacção: o *seguro*, o *inseguro-ambivalente/resistente* e o *inseguro-evitante*[30] (Ainsworth *et al.*, 1978). Estes estudos conduziram, paralelamente, à elaboração de um procedimento laboratorial estandardizado, designado de *Situação Estranha*[31], constituído por uma sequência planeada de oito episódios com a duração aproximada de 3 minutos cada. A intenção era criar condições para activar o sistema comportamental da vinculação e o da exploração de bebés no final do primeiro ano de vida, com vista à detecção de diferenças individuais (Ainsworth & Wittig, 1969). Para tal, para além do contexto em si ser novo, é introduzida uma figura desconhecida e são planeadas duas separações (e consequentes reuniões) relativas à figura de vinculação, procurando-se criar uma experiência geradora de níveis moderados de *stress*, activando, assim, o sistema de vinculação. Simultaneamente, embora o local não seja familiar para a criança, são colocados à sua disposição objectos e brinquedos susceptíveis de despertarem a sua curiosidade e, deste modo, potenciarem movimentos de exploração. Este procedimento foi validado a partir do confronto com registos exaustivos das interacções entre a criança e a mãe em contexto natural. Por via das informações obtidas em contexto natural e laboratorial, desenvolveu-se então um sistema de classificação dos comportamentos de vinculação que tem vindo a ser utilizado num conjunto muito alargado de estudos empíricos.

As crianças classificadas como *seguras* (grupo B) tendem a reagir emocionalmente à situação de separação, mas são capazes de, após alguns

---

30 Um quarto padrão de vinculação foi identificado mais tarde por Main e Solomon (1990), como teremos a oportunidade de desenvolver no ponto 1.2. do Capítulo 2.

31 Precise-se que este procedimento foi utilizado apenas com amostra de Baltimore, embora Ainsworth tenha obtido elementos para a sua elaboração com a amostra do Uganda.

momentos, se envolver em comportamentos de exploração do meio ambiente e, face ao regresso das figuras significativas, manifestarem contentamento, dirigindo-se para elas. Os comportamentos observados em casa revelam que as mães tendem a ser consistentemente sensíveis às necessidades das crianças, assistindo-se a uma sintonia entre os comportamentos de ambas as partes. Este padrão *seguro* é observado em cerca de 60% das crianças.

Por sua vez, as crianças *ansiosas/ambivalentes* (grupo C) exprimem uma ansiedade muito elevada quando as figuras de vinculação se ausentam, tendo dificuldade em se acalmar, não sendo capazes de iniciar comportamentos de exploração do meio ambiente. Quando estas figuras regressam, as crianças tendem a exibir comportamentos ambivalentes, caracterizados por choro e desejo intenso de proximidade e, simultaneamente, por revolta, manifesta em pontapés e tentativas de afastamento. Cerca de 15% das crianças foram classificadas neste padrão.

A teoria da vinculação defende que a *vinculação ansiosa* traduz uma preocupação e apreensão acentuadas com a inacessibilidade e a não responsividade das figuras de vinculação que podem resultar de condições familiares adversas, entre as quais se destacam as seguintes: (a) persistência na não responsividade de um ou ambos os pais perante o comportamento de vinculação da criança, e/ou situações claras de rejeição ou de depreciação; (b) discontinuidades na parentalidade mais ou menos frequentes, incluindo períodos de hospitalização e institucionalização; (c) ameaças parentais de desamor, como meio de controle sobre a criança; (d) ameaças parentais de abandono, como meio disciplinador ou de coerção da outra figura parental; (e) ameaças parentais de desertar ou até de matar o outro ou, ainda, de cometer suicídio; (f) indução na criança de um sentimento de culpa, responsabilizando-a pela doença ou morte da figura parental; e (g) situações de inversão de papéis, em que a criança é solicitada a desempenhar o papel de figura de vinculação relativamente ao

progenitor (Bowlby, 1977a, pp. 206-207)[32]. Para além disso, o facto de se assistir, não raras vezes, à presença simultânea de respostas de ansiedade/possessão e de hostilidade/agressividade relativamente à figura de vinculação terá que ver com o facto de elas serem despoletadas por uma mesma situação, designadamente uma situação de frustração derivada das contínuas separações ou ameaças de separação. Por um lado, a criança tem efectivamente medo de perder a figura de vinculação, por outro, fica revoltada pelo facto de a mesma ameaçar o abandono (Bowlby, 1973).

Finalmente, o grupo das crianças *ansiosas-evitantes* (grupo A) aparenta não se incomodar com as separações das figuras de vinculação, dirigindo a sua atenção para os brinquedos que se encontram na sala, embora não com o entusiamo manifesto pelas crianças seguras. Perante o reencontro com as figuras significativas, estas crianças não procuram activamente o contacto, podendo manifestar comportamentos de evitamento, como o ignorar, olhar para o lado ou tentar afastar-se. Cerca de 25% das crianças têm sido identificadas com este padrão.

Ainsworth e colaboradores (Ainsworth *et al.*, 1978) verificaram que os cuidados parentais dirigidos às crianças que apresentam um comportamento desta natureza na *Situação Estranha* tendem a caracterizar-se por uma consistente insensibilidade às necessidades de vinculação das crianças, que no extremo pode conduzir a negligência e a hostilidade. As figuras de vinculação principais, para além de apresentarem grandes dificuldades com a procura de contacto físico dos filhos, evitando manifestações de carinho físico, também

---

[32] Bowlby (1973) distingue a situação de vinculação ansiosa da situação de mimo exagerado, habitualmente invocada para explicar a elevada ansiedade de separação destas crianças. O autor defende que o primeiro caso resulta justamente de experiências negativas no que respeita a não disponibilidade e acessibilidade das figuras de vinculação, e não de excesso de gratificação. No caso das crianças mimadas, verifica-se que estas tendem a ser muito dependentes das mães para tudo, pelo facto de estas não incentivarem os comportamentos de exploração.

exprimem muito poucas emoções nas interacções com as crianças.

Mas para além de estarem associados à qualidade dos cuidados parentais[33], a teoria da vinculação defende que os comportamentos de vinculação e exploração se organizam à luz de um conjunto de expectativas relativamente a si próprio e aos outros. A este aspecto daremos atenção de seguida.

2.6. Modelos internos dinâmicos: Natureza e função

De facto, como resultado das interacções ocorridas entre a criança e as figuras de vinculação, ao longo dos primeiros anos de vida[34], a criança começa a desenvolver um conjunto de expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo, que Bowlby (1969/91) designou de modelos representacionais ou *modelos internos dinâmicos*[35]. Estes modelos constituem importantes grelhas de leitura

---

[33] Saliente-se que uma quantidade substancial de estudos empíricos tem vindo a confirmar a ligação entre os padrões de vinculação e a qualidade dos cuidados parentais; ver DeWolff e van IJzendoorn (1997) para uma meta-análise.

[34] Bowlby partilha a ideia de outros autores (Stern, 1985) de que desde o nascimento a criança dispõe de recursos próprios para interagir socialmente, ainda que de forma muito rudimentar, contestando a designação de fase autista ou narcisista a este período, atribuída por antecessores seus. Mas é durante o segundo semestre de vida que, na sua opinião, se assiste ao desenvolvimento do comportamento de vinculação enquanto sistema organizado, na medida em que a criança está mais capaz de representar mentalmente a mãe na ausência desta, e por isso começa a reagir de forma mais notória a separações (Bowlby, 1969/91).

[35] Segundo diversos autores (Bretherton, 1985; Holmes, 1993; Oppenheim & Waters, 1995), o conceito de modelos internos dinâmicos é importado de Craik (1943) e constitui uma forma de desmistificar e preservar uma ideia psicanalítica relativamente à importância das representações mentais para o desenvolvimento. Mas se o conceito de modelos internos dinâmicos pretende ser uma forma de descrever o mundo interior defendido pelos psicanalistas, como aliás Bowlby o reconhece: "To Sigmund Freud is due the credit of having emphasized the influence on how people think, feel, and behave that is excerted by their internal world – namely, by the way they perceive, construe, and structure the events and situations they encounter" (Bowlby, 1988b), importa sublinhar que, em contraste com estas perspectivas que enfatizam o papel das fantasias, Bowlby

na previsão e na interpretação dos comportamentos sociais, influenciando a acção da criança. Para além disso, são esquemas carregados afectivamente que regulam o sistema comportamental da vinculação e que tendem a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, muito embora sejam sensíveis a transformações, resultantes nomeadamente de alterações nas relações do indivíduo com o meio[36].

Saliente-se que Bowlby prefere o conceito de "modelo" à noção de "mapa", pelo facto de o conhecimento do meio não se tratar de uma mera representação estática da topografia, como a palavra faz sugerir. O processo de conhecimento do meio (*environmental model*) e de si próprio (*organismic model*) é, antes, regulado por mecanismos de integração e de controle superiores e varia em termos da sua sofisticação ao longo do desenvolvimento. De planos relativamente simples e estereotipados, o ser humano, à medida que vai sendo mais capaz de recorrer a processos simbólicos, nomeadamente a linguagem, vai elaborando planos cada vez mais complexos e organizados hierarquicamente que estruturam as suas acções. Para além da dimensão da sofisticação, os modelos variam igualmente em termos da sua validade e da medida em que os papéis das figuras de vinculação e de si próprio estão diferenciados.

De acordo com a teoria da vinculação, o desenvolvimento da confiança da criança (e por extensão do jovem e do adulto) na disponibilidade e na sensibilidade das figuras de vinculação para responder às suas necessidades depende, pelo menos, de duas dimensões importantes: (a) a percepção de si próprio enquanto sujeito merecedor de amor e de atenção, capaz de

defende que estas representações são influenciadas em larga medida pelas experiências de vida reais dos sujeitos. Para além disso, na elaboração do conceito de modelos internos dinâmicos são evidentes as influências das perspectivas cognitivistas do processamento da informação.

36 A proposta de Bowlby da existência de uma organização interna com características muito específicas e, em particular, o conceito de modelos internos dinâmicos, confere à teoria da vinculação um caracter de teoria estrutural do desenvolvimento humano.

desencadear nas figuras de vinculação a sensibilidade e a disponibilidade para responder apropriadamente às necessidades em causa (*modelo de si próprio*); e (b) a percepção dos outros enquanto figuras acessíveis e responsivas para fornecer apoio e dar protecção (*modelo do outro*).

O autor defende que existem períodos mais sensíveis durante os quais esta confiança se desenvolve, designadamente no período que decorre entre o nascimento e a adolescência, e dentro deste, entre os seis meses e os cinco anos de vida. Por outro lado, o desenvolvimento desta confiança exercerá um efeito protector sobre o aparecimento de medos exacerbados, ou seja, uma criança confiante estará muito menos predisposta para a aquisição de medos intensos ou crónicos, comparativamente com aquelas crianças que não tiveram a possibilidade de desenvolver esta confiança. Em todo o caso, convém sublinhar que, de acordo com a teoria da vinculação, o medo e a ansiedade são respostas consideradas adaptativas, tendo evoluído no repertório comportamental humano, justamente por contribuírem para a sobrevivência da espécie (Bowlby, 1973). Neste sentido, é suposto que, pelo seu passado filogenético, a criança, o jovem e o adulto seguros manifestem reacções de medo e sintam ansiedade perante determinados estímulos. As situações de separação, compreendidas à luz do ambiente de adaptação evolutiva (*environment of evolutionary adaptedness*) são bem disso exemplo, por colocarem os indivíduos em situações de vulnerabilidade a perigos diversos[37]. Todavia, a expectativa de que poderão recorrer a uma (ou

[37] Muito embora a criança esteja equipada com um repertório comportamental, que, pelo seu passado filogenético, lhe permite responder a certos estímulos de uma dada maneira, é óbvio que o desenvolvimento de determinadas manifestações comportamentais depende de um processo de interacção entre o indivíduo e o seu meio. A maior ou menor susceptibilidade para responder, por exemplo, com medo a determinadas situações está, assim, ligada a variações do ambiente, para além das variações desenvolvimentais associadas à idade. E neste contexto, Bowlby (1973) considera que existem experiências e processos que tendem a reduzir a susceptibilidade ao medo e outras que tendem a aumentá-la. Entre as primeiras contam-se a habituação, a aprendizagem por observação conducente à extinção vicariante e a aprendizagem por observação combinada com participação guiada. Entre as segundas contam-se as experiências de medo que levam a

mais) determinada figura como fonte de apoio e de protecção contribui para a recuperação de um sentimento de segurança interna.

Ainda que independentes, os modelos de si próprio e do outro tendem a desenvolver-se de forma complementar e mutuamente confirmatória. Isto é, um modelo de si próprio como amado e competente está associado a um modelo da figura de vinculação como emocionalmente disponível e facilitadora da exploração. Por seu lado, um modelo da figura de vinculação como rejeitante e inibidora da procura de proximidade e da exploração tende a estar associado a um modelo de si próprio negativo, de desvalorização e incompetência. Neste sentido, a estreita articulação entre os modelos de si próprio e do outro resulta fundamentalmente da interiorização da relação do sujeito com a figura de vinculação como um sistema organizado e interdependente[38]. Mais, segundo Bowlby (1973), o modelo de si próprio experienciado na relação com a figura de vinculação tende a generalizar-se a outros contextos[39].

Mas para além das interacções diárias entre a criança e as figuras cuidadoras, Bowlby (1973) sublinha igualmente a importância de outras fontes na construção dos modelos internos dinâmicos, designadamente os relatos e as informações provenientes das próprias figuras de vinculação e aqueles

---

criança a tornar-se especialmente vulnerável a determinados estímulos e que muitas vezes se generalizam a outras situações, histórias contadas às crianças, e ameaças de abandono, incluindo de suicídio. Para além disso, são determinantes as expectativas do sujeito relativamente à disponibilidade das figuras de vinculação para fornecer apoio e segurança, inscritas nos modelos acerca de si próprio e dos outros desenvolvidos a partir da história das interacções.

38 Para uma discussão mais aprofundada desta questão ver Sroufe e Fleeson (1986) e Soares (1996, Cap. III). Retomaremos, porém, este aspecto no Capítulo 2.

39 "Thus an unwanted child is likely not only to feel unwanted by his parents but to believe that he is essentially unwanted, namely unwanted by anyone. Conversely, a much-loved child may grow up to be not only confident of his parents' affection but confident that everyone else will find him lovable too." (Bowlby, 1973, p. 238).

provenientes de outros elementos fora do contexto familiar. Na maioria dos casos, a experiência da criança e as mensagens que lhe são transmitidas tendem a ser compatíveis, produzindo modelos que, sendo positivos ou negativos, são complementares e consistentes internamente. Deste modo, a criança poderá elaborar planos de acção com base nas suas expectativas que, muito provavelmente, tenderão a ser eficazes. Porém, por vezes assiste-se à coexistência de *modelos múltiplos* e dissonantes relativamente a si próprio e à figura de vinculação, sendo que um deles tende a influenciar de modo determinante o comportamento do sujeito, operando geralmente a um nível inconsciente[40]. As dinâmicas familiares tendem a recorrer à utilização de

---

40 "(...) it is not uncommon for an individual to operate, simultaneously, with two (or more) working models of his attachment figure(s) and two (or more) working models of himself. When multiple models of a single figure are operative they are likely to differ in regard to their origin, their dominance, and the extent to which the subject is aware of them. In a person suffering from emotional disturbance it is common to find that the model that has greatest influence on his perceptions and forecasts, and therefore on his feeling and behaviour, is one that developed during his early years and is constructed on fairly primitive lines, but that the person himself may be relatively, or completely, unaware of; while simultaneously, there is operating in him a second, and perhaps radically incompatible, model, that developed later, that is much more sophisticated, that the person is more nearly aware of and that he may mistakenly suppose to be dominant." (Bowlby, 1973, p. 238-239). Saliente-se que Bowlby (1973) refere recorrer à hipótese freudiana de inconsciente dinâmico para conceptualizar a questão dos modelos múltiplos.

Apoiando-se nos trabalhos mais recentes de Tulving (1985) acerca da natureza da memória humana e da existência de diferentes sistemas na memória, Crittenden (1990, 1992) oferece contributos importantes para a elaboração da ideia da coexistência de modelos múltiplos contraditórios. Crittenden defende que os modelos representacionais da vinculação estão organizados na *memória procedimental* (*procedural memory*), sistema que codifica o conhecimento em forma de padrões de comportamento. Supostamente este sistema opera a um nível préconsciente e é o responsável por guiar o comportamento no dia-a-dia. Todavia, os registos verbais dependem dos sistemas de memória *episódico* e *semântico*. Na medida em que existem inconsistências entre as experiências vividas pela criança, determinadas em grande medida pelo modo como as figuras de vinculação se comportam, e aquilo que lhes é devolvido verbalmente, a informação guardada nestes três sistemas de memória apresenta discrepâncias, pelo que se torna difícil uma integração coerente dos modelos.

estratégias de omissão, de supressão ou de falsificação do contexto familiar que, aliás, se exprimem igualmente em situação de entrevista clínica, não sendo sempre facilmente detectáveis. Para além de omitirem o seu papel no desenvolvimento de perturbações identificadas nos filhos, as figuras de vinculação ocultam informação relevante, e/ou apresentam distorções sistemáticas da realidade, contribuindo para que os modelos desenvolvidos pelas crianças se tornem menos válidos[41]. Segundo o autor, esta condição, associada à rigidificação dos modelos e à dificuldade em organizar de forma coerente a experiência, encontra-se muitas vezes ligada a sofrimento emocional e a perturbações do foro psicopatológico.

Neste contexto, Bowlby (1973) enfatiza a importância de uma comunicação familiar, franca e aberta, acerca das representações de si próprios, da criança e dos outros, que facilite o reconhecimento por parte da criança das experiências vividas e a possibilidade de questionar os significados que lhe são atribuídos. E neste sentido, o autor defende que, salvo em situações disfuncionais, as percepções desenvolvidas no decurso das interacções com as figuras de vinculação constituem reflexos relativamente precisos das experiências reais da vida dos sujeitos[42].

Mas como dizíamos anteriormente, uma das características dos modelos

---

41 Bowlby é um acérrimo defensor da verdade exposta pela criança em situação clínica, considerando que existe uma tendência dominante na psicanálise e na psiquiatria para dar crédito às informações provenientes dos pais e desvalorizar ou duvidar daquelas transmitidas pelas crianças. Nomeadamente quando existem discrepâncias entre as informações relatadas por ambos os elementos da família, a tendência é para crer que a criança fantasiou, e só raramente se considera a possibilidade de os pais apresentarem imagens distorcidas do funcionamento familiar e das dificuldades da criança (Bowlby, 1973).

42 Saliente-se, mais uma vez, que este último aspecto se reveste de grande importância nas propostas de Bowlby, que insiste em desmistificar o papel atribuído pelas perspectivas psicanalíticas às fantasias no desenvolvimento da criança.

internos dinâmicos é justamente a sua capacidade de transformação e de adaptação às características dos novos períodos desenvolvimentais e contextos ao longo do ciclo de vida. Ou seja, os modelos que não são revistos e actualizados colocam o sujeito em risco, existindo uma necessidade de adaptação contínua dos modelos das crianças e das figuras cuidadoras às circunstâncias físicas, cognitivas e sociais da criança e do próprio meio. Todavia quando a experiência é demasiado dolorosa, muitas vezes os modelos excluem da percepção informação relevante e, neste sentido, os modelos poderão tornar-se rígidos, por oposição a dinâmicos e flexíveis, não permitindo a exploração de alternativas. Aliás, a este propósito, o autor acredita ser necessário que o processo de revisão dos modelos ocorra ao nível da esfera da consciência.

Por outro lado, para além da necessidade de actualização contínua em face às exigências da transformação desenvolvimental, os modelos internos dinâmicos poderão sofrer alterações consoante importantes mudanças ocorram na natureza e na qualidade das interacções entre crianças e figuras de vinculação. Estas mudanças poderão ser despoletadas por diversas razões, designadamente aquelas decorrentes de transições nos contextos de vida consideradas normativas (como, por exemplo, o casamento, o nascimento de um filho) ou não normativas (como, por exemplo, um divórcio, outras perdas significativas reais ou simbólicas, mudança de emprego). Estes momentos poderão favorecer experiências desconfirmatórias com continuidade, que levam o indivíduo a *acomodar* os seus modelos representacionais às novas situações e não mais apenas a *assimilar* a informação de acordo com os modelos pré-existentes[43].

Em todo o caso, importa salientar que o processo de assimilação tende a dominar, justamente porque os padrões de organização comportamental e representacional tendem a operar fora do controle voluntário e consciente, a um

43 Registe-se que Bowlby (1973) recorre à terminologia de Piaget de assimilação e acomodação.

nível de processamento automático[44, 45].

2.7. Vinculação ao longo do ciclo de vida

Em diversas ocasiões, ao longo da sua obra, Bowlby (1973, 1977a, b, 1988a e b) reafirma que a criação e a manutenção de laços afectivos de proximidade é uma componente básica do ser humano que o caracteriza ao longo de todo o seu desenvolvimento, e que a qualidade desses mesmos laços influencia inevitavelmente a adaptação psicossocial em qualquer idade.

> " (...) For not only young children, it is now clear, but human beings of all ages are found to be at their happiest and to be able to deploy their talents to best advantage when they are confident that, standing behind them, there are one or more trusted persons who will come to their aid should difficulties arise. The person trusted provides a secure base from which his (or her) companion can operate." (Bowlby, 1973, p. 407)

Mas como já foi desenvolvido anteriormente, a concepção de segurança de Bowlby demarca-se de noções de independência e de identidade que afirmam como valor último da adaptação psicossocial, ao longo do ciclo de vida, a ausência total da necessidade de recurso a outros significativos e a aquisição de uma identidade definitiva e fechada a processos de exploração e de transformação. Pelo contrário, a teoria da vinculação assume que, na idade adulta, as ligações afectivas de um indivíduo adaptado do ponto de vista psicossocial (e que Bowlby

---

44 Muito embora Bowlby (1973, 1988a) procure identificar as tarefas essenciais de apoio psicoterapêutico na criação das condições para a revisão e a transformação dos modelos representacionais de si próprio e do outro, não deixa de demonstrar algum cepticismo. "Not infrequently these forecasts, either conscious and expressed as fear or not conscious and expressed in some distorted form, persist in spite of assurances that they are mistaken. What is far more important, moreover, they persist often in spite of repeated falsification in real life." (Bowlby, 1973, p. 240)

45 A questão da estabilidade e da mudança dos modelos representacionais, inevitavelmente associada a esta discussão, será retomada e desenvolvida no Capítulo 3.

define como "a healthy self-reliant person") caracterizam-se por uma flexibilidade e alternância de exercício de papéis de figura cuidadora e figura cuidada consoante as exigências do meio. Ou seja, o indivíduo seguro adulto sente-se confiante para resolver as tarefas desenvolvimentais e para enfrentar os desafios que o meio lhe impõe, constituindo-se como uma base segura para um outro significativo. Mas também é capaz de, quando as circunstâncias internas e externas o exigem, recorrer ao outro para obtenção de segurança emocional e de apoio.

É evidente que, neste sentido, a teoria da vinculação não defende a existência de uma organização do mundo exclusivamente segura, mas antes a capacidade do sujeito para, perante um mundo social de incertezas e de imprevisibilidades, construir um sentido de vida que lhe permita dar coerência às experiências de vida passadas e presentes, projectando a sua existência no futuro.

Aliás, esta ideia prende-se justamente com o conceito de desenvolvimento e de personalidade de Bowlby. Apoiando-se na teoria da epigénese de Waddington (1957), o autor defende a personalidade como uma estrutura que pode evoluir adaptativamente segundo uma multiplicidade de *trajectórias desenvolvimentais* possíveis. Se no início de vida, o indivíduo dispõe de um leque alargado de alternativas de desenvolvimento, com o tempo e a diferenciação progressiva de estruturas, as possibilidades vão diminuindo, isto é, se modificações nos padrões comportamentais e relacionais são possíveis, a adaptação prévia influencia inevitavelmente o desenvolvimento posterior. Em todo o caso, os trajectos que o sujeito vai percorrendo ao longo da sua vida são condicionados pelas interacções entre as características do organismo e as características dos diferentes contextos que habita (Bowlby, 1973)[46].

---

46 "(...) personality as a structure that develops unceasingly along one or another of an array of possible and discrete developmental pathways. All pathways are thought to star close together so that, initially, an individual has access to a large range of pathways along any one of which he might travel. The one chosen, it is held, turns at each and every stage of the journey on an interaction between the organism as it has developed up to that moment and the environment in which it then finds itself. Thus at conception development turns on interaction between the newly formed

Para melhor explicitar a sua posição em contraste com modelos de desenvolvimento mais tradicionais, o autor recorre a uma analogia com as linhas férreas e as estações de comboio. No modelo que propõe, existem várias linhas possíveis, várias estações de comboio e várias bifurcações que permitem o desvio ou o retorno do comboio às linhas principais. Ou seja, partindo de uma estação principal, o comboio pode optar por diversos percursos, considerados como meios igualmente viáveis para fazer a viagem. Por vezes, porém, determinados condicionantes exigem que o comboio se desvie por outras linhas, que no caso concreto representarão trajectos desenvolvimentais potencialmente perturbadores ou patológicos, estando, no entanto, aberta a possibilidade de retorno a uma das linhas ferroviárias principais. Todavia quanto mais longa a viagem, ou seja quanto mais tarde na progressão etária, mais difícil se torna este retorno, devido a pressões homeorréticas[47], designamente ambientais e organísmicas que favorecem a manutenção da direcção do desenvolvimento num determinado sentido, através de mecanismos de autoregulação[48]. No que concerne as pressões ambientais, Bowlby salienta nomeadamente o facto de, na grande maioria dos casos, as características do contexto familiar se manterem relativamente inalteradas. As pressões organísmicas dizem respeito a características estruturais da personalidade que, uma vez desenvolvidas, seguem

---

genome and the intra-uterine environment; at birth it turns on interaction between the physiological constitution, including germinal mental structure, of the neonate and the family, or non-family, into which he is born; and at each age successively it turns on the personality structure then present and the family and, later, the wider social environments the current.

At conception the total array of pathways potentially open to an individual is determined by the make-up of the genome. As development proceeds and structures progressively differentiate, the number of pathways that remain open diminishes." (Bowlby, 1973, p. 412)

47 "Homeorresis" é um termo de Waddington (1957), a que Bowlby recorre e que define as propriedades de autoregulação de um determinado fenómeno.

48 Dedicaremos uma atenção privilegiada a este aspecto, mais adiante, no Capítulo 3.

processos de autoregulação que tendem a manter a actual direcção do desenvolvimento[49].

Em todo o caso, perturbações da personalidade no jovem e no adulto não são meros reflexos de dificuldades em fases iniciais do desenvolvimento, ou seja, qualquer resultado desenvolvimental é sempre necessariamente o produto do jogo dinâmico e complexo entre a história de vida anterior e as circunstâncias de vida actuais[50]. Acresce, ainda, o facto de que a própria criança, jovem ou adulto desempenham um papel activo na criação das suas experiências, seleccionando e interpretando os acontecimentos em determinada direcção e agindo sobre o meio por forma a obter determinados resultados.

Mas tendo por base esta concepção do desenvolvimento humano como um processo dinâmico e em construção contínua, a teoria da vinculação não deixa de preservar uma das asserções fundamentais das contribuições psicanalíticas – aquela que prevê importantes relações entre as experiências afectivas vividas no seio da família e a capacidade do indivíduo para, mais tarde, desenvolver e manter ligações afectivas com os pares, em situações de relação amorosa e de amizade, e com os próprios filhos.

> "The key point of my thesis is that there is a strong causal relationship between an individual's experiences with his parents and his later capacity to make affectional bonds,

---

49 "(...) present cognitive and behavioural structures determine what is perceived and what ignored, how a new situation is construed, and what plan of action is likely to be construed to deal with it. Current structures, moreover, determine what sorts of person and situation are sought after and what sorts are shunned. In this way an individual comes to influence the selection of his own environment." (Bowlby, 1973, p. 417)

50 Contrariamente, os modelos mais tradicionais a que Bowlby se refere [em causa estão os de Abraham (1924) e o de A. Freud (1965)] concebem o desenvolvimento da personalidade como uma sucessão de diferentes estádios, em que a perturbação psicológica é conceptualizada enquanto fixação ou regressão a um determinado estádio.

> and that certain common variations in that capacity, manifesting themselves in marital problems and trouble with children as well as in neurotic symptoms and personality disorders, can be attributed to certain common variations in the ways that parents perform their roles." (Bowlby, 1977a, p. 206)

Bowlby (1977a) identifica alguns dos padrões de vinculação desviantes[51] mais frequentes nos adolescentes e nos adultos e que considera poderem estar associados a determinadas experiências de infância. Um primeiro padrão é definido por uma *vinculação ansiosa* que se espelha numa necessidade intensa de afecto e apoio, e na manifestação de comportamentos que têm por objectivo elicitar nos outros uma atenção constante. No extremo, estes comportamentos poderão tomar a forma de comportamentos de suicídio, sintomas de conversão, anorexia nervosa e hipocondria. Em oposição a este padrão, Bowlby (1977a) refere a *confiança em si próprio compulsiva* (*compulsive self-reliance*) descrita por Parkes (1973, citado em Bowlby, 1977a). Trata-se de um padrão que configura uma desconfiança profunda nas relações de proximidade e uma dificuldade em permitir-se envolver emocionalmente com os outros, ou em desempenhar o papel de figura cuidadora. Um terceiro padrão que Bowlby considera estar relacionado com este último é o de *prestação de cuidados compulsiva* (*compulsive caregiving*). Muito embora o indivíduo esteja envolvido em diversas relações de proximidade emocional, o papel que desempenha é aquele associado ao fornecimento de apoio e de cuidados aos outros, tendo dificuldade em assumir o papel de figura cuidada. Muitas vezes assiste-se a situações em que o próprio impõe aos outros cuidados de que estes não necessitam efectivamente. Por último, Bowlby faz referência ao *indivíduo emocionalmente desvinculado* (*emotionally detached individual*), que manifesta uma incapacidade notória em desenvolver e manter laços afectivos estáveis de

---

51 A palavra "desviante" deverá ser entendida justamente no sentido de desvio desenvolvido anteriormente.

um modo geral. Situações extremas poderão ser identificadas em indivíduos com psicopatias ou histerias.

Qualquer um destes padrões de vinculação insegura caracteriza-se por uma menor resiliência para lidar com as dificuldades impostas no processo de adaptação humana e uma maior vulnerabilidade à angústia.

3. Síntese

Em síntese, a teoria da vinculação sublinha a centralidade das relações de proximidade emocional para o funcionamento e o desenvolvimento humanos, reconceptualizando-as a partir de uma perspectiva evolucionista. O impacto que a mesma tem vindo a exercer no domínio da investigação empírica resulta fundamentalmente da sua capacidade de integrar aspectos das perspectivas psicanalítica, etológica, e social-cognitiva num conjunto de proposições acerca do comportamento social e da personalidade, susceptíveis de serem testadas empiricamente. Por outro lado, na medida em que se propõe explicar a origem de determinadas perturbações psicológicas oferece contributos de relevo para a reflexão acerca dos processos de intervenção psicológica.

Os pontos que se seguem pretendem sistematizar as principais ideias desenvolvidas ao longo deste capítulo:

(1) A teoria da vinculação defende a existência de um sistema comportamental específico, - o *sistema comportamental da vinculação* -, responsável pela necessidade humana básica de criação e manutenção de ligações afectivas de proximidade ao longo do ciclo de vida;

(2) Este sistema terá evoluído no processo de selecção natural, por contribuir para a sobrevivência da espécie, preenchendo uma função biológica específica de garantir a *protecção*;

(3) A regulação deste sistema, isto é, a activação *versus* desactivação, processa-se ciberneticamente com base na interacção do sujeito com o meio interno e externo em função de um critério de *segurança percebida*;

(4) Se bem que todas as crianças desenvolvam vinculações às figuras que delas cuidam de forma contínua, a *qualidade* das mesmas depende da natureza dos cuidados prestados pelas figuras de vinculação. Em particular destacam-se a *sensibilidade* e a *disponibilidade* das figuras parentais para dar resposta às necessidades de vinculação; a *consistência* das atitudes e comportamentos das mesmas e, ainda, a capacidade para se constituírem como uma *base segura* encorajadora de movimentos exploratórios;

(5) Os padrões de vinculação, - *seguro, inseguro-ambivalente/resistente e inseguro-evitante* – identificados a partir do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*, são um modo de organizar as *diferenças individuais* nos comportamentos de vinculação, estando justamente relacionados com a qualidade das experiências afectivas no seio da família.

(6) O conhecimento que provem das interacções entre a criança e as figuras de vinculação organiza-se sob a forma de *modelos internos dinâmicos* que traduzem expectativas acerca de si próprio, dos outros e do mundo;

(7) Estes modelos ou representações mentais influenciam o desenvolvimento psicossocial e os padrões de interacção em relações de proximidade emocional no futuro;

(8) Ainda que tendam a resistir à mudança devido a pressões organísmicas e ambientais, os modelos são sensíveis a transformações, resultantes

nomeadamente de alterações nas relações do indivíduo com o meio.

Capítulo 2

Abordagens conceptuais e metodológicas da vinculação no jovem e no adulto

A teoria da vinculação tem vindo a contribuir, no entender de diversos autores, para o desenvolvimento de uma das linhas de investigação mais abrangentes, mais profundas e mais criativas do século XX (Cassidy & Shaver, 1999). E se no início os estudos estavam particularmente dirigidos para a exploração de questões ligadas à vinculação na infância, mais recentemente assiste-se a diversas tentativas de aplicação dos conceitos e das asserções principais da teoria ao domínio do desenvolvimento do jovem e do adulto. Aliás, como já sublinhámos anteriormente, ao longo da sua obra, Bowlby (1969/91, 1973, 1980) reconheceu, em diversas ocasiões, a importância da vinculação como processo contínuo de desenvolvimento ao longo do ciclo de vida.

Neste capítulo iremos apresentar e desenvolver três abordagens, que embora comungando dos pressupostos básicos da teoria da vinculação, ofereceram contributos distintos e de relevo para o desenvolvimento da teoria e da investigação empírica no domínio do jovem e do adulto. Respeitando a cronologia temporal da emergência das diferentes contribuições, destacaremos a atenção dada por Mary Main à dimensão representacional da vinculação, os trabalhos de Cindy Hazan e Philipp Shaver na exploração do amor romântico enquanto processo de vinculação e, finalmente, a proposta de um modelo de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew[1]. Finalizaremos com

[1] Decidimos privilegiar os trabalhos que tiveram um impacto inegável e unanimemente reconhecido no desenvolvimento teórico e empírico no domínio da aplicação da teoria da vinculação ao jovem e ao adulto. Gostaríamos, porém, de não deixar de salientar os trabalhos realizados por Malcom West e colaboradores (West & Sheldon, 1988; West & Sheldon-Keller, 1994; West, Sheldon, & Reiffer, 1987) e Sperling e Berman (1991, 1994; Sperling, Berman, &

uma apreciação crítica das abordagens, procurando identificar as comunalidades e as especificidades das diferentes contribuições.

1. Mary Main e os modelos representacionais da vinculação

É unânime na comunidade científica o reconhecimento do papel de Mary Main e dos seus colaboradores no impulso dado ao desenvolvimento teórico e à investigação empírica no domínio da vinculação do jovem e do adulto e, em especial, a algumas áreas de interesse central da teoria da vinculação, como aquela da transmissão intergeracional da vinculação (Bretherton, 1992). Procuraremos, de seguida, desenvolver as contribuições que nos parecem mais significativas, e que, em síntese, poderíamos identificar como: (a) a reconceptualização da avaliação das diferenças individuais na organização da vinculação em termos da *representação do self* em relação à vinculação (Main, Kaplan & Cassidy, 1985), (b) a identificação de uma quarta categoria de vinculação insegura na infância, designada de *desorganizada-desorientada* (Main & Solomon, 1986, 1990), (c) a distinção entre *estratégias condicionais primárias e secundárias* (Main, 1990), e finalmente (d) a elaboração de uma *metodologia* de investigação empírica especialmente destinada a avaliar os modelos representacionais da vinculação em jovens e adultos (George, Kaplan & Main, 1984).

1.1. A reconceptualização da avaliação das diferenças individuais

Apoiando-se no conceito de *modelos internos dinâmicos* de Bowlby (1969/91, 1973, 1980), Main e colaboradoras propõem a reconceptualização das

---

Fagen, 1992), em especial no domínio da aplicação da teoria da vinculação a contextos clínicos, razão pela qual não foram privilegiados neste trabalho e incluídos neste capítulo.

diferenças individuais na organização da vinculação enquanto diferenças individuais na *representação mental* do *self* em relação com a vinculação (Main *et al.*, 1985).

A descentração da *organização comportamental* e não-verbal da vinculação, dominante nos estudos sobre a vinculação na infância e na grande maioria dos estudos que recorrem à *Situação Estranha*[2], para a *organização representacional* da vinculação parte do princípio de que as diferenças individuais encontradas nos padrões comportamentais da vinculação são, antes de mais, a expressão de diferenças na organização representacional da vinculação ou, dito de outro modo, de diferenças dos modelos internos dinâmicos[3].

As autoras definem o conceito de "modelo interno dinâmico" da vinculação como "um conjunto de regras conscientes e/ou inconscientes que organizam a informação relevante para a vinculação e que permitem ou limitam o acesso a essa mesma informação, ou seja, a informação que diz respeito a experiências, sentimentos e ideações relacionadas com a vinculação" (*ibidem*, pp. 66-67).

Mas para além dos aspectos que se relacionam com a organização e a direcção da atenção e da memória, os modelos internos dinâmicos organizam, igualmente, um conjunto de regras que determinam a direcção do próprio comportamento e da avaliação cognitiva e afectiva das experiências. Finalmente, enquanto construções dinâmicas, as representações não são traduções de

---

[2] Recorde-se que, no campo empírico, o estudo científico da vinculação começou justamente pela análise das diferenças individuais na *organização comportamental* da vinculação na infância, observáveis a partir do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*. A quantidade de estudos no domínio da infância inspirados na teoria da vinculação e que recorreram a este procedimento, e a derivados deste aplicados a idades mais velhas, é verdadeiramente impressionante. Destacam-se nomeadamente nos Estados Unidos da América os trabalhos liderados pela própria Mary Main, por Alan Sroufe e Everett Waters, e na Alemanha por Karin e Klaus Grossmann.

[3] "(...) particular types of reunion response indicate particular infant "views", "internal working models", or "states of mind" regarding the relationship with the caregiver (...)." (Main *et al.*, 1985, p. 68)

realidades objectivas ou abstracções de características estáticas do meio ambiente, mas reflectem antes a história vivida da expressão, pela criança, das suas necessidades de proximidade[4].

E as autoras consideram que, desde muito cedo, a criança desenvolve um modelo das interacções, baseado nos acontecimentos vividos com determinada figura de vinculação, pelo que é suposto que também desde muito cedo se comecem a evidenciar diferenças individuais nos modelos internos dinâmicos que podem ser organizadas a partir de determinadas regularidades, associadas à qualidade das respostas das figuras de vinculação. Deste modo, ao defenderem que as manifestações comportamentais da criança na *Situação Estranha* no primeiro ano de vida são já o reflexo de um modelo interno dinâmico, as autoras acreditam que durante os primeiros meses de vida se dá início ao desenvolvimento de um modelo.

A tese central de Main e colaboradoras remete, assim, para a importância dos *modelos internos dinâmicos* como organizadores da informação relevante para a vinculação, na sua expressão comportamental, afectiva e cognitiva. Ao descentrar as diferenças individuais da organização comportamental da vinculação para as diferenças nos modelos que supostamente lhe subjazem, Main abre caminho para se considerarem: (a) outras modalidades de expressão da vinculação que não apenas as respostas comportamentais face a situações de interacção "real"[5, 6]; (b) outros contextos de avaliação que não apenas aquele

---

[4] Acrescente-se que, para as autoras, o conceito de representação mental e de modelo interno dinâmico é equivalente (Main *et al.*, 1985).

[5] A este propósito, as autoras acrescentam, ainda, que a avaliação da vinculação, em especial na infância, beneficia da ausência da interacção real, uma vez que a última poderá ser sensível a aspectos circunstanciais do momento.

[6] A hipótese de Main e colaboradoras está bem ilustrada no seguinte excerto: "(...) differing responses to reunion with the parent are related to differing events experienced in the interaction

decorrente de situações de separação; e mais, (c) cria condições para o desenvolvimento de dispositivos de avaliação da vinculação nos jovens e nos adultos. Em concreto, Main privilegia a *linguagem* e a organização discursiva e do pensamento como processo representacional susceptível de fazer evidenciar as diferenças individuais nos modelos construídos a partir das histórias de interacção com as figuras significativas. Ou, seja, a linguagem fará emergir o sistema de regras que limita e permite o acesso a informação relativa a experiências de vinculação, dirigindo a atenção e a memória do sujeito para determinados aspectos. É óbvio que o desvio da avaliação de processos comportamentais, externos e observáveis, para processos mentais, internos e não directamente observáveis, implica também um maior recurso à utilização da inferência nos procedimentos de observação.

1.2. A identificação da vinculação desorganizada-desorientada

Após uma análise detalhada de gravações em *video* de 200 crianças na *Situação Estranha*, que até então haviam sido consideradas não susceptíveis de serem classificadas a partir do sistema de classificação proposto por Ainsworth (Ainsworth *et al.*, 1978), Main e Solomon (1986, 1990) detectam regularidades nas manifestações comportamentais das mesmas. E as regularidades manifestam-se justamente na aparente ausência de uma estratégia coerente e organizada para lidar com o *stress* decorrente da separação das figuras parentais. Assiste-se à presença de um conjunto de comportamentos desorganizados, aparentemente inconsistentes e incompatíveis, dos quais se destacam as posturas anómalas, movimentos estereotipados e assimétricos, padrões de comportamentos contraditórios e atípicos, movimentos e expressões interrompidas, vocalizações repentinas e não usuais, entre outros. A este padrão

with the parent. But if different reunion responses indicate different internal working models of relationship, then they should have identifiable differing correlates in behavior observed in other contexts. (...). Data collected to date are affirming." (Main *et al.*, 1985, p. 72)

deram as autoras o nome de *vinculação desorganizada-desorientada,* sendo que a prevalência deste grupo de crianças na população geral parece oscilar entre 14% em grupos não clínicos de classe socio-económica média e 24% em grupos de classe socio-económica baixa (van IJzendoorn, Schuengel & Bakermans-Kranenburg, 1999).

Estudos que procuram avaliar as condições familiares associadas à vinculação desorganizada das crianças têm vindo a apontar para a existência de experiências traumáticas não resolvidas na história pessoal das figuras de vinculação, de maus tratos e de depressão materna (cf. Lyons-Ruth & Jacobvitz, 1999). Aparentemente as figuras cuidadoras apresentam grandes dificuldades em lidar com determinados acontecimentos de vida, reagindo com medo intenso, o qual transmitem aos seus filhos, tornando-se verdadeiramente assustadoras (Main & Hesse, 1990).

O impacto que a identificação desta categoria teve no desenvolvimento de investigações empíricas é bem evidente no número de estudos empíricos levados a cabo até ao momento[7]. Do ponto de vista clínico, verifica-se que as crianças classificadas neste padrão parecem evidenciar um risco elevado para a emergência de dificuldades de adaptação psicossocial e de dificuldades do foro psicopatológico, devendo, assim, constituir-se como um grupo prioritário de intervenção preventiva e desenvolvimental. Neste sentido, a identificação desta categoria tem vindo a permitir uma melhor compreensão das relações existentes entre o desenvolvimento e a psicopatologia (Lyons-Ruth & Jacobvitz, 1999).

Mas se a identificação deste padrão tem vindo a permitir um maior aprofundamento dos aspectos desenvolvimentais associados às diferenças individuais, algumas críticas têm-se feito ouvir relativamente ao sentido atribuído ao conjunto de comportamentos observado. É o caso de Crittenden (1992) que defende que, ao contrário do que o termo "desorganização" sugere, é possível

[7] Para uma revisão ver Lyons-Ruth e Jacobwitz (1999) e Solomon e George (1999).

reconhecer uma lógica ou organização subjacente aos comportamentos aparentemente contraditórios das crianças em causa. Para tal, é necessário identificar a função do comportamento da criança e entender o processo pelo qual a informação é percebida, interpretada e agida. Nesta ordem de ideias, será então possível: (a) enquadrar o comportamento da criança numa das estratégias de vinculação insegura já descritas anteriormente; (b) analisá-lo à luz da necessidade de tempo para processamento da informação; ou (c) entendê-lo como traduzindo mudanças nos padrões comportamentais, ou seja como uma indicação de que os modelos subjacentes estão em processo de reorganização[8]. Em todo o caso, a autora não exclui a possibilidade de, em determinadas condições familiares de elevada imprevisibilidade e inconsistência, a criança não dispor de um modelo coerente de organização da realidade e apresentar desorganização comportamental.

1.3. Distinção entre estratégias condicionais primárias e secundárias

Mas Main e colaboradoras estão especialmente interessadas em compreender o processo de desenvolvimento dos modelos internos dinâmicos e, em particular, a natureza e a qualidade dos acontecimentos que determinam as diferenças individuais ao nível dos modelos internos dinâmicos, partindo do pressuposto de que estes resultam de uma interacção de influências recíprocas entre os membros da família, sendo que a criança desempenha um papel activo

---

8 Refira-se que Crittenden (1985) também identificou uma quarta categoria com contornos diferentes daqueles propostos por Main. Segunda a autora, é possível identificar um grupo de crianças que apresenta uma mistura de estratégias defensivas e coercivas, pelo que o padrão de vinculação é designado de *defensivo/coercivo* (*defended/coercive*). A preferência pelo termo "defensivo", em contraste com o termo mais habitualmente utilizado de "evitante", prende-se com o facto de Crittenden (1992) considerar que o evitamento é apenas uma das formas possíveis que os padrões de comportamento defensivo podem tomar. Por seu lado, a autora crê que o termo "coercivo" exprime melhor a função dos comportamentos das crianças habitualmente classificadas de ambivalentes.

F.P.C.E. BIBLIOTECA U. P.

na construção e reconstrução destes modelos.

No sentido justamente de permitir uma melhor compreensão dos processos psicológicos que caracterizam as dinâmicas familiares, Main (1990) recorre ao conceito da Biologia de *estratégias comportamentais condicionais* para se referir ao equipamento comportamental que o indivíduo dispõe para responder de forma flexível ao meio, apresentando, assim, a capacidade biológica de se adaptar a uma diversidade de circunstâncias que caracterizam os contextos em que participa[9]. Ou seja, os comportamentos de vinculação das crianças não podem ser analisados independentemente do contexto que lhes dá forma e significado, e é perante as particularidades do meio familiar que a criança evolui no sentido de adaptar as suas respostas.

Ora neste sentido, todas as estratégias implementadas pelas crianças têm igual valor para a adaptação, tendo em conta as condições do meio que as favorecem. Dito de outro modo, a criança tudo fará para aumentar as oportunidades de sobrevivência num meio desfavorável.

Como sublinha Main (1990, p. 54):

> "(...) sensitive, signal-alert mothering is indeed more likely to optimize an infant's opportunities for reproductive success than insensitive mothering. This, however, does not mean that crying at mother's leave-taking and approaching mother on reunion ('secure' behavior) is better than avoidance as a response to maternal rejection, or that a mother does not stand to better maximize her own overall reproductive success by risking the consequences of less sensitive mothering in some circumstances."

E a citação serve bem para introduzir a distinção entre *estratégias primárias* e *estratégias secundárias* proposta pela autora. Enquanto que as primeiras se referem aos padrões comportamentais que se constituem como respostas do

---

[9] Neste sentido o termo *estratégia* não implica uma escolha consciente de alternativas, mas diz antes respeito às tentativas comportamentais automáticas de adaptação às circunstâncias do meio ambiente.

sistema comportamental principal, sensíveis ao contexto e às condições de activação e de desactivação do mesmo, as segundas dizem respeito aos padrões comportamentais cujo objectivo é minimizar ou manipular as respostas não adaptativas do sistema comportamental principal[10], substituindo-as por outras biologicamente preferíveis por aumentarem a eficácia reprodutiva. Ou seja, quando a estratégia primária não produz o efeito desejado, designadamente a obtenção de protecção e de segurança, a criança recorre a uma estratégia secundária. Exemplo das estratégias primárias é o comportamento de procura de proximidade no decurso de situações de *stress*, enquanto que o comportamento de evitamento perante a figura de vinculação é exemplo das estratégias secundárias.

Nesta ordem de ideias, Main propõe duas estratégias secundárias: o *evitamento/desactivação* e a *hiperactivação*. Relativamente ao primeiro caso, que parece caracterizar o comportamento das crianças classificadas de evitantes, a autora defende que uma estratégia de *minimização* da atenção permite à criança manter a proximidade suficiente e necessária à figura de vinculação para assegurar a protecção. Uma vez que o objectivo último da criança evitante é manter a proximidade com uma figura de vinculação que é rejeitante, a expressão de emoções e de necessidades de vinculação pode ter consequências perigosas para a criança. Ou seja, quando a activação do sistema da vinculação da criança resulta consistentemente em rejeição, as crianças desenvolvem uma estratégia razoável de minimização da atenção relativamente à figura de vinculação, desvalorizando a importância da mesma

---

[10] "(...) while all conditional strategies are presumed equal at the level of behavior and adaptation, there are biological as well as psychological reasons for distinguishing between (a) primary strategies, defined as those behavioral patterns that constitute the context-sensitive output of a behavioral system responding to its various initiating and terminating conditions, and (b) secondary strategies, that act to minimize or manipulate the output of a behavioral system in contexts in which either the behavior or the level of behavioral output called for by the system (above) is nonadaptive." (Main, 1990, p. 57)

como fonte de apoio e de conforto. Se porventura a criança exprimir abertamente a sua irritação ou raiva por ter sido rejeitada, ela arrisca-se a ficar alienada da figura de vinculação; se porventura se tornar mais exigente e "pegajosa", arrisca-se a ser afastada e repelida. Em síntese, segundo Main (1981), o comportamento de evitamento, para além de excluir selectivamente do processamento, informação susceptível de activar o sistema de vinculação (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1980), oferece a garantia da manutenção da relação de vinculação.

Cassidy e Kobak (1985) acrescentam, ainda, que o evitamento também pode ser considerado uma estratégia defensiva de regulação emocional, através da inibição ou da falsificação de afectos negativos. Enquanto que a criança que vive num contexto familiar seguro aprende que perante a manifestação de emoções negativas, as figuras cuidadoras tendem a aproximar-se e a ajudar a ultrapassar a situação que desencadeia o estado emocional, a criança que cresce num meio rejeitante aprende que a manifestação de emoções negativas não só é indesejável porque pode conduzir ao conflito e ao distanciamento da figura de vinculação, como pode também resultar na perda da relação com a figura de vinculação. Os autores defendem que a criança desenvolve uma atitude de excessivo controle sobre os seus estados emocionais, mascarando a expressão verdadeira da sua experiência emocional, em ordem a manter a relação de vinculação. Neste sentido, é mais uma vez sublinhado o carácter adaptativo da regulação emocional, na medida em que a criança aprende a regular as emoções como uma estratégia, isto é, como um meio para atingir os seus objectivos num determinado contexto.

No que diz respeito às crianças ambivalentes, verifica-se que utilizam uma estratégia de *aumento ou maximização* das emoções. As crianças tendem a aumentar a expressão de emoções negativas e tornam-se muito dependentes das figuras de vinculação, como forma de chamar a atenção sobre elas, em resposta a atitudes parentais caracterizadas pela inconsistência da

disponibilidade e da responsividade. Mais, a não exibição de comportamentos emocionais exacerbados pode acarretar consigo o risco de perder a ligação com a figura de vinculação[11].

De qualquer modo se esta estratégia poderá ser considerada adaptativa no contexto da relação com a figura de vinculação porque permite obter a atenção e a proximidade de um cuidador não disponível e, por conseguinte, a possibilidade de protecção, é certo que pode tornar-se disfuncional, tanto do ponto de vista da experiência subjectiva da criança, como da sua capacidade de adaptação às exigências do meio mais alargado em que se insere. Por um lado, as manifestações emocionais podem ser de tal modo intensas que põem em risco a continuidade da própria relação. Por outro lado, torna-se também desadaptativa na medida em que interfere com outras tarefas desenvolvimentais como, por exemplo, a exploração, exigindo à criança uma responsabilidade muito elevada na manutenção do contacto com a figura de vinculação. (Cassidy & Berlin, 1994)[12].

E é por isso que é possível considerar que se as estratégias de vinculação

---

11 Como refere Cassidy (1996, p. 241): "The negative emotionality of the insecure/ambivalent child may be exaggerated and chronic because the child recognizes that to relax and allow herself to be soothed by the presence of the attachment figure is to run the risk of then loosing contact with the inconsistently available parent."

12 Mas se, do ponto de vista empírico, tem sido possível confirmar a ideia de que as crianças evitantes tendem a minimizar as suas emoções numa aparente desactivação do seu sistema de vinculação, muito poucos estudos têm sido realizados com crianças ambivalentes. De facto, vários estudos têm vindo a apontar para o facto de que as crianças evitantes sentem emoções negativas mas não as exprimem. Aliás, o mesmo parece acontecer com os indivíduos jovens e adultos classificados de desligados ou desinvestidos. Todavia, a mesma atenção não tem sido dada ao estudo das crianças ambivalentes. Cassidy exprime bem o sentido que a exploração empírica deverá tomar: "(...) infants and adults characterized by this pattern *do* feel negatively aroused, but they suppress expression of such feelings (...). Comparable evidence in relation to the insecure/ambivalent pattern would consist in demonstrating that the insecure/ambivalent pattern individuals show greater negative reactivity than they actually feel." (Cassidy, 1996, p. 242).

das crianças têm como função garantir a proximidade, a protecção e a sobrevivência, promovendo a adaptação no contexto da regulação das relações familiares, o mesmo não se poderá afirmar quando se avaliam as consequências das diferenças na qualidade de vinculação a longo prazo ou quando se avalia a adaptação do sujeito a outros contextos, e nomeadamente a capacidade para desenvolver novos laços emocionais. Ou seja, de facto, uma quantidade ampla de estudos empíricos tem vindo a demonstrar que as diferentes estratégias estão associadas a resultados diversos na adaptação psicossocial da criança em diversos contextos da existência.

Mas o conceito de *estratégias comportamentais condicionais* não se aplica somente aos comportamentos de vinculação das crianças, mas também aos comportamentos de prestação de cuidados dos pais. Main (1990) defende que também os pais desenvolvem estratégias de educação parental que procuram adaptar-se ao meio, através da preservação de um dado estatuto de vinculação, ou, nas palavras da autora, de um determinado *state of mind in relation to attachment*. Por exemplo, as mães das crianças ambivalentes tendem a manter um estado preocupado, por via de um filtro selectivo dos sinais da criança, que dirige a atenção para a necessidade de proximidade em desfavor do incentivo à exploração. Cassidy e Berlin (1994) crêem, ainda, que uma responsividade inconsistente ou mínima cria igualmente condições para que a criança se desdobre em manifestações de chamada de atenção e aumente o desejo de procura de proximidade. Deste modo, ficaria garantida a imagem da figura parental de si própria como absolutamente indispensável para a criança e preservada a proximidade entre ambos. Dito de outra maneira, o comportamento parental surge da necessidade de resolução de questões explicadas à luz da própria história de desenvolvimento dos pais e da confirmação dos modelos

construídos na interacção com as figuras mais significativas[13].

1.4. Primeiros estudos empíricos

Inicialmente, os estudos de Main e colaboradores[14] centraram-se na tentativa de evidenciar que a segurança na vinculação podia ser avaliada a partir de registos de natureza diversa, seja a partir da expressão comportamental (ou da organização do movimento, como refere a autora), seja através da linguagem ou da expressão discursiva, ou ainda, por meio de outros processos representacionais.

Neste sentido, foram levadas a cabo uma série de avaliações com um grupos de 40 crianças e seus pais, cujo objectivo era testar as relações entre indicadores de segurança obtidos a partir da *Situação Estranha*, aos 12 e aos 18 meses de idade e com ambos os pais, e diversos indicadores de segurança obtidos aos 6 anos de idade[15]. Na generalidade, os resultados apontaram para a

---

13 Importa, em todo o caso, acrescentar que na explicação desenvolvimental do comportamento parental não fica excluída a hipótese de os pais não disporem de competências para o exercício do seu papel parental (Cassidy & Berlin, 1994).

14 Os estudos de Main e colaboradores integram aquele que viria a ser designado de *Berkeley Social Development Project*. Não iremos fazer uma descrição exaustiva dos estudos em causa, uma vez que se reportam essencialmente ao domínio da infância. Limitar-nos-emos a fazer referência aos aspectos que nos parecem de maior interesse para a avaliação psicológica da vinculação no domínio do jovem e do adulto. Saliente-se, porém, que a investigação de Main e colaboradoras (1985) inaugura uma importante etapa de exploração dos processos narrativos em crianças mais velhas, impulsionando o desenvolvimento de procedimentos diversos de avaliação da organização representacional da vinculação (ver Oppenheim & Waters, 1995).

15 A observação da segurança aos 6 anos de idade utiliza uma série de recursos para avaliar a linguagem na infância que incluíram, entre outros, registos da fluência do discurso presente nas díades figura parental (pai ou mãe) - criança, respostas a questões relacionadas com separações hipotéticas de figuras parentais, respostas a uma entrevista adaptada sobre a ansiedade de separação, respostas à visualização de uma fotografia da família. Foram igualmente recolhidas medidas do funcionamento global.

existência de associações significativas entre a vinculação em bebé e a vinculação aos seis anos de idade. Todavia, registaram-se diferenças importantes no que toca à influência de cada figura parental, com um maior peso para a influência da figura materna. As autoras interpretaram este resultado com base na noção de hierarquia de preferências de Bowlby (1969/91). Não se tratará, muito provavelmente, da criança não ter desenvolvido um modelo de vinculação relativamente à figura paterna, mas muito mais do facto de, na interpretação da tarefa (no caso, as respostas a uma entrevista sob o tema das separações familiares e a uma fotografia da família), a criança ter privilegiado a relação com a mãe na resposta aos estímulos (Main *et al.*, 1985).

Por outro lado, salientaram que os resultados não traduziram diferenças na competência linguística, mas antes diferenças na organização discursiva, isto é, as diferenças na segurança da vinculação, avaliada através da linguagem, não se correlacionaram com competências verbais.

Mas, para além de estudarem as relações entre indicadores de segurança nas crianças em dois momentos diferentes, Main e colaboradoras procuraram, igualmente, testar em que medida é que os modelos de vinculação desenvolvidos na relação com as figuras parentais dos próprios pais se relacionavam com a segurança dos seus filhos. Segunda as autoras, a ideia de que a representação dos pais acerca da sua própria história de vida influencia o modo como é concebida a infância e a relação com os próprios filhos não é original, mas as autoras reclamam terem levado a cabo os primeiros estudos sistemáticos. A hipótese subjacente é a de que tanto a evocação das memórias autobiográficas relativas à vinculação na infância, como os próprios sinais emitidos pelas crianças na sua relação com os pais, possivelmente farão emergir regras semelhantes que resultam em restrições da atenção, que se manifestem quer sob a forma de incoerências no discurso, no primeiro caso, quer sob a forma de inconsistências nas práticas parentais, no segundo caso.

As preocupações dominantes consistiram, então, em aplicar os padrões de

vinculação encontrados nas crianças ao estudo das diferenças nos modelos internos dos adultos e testar a existência de um padrão intergeracional da vinculação. Para tal foi elaborada uma metodologia de avaliação, a *Adult Attachment Interview (AAI)*[16] (George, Kaplan & Main, 1984), uma entrevista clínica semi-estruturada baseada na teoria de Bowlby, que procura avaliar memórias autobiográficas relacionadas com a vinculação, prestando atenção ao modo como o sujeito *processa* e *integra* a informação disponível. Trata-se, assim, de avaliar, aquilo que os autores designam de *state of mind with respect to attachment*, manifestado na *coerência* que o sujeito está capaz de imprimir na organização do seu discurso. Mais tarde, as autoras vieram a apoiar a definição de coerência nas máximas de *qualidade*, *quantidade*, *relevância* e *ordem*, propostas por Grice (1975)[17].

As correlações significativas encontradas entre os indicadores de segurança quando a criança tem 12 meses, 18 meses e 6 anos, e os modelos internos dinâmicos dos pais (e em especial da mãe) permitem colocar a hipótese de que muito provavelmente um aspecto de relevo da determinação da sensibilidade parental para responder às necessidades dos filhos se prende com o facto de os pais serem capazes de integrar experiências de vinculação relativas ao seu próprio desenvolvimento, independentemente da sua qualidade ter sido mais ou menos favorável.

Este último aspecto é especialmente significativo, porquanto se ter

---

16 Optámos por manter a designação da entrevista na língua original e referenciá-la ao longo do texto pela sigla *AAI*. No Capítulo 4 dedicado a questões de avaliação psicológica faremos uma apresentação mais detalhada da entrevista e dos estudos realizados para avaliar a validade da mesma. Por ora, apenas nos ficamos pela informação necessária para compreender os resultados dos primeiros estudos realizados com a mesma.

17 "Grice identified coherent, collaborative discourse as requiring adherence to four maxims: Quality ("be truthful, and have evidence for what you say"), quantity ("be succint, yet complete"), relation ("be relevant or perspicacious"), and manner ("be clear and orderly")." (Main, 1996, p. 240).

assistido, em alguns casos, a situações em que, muito embora reportando-se a acontecimentos da vida familiar adversos e por vezes até traumáticos, os sujeitos terem sido capazes de construir um quadro interpretativo coerente e internamente consistente, que lhes permite lidar de forma mais adaptativa com as realidades vividas[18].

Neste contexto, as autoras identificaram quatro *estatutos de vinculação* nos sujeitos adultos que se associam às categorias da vinculação atribuídas aos seus filhos. O Quadro 1 apresenta, de forma esquemática, as ligações de conteúdo entre as categorias avaliadas a partir da *AAI* com os pais e as categorias avaliadas a partir da *Situação Estranha* com os respectivos filhos.

Em concreto, verificou-se que o discurso dos pais das crianças *seguras* tendia a apresentar-se como objectivo (não idealizando as figuras parentais), fluente (com facilidade de recordação de experiências e acontecimentos concretos), colaborante e coerente, evidenciando-se, como já se disse, uma capacidade de integração das experiências positivas e negativas que ocorreram ao longo do desenvolvimento. Na generalidade, estes pais valorizavam as relações de vinculação e atribuíam-lhes um papel importante no desenvolvimento da sua personalidade. A apresentação e a avaliação das experiências fazia-se de forma consistente internamente, e as respostas eram claras, relevantes e razoavelmente sucintas. Este grupo de pais foi designado de *seguro-autónomo.*

Os pais de crianças *inseguras-evitantes* tendiam a desvalorizar a importância das relações de vinculação e o papel destas no seu desenvolvimento. Apresentando em muitos casos descrições idealizadas das figuras parentais, estes pais tinham, no entanto, dificuldades em se recordar de

18 Esta questão merece, em nossa opinião, a maior atenção da comunidade científica, já que contesta o caracter determinista por vezes implícito em determinadas leituras da teoria da vinculação (questão que debateremos no Capítulo 3) e acarreta importantes implicações clínicas, viabilizando inclusivamente os processos de intervenção psicoterapêutica. Salvo raras excepções (Pearson, Cohn, Cowan & Cowan, 1994), que retomaremos no Capítulo 5 de revisão da literatura, não temos, porém, encontrado uma exploração empírica deste tema de forma satisfatória.

Quadro 1.

Correspondência entre as categorias da AAI *e da* Situação Estranha

Adult Attachment Interview	***Situação Estranha***
Seguro-autónomo. Discurso coerente e colaborativo presente durante a descrição e a avaliação das experiências relacionadas com a vinculação, independentemente de estas serem descritas como favoráveis ou desfavoráveis. O entrevistado parece valorizar a vinculação, sendo, porém, objectivo no que diz respeito a cada experiência ou relação em particular.	*Seguro.* Mostra sinais de sentir a falta da figura parental na primeira separação e chora durante a segunda separação. Saúda activamente a figura parental quando esta regressa; por exemplo, aproxima-se imediatamente da figura parental e pede para ser pegada ao colo. Depois de um breve contacto com a figura parental, acalma-se e continua a brincar.
Desligado. Descrições positivas e normalizadoras não são apoiadas ou são contraditas por memórias específicas. As experiências negativas são consideradas não influentes no desenvolvimento. As transcrições para papel são curtas, observando-se uma insistência na falta de memória.	*Evitante.* Não chora durante a separação, prestando apenas atenção aos brinquedos ou ao meio ambiente durante todo o procedimento. Evita e ignora activamente a figura parental no momento da reunião, afastando-se, virando as costas ou inclinando-se para trás quando é pegado ao colo. Não se emociona e não exprime estar zangado.
Preocupado. Preocupados com as experiências, aparentam estar zangados, confusos e passivos, ou amedrontados e oprimidos. Algumas frases confusas do ponto de vista gramatical e com termos vagos. As transcrições são longas e algumas respostas irrelevantes.	*Resistente-ambivalente.* Preocupado com a figura parental ao longo do procedimento. Pode parecer activamente zangado, alternando a procura com a oposição relativamente à figura parental, ou pode ser passivo. Durante a reunião apresenta dificuldades em se acalmar ou voltar à exploração, continuando a centrar-se na figura parental e a chorar.
Não-resolvido-desorganizado. Na abordagem de temas como perdas ou abusos, apresenta lapso ou lapsos notórios na monitorização do raciocínio e do discurso; por exemplo, pode referir-se à pessoa morta como se ainda estivesse viva fisicamente, pode permanecer em silêncio ou usar um discurso laudatório. Pode igualmente ajustar-se bem às categorias anteriores.	*Desorganizado-desorientado.* Apresenta comportamentos desorganizados e desorientados na presença da figura parental; por exemplo, pode ficar imobilizado com uma expressão de transe, com as mãos no ar, levantar-se e depois deixar-se cair perante a entrada da figura parental, ou agarrar-se à figura parental e simultaneamente afastando-se. Poderá ajustar-se às categorias anteriores.

Adaptado de Main (1996)

episódios concretos da sua infância, ou quando o faziam, os seus conteúdos desconfirmavam as representações que devolviam dos seus próprios pais. O seu discurso apresentava-se lacunar, recorrendo muitas vezes os sujeitos à falta de memória como justificação para não elaborar as respostas à entrevista. Este grupo foi classificado de *desligado*.

Por sua vez, os pais de crianças *inseguras-ambivalentes* ou *resistentes* pareciam estar ainda a resolver questões relativas ao processo de autonomização, tendendo a recordar uma série de acontecimentos conflituosos com os seus pais, mas para os quais não tinham sido, ainda, capazes de encontrar uma interpretação consistente, que organizasse a informação num todo coerente. Muitas vezes revelavam-se confusos e zangados, outras vezes demonstravam uma atitude de preocupação mais passiva. Embora tendessem a não ser muito colaborantes durante a entrevista, geralmente ocupavam mais tempo com o seu discurso do que o previsto, sendo todavia o seu conteúdo em diversas ocasiões irrelevante. Estes sujeitos foram designados de *preocupados*.

Finalmente, os pais de crianças *inseguras-desorganizadas/desorientadas* pareciam estar envolvidos num processo de luto ainda não resolvido e que teria ocorrido durante a infância. O discurso caracterizava-se por lapsos na monitorização do pensamento ou do discurso, especialmente quando o tópico de conversa se prendia justamente com questões relacionadas com acontecimentos traumáticos. As autoras designaram este estatuto de vinculação de *não-resolvido-desorganizado*[19, 20].

Na interpretação dos resultados, as autoras enfatizaram, de acordo com as

---

[19] Note-se que esta categoria veio a ser introduzida mais tarde, e estudos de comparação entre pais e filhos mais uma vez revelaram índices elevados de concordância (Main, 1990).

[20] Importa, ainda, acrescentar, que cerca de 7% a 10% dos entrevistados de amostras de baixo risco e uma percentagem consideravelmente superior de entrevistados de grupos de risco elevado não apresentam uma estratégia discursiva bem definida pelo que lhes é atribuída a designação de não susceptível de ser classificada (*cannot classify*) (Hesse, 1996, citado em Main, 1996).

suas expectativas que, por um lado a "manutenção da segurança implícita em estruturas de relação precoces transcende a sua modalidade de expressão" (Main *et al.*, 1985, p. 93) e, por isso mesmo, se evidencia a partir de processos representacionais como aqueles associados à linguagem, e por outro lado, que os mecanismos de autoperpetuação dos padrões inseguros se relacionam com "regras que dirigem a atenção e o comportamento e que restringem, e nalguns casos distorcem, o tipo de informação que se torna disponível, seja através da memória seja através da atenção prestada ao meio ambiente" (Main *et al.*, 1985, p. 93). Neste sentido, enquanto que em díades seguras o relacionamento se caracteriza pela facilidade de movimentação no contexto e de um acesso físico e emocional, permitindo mudanças de atenção e a expressão emocional numa variedade de situações, nos padrões inseguros, o comportamento, a atenção e a expressão emocional parecem constrangidos em modos identificáveis. As crianças classificadas de ambivalentes, por exemplo, dirigem a sua atenção constantemente em direcção à figura de vinculação e têm muita dificuldade em concentrá-la em aspectos do meio ambiente, expressando continuamente medo e angústia. As crianças classificadas de evitantes, por seu lado, parecem dirigir activamente a sua atenção para longe das figuras de vinculação (Main *et al.*, 1985).

Por sua vez, relativamente aos adultos classificados de inseguros, o seu discurso revela: (a) dificuldades no *acesso* a informação relacionada com a vinculação; (b) dificuldades em manter uma *organização* da informação relacionada com a vinculação; e (c) dificuldades em prevenir que existam *distorções* da informação relacionada com a vinculação. Porém, diferenças mais precisas parecem observar-se no discurso, e designadamente no tipo de incoerência, dos adultos evitantes por comparação com os preocupados. Os primeiros tendem a violar com mais frequência a máxima da *qualidade*, não apoiando as suas descrições com episódios concretos e idealizando as figuras parentais, ou então, desvalorizando a importância das mesmas como forma de

prevenir a activação do sistema de vinculação. Por outro lado, violam a máxima da *quantidade*, uma vez que as suas entrevistas tendem a ser demasiado curtas e incompletas.

À semelhança do que foi dito anteriormente para explicar o comportamento das crianças classificadas de evitantes, também as entrevistas dos adultos desligados parecem ser reveladoras de estratégias defensivas para lidar com experiências emocionais negativas. Ou seja, ao desvalorizar a importância das figuras parentais e ao excluir selectivamente recordações associadas a dificuldades na relação parental, os indivíduos parecem procurar controlar ou minimizar os efeitos danosos de determinadas vivências ao longo do desenvolvimento. Do mesmo modo, também a *idealização* poderá ser entendida como uma estratégia defensiva ao nível representacional que permite, mais uma vez, que o sistema de vinculação permaneça inactivo. Isto é, a idealização permite que apenas sejam actualizadas memórias positivas das figuras de vinculação, evitando, assim, o reconhecimento da existência de experiências emocionais dolorosas e das dificuldades em lidar com elas (Cassidy & Kobak, 1985). Mas esta tendência para o desvio da atenção em relação às experiências de vinculação na família parece associada a uma tendência mais generalizada de minimização dos problemas de adaptação psicossocial com que o próprio indivíduo se confronta e de desenvolvimento de uma imagem de autoconfiança compulsiva, baseada numa aparente desactivação do sistema de vinculação.

Por sua vez, os adultos classificados de preocupados tendem a violar com mais frequência a máxima da *relevância*, parecendo muitas vezes perder o fio condutor do discurso e fazendo incursões em tópicos irrelevantes. Do mesmo modo, o seu discurso torna-se emaranhado e confuso, violando, assim, a máxima do *ordem*.

A partir de uma meta-análise junto de 33 estudos que utilizam a *AAI*, van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996) concluem que: (a) da amostra de mães da população geral e no sistema de três categorias, 58% são classificadas

como autónomas, 18% como preocupadas e 24% como desligadas (n=584); no sistema de quatro categorias, 55% como autónomas, 9% como preocupadas, 16% como desligadas e 19% foram classificadas na categoria 'não resolvido' (n = 487); (b) a distribuição da amostra de pais da população geral é muito semelhante à das mães [62% são classificados como autónomos, 16% como preocupados e 22% como desligados no sistema de três categorias (n=286); e 57% como autónomos, 11% como preocupados, 15% como desligados e 17% na categoria 'não resolvido' no sistema de quatro categorias (n=241)], não se confirmando a hipótese de que os pais apresentariam mais classificações no padrão desligado. Para além disso, verifica-se que, do ponto de vista da correspondência das representações da vinculação aos pais no casal, casais constituídos por mulheres e homens classificados como autónomos no sistema de três categorias apresentam uma maior frequência do que aquela prevista pelo acaso; casais constituídos por homens classificados como autónomos e mulheres como preocupadas apresentam uma frequência menor daquela esperada pelo acaso.

Relativamente ao sistema em quatro categorias, constata-se que casais constituídos por ambos os sujeitos classificados como 'não resolvidos' apresentam uma frequência maior do que aquela esperada pelo acaso; (c) a distribuição da amostra de adolescentes e jovens adultos (n=277 e n=225, para a classificação em três e quatro categorias, respectivamente) é semelhante à das mães e dos pais, não se observando, como podia ser esperado, dadas as características destas etapas de desenvolvimento, uma maior percentagem de sujeitos inseguros; (d) observam-se diferenças significativas na distribuição da amostra de mães de nível socio-económico baixo (n=411 e n=305, para a classificação em três e quatro categorias, respectivamente), quando comparada com a amostra de mães da população geral, sendo que a primeira apresenta uma maior representação de classificações desligada e 'não resolvida' e uma

menor representação da classificação 'autónoma'[21]; (e) as amostras clínicas (n=439 e n=165, para a classificação em três e quatro categorias, respectivamente) apresentam, muito claramente, uma maior representação de sujeitos inseguros, em particular, dos preocupados e dos 'não resolvidos'; (f) também a amostra constituída por pais de crianças com perturbações de ordem emocional e comportamental apresentam um elevado número de classificações de vinculação desligada (41% dos pais) e preocupada (45% dos pais) por contraste com uma percentagem muito reduzida de vinculação autónoma (14% dos pais).

Em resumo, os trabalhos de Main e colaboradores marcaram o início dos estudos da vinculação no adulto, descentrando o foco da análise de variáveis externas e observáveis para aspectos internos e representacionais da vinculação, a partir da tentativa de operacionalização do conceito de *modelos internos dinâmicos* do *self* e do *outro*, proposto inicialmente por Bowlby (1969/91). Para além disso, a identificação de uma quarta categoria da vinculação, bem como a introdução e a elaboração de conceitos, constituíram contributos de relevo para o refinamento da teoria. Finalmente, a elaboração da *Adult Attachment Interview* impulsionou de forma significativa o desenvolvimento da investigação empírica no domínio da vinculação no jovem e no adulto e, em particular, o aprofundamento da compreensão acerca da suposta transmissão intergeracional da vinculação. Esta linha de investigação rapidamente se estendeu à exploração das representações da vinculação às figuras parentais em adolescentes e jovens adultos, âmbito no qual se insere este trabalho, pelo que se procederá a uma revisão da investigação empírica neste domínio no Capítulo 5.

[21] Os autores alertam para o facto de, na amostra de mães de nível socio-económico baixo, se encontrar igualmente uma amostra de mães adolescentes, o que poderá enviezar os resultados.

2. Cindy Hazan e Philipp Shaver e o amor romântico enquanto processo de vinculação

É bastante alargado o número de estudos empíricos que se dedicam à exploração do amor romântico a partir da teoria da vinculação. O forte incremento a que se assistiu no estudo da vinculação neste importante domínio interpessoal do jovem e do adulto deve-se essencialmente ao contributo significativo de dois investigadores da Psicologia Social, Cindy Hazan e Philipp Shaver que, em 1987, publicaram os primeiros estudos empíricos nesta perspectiva.

O seu papel enquanto impulsionadores do trabalho teórico e empírico em torno deste tema pode ser representado, em nossa opinião, numa tripla vertente, designadamente: (a) na exploração empírica do amor romântico enquanto processo e contexto de vinculação do jovem e do adulto, apoiando-se num quadro alternativo para a compreensão do amor romântico, do luto e da solidão que relaciona estes conceitos entre si e os contempla a partir de uma perspectiva evolucionista; (b) na elaboração de uma medida de avaliação da vinculação amorosa para o jovem e o adulto (Hazan & Shaver, 1987; Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988); e (c) no esboço de um modelo normativo de formação de uma vinculação no adulto.

Daremos uma atenção particular ao primeiro e ao terceiro aspectos, uma vez que o segundo, ou seja a contribuição destes autores para a elaboração de uma medida de vinculação amorosa no adulto, será desenvolvido no Capítulo 4, inteiramente dedicado a questões de avaliação psicológica. Além disso, no que respeita ao primeiro ponto, não pretendemos fazer uma síntese das investigações conduzidas por estes autores, mas tão somente apresentar e discutir aquela que fez despoletar o interesse neste domínio da aplicação da teoria da vinculação. As variáveis contempladas na investigação de Hazan e Shaver (1987) serão, todavia, retomadas posteriormente no Capítulo 5, onde se

procurará dar lugar a uma revisão dos estudos empíricos mais relevantes.

2.1. O amor romântico numa perspectiva evolucionista

De acordo com uma perspectiva evolucionista, o amor romântico é antes de mais um *processo biológico* destinado a facilitar a vinculação entre dois adultos, criando assim condições para o exercício continuado da paternidade/maternidade e a garantia do desenvolvimento pleno da criança até à idade da reprodução sexual (Hazan & Shaver, 1987, 1994; Shaver *et al.*, 1988). Esta posição defendida por Hazan e Shaver opõe-se a perspectivas predominantemente históricas e culturais, que concebem o amor romântico como uma criação do século XIII com base no amor cortês. Todavia, os autores reconhecem a importância de determinantes sociais e culturais, assumindo claramente a dificuldade em contabilizar a contribuição dos aspectos culturais e biológicos para a compreensão do amor (como, de resto, acontece para qualquer fenómeno social complexo, reconhecem os mesmos)[22]. O seu interesse científico reside, antes, na elaboração de hipóteses que façam a ponte entre a natureza e as dinâmicas relacionais existentes no contexto das relações parentais na infância e as que ocorrem no contexto das relações amorosas no jovem e no adulto.

---

22 Em todo o caso, os autores demarcam-se da perspectiva freudiana, segundo a qual as supostas irracionalidades do amor romântico seriam indicadores de regressão à infância ou de fixação num estádio precoce do desenvolvimento. E propõem a noção de arquelogia para elucidar os processos de transformação que ocorrem ao longo do tempo: "Freud argued his case beautifully, if not persuasively, by likening the uncounscious mind to the city of Rome, which has been ravaged, revised and rebuilt many times over the centuries. In the case of the uncounscious, according to Freud, it is as if all the previous cities still exist in their original form and on the same site. Bowlby's conception is more in line with actual archaeology. The foundations and present shapes of mental models of self and social life still bear similarities and connections to their predecessors - some of the important historical landmarks, bridges, and crooked streets are still there. But few of the ancient structures exist unaltered or in mental isolation, so simple regression and fixation are unlikely. There is continuity in attachment behaviour, but there can also be significant change." (Hazan & Shaver, 1987, p. 523)

A ideia da aplicação da teoria da vinculação à idade adulta e mais especificamente ao amor romântico é, aliás, segundo os autores, inspirada em escritos do próprio Bowlby. Num artigo de 1977[23], Bowlby refere que "(...) attachment behavior [characterizes] human beings from the craddle to the grave" (p. 29), aliás um dos excertos certamente mais citados na literatura sobre a vinculação no jovem e no adulto, para legitimar, com sentença de autoridade, a aplicação da teoria da vinculação numa perspectiva de ciclo vital. Mais tarde, Bowlby descreve mesmo o relacionamento amoroso como processo de vinculação:

> "Affectional bonds and subjective states of strong emotion tend to go together, as every novelist and playwright knows. Thus, many of the most intense of all human emotions arise during the formation, the maintenance, the disruption and the renewal of affectional bonds - which for that reason, are sometimes called emotional bonds. In terms of subjective experience, the formation of a bond is described as falling in love, maintaining a bond as loving someone, and losing a partner as grieving over someone. Similarly, the threat of loss arises anxiety and actual loss causes sorrow; whilst both situations are likely to arouse anger. Finally, the unchallenged maintenance of a bond is experienced as a source of security, and the renewal of a bond as a source of joy." (Bowlby, 1979, p. 69).

Em relações caracterizadas por vinculações, a teoria da vinculação permite compreender as manifestações emocionais decorrentes de separações e de perdas (reais ou simbólicas) de figuras amorosas (Bowlby, 1980)[24]. Estas podem ser interpretadas como reacções de protesto face à inevitabilidade da separação, semelhantes às encontradas na infância perante situações de separação da criança das suas figuras significativas. Por outro lado, perante a acessibilidade

---

[23] O artigo em questão (Bowlby, J. (1977a). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry, 130*, 201-210, 421-431) é mais tarde publicado sob a forma de livro (Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock).

[24] Bowlby reconhece o precioso contributo de Colin Murray Parkes para a compreensão e elaboração do processo de luto (Parkes & Stevenson-Hinde, 1982; Parkes & Weiss, 1983).

do seu companheiro amoroso, o adulto, à semelhança da criança, sente-se seguro e mais confiante na exploração do ambiente. Contrariamente, em situações em que se sente ameaçado e não pode contar com a disponibilidade e a responsividade do seu companheiro, a experiência de ansiedade que decorre aumenta a procura da atenção e da proximidade do companheiro.

Convém, no entanto, clarificar que não é esperado que todas as relações amorosas se tornem necessariamente vinculações (Zeifman & Hazan, 1997). Uma relação amorosa necessita de tempo para se tornar numa vinculação, e nem todas as relações amorosas evoluem no sentido de os seus elementos se constituírem como figuras de vinculação dos companheiros. Refira-se que se este aspecto não aparece desenvolvido em fases iniciais dos trabalhos de Hazan e Shaver, muito recentemente Hazan e Zeifman (1999) procuram reunir argumentos que fundamentam a consideração de que a vinculação é um processo central das ligações amorosas, nomeadamente daquelas prolongadas no tempo, que, aliás as distingue da maioria de outras relações sociais e mesmo daquelas mais próximas como as de amizade e as mantidas com parentes próximos. Entre as dimensões que operam o elo entre as ligações às figuras cuidadoras na infância e as ligações amorosas no adulto, contam-se (a) a semelhança de processos no seu desenvolvimento; (b) a natureza do contacto físico; (c) os critérios utilizados para seleccionar as figuras de vinculação; (c) a sequência de reacções que decorre de situações de separação; e (d) a natureza dos efeitos sobre a saúde física e mental da manutenção dos laços[25].

[25] "Relationships with long-term partners qualify as attachments in the technical sense by containing all four defining components. This fact makes them similar to infant-caregiver bonds and distinct from other kinds of social ties, even close relationships with friends and kin. The processes by which pair bonds and infant-caregiver relationships develop appear to be quite similar. The nature of physical contact that typifies these two types of relationships also serves to distinguish them from other classes of social bonds. In addition there is considerable overlap in the criteria used to select attachment figures in infancy and mates in adulthood. A similar sequence of reactions characterizes the responses of infants separated from primary caregivers and adults separated from long-term partners – a sequence not observed in reaction to other types of social

2.2. Primeiros estudos empíricos

Mas, como já salientámos, Hazan e Shaver (1987; Shaver *et al.*, 1988) estavam particularmente interessados em explorar em que medida a teoria da vinculação, elaborada para compreender basicamente a importância das ligações emocionais entre as crianças e figuras significativas da sua vida ou figuras cuidadoras, servia para ler os comportamentos amorosos e especificamente o processo de envolvimento amoroso no adulto[26]. Duas grandes ideias orientaram a construção das suas hipóteses:

(1) à semelhança dos comportamentos de vinculação na criança destinados a promover a proximidade à figura de vinculação e a segurança da criança, também o adulto exibiria comportamentos (e por extensão representações) dirigidos ao seu companheiro amoroso, cuja função seria a procura e a manutenção da proximidade física e emocional, que contribuiriam para o desenvolvimento e a consolidação de uma vinculação, e que, em última análise, promoveriam um sentimento de segurança interna.

Deste modo colocaram a hipótese de o amor romântico do adulto e o amor filial na infância serem manifestações de um mesmo *processo* subjacente – a vinculação - com *dinâmicas* semelhantes, ou seja a activação e a desactivação do sistema ocorreria de modo semelhante, bem como os seus efeitos em outros sistemas seriam idênticos. Dito de outro modo, em face à (não) responsividade e

---

bonds. And the mental and physical health effects of infant attachments and pair_bond relationships appear to be uniquely and similarly profound and pervasive. In the absence of a compelling alternative explanation of these multiple and varied similarities, the postulation that they are due to the active involvement of the same behavioral system is not only the most parsimonous explanation of the facts; in our view, it is the only logical conclusion to be drawn from them". (Hazan & Zeifman, 1999, p. 345)

26 "Our own approach has been to situate love within an evolutionary framework, to ask about its dynamics and possible functions, to consider how it relates to loss and grieving, and to explore how its infantile and childhood forms might be related to its adolescent and adult forms" (Shaver *et al.*, 1988, pp. 68-69)

à (não) disponibilidade da figura de vinculação, seja ela pai, mãe, companheiro amoroso (ou outros, no caso de figuras substitutivas parentais) a criança, o adolescente e o adulto exibem comportamentos *funcionalmente* semelhantes, cuja finalidade é atingir a segurança;

(2) o modo de experienciar este processo amoroso, ou de vinculação, seria variável consoante as especificidades das histórias de vinculação ocorridas nas interacções precoces entre os pais e os seus filhos. Ou seja, muito provavelmente as diferenças nos estilos de vinculação da infância determinariam em grande medida as particularidades dos estilos de vinculação amorosa do adulto, por via dos modelos internos dinâmicos, supostamente veículos de continuidade ao longo do ciclo vital.

Mas mais especificamente, e como confirmação das suas expectativas, os autores esperavam que (1) a distribuição dos sujeitos adultos pelos três estilos de vinculação fosse idêntica à distribuição encontrada para a infância; (2) os diferentes estilos de vinculação romântica estivessem associados a diferentes formas de experienciar o amor; (3) os diferentes estilos de vinculação romântica estivessem associados a diferentes modelos internos dinâmicos do *self* e da relação; (4) os diferentes estilos de vinculação romântica estivessem associados a diferentes modos de recordar as figuras de vinculação primárias; e finalmente (5) que os estilos de vinculação estivessem associados diferencialmente à experiência de solidão, sendo que os estilos de vinculação insegura tenderiam a reportar mais solidão, ainda que fosse esperado que os evitantes apresentassem valores mais reduzidos em escalas de solidão, pelas suas características defensivas, por comparação com os ansiosos-ambivalentes.

No sentido de operacionalizar o constructo de vinculação adaptado ao jovem e ao adulto, os autores construíram então um instrumento assente numa avaliação categorial ou tipológica da vinculação, constituído por três parágrafos, que procuravam descrever diferentes estilos de vinculação amorosa. Aos sujeitos era solicitado que identificassem apenas aquele parágrafo que melhor

correspondia ao conjunto das suas experiências amorosas[27]. A elaboração deste instrumento foi fortemente influenciada pelo pensamento dominante na época no domínio da vinculação na infância e procura ser a tradução para adultos do sistema de três categorias de Ainsworth e colaboradores (Ainsworth *et al.*, 1978)

Juntamente com outros instrumentos de autorelato que procuravam avaliar as experiências de amor, os modelos internos dinâmicos e a recordação da vinculação parental na infância (de acordo com as hipóteses anteriormente descritas), este instrumento foi publicado num jornal público de grande divulgação, reportando os autores, num primeiro estudo, os dados de uma primeira amostra de respondentes (Hazan & Shaver, 1987, primeiro estudo). Esta amostra é constituída por 620 sujeitos, de ambos os sexos (205 homens e 415 mulheres), com idades compreendidas entre os 14 e os 82 anos de idade (média de 36 anos), e na sua maioria com frequência universitária. 42% dos sujeitos são casados, 28% são divorciados e 31% referem uma relação de namoro.

Num segundo estudo, e com o objectivo de colmatar algumas deficiências, em parte devidas ao método de constituição da amostra (a partir das respostas obtidas pelo correio), susceptível de criar enviezamentos, e em parte devidas ao facto de algumas dimensões dos modelos internos dinâmicos ficarem por explorar por imposições editoriais relativamente ao espaço de publicação, os autores realizaram um segundo estudo com uma amostra de jovens universitários primeiro anistas (Hazan & Shaver, 1987, segundo estudo). Esta amostra compõe-se de 108 sujeitos, 38 rapazes e 70 raparigas, com uma média de idades de 18 anos.

Uma vez que os objectivos de ambos os estudos eram semelhantes, e as hipóteses idênticas, passaremos a descrever os resultados em conjunto, sendo

[27] Este instrumento encontra-se na íntegra mais adiante no Quadro 3 (pág. 140), a propósito da comparação com aquele proposto por Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991). Uma análise mais aprofundada acerca do mesmo será realizada no Capítulo 4.

que de uma maneira geral, se assistiu, no segundo estudo, à replicação dos resultados obtidos no primeiro. Deste modo, e apoiando as hipóteses elaboradas, foram observados os seguintes resultados:

(1) assiste-se a uma organização da distribuição dos estilos de vinculação semelhante à encontrada na infância e estável em ambas as amostras (1ª amostra: 56% de seguros, 25% de evitantes e 19% de ansiosos/ambivalentes; 2ª amostra: 56% de seguros, 23% de evitantes e 20% de ansiosos). Este resultado sugere, segundo os autores, que as escolhas dos sujeitos não teriam sido aleatórias e que provavelmente existirão dinâmicas semelhantes subjacentes à vinculação na infância e no adulto.

(2) cada um dos estilos aparece associado a diferentes formas de experienciar o relacionamento amoroso, sendo que emergiram três constelações diferentes na organização dos resultados ao longo das dimensões escolhidas para avaliar a experiência amorosa. Neste sentido, os autores referem o facto de os sujeitos se diferenciarem entre si não apenas na intensidade da experiência, mas também e sobretudo na *organização qualitativa* da mesma. Por exemplo, e especificamente no que diz respeito à primeira amostra, os sujeitos avaliados como seguros diferenciam-se dos inseguros em dimensões de 'felicidade', 'amizade', 'confiança', 'medo da proximidade', apresentando resultados mais favoráveis, mas os dois grupos inseguros não se diferenciam entre si. Ou ainda, em dimensões como 'preocupação obsessiva', 'atracção sexual', 'desejo de união', 'desejo de reciprocidade' e 'amor à primeira vista', os sujeitos ansiosos/ambivalentes diferenciam-se dos seguros e dos evitantes, mas estes dois últimos não apresentam diferenças significativas entre si. Finalmente, na dimensão 'aceitação', os evitantes são menos aceitantes do que os ansiosos/ambivalentes e nas dimensões 'extremos emocionais' e 'ciúme' todos os grupos contrastam entre si, sendo que os ansiosos/ambivalentes apresentam os índices mais elevados e os seguros os menos elevados;

(3) os estilos de vinculação romântica aparecem associados a diferenças

nos modelos mentais de si próprio, do outro e da relação. Por contraste com os outros grupos, os sujeitos seguros tendem a acreditar na permanência da relação ao longo do tempo, percepcionam o outro como disponível e confiável e percepcionam-se como merecedores de amor e atenção. Por sua vez, os indivíduos evitantes julgam só muito raramente ser possível encontrar alguém que possam amar verdadeiramente, não acreditam em relações duradoiras e desconfiam do amor romântico tal como é descrito nos filmes. Os sujeitos ansiosos/ambivalentes, por seu lado, acham que é fácil apaixonar-se;

(4) muito embora não tenham sido encontradas diferenças no que concerne o divórcio parental ou a existência e a duração de separações relativamente aos pais durante a infância, a percepção da *qualidade* da relação estabelecida na infância *com* os pais e *entre* os pais está relacionada com o estilo de vinculação romântica. Isto é, por exemplo, os sujeitos seguros referem relações mais carinhosas com ambos os pais e entre os mesmos, sendo estes percepcionados como mais respeitadores e aceitantes. Para além disso tendiam a recordar a figura parental do sexo oposto sistematicamente de forma mais positiva. No entanto, no estudo 2 assiste-se a uma tendência acentuada dos sujeitos evitantes a caracterizarem as relações com os pais de uma forma mais positiva, mais próxima dos sujeitos seguros, ainda que não deixando de referir aspectos mais negativos como o ser crítico, rejeitante e desinteressado. Os autores interpretaram esta divergência, referindo o facto da média de idades da segunda amostra ser consideravelmente mais baixa (de 18 anos por contraste com os 36 anos da primeira amostra) e por consequência, os sujeitos recorrerem mais a estratégias defensivas de recordação dos seus pais. Para apoiar esta explicação, realizaram uma comparação da segunda amostra com uma pequena amostra retirada da primeira, constituída apenas por sujeitos jovens, e obtiveram dados que confirmam as diferenças etárias na evocação das recordações parentais.

De um modo geral, porém, os resultados obtidos são bastante consistentes

com as previsões baseadas nos estudos de Ainsworth e colaboradores, ainda que a associação entre variáveis parentais e de vinculação amorosa tenda a enfraquecer à medida que os sujeitos crescem em idade;

(5) existe uma relação entre os estilos de vinculação e a variável 'solidão', sendo que os sujeitos seguros são aqueles que apresentam valores mais baixos de solidão (em medidas de traço e de estado), e os ansiosos/ambivalentes os mais elevados;

(6) ainda que não houvesse nenhuma hipótese formulada a este respeito, não foram encontradas diferenças de género relativamente à prevalência em cada um dos estilos. Contrariando os estereótipos sobre papéis sexuais, verificou-se, no entanto, que a amostra masculina obteve resultados mais elevados na dimensão 'desejo de união', por comparação com a amostra feminina.

Muito embora satisfeitos com os resultados obtidos que, na generalidade, apoiam a utilização de uma perspectiva de vinculação na abordagem do amor romântico, os autores não deixam de salientar algumas das fragilidades dos estudos. Assim, sugerem para futuras investigações: (a) a recolha de informação sobre a vinculação em mais do que uma relação amorosa, no sentido de possibilitar a avaliação do estilo de vinculação e não características potencialmente emergentes de uma relação específica; (b) a recolha de elementos de ambos os parceiros na relação e a utilização de diferentes métodos de recolha de dados; (c) a observação da interacção relacional; e (d) o desenvolvimento de instrumentos de medida da vinculação válidos e fiáveis, bem como o aperfeiçoamento do instrumento utilizado nestes estudos[28]. A este propósito, os autores sugerem a decomposição dos parágrafos relativos a cada estilo em itens individuais, distribuídos numa escala dimensional que permita

[28] Voltaremos a este aspecto mais em detalhe no Capítulo 4.

uma testagem mais rigorosa das suas propriedades psicométricas[29].

Mas para além dos aspectos enumerados pelos autores numa avaliação crítica dos estudos realizados, julgamos pertinente acrescentar outros. Se é certo que os objectivos a que se propõem os investigadores são ambiciosos, pensamos que eles constituíram sobretudo linhas orientadoras da investigação neste domínio, tendo sido a evidência reunida, neste primeiro trabalho, para a confirmação das hipóteses ainda pouco consistente. De facto, é óbvio que o isomorfismo das distribuições por si só não poderá ser invocado para explicar uma suposta continuidade entre a infância e a idade adulta, tanto mais que as dimensões avaliadas por via da *Situação Estranha* e aquelas a partir de um instrumento de item único não são necessariamente sobreponíveis. Muito embora se revele do maior interesse investigar em que medida a organização *comportamental* da vinculação na infância se possa traduzir ao nível *representacional* no adulto, é certo que neste momento não só é prematuro dadas as características do desenho metodológico, como é conceptualmente discutível afirmar a suposta continuidade dos modelos internos dinâmicos. Relativamente ao primeiro aspecto, importa recordar que estudos de caracter transversal não permitem a inferência de causalidades. Ou seja, se muito embora a discussão dos resultados tenha sido feita no sentido de evidenciar o impacto dos estilos de vinculação, e dos modelos mentais acerca do relacionamento com as figuras parentais, no relacionamento amoroso, a natureza do método de observação dos dados escolhidas e das estatísticas utilizadas no tratamento dos mesmos não permite tais inferências.

No que diz respeito ao segundo aspecto, verificamos que Hazan e Shaver têm vindo a suavizar o carácter algo determinista implícito nos seus trabalhos iniciais. Os autores reconhecem de forma mais clara que ao longo do ciclo de

[29] São vários os autores (Collins & Read, 1990; Mikulincer, Florian & Tolmacz, 1990; Simpson, 1990) que aproveitam a sugestão de Hazan e Shaver, transformando a sua medida categorial em medidas dimensionais, como teremos a oportunidade de desenvolver no Capítulo 4.

vida o indivíduo tem oportunidades de reconstruir os modelos dinâmicos elaborados na relação com as figuras parentais na infância (Rothbard & Shaver, 1994; Shaver & Clark, 1994), questão, aliás, a que voltaremos no Capítulo 3 para uma discussão mais aprofundada. Neste sentido, toma uma nova dimensão o papel desempenhado pela qualidade dos relacionamentos amorosos em que o sujeito se envolveu ou está envolvido e designadamente o efeito transformador sobre os indivíduos das interacções a nível sistémico. Desta forma, as avaliações retrospectivas sobre a família de origem poderão ser influenciadas pelos modelos construídos nas relações actuais.

Para além disso e ainda do ponto de vista conceptual, os autores identificam, igualmente, alguns dos desafios que a investigação nesta área terá de enfrentar e que permitem igualmente relativizar os resultados obtidos. Entre eles contam-se: (a) a discussão acerca da asserção do constructo da vinculação enquanto traço *vs* constructo relacional, resultante das características particulares da relação; (b) a consideração da especificidade da vinculação no jovem e no adulto por oposição à da infância, e muito particularmente a *reciprocidade* das relações de vinculação no adulto por oposição à *complementaridade* que caracteriza estas na infância; (c) a avaliação da continuidade da vinculação entre a infância e a idade adulta; e (d) o facto de o amor romântico no adulto envolver, pelo menos, a integração de três sistemas comportamentais: o sistema de vinculação, o sistema de prestação de cuidados e o sistema sexual.

2.3. Para um modelo normativo da formação de uma vinculação no adulto

Mas se em 1987, Hazan e Shaver desafiam os investigadores a explorar empiricamente o amor romântico enquanto vinculação, mais tarde é notório o retorno aos aspectos normativos da teoria, evidentes numa preocupação com a integração da vasta quantidade de dados recolhidos pela comunidade científica e na construção de um modelo que dê conta do processo de desenvolvimento da

vinculação no adulto. É assim que em 1994 os mesmos autores se lançam numa tarefa ambiciosa de procurar fazer uma síntese da investigação empírica no âmbito das relações de proximidade emocional, tendo como quadro de referência justamente a teoria da vinculação (Hazan & Shaver, 1994). Mais tarde, em 1997, ensaiam um modelo normativo de formação da vinculação no adulto (Zeifman & Hazan, 1997)[30]. São ambas as propostas que procuraremos descrever de seguida de forma articulada, começando, porém, por apresentar separadamente os objectivos de cada uma.

Numa tentativa de elaborar um quadro suficientemente amplo e compreensivo, capaz de atribuir significado à diversidade de resultados empíricos encontrados, os autores descrevem as funções que uma *teoria das relações*[31] deveria assumir, e em particular as questões a que deverá responder, as quais passaremos a transcrever:

> "We believe that at minimum, it [a theory of relationships] should address the following: What makes a potential relationship appealing? How is a relationship formed, and how does it develop? How are relationships maintained, and what makes them satisfying or enduring? Why and how are relationships dissolved? What are the reactions to relationship breakup? Beyond these basics, a comprehensive theory of relationships should offer models of both normative and individual-difference phenomena and account for the role of relationships in a person's overall adaptation and functioning throughout life. It should be able to explain the universal human tendency to form close relationships and the similarities and differences in affectional bonds from infancy through adulthood. Perhaps most important, a theory of close relationships must be consistent and compatible with existing empirical findings. And, as with any theory that earns its keep, it must be parsimonious, testable, and generative." (Hazan & Shaver, 1994, pp. 1-2)

---

[30] Curiosamente, muito embora seja possível detectar em ambas as publicações importantes denominadores comuns, a última publicação (Zeifman & Hazan, 1997) não faz qualquer referência à publicação anterior (Hazan & Shaver, 1994).

[31] Os autores designam de *theory of relationships* esta abordagem teórica que pretende ser generativa no sentido de ditar princípios organizadores para ler os dados e de possibilitar a realização de previsões.

E é justamente tendo como ponto de partida as exigências enumeradas que os autores, após desenvolverem os principais conceitos da teoria da vinculação, procuram demonstrar a capacidade integradora da teoria da vinculação, a partir de uma revisão extensa mas selectiva da literatura empírica. Sem fazermos referências particulares a estes estudos empíricos, uma vez que se tornaria demasiadamente longa esta exposição, procuraremos apresentar a argumentação dos autores no que concerne cada uma das questões formuladas e que são, recordemos, as seguintes: O que torna atraente uma potencial relação amorosa?; Como se formam as relações amorosas e como se desenvolvem?; Como se mantêm as relações e o que as torna satisfatórias?; Como e porquê se dissolvem as relações amorosas?; e Quais as reacções perante a dissolução da relação amorosa?

Por seu lado, Zeifman e Hazan (1997), criticando a excessiva ênfase atribuída às diferenças individuais na maioria dos estudos empíricos, reclamam a necessidade de os investigadores se centrarem mais nos aspectos normativos da teoria da vinculação. Se as relações românticas e as ligações da criança aos pais são reguladas por um sistema comportamental idêntico – o sistema de vinculação – então é esperado que o *processo de desenvolvimento* de ambas as vinculações seja semelhante[32]. E é justamente tendo por base esta hipótese que as autoras recorrem às quatro fases nomeadas por Bowlby, na descrição do processo de vinculação do bebé às figuras de vinculação (e as quais já descrevemos no Capítulo 1), para orientar um modelo de formação da vinculação no adulto, e que, recordamos, foram denominadas de fase de *pré-vinculação* (fase 1), fase de *início de construção de uma vinculação* (fase 2), *presença de*

32 Saliente-se, no entanto, que as autoras reconhecem que muito provavelmente o processo de formação de uma vinculação no adulto não estará tão pré-determinado como aquele que une um bebé à figura de vinculação.

uma vinculação (fase 3), e *parceria orientada por objectivos* (fase 4)[33]. Procuremos, então, articular ambas as propostas. O Quadro 2 apresenta uma síntese dos aspectos mais salientes em cada uma das etapas deste processo.

Fase de pré-vinculação

No âmbito das relações amorosas, a primeira fase é caracterizada essencialmente pela atracção interpessoal e pelo *flirt* e aproxima-se, numa perspectiva de vinculação, à fase de *pré-vinculação* do bebé. À semelhança do equipamento comportamental que o bebé dispõe para iniciar interacções sociais, também o adulto utiliza um conjunto diversificado de sequências comportamentais (contacto ocular, sorriso, conversa animada, etc.), que poderão reflectir o seu interesse numa maior aproximação ao sujeito alvo. Muito embora a intimidade nesta fase inicial não seja de modo algum comparável à existente na relação bebé-figura de vinculação, tanto o bebé como o jovem e o adulto estão altamente vocacionados para a interacção social e a proximidade física (Zeifman & Hazan, 1997).

Fase de início de construção de uma vinculação

Mas se, no início, o bebé emite de forma indiscriminada sinais que promovem a aproximação a outras figuras, entre o 2º e o 3º mês começa a observar-se uma preferência por uma determinada figura, aquela que se tornará a sua figura de vinculação primária, e que, do ponto de vista da teoria da vinculação, não é mais senão aquela que lhe é familiar e que é mais directamente responsável pelos seus cuidados. A relação torna-se mais interactiva (ou interagida), na medida em que se assiste a sequências de comportamentos (como por exemplo, contemplação mútua, vocalizações,

[33] Embora as autoras não o explicitem, na verdade as designações das etapas que utilizaram foram aquelas propostas por Ainsworth *et al.* (1978), embora do ponto de vista substantivo não existam diferenças relativas às propostas por Bowlby, como já referimos no Capítulo 1.

Quadro 2.

Modelo de formação de uma vinculação no adulto

	Não vinculado		***Vinculado***	
Fases	Pré-vinculação	Vinculação em curso	Vinculação clara	Parceria orientada por objectivos
Componentes de vinculação	Procura de proximidade	Porto seguro	Ansiedade de separação	Base segura
Contacto físico	Incidental/ acidental	Frequente, prolongado, estimulante, "paternal"	Frequente, menos prolongado, confortante	Menos frequente, deliberado, de acordo com o contexto
Contacto ocular	Olhares de relance, contemplação intermitente	Contemplação mútua, frequente e prolongada	Contemplação mútua, frequente, mas menos prolongada	Contemplação mútua, menos frequente e de acordo com o contexto
Conteúdo conversacional	Emocionalmente neutro, superficial, que valoriza o *self*	Elicita os cuidados do outro, auto-revelação emocional	Elicita os cuidados do outro, menos emocional, mais mundano	Predominantemente mundano
Qualidade da voz	Animada, mais elevada, excitada do ponto de vista emocional	Tonalidade baixa e com doçura, o segredar	Tonalidade aproximada do normal, voz doce de acordo com o contexto	Predominantemente normal
Alimentação/sono	Normal	Diminuída	Aproximada do normal	Normal
Representação mental do outro	Expectativa generalizada	Em construção	Começando a estabilizar	Bem estabelecida
Neuroquímica/hormonas	Estímulos peromonais/PEA	PEA/ocitocina	PEA, ocitonina, opioides	Ocitocina, opioides
Reacções ao termino	Nenhuma. Desapontamento menor	Letargia, depressão ligeira	Ansiedade, perturbações das actividades	Ansiedade extrema, desorganização física e psicológica geral

Adaptado de Zeifman & Hazan, 1999

contacto físico, etc...) emitidos tanto pela figura de vinculação, como pelo bebé que evidenciam uma harmonia particular.

Esta segunda fase tem o seu paralelo no adulto no processo de selecção de um companheiro amoroso (e mais tarde na fase de enamoramento), a primeira questão a que Hazan e Shaver (1994) procuram responder na integração da investigação empírica (O que torna atraente uma potencial relação amorosa?). À semelhança da vinculação na infância, a progressiva atracção por uma determinada pessoa seria essencialmente ditada pelo facto de ela ser familiar, e por ela se constituir como alguém que potencialmente poderá dar resposta às necessidades dos sujeitos. Estas poderão ser necessidades de vinculação, de prestação de cuidados ou de relacionamento sexual, uma vez que o amor no adulto é conceptualizado, como já referimos, como reunindo estes três sistemas comportamentais (Shaver *et al.*, 1988)[34]. Neste sentido, é suposto o sistema sexual e particularmente a atracção sexual ser um importante catalizador de comportamentos de procura de proximidade física em situações de *flirt* em adultos (Hazan & Zeifman, 1994).

No entanto, apenas um destes sistemas poderá ser accionado quando um sujeito se sente atraído por outro (Hazan & Shaver, 1994; Zeifman & Hazan,

---

[34] Cassidy (1998), num comentário a um artigo alvo de Steele e Steele (1998a) sobre a influência da psicanálise na teoria da vinculação, e a propósito destes últimos terem salientado a importância de se estudarem teórica e empiricamente as relações entre a vinculação, a agressão e a sexualidade, identifica seis grandes linhas de possível interacção entre o sistema da vinculação e o sexual, formuladas nas questões que passamos a transcrever e que se poderão constituir, em nossa opinião, como pistas de investigação:

"1. Do a parent's childhood (and adult) attachment experiences influence the developing child's sexual system? (...); 2. Do a parent's childhood (and adult) sexual experiences influence the developing child's attachment system? (...); 3. During childhood, what are the reciprocal influences between the attachment and the sexual system? (...); 4. Does a child's attachment history influence his/her later (adolescent/adult) sexual behavioral system? (...); 5. Do child and adolescent sexual experiences influence later (adolescent and adult) attachment? (...); 6. During adulthood, what are the reciprocal influences between the attachment and sexual systems? (...)" (Cassidy, 1998, p.124)

1997). Por exemplo, se numa relação predominantemente sexual, provavelmente a atracção física poderá desempenhar subjectivamente um papel muito importante, alguém especialmente identificado com a tarefa de cuidar, poderá sentir-se atraído por um sujeito que emita sinais de desejo e necessidade de ser cuidado (Hazan & Shaver, 1994). Em todo o caso, o que parece ser particularmente importante neste processo de atracção, de acordo com uma perspectiva da vinculação, é a percepção subjectiva de que a proximidade física e/ou emocional com o outro poderá resultar no preenchimento de necessidades pessoais.

Segundo os mesmos autores, a interpretação do processo de atracção interpessoal de acordo com a teoria da vinculação tem a vantagem, não apenas de reduzir os factores envolvidos na atracção a apenas algumas categorias conceptuais, mas sobretudo de contribuir para a compreensão das características que possam ter significado para uma determinada pessoa num determinado momento (Hazan & Shaver, 1994).

No que diz respeito ao processo de formação e de desenvolvimento de uma relação de proximidade (Como se formam as relações amorosas e como se desenvolvem?) a segunda questão colocada inicialmente, é suposto que a proximidade física se constitua como o elemento facilitador da criação de um laço emocional. Esta, mais uma vez, poderá ser motivada pela necessidade de segurança, de gratificação sexual ou de prestação de cuidados. De qualquer modo, ela parece ser tanto mais importante quanto a relação está ainda no seu início. Vários estudos indicam que enquanto que a atracção física e o relacionamento sexual são considerados pelo par amoroso como especialmente importantes em fases iniciais da relação, mais tarde parece ser mais valorizada a capacidade do outro para dar conforto e apoio emocional.

Nesta fase assistimos a um conjunto de comportamentos que permitem e traduzem progressivamente uma maior aproximação física e emocional, permitindo a construção da intimidade. Estes comportamentos, como o

segredar, o mimar, o falar à bebé, o aconchegar-se, o abraçar, o beijar, característicos da interacção entre o bebé e figuras significativas podem bem descrever um par apaixonado em fase de enamoramento. A par de outros, igualmente importantes, como, por exemplo, o *self-disclosure*, estes permitem que a relação se torne um contexto de conforto, procurado e desejado, isto é, que se torne progressivamente um contexto de vinculação. No entanto, a frequência destes comportamentos parece estar relacionada com o tempo de duração de uma relação. Se em fases iniciais do relacionamento, o par amoroso tende a recorrer a eles como meio para demonstrar o seu desejo, mais tarde, na avaliação da satisfação relacional, o apoio emocional torna-se mais relevante por comparação com o contacto físico e o relacionamento sexual.

Fase de presença de uma vinculação

O processo de construção de uma relação de vinculação de reciprocidade envolve a transferência dos *alvos* dos comportamentos de vinculação dos pais para os pares, que tem o seu início na adolescência. Hazan e Zeifman (1994) defendem que esta transferência ocorre sequencialmente ao nível dos componentes, de forma paralela ao próprio desenvolvimento da vinculação na infância. Ou seja, são inicialmente os comportamentos de procura de proximidade que são preferencialmente dirigidos para os pares em desfavor dos pais, seguidos dos de procura de conforto e de apoio emocional, dos de protesto de separação e finalmente dos de base segura. A presença destes dois últimos indica que uma vinculação plena está formada, o que segundo estas autoras tende a demorar pelo menos cerca de dois anos, tendo sido encontrados quase exclusivamente em relações amorosas e nas relações parentais (Hazan & Zeifman, 1994)[35].

[35] Trinke e Bartholomew (1997) sugerem que muito provavelmente o estudo de Hazan e Zeifman (1994) apenas terá detectado, a partir do questionário utilizado, as relações de vinculação segura, pelo que é de supor que outro tipo de figuras que não os parceiros amorosos ou os pais possam

Embora os comportamentos de vinculação estejam em estreita ligação uns como os outros, são, deste modo, inicialmente os comportamentos de procura de proximidade e os processos de interacção que daí derivam que criam a oportunidade para que as relações se constituam como fonte de conforto e de apoio emocional, e que por sua vez permitem mais tarde a consolidação da relação enquanto base segura. Neste sentido, determinados temas de relação interpessoal ganham um significado diferencial à medida que a relação se vai desenvolvendo.

Também do ponto de vista comportamental são notórias modificações no relacionamento do par amoroso. Os companheiros não têm a necessidade de passar a quantidade de tempo juntos como na fase anterior e o seu comportamento torna-se menos contemplativo. A idealização tende a dar lugar a visões mais realistas dos companheiros, e os mesmos estão mais capazes de se descentrar da relação e de interagir a outros níveis.

Esta etapa do relacionamento amoroso no adulto tem o seu paralelo na terceira fase da construção de uma vinculação do bebé à figura de vinculação, em que começam a ser visíveis, de forma mais nítida, reacções de protesto e de ansiedade perante separações, manifestações que as autoras consideram como um critério indicador da formação de uma vinculação. Todavia reconhecem que os adultos têm à sua disposição estratégias diversas para lidar com a situações desta natureza, pelo que mais dificilmente estas reacções são identificáveis por um observador externo, como acontece com a infância.

Parceria orientada por objectivos

Esta última fase do desenvolvimento de uma vinculação caracteriza-se por

---

servir de figuras de vinculação. No entanto, as autoras, usando um instrumento especialmente destinado a avaliar as hierarquias das figuras de vinculação (*Attachment Network Questionnaire*) obtêm resultados semelhantes aos do estudo referido.

uma diminuição acentuada da centralidade do relacionamento amoroso na vida dos seus elementos, no sentido em que outros domínios da existência, como por exemplo o trabalho e outras amizades, começam a retomar o seu lugar na existência dos indivíduos. Ou seja, a relação começa a funcionar como base segura, permitindo a exploração de outros territórios de construção da identidade pessoal, para além da relação amorosa.

E este aspecto relaciona-se com a terceira questão a que Hazan e Shaver (1994) procuram responder a partir da teoria da vinculação (Como se mantêm as relações no tempo e o que as torna satisfatórias?). A resposta à primeira parte da pergunta (uma vez que a duração de uma relação não está necessariamente relacionada com a satisfação sentida pelos seus elementos) remete para um aspecto central da teoria da vinculação, e que tem que ver com o desenvolvimento da confiança no companheiro amoroso, enquanto sujeito disponível e sensível às necessidades do próprio. Ou seja, a confiança no outro cria condições para que processos que facilitam o crescimento relacional ocorram, alargando a duração da relação no tempo. Entre estes contam-se o *self-disclosure*, a intimidade, a comunicação aberta, a resolução de problemas, etc.

No entanto, como alertam os autores, algumas relações não satisfatórias permanecem também no tempo. Provavelmente o que poderá estar em causa, segundo esta perspectiva, é o efeito de activação de comportamentos de vinculação, que os processos de separação justamente provocam. Isto é, em face a situações relacionais avaliadas como negativas e ao desejo de dissolução, o sujeito confronta-se com a ansiedade pela perda de uma figura e de uma relação que contribuíram para o seu sentido de segurança pessoal. Do mesmo modo que o sujeito poderá desejar o *terminus* da relação, esta situação sentida como perigosa despoleta comportamentos de procura de proximidade física e emocional (Hazan & Shaver, 1994). Muito embora seja difícil determinar quando uma relação amorosa se torna numa vinculação, a ansiedade de separação tem

sido precisamente referida como um critério muito importante para a sua demarcação (Zeifman & Hazan, 1997).

Apesar do efeito paradoxal que o desejo de separação pode exercer, é certo que muitas relações se dissolvem, quarta questão a que os autores procuram dar resposta segundo a teoria da vinculação (Como e porquê se dissolvem as relações amorosas?). Segundo Hazan e Shaver (1994) esta situação resultaria mais uma vez do não preenchimento de necessidades consideradas essenciais pelos elementos. Muito provavelmente a relação não foi capaz de evoluir no sentido de preencher, de facto, necessidades de conforto e de apoio emocional e, em última análise, de segurança pessoal.

Finalmente, e no que toca a reacções à dissolução de laços emocionais (Quais as reacções perante a dissolução da relação amorosa?), estas são, numa primeira fase, evidenciadas por comportamentos de protesto face às separações, tenham sido as mesmas desejadas ou tenham sido fruto de circunstâncias acidentais. A estes comportamentos sucedem períodos de tristeza intensa, experienciada por alguns com depressão e desespero. O investimento progressivo num novo estilo de vida permite a reorganização pessoal e relacional do sujeito. No entanto, a dissolução da vinculação poderá prolongar-se no tempo, e a possibilidade de o sujeito se envolver romanticamente com uma outra pessoa é tanto mais provável, quanto a sua ansiedade activar o sistema de vinculação.

O impacto da existência de relações de proximidade na adaptação psicossocial global está bem documentado, e Hazan e Shaver (1994) apenas acrescentam o facto de a teoria da vinculação acentuar as necessidades de vinculação como absolutamente essenciais a um crescimento saudável do indivíduo. A segurança que estas providenciam interferem no ajustamento do sujeito em diversas áreas da sua vida.

Mas como salientavam os autores, para além de se afirmar como uma teoria normativa que permita compreender os processos subjacentes ao

desenvolvimento de relações de proximidade, desde a sua formação até à sua dissolução, esta teoria das relações deverá constituir-se igualmente como uma teoria que permita dar significado a diferenças individuais. Para o efeito, Hazan e Shaver (1994) reportam-se aos estudos que evidenciam a distribuição dos sujeitos pelas três categorias, em muito semelhantes às encontradas para a infância, e que sugerem a possibilidade de os sujeitos terem desenvolvido estratégias diferenciadas para a obtenção de segurança. Cada um dos estilos de vinculação apresenta uma lógica interna, susceptível de ser reconstruída no contexto da história desenvolvimental dos sujeitos. Se a vinculação segura corresponde ao processo normativo de desenvolvimento da vinculação, que decorreu no contexto de uma família consistentemente responsiva, já as estratégias evitantes e ansiosas/ambivalentes parecem ter sido aprendidas como resposta a contextos familiares não responsivos ou inconsistentemente responsivos, respectivamente.

Os autores não terminam a sua exposição sem reconhecerem as limitações da teoria, propondo nomeadamente a sua articulação com perspectivas ligadas à interdependência e à comunicação, inclusivamente as relacionadas com os significados e as narrativas.

Tratando-se de um artigo alvo, vários autores foram chamados a comentar a proposta de Hazan e Shaver (1994) de que a teoria da vinculação se poderá constituir como uma abordagem integradora da vasta investigação empírica no domínio das relações de proximidade. Da panóplia de reacções que variaram entre o mais forte cepticismo ao reconhecimento do mérito no trabalho efectuado, daremos atenção àquelas que nos pareceram mais significativas.

Comecemos então por Duck (1994) que, embora reconhecendo a necessidade de teorias mais compreensivas que apreendam a complexidade dos

relacionamentos humanos[36], é peremptório na afirmação de que os autores em questão não atingiram os objectivos propostos, em larga medida pelo facto de não terem incluído importantes referências teóricas e de estudos empíricos na revisão da literatura, mas também por não terem explicitado o nível de análise, em que opera a teoria das relações que propõem. Defende, ainda, que uma teoria das relações não pode apenas dar conta de um leque restrito de relações humanas – aquelas referentes às relações de proximidade emocional – mas deverá antes contemplar as diversas formas de relacionamento humano. Por outro lado, mesmo neste caso, é omissa a consideração à *dimensão social* enquanto estrutura alargada de produção de significados e enquanto cultura sistémica produzida e transformada pelos elementos da relação. Finalmente, o autor critica a centralidade da influência da vinculação na infância sobre os relacionamentos no adulto, e chama a atenção para a importância não apenas de diversos acontecimentos que ocorrem ao longo do ciclo de vida, como para o processo de construção e de reconstrução de significados que caracteriza o desenvolvimento humano.

Também Kobak (1994) reclama a necessidade de uma maior atenção sobre os padrões de relacionamento que caracterizam as relações no jovem e no adulto e a medida em que estes interferem com modelos construídos em relações anteriores. Aliás, considera que a tentativa de Hazan e Shaver de se centrarem em aspectos normativos da teoria da vinculação, por oposição às diferenças individuais, permite que se atenda ao constructo de vinculação como

---

36 A crítica aos paradigmas dominantes é evidente nas palavras contundentes de Duck (1994, p. 34): "We need to move away from limited attempts to explain something as complex as relationship by reference to the internal crankings of one of the partner's cognitions, without reference to the importance of the social process, the interaction of two minds through symbol and speech, or the communication between the two that both embodies these other things and at the same time can modify them. Even worse, we need to move away from models that implicitly treat relationships as the simultaneous, but relatively independent, crankings of two calculating machines that happen to be in the same room and are able to read each other's printouts."

um constructo relacional a par de um constructo de personalidade. Mais, salienta que só na medida em que for possível avaliar conjuntamente dimensões da personalidade e padrões de relacionamento actuais, será possível estudar temas como a continuidade e a mudança enquanto transações dinâmicas. E é justamente neste sentido que, na sua opinião, se deverá orientar a investigação sobre os processos de mudança nas relações de vinculação.

Simpson (1994), por sua vez, defende que o conceito de 'sistema de ligação de par' (*pair bonding system*) serve melhor como constructo organizador da quantidade e diversidade de investigação empírica realizada até ao momento, na medida em que integra todos os subsistemas – o de vinculação, o sexual e o de prestação de cuidados - envolvidos na garantia da eficácia reprodutiva. Aliás, o autor refere que na verdade Hazan e Shaver (1994) fazem justamente apelo aos três subsistemas para interpretar os resultados empíricos, tanto relativamente ao processo de atracção interpessoal, como ao desenvolvimento de uma relação, como, ainda, à satisfação relacional.

Finalmente, Levinger (1994) reconhece que se a teoria da vinculação oferece contributos importantes para analisar as experiências motivacionais e afectivas, bem como as suas consequências, em relações de proximidade emocional, não considera as influências do contexto mais alargado, nem aquelas que provêm das particularidades das díades relacionais e da história da relação. Por exemplo, as normas sociais e culturais poderão ter um maior poder de explicação no que toca à divisão de tarefas no seio da relação, comparativamente com a teoria da vinculação. Do mesmo modo, se a teoria da vinculação poderá permitir analisar e compreender alguns dos problemas de comunicação da relação, outras influências sociais de diversa ordem poderão ser invocadas neste processo. E é por isso que Levinger (1994) classifica a teoria da vinculação de cognitiva-experiencial, baseada em asserções etológicas, sublinhando, a par dos autores anteriores, as limitações da mesma em integrar as influências das interacções diádicas e do contexto social mais alargado.

Por último, Noller e Feeney (1994) reconhecem que a investigação não tem dedicado a atenção merecida aos processos normativos subjacentes ao desenvolvimento e ao funcionamento das relações de proximidade no adulto, em parte devido à inexistência de metodologias adequadas e ao facto de em alguns casos, e designadamente no da observação comportamental, os investigadores se confrontarem inevitavelmente com questões do foro ético. Por outro lado, as autoras criticam a ênfase exagerada que grande parte dos estudos empíricos coloca na testagem de tipologias, em detrimento da criação de desenhos metodológicos que permitam contribuir para o desenvolvimento da teoria.

Em resumo, os trabalhos iniciais de Hazan e Shaver (1987; Shaver *et al.*, 1988) constituem, sem dúvida um marco importante no estudo da vinculação no jovem e no adulto, ao proporem a exploração empírica das semelhanças *funcionais* e *dinâmicas* entre o amor parental na infância e o amor romântico na juventude e na idade adulta, a partir da teoria da vinculação. Independentemente das fragilidades metodológicas e da insipiência do instrumento de avaliação da vinculação amorosa elaborado, é certo que os estudos de Hazan e Shaver inauguraram uma linha de investigação sobre um importante processo de relacionamento no adulto - o envolvimento amoroso – à luz da teoria da vinculação. Finalmente, e mais recentemente, é de realçar o esforço dos autores na elaboração de um quadro coerente e internamente consistente que integre os principais resultados da investigação empírica, com vista a uma melhor compreensão não apenas dos processos normativos envolvidos na formação, manutenção e dissolução de relações de proximidade nos adultos, como também na consideração das condições individuais e relacionais que contribuem para a existência de diferenças. Deste modo, os autores deixam também em aberto uma agenda extensa de pistas para investigação futura no domínio da vinculação no jovem e no adulto.

3. Kim Bartholomew e o modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação

Nos pontos anteriores tivemos a oportunidade de destacar os contributos dados por Mary Main e por Cindy Hazan e Philipp Shaver, tanto a nível teórico como empírico, para a aplicação da teoria da vinculação a importantes processos e tarefas desenvolvimentais do jovem e do adulto. Muito embora marquem o início dos estudos da vinculação nestas idades, cada uma das linhas de investigação a que deram origem não apenas se centrou em domínios distintos – as relações com os pais, no primeiro caso, e as relações amorosas, no segundo - como também se baseou em definições diversas do constructo de vinculação. Para além disso, ainda que ambas tenham vindo a recorrer a tipologias na avaliação da vinculação, os métodos utilizados divergiram, com uma tendência marcada para a utilização da entrevista, e designadamente da *AAI*, no primeiro caso, e de instrumentos de autorelato, e a medida de Hazan e Shaver, no segundo caso.

Com base justamente numa avaliação crítica dos resultados dos estudos empíricos iniciados pelas linhas de investigação referidas e retomando o conceito de *modelos internos dinâmicos* de Bowlby (1969/91, 1973, 1982), Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991) propôs um modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no adulto. Este modelo organiza-se em torno da positividade e da negatividade das dimensões latentes representadas pelo *modelo de si próprio* e *pelo modelo do outro*, supostamente subjacentes aos modelos internos dinâmicos e que representam expectativas gerais acerca do valor do *self* e da acessibilidade e disponibilidade dos outros. Tratando-se do modelo de avaliação da vinculação utilizado na condução do(s) estudo(s) empírico(s) que reportamos nesta dissertação, daremos uma atenção mais alargada à sua descrição e ao processo de testagem do mesmo.

3.1. Uma abordagem prototípica da vinculação

O modelo de avaliação da vinculação no adulto de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) insere-se na linha de Hazan e Shaver, na medida em que se centra predominantemente nas relações actuais com os pares, nomeadamente amorosas e de amizade, para definir o padrão de vinculação do sujeito, por contraste com a linha de Main que avalia a vinculação no adulto por referência às relações familiares da infância[37] Todavia distingue-se de qualquer uma delas pela adopção de uma abordagem *prototípica*[38] das diferenças individuais, que procura conciliar as abordagens categoriais e dimensionais predominantes nas linhas de investigação anteriores[39].

Para além de assumir maior variabilidade interindividual na aproximação de cada sujeito a cada padrão, uma abordagem prototípica considera a possibilidade de coexistência de elementos de vários padrões num mesmo sujeito, ainda que com peso desigual. Sendo assim, a identificação do sujeito com um determinado protótipo de vinculação corresponde apenas a uma aproximação a um ideal teórico definido, segundo Bartholomew, a partir do cruzamento de duas dimensões latentes constituídas pelos *modelos de si próprio* e *do outro*. Dito de outro modo, o sujeito deixa de ser, por exemplo, classificado como *exclusivamente* seguro, para ser classificado como *predominantemente* seguro, mas com algumas características de preocupado e outras de evitante.

---

[37] Refira-se que, apesar de ser claramente dominante o estudo da vinculação por referência às relações com os pares, a autora também desenvolveu uma entrevista de avaliação da vinculação à família, em alguns aspectos semelhante àquela desenvolvido por Main e colaboradores, como, aliás, mais tarde teremos a oportunidade de discutir. No entanto, o seu interesse reside essencialmente nas relações de vinculação dos sujeitos adultos com os seus pares.

[38] O conceito de 'protótipo' foi proposto pela primeira vez por Rosch (1973) para definir um conjunto de características que representam o exemplo mais típico de uma categoria.

[39] Retomaremos no Capítulo 4 a questão das diferentes abordagens de avaliação da vinculação para uma análise comparativa.

Ou seja, muito embora se possam classificar dois sujeitos como seguros, muito provavelmente eles se diferenciarão nas suas experiências relacionais consoante, por exemplo, o seu padrão secundário ser preocupado ou desinvestido.

Esta abordagem contrasta particularmente com as abordagens categoriais, que não consideram precisamente a diversidade de possibilidades individuais dentro de cada categoria, nem tão pouco a simultaneidade dos padrões. Do ponto de vista prático, a abordagem prototípica traduz-se na oportunidade oferecida ao sujeito (seja por via de instrumentos de autorelato ou por via de metodologias mais qualitativas) de se identificar (ou de ser identificado) com mais do que um protótipo e de se situar (ou de ser situado) relativamente a cada um numa escala contínua. Em suma, uma abordagem prototípica reconhece a heterogeneidade entre os indivíduos e a natureza probabilística das categorizações.

3.2. O retorno ao conceito de modelos internos dinâmicos

Mas é fundamentalmente nas contribuições teóricas de Bowlby que, como já referimos, a autora se inspira para a elaboração do seu modelo, e muito particularmente num conceito central à teoria da vinculação, designadamente o de *modelos internos dinâmicos.* De acordo com Bowlby (1973), a percepção de si próprio enquanto sujeito merecedor de amor e de atenção configura o *modelo de si próprio,* estando, associado ao grau de dependência emocional e de ansiedade experienciada nas relações com os outros. O *modelo do outro* relaciona-se com a percepção do sujeito acerca da responsividade e da acessibilidade do outro para fornecer apoio e protecção, determinando a procura de proximidade *vs* evitamento relativamente aos outros.

Estes modelos, supostamente desenvolvidos a partir das interacções entre a criança e as figuras de vinculação, a partir sensivelmente dos três anos de idade, constituem-se como importantes grelhas de leitura na previsão e na

interpretação dos comportamentos sociais, muito particularmente em situações de proximidade afectiva. Enviando a vinculação para o domínio da sua representação mental, este conceito procura, assim, ser uma operacionalização da forma como as relações familiares precoces influenciam o desenvolvimento futuro, interferindo no modo como as pessoas se relacionam ao longo do ciclo de vida.

Neste contexto, Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) propôs a dicotomização destas duas dimensões em positivo e negativo dando origem o seu modelo precisamente a quatro quadrantes, definidores de quatro protótipos de vinculação. Muito embora no início Bartholomew persistisse na independência dos modelos, mais tarde reconheceu que se o modelo se organiza de forma conveniente em torno da independência dos modelos de si próprio e dos outros, na verdade estas dimensões tendem a interagir de modo particular. Ou seja, o modelo de si próprio interfere no modo como o modelo do outro toma forma (sendo que é previsível que tome diferentes formas), e o modelo do outro determina igualmente diferentes possibilidades do modelo de si próprio se organizar. E neste sentido, Bartholomew acrescenta que seria mais correcto descrever os padrões de vinculação em termos *de modelos de si próprio em relação com os outros*[40]. De qualquer modo, ainda que definindo a vinculação a partir dos modelos subjcentes, Bartholomew clarifica que os *padrões de vinculação* em si correspondem a diferentes estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal. São estes padrões a expressão no terreno dos ditos modelos representacionais, contribuindo igualmente para a sua actualização.

---

[40] Em 1997, Bartholomew escreve: "Any model is invariably a simplification of the reality, and this one is no exception. Bowlby's concept of positivity of self and other models is a convenient organizing framework. In practice, the two dimensions interact, such that the attachment patterns are better described in terms of self-in-relation-to-other-models." (p. 253)

3.3. A inconsistência dos dados empíricos e a clarificação do evitamento

Mas para além da inspiração teórica em Bowlby, Bartholomew procedeu igualmente a uma análise cuidada dos resultados da investigação empírica existentes até à data e constata a existência de informação inconsistente, muito embora proveniente da utilização de metodologias diversas e enquadrada em linhas de investigação distintas: a entrevista de avaliação da vinculação de Main e colaboradores relativamente às relações entre pais e filhos na infância, e o instrumento de autorelato de Hazan e Shaver relativo às relações amorosas. Esta inconsistência é observável nas respostas emocionais e comportamentais dos sujeitos ditos evitantes, sendo estes identificados como *desligados*, no primeiro caso, e *evitantes* no segundo caso. De um modo geral, enquanto que os indivíduos desligados são descritos como desvalorizando a importância da relação com os outros e negando a experiência subjectiva de angústia, no segundo caso estes sujeitos representam-se como sentindo dificuldades emocionais na procura da proximidade com os outros. Perante estes dados, a autora assumiu a possibilidade de, embora sob designações muito próximas, as categorias avaliadas em ambas as metodologias não se assemelharem do ponto de vista substantivo. Ou seja, se em ambos os casos poderá estar subjacente uma atitude negativa perante os outros, estes sujeitos parecem diferir entre si na concepção que têm de si próprios. Cada uma das metodologias tenderia, assim, a avaliar padrões de evitamento distintos.

A acrescentar a esta observação, a investigação empírica não havia ainda contemplado, até a altura, e pelo menos de forma clara e explícita, um padrão ou categoria da vinculação caracterizado simultaneamente por um modelo negativo acerca de si próprio e um negativo acerca do outro, como seria de esperar do ponto de vista teórico a partir da intersecção de ambos os modelos. Muito embora no campo da vinculação na infância já houvesse sido identificado um quarto padrão de vinculação, designado como *desorganizado-desorientado* (Main & Solomon, 1986, 1990), pouca atenção lhe foi atribuído no decurso de

investigações subsequentes[41].

3.4. A exploração empírica do modelo

A Figura 1 exemplifica o modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no adulto, proposto por Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991)

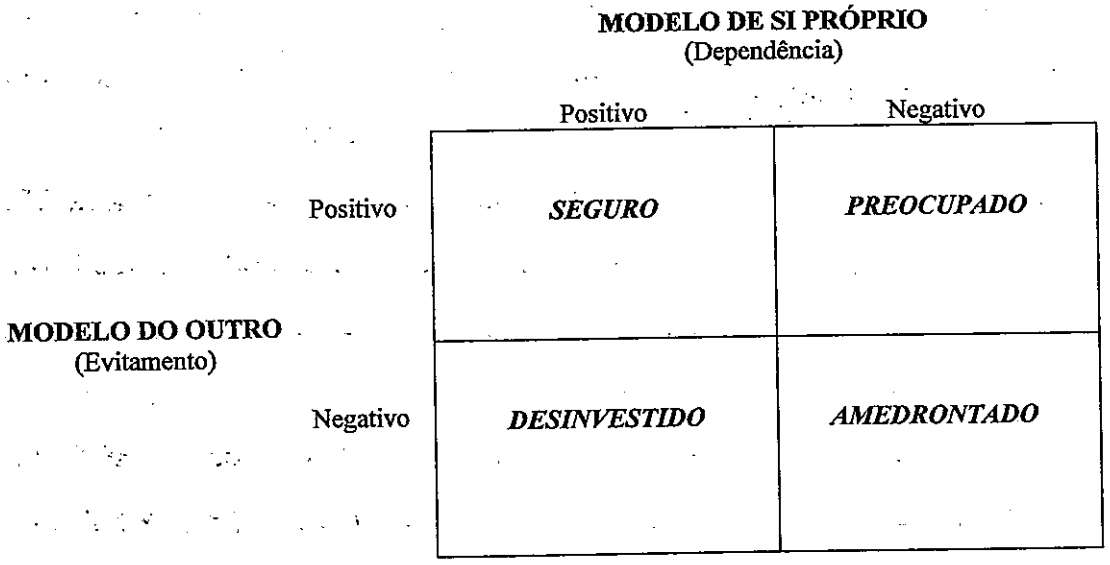


Figura 1. Modelo da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991)

---

[41] Note-se que Bartholomew não se pronuncia relativamente à equivalência conceptual entre o estilo amedrontado do adulto e o padrão desorganizado-desorientado na criança. Mais tarde Brennan, Shaver e Tobey (1991) inferem, com base numa amostra de 840 estudantes universitários e nas correlações entre a medida de Hazan e Shaver e a de Bartholomew, a existência de uma correspondência conceptual entre o amedrontamento no adulto e o padrão desorganizado-desorientado das crianças. Esta inferência parece-nos, todavia, precipitada, uma vez que, à data da publicação do artigo, não existia nenhuma evidência empírica de que a presença de características de evitamento e de ansiedade/ambivalência, tal como avaliadas pela medida de Hazan e Shaver no adulto, sejam o correlativo para o adulto do padrão desorganizado-desorientado da criança, tal como avaliada pela *Situação Estranha*. Retomaremos, porém, esta questão da correspondência entre os sistemas de classificação mais adiante no Capítulo 4.

Referido como *seguro*, o protótipo do quadrante superior esquerdo assume a presença simultânea de modelos positivos acerca de si próprio e do outro. Não apenas o sujeito se sente como merecedor de amor e, portanto, susceptível de desencadear nos outros respostas de acordo, como também acredita que estes mesmos serão responsivos. Deste modo, estes sujeitos tendem a ser autónomos, sendo capazes de desenvolver relações de intimidade com os outros.

No quadrante superior direito, os autores designam o protótipo de *preocupado (preoccupied)*, que se caracteriza por uma representação positiva dos outros, ainda que a representação negativa acerca de si próprio conduza a uma procura exacerbada de atenção e de aprovação no sentido de alcançar a aceitação dos mesmos. Este padrão é semelhante conceptualmente ao estilo ambivalente de Hazan e Shaver e ao padrão preocupado de Main e colaboradores.

O quadrante inferior esquerdo, em oposição diametral com o anterior, combina uma percepção positiva acerca de si próprio com uma negativa acerca do outro. Denominado de *desinvestido (dismissing)*, este padrão de evitamento configura uma tentativa de manutenção da independência sem envolvimento em situações de intimidade interpessoal, e corresponde ao padrão desligado de Main e colaboradores. Na opinião da autora, o padrão desinvestido parece traduzir "uma estratégia mais complexa em que as necessidades de vinculação são negadas, ou de acordo com Bowlby, o sistema de vinculação é desactivado." (Bartholomew, 1990, p. 164). Aparentemente, a forma encontrada para lidar com a rejeição terá sido o desvio da atenção da figura de vinculação e o desenvolvimento de uma imagem acerca de si próprio como não vulnerável a sentimentos negativos que possam conduzir justamente à activação do sistema de vinculação. Daí que o sujeito passe a centrar-se em aspectos da sua vida que não impliquem a relação com os outros, como poderá ser a dedicação exclusiva a questões profissionais.

Finalmente o último quadrante, o inferior direito, constitui uma intersecção entre representações negativas tanto acerca de si próprio como acerca dos outros, sendo designado de *amedrontado (fearful)* [42]. Embora a autora refira que este padrão não foi ainda explicitamente abordado na literatura, como já o referimos, salienta que poderá assemelhar-se conceptualmente ao estilo evitante de Hazan e Shaver. À semelhança do padrão preocupado, estes sujeitos evidenciam necessidades elevadas de dependência, em consonância com o modelo negativo acerca de si próprios, todavia diferem significativamente deste padrão nos comportamentos que manifestam em situações de intimidade. Enquanto que os primeiros tendem a procurar compulsivamente os outros, os segundos evitam a intimidade pelos riscos negativos a ela associados. De qualquer modo, ambos os grupos poderão apresentar uma maior vulnerabilidade à solidão e à depressão decorrente justamente de dificuldades interpessoais.

E é precisamente na tentativa de explorar e validar um modelo constituído por quatro protótipos, resultantes da combinação destas duas dimensões latentes, os modelos acerca de si próprio e do outro, que Bartholomew e colaboradores realizam uma série de estudos empíricos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a, b; Scharfe & Bartholomew, 1994) que passaremos a apresentar de seguida.

Um primeiro estudo empírico recorreu a diversas fontes na recolha de dados, designadamente os próprios sujeitos a partir de instrumentos de autorelato, avaliações realizadas por juizes com base em dados de uma entrevista semi-estruturada e, ainda, relatos de amigos (Bartholomew & Horowitz, 1991, primeiro estudo).

---

[42] Embora já tenhamos encontrado na literatura portuguesa a tradução de "dismissing" por "desligado", preferimos o termo "desinvestido" O mesmo acontece com os termos "medroso", "receoso" ou "evitante com medo" para a tradução de "fearful", tendo optado pelo termo "amedrontado", por nos parecer mais em conformidade com o seu significado.

Para efeitos de avaliação da vinculação, os autores investiram no desenvolvimento de metodologias de observação da vinculação, mais especificamente na elaboração de dois questionários de autorelato e de duas entrevistas semi-estruturadas. O *Relationship Questionnaire* (*RQ*) consiste numa adaptação da medida de Hazan e Shaver, mas desta vez contemplando descrições dos aspectos mais relevantes dos quatro protótipos [ver Quadro 3 para uma comparação entre o instrumento de Bartholomew e Horowitz (1991) e o de Hazan e Shaver (1987)]. Os sujeitos respondem a *cada* um dos parágrafos numa escala contínua de 7 pontos, oferecendo-se, assim, a possibilidade, não apenas de um sujeito identificar aspectos de si próprio em mais do que um dos protótipos, mas também de ajustar a medida desta identificação.

Um segundo questionário – o *Relationship Scales Questionnaire*, *RSQ* - reúne 30 itens retirados dos parágrafos de Hazan e Shaver, da *Adult Attachment Scale* de Collins e Read (1990)[43] e, finalmente, dos parágrafos do próprio *RQ*, solicitando ao sujeito uma resposta numa escala de 5 pontos.

Para além deste questionário, é desenvolvida uma entrevista semi-estruturada (*Peer Attachment Interview*), cuja finalidade é justamente permitir aceder ao modo como o sujeito se relaciona com os outros em situações de proximidade emocional, sejam elas de amizade ou de relacionamento amoroso. Juízes independentes avaliam as respostas dos sujeitos de acordo com 15 dimensões, classificando igualmente os sujeitos nos quatro protótipos, recorrendo para ambas as situações a uma escala de 9 pontos. Uma outra entrevista, a *Family Attachment Interview*, centra-se nas relações de vinculação com a família de origem, sendo o procedimento de cotação semelhante ao da entrevista anterior, embora os conteúdos das dimensões avaliadas sejam

[43] Trata-se de uma escala elaborada a partir da decomposição dos parágrafos da medida de Hazan e Shaver (1987) em itens que será apresentada no Capítulo 4.

Quadro 3.
Comparação dos instrumentos de Bartholomew e Horowitz (1991) *e de Hazan e Shaver* (1987)[44]

Relationship Questionnaire	***Medida de Hazan e Shaver***
Seguro It is easy for me to become emotionally close to others. I am comfortable depending on them and having them depend on me. I don't worry about being alone or having others not accept me.	*Seguro* I find it relatively easy to get close to others and am comfortable depending on them [and having them depend on me]. I don't often worry about being abandoned or about someone getting too close to me.
Preocupado I want to be completely emotionally intimate with others, but I often find that others are reluctant to get as close as I would like. I am uncomfortable being without close relationships, but I sometimes worry that others don't value me as much as I value them.	*Ansioso/ambivalente* I find that others are reluctant to get as close as I would like. I often worry that my partner doesn't really love me or won't want to stay with me. I want to merge completely with another person, and this desire sometimes scares people away. [I want to get very close to my partner, and this sometimes scares people away]
Amedrontado I am uncomfortable getting close to others. I want emotionally close relationships, but I find it difficult to trust others completely, or to depend on them. I worry that I will be hurt if I allow myself to become too close to others.	*Evitante* I am somewhat uncomfortable being close to others. I find it difficult to trust them completely, difficult to allow myself to depend on them. I am nervous when anyone gets too close and often love partners want me to be more intimate than I feel comfortable being.
Desinvestido I am confortable without close emotional relationships. It is very important to me to feel independent and self-sufficient, and I prefer not to depend on others or have other depending on me.	

Nota. Entre parêntesis encontram-se modificações posteriores (Hazan & Shaver, 1990). No primeiro caso (estilo seguro), é omitida a afirmação que se encontra entre parêntesis; no segundo caso (estilo ansioso/ambivalente) a afirmação entre parêntesis passa a substituir a última afirmação.

[44] A opção pela não tradução para língua portuguesa dos excertos que constituem este parágrafo prende-se com a dificuldade sentida na tradução de alguns termos como por exemplo 'to depend on', ou 'to get close to others' , que em português assumem numa tradução literal sentidos conotados pejorativamente. Por outro lado, dado ser um instrumento largamente utilizado, o seu conhecimento na língua original e na íntegra permite uma asserção mais clara e mais próxima dos conteúdos avaliados.

adaptados às relações familiares[45].

Para além do desenvolvimento de instrumentos de medida da vinculação fiáveis, os objectivos deste primeiro estudo consistiam em (a) avaliar até que ponto os resultados em medidas dimensionais traduziriam as configurações esperadas de acordo com os protótipos; (b) verificar se medidas de conceito de si próprio diferenciavam os grupos com um modelo positivo acerca de si próprios daqueles que apresentavam um modelo negativo acerca de si próprios, e se uma medida de sociabilidade diferenciava, por sua vez, os grupos com um modelo positivo acerca dos outros daqueles com modelos negativos acerca dos mesmos; e finalmente (c) explorar a relação entre os protótipos e problemas interpessoais, esperando-se que os grupos com uma representação negativa acerca de si próprios tendessem a apresentar dificuldades associadas à passividade e à não assertividade, e aqueles com uma imagem negativa acerca dos outros tendessem a revelar dificuldades no processo de socialização e de construção da intimidade.

Numa amostra de 77 sujeitos, os resultados apoiam as expectativas, isto é, de um modo geral, os resultados, provenientes das diversas fontes e metodologias, evidenciam a existência de quatro protótipos, organizados de acordo com a intersecção das dimensões acima descritas, relativas ao modelo de si próprio e do outro. Para além disso, evidencia-se a utilidade da entrevista elaborada para a avaliação da vinculação aos pares, bem como se assiste, de um modo geral, à consistência de informações provindas de fontes diversas. De salientar, ainda, que os grupos contrastam entre si, de modo esperado, nas variáveis de conceito de si próprio e de sociabilidade, confirmando, segundo os autores a independência dos modelos acerca de si próprio e do outro. Ou seja, enquanto que os grupos preocupado e amedrontado revelam níveis baixos e

[45] Ambas as entrevistas serão descritas de forma detalhada no Capítulo 6, uma vez terem sido utilizadas no estudo empírico que esta dissertação apresentará, e estão disponíveis em anexo.

semelhantes de conceito de si próprio, eles distinguem-se na orientação face aos outros, uma vez que ao contrário do amedrontado, o grupo preocupado evidencia valores na sociabilidade semelhantes ao do grupo de sujeitos seguros. Por seu lado, enquanto que o grupo de sujeitos seguros não se distingue do de sujeitos desinvestidos em dimensões ligadas ao conceito de si próprio, ambos apresentam orientações diversas perante a sociabilidade, sendo que desta vez o grupo de desinvestidos se assemelha ao de amedrontados.

Por último, cada protótipo apresenta um padrão distinto e teoricamente consistente de dificuldades interpessoais, apoiando a validade predictiva dos instrumentos de medida. Com base no modelo circumplexo de Horowitz e colaboradores (Horowitz, Rosenberg, Baer, Ureno & Villasenor, 1988; Horowitz, Rosenberg, Ureno, Kalehzan & O'Halloran, 1989), o grupo desinvestido pontua essencialmente no octante relativo à distância e à frieza na relação com os outros, tanto a partir dos resultados do autorelato como do relato de amigos. O grupo preocupado, por sua vez, apresenta resultados elevados na expressividade exacerbada, que são igualmente confirmados pelos relatos de amigos. Estes, porém, avaliam igualmente os sujeitos no polo da dominância, caracterizado por resultados elevados nas escalas de competitividade e de autocracia. Este resultado poderá sugerir, segundo os autores que, muito provavelmente, embora estes sujeitos tendam a ser muito dependentes dos outros para a manutenção de uma imagem positiva, o modo como o fazem poderá estar associado a um estilo interpessoal dominador. O grupo amedrontado apresenta mais dificuldades na área da falta de assertividade e da inibição social, aspectos estes mais uma vez identificados tanto pelos próprios como por amigos. Finalmente, o grupo seguro, ainda que apresente uma pontuação mais elevada na dimensão afectuosidade, não evidenciou resultados muito elevados em nenhuma das dimensões do modelo circumplexo de problemas interpessoais referido. Neste sentido, os resultados do estudo evidenciam a associação dos estilos desinvestido e amedrontado a perfis de

personalidade distintos, apoiando a distinção teórica da autora.

Um segundo estudo empírico (Bartholomew & Horowitz, 1991, segundo estudo), para além de replicar os resultados do primeiro estudo acima descrito, procurou avaliar em que medida o modelo de vinculação proposto se aplica às relações de vinculação com a família de origem, explorando, igualmente, as associações entre a vinculação aos pares e à família. Para além disso, pretendeu examinar a contribuição diferencial da vinculação aos pares e à família na predição de dificuldades interpessoais, baseando-se mais uma vez no modelo circumplexo de Horowitz e colaboradores (Horowitz *et al.*, 1988; Horowitz *et al.*, 1989). Relativamente a este último aspecto, verifica-se que a vinculação aos pares contribui de forma independente para explicar uma parte considerável da variação entre os sujeitos no que respeita a dominância, enquanto que tanto a vinculação aos pares como à família explicam a variância entre os sujeitos da dimensão de afectuosidade. No que diz respeito aos primeiros objectivos, os resultados correlacionais entre os protótipos, tanto da vinculação à família como aos pares, apontam para a estrutura em 4 quadrantes, observando-se, mais uma vez, correlações negativas entre os protótipos diametralmente opostos, ou seja entre o seguro e o amedrontado e entre o desinvestido e o preocupado. Por último, apenas de acrescentar que se encontraram correlações significativas entre as classificações nos protótipos dos domínios da família e dos pares, ainda que a sua moderada magnitude aponte para a ausência de uma sobreposição, como já seria aliás de esperar.

Mais tarde, Bartholomew e colaboradores (Griffin & Bartholomew, 1994 a, b; Scharfe & Bartholomew, 1994) desenvolvem estudos que procuram testar a validade de constructo das dimensões constituídas pelo modelo acerca de si próprio e do outro, bem como avaliar a fiabilidade e a estabilidade dos padrões de vinculação. Deste modo, procuram reunir evidência empírica que ateste a capacidade do modelo para organizar e integrar a investigação sobre a vinculação no adulto.

Baseando-se nos dados recolhidos para efeito dos estudos anteriores, os autores demonstram, a partir de uma matrix de traço e de método múltiplos (*multitrait-multimethod matrix*, Campbell & Fiske, 1959) e da análise factorial confirmatória, a validade convergente e discriminante das dimensões representadas pelo modelo de si próprio e do outro (Griffin & Bartholomew, 1994a, primeiro estudo). Refira-se que os valores utilizados no cálculo das dimensões latentes resultam indirectamente das avaliações realizadas através de instrumentos de autorelato e através de juízes de entrevistas nos quatro protótipos referidos, não contemplando os instrumentos de Bartholomew medidas directas de avaliação do modelo de si próprio e do outro. Mais especificamente, o valor atribuído à dimensão 'modelo de si próprio' deriva do somatório dos valores obtidos nos protótipos considerados como tendo subjacentes um modelo positivo (o seguro e o desinvestido) e da subtracção daqueles que supostamente terão subjacentes um modelo negativo (o preocupado e o amedrontado). O valor da dimensão 'modelo do outro' resulta de uma operação idêntica, mas desta vez somando-se os valores dos protótipos seguro e preocupado, ou seja aqueles que representam um modelo positivo do outro, e prosseguindo-se com a subtracção dos restantes, o desinvestido e o amedrontado, precisamente os que representarão de forma negativa os outros. É, deste modo, da combinação entre os valores de todos os protótipos que se calculam as dimensões referidas. Como seria de esperar, as correlações entre dimensões supostamente idênticas avaliadas por métodos diferentes (neste caso o autorelato e a entrevista) são moderadamente elevadas (o que é indicativo da validade convergente), enquanto que aquelas correlações entre dimensões diversas ('modelo de si próprio' e 'modelo do outro'), ainda que avaliadas com o mesmo método, apresentam-se baixas (o que é indicativo da validade discriminante).

Para além deste procedimento, recorrem, ainda, à testagem do modelo de avaliação da vinculação através de equações estruturais, procurando avaliar a relação das dimensões latentes com medidas directas de conceito de si próprio e

de sociabilidade (Griffin & Bartholomew, 1994a; segundo estudo). Os resultados apontam, mais uma vez, no sentido previsto, embora de forma mais vincada do que seria de esperar. Ou seja, de facto a dimensão 'modelo de si próprio' aparece correlacionada de forma marcadamente elevada com uma variável latente que representa medidas de conceito de si próprio, não se correlacionando com a orientação interpessoal. A dimensão 'modelo do outro', por sua vez, apresenta uma correlação muito elevada com a variável latente orientação interpessoal, e não se correlaciona com a do conceito de si próprio. Em todo o caso, os autores alertam para o facto de as medidas de estima de si próprio e de sociabilidade não poderem ser confundidas com aquelas que avaliam as dimensões consideradas, devendo apenas ser consideradas como algumas das variáveis que contribuem para a sua definição. Esta estrutura replica, quando se testam isoladamente cada um dos métodos, sendo apenas de notar que os relatos de amigos não parecem ser bons preditores do conceito de si próprio dos sujeitos (Griffin & Bartholomew, 1994a).

Finalmente, os autores (Griffin & Bartholomew, 1994a; terceiro estudo) procuram explorar em que sentido medidas alternativas de avaliação de vinculação (como as de Simpson (1990), Collins e Read (1990) e de Mikulincer e colaboradores (Mikulincer *et al.*, 1990; Mikulincer & Nachshon, 1991) se relacionam com as dimensões representadas pelo modelo de si próprio e do outro. Desta feita, os autores utilizam uma amostra constituída por pares amorosos heterossexuais em relações consideradas estáveis (mínimo de duração da relação de dois anos) e testam a estrutura separadamente para homens e mulheres. Se bem que nas mulheres os dados obtidos são semelhantes aos dos estudos anteriores, evidenciando mais uma vez a validade convergente e discriminante das dimensões, nos homens verifica-se que a dimensão 'modelo de si próprio' não é avaliada de forma consistente pelos três métodos utilizados (ou seja, pelo questionário de auto relato, pela entrevista de vinculação aos pares e pelo relato do parceiro amoroso). Mais, quando estes

indicadores são correlacionados com uma medida de estima de si próprio, recolhida oito meses mais tarde, verifica-se que as descrições dos parceiros amorosos não são preditivas da estima de si próprio do companheiro. Este resultado, que os autores são prudentes a interpretar, poderá resultar, segundo os mesmos, de flutuação aleatória, de uma distorção sistemática nas percepções das mulheres relativamente ao modelo de si próprios dos seus companheiros, ou da dificuldade destes últimos em revelarem aspectos relativos aos julgamentos que fazem de si próprios.

Relativamente às associações entre as dimensões e medidas alternativas, verifica-se que o 'modelo de si próprio' e o 'modelo do outro' predizem largamente os resultados obtidos em cada uma das escalas das medidas de vinculação administradas.

Muito embora o conjunto de estudos conduzidos apoiem a validade de constructo das dimensões do modelo de Bartholomew, servindo, como era sua intenção, muito provavelmente para organizar a investigação na área da vinculação do adulto, os autores não sugerem, de modo algum, o abandono dos padrões de vinculação em favor das dimensões latentes (Griffin & Bartholomew, 1994a, b). Mais, clarificam que se os modelos de si próprio e do outro dizem respeito a orientações gerais, os padrões de vinculação caracterizam-se por *estratégias* distintas na procura e na manutenção de um sentido de segurança pessoal. Cada padrão torna-se, assim, uma configuração prototípica de regulação das respostas emocionais e dos comportamentos interpessoais, configuração essa que nem sempre é susceptível de ser apreendida a partir de combinações lineares das dimensões latentes[46].

No que concerne a avaliação da estabilidade da vinculação, Scharfe e

[46] Ainda no sentido de avaliar em que medida os padrões acrescentam valor preditivo para além de valor interpretativo, Griffin e Bartholomew (1994b) verificam que particularmente numa amostra masculina, os padrões, por comparação com as dimensões latentes, predizem melhor a satisfação relacional.

Bartholomew (1994) obtêm valores elevados de estabilidade tanto dos padrões como das dimensões latentes, por um período de tempo de oito meses, tendo sido os padrões uma vez mais avaliados a partir de diferentes métodos e com recurso a diversas fontes. As autoras chamam, ainda, a atenção para o facto de medidas categoriais de resposta forçada dificultarem a avaliação da consistência interna, e não permitirem com rigor o cálculo da verdadeira estabilidade, tendo ainda que ser tomadas em conta as linhas de base previstas para cada padrão.

3.5. Histórias desenvolvimentais e protótipos de vinculação

Muito embora os estudos de Bartholomew e colaboradores realizados até a data não se debrucem directamente sobre as razões, nomeadamente da história desenvolvimental dos sujeitos, para a existência de estratégias prototípicas distintas de regulação da segurança percebida, o mesmo é dizer dos padrões de vinculação, já em 1990 Bartholomew havia adiantado algumas das explicações possíveis. Sem assumir um caracter determinista das relações de vinculação na infância para o desenvolvimento futuro, a autora especula, no entanto, acerca das condições familiares que poderão ter contribuído para as diferentes organizações prototípicas, a par das experiências ocorridas ao nível dos pares e de outros contextos ao longo do ciclo de vida.

Na tentativa de compreender as razões do evitamento no adulto, Bartholomew (1990) começa por analisar os comportamentos de evitamento manifestados pelas crianças classificadas como evitantes na *Situação Estranha*, referidos na literatura. A sua hipótese é a de que, ao contrário das interpretações que sugerem que as crianças evitantes não têm necessidade ou desejo de proximidade física, estas crianças apresentam necessidades de vinculação e o seu comportamento não é mais do que uma resposta adaptativa a condições relacionais difíceis. Embora os dados empíricos não sejam sempre consistentes, a confirmar esta hipótese estão, por exemplo, resultados que apontam para o facto de estas crianças expressarem no contexto de casa comportamentos de

irritação dirigidos às suas mães[47], não apresentarem uma desacelaração do ritmo cardíaco após situações de reunião com as mães, e serem avaliadas em idade pré-escolar pelos professores como dependentes (Bartholomew, 1990).

A autora recorda as explicações desenvolvidas por Main (1981; Main & Weston, 1982), que sublinha o caracter adaptativo dos comportamentos de evitamento em face das particularidades do relacionamento com as figuras de vinculação, como já desenvolvemos em ponto anterior[48]. A primeira explicação refere que o evitamento poderá desempenhar uma função de sinal, na medida em que inibe a expressão de necessidades de vinculação que poderiam originar manifestações de hostilidade, de rejeição ou de afastamento por parte da figura de vinculação. A segunda explicação centra-se nos sentimentos de irritação e revolta, originados por separações da figura de vinculação, e que o sujeito não ousa exprimir, pelo medo do efeito negativo que estes possam surtir junto das figuras de vinculação. Deste modo, opta pela manifestação do evitamento que, de algum modo, poderá camuflar outro tipo de respostas emocionais, assegurando, mais uma vez a manutenção da relação com a figura de vinculação.

Bartholomew fornece uma terceira explicação que concebe o evitamento como uma tentativa de manter a organização e a flexibilidade comportamental perante um conflito irresolúvel de aproximação-evitamento. A procura de

---

[47] Note-se que, em laboratório, estas crianças tendem a demonstrar uma reduzida expressividade emocional. Segundo Bowlby (1982), este tipo de manifestações comportamentais como a irritação deve ser entendido como um comportamento de protesto cuja finalidade é precisamente aumentar a proximidade com a figura de vinculação.

[48] Note-se que, como já salientámos anteriormente, o facto de se considerar que os comportamentos de evitamento poderão ser adaptativos face aos comportamentos das figuras de vinculação, não significativa que uma estratégia de minimização das emoções não exerça efeitos negativos em outros contextos, nomeadamente sobre o relacionamento com os pares e a adaptação psicossocial.

proximidade provocada por situações ameaçadoras para a criança é boicotada pela figura de vinculação através da rejeição do contacto físico. Na tentativa de procurar uma resposta para as suas necessidades de vinculação, a criança vê-se confrontada com uma figura que é perigosa e proibida (dangerous and forbidden). Esta situação geradora de ansiedade faz activar novamente o sistema de vinculação, assistindo-se a um processo que a autora descreve como um círculo de retroacção positivo auto-perpetuante (*self-perpetuating positive feedback loop*). À criança só lhe resta desviar a atenção da figura de vinculação, de modo a evitar o conflito com a mesma e a não ter de se confrontar com níveis intoleráveis de ansiedade e de desorganização comportamental [49].

Se repararmos, qualquer uma das interpretações do comportamento de evitamento remete paradoxalmente para a necessidade de proximidade e de vinculação da criança à figura cuidadora. A criança, segundo estas explicações, não é evitante, no sentido literal do termo, no sentido de que não deseja ou não tem necessidade de proximidade física e emocional, mas é evitante no sentido em que não arrisca (ou evita) interacções comportamentais que, provavelmente pela sua experiência, lhe fazem prever a forte probabilidade de diminuição ou até perda da proximidade da figura de vinculação. Neste sentido, esta estratégia comportamental permite à criança manter a proximidade suficiente para assegurar a protecção.

De qualquer modo, se é possível supor uma história de rejeição ou de ausência psicológica das figuras de vinculação durante a infância das crianças ditas evitantes, no adulto é possível diferenciar (pelo menos[50]) duas formas distintas de resolução das necessidades de vinculação. No caso dos sujeitos amedrontados, muito provavelmente a interacção com figuras rejeitantes poderá

---

[49] "The only solution is to shift attention away from the attachment figure altogether, i.e. to practice avoidance." (Bartholomew, 1990, pp. 156-157)

[50] A introdução das palavras 'pelo menos' deriva do facto de se considerar a questão da quantidade de estilos de vinculação em aberto. Retomaremos esta questão no Capítulo 4.

ter levado a criança a desenvolver a representação de que ela própria não seria merecedora de atenção e de cuidados. Segundo a autora, muito provavelmente, as figuras de vinculação terão expresso abertamente emoções negativas em frente às crianças e dirigidas a elas mesmas, de modo a provocar o evitamento do conflito interpessoal. Neste sentido, muito embora enquanto adultos estes sujeitos desejem a intimidade com outros, simultaneamente exibem comportamentos de evitamento, pelo medo de rejeição daqueles em quem aprenderam a não confiar. Segundo a autora, este padrão poderá corresponder no seu extremo à *personalidade evitante* classificada no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* da Associação de Psiquiatria Americana.

O padrão desinvestido parece traduzir, na opinião da autora, "uma estratégia mais complexa em que as necessidades de vinculação são negadas, ou de acordo com Bowlby, o sistema de vinculação é desactivado." (Bartholomew, 1990, p. 164). Aparentemente, a forma encontrada para lidar com a rejeição terá sido o desvio da atenção da figura de vinculação e o desenvolvimento de uma imagem acerca de si próprio como não vulnerável a sentimentos negativos que possam justamente conduzir à activação do sistema de vinculação. Ao contrário das figuras de vinculação de sujeitos amedrontados, a autora refere que possivelmente estas inibem ou até punem a expressão de emoções, distanciando-se afectivamente das suas crianças, e conduzindo a uma negação defensiva dos sentimentos. Simultaneamente, poder-se-á igualmente ter assistido a uma sobrevalorização parental da realização escolar e académica do sujeito em desfavor do seu envolvimento social. Daí que o sujeito passe a centrar-se em aspectos da sua vida que não impliquem a relação com os outros, como poderá ser a dedicação exclusiva a questões profissionais.

Enquanto que, no primeiro caso, parece estarmos a assistir a um evitamento activo, uma vez que os sujeitos reconhecem necessidades de vinculação, no segundo caso, parece tratar-se de um evitamento passivo, já que os sujeitos desvalorizam a importância das relações interpessoais na sua vida.

No limite, o padrão de vinculação desinvestido poderá corresponder, segundo Bartholomew (1990) à *personalidade esquizoide*.

Por seu lado, à semelhança do proposto por outros autores, Bartholomew (1990) sugere que muito provavelmente os sujeitos avaliados como preocupados deverão ter tido na sua história desenvolvimental experiências de vinculação marcadas pela inconsistência da responsividade e da sensibilidade das figuras parentais. Neste sentido, a criança poderá ter desenvolvido a representação de que ela própria será a razão das oscilações de afecto parental, desenvolvendo um esforço contínuo para agradar ao outro e obter a sua aprovação e afecto.

Finalmente no que toca aos sujeitos classificados como seguros, estes terão tido ao longo do seu desenvolvimento experiências relacionais pautadas pela responsividade e pela sensibilidade das figuras significativas perante as suas necessidades de vinculação.

No que diz respeito à interacção com os pares, é suposto que estas tenham de algum modo confirmado as representações adquiridas anteriormente no contexto familiar.

Em síntese, o modelo proposto por Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) organiza-se em torno da positividade e da negatividade de duas dimensões latentes, representadas pelo modelo de si próprio e pelo modelo do outro, supostamente subjacentes aos modelos internos dinâmicos. Da intersecção entre estas duas dimensões resultam quatro padrões de vinculação - *seguro, preocupado, amedrontado e desinvestido* - , conceptualizados enquanto estratégias prototípicas de regulação emocional e de comportamento interpessoal em situações de proximidade afectiva. Os estudos realizados confirmaram uma estrutura bi-dimensional na organização representacional da vinculação no adulto, evidenciando, de um modo geral, a convergência e a fiabilidade de diferentes métodos na avaliação dos protótipos.

4. Integração de perspectivas: comunalidades e diferenças

Ao longo deste capítulo apresentámos três abordagens distintas que, partindo dos pressupostos básicos da teoria da vinculação, projectaram a reflexão teórica e a investigação empírica para o domínio do jovem e do adulto. Desde então, o interesse científico na aplicabilidade da teoria da vinculação para a compreensão das relações interpessoais e do desenvolvimento da identidade na idade adulta tem vindo a manifestar-se de forma muito acentuada, multiplicando-se as investigações que assentam numa perspectiva de ciclo de vida e que assumem a vinculação como um processo contínuo que não termina após a infância, mas que se estende ao longo de toda a vida humana.

Se as abordagens partiram de definições operacionais distintas do constructo de vinculação, é certo que na definição das tipologias a influência do pensamento imposto pelo sistema de classificação de Ainsworth relativamente à infância é dominante. São reveladores o entusiasmo e o empenho colocados na observação de paralelos entre a infância e a idade adulta ao nível da organização categorial das diferenças individuais, como forma de evidenciar o sentido da aplicação da teoria da vinculação numa perspectiva de ciclo vital. O Quadro 4 apresenta a correspondência entre as categorias avaliadas pelos vários sistemas de classificação, pese embora a consideração de que existem diferenças substantivas não apenas nos contructos avaliados como também nas metodologias utilizadas para esse fim, como já salientámos anteriormente.

Sem desvalorizar o papel desempenhado por cada uma das contribuições no impulso dado à investigação empírica, importa sublinhar que uma parte significativa da mesma dedicou uma excessiva atenção à identificação dos estilos de vinculação no adulto por importação do modelo de Ainsworth e colaboradores, sem atender às especificidades desenvolvimentais da idade adulta, perpetuando a asserção tácita de uma linearidade estrutural entre a infância e a idade adulta,

aspecto que desenvolveremos no capítulo seguinte.

Mas das abordagens apresentadas destaca-se desde logo um denominador comum, designadamente a ênfase colocada em aspectos *representacionais* da organização da vinculação. De facto, se nos estudos sobre a infância tem vindo a predominar a avaliação dos *comportamentos* de vinculação a partir da *Situação Estranha* e de metodologias que dela derivaram, a partir da adolescência o foco de avaliação tem-se centrado nos modelos construídos acerca de si próprio e dos outros com base na história das interacções com figuras significativas. Todavia, ainda que nem sempre se encontrem explicitadas as diferenças entre as abordagens referidas, dando aso inevitavelmente a sobreposições precipitadas de conceitos, importa clarificar o que cada uma entende por vinculação.

Quadro 4.

Tipologias na organização da vinculação no adulto

Bowlby, 1973	Main, Kaplan & Cassidy, 1985	Hazan & Shaver, 1987	Bartholomew & Horowitz, 1991
seguro	seguro-autónomo	seguro	seguro
prestação de cuidados compulsiva	preocupado-aglutinado	ansioso-ambivalente	preocupado
		evitante	amedrontado
autoconfiança compulsiva			
	desligado		desinvestido
desvinculação emocional			

Comecemos por Main e colaboradoras que propõem a avaliação das memórias autobiográficas relativamente aos acontecimentos ocorridos em torno

do relacionamento familiar na infância e o papel atribuído aos mesmos no desenvolvimento da personalidade. Se bem que a entrevista utilizada procure criar condições para a descrição das experiências mais relevantes na história de vida do sujeito, o foco da avaliação privilegia, mais do que os conteúdos ou descrições "objectivas", a *forma* como as narrativas são apresentadas. Isto é, as representações da vinculação são antes de mais reconstruções contínuas do passado à luz das novas experiências com que o sujeito se vai defrontando. Neste sentido, uma vinculação segura revela-se na *capacidade narrativa* de produzir um discurso que integre de forma consistente e coerente os acontecimentos de vida mais significativos, por mais desfavoráveis ou contraditórios que eventualmente possam ter sido. Dito de outro modo, a organização da vinculação no adulto traduz-se na capacidade de *dar sentido e coerência* à história de vida pessoal.

E é por isso mesmo que é precipitado do ponto de vista teórico sugerir uma relação directa entre as experiências afectivas que os pais tiveram na infância e o modo como exercem o seu papel de figuras cuidadoras dos seus próprios filhos. Esta relação será sempre mediada pela diversidade de experiências que potencialmente iniciaram processos de revisão e de actualização das asserções tácitas construídas em relações anteriores, conduzindo à atribuição de novos significado(s).

Mas se Main se propõe avaliar o *modo* como o sujeito organiza as suas memórias autobiográficas no que respeita às relações com as figuras parentais na infância, Hazan e Shaver centram-se no domínio das relações amorosas e em particular na identificação dos *conteúdos organizadores* dos estilos de vinculação. Ou seja, as diferenças individuais resultam de variações na organização funcional do sistema de vinculação que envolvem processos de regulação emocional e comportamental. Se no primeiro caso a avaliação depende em larga medida da capacidade do juiz para avaliar as (in)consistências e (in)coerências do discurso produzido, inferindo a existência de um modelo singular *versus* a coexistência de

modelos múltiplos (Main, 1991, 1999), no segundo caso a avaliação depende em exclusivo das representações explícitas e conscientes que os sujeitos construíram em torno das suas experiências relacionais. Dito de outro modo, a linha de Main define a segurança a partir da *coerência discursiva*, e a linha de Hazan e Shaver a partir da intersecção entre a *ansiedade* e o *evitamento*. Ou seja, no primeiro caso, um indivíduo seguro é aquele que é capaz de construir uma narrativa internamente consistente, coerente e credível acerca da história do relacionamento com as figuras parentais; no segundo caso, um indivíduo seguro é aquele que se sente confortável na procura de apoio e da proximidade física e emocional do outro, sem evidenciar uma ansiedade exacerbada relativamente à possibilidade da sua perda ou de ser abandonado.

É obvio que, se em qualquer das situações não é de excluir a possibilidade de interferência de mecanismos que distorçam as representações, como por exemplo a idealização, é suposto que a metodologia da entrevista permita a um avaliador bem treinado a detecção dos processos subjacentes à construção das narrativas, aspecto que não é de todo possível avaliar a partir dos instrumentos de autorelato quando utilizados isoladamente.

Finalmente, Bartholomew desenvolve um modelo de avaliação da vinculação que, em nossa opinião, articula de forma integrada as propostas de Main e de Hazan e Shaver. A autora defende que subjacente à grande maioria dos procedimentos de avaliação da vinculação amorosa no adulto, se encontram duas dimensões representadas pelos modelos de si próprio e do outro que organizam, a um nível profundo e tácito, as respostas a duas questões essenciais para o sentido de segurança pessoal: "Serei capaz de desencadear no meu companheiro respostas às minhas necessidades de segurança e de protecção? Serei susceptível de ser amado(a)? e Será que posso confiar no meu parceiro para estar disponível e ser responsivo? (Bowlby, 1973). Estas dimensões não são directamente avaliadas, mas antes inferidas a partir dos resultados obtidos em medidas que classificam os sujeitos em padrões de vinculação, sendo que

apresentam correlações fortes com outras variáveis relativas ao modelo de si próprio e do outro. E neste sentido, é importante clarificar que Bartholomew não faz equivaler os estilos de vinculação ao resultado do somatório entre o modelo de si próprio e o modelo do outro. Ou seja, à semelhança de Hazan e Shaver, os estilos de vinculação dizem respeito a *padrões prototípicos de regulação das respostas emocionais e de comportamento interpessoal*[51]. Todavia, é justamente no sentido de se aproximar do sistema de regras em que assentam as estratégias de regulação emocional e interpessoal, que Bartholomew desenvolve no plano dos dispositivos metodológicos de observação e à semelhança de Main, entrevistas semi-estruturadas que permitem aceder ao modo como os indivíduos dão sentido às suas experiências. Note-se que também estas permitem a avaliação de dimensões *estruturais* das narrativas, a par de dimensões de *conteúdo*. Mas se as produções discursivas variam em termos da coerência imposta na organização dos acontecimentos, é igualmente possível detectar nos protótipos de vinculação propostos por Bartholomew uma determinada coerência interna, que se traduz, em nossa opinião, numa maneira particular de atingir um equilíbrio entre a necessidade de individualidade e a necessidade de ligação, variável na sua estabilidade consoante a segurança da vinculação. E neste sentido destacamos o contributo oferecido pela autora para o aprofundamento do conceito de evitamento que toma em conta não apenas a especificidade das histórias familiares e desenvolvimentais, mas também a plasticidade do indivíduo no desenvolvimento de recursos individuais para a adaptação humana.

Finalmente, a combinação de métodos quantitativos e qualitativos numa estratégia compreensiva de recolha de dados, o recurso a diferentes fontes para a avaliação da vinculação e a utilização de técnicas confirmatórias que exigem

---

[51] Note-se, porém, que se tecnicamente os estilos de vinculação dizem respeito a padrões de comportamento e de regulação emocional supostamente observáveis, muitas vezes eles são confundidos na literatura com as estruturas de conhecimento ou modelos internos dinâmicos que lhes subjazem, sendo por vezes as designações de 'estilos de vinculação' e 'modelos mentais' utilizados no mesmo sentido.

que se tomem decisões baseadas na teoria acerca de questões de medida constituem aspectos que acrescentam valor ao modelo de Bartholomew.

Capítulo 3
Controvérsias actuais no estudo da vinculação

No capítulo anterior procurámos desenvolver três abordagens conceptuais distintas que ofereceram contributos de relevo para o aprofundamento da teoria da vinculação, tanto do plano da elaboração conceptual como no plano metodológico, aplicando-a a importantes processos do desenvolvimento do jovem e do adulto. Para além disso, analisámos as comunalidades e as diferenças entre estas abordagens, por forma a garantir um maior rigor conceptual na leitura da investigação empírica que, desde então, assistiu a um incremento verdadeiramente notável.

Permanece, todavia, a necessidade de se proceder à discussão de algumas questões que resultam, por um lado, de leituras divergentes das proposições enunciadas pela teoria da vinculação, por outro, do confronto com perspectivas recentes do desenvolvimento humano, e finalmente, da integração de importantes transformações na organização social.

Este capítulo pretende, assim, identificar e discutir algumas das questões mais controversas que atravessam actualmente o debate teórico, guardando-se aquelas do foro metodológico para o capítulo seguinte. Destacaremos a natureza disposicional *vs* relacional do constructo da vinculação e a organização hierárquica dos modelos internos dinâmicos, a envolvência ecológica das relações da vinculação, a continuidade dos processos de vinculação e, finalmente, a estabilidade *vs* mudança das estruturas de vinculação e a noção de coerência sistémica.

1. A natureza do constructo de vinculação

1.1. Vinculação: disposição interna ou constructo relacional?

Uma primeira questão que merece ser discutida do ponto de vista teórico, e que tem obviamente implicações no plano empírico, é aquela que opõe uma perspectiva disposicional ou intrapsíquica da vinculação a uma perspectiva relacional ou intersubjectiva da vinculação. Dito de um modo simples, trata-se de nos interrogarmos se serão os *sujeitos* que são seguros ou as *relações* que são seguras?

A primeira posição está enraizada em concepções mais tradicionais do desenvolvimento psicológico em geral, e do conceito de personalidade em particular, que assumem a existência de determinados traços ou disposições internas, estáveis no tempo e consistentes transsituacionalmente. Ou seja, independentemente das características particulares das relações em causa, os indivíduos manifestariam um elevado grau de consistência, expressa a partir de um conjunto diversificado de comportamentos e acções[1], funcionalmente equivalentes e com continuidade temporal. No seu extremo, estas perspectivas remetem para um *paradigma mecanicista* do funcionamento humano e traduzem um modelo estático e estagnador do desenvolvimento. Muito embora não explicitando de forma clara as suas posições epistemológicas, uma parte substancial das investigações realizadas, muito especialmente no domínio da infância, recorre a modelos de medida de diferenças individuais que consideram a vinculação como traço responsável pela consistência comportamental ao longo

[1] É suposto um mesmo traço se exprimir a partir de uma variedade de comportamentos, e não se traduzir apenas num comportamento (princípio da agregação) (Simões, 1999). Aliás, esta questão é tanto mais importante quanto nos remete para a necessidade de determinar conjuntos de comportamentos funcionalmente equivalentes ao longo de diferentes etapas desenvolvimentais do ciclo vital. A esta questão volveremos mais tarde.

do tempo e de diferentes situações (Waters, 1981)[2].

A segunda posição procura dar conta da importância dos aspectos contextuais no desenvolvimento dos sujeitos e, em particular, da especificidade das características relacionais e das características do(s) parceiro(s), assumindo a circularidade das interacções e a sua síntese num todo organizado. Neste sentido, não seria possível compreender os sujeitos sem compreender o(s) sistema(s) relacional(ais) (e outros mais alargados) em que estes participam. Embora os seus defensores mais uma vez não o explicitem, trata-se de uma posição assente num *paradigma sistémico e cibernético* (Bertalanffy, 1969), que concebe o desenvolvimento como resultando de uma interacção contínua e dinâmica entre o sujeito e o seu ambiente, regido segundo princípios de autoregulação e, por isso mesmo, aberto à construção de novos equilíbrios, ou seja susceptível de transformação.

Se bem que ambas as perspectivas se baseiem em concepções distintas do desenvolvimento humano e da mudança psicológica, guardaremos a discussão acerca destes aspectos em concreto para mais tarde, quando abordarmos o tema da continuidade temporal, ficando-nos agora pela questão da transversalidade situacional, ou da continuidade transsituacional.

No domínio da vinculação no jovem e no adulto, Kobak (1994) é talvez o mais acérrimo defensor de uma perspectiva relacional da vinculação. Este autor afirma que o modo tradicional de avaliar o sistema da vinculação com base no conceito de segurança percebida encerra em si mesmo uma concepção

---

[2] Registe-se, contudo, a preocupação de diversos autores, muito particularmente no que diz respeito aos jovens e adultos, em reconhecer a impossibilidade da avaliação da direcção das causalidades observadas por via de estatísticas correlacionais. Neste sentido, a variável vinculação não assume o estatuto de variável independente que influencia a qualidade do relacionamento, nem está implícita nenhuma causalidade linear, como tradução de um modelo assente em traços estáveis e consistentes.

intrapsíquica da vinculação, abstraindo-a do seu contexto relacional. Propõe, em alternativa, a acessibilidade relativamente a uma determinada figura de vinculação como objecto de avaliação de eleição, por forma a assegurar o caracter dinâmico do sistema de vinculação. Reagindo à proposta organizacional de Sroufe e Waters (1977;), Kobak afirma:

> "Both terms[3] miss the central point that the attachment system functions to monitor and maintain access to actual attachment figures in actual relationships. Both Bowlby's and Ainsworth's assessments were guided by the notion that the attachment system is context sensitive and may operate with varying levels of activation in accord with changing situational demands. Assessment of attachment must always take context into account – a point that the term *need* seems to miss. The notion that the set goal of the attachment system is felt security rather than access to an attachment figure also takes attachment out of the relationship context and causes conceptual problems." (Kobak, 1994, pp. 42-43)

O próprio conceito de *modelos internos dinâmicos*[4] reenvia, segundo o mesmo autor, para a natureza múltipla e diversificada da vinculação, de acordo com a sua especificidade relacional. Supostamente, estes modelos poderão operar em diferentes contextos, e a sua redução a um estilo de personalidade único equivaleria a ignorar a complexidade da personalidade.

Mais, a tendência a considerar a vinculação como um constructo da personalidade seria, em larga medida, o resultado da utilização abusiva do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*, em que muitos investigadores trataram a variável como um precursor da personalidade da criança, menosprezando os aspectos relacionais. Salvaguarda, no entanto, o autor, o facto de Ainsworth não estar originalmente orientada para uma perspectiva tipológica da vinculação, mas muito mais para a observação da interacção

[3] O autor refere-se aos termos "'needs" e "felt security".

[4] Refira-se que Kobak ao longo dos seus artigos toma preferência, embora nem sempre o explicitando, pela designação abreviada de *modelos dinâmicos* justamente pelo caracter intrapsíquico expresso no termo *internos*.

comportamental entre mães e bebés, procurando identificar regularidades ou padrões entre os comportamentos de prestação de cuidados das mães e os comportamentos de vinculação e de exploração dos filhos, em contexto natural. Só mais tarde, e a partir da vasta informação que foi recolhendo nas casas onde as famílias habitavam, se preocupou em desenvolver um dispositivo laboratorial que permitisse uma avaliação rápida e eficaz da vinculação nas crianças. Aliás, numa entrevista dada em 1995, a própria autora refere que este dispositivo não teria qualquer validade, caso não tivesse assente nas extensas observações em casa dos sujeitos, e critica, a par de outros autores, o uso excessivo da *Situação Estranha* em desfavor do trabalho de campo (Ainsworth & Marvin, 1995; Waters, 1981).

Também Lewis (1994) tece uma crítica severa à teoria da vinculação, alertando para os riscos inerentes à concepção de vinculação enquanto traço na desresponsabilização das estruturas sociais para a compreensão e transformação dos comportamentos individuais:

> "...it stands a chance of becoming a justification for looking to the individual, rather than to social structures, values and needs, as an explanation for concurrent behavior or as a prediction for subsequent behavior" (Lewis, 1994. p. 48).

Mas a reacção de Kobak às propostas conceptuais de Sroufe e Waters (1977) não parece, em nossa opinião, atender à complexidade da perspectiva etológica-organizacional que estes autores defendem. Recorde-se que já em 1981, Waters sublinhava a importância da contribuição de Ainsworth, e nomeadamente dos conceitos de equilíbrio entre a vinculação e a exploração e de base segura, especialmente na atenção dada aos aspectos contextuais e à integração de componentes afectivas. Aliás, com base no modelo sistémico de Bishof (1975) do equilíbrio vinculação-exploração, Waters (1981) refere:

> "(...) the model specifies that the infant´s attachment behaviors are complexly influenced in a

coordinated manner by features of the social and nonsocial environment and by the structure of the attachment behavioral system." (Waters, 1981, p. 633)

Todavia, de acordo com esta perspectiva, considera-se a existência de uma base estrutural que diz respeito, por um lado, ao sistema comportamental da vinculação, e por outro lado, à história de interacções entre o sujeito e a figura de vinculação [5].

Recorde-se que Bowlby (1969/91) considera que durante os dois primeiros anos de vida o padrão de vinculação evidenciado pela criança traduz de forma mais evidente a interacção entre a mesma e a figura de vinculação e poderá, assim, de algum modo, ser considerado uma propriedade da díade relacional. No entanto, à medida que a criança vai crescendo e se movimentando num espaço relacional mais vasto, a sua experiência vai-se organizando em torno de esquemas afectivos e cognitivos cada vez mais complexos e sofisticados, que se tornam cada vez mais abstractos e menos dependentes dos aspectos particulares de cada relação.

É também neste sentido que se enquadra a proposta de Allen e Land (1999) que defendem a existência de uma estrutura de organização da vinculação superordenada (*single overarching attachment organization*), que supostamente emergirá durante a adolescência com o desenvolvimento das operações formais ao nível cognitivo e que resulta de uma síntese dos diferentes modelos construídos com diferentes figuras de vinculação ao longo da infância. A emergência de uma maior capacidade de diferenciação de si próprio relativamente aos outros permite ao adolescente ir consolidando uma imagem de

---

5 "According to the ethological-organizational point of view, however, there is a structural basis for attachment and it does reside within each individual. But it is not the attachment per se, and it does not completely define a relationship. What resides within the infant is the attachment behavioral system that mediates attachment behavior and a store of experience built up during interaction with the adult in question. Attachment figures are defined as those with respect to whom the attachment behavioral system can function." (Waters, 1981, p. 636)

si cada vez menos dependente de determinados relacionamentos e figuras, ou seja, mais consistente ao longo de diferentes situações. Por outro lado, o adolescente está também mais capaz de reflectir sobre as suas relações de vinculação, designadamente as parentais, e de reconhecer a importância do seu papel na transformação das mesmas. Neste sentido, a organização da vinculação no adolescente e no adulto daria lugar a uma estratégia integrada de abordagem das relações de vinculação, altamente preditiva das relações de vinculação no futuro.

De facto, por oposição com a infância, os jovens e os adultos, não só se movem num mundo relacional bastante mais vasto e diversificado, o que lhes permite fazer novas aprendizagens acerca de si e da natureza das relações de proximidade, como também se confrontam, de forma mais notória, com a tarefa de integração de relações passadas. E sublinhe-se que a questão não é apenas a da diversidade e da multiplicidade de figuras ou a da sua organização hierárquica (Ainsworth, 1982); a questão é mais do modo como as diferentes experiências de vinculação contribuem para o sentido de segurança pessoal do indivíduo, de que forma se espelham no modo como este está em diferentes contextos, e de como aquelas se configuram num todo coerente e único, ainda que sujeito a transformações, ao longo do ciclo de vida. Se quisermos, trata-se de compreender as configurações pessoais dos processos de construção de significados que permitem ao indivíduo ter um sentido de unicidade e de continuidade temporal ao longo do ciclo de vida (Guidano 1987).

1.2. A organização hierárquica dos modelos de vinculação

A proposta de Collins e Read (1994) para a organização dos modelos internos dinâmicos no adulto serve bem para integrar alguns dos elementos contidos nas propostas anteriores. Os autores propõem que os modelos internos dinâmicos incluem quatro componentes relacionadas entre si: (a) memórias das

experiências relacionadas com a vinculação; (b) crenças, atitudes e expectativas acerca do *self* e dos outros em relação à vinculação; (c) objectivos e necessidades relacionadas com a vinculação, e (d) estratégias e planos associados com o atingir os objectivos da vinculação.

Estes autores sugerem que as representações da vinculação no adulto se organizam a partir de uma rede hierarquizada de modelos que se apresentam interligados entre si a partir de elementos comuns, permitindo uma maior flexibilidade na regulação das necessidades de vinculação (Figura 2). Enquanto que no topo da rede se encontram modelos mais globais e que se adequam a uma diversidade de situações, nas extremidades situam-se os modelos que dizem respeito a determinadas relações em particular. Por sua vez, a natureza integrativa dos primeiros não lhes permite responder de forma tão eficaz como os últimos que têm mais facilmente acesso às especificidades de determinados relacionamentos.

A complexidade da estrutura da rede de modelos é determinada pela quantidade de elementos da rede (tamanho da rede), pela relação entre os mesmos (densidade da rede), pelo grau de elaboração e diferenciação dos modelos e, finalmente, pela qualidade e diversidade das experiências de vinculação. Neste sentido, é suposto que os modelos construídos em torno da relação com figuras principais de vinculação (como é o caso dos pais na infância e dos companheiros amorosos na idade adulta) sejam mais elaborados e diferenciados, desempenhando um papel central na organização da rede. Muito embora se assista a uma relação dinâmica e interdependente entre os modelos mais gerais e aqueles que vão sendo construídos por via de experiências novas, a influência dos primeiros sobre os segundos estará sempre presente.

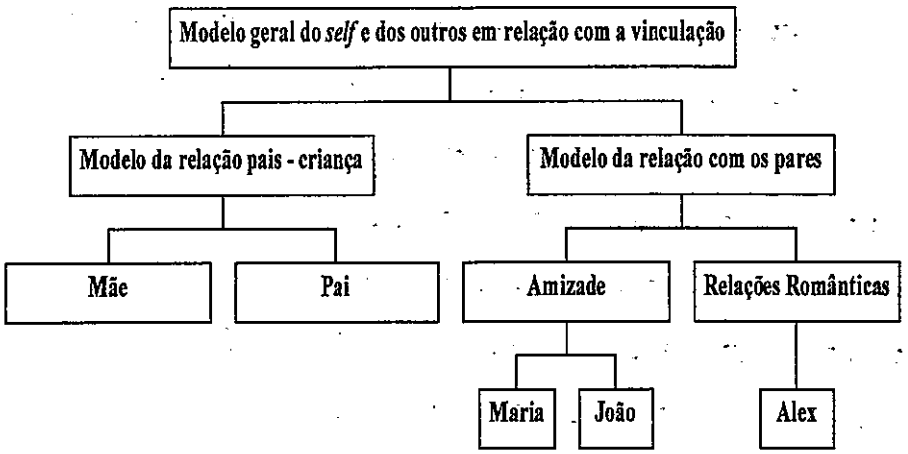


Figura 2. Organização dos modelos de vinculação (Collins & Read, 1994)

Muito embora seja escassa a investigação empírica que ilumine os processos pelos quais determinados modelos serão activados em detrimento de outros, Collins e Read (1994) propõem que esta activação dependerá tanto das características da rede como das particularidades das situações relacionais em causa. Assim, relativamente ao primeiro aspecto parecem ser determinantes a força do modelo em questão, a especificidade do mesmo e a medida em que se ajusta às particularidades da situação. A força do modelo, por sua vez, é o resultado da quantidade de experiência em que se baseou a sua constituição e também da quantidade de vezes em que foi aplicado. No que toca o segundo aspecto, sugerem que as características do elemento com quem o próprio interage, a natureza da relação e os objectivos da interacção constituem elementos importantes na activação do modelo. E neste sentido, enquanto que a interacção com estranhos ou em relações em início de construção fará evocar modelos mais globais, a interacção com determinadas figuras com quem o indivíduo já desenvolveu uma relação evocará modelos mais específicos.

Em resumo, se é certo que as características dos contextos de vida em que

o sujeito participa, bem como as particularidades dos sistemas relacionais interferem inevitavelmente no modo como os indivíduos organizam a sua experiência (Bronfenbrenner, 1979)[6], não é menos verdade que a construção de novas relações na idade adulta é fortemente influenciada por um conjunto de expectativas que se foram criando ao longo da história de relacionamentos anteriores. Neste sentido, é possível considerar uma forte tendência para interagir de determinado modo e que designaríamos de *estilo de vinculação* e que tem por base um modelo mais global acerca de si próprio e do outro, transversal às diferentes situações relacionais, e que em nossa opinião, traduz uma configuração particular dos processos de significação. Todavia, a *qualidade da vinculação* em determinadas relações não é ditada apenas pelo estilo de vinculação, mas também pelas características dos companheiros e pelas propriedades sistémicas relacionais. E, deste modo, a qualidade da vinculação seria influenciada pelos modelos mais específicos, eles próprios mais sensíveis a modificações provindas de experiências particulares.

2. Ecologia das relações de vinculação

2.1. Díade ou rede de relações de vinculação

Durante algum tempo assistiu-se na investigação sobre a vinculação na infância a uma excessiva centração na relação diádica com a mãe como objecto de análise, colocando para segundo plano não apenas a relação com o pai, como também aquela estabelecida com outras figuras significativas. Se o microssistema familiar é considerado como espaço privilegiado para a ocorrência dos processos de vinculação, importa não esquecermos que as condições actuais de organização da sociedade impõem que, desde muito cedo, a criança

6 Daremos uma atenção particular a este aspecto já de seguida na próxima alínea.

contacte, de forma contínua e por um período de tempo diário bastante alargado, com outros sistemas relacionais e outras potenciais figuras de vinculação que investem emocionalmente na criança e providenciam importantes cuidados básicos. É o caso dos infantários e dos educadores de infância, dos avós que desempenham uma função importante de apoio à educação das crianças (em alguns casos mesmo de substituição da função parental), das amas que em meios com menos recursos continuam a ser um auxílio para a guarda das crianças, etc.

A consideração de uma *rede de relações de vinculação* (*network of attachment relationships*) (Lewis, 1994), que pretende dar conta das múltiplas vinculações que a criança vai desenvolvendo de acordo com a estrutura do meio envolvente em que está inserida, obriga a que se avaliem os significados que estas personagens têm para as crianças (e os jovens) e os modos como se articulam os diferentes modelos que se desenvolvem na interacção com cada uma. Howes (1999) propõe três alternativas para a organização destes modelos: a organização hierárquica, a organização integrativa e a organização independente. Enquanto que a primeira alternativa dita a supremacia de uma determinada relação, na maioria dos casos a relação com a mãe, a segunda enfatiza um processo de integração de acordo com a qualidade dos diversos relacionamentos, sem atribuir especial saliência a qualquer delas. Isto é, trata-se de avaliar de que modo, enquanto agentes activos e construtores de realidades, as crianças (os jovens e os adultos) vivenciam e integram no seu sistema pessoal as diferentes experiências de vinculação. Uma terceira alternativa prevê a relativa independência dos modelos construídos em cada uma das relações, sendo que cada uma delas poderá estar associada a determinados indicadores desenvolvimentais.

2.2. O contexto de vinculação e as influências sistémicas

Mas se a complexidade do sistema emocional do indivíduo e a multiplicidade de figuras com que desde muito cedo se relaciona exigem que se considere a rede de relações de vinculação, julgamos que esta só poderá ser aprendida a partir do conhecimento dos *contextos de vinculação*, nos seus diferentes níveis de análise ecológica (Bronfenbrenner, 1977). Isto é, não só a relação diádica sofre as influências de diversas circunstâncias contextuais, como, muitas vezes, ela só poderá ser compreendida à luz de outras relações significativas, que tanto a figura de vinculação como o sujeito vinculado estabelecem, como é o caso, por exemplo, da qualidade da relação conjugal, da qualidade das experiências com as figuras parentais dos próprios pais e da qualidade das relações fraternais (ver Berlin & Cassidy, 1999 para uma revisão). Por outro lado, importa igualmente explorar em que medida a qualidade das relações entre os diferentes microssistemas - ou mesossistema (Bronfenbrenner, 1977, 1979) - desempenha um papel importante no desenvolvimento de uma organização de vinculação segura. Será, por exemplo, que a qualidade da relação estabelecida entre pais e avós ou pais e educadores tem um impacto significativo na vinculação da criança? Sabemos, por exemplo, que o facto da criança entrar num novo contexto, como o infantário, pode contribuir para a mudança de padrões de interacção dentro da própria família e, inclusivamente, promover a sua reorganização interna. Esta reorganização familiar decorrente de uma transição ecológica (desempenho de novos papéis num contexto novo) pode ter mais significado para o desenvolvimento da criança do que propriamente a sua experiência no contexto novo (Bronfenbrenner, 1986).

Neste sentido, sujeito e contexto de vinculação constituirão uma configuração dinâmica, de tal modo, que não será possível apreendermos a totalidade, apenas pela análise de uma das partes - a relação apenas com uma figura - , por mais significativa que ela seja. Cada uma das partes, ou seja, cada relação de vinculação que o sujeito desenvolve, ainda que de importância

diferencial para o seu sentido de segurança, é influenciada pelas demais e poderá ainda ser sujeita às oscilações críticas de sistemas relacionais de base. Transições familiares, como o divórcio e a perda de uma figura parental, por exemplo, podem interferir na organização da vinculação da criança e do jovem, uma vez que a investigação parece indicar que uma fonte importante da mudança da organização da vinculação se deve, como mais adiante desenvolveremos, a alterações significativas nos contextos de vida (Bretherton, 1992; Vaughn, Egeland, Sroufe, & Waters, 1979).

3. Continuidade e estabilidade *versus* mudança

À semelhança do que acontece em outras áreas da Psicologia, também no que toca à teoria da vinculação a discussão em torno da continuidade e da estabilidade temporal da vinculação ao longo do ciclo de vida tem vindo a estar presente no debate científico. A questão pode ser colocada pelo menos a dois níveis: o da *continuidade* entre os processos e as dinâmicas da vinculação que ocorrem na infância e na idade adulta e o da *estabilidade* das diferenças individuais da infância até à idade adulta.

Tomamos, assim, como referência a distinção introduzida por Kagan (1980) que propõe o uso do termo 'estabilidade' para se referir à persistência de comportamentos e estruturas psicológicas, e o termo 'continuidade' para se referir à manutenção dos processos e das funções psicológicas. O autor define quatro sentidos de estabilidade e continuidade, cada um associado a uma determinada estratégia de avaliação: (1) persistência de uma qualidade psicológica que se reflecte num grau mínimo de variação nessa qualidade ao longo do tempo; (2) persistência de uma relação hierárquica entre disposições complementares num mesmo indivíduo (*estabilidade ipsativa*); (3) preservação de um conjunto de posições individuais numa dada qualidade, mantendo

constante o coorte (*estabilidade normativa*); e (4) a relação necessária e contingente entre estruturas ou funções fenotipicamente diferentes em dois momentos no tempo devido à influência de processos específicos (Kagan, 1980; p. 31-32)[7].

3.1. Continuidade de processos e dinâmicas

Relativamente ao primeiro aspecto, os trabalhos mais recentes de Hazan, Shaver e colaboradores (Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999; Zeifman & Hazan, 1997) são justamente um exemplo desta preocupação, ao procurarem traçar as semelhanças *dinâmicas* e *funcionais* entre os comportamentos de vinculação na infância, e nomeadamente entre a criança e a figura cuidadora, e aqueles que envolvem o par amoroso na juventude e na idade adulta (ver Capítulo 2). Saliente-se, no entanto, o facto de na idade adulta os comportamentos de vinculação e de prestação de cuidados não se manifestarem de forma tão aberta e explícita como acontece na infância, e a circunstância de os papéis se tornarem mais flexíveis e reversíveis. Mas para além desta evidente analogia comportamental, aos olhos de um observador externo, alguns estudos no domínio do adulto fazem pensar que as dinâmicas que regem os comportamentos dos sujeitos que se diferenciam ao nível dos estilos de vinculação são semelhantes nas crianças e nos adultos (Rothbard & Shaver, 1994). Ou seja, os padrões de procura de proximidade, de prestação de cuidados, de emissão de *self-disclosure,* de procura de apoio social, entre outros, diferenciam os estilos de vinculação nos adultos de forma idêntica à das crianças. Por outro lado, também as condições em que o sistema da vinculação é activado tendem na generalidade a ser semelhantes, designadamente

[7] Sublinhe-se, ainda, a interessante análise histórica que o autor faz relativamente às diferenças básicas que atravessam o pensamento filosófico acerca da continuidade na cultura ocidental por comparação com a cultura oriental.

ameaças de abandono, separações e perdas, ainda que as manifestações comportamentais a estes acontecimentos sejam sujeitas a variações desenvolvimentais.

De qualquer modo, importa não esquecer a perspectiva evolucionista em que se enquadra a teoria da vinculação, que determina a natureza universal do sistema comportamental da vinculação pela sua associação a uma função biológica específica – a da protecção e da garantia da sobrevivência. Se na infância é evidente que a sobrevivência depende em larga medida da proximidade continuada com uma figura supostamente mais forte e mais sábia, que assegure não só a protecção contra perigos diversos, mas também a prestação de cuidados básicos, na adolescência e na idade adulta esta questão coloca-se de forma diferente e, pelo menos, a dois níveis.

Um primeiro diz respeito ao significado evolutivo do amor que está inevitavelmente ligado às consequências da reprodução, e muito particularmente à criação de condições de continuidade e estabilidade emocional para o acompanhamento do desenvolvimento das próximas gerações (cf. Capítulo 2). Neste sentido, os processos de vinculação que decorrem no seio do par amoroso ganham significado à luz da dimensão generativa do exercício da parentalidade (Costa, 2001).

Um segundo nível está, em nosso entender, intimamente ligado com a construção dos processos de significação. É no contexto das relações com as figuras emocionalmente significativas que se criam, mantêm e transformam os sentidos que organizam a acção individual. A possibilidade de construir um sentido coerente e internamente consistente que organize o conjunto alargado de informações com que o indivíduo se confronta confere um papel primordial à qualidade das relações de vinculação como veículos determinantes nesse processo. A preservação de um sentido na vida e a recuperação de um sentido face a situações de adversidade constituem, sem dúvida, elementos decisivos

para a garantia da sobrevivência da espécie. Trata-se, assim, antes de mais, de protecção contra a perda de sentido existencial. E, a este propósito, podemos referir, como exemplo, a maior propensão dos indivíduos a todo o tipo de acidentes tanto físicos como psicológicos no decurso de situações de separação, divórcio ou de perda (Hazan & Zeifman, 1994), assistindo-se inclusivamente a uma maior taxa de mortalidade que não é determinada pelo factor idade (cf. Stroebe, 2001). Um segundo exemplo poderá encontrar-se na relação entre a difusão da identidade dos adolescentes e a qualidade das relações que estabelecem com as figuras parentais e que são caracterizadas por elevada insegurança do ponto de vista da vinculação (Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999). De qualquer forma, à semelhança do que acontece na infância, a articulação dinâmica entre processos de exploração e de investimento atinge o seu nível óptimo no contexto de uma base segura.

3.2. Processos de assimiliação e de acomodação

No que concerne o segundo aspecto, Bowlby (1969/91; 1973, 1980) defende a existência de uma certa continuidade ao longo do ciclo de vida, garantida pela existência dos modelos internos dinâmicos, supostamente veículos de ligação entre as experiências ocorridas na infância e aquelas em que o sujeito vai participando e sobre as quais vai agindo no decurso do seu desenvolvimento[8]. Ou seja, enquanto grelhas de interpretação das realidades,

[8] Weinfield *et al.* (1999) apontam para a existência de pelo menos quatro explicações possíveis na base das influências das relações de vinculação precoces no desenvolvimento futuro: (1) as relações de vinculação influenciam o desenvolvimento cerebral e, deste modo, constituem influências duradoiras a nível neuronal; (2) as relações de vinculação precoces são um contexto privilegiado para a aprendizagem da regulação emocional. Antes de aprender a regular emocionalmente as suas emoções, a criança interioriza o modelo de regulação emocional das figuras significativas; neste sentido, as diferenças na vinculação seriam diferenças na regulação emocional; (3) no contexto das relações de vinculação, a criança aprende competências de comportamento interpessoal que lhe permitem uma melhor adaptação futura; e (4) é através das

estes modelos servem para regular e antecipar os comportamentos do próprio sujeito e dos outros, especialmente em situações de proximidade emocional. Operando em larga medida fora da consciência individual e de forma automática, estes modelos fogem, assim, ao controle voluntário e apresentam alguma resistência à mudança, justamente por via do processo de *assimilação* da informação proveniente da interacção com o meio de acordo com estruturas pré-existentes.

E é com base no pressuposto de que o desenvolvimento humano tem propriedades homeostáticas que diversos autores sugerem que os indivíduos seleccionam e criam os seus ambientes sociais em ordem a confirmar os seus modelos internos, promovendo, desta forma, a continuidade dos padrões de vinculação ao longo do ciclo de vida (Bartholomew, 1997; Bowlby, 1973).

Mais concretamente, uma das formas de perpetuação dos modelos acerca de si próprio e dos outros construídos em relações anteriores parece acontecer por via do modo como os sujeitos lidam com o *feedback* social:

> "By seeking, eliciting, and preferentially recalling social feedback that confirms their self-conceptions, people may create an idiosyncratically skewed version of social reality that verifies, validates, and sustains their self-conceptions." (Swann & Read, 1981, p. 352)

Os adultos tenderiam, assim, a procurar envolver-se em relações congruentes com relações passadas em ordem a manter a coerência e a consistência interna do *self* (Bowlby, 1973, 1977a; Sroufe & Fleeson, 1986; Swann, 1987, Swann & Read, 1981). Neste sentido, os modelos internos operariam na selecção de um companheiro amoroso através de uma tendência para a confirmação de expectativas construídas em relações anteriores. Por exemplo, um sujeito com um padrão de vinculação amedrontado

---

representações e dos modelos construídos acerca de si próprio e dos outros que as relações de vinculação mais precoces influenciam o desenvolvimento futuro.

sentir-se-ia atraído por aqueles que potencialmente o irão rejeitar, confirmando, assim, a sua história pessoal de rejeições, ligando-se a sujeitos com padrões preocupados, que, ao não verem as suas necessidades intensas de proximidade satisfeitas, tenderão a rejeitar os parceiros (Belsky & Cassidy, 1994). Um sujeito desinvestido, por sua vez, tenderia a procurar relacionamentos que não implicassem intimidade, por um lado e tenderia a agir, seja porque a expectativa é de excesso de dependência e envolvimento por parte do outro, seja porque a expectativa é de que os outros não são responsivos e disponíveis, de molde a provocar a distância dos outros. Finalmente, tenderia a seleccionar informação proveniente da sua relação com os outros que confirmasse a sua necessidade de afirmação de autonomia e de independência[9].

Mas ainda que algumas críticas se tenham feito sentir quanto ao caracter determinista implícito em certas formulações da teoria da vinculação, o modo como a estabilidade é concebida não se aproxima, em nossa opinião, de uma perspectiva determinista e mecanicista em que o desenvolvimento da personalidade seria de algum modo fixado precocemente nos primeiros anos de vida. Como notam Shaver e Clark (1994):

> "In general, they [attachment researchers] do *not* think of attachment style as something that sets in during infancy and thereafter remains fixed. Instead, they think of it as an increasingly complex and self-maintaining pattern of social interaction and emotion-regulation strategies that emerge in the context of a primary attachment relationship and then become altered and elaborated in many subsequent relationships, always with the possibility of change." (Shaver & Clark, 1994, p. 119)

A possibilidade de mudança e a capacidade do sujeito para *acomodar* os

9 Do ponto de vista empírico, poucos são os estudos que têm dedicado uma atenção especial a esta última questão, em grande parte devido às dificuldades metodológicas inerentes. Na generalidade, os estudos que têm evidenciado alguns esforços na abordagem desta questão não apresentam resultados consistentes. No Capítulo 5 apresentaremos uma revisão dos mesmos.

seus esquemas interpretativos a experiências novas que ponham em causa justamente a viabilidade dos significados até então construídos, está salvaguardada na maioria das discussões que se referem a este assunto, e está, aliás, bem ilustrada na adjectivação dos modelos de *dinâmicos*. Ou seja, ao longo do ciclo de vida, o sujeito constrói novas vinculações que podem contribuir para a manutenção e a estabilidade de estruturas de vinculação adquiridas na infância, mas que também se podem constituir como oportunidades significativas para a revisão e a transformação dos modelos representacionais acerca do *self* e dos outros. Este processo de acomodação é suposto acontecer no decurso de acontecimentos relacionais emocionalmente significativos para o sujeito e que se constituam como bases seguras que permitam ao indivíduo sentir-se confiante na exploração de novas formas de experienciar o *self*, os outros e as relações com estes (Bowlby, 1977b, 1988a; Guidano & Liotti, 1993). Entre estes acontecimentos contam-se, por exemplo, as relações amorosas, ou outras com especial significado, como poderão ser aquelas decorrentes de situações de psicoterapia, ou aquelas que resultem de situações de vulnerabilidade e grande tensão emocional, como as situações de guerra ou de doença. Deste modo, os processos que estiveram na base da construção dos modelos representacionais na infância poderão igualmente estar na base da sua transformação.

A questão está, pois, na manutenção de uma *coerência estrutural* ou *sistémica* que permite ao sujeito uma melhor adaptação às exigências do meio, mas que é susceptível de ser posta em causa perante a inviabilidade das representações acerca de si próprio e dos outros. Como sublinha Bowlby (1973, p. 180):

> "(...) whatever category of homeostasis is being considered, states are never maintained more than relatively stable nor, except rarely, do set-points and limits persist unchanged throughout the life-cycle. So long as the unit of study is the individual, indeed, processes of growth are the antithesis of processes of homeostasis."

Neste sentido, o indivíduo é perspectivado como um organismo vivo ou sistema *autopoiético* que se caracteriza por um processo contínuo e generativo de autorenovação. por forma a integrar as perturbações resultantes da sua interacção com o meio (Nicolis & Prigogine, 1977; Varela, 1979). O mecanismo central de autoregulação, por sua vez, é essencialmente determinado por uma tendência para manter a coerência sistémica dos processos de construção de significado (Guidano, 1987).

3.3. A transformação como condição de segurança

Mas numa perspectiva desenvolvimental, a revisão e a actualização dos modelos dinâmicos perante a complexidade crescente do mundo não é apenas possível, como é, aliás, *condição necessária* para a continuidade da experiência de segurança (Bretherton & Munholland, 1999). Ou seja, é justamente por assistirmos a *variações e a transformações,* do ponto de vista da vinculação, nos relacionamentos que o sujeito vai construindo ao longo do ciclo vital, que importa conhecer os *processos subjacentes* a essas transformações. Doutro modo não poderíamos falar de desenvolvimento humano e do cariz desenvolvimental da variável em estudo. Neste sentido, a melhor definição de continuidade na experiência de segurança é justamente aquela que integra a capacidade para a mudança. Ou dito de outro modo, os factores de constrangimento sobre o desenvolvimento relacionam-se com a presença de mecanismos demasiado rígidos e estereotipados de manutenção da coerência sistémica.

3.3.1. A renegociação das relações pais-filhos adolescentes como exemplo

As mudanças no sistema relacional entre pais e filhos precipitadas pela entrada na adolescência dos filhos ilustram bem a necessidade de renegociar os equilíbrios entre vinculação e autonomia estabelecidos anteriormente no seio da família. Como referimos anteriormente:

> "Os pais deverão aprender a aceitar o processo de crescimento físico e psicológico dos filhos e, portanto, lidar com a perda de que daí resulta, orientando simultaneamente os seus esforços para a criação de condições que possibilitem a construção responsável de uma identidade diferenciada e não confundida com os pares. Os filhos deverão aprender a aceitar a transformação das imagens percebidas dos pais, lidando igualmente com a perda de que daí resulta e aprender a recorrer aos pais como fonte de segurança, afirmando, no entanto, as suas necessidades de diferenciação num contexto familiar que se pretende regido por regras de diversa ordem." (Matos & Costa, 1996, p. 48)

Neste sentido, as relações tornar-se-ão tanto mais seguras, quanto os elementos que nelas participarem e o sistema como um todo, forem capazes de se adaptar construtivamente às transformações desenvolvimentais que inevitavelmente pautam os ciclos de vida dos sistemas pessoais e relacionais. Tratam-se, assim, de mudanças qualitativas ao nível das estruturas que se repercutem na manifestação de comportamentos de vinculação morfologicamente distintos daqueles que são evidenciados na infância.

3.4. A indissociabilidade entre o indivíduo e o meio

Mas a esta coerência sistémica não é obviamente alheia a estabilidade do meio envolvente e as suas implicações directas e indirectas nos sistemas individuais e relacionais. No domínio da infância, por exemplo, diversos estudos apontam para a estabilidade dos comportamentos de vinculação de crianças avaliadas a partir da *Situação Estranha*, caso não se assista a alterações substanciais no meio circundante. Quando o contrário se verifica, ou seja quando as famílias estão sujeitas a alterações das suas circunstâncias sociais, de facto a estabilidade da organização comportamental da vinculação tende a diminuir consideravelmente (Belsky, Campbell, Cohn & Moore, 1996; Erickson, Sroufe & Egeland, 1985; Thompson, Lamb & Estes, 1983; Vaughn *et al.*, 1979).

Mas se até há bem pouco tempo, apenas era possível colocar a questão da

estabilidade das diferenças individuais no plano da infância ou tendo por base intervalos relativamente curtos de tempo, muito recentemente a revista *Child Development* (2000, vol. 71) publicou uma série de estudos dirigidos por E. Waters que contemplam desenhos de observação longitudinais e períodos de tempo bastante alargados. Estes pretendem: (1) fornecer informação descritiva acerca da estabilidade e da mudança na organização da vinculação da infância até à adolescência e à juventude numa variedade de contextos desenvolvimentais; (2) avaliar em que medida acontecimentos de vida *stressantes* estão relacionados com mudanças na organização da vinculação ao longo deste intervalo; e (3) estimular a discussão e a investigação dos mecanismos subjacentes à estabilidade e à mudança nas representações da vinculação (Waters, Hamilton & Weinfield, 2000, p. 678-679).

Waters, Merrick, Treboux, Crowell e Albersheim (2000), por exemplo, comparam as classificações do comportamento da vinculação na *Situação Estranha* com a mãe aos 12 meses de idade com as classificações da representação da vinculação na *AAI* do mesmo grupo de sujeitos quando estes têm entre os 20 aos 22 anos. Este estudo observa uma percentagem importante de estabilidade nas classificações (72% tendo por base a dicotomia seguro-inseguro), revelando a associação desenvolvimental entre a qualidade dos relacionamentos entre dois períodos de vida distintos. Por outro lado, é possível verificar que as mudanças na vinculação ao longo do tempo estão de facto relacionadas com acontecimentos de vida *stressantes*, tais como a perda da figura parental, o divórcio parental, uma doença ameaçadora da vida, perturbações do foro psiquiátrico dos pais e abuso físico ou sexual por um membro da família. Neste sentido, os autores enfatizam a abertura das representações da vinculação à mudança e a importância de determinados acontecimentos de vida críticos na transformação das mesmas.

Do mesmo modo, Hamilton (2000) encontra uma percentagem elevada de estabilidade (77% com base na dicotomia seguro-inseguro) quando compara as

classificações na *Situação Estranha* aos 12 meses e aquelas obtidas por meio da *AAI* na adolescência. Verifica, ainda, que acontecimentos de vida negativos como, por exemplo, o divórcio e o uso de substâncias pelos pais estão relacionados com a mudança na organização da vinculação, muito embora seja mais evidente a sua contribuição para a manutenção de uma trajectória insegura da vinculação.

Também Weinfield, Sroufe e Egeland (2000) analisam a estabilidade da vinculação, desta vez numa amostra de 57 participantes especialmente escolhida pelo facto de reunir um conjunto de sujeitos em risco de uma adaptação desenvolvimental pobre. Os autores partem da hipótese de que a instabilidade do meio e das relações interpessoais destes participantes farão prever uma menor estabilidade na organização da vinculação. De facto, o estudo aponta para a inexistência de uma continuidade significativa entre a classificação das crianças na *Situação Estranha* (aos 12 e 18 meses) e a avaliação da representação da vinculação pela *AAI* (por volta dos 19 anos de idade). Além disso, revela que os maus tratos na infância, a depressão materna e o funcionamento familiar por altura do início da adolescência constituem elementos importantes para a compreensão das trajectórias de continuidade/descontinuidade[10]. Assim, por exemplo, os maus tratos na infância parecem contribuir para a manutenção da insegurança da infância até à idade adulta. Pelo contrário, a qualidade da interacção familiar aos 13 anos de idade parece estar associada à transição da insegurança na infância para a segurança na juventude. Por sua vez, as mães dos sujeitos que transitaram da segurança

[10] A variável 'maus tratos na infância' reúne um conjunto de informações como o abuso físico e verbal, a negligência e a indisponibilidade psicológica materna, tendo sido recolhida a partir de observações nas casa dos sujeitos e por via de entrevistas com as mães. A variável 'funcionamento familiar' foi avaliada a partir da observação directa da interacção familiar e diz respeito, genericamente, à medida em que as díades são capazes de conjugar as diversas funções dos seus papéis familiares durante a interacção.

para a insegurança revelaram mais sintomas depressivos comparativamente com as mães dos sujeitos que se mantiveram estáveis.

Também Lewis, Feiring e Rosenthal (2000) procuram recolher dados que permitam compreender os processos pelos quais as representações da vinculação permanecem estáveis ou se transformam. Para além de avaliarem a consistência das classificações da vinculação entre o 1º ano de idade (através de uma versão modificada da *Situação Estranha*) e os 18 anos de idade (a partir da *AAI* e do *Q-sort* de Kobak), os autores dão especial atenção ao divórcio e às memórias autobiográficas aos 13 anos de idade. Os resultados apontam para a ausência de estabilidade entre as classificações dos dois momentos, sugerindo a importância da qualidade dos acontecimentos de vida familiar e designadamente o divórcio, na adaptação individual. De facto, os adolescentes que viveram situações de divórcio parental têm maior probabilidade de ser classificados como inseguros aos 18 anos, independentemente do seu estatuto de vinculação ao primeiro ano de vida e da altura da vida do sujeito em que tal ocorreu. Ou seja, uma vinculação segura no primeiro ano de vida não amortece nem protege relativamente aos efeitos negativos do divórcio. Por outro lado, adolescentes que aos 13 anos têm recordações negativas da infância tendem a apresentar uma representação da vinculação insegura aos 18 anos.

Em suma, como referem Waters, Weinfield e Hamilton (2000), os resultados apresentados neste conjunto de estudos dão conta da organização da vinculação como um processo dinâmico ao longo do desenvolvimento, que se caracteriza por uma combinação de processos de estabilidade e de mudança e que se encontra intimamente ligada com a qualidade dos acontecimentos de vida e os contextos em que o indivíduo participa.

De qualquer modo, importa salientar que muitos dos estudos que se propõem avaliar a estabilidade da vinculação por períodos de tempo alargados confundem o conceito de *estabilidade* com o de *previsibilidade* (Main, 1999). De facto, o que se observa é que a avaliação da vinculação a partir da *Situação*

Estranha prediz a vinculação no adulto, avaliada na maioria das vezes a partir da *Adult Attachment Interview*. Note-se que se trata da comparação entre registos comportamentais não-verbais na infância, designadamente separações e reencontros em contexto estranho, e o comportamento verbal, discursivo no adulto, e em particular a capacidade para ser coerente e colaborar em conversas com um estranho acerca da história passada e dos seus efeitos no desenvolvimento (Main, 1999).

Em síntese, uma perspectiva sistémica permite considerar o problema da estabilidade das estruturas de conhecimento relacionadas com a vinculação ao longo do ciclo de vida, à luz da possibilidade de reorganizações sensíveis a transformações da relação do sujeito com o mundo. O modo como o indivíduo se relaciona intimamente com o outro será sempre influenciada por acontecimentos do passado e por acontecimentos do presente, muito embora não seja possível prever o desenvolvimento futuro a partir do conhecimento das experiências mais precoces. Como afirma Bowlby (1980), estas iniciam apenas um leque de possibilidades que abrirão as portas para uma multiplicidade de trajectórias desenvolvimentais consoante a qualidade da participação do indivíduo nos diferentes contextos de vida. E neste sentido, a teoria da vinculação não apresenta uma visão maniqueísta e absolutista acerca dos processos de estabilidade e de mudança. Ambos coexistem no tempo, numa articulação dialéctica, integrando a capacidade para a síntese com a flexibilidade e a plasticidade necessárias para dar resposta às exigências de um processo contínuo de adaptação humana. E julgamos que uma das direcção que a investigação empírica e a reflexão teórica deverão tomar será justamente a de uma maior aprofundamento e exploração dos *processos* e *mecanismos* que garantem as continuidades/descontinuidades nos trajectos percorridos ao longo do ciclo de vida. É também esta uma das formas, em nossa opinião, de uma perspectiva meramente disposicional e descritiva da vinculação dar lugar a uma

perspectiva estrutural e explicativa.

Capítulo 4
A observação empírica da vinculação no jovem e no adulto

As questões da observação empírica da vinculação no jovem e no adulto têm vindo a despertar a atenção de alguns investigadores, particularmente preocupados com a ausência de uma metodologia comum de definição e de avaliação do constructo da vinculação. De facto, nos últimos anos tem-se assistido a uma proliferação de instrumentos de medida[1] que procuram avaliar diferentes domínios da vinculação, recorrendo a abordagens diversas, e assentes muitas vezes em concepções distintas do constructo de vinculação. Muitos destes instrumentos têm uma forte base empírica e vários autores temem pelo risco de distanciamento da teoria original em que alguns estudos incorrem (Griffin & Bartholomew, 1994a; Hazan & Shaver, 1994; Shaver & Clark, 1994; Shaver & Hazan, 1993). Por outro lado, esta diversidade dificulta a tarefa de integração dos estudos empíricos à luz da teoria, pelo risco de comparação ilegítima de resultados com várias proveniências. Muito recentemente, porém, Brennan, Clark e Shaver (1998) levaram a cabo um estudo cujo objectivo foi testar precisamente a validade convergente e divergente de uma vasta quantidade de dimensões e itens que compõem diversos instrumentos, criando melhores condições para a concretização de um momento especialmente dedicado à articulação e integração de dados empíricos, no âmbito da vinculação do jovem e do adulto.

Procurando descrever e analisar o actual estado da arte, bem como

[1] Algumas revisões selectivas de instrumentos de avaliação da vinculação no domínio dos jovens e dos adultos poderão ser encontradas em Bradford e Liddon (1994), Crowell e Treboux (1995), Fishler, Sperling e Carr (1990), Lopez e Gover (1993) e Lyddon, Bradford e Nelson (1993).

identificar algumas das questões mais sensíveis no que concerne a avaliação psicológica da vinculação no jovem e no adulto, este capítulo organiza-se em torno de três grandes eixos. O primeiro diz respeito às grandes *abordagens conceptuais* subjacentes à avaliação das diferenças individuais na vinculação e que traduzem diferentes conceptualizações do constructo de vinculação. O segundo reporta-se às *metodologias* de recolha e observação de dados e, finalmente, o terceiro debruça-se sobre os *domínios temáticos* que os instrumentos procuram contemplar. Por último, e dada a existência de sistemas de classificação da vinculação, que se apoiam justamente em abordagens distintas, recorrem a metodologias diversas e versam sobre domínios diferentes, serão passados em revista os estudos que pretendem analisar a *convergência* dos ditos sistemas classificatórios.

Ao longo da exposição serão igualmente apresentados os instrumentos que mais frequentemente têm servido de apoio à investigação empírica, para além daqueles que, de algum modo, ofereçam, em nosso entender, uma contribuição válida, ao se debruçarem sobre aspectos particulares da vinculação, ou ao se dirigirem a populações com características específicas.

1. Abordagens conceptuais de avaliação das diferenças individuais

Três grandes abordagens têm dominado a avaliação da vinculação do jovem e do adulto: as que assentam em concepções *categoriais* ou *tipológicas*, as que assentam em concepções *dimensionais* e, finalmente, as que assentam em concepções *prototípicas* da vinculação (Griffin & Bartholomew, 1994a). A escolha de uma abordagem de avaliação de um dado fenómeno é obviamente influenciada por questões de natureza teórica e tem implicações metodológicas, aspectos aos quais procuraremos dar atenção na descrição de cada abordagem.

1.1. Abordagens categoriais ou tipológicas

Como já referimos em capítulo anterior, no campo empírico, o estudo científico da vinculação começou pela análise das diferenças individuais na *organização comportamental* da vinculação de crianças, observáveis a partir de um procedimento laboratorial designado de *Situação Estranha*[2] (Ainsworth *et al.*, 1978). Se é possível detectar alguma ambiguidade nos escritos de Ainsworth e colaboradores relativamente a uma concepção tipológica da avaliação da vinculação (Fraley & Waller, 1998)[3], é certo que a orientação epistemológica e metodológica que a investigação tomou nos anos que lhe sucederam muito se deveu ao forte impacto deste procedimento, não apenas no desenvolvimento da investigação empírica na infância, como também na avaliação da vinculação no jovem e no adulto, como mais adiante veremos.

1.1.1. A *Situação Estranha*

A *Situação Estranha* consiste numa sequência estruturada de 8 episódios de separação e reencontro entre o bebé/criança[4] e a figura de vinculação, e o seu objectivo é activar o sistema de vinculação e o de exploração (Quadro 5). Com

---

[2] Vários têm sido os dispositivos desenvolvidos com o intuito de avaliar a segurança na relação entre a criança e as figuras de vinculação (ver Main, 1990, para alguns exemplos). No entanto, a *Situação Estranha* tem, sem dúvida alguma, gerado o maior número de estudos empíricos na infância.

[3] "It is important to point out that Ainsworth et al. (1978) are somewhat ambiguous regarding the ontological status of the classificatory groups. At one point the groups are viewed as useful empirical tools (...). However, at other points, Ainsworth et al. argue that the behaviors they observed were patterned in unique ways. (...) Thus, it appears that Ainsworth and her colleagues did not want to argue in favor of a true typological status for the groups even though they (1) sought to maximize the clustering of behaviors via multiple filters (see pp. 98-100) and (2) abandoned their continuous scales in favor of categorical scales." (Fraley & Waller, 1998, p. 108).

[4] Este procedimento tem sido utilizado com crianças com idades entre os 12 e os 24 meses.

base em diferentes reacções comportamentais face às figuras significativas e ao meio circundante, os autores identificaram três padrões distintos de interacção (o *seguro,* o *inseguro-ambivalente/resistente* e o *inseguro/evitante*)[5], supostamente reveladores de estruturas internas na organização da vinculação, e que se terão desenvolvido a partir da acessibilidade e da sensibilidade das figuras de vinculação às solicitações de apoio, conforto e protecção da criança em contexto natural (Ainsworth *et al.*, 1978)[6]. Também como já desenvolvemos no Capítulo 2, um quarto padrão (o *desorganizado/desorientado*), de difícil classificação no sistema inicialmente proposto, veio a ser identificado mais tarde (Main *et al.*, 1985; Main & Solomon, 1986, 1990), parecendo caracterizar especialmente crianças em situação de risco (Crittenden, 1985a).

Este procedimento, assente basicamente numa abordagem categorial da vinculação, deu origem a um conjunto muito alargado de estudos, cujo objectivo tem sido, em termos gerais, explorar a função adaptativa de uma vinculação parental segura nos primeiros anos de vida e as suas repercussões no desenvolvimento psicossocial futuro. No entanto, algumas críticas têm-se feito ouvir, nomeadamente no que diz respeito aos riscos da sua aplicação em outras

---

5 Embora exista apenas um padrão considerado seguro, as crianças poderão ser classificadas em quadro subcategorias consoante o seu comportamento seja revelador de muita segurança, ou apresente igualmente algumas características de insegurança. Não procederemos a uma descrição pormenorizada dos padrões, uma vez ela já ter sido realizada no Capítulo 1.

6 Relembre-se que na base da elaboração deste procedimento esteve um conjunto extenso de observações das interacções entre figuras de vinculação e bebés realizadas em casa dos sujeitos, durante cerca de um ano. Ou seja, os significados atribuídos aos comportamentos observados em contexto laboratorial derivam em primeira análise dos elementos fornecidos por estas primeiras observações. Por outro lado, importa sublinhar que Ainsworth e colaboradores (1978) derivaram os padrões de vinculação a partir da identificação em diversas escalas dimensionais do comportamento da criança.

Quadro 5.

Episódios da Situação Estranha

Episódio	*Participantes*	*Duração*	*Descrição*
1	Mãe, bebé experimentador	< 1 minuto	Experimentador leva a mãe e o bebé para o quarto e dá instruções.
2	Mãe e bebé	3 minutos	Mãe senta-se na cadeira e lê, bebé explora. Mãe responde se abordada mas não inicia interacções.
3	Mãe bebé e estranho	3 minutos	Estranho entra, silêncio (1 minuto), conversa com a mãe (1 minuto), aproxima-se do bebé (1 minuto).
4	Bebé e estranho	3 minutos	Primeira separação: mãe sai, estranho conforta o bebé se necessário, doutra forma senta-se na cadeira.
5	Mãe e bebé	3 minutos	Primeira reunião: mãe volta e/ou conforta o bebé, volta para a cadeira e lê.
6	Bebé	3 minutos	Segunda separação: mãe sai, dizendo adeus.
7	Bebé e estranho	3 minutos	Segunda separação continua; estranho entra, conforta o bebé se necessário, doutra forma senta-se.
8	Mãe e bebé	3 minutos	Segunda reunião: mãe volta, conforta o bebé se necessário e está livre para interagir assim como ela quiser

Fonte: Ainsworth *et al.* (1978)

culturas, e ao facto de o procedimento poder suscitar reacções de grande ansiedade por parte dos bebés e crianças, colocando questões éticas à investigação científica. São neste sentido as críticas formuladas por Takahashi (1986, 1990) que defende que o procedimento não se adequa a crianças japoneses, pelo facto de não estarem habituadas a lidar com separações e pessoas estranhas, aumentando deste modo os níveis de ansiedade para valores intoleráveis. Refira-se que das instruções para implementação do procedimento consta a informação de que os episódios de separação deverão ser interrompidos

F.P.C.E. BIBLIOTECA U.P.

ou encurtados, caso a criança não se acalme dentro de um período de 20 a 30 segundos. Todavia, têm vindo a ser levantadas algumas dúvidas relativamente à prossecução desta instrução. Em todo o caso, verifica-se que os estudos que indicam a percentagem de situações em que foi necessário interromper o procedimento ou encurtar os episódios de separação revelam percentagens da ordem dos 50%, indicativas dos efeitos perturbadores da experiência. Por outro lado, algumas crianças que não exibem exteriormente reacções de ansiedade, por via do choro ou de outro tipo de manifestações, apresentam alterações substanciais do batimento cardíaco, reveladoras mais uma vez do impacto da experiência (cf. Goldberg, 2000).

Mas para além desta questão, a *Situação Estranha* foi igualmente posta em causa do ponto de vista da sua validade (Lamb, Thompson, Gardner & Charnov, 1985). Alguns autores acreditam que o comportamento da criança na *Situação Estranha* traduz antes de mais as características pessoais da criança, e designadamente o seu temperamento, bem como a vulnerabilidade da mesma para reagir com ansiedade à situações de separação. A história dos cuidados prestados pelas figuras de vinculação e a qualidade do relacionamento com os pais desempenharia um papel secundário.

Muito embora a evidência empírica aponte para o facto de as observações resultantes da *Situação Estranha* não serem redutíveis a factores temperamentais, julgamos da maior pertinência o retomar das avaliações sistemáticas e continuadas em contextos naturais que iluminem de modo mais fiável a especificidade das interacções entre as crianças e as figuras de vinculação, e que centrem a atenção nos *processos* que estão na origem da construção de padrões seguros de vinculação. Aliás, têm vindo a ser desenvolvidas alternativas à *Situação Estranha*, das quais o *Attachment Q-Sort* de Waters e Deane (1985) e o procedimento de avaliação de Pederson e Moran (1995) são alguns exemplos.

1.1.2. A medida de Hazan e Shaver

No campo da vinculação do jovem e do adulto, a medida original de vinculação de Hazan e Shaver (1987) é, sem dúvida, o exemplo mais significativo das abordagens *categoriais* ou *tipológicas*, sendo a sua elaboração fortemente influenciada pelo pensamento dominante no domínio da vinculação na infância. Juntamente com a entrevista de Main e colaboradores (George *et al.*, 1984), de que falaremos mais tarde, o instrumento de Hazan e Shaver opera, como já desenvolvemos anteriormente, uma importante mudança no foco de avaliação da vinculação, desviando-o da organização *comportamental* da vinculação na criança para a organização *representacional* da vinculação no jovem e no adulto.

Hazan e Shaver (1987) construíram um instrumento de papel e lápis que solicita uma escolha forçada entre três parágrafos descritivos de diferentes estilos de vinculação amorosa (ver Quadro 3, pág. 108), e que procuram ser a tradução para adultos do sistema de três categorias de Ainsworth e colaboradores. Como já desenvolvemos no Capítulo 2, uma das preocupações centrais dos autores consistia precisamente em avaliar em que medida seria possível encontrar no âmbito da relação amorosa no adulto, uma distribuição e conteúdos organizadores de diferenças individuais, semelhantes aos encontrados nas crianças[7].

Note-se que, embora mais tarde tenha sido identificado um quarto padrão, Hazan e Shaver apenas contemplam na sua medida uma organização em três categorias. Esta importação pouco atenta do sistema aplicado na infância, é, aliás, mais tarde salientada por Brennan *et al.* (1998), que chamam a atenção

[7] Uma versão portuguesa deste instrumento adaptado às relações de amizade foi utilizado com uma amostra de 138 estudantes universitários (119 raparigas e 19 rapazes) (Moreira, Bernardes, Andrez, Aguiar, Moleiro & Silva, 1998). Os autores obtiveram uma distribuição dos participantes pelos três estilos de vinculação semelhante às encontradas na maioria dos estudos, tendo considerado que tal constitui "um indicador encorajador da validade de constructo da medida" (p. 566).

para o facto de já ter sido possível detectar em 1978 na publicação de Ainsworth e colaboradores, que as categorias da vinculação poderiam ser conceptualizadas num espaço bi-dimensional, organizado em torno do evitamento e da ansiedade. Mas se em 1978, Ainsworth e colaboradores identificam duas funções discriminantes, verificamos que já cinco anos antes, Stayton e Ainsworth (1973) haviam sugerido que as reacções das crianças face a separações e a reuniões com figuras de vinculação podiam ser avaliadas justamente a partir de duas dimensões factoriais, semelhantes àquelas mais tarde identificadas, e que desenvolveremos mais adiante, a propósito das abordagens dimensionais.

Este instrumento, embora com forte impacto no desenvolvimento da investigação empírica[8], apresenta fragilidades psicométricas, várias delas, aliás, mencionadas pelos próprios autores. Primeiro, trata-se de um instrumento que obriga os sujeitos a escolherem uma das alternativas (aquela com que se identificam melhor, certamente); ficando vedada a possibilidade de, por um lado, os sujeitos identificarem aspectos de si próprios em mais do que uma alternativa, e de, por outro, não se reconhecerem em todos os aspectos de igual modo numa mesma alternativa. Segundo, uma vez que cada parágrafo contém diversos conteúdos, é previsível que a fiabilidade do instrumento, designadamente a sua consistência interna, seja reduzida.

É certo que a concepção de vinculação subjacente à organização desta medida era fundamentalmente uma concepção de estilos mutuamente exclusivos, fortemente assente na ideia de *traço* ou *disposição interna*, isto é, independentemente das características particulares de uma relação ou de um companheiro, determinado sujeito tenderia a agir do ponto de vista da vinculação

8 No Capítulo 5, dedicado à revisão da investigação sobre vinculação e relacionamento amoroso, é possível detectar o impacto que o instrumento produziu, continuando, em alguns casos, a ser utilizado no seu formato original e, na maioria dos casos, servindo de base à construção de outros instrumentos de autorelato.

sempre do mesmo modo[9].

Se bem que diversos estudos procurassem ultrapassar esta limitação, oferecendo a possibilidade aos participantes de se situarem ao longo de um contínuo (geralmente de cinco e de sete pontos) para cada um dos estilos, verificamos que nos tratamentos estatísticos das variáveis, estas pontuações não são realmente consideradas. Isto é; os sujeitos continuam a ser agrupados de acordo com o estilo a que foi atribuída a maior pontuação. Não assistimos, por exemplo, a uma tentativa de organizar os sujeitos segundo mais do que um estilo, a partir de combinações possíveis de estilos. Este é, aliás, um dos procedimentos que, em nosso entender, poderá revelar a diferença entre uma abordagem categorial e uma prototípica.

Neste sentido, verificamos que a possibilidade de escolha pelo sujeito de mais do que um estilo é, então, apenas aparente e não se traduz em informação qualitativa adicional para a investigação, muito embora permita, como é óbvio, a utilização de estatísticas correlacionais nas classificações contínuas das categorias. Em todo o caso, a transformação da modalidade de resposta de escolha forçada para um contínuo permitiu avançar na reflexão acerca da mútua exclusividade dos estilos. Ou seja, a utilização de estatísticas correlacionais evidenciou em alguns estudos valores positivos, baixos a moderados, entre o estilo evitante e o ansioso/ambivalente, sugerindo que os sujeitos poderão reunir experiências de ansiedade e de evitamento. No entanto, o mesmo não acontece com os estilos seguro e evitante, uma vez terem apresentado, consistentemente ao longo de diversos estudos, correlações elevadas e negativas. A este assunto voltaremos mais tarde aquando da exposição das abordagens dimensionais.

---

[9] Os próprios autores o admitem, ao referirem que "(...) we have probably overemphasized the degree to which attachment style and attachment-related feelings are traits rather than products of unique person-situation interactions." (Hazan & Shaver, 1987, p. 522). Para uma discussão mais aprofundada desta questão ver Capítulo 3.

Evidenciando a ausência de mútua exclusividade entre os estilos, estes resultados desaconselham, assim, a utilização, pelo menos isoladamente, de medidas de escolha forçada.

1.1.3. Limitações e vantagens das abordagens categoriais

De qualquer modo, são bem conhecidas as limitações que medidas categoriais e tipológicas de avaliação apresentam, independentemente de se debruçarem sobre a vinculação ou qualquer outro constructo psicológico. A crença de que poderão existir um número limitado de grupos, tipos ou categorias que assumam a grande parte da variabilidade entre os sujeitos, se bem que de grande utilidade na organização estatística dos dados e na sua comunicação, nem sempre reflecte a possível diversidade dos indivíduos que constituem cada grupo, pelo que é de assumir perda de informação substantiva (Griffin & Bartholomew, 1994a). Para além de assumirem a independência entre os estilos de vinculação, as medidas categoriais não permitem a avaliação da medida em que cada padrão se ajusta a um determinado estilo, nem a estimativa do erro de medida (Fraley & Waller, 1998).

Por outro lado, ainda, embora a investigação tenha vindo a considerar a existência de três ou quatro estilos, o número de estilos não deverá ser encarado como uma questão fechada e definitiva, mas antes como matéria susceptível a exploração teórica e empírica, como, aliás, o evidenciam alguns estudos (Bartholomew, 1990; Hatfield, 1993; Latty-Mann & Davis, 1996; West & Sheldon-Keller, 1994). Esta posição veio a ser claramente assumida por Bartholomew que, como já salientámos aquando da descrição do seu modelo no Capítulo 2, chama a atenção para a necessidade de aprofundarmos o conceito de evitamento a partir da divergência dos resultados empíricos provenientes de linhas de investigação diversas, propondo a consideração de dois grupos distintos de sujeitos evitantes. A contribuição desta autora, com forte impacto na avaliação da vinculação, será retomada posteriormente, aquando das abordagens prototípicas.

No entanto, a crítica de que muitos estudos empíricos se terão de algum modo acomodado em concepções apriorísticas acerca do *número* e da *natureza* dos grupos de vinculação, e em particular ao modelo de Hazan e Shaver e à sua medida, tem sido formulada por alguns autores, que sugerem que a distinção conceptualmente mais relevante será entre vinculação segura e insegura e que as diferenças entre os padrões de vinculação insegura tenderão a ser ténues (Noller & Feeney, 1994). Por outro lado, a concentração na identificação das categorias da vinculação não acompanhou um esforço de testagem da validade do modelo tipológico (Fraley & Waller, 1998).

Mas se é possível tecer algumas críticas relativamente aos modelos categoriais, em geral, e ao modelo de três categorias, em particular, são-lhe também reconhecidas algumas vantagens, nomeadamente a sua simplicidade, a sua utilidade na predição de atitudes e comportamentos nas relações amorosas, e, ainda, o facto de ser uma tradução directa da literatura relativa à infância (Brennan & Shaver, 1995)[10]. De facto, a ideia de que as categorias organizam propriedades emergentes em configurações particulares, nem sempre detectáveis a partir das dimensões habitualmente usadas leva muitos investigadores a não prescindir de continuar a utilizar este tipo de abordagens a par de outras. Por outro lado, estudos realizados com populações clínicas evidenciam a importância de se considerarem vários padrões de vinculação insegura que se associam de forma diferencial a manifestações específicas de organizações psicopatológicas.

---

10 Brennan & Shaver (1995) defendem inclusivamente que o forte desenvolvimento da investigação empírica a que se assistiu nos últimos anos se deveu ao modelo tipológico: "(...) Ainsworth's three attachment styles are viewed as coherent dynamic systems with biological and psychological functions – wholes that are greater than the sum of their locations on a handful of dimensions. The field of attachment research has benefit enormously from thew dynamic-system conception, and it almost certainly would not have advanced as rapidly in the past 20 years if it had been proposed in terms of a matrix defined by several dimensions." (p. 280)

Em todo o caso, se bem que os dois primeiros aspectos sejam consensuais, já o terceiro nos merece algumas considerações. De facto, muito embora seja importante numa perspectiva de ciclo vital identificar as dimensões da vinculação em diferentes fases do desenvolvimento, e observar que, de modo semelhante, tanto crianças como jovens como adultos reagem a separações prolongadas e a perdas de figuras significativas com respostas de luto, isto não equivale a afirmar, em nossa opinião, que as configurações que organizam a vinculação na criança e no adulto sejam idênticas. Aliás, muito embora as designações aplicadas à infância e à idade adulta sejam idênticas, os objectos de avaliação em causa divergem, uma vez tratar-se, na larguíssima maioria das vezes, no primeiro caso, da organização *comportamental* da vinculação e, no segundo caso, da organização *representacional* da vinculação, como já salientámos no final do Capítulo 2.

1.2. Abordagens dimensionais

1.2.1. Vantagens e limitações das abordagens dimensionais

É no sentido de colmatar algumas das deficiências metodológicas impostas pela utilização de medidas categoriais que se assiste ao desenvolvimento de instrumentos assentes em abordagens *dimensionais*. Contrariamente às anteriores, estas consideram a possibilidade de o sujeito se situar ao longo de dimensões contínuas, assumindo uma maior variabilidade entre os sujeitos. Além disso, não impõem fronteiras rígidas de pertença a grupos e de relação entre variáveis, e possibilitam igualmente a utilização de uma variedade de procedimentos estatísticos. Por último, adequam-se melhor à testagem das suas propriedades psicométricas (Griffin & Bartholomew, 1994a). Alguns estudos que utilizam medidas dimensionais em conjugação com medidas categoriais evidenciam, ainda, maior poder de associação e de predição das primeiras por

comparação com as segundas (Brennan *et al.*, 1998; Collins & Read, 1990; Fraley & Waller, 1998), embora outros apontem para uma semelhança das conclusões em ambos os casos (Bartholomew & Horowitz, 1991).

A principal desvantagem de uma abordagem puramente dimensional consiste na perda de informação que resulta da possibilidade de aceder a configurações particulares de sentido não redutíveis às dimensões. Todavia, uma forma de colmatar esta situação consiste no recurso a procedimentos estatísticos que permitam enquadrar os sujeitos em grupos de acordo com determinadas configurações de resultados ao longo das dimensões. A análise de *clusters*, por exemplo, constitui uma alternativa para avaliar em que medida as diferenças de médias nas várias dimensões ao longo dos grupos emergentes, se organizam de acordo com os estilos de vinculação. Por outro lado, constitui também uma forma de explorar estilos adicionais a partir justamente da definição de dimensões importantes subjacentes à vinculação e da avaliação de configurações específicas de organização dessas mesmas dimensões (Collins & Read, 1990). Este é, sem dúvida, um procedimento que consideramos de utilidade na distribuição dos sujeitos por diferentes grupos. Não apenas ultrapassa o problema de decisão acerca de quais os pontos de corte mais apropriados para a amostra em causa, o que obviamente pressupõe o recurso a amostras alargadas e representativas de uma dada população, como também permite a constituição de grupos com significado substantivo, numa abordagem simultaneamente dedutiva e indutiva.

Mas para além destas questões de natureza metodológica, é obvio que a conceptualização da vinculação em dimensões exige que sejam definidos e operacionalizados os componentes básicos da vinculação, esforço teórico que poderá certamente contribuir para uma melhor delimitação do constructo da vinculação. Em todo o caso, e tendo em conta o processo de construção de questionários, os factores que derivam de procedimentos de análise factorial de conjuntos iniciais e alargados de itens, ainda que seja suposto representarem dimensões importantes da vinculação, não deverão obviamente ser assumidos

como traduzindo a "estrutura fundamental" da vinculação (Griffin & Bartholomew, 1994b, p. 29).

1.2.2. Algumas medidas dimensionais de avaliação da vinculação

São inúmeros os instrumentos destinados a avaliar a vinculação no jovem e no adulto ao longo de dimensões contínuas. No âmbito da vinculação amorosa[11], Hazan e Shaver (1987) contribuíram marcadamente para o desenvolvimento de medidas dimensionais da vinculação, ao sugerirem a decomposição em itens dos parágrafos que haviam elaborado para traduzir cada estilo de vinculação no adulto. Vários autores levaram a cabo esta tarefa, produzindo medidas sensivelmente idênticas, organizadas em torno de duas ou três dimensões derivadas empiricamente a partir de procedimentos de análise factorial exploratória. A *Adult Attachment Scale (AAS)* de Collins e Read (1990) e o *Adult Attachment Questionnaire (AAQ)* de Simpson (1990) são destas medidas exemplo, tendo apoiado muita da investigação empírica realizada até ao momento, pelo que procederemos a uma descrição mais detalhada das suas dimensões e das suas propriedades psicométricas[12].

1.2.2.1. A *Adult Attachment Scale (AAS)*

Na primeira versão da *Adult Attachment Scale*, os autores recorreram às frases que compunham os parágrafos de Hazan e Shaver, tendo acrescentando outros itens que procuravam avaliar a disponibilidade e a responsividade da figura de vinculação, bem como as reacções a separações. Note-se, contudo, que o

11 Nesta alínea relativamente às abordagens dimensionais apenas referiremos instrumentos no âmbito das relações amorosas. Outros instrumentos em domínios diversos, como o das relações parentais e o das relações de amizade, embora também avaliando dimensões da vinculação, serão, por motivos de conveniência da apresentação, guardados para mais tarde.

12 Todos os instrumentos serão identificados a partir da sua designação na língua original.

instrumento final não incluiu os três itens destinados a avaliar as reacções à separação, por constituírem um factor separado com um valor próprio inferior a 1, e que apenas contribuía de forma muito reduzida para a variância total explicada.

As dimensões que constituem a versão final são a 'confiança nos outros' (*dependence*) definida enquanto "the extent to which an individual believes others can be depended on to be available when needed"[13], o 'conforto com a proximidade emocional' que mede "the extent to which an individual is comfortable with closeness and intimacy", e a 'ansiedade' que se refere a "the extent to which an individual feels anxious about such things as being abandoned or unloved" (Collins & Read, 1990, p. 661). Estas três dimensões, que perfazem 18 itens[14], apresentaram índices razoáveis de fiabilidade, avaliada através da consistência interna (*alphas* de Cronbach de 0,75, 0,72 e 0,69 para as dimensões 'confiança nos outros', 'ansiedade' e 'conforto com a proximidade emocional', respectivamente) e do teste-reteste (correlações de 0,71, 0,52 e 0,68 para as dimensões 'confiança nos outros', 'ansiedade' e 'conforto com a proximidade emocional', respectivamente, num intervalo de dois meses). Refira-se, ainda, que as duas primeiras dimensões apresentaram um valor elevado de correlação, resultado que aponta para a existência de duas grandes dimensões subjacentes à vinculação. A tradução das dimensões em estilos de vinculação foi feita a partir

[13] A tradução para língua portuguesa do termo 'dependence' coloca dificuldades, uma vez não existirem equivalências directas, que exprimam a totalidade do conceito. A opção por 'confiança nos outros', ainda que não nos satisfaça inteiramente, ultrapassa os equívocos gerados pelo termo dependência, cuja conotação pejorativa não engloba inteiramente o sentido da possibilidade de o sujeito permitir-se relacionar com o outro, sem perda da sua própria individualidade. A opção pela manutenção da definição das dimensões em língua inglesa prende-se com a possibilidade do leitor poder fazer a sua própria avaliação da tradução efectuada das dimensões para português, fornecendo assim elementos que permitam uma asserção o mais fiel possível dos sentidos e dos conteúdos em causa.

[14] Mais tarde, os autores alargam o número de itens para 25.

de procedimentos de análise de *clusters*, que organizou os resultados ao longo das dimensões em três configurações teoricamente consistentes, e que correspondem aos três estilos referidos por Hazan e Shaver (1987).

Esta escala foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Canavarro (no prelo)[15]. Neste estudo, uma análise factorial exploratória identificou uma estrutura em três factores ortogonais, idêntica à organização proposta pelos autores originais, as quais foram designadas de *vinculação ansiosa*, *vinculação segura* e *vinculação evitante*. No que toca à fiabilidade, o *alpha* de Cronbach para a escala global foi de 0,735, o coeficiente de Spearman-Brown de 0,732, e o valor da correlação *split-half* foi de 0,577. Por sua vez, a estabilidade temporal para um intervalo de seis semanas e para a escala total foi de 0,645 ($p < 0,001$), tendo o valor das correlações oscilado entre 0,423 e 0,583 para as três dimensões separadamente.

1.2.2.2. O *Adult Attachment Questionnaire (AAQ)*

No caso da medida de Simpson, as frases que compunham cada estilo de Hazan e Shaver (1987) foram simplesmente divididas em 13 itens, não tendo sido acrescentado mais nenhum conteúdo específico. A classificação nos estilos foi precedida pela composição de índices de vinculação, que resultaram do somatório dos itens que integravam inicialmente cada um dos estilos, dando origem a medidas contínuas. A consistência interna apresentou *alphas* de Cronbach de 0,51, 0,59 e de 0,79 para os índices de vinculação segura, ansiosa/ambivalente e evitante, respectivamente, valores que apontaram para a ausência de homogeneidade dos itens que compunham os dois primeiros índices. Estes dados são, aliás, indicativos do facto de, como salientámos anteriormente, os conteúdos dos estilos de Hazan e Shaver abarcarem diferentes aspectos da

15 A versão portuguesa deste instrumento referido como *Escala de Vinculação do Adulto* pode ser encontrada em Canavarro (1999).

vinculação.

Mais tarde, porém, este autor e colaboradores utilizam uma metodologia diferente na composição dos índices, baseando-se em análises factoriais exploratórias. Obtêm dois índices; o primeiro designado de *seguro/evitante* e o segundo de *ansioso/não ansioso* (Simpson, Rholes & Nelligan, 1992). Em 1996, utilizam uma medida muito semelhante a esta última, mas, desta vez alargando o número de itens para 17 (Simpson, Rholes & Phillips, 1996).

1.2.2.3. O *Reciprocal Attachment Questionnaire* e o *Avoidant Attachment Questionnaire for Adults*

Mas nem todos os instrumentos são extensões dos conteúdos da medida original de Hazan e Shaver. Alguns autores procuram retornar a Bowlby e inspirar-se nos seus escritos para decidir dos componentes essenciais das relações de vinculação. É o caso, por exemplo, de West e colaboradores (West & Sheldon-Keller, 1994; West & Sheldon, 1988; West, Sheldon & Reiffer, 1987) particularmente interessados no trabalho com populações clínicas e na exploração da relação entre vinculação e psicopatologia. Os autores desenvolvem o *Reciprocal Attachment Questionnaire* (*RAQ*), composto na totalidade por 43 itens. Quinze destes itens estão distribuídos por 5 dimensões, que avaliam a procura de proximidade, o protesto de separação, o medo da perda, a percepção da disponibilidade e o recurso à figura de vinculação. Os restantes 28 itens reúnem-se em torno de 4 padrões de vinculação insegura, designadamente a retirada zangada[16], a prestação compulsiva de cuidados, a confiança compulsiva em si próprio e a procura compulsiva de cuidados. Se bem que os três últimos padrões correspondam directamente às propostas de Bowlby,

---

16 Esta designação pretende ser a tradução de *angry withdrawal* que configura um padrão caracterizado por manifestações de irritação, zanga, revolta e raiva perante a inacessibilidade e a não responsividade da figura de vinculação.

o primeiro constitui uma tentativa de operacionalizar no adulto as estratégias ambivalentes, caracterizadas pela coexistência do desejo de proximidade e por reacções de afastamento e irritação, características estas evidenciadas por crianças classificadas de ansiosas/ambivalentes por Ainsworth e colaboradores.

Simultaneamente, estes autores elaboraram um instrumento (*Avoidant Attachment Questionnaire for Adults*) destinado a avaliar a vinculação em sujeitos, que não são capazes de identificar uma figura de vinculação nas suas vidas, com as características enumeradas pelos autores, designadamente alguém com quem desejassem partilhar as suas vidas, com quem fossem muito próximos, com quem fosse possível partilhar os problemas e os sentimentos mais íntimos, e alguém em quem pudessem confiar para obtenção de conforto e apoio em situações difíceis[17]. Basicamente os autores pretendiam avaliar dimensões do evitamento, estando obviamente excluídos os sujeitos que tivessem perdido num passado próximo uma relação de vinculação.

De um modo geral, os instrumentos apresentaram propriedades psicométricas adequadas, diferenciando populações clínicas de não clínicas. Contudo, os autores pretendem continuar o aperfeiçoamento dos mesmos, dedicando-se igualmente ao desenvolvimento de metodologias mais qualitativas, no sentido de ultrapassar algumas da limitações impostas por instrumentos de autorelato. Referimo-nos à *Reciprocal Attachment Interview* e a uma técnica projectiva baseada em desenhos com conteúdos ligados à vinculação (West & Sheldon-Keller, 1994).

---

17 Note-se que no primeiro instrumento de West e Sheldon-Keller, os participantes são instruídos a responder ao questionário de acordo com aquela que consideram ser a sua figura de vinculação primária, independentemente de ser um companheiro amoroso, uma figura parental ou outra. No segundo instrumento, os autores procuram criar um instrumentos para aqueles indivíduos que não têm ou não são capazes de identificar uma figura com as características enumeradas pelos autores.

1.2.2.4. *O Attachment Style Questionnaire*

Também com a intenção de avaliar a vinculação de sujeitos com pouca ou nenhuma experiência amorosa, mas desta vez de pré-adolescentes e de adolescentes, Feeney, Noller e Hanrahan (1994) partiram das contribuições de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), procurando abarcar os principais temas à volta dos dois eixos que compõem os modelos acerca de si próprio e do outro. O interesse destas autoras não é eminentemente clínico, como o era o dos anteriores, mas muito mais de considerar teoricamente relevante esta população em transição do ponto de vista da vinculação. Não se trata, portanto, de avaliar sujeitos com dificuldades continuadas de relação com os outros, mas antes de conhecer as representações acerca de si próprios e dos outros que têm aqueles que ainda não tiveram a oportunidade, por questões de precocidade de idade, de ter uma ou mais relações amorosas duradoiras.

O instrumento, designado de *Attachment Style Questionnaire*, é composto por 40 itens distribuídos por 5 dimensões, a saber: confiança, desconforto com a proximidade, necessidade de aprovação, preocupação com as relações e secundarização das relações. As autoras, para além de avaliarem as propriedades psicométricas do instrumento, que se apresentam como razoáveis, realizaram alguns estudos para testar a validade de constructo, recorrendo a escalas de personalidade e a variáveis relativas ao funcionamento familiar. Os resultados apontaram no sentido esperado, sendo o instrumento igualmente sensível a diferenças de género. No entanto, importa salientar que, se o instrumento é apresentado pelas autoras como se dirigindo àqueles que têm pouca ou nenhuma experiência amorosa e em particular a pré-adolescentes, a amostra utilizada para validar factorialmente o mesmo é constituída por jovens universitários, assistindo-se, assim, a um fosso desenvolvimental entre ambas as populações. Só num segundo momento, as autoras recorrem a uma amostra de pré-adolescentes para avaliar a associação entre vinculação e variáveis do contexto familiar e de personalidade.

1.2.3. O *evitamento* e a *ansiedade* como dimensões organizadoras da vinculação

Embora a discussão em torno da estrutura subjacente ao constructo de vinculação esteja ainda em aberto, tem-se vindo a assistir a um consenso relativamente à existência de duas grandes dimensões ou eixos em torno dos quais se organiza a grande maioria dos instrumentos de medida existentes. De facto, como já salientámos, vários são os estudos que observaram correlações fortes e negativas entre dimensões que operacionalizam o *evitamento* e a *segurança*, configurando uma dimensão bipolar, sendo que uma segunda dimensão diria respeito à *ansiedade acerca do abandono*[18] (Brennan & Shaver, 1995; Feeney, Noller & Callan, 1994; Mikulincer, Florian & Tolmacz, 1990; Mikulincer & Nachshon, 1991; Sanford, 1997; Simpson, 1990; Simpson *et al.*, 1992; Shaver & Brennan, 1992; Tidwell, Reis & Shaver, 1996).

Sanford (1997), por exemplo, recorreu à análise factorial confirmatória para testar não apenas em que medida o instrumento de Collins e Read (1990) se ajusta a uma estrutura bi-dimensional, mas também se esta estrutura replicava em adultos unidos pelo casamento, uma vez que grande parte dos estudos se baseia em amostras de namorados. Concluiu que, mujto embora o instrumento necessite de aperfeiçoamento, os dados encontrados ajustam-se a um modelo em duas dimensões, tanto numa amostra de sujeitos com experiências de namoro como na daqueles unidos pelo casamento.

Fraley e Waller (1998), por sua vez, recorreram a técnicas taxométricas (Meehl, 1995; Waller & Meehl, 1998) na análise do instrumento de autorelato de Bartholomew (*RSQ*), com uma amostra alargada de jovens universitários (N = 639), e defendem que as diferenças individuais na organização da vinculação no adulto se distribuem de forma quantitativa, não encontrando resultados que

[18] Ligeiras variações no modo como são designadas estas duas dimensões têm sido encontradas na literatura, muito embora, do ponto de vista substantivo, elas se aproximem. Por exemplo, a primeira, o evitamento-segurança, por vezes é referida como 'conforto com a proximidade'.

apoiem um modelo tipológico da vinculação. Deste modo, a tentativa de impor um modelo categorial à variabilidade das respostas a intrumentos de vinculação pode levantar problemas ligados ao poder estatístico, à precisão das medidas e às análises conceptuais efectuadas.

Mas com o objectivo de testar esta realidade de uma forma mais abrangente e de contribuir para a avaliação da convergência entre diferentes medidas, Brennan *et al.* (1998) lançaram-se no projecto ousado de fazer confluir todas as medidas de autorelato relativas à vinculação aos pares (romântica ou de amizade) disponíveis na comunidade científica à altura (num total de 323 itens após eliminação de redundâncias e de 60 dimensões) numa única administração junto de 1089 estudantes universitários. O resultado de uma análise factorial exploratória confirmou duas grandes dimensões ortogonais, representadas justamente pelo *evitamento* e pela *ansiedade*, sendo conceptualmente equivalentes aos eixos do modelo bi-dimensional de Bartholomew. Ou seja, o evitamento divide os sujeitos desinvestidos e amedrontados dos seguros e preocupados, relacionando-se com o modelo do outro. A ansiedade, por sua vez, diferencia os sujeitos preocupados e amedrontados dos desinvestidos e seguros, traduzindo o modelo de si próprio. Foi igualmente possível observar que a grande maioria das dimensões de vinculação contidas na administração se correlacionava moderada a elevadamente com uma destas dimensões[19], o que sugere a existência de denominadores comuns à vasta quantidade de investigação empírica realizada até ao momento, mesmo entre instrumentos nascidos de diferentes abordagens conceptuais[20].

---

19 Já em 1993, Shaver e Hazan tinham previsto esta possibilidade.

20 Refira-se, a este propósito, que muito recentemente Waters e Cummings (2000) pronunciaram-se de forma crítica relativamente ao facto de o conceito de base segura estar a ser esquecido da investigação empírica e dos processos de validação de instrumentos, sendo substituído pelo que designa de constructos psicométricos como a ansiedade e o evitamento e por constructos cognitivos como os modelos mentais.

No decurso desta análise, os autores compuseram um instrumento, designado de *Experiences in Close Relationships*[21], que integra os 36 itens que se correlacionaram de forma mais elevada com as ditas dimensões. Como é de esperar, os valores de consistência interna são elevados, e o comportamento destas escalas perante outras variáveis, designadamente a sexualidade e o toque, está de acordo com as previsões teóricas. Trata-se, ainda, de um instrumento que parece optimizar as diferenças individuais e que serve igualmente bem para classificar os sujeitos de acordo com os quatro protótipos de Bartholomew (Brennan *et al.*, 1998).

1.3. Abordagens prototípicas

As abordagens prototípicas, de que o modelo de Bartholomew é precisamente a referência principal (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), procuram conciliar as abordagens anteriores. Se, por um lado, identificam características centrais de um grupo de sujeitos, por outro, permitem a variabilidade individual na pertença a esse mesmo grupo. Ou seja, apesar de se considerarem padrões distintos de vinculação, assume-se que cada sujeito poderá caracterizar-se por elementos de vários padrões. Isto é, não só é pouco provável que um sujeito corresponda inteiramente a um único padrão, como é pouco provável que relativamente a cada padrão não se assista a variabilidade interindividual.

Apoiando-se na teoria de Bowlby (1969/91, 1973, 1982), Bartholomew e colaboradores (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew; 1994a, b; Sharfe & Bartholomew, 1995) referem que os padrões de

---

21 Este instrumento foi já utilizado em Portugal, no âmbito de uma tese de mestrado, tendo evidenciado boas qualidades psicométricas com uma amostra de jovens universitários de escolas privadas (Campos, 1998).

vinculação reflectem o objecto dos modelos internos dinâmicos - o *self* e o outro - e os sentimentos predominantes relativamente a esses mesmos objectos - positivos ou negativos. Estes modelos representariam expectativas gerais acerca do valor merecido do *self* e da acessibilidade e disponibilidade dos outros. A conjugação destas duas dimensões (cada uma com um polo negativo e um positivo) permite a obtenção de quatro protótipos de vinculação - *seguro*, *preocupado*, *desinvestido* e *amedrontado* -, conceptualizados enquanto estratégias prototípicas de regulação emocional e de comportamento interpessoal em situações de proximidade afectiva.

O modelo de Bartholomew, para além de se organizar a partir de uma estrutura bi-dimensional, identifica claramente dois tipos de evitamento, o desinvestido e o amedrontado, correspondendo respectivamente ao desinvestido de Main e colaboradores e ao evitante de Hazan e Shaver, confundidos até então na literatura. Uma vez que o estudo empírico que descreveremos nesta dissertação se enquadra na abordagem prototípica de Bartholomew e colaboradores, desenvolvemos detalhadamente este modelo no Capítulo 2.

2. Metodologias de observação da vinculação no jovem e no adulto

No campo da vinculação, o uso de certas metodologias tem aparecido associado a determinadas linhas de investigação. Enquanto que a linha de Main e colaboradores, inseridos numa tradição marcada pela Psicologia do Desenvolvimento, tem recorrido a metodologias mais qualitativas (nomeadamente a *Adult Attachment Interview*, George *et al.*, 1984) e a observações comportamentais em amostras mais pequenas, a linha de Hazan e Shaver faz mais uso de instrumentos de autorelato, aplicando-os em amostras mais alargadas, sofrendo mais a influência da Psicologia Social (Bartholomew &

Shaver, 1998). Ainda que se possa caracterizar em traços largos deste modo os percursos de investigação que têm vindo a ser desenvolvidos no campo da vinculação do jovem e do adulto, certamente que se tem assistido a influências mútuas, para além de que não ser possível claramente situar todos os investigadores numa ou noutra linha.

De um modo geral e como acontece em outras áreas da investigação em psicologia, os métodos de observação mais frequentemente utilizados no âmbito da vinculação do jovem e do adulto tendem a ser os instrumentos de autorelato e as entrevistas semi-estruturadas. Os argumentos em favor e em desfavor de cada uma destas metodologias são sobejamente conhecidos, pelo que nos escusamos de os repetir. Importa, no entanto, clarificar que não reivindicamos a supremacia de nenhuma delas sobre a outra, defendendo antes a necessidade de que à escolha da metodologia preceda uma definição clara dos objectivos a atingir e mais particularmente das variáveis que se pretendam estudar. Sempre que possível, será aconselhável uma metodologia suficientemente compreensiva de observação da realidade, constituída por métodos alternativos e o recurso a diversas fontes, já que, para além de favorecer o controlo da variância de método e do erro de medida aleatório (Griffin & Bartholomew, 1994a), permite melhor construir o objecto de estudo, atendendo à sua complexidade.

2.1. Os modelos representacionais como objecto privilegiado de avaliação

E no que diz respeito aos instrumentos de autorelato e às entrevistas, é óbvio que estes não nos dão indicações directas acerca de como os sujeitos *interagem* (ou interagiram) em actividades e experiências relacionais de proximidade com outros significativos. Permitem-nos, antes, aceder ao modo como os sujeitos *se percepcionam* enquanto seres que se relacionam, e *percepcionam os outros* nessa interacção relacional, ou seja permitem-nos ter acesso a *modelos representacionais* de vinculação. Neste sentido é, portanto,

possível e até em alguns casos altamente provável, que estas representações não coincidam com aquelas de outros, sejam estes pares ou observadores qualificados. Um exemplo desta discordância são precisamente as diferenças encontradas entre sujeitos desinvestidos e observadores externos na avaliação de comportamentos de hostilidade perante situações de conflito. Enquanto que os primeiros não se percepcionam como hostis, os segundos identificam nos comportamentos e atitudes dos primeiros consistentemente manifestações de hostilidade (Kobak & Sceery, 1988). Todavia, saliente-se que um estudo recente que procurou avaliar a sensibilidade de alguns instrumentos à desejabilidade social, não detectou associações significativas entre o desinvestimento (tal como avaliado pelo *Relationship Questionnaire*[22] de Bartholomew e Horowitz, 1991) e uma escala de *defensividade inconsciente,* e entre o desinvestimento e uma escala de *gestão da apresentação* (*impression management*) que avalia a tendência consciente para dar respostas mais favoráveis acerca de si próprio (Leak & Parsons, 2001)[23]. Também Moreira *et al.* (1998) não haviam encontrado uma relação significativa entre vinculação (a partir da medida categorial de Hazan e Shaver) e a desejabilidade social (avaliada a partir do *Eysenck Personality Inventory*). Refira-se também a este propósito o estudo de Banai, Weller e Mikulincer (1998) que sugere que o comportamento de vinculação é uma dimensão observável aos olhos de observadores externos (não qualificados), embora seja variável consoante o grau de conhecimento destes relativamente aos primeiros. Ou seja, os valores de concordância nas respostas dadas a medidas discretas e contínuas de vinculação entre as avaliações de amigos e a

22 O instrumento encontra-se na íntegra no Capítulo 2, pág. 108.

23 Note-se, porém, que as escalas *Attachment Style Questionnaire* (Feeney *et al.*, 1994) e *Adult Attachment Scale* (Collins & Read, 1990) são susceptíveis de contaminação, ainda que em graus variáveis, a distorções intencionais das respostas e a defensividade inconsciente. Por sua vez o *Relationship Questionnaire* (Bartholomew & Horowitz, 1991) é apenas sensível a distorções conscientes das respostas no que toca o padrão seguro, preocupado e amedrontado.

autoavaliação do sujeito alvo são mais elevados comparativamente com aqueles que se referem à comparação das respostas entre o sujeito alvo e um desconhecido. Mesmo assim, saliente-se que os valores de concordância aumentaram quando o sujeito alvo e o desconhecido interagiram durante cinco minutos, por comparação com uma condição experimental em que o desconhecido apenas observou o sujeito alvo a interagir.

Mas para além do interesse e da relevância teórica da comparação entre representações provenientes de fontes diversas, importa, em nosso entender, compreender em que medida estes enviezamentos[24] são sistemáticos, se estão associados a determinados processos de atribuição de sentido e, finalmente, em que medida nos podem fornecer informação qualitativa acerca dos mecanismos de defesa e de protecção pessoal dos sujeitos. Trata-se de fazer centrar a investigação empírica e a reflexão teórica nos *processos desenvolvimentais* e na reconstrução das circunstâncias históricas da evolução do sujeito que favoreceram determinadas configurações idiossincráticas de sentido.

Do mesmo modo que não se trata de avaliar as interacções "reais" mas antes as representações dessas relações, também o uso de metodologias *retrospectivas* não permite a distinção metodológica entre passado e presente. Como já tivemos a ocasião de sublinhar no Capítulo 2, trata-se antes de obter dados que nos permitam aceder ao modo como o indivíduo actualmente constrói um sentido pessoal para as experiências que foi vivenciando ao longo da sua trajectória desenvolvimental. E este sentido não é apenas influenciado pela qualidade e a natureza dos acontecimentos que ocorreram na infância como por aqueles que ocorreram em outros contextos de vida nos diversos tempos da

24 Entenda-se a palavra "enviezamento" não como distorção de uma realidade considerada objectiva, mas muito mais como construção única e ideossincrática de uma realidade com múltiplas possibilidades.

existência.

A exploração dos processos e dos mecanismos subjacentes à construção de novas vinculações e sobretudo à construção de novos sentidos beneficia, sem dúvida, de metodologias *prospectivas* e desenhos de observação longitudinais que permitam avaliar as dinâmicas emocionais e cognitivas que operam as relações entre determinados acontecimentos críticos e as concomitantes transformações estruturais.

2.2. Memórias autobiográficas e emoção

A relação entre a memória e a emoção constitui, em nosso entender, uma das áreas mais desafiantes e promissoras da investigação no ser humano, podendo iluminar o conhecimento relativamente ao processo de construção de sentido que marca a existência. Na medida em que muita da investigação realizada no domínio da vinculação se apoia justamente nas memórias dos indivíduos acerca de acontecimentos significativos e inevitavelmente carregados emocionalmente, julgamos pertinente considerar a articulação destas variáveis na compreensão dos estudos relacionados com a vinulação.

Um primeiro aspecto tem que ver com os efeitos que a tonalidade e a intensidade emocional associadas a uma experiência poderão exercer sobre a sua recordação no futuro. Em determinados casos, em que a experiência emocional for de tal modo extrema e intensa, poderá inclusivamente assistir-se a amnésias funcionais e a estratégias de repressão e de dissociação. Todavia, também se verifica que, de um modo geral, as memórias de acontecimentos emocionalmente intensos sofrem menos o desgaste do tempo comparativamente com memórias de acontecimentos mais comuns e habituais (cf. Pinto, 1998). Além disso, diversos estudos sobre a memória dependente da emoção têm vindo a sugerir que um episódio do passado poderá ser mais facilmente recordado quando as circunstâncias emocionais do momento da recordação se

assemelharem àquelas da ocorrência do acontecimento (cf. Albuquerque & Santos, 2000).

Uma outra forma de considerar a relação entre memória e emoção traduz-se na possível interferência do estado de humor nas respostas aos instrumentos de vinculação. A influência de estados depressivos na recordação de experiências de relacionamento parental tem vindo a ser estudada, designadamente com o objectivo de testar a hipótese da tríade cognitiva de Beck (1967), segundo a qual os esquemas negativos de indivíduos com depressão tenderão a influenciar as avaliações acerca de si próprios, do mundo e do futuro. Embora alguns autores manifestem um cepticismo acentuado no que toca ao uso de métodos retrospectivos (Halverson, 1988), uma análise da investigação empírica revela resultados inconsistentes (cf. Brewin, Andrews & Gotlib, 1993, para uma revisão). Por outro lado, é ainda pouco claro se os estados de humor transitórios interferem na evocação das memórias relativamente a experiências que ocorreram em fases iniciais do ciclo de vida ou se, pelo contrário, serão sobretudo as memórias mais recentes que serão sujeitas aos efeitos do estado de humor.

Procurando ultrapassar problemas metodológicos derivados da utilização de procedimentos de indução de estados de humor e da constituição de amostras voluntárias de sujeitos em tratamento psiquiátrico, Lewinsohn e Rosenbaum (1987), por exemplo, verificaram, com um estudo longitudinal, e à semelhança de estudos anteriores, que os efeitos de alteração de humor se fazem sobretudo sobre a recordação de acontecimentos recentes, sendo, porém, variáveis consoante a natureza das experiências em causa. Por outro lado, os indivíduos que apresentaram no passado episódios de depressão, mas que no segundo momento da avaliação foram considerados como não estando deprimidos, não se distinguiram dos grupos de controle. Este resultado foi interpretado como apoiando "a hipótese de que a recordação das figuras parentais como rejeitantes e pouco afectuosas *não* é uma característica estável da personalidade de pessoas com tendência para a depressão" (Lewinsohn & Rosenbaum, 1987, p.

611)[25].

Em todo o caso, e dada a inconsistência de resultados obtidos em diversos estudos, Kenny e Rice (1995) propõem a consideração da variável depressão não como variável dependente, muitas vezes utilizada como operacionalização do bem-estar emocional, mas como uma variável covariante, por forma a controlar os possíveis efeitos do estado de humor.

A mesma hipótese se poderá colocar relativamente aos indivíduos que tendem a utilizar predominantemente esquemas ansiosos de leitura das realidades (Beck & Emery, 1985). Ou seja, será que as pessoas ansiosas tenderão a recordar mais informações relacionadas com ameaças e perigo, isto é informações congruentes com o seu estado emocional? Mais uma vez, os resultados dos estudos realizados não são concludentes (cf. Levy & Mineka, 1998). Gerlsma, Kramer, Scholing e Emmelkamp (1994), por exemplo, com uma amostra de 315 sujeitos da população normal, verificaram que as memórias das experiências com os pais na infância permanecem bastante estáveis, mesmo perante alterações significativas nos níveis de ansiedade, de depressão e de hostilidade.

Finalmente, várias experiências no campo da investigação sobre o funcionamento cerebral têm vindo a apontar para o facto de haver "uma dissociação psicológica entre a memória para os elementos emocionais e afectivos de um acontecimento e a memória para o próprio acontecimento em si", sendo que, deste modo, "as respostas emocionais e afectivas podem surgir na ausência de qualquer processamento cognitivo" (Pinto, 1998, p. 231).

---

25 Itálico nosso.

2.3. A entrevista como oportunidade de revisão dos significados pessoais

Mas se o objectivo principal destas metodologias é basicamente a possibilidade de aceder às representações dos sujeitos acerca de aspectos ligados à vinculação, não tenhamos dúvidas que alguns destes instrumentos, e muito particularmente, aqueles que permitem ao sujeito um maior tempo de reflexão e de exposição das suas ideias (pensamentos, sentimentos, ou comportamentos) e que ocorrem num contexto de interacção relacional (como é o caso das entrevistas) podem constituir-se como ocasiões importantes *de* e *para* a transformação individual. Em primeiro lugar, porque solicitam ao sujeito o confronto com uma problemática, por si só potencialmente geradora de perturbação psicológica e psicofisiológica[26], e em segundo lugar, porque a produção de discurso verbal gera a oportunidade de revisão (ou melhor de início de revisão) de alguns dos pressupostos em que assentam algumas das regras consideradas viáveis (pelo menos até ao momento da entrevista). É certo que a atitude do entrevistador deverá minimizar os riscos de direccionamento ou influência do discurso do entrevistado, que podem ocorrer por via do apoio ou da aceitação incondicional, ou por via do desafio ou do confronto cognitivo. Não obstante a neutralidade exigida ao entrevistador (e nem sempre conseguida pelo mesmo, sobretudo quando este tem uma formação clínica), estes momentos de avaliação poderão, de um modo genérico, ser perspectivados como acontecimentos críticos, que "obrigam" os sujeitos a confrontar-se, por um lado, com determinados acontecimentos de vida, e por outro, com as interpretações que eles foram (ou são) "capazes" de fazer[27]. Claro que, muito provavelmente, o

---

26 Cf. estudo de Dozier e Kobak (1992)

27 Quando utilizamos a palavra "capazes" não pretendemos de modo algum referir uma possível deficiência ao nível dos recursos cognitivos ou outros, mas antes a capacidade de construção de significados, que resultou da história desenvolvimental do sujeito, pautada por determinadas circunstâncias dos contextos ecológicos em que habitou e por mecanismos de construção da identidade pessoal.

impacto destes procedimentos de avaliação na organização pessoal do sujeito dependerá também do estado de preparação para a transformação em que se encontrar, ou dizendo de outro modo, se o sujeito se encontrar em crise (definida enquanto resultando do desajuste entre as necessidades do sujeito e as exigências do meio), mais provável será o efeito desorganizador[28] do momento de avaliação[29]. Nesta ordem de ideias, a adesão dos sujeitos a futuros encontros (como implicam os estudos que assentam em desenhos longitudinais) poderá também ser reveladora de mecanismos de evitamento de situações emocionalmente tensas. Ou seja, é de esperar que aqueles indivíduos cuja realização da entrevista exerceu um efeito perturbador e que utilizam estratégias de evitamento, tendam a "dispensar" a participação em entrevistas futuras.

De acordo com a teoria da vinculação, julgamos ser possível prever que tanto os sujeitos desinvestidos como os amedrontados poderão tender a recusar o convite dos investigadores para próximas entrevistas (sobretudo quando é anunciada a realização de uma actividade semelhante), devido às dificuldades em lidar com as emoções associadas a experiências de vinculação. No caso dos primeiros sujeitos - os desinvestidos - esta recusa poderia advir da dificuldade em lidar com emoções negativas resultantes da activação de experiências de vinculação, pelo que seria lícito esperar que estes sujeitos evitassem justamente ocasiões em que isso pudesse acontecer (como é o caso da entrevista). No caso dos sujeitos amedrontados, esta recusa poderia resultar da dificuldade dos sujeitos em gerirem a sua ambivalência, também ela geradora de emoções

---

28 Entenda-se a expressão "desorganizador" como a possibilidade de desequilibrar a ordem pessoal estabelecida.

29 Note-se, por exemplo, que alguns estudos indicam justamente que, após a realização da entrevista, alguns sujeitos manifestaram o desejo de procurar ajuda especializada (Dozier & Kobak, 1992).

negativas. Por seu lado, relativamente aos sujeitos preocupados, muito embora igualmente inseguros, a representação positiva do outro e a tendência para procurar apoio social não faz esperar a diminuição na participação futura; muito pelo contrário, a oportunidade para fazer revelações pessoais seria um bom motivo para estes sujeitos continuarem nos estudos.

Estas hipóteses, de cariz exploratório, e as quais não tivemos ainda a oportunidade de ver trabalhadas na literatura, levantam questões interessantes sobretudo na constituição das amostras longitudinais. Mas para além das amostras longitudinais, também aquelas que são constituídas através de um recrutamento voluntário, poderão, eventualmente, sofrer enviezamentos, se pensarmos que os sujeitos seguros e, eventualmente, os preocupados, tenderão a voluntariar-se mais facilmente para estes acontecimentos[30].

2.4. Medidas narrativas da vinculação: o exemplo da Adult Attachment Interview

Ao longo dos últimos 15 anos, os conceitos de *narrativa* e de *história de vida* têm vindo a ganhar maior visibilidade na história das ciências sociais e humanas, considerando alguns que se assiste a uma verdadeira "revolução narrativa" (cf. Lieblich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998).

A *Adult Attachment Interview (AAI)*, entrevista desenvolvida por Main e colaboradores e a que já fizemos referência no Capítulo 2 insere-se, em nosso

30 No estudo de Black e McCartney (1997), onde a amostra foi constituída justamente a partir da adesão voluntária dos participantes, que por sua vez foram solicitados a levar os seus melhores amigos para o contexto laboratorial da investigação, verificou-se que a amostra de sujeitos voluntários se diferenciava significativamente daquela que reunia os sujeitos amigos, sendo que a última apresentava mais insegurança na vinculação parental. Aliás, os resultados obtidos com a primeira amostra, que relacionavam a segurança parental à interacção social com os amigos não replicaram na segunda amostra.

entender, numa perspectiva narrativa da abordagem do conceito de vinculação, pelo que consideramos relevante fornecer uma descrição mais detalhada da mesma. Por outro lado, tem vindo a servir de suporte a uma quantidade considerável de investigação empírica, designadamente no âmbito da compreensão dos processos subjacentes ao desenvolvimento de perturbações do foro psicopatológico.

Como já salientámos, o domínio das relações parentais na infância constitui o foco de avaliação retrospectiva da *Adult Attachment Interview* (AAI; George *et al.*, 1984), aliás o primeiro método a ser desenvolvido com o intuito claro de avaliar a organização da vinculação no adulto[31]. Esta entrevista clínica semi-estruturada, baseada na teoria de Bowlby, procura avaliar memórias autobiográficas relacionadas com a vinculação aos pais na infância e a percepção da importância atribuída a essas experiências no desenvolvimento do sujeito. O alvo centra-se, assim, nos *modelos representacionais* da vinculação, e particularmente na capacidade do sujeito para integrar informação afectiva e factual proveniente da memória semântica e da episódica.

Mas se esta entrevista pretende aceder às representações da vinculação, é importante sublinhar que a concepção de vinculação na *AAI* está intimamente ligada àquilo que os seus autores designam de "*state of mind with respect to attachment*", manifestada na *coerência* que o sujeito está capaz de imprimir na organização do seu discurso e ao modo como o sujeito processa e integra a informação relevante e acessível. Ou seja, mais do que propriamente os conteúdos da história do relacionamento parental, é a *forma* e a *estrutura* da narrativa que assumem um papel decisivo na classificação da segurança dos sujeitos. Neste sentido, a organização da vinculação em sujeitos adultos

31 Refira-se que Main e colaboradores têm vindo a desenvolver esforços para elaborar um instrumento de autorelato (*The Berkeley-Leiden Adult Attachment Scale*), directamente inspirado na *AAI* e que apresente correlações fortes com a entrevista (Main, 1999).

relativamente à infância não é a tradução das experiências de vinculação ocorridas na infância. Resulta, antes, da capacidade de *integração* dessas experiências ao longo do tempo, pelo que é possível os sujeitos relatarem acontecimentos relacionais negativos na infância e, no entanto, serem avaliados como seguros. Esta questão é tanto mais relevante, quanto nos remete para a importância das experiências de vinculação ao longo do ciclo de vida, dentro e fora do contexto familiar que, juntamente com a emergência das capacidades cognitivas do jovem e do adulto, criam condições para a possibilidade de distanciamento, de revisão e de reconstrução de experiências afectivas precoces (Matos & Costa, 1996).

O sistema de classificação da *AAI* tem vindo a ser revisto e aperfeiçoado ao longo do tempo. O processo de cotação das entrevistas é feito sobre as transcrições para papel das mesmas, sendo atribuído um valor numa escala de 9 pontos a dez dimensões (a saber: afecto, rejeição, incentivo à realização, negligência, inversão de papéis, coerência, idealização, irritação com os pais, insistência na incapacidade de se recordar na infância e luto não resolvido)[32], para além do sujeito ser classificado numa de quatro categorias, designadamente como *seguro/autónomo* em relação à vinculação, *desligado* ou *rejeitante* da vinculação, *emaranhado* ou *preocupado* com a vinculação, e *não resolvido em relação à vinculação*[33].

Genericamente, o padrão *seguro* caracteriza-se pela valorização das

32 Uma vez não termos tido acesso ao manuscrito não publicado de Main e Goldwyn (1991) acerca do sistema de cotação e de classificação da *AAI*, reportamo-nos às dimensões referidas na versão portuguesa de Soares (1996). Todavia, alguns estudos empíricos referem, ainda, na secção dedicada à metodologia, a monitorização metacognitiva, a derrogação (*derogation*) e a passividade do discurso como dimensões avaliadas pela *AAI*.

33 Tem-se assistido por parte dos vários investigadores que recorrem a esta metodologia à utilização de designações diversas das categorias. Utilizaremos aqui as traduções adoptadas por Soares (1996; Machado, Soares & Silva, 1996).

experiências de vinculação e por coerência e objectividade no discurso. Estes sujeitos fornecem descrições realistas dos seus pais, podendo inclusivamente relatar experiências negativas de rejeição, abuso, ou outras. Os sujeitos classificados no padrão *desligado*, contrariamente, não apenas desvalorizam as relações de vinculação e a sua influência sobre o desenvolvimento, como apresentam dificuldades em recordar-se de episódios específicos de vinculação. Muitas vezes apresentam descrições idealizadas dos seus pais, mas não são capazes de apoiar esta informação com episódios concretos. A incoerência e a confusão marcam, por sua vez, o discurso dos sujeitos classificados no padrão *preocupado*. Estes sujeitos parecem excessivamente envolvidos com as experiências de vinculação na infância, tendo dificuldade em proceder a uma integração distanciada. Tanto podem estar ainda excessivamente dependentes das figuras parentais, como podem evidenciar sinais de zanga e revolta. Finalmente, a categoria *'não resolvido em relação à vinculação'* é atribuída quando se assiste a lapsos importantes na monitorização metacognitiva dos processos discursivos e de pensamento a propósito da recordação de determinados episódios traumáticos e/ou perdas. Geralmente estes sujeitos apresentam-se confusos e desorientados, podendo, no entanto, evidenciar características de todos as outras categorias simultaneamente. Finalmente, alguns protocolos são incluídos numa categoria designada por "impossíveis de classificação" (*cannot classify*), dado a ausência de uma estratégia discursiva organizada ao longo de toda a entrevista, evidenciando padrões linguísticos incompatíveis e contraditórios (Hesse, 1999).

A elaboração desta entrevista resultou da necessidade de uma metodologia de avaliação susceptível de apreender os modelos internos dos adultos com o objectivo de testar a existência de um padrão intergeracional da vinculação, a partir da comparação entre a organização da vinculação dos pais e a dos filhos. Ou, dito de outro modo, em que medida as representações de vinculação na infância de sujeitos adultos poderiam estar associadas às práticas educativas

relativamente aos filhos e, assim, à organização comportamental da vinculação dos últimos. Neste contexto, a validação deste instrumento consistiu primordialmente na comparação dos resultados dos pais com os encontrados nos filhos, a partir do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*, fazendo parte de um projecto que viria a ser identificado como projecto intergeracional de Berkeley (Main *et al.*, 1985). Os estudos demonstraram que, do ponto de vista teórico e empírico, existem semelhanças entre os padrões de vinculação dos adultos e os propostos por Ainsworth e colaboradores para a infância, tendo sido encontradas, consistentemente ao longo de diversas investigações, percentagens elevadas de concordância entre os padrões da mãe (mesmo ainda enquanto grávida, Benoit & Parker, 1994) e os dos bebés e das crianças (Ainsworth & Eichberg, 1991; Bretherton, 1990; Crowell & Feldman, 1987; Fonagy, Steele & Steele, 1991; Grossmann & Grossmann, 1991; Levine, Tuber, Slade & Ward, 1991; Main *et al.*, 1985). Por sua vez, os estudos que avaliaram as representações da vinculação do pai encontrarem correlações mais baixas comparativamente com as da mãe (Main *et al.*, 1985). Numa meta-análise que incluiu 18 estudos empíricos realizada por Van IJzendoorn (1995), o autor conclui que cerca de um quarto da variância do comportamento na *Situação Estranha* é explicado pelas representações dos pais avaliadas a partir da *AAI*.

No que toca à fiabilidade e à validade discriminante desta entrevista, alguns estudos têm dado provas da estabilidade das classificações por períodos de tempo diversos (um, dois, três meses, bem como um ano e meio)[34] (Bakermas-Kranenburg & Van IJzendoorn, 1993; Benoit & Parker, 1994; Sagi, Van IJzendoorn, Scharf, Koren-Karie, Joel & Mayseless, 1994; Steele & Steele, 1994; Van IJzendoorn, 1995), não estando as respostas dos sujeitos associadas a

34 Muito embora as percentagens de concordância das classificações sejam elevadas, verifica-se que a introdução da categoria "não-resolvido" no sistema de classificação diminui a percentagem de concordâncias (de 78% para 61%).

variáveis como inteligência, fluência verbal e raciocínio lógico, nem sendo influenciadas pela desejabilidade social ou pela variável 'entrevistador' (Bakermas-Kranenburg & Van IJzendoorn, 1993; Sagi *et al.*, 1994; Steele & Steele, 1994; Van IJzendoorn, 1995; Crowell, Waters, Treboux, O'Connor, Colon-Downs, Feider, Golby, & Posada, 1996) ou pela capacidades de memória autobiográfica (Bakermas-Kranenburg & Van IJzendoorn, 1993; Sagi *et al.*, 1994). Contudo, num estudo, as respostas à entrevista apareceram correlacionadas moderadamente com uma medida geral de inteligência (Crowell, Waters, Treboux, O'Connor, Colon-Downs, Feider, Golby, & Posada, 1996). Finalmente, registos psicofisiológicos dos níveis de conductividade da pele indicam que a *AAI* diferencia os sujeitos inseguros entre si, já que apenas os desligados, muito embora apresentando-se exteriormente como inalterados, apresentam aumentos consideráveis de conductividade, quando confrontados com questões que abordam experiências desagradáveis com os pais, como sejam aquelas associadas a separações, a rejeições ou ameaças, dados que são interpretados como resultando de estratégias defensivas (Dozier & Kobak, 1992).

Um método alternativo de cotação da *AAI* – o *Adult Attachment Q-Sort* foi desenvolvido por Kobak (1993; Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming, & Gamble, 1993) e consiste na classificação da entrevista em 100 itens ao longo de uma escala contínua de 9 pontos. O resultado final organiza os valores do sujeito em torno de duas escalas bipolares e ortogonais, supostamente reveladoras das estratégias de regulação emocional utilizadas pelo sujeito, a saber: segurança *versus* ansiedade e hiperactivação *versus* desactivação.

No decurso de dificuldades encontradas na aplicação do sistema de avaliação a uma amostra constituída por crianças e mães alemãs, um novo método de análise dos protocolos foi também desenvolvido na Universidade de Regensburg (Fremmer-Bombik, 1992; Fremmer-Bombik, Rudolph, Veit, Schwarz & Schwarzmeier, 1989; Grossman & Grossman, 1991). Com base numa análise dos protocolos que decorre em quatro etapas – as três primeiras respeitantes a

uma análise qualitativa e a última ao tratamento quantitativo – as entrevistas são classificadas relativamente à *qualidade da representação* (segura ou insegura) e ao *padrão da representação* (positivo, reflectido, incoerente e repressivo) (cf. Soares, 1996). Este método encontra-se traduzido e adaptado para português (Soares, Fonseca, Almeida, Machado, Neves & Henriques, 1989), tendo apoiado, juntamente com a entrevista *AAI*, um estudo intergeracional entre mães e filhos adolescentes realizado por Soares (1996)[35].

Mas para além da *AAI*, outras entrevistas têm vindo a ser desenvolvidas. Destacamos a *Peer Attachment Interview*, entrevista desenvolvida por Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) com o objectivo de avaliar a vinculação dos jovens e dos adultos aos pares, abordando um conjunto alargado de tópicos relacionados com o domínio das amizades e das relações amorosas. Também a *Family Attachment Interview*, elaborada pela mesma autora, embora inspirada na *AAI*, aborda conteúdos novos, para além de o sistema de cotação ser diferente, de acordo com o sistema de classificação proposto pela autora. Ambas as entrevistas irão ser apresentadas no Capítulo 6, uma vez terem integrado a metodologia de investigação utilizada no estudo empírico apresentado neste trabalho. Na altura procurar-se-á legitimar a razão da opção pelas mesmas, identificar-se-ão as semelhanças e as diferenças entre a *Family Attachment Interview* e a *AAI*, e salientar-se-ão os aspectos inovadores introduzidos na versão portuguesa das entrevistas.

Finalmente, Crowell e Owens (1996, citado em Crowell & Treboux, 2001) desenvolveram a *Current Relationship Interview (CRI)* que pretende constituir-se como uma medida narrativa semelhante à *AAI*, mas desta vez aplicada às relações amorosas. Para além de serem classificados como seguros, preocupados, desligados e não resolvidos, de forma paralela ao sistema de

35 O leitor interessado encontrará nesta última referência a publicação da entrevista e deste manual em português.

classificação de Main, é prestada uma atenção especial aos comportamentos de procura e de fornecimento de base segura do indivíduo e do companheiro, bem como ao estilo discursivo.

2.5. O recurso a metodologias de observação naturalista

Mas se os instrumentos de autorelato e as entrevistas têm servido preferencialmente de base à recolha de dados neste âmbito, alguns autores reclamam a necessidade de se recorrer a metodologias observacionais que permitam o estudo dos *comportamentos* de vinculação e das *interacções* entre os elementos de uma relação. Alguns referem mesmo que seria importante encontrar um equivalente para o adulto da *Situação Estranha*, que permitisse estudar em que medida situações de *stress* e de ansiedade provocam comportamentos de vinculação, e identificar as condições que activariam o sistema de vinculação nos adultos (Noller & Feeney, 1994).

É, aliás, nesta ordem de ideias que se situam alguns estudos que procuram utilizar medidas comportamentais avaliadas a partir de observadores externos para identificar, por exemplo, a influência dos estilos de vinculação amorosa nos comportamentos e interacções de apoio no par amoroso. Os trabalhos de Simpson e colaboradores (Simpson *et al.*, 1992; Simpson *et al.*, 1996) e de Collins e Feeney (2000) são um exemplo da tentativa de criar situações experimentalmente controladas para activar o sistema de vinculação. Outros estudos procuram recorrer a situações naturais dos contextos de vida dos sujeitos que possam activar o sistema de vinculação, como é o caso, por exemplo das separações em aeroportos (Fraley & Shaver, 1998)[36]. Finalmente, Crowell e

[36] Voltaremos a uma descrição mais pormenorizada destes estudos no Capítulo 5, a propósito da revisão da investigação empírica. Em todo o caso, estes autores acreditam que o aeroporto poderá constituir-se como um procedimento parcialmente análogo ao da *Situação Estranha*, e clarificam: "We refer to the airport as a "partial" analogue because researchers using the strange

colaboradores (Crowell, Pan, Gao, Owens, Connor & Waters, 1998; citado em Crowell & Treboux, 2001) desenvolveram o *Secure Base Scoring System (SBSS)* que classifica os comportamentos de vinculação a partir da interacção dos companheiros amorosos perante uma situação de discussão de um assunto pessoal que envolva a relação em si. A partir de uma lista preliminar de temas de discórdia identificados por ambos, é escolhido o tema ao qual foi atribuída uma maior frequência de discussão, por forma a garantir que o desentendimento possa fazer activar o sistema de vinculação. Os elementos são avaliados na condição de sujeitos que recorrem ao outro como base segura (*secure base user*) e na de sujeitos que funcionam como base segura para o outro (*secure base supporter*).

Neste sentido, a maioria destes estudos procura centrar-se em processos e comportamentos de vinculação que podem ser activados particularmente no decurso de situações *stressantes*, salientando que, de um modo geral, ao se focalizarem em *orientações gerais* relativas a relações de vinculação, a maioria dos instrumentos de autorelato não o permitem fazer. Deste modo, é defendido que a actuação dos processos de vinculação se faz apenas num campo restrito que cobre, por um lado, as circunstâncias perante as quais o sistema de vinculação é activado, e por outro lado, o espectro de relações interpessoais a que diz respeito. Relativamente à primeira questão, alguns autores afirmam ser o

---

situation focus largely on reuniohn behavior rather than preseparation behavior. Nonetheless, we believe that both airport separations and reunion episodes of the strange situation activate similar psychological issues. For example, both contexts have the potential to heighten concerns about the availability and responsiveness of the attachment figure, as well as concerns about self-efficacy and self-worth. That is, they both have the potential to strongly activate the attachment system. Additionally, the attachment figure is present in both contexts; therefore defenses on an interpersonal nature (e.g. gaze aversion) can be activated and observed. we suspect that separation behavior is less diagnostic of infant attachment patterns in the separation episodes of the strange situation because the caregiver is not present to elicit these kind of defenses. Furthermore, in the preseparation episodes of the strange situation, the infant is not aware that a separation is about to take place. clearly this is not the case for adults in the airport context." (Fraley & Shaver, 1998, p.1199).

sistema de vinculação activado, apenas quando o sentido de segurança interna do sujeito é ameaçado por acontecimentos reais ou imaginados (Ainsworth *et al.*, 1978; Sroufe & Waters, 1977). E. neste sentido, Kobak e Dummler (1994) propõem 3 tipos diferentes de situações: (1) aquelas provocadoras de medo, que motivam as pessoas a recorrerem a outros significativos como fontes de apoio e de conforto; (2) situações desafiantes que conduzem as pessoas a procurarem os outros como base segura; e finalmente (3) interacções conflituosas que acentuam a importância da manutenção de uma parceria de cooperação.

De qualquer modo, se as metodologias de observação naturalista podem ser consideradas como fontes importantes de informação relativamente às dinâmicas das relações de vinculação, é óbvio que o seu uso, nomeadamente em adultos, se defronta com alguns obstáculos importantes. Primeiro, os comportamentos e os processos de vinculação não são facilmente observáveis, particularmente em adultos, por outro lado, estes tendem a ser inibidos em contextos públicos e nomeadamente de gravação em *vídeo*. Por estas razões, alguns investigadores preferem gravar as interacções dos sujeitos sem conhecimento destes, informando-os *a posteriori* e solicitando o seu consentimento para utilização das gravações para fins de investigação científica. Obviamente situações desta natureza levantam questões do foro ético, de modo algum desprezíveis, assim como acontece com a observação em contexto natural.

2.6. Outras metodologias

Embora com muito menor frequência, a investigação empírica neste domínio tem vindo a recorrer a outras metodologias, das quais destacamos os registos psicofisiológicos (Carpenter & Kirkpatrick, 1996; Dozier & Kobak, 1992; Feeney & Kirpatrick, 1996, Fraley & Shaver, 1997) na tentativa de avaliar os processos psicofisiológicos concomitantes à presença de determinados comportamentos ou

representações de vinculação (ver Fox & Card, 1999, para uma revisão dos estudos neste âmbito).

Dozier e Kobak (1992), por exemplo, testaram, num grupo de 50 estudantes universitários, em que medida se assistia a alterações na conductividade da pele por ocasião da realização da *AAI*. Verificaram que, de acordo com as suas hipóteses, sujeitos que utilizam estratégias de desactivação como mecanismo de desviar a atenção de tópicos relacionados com a vinculação, apresentam alterações significativas da conductividade da pele, reveladoras de que os sujeitos experienciam conflito ou inibição no decurso da entrevista.

Do mesmo modo têm sido realizados estudos experimentais com vista à avaliação das estratégias cognitivas associadas a determinadas representações de vinculação (Baldwin, Fehr, Keedian, Seidel & Thompson, 1993; Fraley & Shaver, 1997).

Com o objectivo de aprofundar o conhecimento relativamente aos processos defensivos supostamente subjacentes ao comportamento dos sujeitos desinvestidos, Fraley e Shaver (1997), por exemplo, obtiveram resultados que contrariam a ideia de que os adultos evitantes não são capazes de desactivar a angústia relacionada com as questões de vinculação. A partir da comparação com grupos de controle, o estudo revelou que estes indivíduos são capazes de suprimir a activação latente do sistema de vinculação evidenciada a partir de uma diminuição na acessibilidade de pensamentos relacionados com a vinculação e numa diminuição da resposta autonómica (conductividade da pele) perante pensamentos relacionados com a vinculação.

3. Domínios de avaliação da vinculação no jovem e no adulto

No jovem e no adulto, a avaliação da vinculação tem-se centrado em três grandes domínios: o domínio das relações com os pais, o domínio das relações amorosas e o domínio das relações de amizade com os pares em geral[37].

3.1. Relações parentais

O domínio das relações entre pais e filhos tem merecido uma atenção privilegiada dos investigadores que se situam numa perspectiva de ciclo vital. Esta atenção deve-se, em nossa opinião, por um lado, ao facto de Main e colaboradores, no decurso da tradição da Psicologia do Desenvolvimento, estarem particularmente interessados na qualidade das ligações emocionais entre pais e crianças e [deve-se], por outro lado, ao emergir de uma nova perspectiva da relação entre pais e filhos adolescentes, que assume a vinculação como um elemento integrante do processo de individuação do adolescente (Grotevant & Cooper, 1986; Matos & Costa, 1996; Soares & Campos, 1988; Weiss, 1982; Youniss & Smollar, 1985).

Nesta perspectiva, o processo de crescimento psicológico em direcção à autonomia não implica desvinculação da família, mas, pelo contrário, é optimizado no contexto de proximidade emocional e de segurança transmitidas pela família. Quanto mais seguro o jovem se sentir no seio da sua família, tanto mais se envolve com confiança na construção de uma identidade separada da mesma, sendo mais capaz de integrar as experiências emocionais ocorridas no seio da família e fora dela (Matos & Costa, 1996).

---

[37] É igualmente possível encontrar algumas referências sobre a avaliação da vinculação em relações com características particulares, como, por exemplo as relações psicoterapêuticas. Embora escassos, estes estudos tematizam aspectos relevantes da aplicação da teoria da vinculação, mas aos quais não daremos atenção, por não se enquadrarem no âmbito deste trabalho.

3.1.1. Elementos diferenciadores dos instrumentos

Um primeiro aspecto que diferencia as medidas relativas às relações parentais tem que ver com a identificação discriminada ou conjunta dos pais; isto é, alguns instrumentos solicitam aos sujeitos para responderem de acordo com a percepção global de relação com ambos os pais, outros instruem os mesmos a responder diferenciadamente, tendo em conta, separadamente, a relação com a mãe e a relação com o pai. Uma vez que diversos estudos indicam que os jovens tendem a caracterizar a relação com cada um dos pais de forma diferencial (Collins & Russel, 1991; Hill & Holmbeck, 1986; Paterson, Field & Pryor, 1994; Pipp, Jennings, Shaver, Lamborn & Fisher, 1985), sendo que cada uma das relações (e particularmente cada uma das combinações diádicas) poderá desempenhar um determinado papel no desenvolvimento do sujeito (Benson, Harris & Rogers, 1992; Kerns & Stevens, 1996; Rice, Cunningham & Young, 1997), pensamos, que será de toda a utilidade aceder às representações da vinculação relativamente a cada um dos progenitores.

Uma segunda dimensão que faz variar os instrumentos de avaliação das relações familiares tem que ver com o tempo histórico a que se referem. Se mais uma vez o que está em causa são as *representações* dos indivíduos, estas poderão dizer respeito a acontecimentos que ocorreram durante infância, àqueles que ocorreram ao longo do desenvolvimento ou, ainda, àqueles que atravessam as relações actuais, em particular durante a adolescência.

De qualquer modo, a avaliação da vinculação dos adolescentes aos pais enfrenta alguns desafios metodológicos no que toca especialmente à identificação da natureza e do significado dos comportamentos que supostamente preencherão funções de vinculação. De facto, se relativamente aos bebés e às crianças estão identificados de forma sistemática uma série de sequências comportamentais que elucidam acerca da natureza dos laços emocionais que a criança constrói com as figuras de vinculação, nos adolescentes e nos jovens assim não acontece. A natureza dos comportamentos de vinculação dos adolescentes, bem como a sua

organização ou coerência interna, ou ainda o significado mais particular a eles associado merecem maior atenção por parte dos investigadores (Kenny & Rice, 1995). A adolescência coloca, em nosso entender, importantes desafios à teoria da vinculação e pode ajudar a clarificar e a refinar o conhecimento acerca do modo como o sistema de vinculação opera ao longo do ciclo de vida. E neste sentido, só na medida em que a operacionalização do constructo de vinculação for apropriado desenvolvimentalmente às diferentes etapas do ciclo de vida, é possível determinar a estabilidade das estruturas da vinculação ao longo da ontogénese.

3.1.2. Alguns instrumentos de autorelato

Para além das entrevistas que se centram nas relações familiares e que abordámos no ponto 2.3. deste Capítulo, é possível encontrar instrumentos de autorelato baseados em abordagens dimensionais. Entre os mais frequentemente utilizados na investigação, contam-se o *Parental Bonding Instrument* (*PBI*; Parker, Tupling & Brown, 1979), o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (*IPPA*; Armden & Greenberg, 1987) e o *Parental Attachment Questionnaire* (*PAQ*; Kenny, 1987).

3.1.2.1. O *Parental Bonding Instrument* (*PBI*)

Trata-se de um instrumento que solicita aos sujeitos que respondam de acordo com as experiências ocorridas ao longo dos primeiros 16 anos de vida, diferenciando as respostas relativamente a cada figura parental numa escala de respostas tipo Likert de 4 pontos. Os 25 itens que constituem o instrumento organizam-se ao longo de duas dimensões: o 'cuidado' (*care*) e uma dimensão bipolar constituída pelo 'controle/superprotecção' *versus* 'encorajamento da independência'. A consistência interna avaliada a partir do método *split-half* indicou valores de 0,88 e 0,74 para a primeira e a segunda dimensão, respectivamente. Os valores do reste-reteste para um intervalo de três semanas

observados numa pequena amostra de 117 participantes foram de 0,76 para a dimensão carinho e de 0,63 para a dimensão da superprotecção.

O *PBI* foi sujeito a tradução para português e à testagem das suas propriedades psicométricas, que se revelaram adequadas com uma amostra de 529 participantes adultos (média de idades de 30,93 anos) (Baptista & Lory, 1997), muito embora tenham sido excluídos da solução factorial 9 itens por não apresentarem valores de correlação iguais ou superiores a 0,40 com os factores para os quais originalmente estão destinados. Todavia, a estrutura factorial em duas dimensões não replica numa amostra de 410 adolescentes portugueses com uma média de idades de 15,04 anos. Uma solução em três factores – carinho, autonomia e protecção – revela-se mais ajustada aos resultados desta amostra e igualmente teoricamente interpretável, tendo sido apenas excluídos deste processo dois itens relativos à escala da protecção (Baptista, Negrão, Lory & Carvalho, 1997).

3.1.2.2. *O Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)*

Trata-se de um questionário de autorelato que procura avaliar a qualidade das relações de vinculação com os pais (separadamente em relação a cada figura) e com os pares em adolescentes[38] e jovens adultos numa escala de respostas tipo *Likert* de 5 pontos. O instrumento é constituído por 28 itens na versão pais e 25 itens na versão pares, distribuídos por 3 dimensões: a 'confiança', definida enquanto compreensão e respeito parental e confiança mútua; a 'comunicação', na sua extensão e qualidade; e a 'alienação', que procura detectar sentimentos de isolamento. Os valores de consistência interna revelaram-se adequados, oscilando entre 0,72 e 0,91 para as diferentes subescalas. Uma vez ser suposto as dimensões avaliadas pelo instrumento

38 Mais precisamente, os autores referem-se à adolescência tardia (Armsden & Greenberg, 1987).

estarem correlacionadas entre si, os autores propõem o cálculo de um valor final de segurança, a partir do somatório das duas primeiras dimensões e da subtracção da terceira. Os valores do teste-reteste para um intervalo de três semanas e para este índice global foram de 0,93 para a escala dos pais e 0,86 para a dos pares (cf. Armsden & Greenberg, 1987).

Este instrumento tem sido igualmente utilizado com amostras portuguesas, designadamente no âmbito de estudos que procuram avaliar a relação entre a qualidade da vinculação e a percepção do grupo de amigos por ocasião de transições escolares (Neves, 1995 citada em Neves, Soares & Silva, 1999), a importância da qualidade da vinculação na gravidez adolescente (Ferreira, 1998), e a relação entre a qualidade da vinculação e o desenvolvimento do autoconhecimento em jovens toxicodependentes (Geada, 1990).

No primeiro estudo foi utilizada uma amostra de 450 adolescentes do 7º, 10º e 12º ano de escolaridade (Neves, 1995 citado em Neves, Soares & Silva, 1999), tendo sido efectuada uma análise de factores principais com a totalidade dos itens, reunindo as versões relativas à mãe, ao pai e aos amigos. Deste modo, as versões foram tratadas como medidas unifactoriais (Neves *et al.*, 1999), não tendo sido analisada a dimensionalidade subjacente a cada versão. Os valores da consistência interna, avaliada a partir do *alpha* de Cronbach, foram de 0,92, 0,95 e 0,93 para as versões mãe, pai e amigos, respectivamente.

No segundo estudo, a autora (Ferreira, 1998) recorreu a uma amostra de 166 adolescentes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (média de 15,2 anos)[39]. Uma análise de factores principais com rotação *varimax* fez emergir apenas dois factores, que foram designados pela autora de 'proximidade' e que reúne os itens das duas primeiras dimensões reportadas por

39 Note-se que a autora não refere a média das idades desta amostra quando descreve a amostra que considerou para a adaptação do instrumento; todavia crê-se tratar-se da mesma amostra que foi utilizada posteriormente para análise das diferenças na vinculação aos pais em função da existência ou não de gravidez.

Armsden e Greenberg (1987) e de 'alienação', factor idêntico ao proposto pelo instrumento original. Os *alphas* de Cronbach, calculados apenas para o total da escala (e não por dimensão) para a versão pai e a versão mãe, foram 0,82 e 0,79, respectivamente.

3.1.2.3. O *Parental Attachment Questionnaire* (*PAQ*)

O *PAQ* é constituído por 55 itens que se organizam em torno de três dimensões factoriais: a 'qualidade afectiva das relações', o 'encorajamento parental da autonomia' e o 'papel parental no fornecimento de apoio'. Embora na versão original o instrumento não diferencie as figuras parentais, mais recentemente foram introduzidas respostas separadas para o pai e a mãe. Estudos realizados com amostras de estudantes universitários revelaram coeficientes de *alpha* de Cronbach entre 0,88 e 0,96 e valores de teste-reteste entre 0,82 e 0,91 para um intervalo de duas semanas (Kenny, 1987, 1990).

Sem pretendermos fazer uma avaliação exaustiva das suas qualidades psicométricas ou da validade de constructo destes instrumentos; apenas enumeramos algumas das fragilidades com que nos deparamos aquando da sua análise.

Um primeiro comentário prende-se com as condições deficientes na amostragem para a prossecução de procedimentos de análise factorial. De um modo geral, as amostras são pequenas relativamente ao número de itens dos questionários, não assegurando uma condição considerada importante para a obtenção de factores fiáveis e estáveis (Comrey, 1978; Tinsley & Tinsley, 1987). Para além disso, algumas estruturas factoriais são compostas por diversas variáveis consideradas factorialmente complexas, isto é, que se correlacionam com valores elevados com mais de um factor. Por outro lado, as decisões dos autores pela inclusão de um determinado item num factor não seguem critérios uniformes, sendo que as variâncias explicadas são por vezes reduzidas. Em todo

o caso, a grande maioria dos estudos realizados com os mesmos têm apontado para o facto de serem sensíveis a diferenças individuais, apresentando igualmente associações teoricamente previsíveis com outras variáveis que permitem afirmar a validade de constructo.

Mais recentemente, foi desenvolvido o *Adolescent Attachment Questionnaire* (*AAQ*; West, Rose, Spreng, Sheldon-Keller & Adam, 1998), que, pelo seu curto tempo de existência, apoiou ainda pouca investigação empírica. Por outro lado, outros autores fizeram adaptações para o domínio das relações parentais de instrumentos usados para as relações amorosas. É o caso, por exemplo, de Kerns e Stevens (1996) que adaptaram o instrumento de Collins e Read (1990).

3.2. Relações amorosas

Desde que pela primeira vez Hazan e Shaver (1987) operacionalizaram o amor romântico como processo de vinculação por excelência do jovem e do adulto, semelhante funcionalmente à relação entre a criança e os seus pais (ou outras figuras cuidadoras substitutas), que este tem vindo a constituir-se como um domínio de preferência no estudo das relações de proximidade destas faixas do ciclo vital. Mas se este objecto de estudo é genericamente aceite pela comunidade científica como cenário privilegiado de actuação da vinculação, o modo como ele pode ser apreendido é sujeito a variações e particularidades, que merecem alguma atenção.

Um primeiro aspecto que consideramos de importância relaciona-se com a questão de se avaliar a vinculação por referência a uma relação amorosa específica ou ao conjunto de experiências amorosas em que o sujeito já se viu envolvido, questão esta que é naturalmente atravessada por opções de natureza teórica. Consideremos a primeira situação, ou seja à avaliação da vinculação por referência a uma relação específica, e atendamos à variabilidade de possíveis critérios para a sua definição. Tanto pode tratar-se da relação actual, como da

mais longa ou duradoira, como ainda daquela que é considerada pelo sujeito como mais significativa, independentemente de serem fixados os dois primeiros critérios. Ora a questão central está em decidir qual destes critérios poderá aproximar-se melhor dos de uma relação de vinculação, sobretudo se pretendermos estudar a vinculação na adolescência. De facto, se é verdade que uma relação de vinculação tem um significado particular para o sujeito no sentido em que esta contribui para um sentido interno de segurança pessoal, não é verdade que toda a relação considerada como significativa tenha necessariamente de ter sido (ou de ser) uma relação de vinculação. Pensamos por exemplo em experiências amorosas pouco duradoiras, com uma forte componente de enamoramento, mas que não tiveram o tempo necessário para que uma vinculação emocional se estabelecesse. Muito provavelmente correremos o risco de classificar os ditos comportamentos do sujeito face a esta relação como preocupados, quando de facto podemos estar perante um sujeito predominantemente seguro. Nomeadamente em adolescentes e jovens, esta relação poderá ser considerada a mais significativa pela habitual quantidade de experiências de tonalidade positiva em relações em início de construção, muito embora outras relações, provavelmente mais duradoiras, mas menos satisfatórias, poderão revelar componentes mais estruturadas da vinculação. Aliás, o tempo não apenas parece ser um factor importante na definição das relações de vinculação[40], mas também parece ser um indicador com alguma utilidade de relações seguras, quando estas são satisfatórias, e de relações

40 O(s) tempo(s) necessário(s) à construção/consolidação de uma vinculação emocional no jovem e no adulto é um tema que consideramos do maior interesse, ainda que de difícil operacionalização para o estudo científico. Encontramos no estudo de Hazan e Zeifman (1994) uma primeira tentativa para o abordar. Neste estudo, as autoras referem o mínimo de 2 anos para que seja possível identificar-se numa relação de reciprocidade com um par todas as componentes da vinculação, neste caso avaliadas como procura de proximidade, procura de conforto e apoio, protesto de separação e base segura.

inseguras, particularmente preocupadas, quando estas são insatisfatórias. Ou seja, no segundo caso, o que parece estarmos a assistir é ao prolongamento de relações que, embora insatisfatórias, adiam o confronto com a perda e o sentimento de abandono e de rejeição.

Mas como já adiantámos, alguns investigadores optaram por instruir os participantes a responder aos seus instrumentos, de acordo com o modo como o sujeito se sentiu ao longo de diferentes experiências amorosas. O que se pretende é que estes sejam capazes de identificar as regularidades ao longo de diversas relações, e que estas sejam reveladoras dos modelos internos da vinculação. Parte-se assim do princípio de que, primeiro, existem de facto regularidades e de que, segundo, o sujeito é capaz de as identificar. Ora, tanto um como o outro são princípios questionáveis.

Relativamente ao primeiro, ele remete-nos, como sabemos, para um importante debate no campo da vinculação, que opõe uma perspectiva que assume a predominância do traço ou disposição interna a uma perspectiva que sublinha as características particulares das relações na definição do constructo de vinculação. Sem nos alongarmos nesta discussão, uma vez ela já ter sido alvo de aprofundamento no Capítulo 3, apenas referimos que muito provavelmente as respostas a estes instrumentos (sejam eles centrados numa relação específica, ou apelando os mesmos ao conjunto de experiências vividas) são influenciadas tanto por características específicas de determinadas relações e companheiros, como pelos modelos que o sujeito foi construindo ao longo de diferentes relações e que se constituem como expectativas e grelhas de leitura pessoais das relações actuais. Neste sentido, as respostas aos itens são interpretações ou construções das realidades interpessoais e não traduções dessas mesmas realidades, pelo que se assume uma dinâmica interactiva entre características pessoais dos sujeitos envolvidos e características imprimidas pelo sistema relacional. De qualquer modo, se optarmos pela identificação de uma relação específica, a possibilidade de controlarmos variáveis como, por exemplo,

as características específicas de um determinado companheiro e de uma determinada relação, como a sua duração no tempo para além de aspectos mais interactivos, poderá certamente constituir uma vantagem na compreensão de algumas dinâmicas ligadas à vinculação.

Relativamente ao segundo princípio, que como dizíamos, prevê que o sujeito seja capaz de identificar essas mesmas regularidades, podemos invocar perspectivas desenvolvimentais no âmbito do conhecimento de si próprio, que definem estádios na produção e identificação de regras e que perspectivam a evolução do autoconhecimento a partir de uma organização hierárquica. (Weinstein & Alschuler, 1985). Com base no modelo de Weinstein e Alshuler (1985) seria esperado que apenas os sujeitos situados nos dois últimos níveis – o configuracional e o transformacional – seriam capazes de detectar regularidades e invariâncias ao longo da diversidade de experiências amorosas.

Qualquer um dos pontos referidos anteriormente assume uma menor importância se se optar pelo recurso a estratégias mais qualitativas de recolha de dados, como o poderão ser as entrevistas semi-estruturadas, de que é exemplo a *Peer Attachment Interview* de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Para além de ser dada a possibilidade ao sujeito de falar sobre diferentes experiências amorosas, permitindo aceder a uma maior complexidade que geralmente caracteriza o funcionamento humano em relações interpessoais de proximidade, cabe ao cotador a tarefa de sintetizar num valor final aquilo que parece traduzir a regra numa determinada dimensão da vinculação. Se a atribuição de valores em situações desta natureza não é uma tarefa igualmente fácil, a possibilidade de formação especializada prévia e continuada, e a avaliação dos índices de concordância entre cotadores aumenta a eficácia na aproximação a um valor mais fiável.

3.3. Relações de amizade com pares

3.3.1. Vinculação ou afiliação?

Se os dois primeiros domínios têm sido considerados unanimemente como contextos de vinculação dos jovens e dos adultos por excelência, já este terceiro pode ser sujeito a alguma discussão. De facto, alguns autores defendem que, de um modo geral, as relações com os pares são predominantemente relações de *afiliação*, que preenchem essencialmente necessidades de intimidade e de exploração, não sendo a proximidade com estas figuras motivada pela procura ou manutenção de um sentido interno de segurança pessoal (Sheldon & West, 1989; West & Sheldon-Keller, 1994). Ainda que uma relação com determinada figura possa preencher diversas funções e dar resposta a várias necessidades individuais, contribuindo inclusivamente para a segurança do sujeito, estes autores definem uma relação de vinculação como aquela cujo primeiro objectivo é inequivocamente providenciar segurança. Dito de outro modo, as relações de amizade com pares, enquanto relações afiliativas, são funcionalmente diferentes das relações de vinculação e são reguladas por um sistema comportamental distinto (Hazan & Zeifman, 1994). Recorde-se, aliás, que a propósito da clarificação do comportamento de vinculação, Bowlby (1969/91) chama a atenção para o facto de, em diversas circunstâncias, a procura de proximidade não ter como objectivo a obtenção de segurança, mas muito mais a procura de um companheiro para a exploração e o jogo.

Mas nem todos os autores partilham desta posição e, embora reconhecendo que no adulto a figura de vinculação primária tende a ser o(a) companheiro(a) amoroso(a), identificam alguns componentes importantes do sistema de vinculação nas relações de amizade com pares, designadamente a procura de proximidade, de conforto e de apoio emocional. Por outro lado, salientam, ainda, a importância dos amigos no que designam de processo de transferência da vinculação aos pais para a vinculação aos pares (Hazan & Zeifman, 1994; Trinke

& Bartholomew, 1997; Weiss, 1991), para além do seu papel na vida adulta.

Em nossa opinião, de facto algumas das relações de amizade podem desempenhar funções de vinculação e apoiar o processo de crescimento psicológico do jovem. Referimo-nos, por exemplo, à figura do "melhor amigo/a", cuja proximidade o adolescente deseja, à qual o seu bem estar está muito ligado e que se pode constituir como uma figura que forneça segurança para o adolescente explorar outros contextos, para além da própria escola, como por exemplo, as actividades de tempos livres, os desportos, os fins-de-semana fora, outros locais de convívio, como as discotecas, etc. Por outro lado, e numa concepção mais alargada de vinculação, podemos igualmente considerar que no adulto também os amigos poderão preencher importantes funções de vinculação, sobretudo quando o indivíduo não dispõe de uma relação amorosa que funcione como fonte primária de segurança pessoal.

3.3.2. Alguns instrumentos de autorelato

O *Inventory of Parent and Peer Attachment* (Armsden & Greenberg, 1987), a que já fizemos referência, procura justamente constituir-se como uma medida da qualidade da vinculação aos pares para além da relativa ao relacionamento com os pais.

O *Attachment Scale Questionnaire* (*ASQ*, Feeney, Noller & Hanrahan, 1994), de que também já falámos anteriormente, incide igualmente a sua avaliação sobre as orientações do sujeito face a relações de proximidade com pares, não especificando a natureza da relação com os outros.

4. Convergência entre métodos e sistemas de avaliação

O reconhecimento da existência de vários sistemas de classificação da vinculação assentes em abordagens diversas e tematizando diferentes aspectos da vinculação, como acabámos de desenvolver, deu origem à condução de estudos, cujo objectivo é, justamente, avaliar a convergência entre diferentes medidas da vinculação, no sentido de verificar se os sujeitos classificados num sistema correspondem aqueles classificados em outro (Bartholomew & Shaver, 1998; Brennan *et al.*, 1991; Levy, Blatt & Shaver, 1998; Simpson *et al.*, 1996).

Comparando as medidas de auto-relato de Hazan e Shaver e de Bartholomew, alguns autores verificam que as classificações seguro e ansioso/ambivalente do primeiro sistema se assemelham genericamente ao seguro e preocupado no segundo sistema (Brennan *et al.*, 1991; Levy *et al.*, 1998). A principal diferença reside na distribuição dos sujeitos relacionados com o evitamento. Dos sujeitos classificados como desinvestidos no sistema de Bartholomew, cerca de 43% representam-se como evitantes e cerca de 45% como seguros no sistema de Hazan e Shaver (Brennan *et al.*, 1991). Por outro lado, é ainda de salientar que dos sujeitos classificados como ansiosos/ambivalentes, 50% correspondem ao preocupado, mas 37,5% estão inseridos no protótipo amedrontado de Bartholomew (Levy *et al.*, 1998).

Recorrendo às medidas dimensionais da vinculação, designadamente o *Adult Attachment Questionnaire* (*AAQ*, Simpson, Rholes & Nelligan, 1992; Simpson *et al.*, 1996) e o *Relationship Questionnaire*[41] (*RQ*, Bartholomew & Horowitz, 1991), Simpson e colaboradores obtêm correlações entre as dimensões de ambos os instrumentos, que apontam genericamente no mesmo sentido dos

[41] Recorde-se que este instrumento é constituído por quatro parágrafos, que descrevem os quatro protótipos, sendo solicitado ao sujeito que se posicione numa escala de 7 pontos relativamente a cada um dos mesmos.

estudos anteriores (Simpson *et al.*, 1996). Ou seja, a dimensão evitamento do *AAQ* encontra-se significativamente associada, e com uma extensão mais elevada, à dimensão do amedrontamento e negativamente à dimensão da segurança do *RQ*. A dimensão ambivalência do *AAQ* encontra-se correlacionada com as dimensões relativas aos padrões preocupado e amedrontado do *RQ*. Também Brennan *et al.* (1991) haviam encontrado correlações significativas e positivas entre as dimensões evitante e ansiosa/ambivalente da medida de Hazan e Shaver e a dimensão do amedrontamento da medida de Bartholomew.

Estes dados permitem-nos atentar ao facto de que na leitura dos resultados assentes no sistema de classificação de Hazan e Shaver (1987), devemos ter em consideração que nos sujeitos seguros poderão estar escondidos sujeitos desinvestidos e que nos sujeitos ansiosos/ambivalentes poderão albergar-se alguns amedrontados. Por outro lado, os evitantes nesta classificação deverão ser interpretados essencialmente na linha dos amedrontados de Bartholomew. Daqui se pode concluir que, se ambos os sistemas apresentam relação entre si, eles não podem ser assumidos como idênticos, e que o sistema de Hazan e Shaver (1987) poderá tender a inflacionar a percentagem de sujeitos seguros e de ansiosos/ambivalentes.

Griffin e Bartholomew (1994a) testaram, ainda, em que medida os instrumentos de Simpson (1990), Collins e Read (1990) e de Mikulincer e colaboradores[42] (Mikulincer, Florian & Tolmacz, 1990; Mikulincer & Nachshon, 1991) se relacionam com as dimensões representadas pelo modelo de si próprio e do outro, com base numa amostra constituída por pares amorosos heterossexuais em relações consideradas estáveis (mínimo de duração da relação de dois anos). Estas dimensões latentes resultam de combinações

42 Este instrumento constitui, mais uma vez e à semelhança dos anteriores, uma adaptação do original de Hazan e Shaver (1987). Cada escala referente aos estilos é composta pelo somatório dos itens que originalmente diziam respeito a esses mesmos estilos.

específicas dos valores obtidos nos quatro protótipos através das avaliações realizadas por instrumentos de auto-relato, quer do próprio sujeito-alvo quer do se companheiro amoroso e, ainda, das avaliações de juízes a partir de uma entrevista de vinculação aos pares (*Peer Attachment Interview*).

Os resultados indicam que as dimensões constituídas pelo 'modelo de si próprio' e pelo 'modelo do outro' predizem largamente os resultados obtidos em cada uma das escalas das medidas de vinculação administradas. Mais concretamente, ambas as escalas de ansiedade (do instrumento de Simpson e de Collins & Read), bem como a de ambivalência (de Mikulincer e colaboradores) correlacionam-se a uma magnitude elevada com o modelo de si próprio (obviamente de forma negativa), enquanto que as escalas de evitamento (de Simpson e de Mikulincer), de conforto com a proximidade (de Collins & Read) e de segurança (de Mikulincer) correlacionam-se com o modelo do outro. Apenas a escala conforto com a proximidade emocional (de Collins & Read) apresenta correlações moderadamente elevadas com ambas as dimensões latentes.

Alguns autores avaliaram, igualmente, as diferenças na distribuição de sujeitos pelos estilos de vinculação a partir de metodologias de avaliação diferentes, umas baseadas em medidas categoriais, outras em medidas dimensionais. É o exemplo de Mikulincer e Nachshon (1991) que utilizaram o instrumento original de escolha forçada de Hazan e Shaver (1987) e um instrumento baseado neste primeiro, mas organizado em 15 itens, elaborados a partir dos conteúdos de cada estilo. No primeiro caso, a distribuição efectuou-se a partir do estilo escolhido pelo sujeito; no segundo caso, o estilo atribuído dependeu do valor mais elevado em cada uma das dimensões, uma vez que se verificou que cada um dos factores obtidos, a partir de análises factoriais exploratórias, correspondia literalmente aos estilos (parágrafos originais), apresentando uma consistência interna razoável. Comparando os métodos de distribuição dos sujeitos, os autores apenas encontraram 9 e 16 sujeitos, respectivamente em amostras de 127 sujeitos e de 165 sujeitos que não

emparelharam, isto é, cuja classificação nos estilos não correspondia em ambos os métodos. Também Collins e Read (1990) já o haviam testado, obtendo uma percentagem de correspondências de 76%.

Finalmente, Bartholomew e Shaver (1998) estenderam a avaliação da convergência de métodos de classificação a domínios temáticos diversos, comparando o sistema proposto por Main e colaboradores e aquele proposto por Bartholomew e colaboradores. Embora com base numa amostra reduzida (30 mulheres) e com características específicas (mulheres em situação de luto psicológico no decurso de perda real), os autores encontraram graus de correspondência que consideraram elevados entre classificações efectuadas a partir do sistema de Bartholomew e o de Main. Pena é que não tenha sido contemplado neste estudo a avaliação do padrão amedrontado de Bartholomew e o de luto não resolvido de Main.

5. Síntese

Este capítulo pretendeu sistematizar as questões mais salientes relativas à avaliação da vinculação no jovem e no adulto a partir de três eixos, a saber: (1) as grandes *abordagens conceptuais* subjacentes à escolha dos métodos, (2) as diferentes *metodologias* utilizadas, e (3) os *domínios temáticos* sobre os quais incidem os instrumentos de análise da vinculação. Por outro lado, pretendeu igualmente familiarizar o leitor com alguns dos instrumentos mais frequentemente usados na investigação empírica, por forma a permitir, entre outros aspectos, uma leitura mais rigorosa do capítulo que se segue, dedicado à revisão dos principais estudos empíricos implementados no domínio da vinculação parental e amorosa do jovem e do adulto. Por último, a análise dos estudos sobre a *convergência* dos sistemas de classificação permitiu clarificar algumas das sobreposições entre os mesmos, e, fundamentalmente, chamar a atenção para os riscos inerentes a uma

justaposição conceptual precipitada das designações provenientes de cada sistema. A título de síntese, e sobretudo como orientações para a investigação neste domínio, destacamos os seguintes aspectos:

(1) Independentemente dos métodos utilizados, advoga-se a necessidade de uma formalização teórica da natureza ontológica da(s) variável(eis) em causa e o seu enquadramento nas grandes abordagens de avaliação das diferenças individuais. Dito de outro modo, o sistema de pressupostos metateóricos e metametodológicos subjacente aos estudos deverá ser explicitado.

(2) Sempre que possível, sugere-se a utilização de uma metodologia suficientemente compreensiva de observação da realidade, constituída por métodos alternativos (quantitativos e qualitativos) e o recurso a diversas fontes, já que, para além de favorecer o controlo da variância de método e do erro de medida aleatório, permite melhor construir o objecto de estudo, atendendo à sua complexidade.

(3) Por razões de natureza metodológica e teórica, desaconselha-se a utilização isolada de medidas categoriais, sugerindo-se, em alternativa, a sua conjugação com medidas contínuas, de molde a permitir também o aprofundamento do conhecimento acerca da validade dos instrumentos de medida.

(4) Os processos de validação dos instrumentos de medida (e consequente aperfeiçoamento dos mesmos) não deverão ser negligenciados, sobretudo quando se procede à aplicação em amostras e/ou culturas distintas daquelas para que foram originalmente elaborados.

(5) A comparação de resultados entre estudos deverá sempre ter em atenção os sistemas de classificação de que são provenientes, uma vez estes se basearem em concepções diversas do constructo de vinculação.

(6) Para além disso, são ainda pouco claras as ligações entre os diferentes sistemas de classificação da vinculação no adulto, pelo que se sugere a condução de estudos que contemplem as associações entre diferentes domínios da vinculação (relação parental e relação amorosa) e diferentes asserções do conceito de segurança.

(7) Importa continuar a desenvolver dispositivos que contemplem as variações desenvolvimentais da vinculação ao longo do ciclo de vida e que permitam centrar a atenção nos processos e nas dinâmicas, pelas quais se desenvolvem, mantêm e transformam as relações de vinculação.

Capítulo 5

Revisão da investigação no âmbito da vinculação do jovem e do adulto

Nos capítulos anteriores tivemos a ocasião de salientar a diversidade que caracteriza a investigação no domínio da aplicação da teoria da vinculação à juventude e à idade adulta, no que respeita a definição do constructo de vinculação, o tipo de metodologias utilizadas e os domínios sobre os quais incidem os mecanismos de avaliação. Procurámos, entre outros aspectos, sublinhar os riscos de sobreposições precipitadas ao nível da comparação dos resultados provenientes de estudos empíricos que se inserem em linhas de investigação distintas. No sentido justamente de prevenir esta situação, optámos na organização do capítulo que se segue, e que é dedicado a uma revisão da investigação mais relevante, por sistematizar a informação de acordo com dois grandes domínios – o da vinculação aos pais e o da vinculação amorosa. Para além disso, tivemos em conta, na análise dos estudos, o tipo de metodologias utilizadas e o sistema específico de classificação a que recorreram os diferentes autores.

Começaremos pela investigação no domínio da *vinculação aos pais* e, em particular, pelos estudos que, na sua grande maioria, utilizam instrumentos de autoavaliação assentes em abordagens dimensionais e que foram elaborados a partir das contribuições de Bowlby e Ainsworth mas que não se enquadram directamente nas linhas de investigação de Main ou de Hazan e Shaver, nem no modelo de avaliação de Bartholomew[1]. Privilegiaremos, na organização da

[1] Restringimos, assim, esta revisão, aos estudos que directamente se propuseram avaliar as relações familiares numa perspectiva de vinculação, escusando-nos de fazer referência a um vastíssimo conjunto de estudos que analisam as relações familiares sob outras perspectivas,

apresentação, as variáveis emergentes dos estudos que reflectem as preocupações dominantes dos investigadores.

Ainda dentro do domínio da vinculação aos pais, passaremos igualmente em revista os estudos empíricos mais directamente relacionados com a linha de investigação de Main e que, na maioria dos casos, se apoiaram na entrevista semi-estruturada *AAI* [2]. Como já tivemos a ocasião de abordar no Capítulo 2, uma quantidade considerável dos estudos que se incluem nesta linha centra-se na testagem da concordância entre os modelos representacionais de pais e a organização comportamental da vinculação dos filhos em diferentes fases do seu desenvolvimento, procurando aprofundar uma perspectiva intergeracional da vinculação (para uma revisão ver Soares, 1996; e Steele & Steele, 1994). Por outro lado, também assistimos à aplicação deste instrumento em estudos que procuram compreender a influência das dinâmicas emocionais da vinculação no desenvolvimento de perturbações do foro clínico e psicopatológico de diversa ordem[3]. Uma vez que qualquer uma destas preocupações não se insere no âmbito desta dissertação, apenas serão citados aqueles estudos que, de algum modo, abordaram as variáveis contempladas nesta revisão.

Em qualquer dos casos confinamos esta apresentação àqueles estudos que fizeram incidir os seus dispositivos de observação junto de adolescentes[4] e de

---

ainda que reconheçamos o interesse em integrar a informação proveniente das diversas abordagens.

[2] Muito embora, como já tivemos a oportunidade de desenvolver, esta entrevista permita a avaliação daquilo que os seus autores designam por *'general state of mind in regard to attachment'*, o tema sobre o qual versa a entrevista é a relação com as figuras parentais.

[3] Recentemente, o *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64* (1996) dedicou inclusivamente uma secção especial ao tema Vinculação e Psicopatologia.

[4] Dentro da adolescência, limitar-nos-emos à adolescência tardia.

jovens adultos. Por outro lado, também nos centraremos apenas nos estudos que recorrem a amostras ditas da população normal, salvo raras excepções em que se revele importante mencionar um ou outro estudo no sentido de apoiar elementos recolhidos noutras investigações. Excepção será igualmente feita quanto aos estudos realizados com amostras portuguesas, devido não apenas à escassez dos mesmos, mas sobretudo à sua relevância para a compreensão das especificidades culturais na abordagem das questões relativas à vinculação Finalmente, respeitaremos, sempre que possível, uma ordem cronológica de apresentação dos estudos, permitindo, assim, considerar uma perspectiva histórica na leitura da investigação sobre a vinculação no jovem e no adulto.

De seguida, tomaremos conhecimento com a investigação realizada no domínio da *vinculação amorosa*, e que na sua grande maioria se relaciona directa ou indirectamente com a linha de investigação de Hazan e Shaver, pelo facto de, do ponto de vista metodológico, se ter apoiado na medida de avaliação da vinculação proposta por estes autores ou em derivações da mesma. Desta vez, não nos reportaremos apenas a investigações realizadas com adolescentes e jovens adultos, mas incluiremos também aqueles que recorrem a amostras de adultos, pela razão de, na sua larga maioria, incluírem também jovens adultos. Permanece, no entanto, como critério de exclusão a exploração de questões relacionadas com temas clínicos, salvo, como já referimos no parágrafo anterior naqueles estudos que tenham sido conduzidos em Portugal.

Por último, e porque o tema desta dissertação é justamente *a relação entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa* em adolescentes e jovens adultos, consideramos pertinente destacar a investigação realizada com este fim numa alínea à parte. Aqui optámos por fazer confluir os estudos que se inserem em linhas de investigação distintas, por forma a criar condições que permitam uma integração dos resultados.

1. Investigação no domínio da vinculação aos pais

Como referimos no Capítulo 2, o domínio das relações de vinculação parentais[5] na adolescência tem assistido a um forte incremento no campo da investigação empírica. Adoptando uma perspectiva de vinculação ao longo do ciclo vital, diversos investigadores procuram, de um modo geral, evidenciar em que medida relações de vinculação segura aos pais contribuem para uma melhor adaptação psicossocial e desenvolvimento psicológico dos adolescentes. Implícita encontra-se a intenção de contrariar representações fortemente influenciadas pelas perspectivas psicanalíticas tradicionais, segundo as quais o processo de aquisição da independência psicológica dos adolescentes implicaria necessariamente a desvinculação dos laços parentais. Deste modo, a perspectiva assumida pela grande maioria dos investigadores pressupõe que vinculação e autonomia são dois processos dialecticamente interligados, isto é, a segurança na vinculação parental favorecerá o desenvolvimento de um *self* diferenciado e a aquisição da autonomia, assim como a última permite a construção e sucessivas reconstruções dos laços afectivos que ligam os filhos aos seus pais, contribuindo os adolescentes, a par dos pais, para a transformação de laços de complementaridade em laços de reciprocidade (Matos & Costa, 1996).

---

[5] Para efeitos de simplicidade de apresentação, tomamos como equivalentes as designações de 'vinculação aos pais' e 'vinculação parental', muito embora reconheçamos que a última formulação poderá igualmente referir-se à vinculação *dos* pais. Sempre que ao último significado nos quisermos referir, recorreremos única e somente à designação vinculação *dos* pais.

1.1. Vinculação parental e género

1.1.1. O género dos adolescentes

Diversos estudos têm explorado as diferenças de género no que toca à vinculação parental, tanto avaliada directamente a partir de instrumentos especialmente elaborados para avaliar o constructo de vinculação (como, por exemplo, o *Parental Bonding Instrument*, *PBI*, Parker *et al.*, 1979, o *Parental Attachment Questionnaire*, *PAQ*, Kenny, 1987, ou o *Inventory of Parent and Peer Attachment*, *IPPA*, Armsden & Greenberg, 1987)[6], como a partir de outros que avaliam constructos próximos do da vinculação (como, por exemplo, o *Psychological Separation Inventory*[7], Hoffman, 1984; e entrevistas que avaliam o relacionamento pais-filhos adolescentes).

Se bem que os resultados destes estudos não sejam absolutamente consistentes, é possível detectar algumas regularidades que se prendem com o tipo de instrumento utilizado e com a direcção do sentido das diferenças, quando estas se manifestam. De facto, verificamos que quando se evidenciam diferenças de género, de uma maneira geral, as raparigas apresentam valores mais favoráveis comparativamente com os rapazes (Benson *et al.*, 1992; Frank, Avery & Laman, 1988; Kenny, 1994; Kenny & Donaldson, 1991; Lapsley, Rice &

---

[6] Uma apresentação breve destes instrumentos foi efectuada no Capítulo 4.

[7] Refira-se que o *PSI* não foi elaborado tendo por base a teoria da vinculação, mas antes a perspectiva de Blos (1979) sobre o processo de separação-individuação. A inclusão dos estudos que utilizam esta medida deve-se fundamentalmente ao facto de esta ter sido utilizada posteriormente no processo de validação dos instrumentos originais apresentados nesta dissertação, pelo que julgamos pertinente actualizar a investigação empírica a que a ele recorre. Acresce ainda o facto de, ainda que provenientes de perspectivas diferentes, ambos os constructos – o de separação-individuação e o de vinculação – serem, como já dissemos, conceptualmente próximos (Josselson, 1988).

Shadid, 1989; Lopez, 1996; Lopez, Campbell & Watkins, 1988; Moore, 1987; Rice *et al.*, 1997). Senão vejamos.

Kenny e Donaldson (1991), por exemplo, numa amostra de 226 estudantes universitários do primeiro ano, verificam que as raparigas apresentam valores mais elevados comparativamente com os rapazes nas três escalas do *PAQ*, ou seja, na percepção do apoio emocional prestado pelas figuras parentais, na qualidade afectiva da vinculação e no encorajamento parental da autonomia. Mais tarde, Kenny (1994) recorre a uma amostra constituída por jovens que frequentam cursos técnicos não superiores (N = 173) com o objectivo de testar a vinculação em diferentes camadas sociais e, com o mesmo instrumento, obtém diferenças de género apenas na primeira escala referida (a da percepção do apoio emocional) que apontam igualmente para resultados mais elevados nas raparigas. No mesmo sentido, também Frank *et al.* (1988) haviam verificado que as raparigas jovens adultas (entre os 22 e os 32 anos), avaliadas a partir de entrevistas sobre as relações pais-filhos, se encontram mais ligadas emocionalmente (*connectedness*) às figuras parentais do que os rapazes, embora esta diferença se acentuasse mais na relação com as mães. Por sua vez, Lopez (1996) observa com o *PBI* que raparigas estudantes universitárias percepcionam as suas relações com as figuras parentais como mais controladoras e menos encorajadoras da autonomia, quando comparadas com os rapazes.

Tendo por base ainda a condução de entrevistas, e desta vez da *AAI* (*Adult Attachment Interview*, de George *et al.*, 1984), Bell (1998) verifica numa amostra de 72 estudantes universitários, que as raparigas apresentam valores mais elevados de segurança em escalas de vinculação, formadas com base no *Q-sort* de Kobak, enquanto que os rapazes são avaliados como mais desligados. Por sua vez, Kobak e Sceery (1988) haviam encontrado, com uma amostra de 53 participantes, uma maior prevalência de raparigas preocupadas,

comparativamente com os rapazes.

Mas como dizíamos no início, são também vários os estudos que não encontram diferenças de género na vinculação parental de adolescentes e de jovens (Armsden & Greenberg, 1987; Brack, Gay & Matheny, 1993; Haigler, Day & Marshall, 1995; Kenny, Moilanen, Lomax & Brabeck, 1993; Lapsley, Rice & FitzGerald, 1990; McCormick & Kennedy, 1994; Parker *et al.*, 1979; Quintana & Lapsley, 1990; Rice & Cummins, 1996; Rice, FitzGerald, Whaley & Gibbs, 1995; Soares, 1996; Vivona, 2000; Young & Lichtenberg, 1996).

Muito embora tenham sido escolhidos instrumentos diversos nestes estudos, verificamos que a maioria dos que recorrem ao *IPPA* não evidenciam diferenças de género. Lapsley *et al.* (1990), por exemplo, encontram apenas diferenças de género nas escalas do *IPPA* (confiança, comunicação e alienação) relativamente aos pares (e não aos pais), em que as raparigas apresentam resultados mais favoráveis. Do mesmo modo, Rice *et al.* (1995) observam, numa amostra de 223 estudantes universitários, diferenças de género apenas na vinculação aos pares e, desta feita, somente nas escalas de comunicação e confiança, resultados estes consistentes com o estudo original de Armsden e Greenberg (1987). Também Haigler, Day e Marshall (1995), ainda com o *IPPA*, não encontram diferenças de género na vinculação parental, não tendo utilizado a versão para pares. Para além destes, outros estudos também não evidenciam diferenças de género com o *PAQ* (Kenny *et al.*, 1993; Young & Lichtenberg, 1996), com o *PBI* (Parker *et al.*, 1979; Rice & Cummins, 1996), bem como com uma adaptação para relações parentais do instrumento de Hazan e Shaver (1987) (McCormick & Kennedy, 1994). Finalmente, também Soares (1996), com uma amostra de 60 adolescentes portugueses, não encontra diferenças de género, a partir da administração da *AAI* e do sistema de classificação de Regensburg (Fremmer-Bombik *et al.*, 1989).

Alguns estudos que recorem ao *IPPA* parecem constituir excepções. É o caso do estudo de Benson *et al.* (1992) que identifica diferenças de género que, por sua vez, interagem com o género das figuras parentais, na medida em que observam valores mais favoráveis na vinculação à mãe (mas não ao pai) nas raparigas por comparação com os rapazes. Por sua vez, Neves (1995 citada em Neves *et al.*, 1999) com uma amostra de 450 adolescentes do 7º, 10º e 12º anos de escolaridade encontra igualmente diferenças de género mas num sentido diferente, isto é são os rapazes que apresentam valores mais favoráveis na escala de vinculação ao pai, não se evidenciando diferenças relativamente à mãe. Também numa amostra portuguesa que inclui 166 adolescentes do sexo feminino, verificou-se que estas representam a relação com a mãe de forma mais próxima relativamente à relação com o pai, embora não se tenham evidenciado diferenças significativas relativamente à alienação (Ferreira, 1998)[8].

A introdução da variável género das figuras parentais permite, aliás, uma avaliação mais fina do impacto diferencial da qualidade de cada díade no desenvolvimento psicológico, tendo sido contemplada em diversos estudos, como passaremos a descrever na próxima alínea.

1.1.2. O género das figuras parentais

Alguns estudos apontam, como acabámos de referir, para uma interacção significativa entre o género do adolescente e o das figuras parentais, sendo que *índices globais* de segurança na vinculação à mãe apresentam valores superiores nas raparigas do que nos rapazes (Benson *et al.*, 1992; Berman & Sperling, 1991). Outros, por sua vez, observam que estudantes universitários,

[8] Recorde-se que, como foi referido no Capítulo 4, uma análise de factores principais fez emergir uma estrutura com dois factores, sendo que o primeiro reúne itens das dimensões 'comunicação' e 'confiança', tendo sido designado de 'proximidade' e o segundo agrega os itens da escala da 'alienação', tendo recebido a designação original (Ferreira, 1998).

independentemente do género, apresentam valores mais elevados de segurança na vinculação à mãe do que ao pai (mais uma vez a partir de um índice global de vinculação composto pelas escalas do *IPPA*) (Haigler *et al.* 1995). Também com um grupo clínico de toxicodependentes e um grupo de controle constituído por estudantes universitários, e com base no índice global do *IPPA*, Geada (1990) verifica que a vinculação à mãe apresenta valores superiores de segurança, comparativamente com a vinculação ao pai e aos pares.

Utilizando uma *abordagem multidimensional* na avaliação da vinculação, diversos estudos avançam na especificação da caracterização das representações dos adolescentes das relações familiares associada ao género da figura parental. McCormick e Kennedy (1994), por exemplo, numa amostra de 219 estudantes universitários, verificam que, muito embora, de um modo geral, a aceitação parental apareça associada ao encorajamento da independência, os pais são percepcionados pelos filhos (rapazes e raparigas) como mais encorajadores da independência e as mães como mais aceitantes. Por outro lado, os dados indicam que os jovens perspectivam a transformação dos comportamentos parentais ao longo do ciclo de vida no que toca ao encorajamento da independência, cujos valores são superiores nas percepções relativas ao momento actual comparativamente com relatos retrospectivos, para ambos os pais. Por sua vez, Paterson, Field e Prior (1994) verificam que os adolescentes procuram mais as mães em situações de necessidade de apoio, comparativamente com os pais, embora em situações de procura de proximidade as figuras parentais não sejam diferenciadas.

Parker *et al.* (1979), no estudo inicial realizado para a validação do *PBI*, verificam que embora não se observem diferenças no que toca ao género dos adolescentes, as mães são representadas como mais carinhosas e simultaneamente mais superprotectoras, comparativamente com os pais. Mais tarde, também com o *PBI*, Rice *et al.* (1997) encontram diferenças de género

mas desta vez num sentido diferente, sendo que as raparigas percepcionam a relação com o pai como mais controladora comparativamente com os rapazes. Recorde-se que Lopez (1996) obteve resultados semelhantes no que concerne à representação das raparigas por comparação com os rapazes; todavia dado ter calculado um índice global resultante do somatório dos valores relativos ao pai e mãe, não foi possível detectar se esta percepção diferenciava também as figuras parentais como o evidenciado no estudo anterior.

Também numa amostra de 529 sujeitos adultos portugueses (média de idades de 30,93 anos e desvio padrão de 10,92), Baptista e Lory (1997) obtêm com o *PBI* resultados idênticos: as mulheres representam a relação com o pai como mais controladora e superprotectora comparativamente com os homens. Todavia, contrariamente a estudos anteriores; na dimensão 'carinho' (*care*) na relação com a mãe, os homens apresentam resultados mais favoráveis do que as mulheres, ou seja comparativamente com as mulheres, estes percepcionam a relação com a mãe como tendo sido mais carinhosa. Para além disso também com uma versão adaptada do *PBI* [9] às relações actuais com os pais, e desta vez com uma amostra de 410 estudantes do ensino secundário, foram encontradas diferenças de género (Baptista *et al.*, 1997). Comparativamente com as raparigas, os rapazes percepcionam mais carinho na relação com o pai, para além de representarem a relação com ambos os pais como mais encorajadora da autonomia. Curiosamente, também noutro estudo realizado com uma amostra de 400 adolescentes portugueses e um instrumento de vinculação

[9] Recorde-se que, como já adiantámos no Capítulo 4, a estrutura factorial em duas dimensões reportada no estudo original do *PBI* não replica na amostra de adolescentes portugueses. Uma solução em três factores – carinho, autonomia e protecção – revela-se mais ajustada aos resultados desta amostra e igualmente teoricamente interpretável (Baptista *et al.*, 1997).

especificamente elaborado para a população portuguesa[10], parece observar-se uma tendência semelhante (Barbosa, 2001). Ainda que tendo ultrapassado o limiar da significância (p = 0,06), é de salientar que comparativamente com as raparigas, os rapazes representam a relação com o pai como mais próxima emocionalmente. Na relação com a mãe, todavia, não se observam diferenças de género. Resultado semelhante encontra Neves (1995 citada em Neves *et al.*, 1999), como já referimos anteriormente, com uma amostra de 450 jovens do 7º, 10º e 12º anos de escolaridade, embora recorrendo a índices globais de segurança a partir do *IPPA*. A qualidade da vinculação à mãe não se diferencia consoante o género do adolescente, enquanto que os rapazes apresentam valores superiores na escala de vinculação ao pai.

Finalmente, alguns estudos recorrem ao *PSI* (*Psychological Separation Inventory*, Hoffman, 1984), instrumento que tem como objectivo avaliar o processo de separação-individuação do jovem de acordo com a perspectiva de Blos (1979) e que, de algum modo, se encontra conceptualmente próximo do constructo da vinculação (Lapsley & Edgerton, 1998; Lapsley *et al.*, 1989; Lopez, Campbell & Watkins, 1986). Lapsley *et al.* (1989), por exemplo, verificam numa amostra de estudantes universitários que as raparigas apresentam valores mais elevados de dependência emocional, atitudinal e funcional em relação à mãe e de dependência emocional em relação ao pai, comparativamente com os rapazes. De modo sensivelmente semelhante, também Lapsley e Edgerton (1998) observam igualmente, numa amostra de estudantes universitários, que as raparigas têm valores mais elevados de dependência emocional, atitudinal e funcional em relação às mães comparativamente com os rapazes, mas os últimos apresentam valores mais elevados de dependência atitudinal

[10] O instrumento em causa é o QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, cujo desenvolvimento constituiu um dos objectivos deste trabalho e que será apresentado no Capítulo 7.

relativamente aos pais. Finalmente, num estudo com 337 estudantes universitários portugueses, Dias (1996) verifica que os jovens são funcional e emocionalmente mais independentes na relação com o pai do que na relação com a mãe.

Em resumo, e como dissemos no início, apesar de se assistir a alguma inconsistência nos resultados, é possível encontrar algumas regularidades relativamente à associação entre a variável género e a vinculação aos pais de adolescentes e jovens adultos. Na generalidade, é possível constatar que as raparigas tendem a representar a relação com as figuras parentais (e em particular com a figura materna) de modo mais próximo emocionalmente comparativamente com os rapazes. Note-se que designadamente o *IPPA*, instrumento largamente utilizado na comunidade científica, parece não ser muito sensível a diferenças de género. A esta situação não será provavelmente alheio o modo como a vinculação está operacionalizada nas dimensões propostas pelo instrumento e que divergem de outros.

1.2. Vinculação parental e idade

A questão central nos estudos que utilizam a idade como variável independente prende-se com a tentativa de explorar em que medida a vinculação é uma variável estável ao longo do tempo, isto é, em que medida poderemos falar de estabilidade ou de mudança na vinculação parental ao longo do ciclo de vida. É óbvio que o ciclo de vida abrange um espectro de tempo demasiado alargado para, no momento, dispormos de dados que nos façam avançar no pensamento acerca desta questão. Todavia, alguns estudos têm sido realizados que procuram comparar dados, ora utilizando desenhos transversais, ora longitudinais, nas faixas que mais directamente nos interessam, as dos

adolescentes, jovens e adultos. Na generalidade, estes estudos não encontram diferenças de idade na vinculação parental, muito embora seja de reconhecer que os intervalos de tempo nas faixas etárias contempladas são relativamente curtos, tendo em causa particularmente as características da variável estudada.

Estudos transversais que utilizam o *IPPA* (Greenberg, Siegel & Leicht, 1983; Rice *et al.*, 1995; Lapsley *et al.*, 1990) e o *PAQ* (Taub, 1997) não observam diferenças significativas nas médias da vinculação parental quando se comparam adolescentes de idades diferentes ou jovens universitários de anos de escolaridade diferentes. Rice *et al.* (1995) também não encontram diferenças significativas entre estudantes do primeiro e estudantes dos últimos anos nas dimensões de vinculação parental e aos pares do *IPPA* num estudo transversal. No entanto, os autores procuram aprofundar os seus resultados, recorrendo a uma metodologia longitudinal-sequencial com um intervalo de dois anos numa amostra de 81 sujeitos. Os resultados, tanto ao nível da comparação entre médias, como ao nível das correlações, apoiam uma perspectiva de estabilidade ao nível da vinculação percebida pelos estudantes universitários no que toca às relações parentais. No entanto, é de referir que, numa avaliação categorial em 55 participantes, cerca de um terço de sujeitos classificados como inseguros (33%) no primeiro ano passam a seguros no terceiro ano, e cerca de 10% de sujeitos classificados como seguros no primeiro ano passam a inseguros no terceiro ano. Já no que toca às relações com os pares, se assiste a uma menor consistência de resultados ao longo do tempo especialmente na amostra masculina, que é interpretada pelos autores de acordo com as teorias relacionais que enfatizam a importância do desenvolvimento e da preservação dos laços relacionais com os outros nas mulheres, por contraste com os homens. Também Kenny (1990), usando o *PAQ* num estudo longitudinal com apenas 29 sujeitos, não havia encontrado diferenças significativas quando comparou estudantes universitários do primeiro ano com os finalistas. Do mesmo modo, Gotlib, Mount,

Cordy e Whiffen (1988), desta feita com o *PBI*, não encontraram diferenças significativas num período de 2 a 4 anos, apesar de ter havido diferenças significativas nos níveis de depressão ao longo deste tempo[11]. O mesmo acontece com o estudo de Baptista e Lory (1997) que, com uma amostra de 529 sujeitos portugueses e o *PBI*, também não observam correlações significativas entre as dimensões do instrumento e a idade. McCormick e Kennedy (1994), por sua vez, avaliam as associações entre as percepções retrospectivas das relações de vinculação na infância e aquelas que dizem respeito à actualidade, encontrando correlações elevadas que apontam para a estabilidade, não esquecendo, porém, a limitação imposta pelo facto da recolha de dados ser retrospectiva e coincidente com aquela referente às relações actuais[12].

Saliente-se, porém, que muito embora Taub (1997) não tenha registado diferenças na vinculação parental quando comparou 4 anos universitários numa amostra exclusivamente feminina, verificou diferenças ao nível da aquisição da autonomia; isto é, estudantes do último ano apresentam valores mais elevados do que dos restantes três primeiros anos. Embora seja evidente uma maior independência emocional relativamente aos pares, o mesmo não acontece relativamente aos pais, cujos valores permanecem idênticos ao longo dos vários anos. Ou seja, os ganhos no processo de aquisição da autonomia não são feitos à custa da perda ou diminuição da importância dos laços familiares.

Com base na comparação transversal entre quatro amostras, agrupadas

11 O controle da variável 'depressão' justifica-se pelo facto de alguns estudos terem evidenciado uma associação entre a presença de sintomatologia depressiva e a qualidade das experiências recordadas na infância (Lewinsohn & Rosenbaum, 1987; Parker, 1981). Já tivemos a ocasião de mencionar esta questão no Capítulo 4.

12 Refira-se, ainda, que as investigadoras procuraram diminuir o efeito desta interferência, administrando os instrumentos em momentos separados, se bem que o intervalo de dias seja bastante reduzido (pelo menos de três dias).

com intervalos de dois anos de idade (grupo dos 13, dos 15, dos 17 e dos 19 anos aproximadamente), Paterson *et al.* (1994), por sua vez, registam mudanças nas percepções dos adolescentes face às relações com as mães, os pais e os amigos ao longo do tempo, com base no *IPPA* e em escalas originais de procura de proximidade e de procura de apoio. Com o aumento da idade, as raparigas tendem também a procurar mais o apoio e a proximidade das mães, percepcionando-as como mais responsivas e mais importantes no fornecimento de apoio e de proximidade, quando comparadas com os rapazes. Contrariamente, os rapazes diminuem a procura de proximidade e de apoio relativamente à figura materna, assistindo-se, igualmente, a diferenças no mesmo sentido na percepção da responsividade paterna.

No que toca ao índice de vinculação obtido a partir do *IPPA*, observam-se as mesmas tendências. Embora não se assista a mudanças na percepção das raparigas relativamente à segurança na relação com as mães de acordo com a idade, os rapazes apresentam valores mais reduzidos relativamente à figura paterna nos grupos com 17 e 19 anos, quando comparados com os de idade inferior. Também no que diz respeito à qualidade da relação percepcionada com os amigos, as raparigas apresentam valores mais elevados do que os rapazes. De qualquer modo, quando comparados os valores relativos às figuras parentais com aqueles relativos aos amigos, verifica-se que os adolescentes representam de uma forma mais próxima a relação com os primeiros.

Embora não avaliando os efeitos de interacção entre o género e a idade, Neves *et al.* (1999) observam que, quando comparados com adolescentes do 10º e do 12º anos de escolaridade, adolescentes do 7º ano de escolaridade obtêm resultados superiores nos índices globais de segurança do *IPPA*, tanto relativamente ao pai como relativamente à mãe.

Finalmente, também Barbosa (2001) verifica, numa amostra de 400 jovens portugueses (com um intervalo de idades entre 15 e 20 anos), uma interacção

significativa entre a idade e o género na associação com a vinculação aos pais. Comparativamente com os rapazes mais velhos (grupo 18-20 anos), os rapazes mais novos (grupo 15-17 anos) revelam maior ansiedade de separação relativamente ao pai, representando, simultaneamente, a figura paterna como menos encorajadora da individualidade[13]. Por sua vez, as raparigas mais novas apresentam menor ansiedade de separação relativamente ao pai, comparativamente com as mais velhas. No que toca ao relacionamento com a mãe, o sentido das diferenças é semelhante para os rapazes e as raparigas, ou seja, em ambos os casos os adolescentes mais jovens apresentam valores mais elevados de ansiedade de separação relativamente à figura materna, percepcionando-a como menos encorajadora da individualidade, comparativamente com os adolescentes mais velhos.

Por último, e como já tivemos a ocasião de desenvolver no Capítulo 3, muito recentemente foram publicados alguns estudos dedicados a uma exploração teórica e empírica das questões relacionadas com a estabilidade e a mudança na organização da vinculação da infância até à adolescência e a idade adulta numa variedade de contextos desenvolvimentais (Hamilton, 2000; Lewis *et al.*, 2000; Waters, Hamilton & Weinfield, 2000; Waters, Merrick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000; Weinfield *et al.*, 2000). Retomando as principais conclusões tecidas a partir dos resultados obtidos, enfatiza-se uma perspectiva que assume simultaneamente a estabilidade e a mudança em face a transformações significativas do meio ambiente e, em particular, do contexto de relacionamento familiar.

---

13 Note-se que a autora utiliza justamente o instrumento originalmente desenvolvido no âmbito deste trabalho – o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* - cujo processo de desenvolvimento e de validação será apresentado no Capítulo 7.

1.3. Vinculação parental e adaptação psicossocial

Um domínio fortemente explorado da vinculação parental na adolescência é aquele que prevê que a segurança na vinculação parental encerra um valor desenvolvimental acrescido ao funcionamento psicológico ao longo do ciclo vital, ou seja, é esperado que crianças, adolescentes e adultos seguros tendam a lidar de modo mais construtivo e adaptado com os diversos desafios que se lhes colocam ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento. Diversas têm sido as variáveis escolhidas para avaliar a adaptação psicossocial e o desenvolvimento psicológico, e, na generalidade, a maioria dos estudos empíricos aponta para relações teoricamente previsíveis entre a vinculação parental e índices de adaptação psicossocial, muito embora, mais uma vez, o género dos adolescentes e das figuras parentais pareça contribuir de modo particular para as associações observadas..

1.3.1. Autoestima e autoconceito

Num dos primeiros estudos realizados, Armsden e Greenberg (1987), por exemplo, verificam que a qualidade da vinculação parental em adolescentes está positivamente correlacionada com medidas de conceito de si próprio, de estima de si próprio; de satisfação com a vida (para além de variáveis relativas ao contexto familiar, como a coesão, a organização e a expressividade), e está negativamente correlacionada com a depressão e a ansiedade, bem como com o conflito e o controle experienciados na família. Também McCormick e Kennedy (1994) observam, numa amostra de 218 estudantes universitários, a existência de uma relação positiva entre a autoestima e avaliações das relações de vinculação actuais com os pais, bem como avaliações retrospectivas da vinculação parental na infância.

Mais tarde, Rice e Cummins (1996) procuram avaliar a interferência na autoestima e na autoeficácia dos jovens, não apenas das representações dos

adolescentes da vinculação parental (a partir do *PBI*), mas igualmente das representações dos pais acerca da vinculação parental dos seus filhos. Verificam que, na sequência dos autores anteriores, a autoestima está correlacionada com recordações das relações familiares como carinhosas e encorajadoras da independência. Contudo, a consideração das perspectivas parentais neste estudo avança com resultados interessantes: muito embora a percepção da mãe e a do jovem contribuam para explicar sensivelmente a mesma porção de variância nos resultados da autoestima, a percepção do pai relativamente à vinculação representada pelos filhos não parece ser um preditor importante da autoestima dos mesmos. Este dado contraria o estudo de Richman e Flaherty (1987) que, com o mesmo instrumento, constata que a vinculação paterna parece exercer um efeito mais importante sobre a autoestima do que a vinculação materna. Em todo o caso, Rice (1990) concluiu, a partir de uma meta-análise, que cerca de 16% da variância nos resultados da autoestima e do autoconceito nos adolescentes e jovens adultos é explicada pela percepção destes da vinculação aos pais.

O estudo de Berman e Sperling (1991), por sua vez, sugere que a qualidade da vinculação parental (avaliada enquanto preocupação com a figura parental) é um importante preditor da disforia em jovens universitários do sexo masculino do primeiro ano da faculdade; isto é, os rapazes que pensam frequentemente nas figuras parentais apresentam valores mais elevados de humor depressivo. Saliente-se, no entanto, que são as raparigas que obtêm valores mais elevados de preocupação com os pais; porém são os rapazes que apresentam humor depressivo, quando existe uma preocupação exacerbada com as figuras parentais.

1.3.2. Competência social

Também Kenny e Donaldson (1991) verificam que, nas raparigas, características de vinculação segura, como o afecto positivo, o encorajamento à autonomia e o apoio emocional estão associadas à adaptação psicológica, mais concretamente a valores elevados de competência social e baixos de sintomatologia psicológica. Por outro lado, ainda, as raparigas que avaliam as figuras parentais como fonte de apoio emocional e descrevem níveis moderados de ansiedade de separação têm valores elevados de competência social[14]. Mais tarde, porém, Kenny (1994) sugere que a influência da vinculação na competência social se faz apenas por via da influência da escala de encorajamento da autonomia na percepção da assertividade da amostra feminina[15]. Já Mallinckrodt (1991) havia constatado, a partir de uma amostra clínica (102 sujeitos que realizam uma psicoterapia breve, cuja média de idades é de 27,5 anos e desvio-padrão de 6,8 anos), que a satisfação com o apoio social está correlacionada com a representação do encorajamento da autonomia (a partir do *PBI*) particularmente na relação com a mãe. Mais tarde, o mesmo autor (Mallinckrodt, 1992) confirma a relação entre apoio social e recordação das relações parentais, com uma amostra de estudantes universitários. Para além disso, verifica que, na amostra feminina, quanto mais ambos os pais são representados como carinhosos e responsivos, tanto mais elevados são os valores de autoeficácia. Este último dado não é, porém, confirmado, no estudo de Rice e Cummins (1996), que, também com o *PBI*, não encontra associações entre as recordações da vinculação ao pai e à mãe, na perspectiva dos jovens e

14 Este estudo recorre ao procedimento estatístico das correlações canónicas e encontra duas configurações particulares (ou raízes canónicas) na associação das variáveis, que embora semelhantes, não são idênticas.

15 Note-se que o instrumento utilizado, o *PAQ*, não permite a diferenciação das figuras parentais.

dos seus pais, e a autoeficácia social[16], ao que os autores consideram ser provavelmente devido ao tamanho reduzido da amostra.

Finalmente, Rice *et al.* (1997), numa amostra com grupos raciais distintos, e em contraste com os estudos anteriores, verificam que a vinculação à mãe não se constitui como um preditor significativo da competência social e do ajustamento emocional dos jovens. Por seu lado, a vinculação ao pai aparece associada à competência social de ambos os grupos e em ambos os géneros. Note-se, porém, que o estudo da amostra feminina isoladamente, também aponta para uma influência da vinculação à mãe na percepção de competência social por parte das raparigas. Por último, modelos de equações estruturais indicam, ainda, que a competência social é uma variável mediadora da influência da vinculação parental sobre o ajustamento emocional, apoiando resultados obtidos em estudos anteriores (Holahan, Valentiner & Moos, 1994; Kenny *et al.*, 1993).

1.3.3. Solidão

Diversos estudos, por sua vez, procuram analisar as relações entre a vinculação e a solidão. Kerns e Stevens (1996) verificam, com uma amostra de estudantes universitários, que dimensões de vinculação segura, tanto à mãe como ao pai, estão associadas negativamente a experiências de solidão. Esta tendência é replicada no estudo de Goosens, Marcoeen, Van Hees e Van de Woestijne (1998) com adolescentes dos 15 aos 18 anos de idade, que sugere que diferentes padrões de vinculação parental[17] estão associados de modo

16 Refira-se que o instrumento utilizado pelos autores para avaliar a autoeficácia é o mesmo (*Self-Efficacy Scale, SES*, de Sherer, Maddux, Mercadante, Prentice-Dunn, Jacobs & Rogers, 1982), sendo que Mallinckrodt recorre apenas a uma dimensão deste instrumento.

17 Estes autores definem quatro padrões de vinculação parental (*seguro, ansioso-ambivalente, dependente e evitante*) a partir da intersecção das dimensões de apoio e exploração, a partir do modelo proposto por de Wuffel (1986, citado em Goosens *et al.*, 1998), recorrendo, para a

previsível a certas dimensões da experiência de solidão, avaliada justamente a partir de uma perspectiva multidimensional. Por outro lado, Kerns e Stevens (1996), confirmando dados obtidos em estudos anteriores, constatam que a vinculação parental parece influenciar a qualidade e a quantidade (no último caso apenas da vinculação à mãe) das interacções sociais fora do âmbito familiar (avaliadas a partir de registos diários das interacções em contexto natural pelos próprios sujeitos, utilizando o *Rochester Interaction Record* de Nezlek, Wheeler & Reis, 1983). Não se assistiu, porém, a associações entre a vinculação parental, tal como percepcionada pelos filhos, e relatos subjectivos ou de amigos da qualidade das amizades, como, aliás, já havia acontecido em estudos anteriores (Bartholomew & Horowitz, 1991; Kobak & Sceery, 1988). No que toca às associações entre a vinculação parental e a personalidade [avaliada com base nos constructos de resiliência do *ego*, dificuldade de controle do *ego*, hostilidade e ansiedade (Kobak & Sceery, 1988)], verifica-se que o género é uma variável moderadora, sendo que os rapazes que apresentam uma vinculação segura à figura paterna são percepcionados pelos seus amigos como menos hostis, mais resilientes e com menos dificuldades de controle do *ego*. Este resultado aponta, mais uma vez, para a importância de se avaliarem separadamente as vinculações ao pai e à mãe, uma vez que cada uma poderá exercer uma influência diferencial no desenvolvimento do adolescente. Por outro lado, levanta a questão das mudanças desenvolvimentais relativamente ao impacto da relação com cada figura, ou seja, destaca a importância em avaliar o contributo diferencial de cada figura e de cada relação em determinados indicadores desenvolvimentais em diferentes faixas etárias. Em todo o caso, importa sublinhar a importância de se

inferência da vinculação, à avaliação dos sujeitos de representações pictográficas de interacções familiares. Não está ainda testada a convergência deste modelo com aqueles propostos por outros autores, nomeadamente o de Main e colaboradores (George *et al.*, 1984; Main *et al.*, 1985) e o de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

aceder à articulação sistémica entre a vinculação ao pai, a vinculação à mãe e o jovem, por forma a observar as dinâmicas relacionais familiares.

1.3.4. *Stress* e estilos de *coping*

Lopez (1996) procura avaliar, numa amostra de jovens universitários, em que medida a recordação dos laços emocionais na infância e a segurança da vinculação actual em relações de proximidade estão relacionadas com o pensamento constructivo (Epstein, 1990), que se refere à capacidade do sujeito para lidar com os problemas diários com o mínimo de *stress*. Os resultados indicam que cada uma das variáveis de facto se constitui como um preditor do pensamento constructivo. Todavia, sugerem que os efeitos dos laços emocionais na infância sobre o pensamento constructivo são mediados pelas orientações da vinculação actuais.

Greenberger e McLaughlin (1998), por seu lado, procuram determinar a importância relativa da vinculação parental na infância *versus* vinculação actual com pares amorosos na predição dos estilos de *coping* e dos estilos atribucionais. Verificam que, na amostra de raparigas universitárias, a vinculação parental não exerce um efeito independente sobre os estilos de *coping* e os estilos atribucionais, ao contrário da segurança nas vinculações actuais. Contudo, na amostra masculina, e ao contrário do previsto pelos autores (que supunham ser a relação com a mãe na infância mais importante do que a com o pai), para ambos os sexos, no que concerne as variáveis estudadas, a segurança na relação de infância com o pai está associada à procura dos outros para a obtenção de apoio. As autoras interpretam este resultado no sentido em que uma vinculação ao pai, em que este é carinhoso e responsivo, permite aos jovens a procura de apoio emocional junto dos outros, sem que este comportamento seja interpretado como desapropriado para o género em causa.

Também Brack, Gray e Matheny (1993) haviam encontrado uma associação

significativa entre a vinculação aos pais (com o *IPPA*) e a percepção de recursos de *coping* numa amostra de 60 jovens universitários, ainda que diferencial consoante as dimensões observadas. Em particular, observaram correlações elevadas na percepção do apoio social e do *self-disclosure*.

Finalmente, Holmbeck e Wandrei (1993) concluem, a partir de uma amostra de estudantes universitários do primeiro ano, que variáveis de personalidade (como instrumentalidade e capacidade de adaptação à mudança), variáveis familiares (como coesão, vinculação ao pai e à mãe) e variáveis relativas ao processo de separação-individuação (como ansiedade de separação, negação da dependência, separação saudável e procura exacerbada de envolvimento) são melhores preditoras do ajustamento psicossocial (avaliado através de variáveis como a autoestima, o apoio social, a depressão, a ansiedade de estado e sintomas físicos) do que variáveis cognitivas ou relativas ao estatuto de estar ou não em casa[18]. Acrescentam, ainda, na linha de outros autores (Lapsley *et al*, 1989; Lopez *et al*, 1988), que é importante para o jovem atingir um equilíbrio entre a proximidade e a distância relativamente aos outros significativos. Encontram, também, diferenças de género na associação entre as variáveis, consistentes com perspectivas teóricas que chamam a atenção para a importância de aspectos diferenciais no desenvolvimento de acordo com o género. No entanto, os seus resultados dirigem-se num sentido diferente do estudo anterior de Berman e Sperling (1991), a que já fizemos referência. Índices de menor ajustamento nas mulheres aparecem associados ao envolvimento excessivo, a elevada ansiedade de separação e a procura de envolvimento, enquanto que nos homens estão associados a um afastamento

[18] A introdução desta última variável decorre da importância do estudo de Sullivan e Sullivan (1980) que evidenciava, numa amostra de pais (pais e mães) e filhos rapazes adolescentes, que a separação física relativamente aos pais por ocasião da entrada na faculdade e do alojamento numa residência universitária favoreceria a qualidade do relacionamento parental do jovem.

excessivo dos outros e à negação da dependência.

1.4. Vinculação parental e adaptação ao contexto universitário

Um domínio específico da adaptação psicossocial do jovem que tem merecido particular atenção tem sido o da transição para o mundo universitário. De facto, diversos autores acreditam que a teoria da vinculação pode oferecer contributos importantes para a compreensão do modo como os adolescentes lidam com os desafios desenvolvimentais com que se confrontam aquando desta transição e nos períodos subsequentes (Kenny, 1987, 1994; Kenny & Rice, 1995; Taub, 1997). Segundo Kenny (1987), a natureza dos desafios e exigências com que o jovem se depara por ocasião desta transição pode assemelhar-se, inclusivamente, ao contexto provocado pela *Situação Estranha,* propiciando-se, deste modo, a avaliação da segurança da vinculação parental e dos seus efeitos sobre variáveis de adaptação psicossocial do jovem[19]. Aliás, é também neste sentido que outros autores (Rice *et al.*, 1995) referem a perspectiva organizacional da vinculação de Sroufe e Waters (Sroufe, 1979; Sroufe & Waters, 1977), esperando, igualmente, que a segurança na vinculação parental promova uma melhor competência do estudante na resolução das tarefas desenvolvimentais associadas ao contexto universitário. Taub (1997), por sua vez, acrescenta que a teoria da vinculação se adequa melhor à compreensão do desenvolvimento do estudante universitário e, em particular, das populações

---

19 A separação física que a entrada na faculdade pode implicar é mais habitual na sociedade norte-americana, onde uma grande parte dos estudantes saiem de suas casas para habitar em residências do *campus* universitário. A importância da separação física na transformação positiva das relações familiares tem vindo a ser sugerida em alguns estudos (Sullivan & Sullivan, 1980). Em Portugal, a percentagem de estudantes universitários deslocados das suas famílias é claramente inferior, pelo que a entrada na faculdade poderá envolver a transformação das relações familiares de um modo diferente daquele que ocorre em outras culturas.

femininas, do que a teoria de Chickering (1969; Chickering & Reisser, 1993), largamente utilizada na comunidade científica, por esta colocar uma ênfase excessiva na aquisição da autonomia e no processo de separação parental, que supostamente ocorreria, segundo a leitura da autora, logo nos primeiros anos do ensino universitário.

A revisão da literatura empírica neste domínio permite concluir que, de um modo geral, os estudos sugerem que vinculações seguras com os pais favorecem ou estão relacionadas com uma melhor adaptação ao contexto universitário, muito embora se assista a algumas diferenças na associação destas variáveis consoante as dimensões em causa para avaliar o que se entende por adaptação ou ajustamento à universidade, sendo, ainda, estas associações igualmente dependentes do género do adolescente. Senão vejamos.

Estudos que utilizam o *PSI* para avaliar o processo de separação-individuação e o *SACQ* (*Student Adaptation to College Questionnaire,* Baker & Sirk, 1984)[20], ou versões anteriores do mesmo (Lapsley *et al,*, 1989; Rice, 1992), indicam que variáveis de separação psicológica relativas às figuras parentais não parecem estar relacionadas com o ajustamento académico (definido enquanto resposta às exigências educativas da universidade), mas antes com o ajustamento social e emocional no contexto universitário. Rice (1992), por exemplo, observa que, em estudantes do sexo feminino do primeiro ano (e também do terceiro ano, embora a influência paterna não se evidencie), uma maior dependência em geral do pai está associada ao ajustamento social, enquanto que uma maior independência conflitual relativamente à mãe está

20 Refira-se que este tem sido o instrumento mais largamente utilizado na comunidade científica para avaliar a adaptação ao contexto universitário, servindo igualmente de base a um estudo sobre os aspectos relacionais da transição para o mundo universitário em Portugal (Matos & Costa, 2000).

associada a um melhor ajustamento emocional. Já no terceiro ano da universidade se assiste a uma associação semelhante para a amostra masculina. A independência conflitual, em particular relativamente à figura paterna, aparece relacionada com o ajustamento emocional no contexto universitário dos rapazes. Deste modo, a importância das figuras parentais parece diferir ao longo do percurso universitário e de acordo com o género do jovem. Aliás, a este propósito já Lapsley *et al.* (1989) haviam encontrado resultados interessantes. Igualmente numa amostra de estudantes universitários, os autores observaram que, muito embora as raparigas apresentem valores mais elevados de dependência (emocional, e atitudinal e funcional) em relação à mãe, e de dependência emocional em relação ao pai, comparativamente com os rapazes, o seu ajustamento à universidade é semelhante aos rapazes, pelo que será de inferir a importância da manutenção de laços relacionais estreitos nas mulheres, como o defendem determinadas perspectivas (Gilligan, 1982; Josselson, 1988). De referir que também, já anteriormente, Lopez *et al.* (1988) haviam encontrado uma associação entre a dependência atitudinal e a independência conflitual relativamente aos pais e o ajustamento universitário (nas diversas dimensões contempladas no instrumento *SACQ*, i.é, o ajustamento académico, social, emocional e institucional) em amostras femininas e masculinas; no entanto o valor reduzido de variância explicada reciprocamente pelas variáveis levara os autores a relativizar este resultado.

Por seu lado, Lapsley *et al.* (1990), recorrendo a um instrumento diferente, o *IPPA*, verificam, numa amostra dos últimos anos, que a vinculação parental assim como a vinculação aos pares aparece associada ao ajustamento académico, social e emocional, o mesmo não acontecendo, porém, numa amostra de estudantes do primeiro ano, em que a vinculação parental é um preditor significativo embora modesto do ajustamento académico, mas não do ajustamento emocional ou social. Com o objectivo de confirmar este resultado,

Rice *et al.* (1995) comparam mais uma vez estudantes caloiros com estudantes dos últimos anos de diferentes cursos e verificam que, independentemente do ano de escolaridade, se assiste a uma associação entre vinculação parental, separação psicológica (variável que não tinha sido abordada no estudo anterior) e ajustamento académico, referindo os autores que os sujeitos seguros são mais bem sucedidos na resolução das tarefas desenvolvimentais que o contexto universitário lhes reserva, comparativamente com os inseguros. Curiosamente, os resultados sugerem também que os sujeitos seguros são mais dependentes dos pais comparativamente com os inseguros, numa escala de avaliação da independência a partir das percepções do ambiente familiar [a escala da independência do *Family Environment Scale* (Moos, 1981)]. Num estudo longitudinal, os mesmos autores verificam, ainda, que a vinculação parental, avaliada no primeiro ano da universidade, está relacionada com o ajustamento académico e emocional no terceiro ano, mas não com o ajustamento social no terceiro ano. Os autores afirmam que, muito provavelmente, as relações interpessoais dos estudantes são mais influenciadas pelas circunstâncias relacionais e menos pela vinculação parental anterior.

Finalmente, Schultheiss e Blustein (1994b) procuram avaliar em que medida uma combinação entre a vinculação parental e a independência conflitual e atitudinal está correlacionada com o desenvolvimento e o ajustamento à universidade. Ao contrário do previsto pelos autores, mas em concordância com resultados empíricos obtidos em outros estudos, verifica-se que a dependência atitudinal e a vinculação parental (avaliada a partir do *IPPA*) de raparigas universitárias está associada ao desenvolvimento académico [avaliado a partir do *Student Developmental Task and Lifestyle Inventory*, *SDTLI* (Winston, Miller & Prince, 1987], definido, desta vez, como a capacidade de imprimir uma direcção, de desenvolver relações interpessoais maduras e de ser autónomo. Todavia, na amostra masculina nem a vinculação parental nem a separação psicológica

parecem estar relacionadas com o desenvolvimento académico. No entanto, quando se estuda a variável ajustamento ao meio universitário (a partir do *SACQ*), apenas na amostra masculina parece ser importante a independência conflictual para o ajustamento à universidade, como aliás já havia sido encontrado em outros estudos (Lopez *et al.*, 1988), não se assistindo a associações entre as variáveis referidas para a amostra feminina. Estes dados, em conjunção com outros relativos a estudos anteriores, segundo os quais a combinação da separação psicológica com a vinculação parental foi encontrada como predizendo melhor o desenvolvimento da carreira (Blustein, Walbridge, Friedlander & Palladino, 1991), mas não o da identidade (Schultheiss & Blustein, 1994a), levam os autores a levantar a hipótese de o impacto da conjugação entre estas variáveis sobre uma terceira ser dependente do domínio em causa.

Também Rice e Walley (1994) verificam que nas raparigas a vinculação aos pais está associada ao ajustamento à universidade, sendo que nos rapazes apenas nos momentos considerados de maior *stress* (como é o caso do período que antecede as épocas de avaliações) se observa uma associação entre a vinculação aos pais e níveis de ajustamento à faculdade.

Por último, Matos e Costa (2000) exploram o impacto de factores relacionais, designadamente a vinculação aos pais, aos pares e amorosa, na adaptação académica de estudantes do 1º ano da universidade. Para além de administrarem o *SACQ*, recorrem a entrevistas semi-estruturadas e a instrumentos de autorelato para avaliar a vinculação. Na generalidade, os resultados, obtidos junto de uma amostra de 74 sujeitos, indicam que sujeitos com vinculações seguras lidam melhor com as tarefas que o meio académico exige, não apenas com aquelas que têm que ver com aspectos mais relacionais, como, por exemplo, a construção de novas relações e a integração social, mas também com aquelas que estão mais directamente ligadas a factores de sucesso e de realização académica.

1.5. Vinculação parental e identidade

As associações entre as variáveis de vinculação e de identidade têm, aliás, despertado o interesse de diversos investigadores, que procuram explorar as ligações empíricas entre dois conceitos teoricamente relacionados. Os resultados, porém, apresentam inconsistências, provavelmente devido ao uso de diferentes instrumentos de medida e de diferentes conceptualizações do constructo de identidade e de vinculação (Rice, 1990).

Alguns estudos sugerem a inexistência de uma relação entre a vinculação e a identidade, não confirmando a expectativa de que a qualidade da vinculação aos pais serve para compreender diferenças no desenvolvimento da identidade (Frank, Pirsch & Wright, 1990; Kroger & Haslett, 1988; Quintana & Lapsley, 1987). Lapsley *et al.* (1990), pelo contrário, observam que a identidade pessoal e social é explicada significativamente pela vinculação parental em duas amostras separadas de estudantes universitários. Também Kamptner (1988) identifica uma influência directa da segurança no contexto da família no desenvolvimento da identidade, assim como uma influência indirecta, através do aumento da confiança e da capacidade para a afiliação do adolescente. O estudo de Benson *et al.* (1992), embora tenha apontado para uma associação significativa entre a vinculação e a identidade, verifica que a identidade construída (*identity achievement*)[21] está associada à vinculação à mãe, mas não ao pai, tanto nos rapazes como nas raparigas.

Haigler *et al.* (1995), por sua vez, procuram explorar as associações entre a identidade, desta vez de género, e a vinculação parental, partindo da hipótese de

---

[21] O modo como o conceito de identidade, tal como desenvolvido por Erikson (1950, 1968), tem vindo a ser operacionalizado em alguns instrumentos de avaliação da identidade, supostamente inspirados nas propostas deste autor, é susceptível de crítica, como já tivemos a ocasião de discutir a propósito do *EOMEIS – 2* (*Extended Objective Measure of Ego Identity Status* de Bennion e Adams, 1986) (cf. Matos, Barbosa e Costa, 2000).

que a segurança física e psicológica construída no seio das relações familiares determinaria em grande medida o modo como os estereótipos de género seriam incorporados no conceito de si próprio dos sujeitos. De acordo com resultados empíricos de estudos anteriores, os autores esperam que sujeitos classificados como andróginos obtenham resultados mais elevados de vinculação parental comparativamente com os restantes (ou seja, que os femininos, os masculinos e os indiferenciados). Os autores verificam que, contrariamente às suas expectativas, tanto os grupos andróginos como os femininos apresentam valores mais elevados de vinculação parental, comparativamente com os masculinos e os indiferenciados. Por outro lado, não existe nenhuma interacção entre a identidade de género e a qualidade da vinculação a determinada figura parental.

Recentemente, diversos autores enfatizaram a importância de se considerar, na predição da identidade, um único constructo, designadamente o de separação-individuação, formado pela ligação à família (*family connectedness*) e pelo encorajamento familiar da individualidade (Campbell, Adams & Dobson, 1984, Grotevant & Cooper, 1985; Quintana & Lapsley, 1990; Schultheiss & Blustein, 1994b). O estudo de Campbell *et al.* (1984), por exemplo, sugere que uma combinação da vinculação emocional aos pais com o encorajamento da independência está associada a uma construção activa da identidade (*identity achievement*) bem como à identidade moratória. Os adolescentes classificados com uma identidade vicariante (*identity foreclosure*) apresentaram os valores mais elevados de afecto relativamente às figuras parentais, e os classificados de difusos os valores mais baixos; todavia ambos apresentaram valores baixos de independência. Quintana e Lapsley (1990), por sua vez, recorreram à análise de equações estruturais e verificaram que este constructo latente tem uma relação directa com a identidade do *ego*, sendo que as variáveis relativas à vinculação por si só não explicam a variabilidade das diferenças entre os estatutos de vinculação. No entanto, o estudo de Schultheiss

e Blustein (1994a) não confirma esta expectativa. Ou seja, a influência conjunta da separação psicológica e da vinculação parental não explica a porção mais significativa da variância na análise que realizaram.

Alguns estudos apontam, ainda, para o impacto do género na relação entre a identidade e variáveis familiares (*vide* Costa, 1991 e Marcia, 1993a para uma revisão). Cooper and Grotevant (1987), por exemplo, verificaram que a expressão da individualidade e de si próprio como ser separado nas raparigas estão associados à exploração na área das amizades e do namoro, enquanto que nos rapazes são as expressões de ligação que se encontram associadas com a exploração nas mesmas áreas. Do mesmo modo, o estudo de Kamptner (1988) sugere que as variáveis familiares exercem um efeito mais forte na identidade dos rapazes, enquanto que a confiança social parece desempenhar um papel mais importante na identidade das raparigas. Schultheiss e Blustein (1994a), contrariamente, referem que a vinculação aos pais é mais importante para o processo de desenvolvimento da identidade das raparigas do que dos rapazes, e sublinham de novo a necessidade de se realizarem análises separadas com amostras femininas e masculinas, por forma a aprofundar as diferenças de género.

A partir de uma amostra de jovens universitários portugueses, Dias e Fontaine (1996) concluíram que as dificuldades no processo de separação-individuação na relação com a mãe parecem ter um impacto mais negativo na resolução adaptativa de tarefas desenvolvimentais como a autonomia e o namoro, nos rapazes comparativamente com as raparigas.

Matos e Costa (2000; Matos *et al.*, 1999), por sua vez, também com uma amostra de adolescentes portugueses, verificam que tanto a vinculação parental como a vinculação aos pares parecem desempenhar um papel importante no desenvolvimento da identidade de adolescentes, muito embora a sua contribuição seja diferencial para os diferentes estatutos de identidade. Por outro lado, os

resultados confirmam a necessidade de se diferenciar, na avaliação da vinculação parental, a relação com o pai da relação com a mãe, uma vez que estas variáveis se associam de modo distinto com as variáveis da identidade, sobretudo quando se consideram as amostras separadamente por género do adolescente. Mais em concreto, as autoras observam uma associação entre a identidade vicariante e a experiência de ansiedade de separação, tanto na relação parental como na relação amorosa. Verifica-se, ainda, na amostra feminina, que a identidade moratória e a identidade difusa estão associadas a valores elevados de evitamento e de desconfiança e moderados de ambivalência nas relação amorosas. Por seu lado, as raparigas com uma identidade construída tendem a evidenciar valores elevados de confiança na relação amorosa, não apresentando sentimentos de ambivalência e comportamentos de evitamento. Na amostra masculina, a identidade construída encontra-se associada inversamente ao evitamento na relação amorosa e à ansiedade de separação na relação parental, sugerindo a importância do processo de resolução da separação psicológica para os rapazes.

Finalmente, outros estudos não observam diferenças de género na relação entre vinculação e identidade (Benson *et al.*, 1992; Kroger, 1985; Lapsley *et al.*, 1990; Young & Lichtenberg, 1996).

1.6. Vinculação parental e dimensões do funcionamento familiar

Alguns estudos têm dedicado também uma atenção a variáveis do contexto familiar, recorrendo para a avaliação da vinculação à entrevista de Main e colaboradores. É o caso, por exemplo de Machado *et al.* (1996) que, com uma amostra de 40 adolescentes portugueses, avaliam as relações entre a organização da vinculação e a qualidade da relação actual com os pais, a partir das versões em português da *AAI*, do *Youth Perception Inventory* (Streit, 1978, adaptado por Fleming, 1988) e do *Family Adaptability and Cohesion Scales*

(*FACES III*, Olson, Portner & Lavee, 1985, adaptado pela Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar, 1990), respectivamente. O estudo apresenta resultados inesperados, na medida em que os sujeitos inseguros se distinguem dos seguros por resultados mais elevados numa escala de percepção de amor na relação familiar. Por outro lado, não se encontram diferenças estatisticamente significativas em dimensões como hostilidade, autonomia e controlo familiar em função da segurança da vinculação, nem tão pouco os grupos de vinculação se encontram associados a diferentes estilos familiares, tal como organizados a partir das dimensões da adaptabilidade e da coesão.

Relativamente ao primeiro aspecto, ou seja o facto de o grupo inseguro ter percepções mais favoráveis dos comportamentos parentais, as autoras invocam, na interpretação deste resultado, os mecanismos de idealização parental utilizados pelos sujeitos inseguros na evocação das experiências de relação familiar. Este dado é apoiado pelos conteúdos das entrevistas de vinculação, que revelam que estes sujeitos, muito embora descrevam, na generalidade, os seus pais e as relações familiares de forma positiva, não são capazes de ilustrar as suas impressões com episódios concretos. Por seu lado, os sujeitos classificados como seguros, ao serem capazes de um maior distanciamento e integração das experiências afectivas ocorridas na família, tenderão a retratar os pais e as relações familiares provavelmente de modo mais fidedigno, isto é, aproximando-se mais da representação da família como um cenário relacional.

Relativamente ao segundo aspecto, as autoras referem essencialmente o facto de a amostra, para além de pequena, ser bastante homogénea e constituída por famílias ditas normais, pelo que o instrumento utilizado para avaliar a coesão e a adaptabilidade poderá não ter sido sensível a diferenças mais finas.

Allen e Hauser (1996), por sua vez, verificam que a qualidade das

interacções familiares observadas quando o adolescente tem 14 anos estão relacionadas com a representação da vinculação desses mesmos adolescentes 11 anos mais tarde, ou seja, quando estes têm 25 anos, não sendo estes resultados devidos à estabilidade nos níveis de funcionamento geral[22]. Também a história psiquiátrica avaliada no primeiro momento se correlaciona com a representação da vinculação no segundo momento, sendo, contudo, estas trajectórias independentes. As continuidades encontradas referem-se, porém, a apenas algumas dimensões da vinculação tal como avaliada pela *AAI* (mais especificamente à coerência no discurso sobre a vinculação e à passividade do pensamento), não se assistindo a efeitos relativamente às categorias da vinculação. Os autores procuram explicar esta situação com argumentos estatísticos ou relativos à consistência interna das classificações das entrevistas, para além das características da amostra, incentivando, todavia, os investigadores a estudarem as trajectórias desenvolvimentais que envolvam indicadores múltiplos.

Bell (1998), por seu lado, procura avaliar em que medida a organização da vinculação (tal como avaliada pela *AAI* e cotada pelo *Q-sort* de Kobak) se relaciona com a expressividade familiar, numa amostra de 72 estudantes universitários. A autora não espera encontrar uma correlação positiva entre a vinculação segura e a expressividade emocional, uma vez que é suposto os sujeitos seguros serem flexíveis na sua expressão emocional, estando esta muito ligada às características de cada situação em particular. Por sua vez, a variável 'expressividade familiar' diz respeito ao modo como em geral estas famílias exprimem emoções. Por isso mesmo, a autora prevê associações significativas com a vinculação preocupada e desinvestida. Constata que não existe, como

22 Para tal, os autores controlam variáveis como o desenvolvimentro do *ego* e a angústia (*global psychological distress*) que têm aparecido associadas a vários indicadores psicológicos.

esperado, uma correlação forte entre a expressividade familiar e a segurança na vinculação, avaliada a partir da coerência discursiva. Por seu lado, foram encontradas associações entre a vinculação desligada e valores baixos de expressividade negativa e positiva, bem como associações entre a vinculação preocupada e a expressividade negativa.

Oliveira e Costa (2001) testam, numa amostra constituída por 260 jovens adultos (média de idades de 19,4 anos), em que medida a vinculação está relacionada com as representações dos filhos acerca da satisfação que os pais sentem nas suas tarefas parentais e conjugais[23]. Na generalidade, os resultados apontam para o facto de sujeitos com vinculações seguras apresentarem percepções mais favoráveis relativamente à satisfação que os pais retiram do exercício de tarefas ligadas à parentalidade e ligadas à conjugalidade. Destaque-se nomeadamente a correlação observada entre a qualidade do laço emocional e a as recompensas do papel parental (r médio = 0,63; $p < 0,001$), isto é, do ponto de vista do adolescente, quanto mais recompensadora é a tarefa de ser pai ou mãe, tanto melhor a qualidade do laço emocional com os pais.

Finalmente, Soares (1996) analisa a concordância intergeracional entre a representação da vinculação de adolescentes e das respectivas mães (N = 60 díades), com base na *AAI* e no método de classificação de Regensburg (Fremmer-Bombik *et al.*, 1989). O estudo observa uma concordância significativa de 72% ao nível da representação da vinculação, designadamente através das categorias seguro e inseguro. Todavia tal não acontece, quando se consideram os padrões de representação (positivo, reflectido, incoerente, repressivo). O facto de se assistir a uma maior percentagem de concordâncias nos casos em que a mãe é segura leva a autora a sugerir que "a representação segura da mãe pode

[23] Também este estudo recorreu ao *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*, instrumento que será apresentado em detalhe no Capítulo 7.

constituir, em si mesma, uma referência ou uma base (segura) a partir da qual o(a) filho(a) pode organizar internamente as suas experiências de vinculação de um modo seguro" (Soares, 1996, p.304).

1.7. Síntese

Esta primeira parte dedicada a uma revisão da investigação empírica relativa à vinculação aos pais de adolescentes e jovens adultos evidenciou algumas tendências que gostaríamos de comentar em jeito de síntese.

Um primeiro aspecto prende-se com a importância da manutenção das ligações emocionais com os pais na adolescência e na idade adulta. De facto, de acordo com as proposições da teoria da vinculação, a investigação empírica aponta para associações significativas entre a segurança no relacionamento parental e a aquisição de competências (e atributos ou qualidades) necessárias à resolução criativa e adaptativa de diversas tarefas do desenvolvimento. São disso exemplo, a grande maioria dos estudos que integram nas suas observações variáveis indicativas do desenvolvimento psicossocial. Mais, a progressiva transformação e reconstrução dos laços familiares permite ao adolescente e ao jovem adulto conciliar o desejo de autonomia e da afirmação da individualidade com a preservação de importantes ligações emocionais aos pais. E parece, aliás, ser este equilíbrio dinâmico que facilita a procura do apoio dos pais em caso de necessidade, sem que tal signifique a perda de um sentido de mestria pessoal de resolução dos problemas e dos obstáculos com que o jovem se defronta no seu quotidiano.

O modo como este equilíbrio é renegociado em face a diferentes transições normativas e a sua articulação com o género do adolescente merece, porém, uma atenção mais cuidada por parte da investigação empírica. De facto, julgamos ser importante continuar a aprofundar em que medida rapazes e

raparigas se diferenciam no modo como articulam estas necessidades de forma única (se é que tal acontece) nos seus percursos de vida, mas também, e sobretudo, em que medida é que tais possibilidades de articulação estão enraizadas em narrativas socialmente construídas que se actualizam e se reforçam, em parte, pelo tratamento diferencial por parte dos pais.

Mormente algumas inconsistências encontradas nos resultados em função do género, que poderão relevar do tipo de instrumentos utilizados, a maioria dos estudos em que se observam diferenças de género, tendem a apontar para o facto de as raparigas representarem as relações de vinculação com as figuras parentais, e em particular com a figura materna, como emocionalmente mais próximas, comparativamente com os rapazes. Todavia, também parecem ser as raparigas que percepcionam um menor encorajamento da autonomia por partes dos pais, e designadamente da figura paterna, comparativamente com os rapazes. Estes resultados chamam bem a atenção para a relevância de abordagens multidimensionais na consideração das questões relativas à vinculação, que contemplem simultaneamente a diferenciação das figuras parentais na avaliação do relacionamento familiar. De facto, verifica-se que não apenas os jovens percepcionam diferenças na relação com cada figura, como também a qualidade do funcionamento de cada díade poderá exercer um impacto diferencial sobre outras variáveis do desenvolvimento psicossocial, de que é exemplo a identidade.

No entanto, julgamos ser importante conjugar as abordagens dimensionais com uma abordagem prototípica da vinculação que permitirá, entre outros aspectos, clarificar algumas questões que derivam do facto das primeiras pretenderem medir a *intensidade* dos laços emocionais, ao integrarem os resultados em diversas dimensões numa configuração pessoal de sentido. É o caso, por exemplo, da medida em que valores elevados de proximidade emocional, e habitualmente considerados como indicativos de segurança,

poderão antes ser reveladores de relacionamentos tendencialmente fusionais, que impossibilitam a construção da diferença, devendo antes ser entendidos como representando vinculações preocupadas. Poderá ser esta, aliás, uma das explicações possíveis para o facto de, por exemplo, determinados estudos evidenciarem associações significativas entre uma forte ligação aos pais e sintomatologia depressiva, nomeadamente em amostras masculinas. Por seu lado, e no sentido contrário, verificamos que algumas medidas supostamente de independência psicológica, como é o caso do *PSI*, avaliam o conceito no sentido da desvinculação em relação às figuras parentais, de acordo com perspectivas mais tradicionais do desenvolvimento do adolescente, no âmbito das quais, aliás, foram elaboradas. Não é, por isso mesmo, de estranhar que diversos estudos evidenciem correlações inesperadas, porque no sentido contrário, entre esta variável e outros indicadores do desenvolvimento. E são justamente estes resultados imprevisíveis que permitem o avanço nas reformulações teóricas acerca do papel desempenhado pelas figuras parentais no processo de crescimento emocional do adolescente.

Por último, uma referência aos estudos que pretendem analisar o factor idade no desenvolvimento da vinculação aos pais. O facto de, na generalidade, estes estudos não observarem diferenças na vinculação parental em função da idade, nada nos diz acerca dos processos contínuos de renegociação e actualização de regras, papéis e poderes que caracterizam os relacionamentos entre pais e filhos ao longo do ciclo de vida. A estabilidade das estruturas poderá assim camuflar a abertura do sistema familiar a reorganizações internas de acordo com as exigências impostas por transições normativas ou não normativas na relação com o mundo exterior. A esta capacidade do sistema se autoorganizar em face a uma multiplicidade de exigências deverá, em nosso entender, ser dedicada uma atenção empírica mais aprofundada em próximos estudos.

2. Investigação no domínio da vinculação amorosa

Na sequência da conceptualização do amor romântico enquanto processo de vinculação por Hazan e Shaver (1987, Shaver *et al.*, 1988), e que tivemos a oportunidade de desenvolver no Capítulo 2, tem-se vindo a assistir a uma proliferação verdadeiramente impressionante de estudos empíricos que utilizam o referencial teórico da vinculação para aprofundar a compreensão das dinâmicas que caracterizam este tipo de relacionamentos no jovem e no adulto. A extensa quantidade de investigação realizada exige que sejam definidos alguns critérios para uma revisão da literatura que se pretende que seja substancial, mas selectiva. Deste modo decidimos privilegiar: (1) aqueles estudos que constituem marcos importantes na história da investigação neste domínio por inaugurarem a exploração de determinados temas e/ou dimensões de relevância, procurando, em todo o caso, dar conta dos avanços que se fizeram sentir a partir da integração de estudos mais recentes; (2) aqueles estudos que, por utilizarem metodologias de observação menos habituais, e designadamente a observação naturalista, permitiram considerar diferentes "lentes" na compreensão da organização da vinculação do adulto. De qualquer modo, daremos uma atenção particular àquelas investigações que abordam directa ou indirectamente as variáveis que iremos contemplar posteriormente no estudo empírico que desenvolveremos nos Capítulos 6, 7, e 8. Algumas excepções serão, no entanto, feitas, por considerarmos os estudos em causa de relevância e interesse, não apenas pela necessidade de tomarmos conhecimento com as orientações da investigação mais recentes, mas também por se considerar que poderão constituir elementos adicionais à discussão dos resultados obtidos com a amostra utilizada no estudo que reportaremos mais adiante.

Começaremos por abordar um conjunto de estudos que têm por objectivo testar a *validade discriminante* do constructo de vinculação. De seguida

avançaremos com a análise das associações entre a vinculação e um conjunto de variáveis relacionadas com a *qualidade da experiência amorosa*, na sequência das propostas feitas por Hazan e Shaver (1987). Aliás, na medida em que as opções metodológicas relevam de opções teóricas distintas, sistematizámos os estudos que procuram analisar as associações entre a vinculação e dimensões da relação amorosa em três grupos, a saber: aqueles estudos que recorrem a uma medida derivada da de Hazan e Shaver, aqueles estudos que recorrem à formulação original desta medida e, finalmente, aqueles estudos que utilizam esta medida, mas com alteração do formato de resposta. Passaremos depois em revista os estudos que procuraram aprofundar as dimensões *comportamentais* e *interactivas* da organização da vinculação nos jovens e nos adultos. As diferenças na vinculação em função do *género*, bem como a importância do género na associação entre a vinculação e outras variáveis serão consideradas no momento seguinte. Por último, abordaremos o tema da concordância ao nível do par amoroso das dimensões e dos estilos de vinculação, procurando fazer confluir os estudos que, de algum modo, se debruçam sobre estas questões. Terminaremos com uma breve síntese das principais tendências evidenciadas por esta revisão da literatura, enumerando, igualmente, algumas das limitações dos estudos neste domínio.

2.1. Vinculação amorosa e constructos próximos

Como já referimos, alguns investigadores estão especialmente preocupados com a avaliação da validade discriminante do constructo de vinculação, *i.e.*, procuram explorar em que medida este constructo oferece informação substantiva relevante e adicional comparativamente com constructos já existentes, ou se, pelo contrário, se revela um constructo redundante, sendo as suas dimensões contempladas em outros contructos ou modelos. Se a maioria

se dedica à clarificação do modo como o constructo da vinculação se articula com diferentes perspectivas sobre o amor e sobre as relações românticas (Feeney & Noller, 1990; Hendrick & Hendrick, 1989; Levy & Davis, 1988; Shaver & Hazan, 1988; Simpson *et al.*, 1992; Whisman & Allan, 1996), estudos existem que procuram diferenciar a vinculação de traços gerais da personalidade (Griffin & Bartholomew, 1994b; Shaver & Brennan, 1992).

Relativamente ao estudo de Levy e Davis (1988), o primeiro a preocupar-se com esta questão, os autores verificam a existência de sobreposições importantes entre os estilos de vinculação (avaliados através da medida inicial de Hazan & Shaver) e os estilos do amor de Lee (1973) (avaliados por meio da medida de Hendrick & Hendrick, 1986). Contudo, cada uma das formulações não é substituível pela outra, ou seja, cada uma oferece informação suplementar relativamente à outra. O mesmo é possível observar-se no estudo de Feeney e Noller (1990). Embora os estilos de vinculação tenham obtido resultados em diversas escalas do amor conforme o teoricamente expectável, não existe concordância total entre as medidas.

Whisman e Allan (1996), por sua vez, pretendem testar a convergência entre a perspectiva da vinculação e a da cognição social, e determinar a contribuição de cada uma para explicar o ajustamento na relação, apoiando-se na medida de Collins e Read (1990). Prevêem que crenças disfuncionais e atribuições irrealistas estão associadas de forma diferencial ao medo de rejeição e abandono, à capacidade para depender e confiar nos outros, e ao conforto com a proximidade emocional. Os resultados apoiam apenas parcialmente as hipóteses, na medida em que são observadas algumas correlações moderadas entre as dimensões consideradas, embora na predição do ajustamento cada grupo de variáveis (relativas à vinculação e às atribuições mais crenças disfuncionais) contribua de forma única para a explicação da variância.

Embora o objectivo primordial do estudo de Simpson, Rholes e Nelligan

(1992) não se enquadre directamente na linha de preocupações dos autores anteriores, também eles contribuem para uma maior clarificação do conceito de vinculação. Resultados de uma validação discriminante com variáveis relativas ao amor (*Love scale*, Rubin, 1970) e à proximidade afectiva (*Relationship Closeness Inventory*, Bersheid, Snyder & Omoto, 1989) indicam que os estilos de vinculação servem para regular, interpretar e lidar particularmente com experiências emocionais negativas durante situações geradoras de ansiedade e de *stress*. Estes autores defendem, deste modo, que "os estilos de vinculação têm um domínio específico de aplicabilidade e que não são meramente medidas globais do funcionamento ou da qualidade da relação" (Simpson *et al.*, 1992, p. 443).

Shaver e Brennan (1992) recorrem a uma amostra de 242 estudantes universitários, e utilizam medidas categoriais e dimensionais da vinculação em conjugação com o *NEO-Personality Inventory* (Costa & McCrae, 1985). Este instrumento insere-se no modelo dos cinco factores da personalidade, mais conhecido pelo "Big Five", designadamente o neuroticismo, a extroversão, a abertura à experiência, a amabilidade, e a consciência moral (Digman, 1990). Os resultados permitem concluir que a vinculação se articula de forma teoricamente previsível com os traços de personalidade medidos, muito embora não se reduza de modo algum a estes. Mais concretamente, sujeitos seguros obtiveram, comparativamente com os inseguros, valores mais baixos de neuroticismo e mais elevados de extroversão. Comparativamente com os sujeitos evitantes, os seguros apresentam ainda valores mais elevados de amabilidade. As restantes dimensões não evidenciaram diferenças significativas, sendo ainda que os sujeitos evitantes não se distinguiram dos ansiosos/ambivalentes no neuroticismo. Por outro lado, ainda, a capacidade de predição de dimensões da relação amorosa, como a satisfação, o investimento e o estatuto da relação (existência de relação ou dissolução da mesma) é superior nas variáveis da

vinculação por comparação com as da personalidade.

Também com uma amostra de estudantes universitários portugueses (N = 138), Moreira *et al.* (1998) verificam que os sujeitos seguros (avaliados a partir da medida de Hazan e de Shaver) apresentam valores mais baixos de neuroticismo comparativamente com os ansiosos/ambivalentes e os evitantes. Por sua vez, numa escala de extroversão[24], os grupos de sujeitos seguros e ansiosos/ambivalentes diferenciam-se significativamente dos evitantes, representando-se como mais extrovertidos comparativamente com os últimos. Recorde-se que no estudo de Shaver e Brennan (1992) que acabámos de referir, os seguros eram aqueles que apresentavam valores mais elevados de extroversão comparativamente com os grupos inseguros.

Esta tendência é confirmada por Griffin e Bartholomew (1994b), desta vez com as dimensões 'modelo de si próprio' e 'modelo do outro'. Apenas 48% da variância do modelo do *self* é explicada pelos cinco factores (e mais particularmente o neuroticismo), enquanto que apenas 27% da variância do modelo do outro é explicada pelos mesmos factores.

Finalmente, outros estudos realizados com o objectivo mais geral de avaliar as relações entre vinculação e dimensões da personalidade apontam para associações previsíveis do ponto de vista teórico entre estas variáveis, que não se confinam a determinadas idades, mas que se estendem a diferentes faixas desenvolvimentais do ciclo vital (Diehl, Elnick, Bourbeau & Labouvie-Vief, 1998; Feeney *et al.*, 1994).

---

[24] Para a avaliação do neuroticismo e da extroversão foi utilizada o *Eysenck Personality Inventory* (Eysenck & Eysenck, 1968).

2.2. Vinculação e qualidade da relação amorosa [25]

2.2.1. Estudos que recorrem a uma medida derivada da de Hazan e Shaver

Como já referimos, na sequência da conceptualização do amor romântico enquanto processo de vinculação por Hazan e Shaver (1987, Shaver *et al.*, 1988), diversos estudos procuram avaliar empiricamente as associações entre os estilos de vinculação amorosa e dimensões do funcionamento da relação, procurando evidenciar a influência da vinculação na qualidade da experiência amorosa. Entre estes, destacam-se os de Collins e Read (1990) e de Simpson (1990)[26], pelo facto de serem os primeiros autores a procurar desenvolver as propostas de Hazan e Shaver, recolhendo medidas das percepções de ambos os companheiros na relação amorosa e implementando a sugestão de elaborar um instrumento de avaliação da vinculação a partir da decomposição dos parágrafos referentes a cada estilo[27].

Com base na *Adult Attachment Scale* (*AAS*), o estudo de Collins e Read (1990) tem como objectivos: (1) examinar as relações entre os estilos de vinculação e representações mentais de si próprio, dos outros e das relações românticas, procurando alargar os trabalhos de Hazan e Shaver; e (2) explorar o papel da vinculação nos seguintes aspectos: correspondência entre os

---

25 Apenas serão considerados os estudos que recorrem a amostras heterossexuais. Para uma revisão dos estudos que procuram aplicar a teoria da vinculação ao relacionamento homossexual ver Mohr (1999).

26 Tivemos a oportunidade de descrever cada um destes instrumentos no Capítulo 4 a propósito das medidas dimensionais de avaliação da vinculação no jovem e no adulto.

27 Também Mikulincer *et al.* (1990) adoptaram a sugestão de Hazan e Shaver (1987) na elaboração de um instrumento dimensional a partir da decomposição dos parágrafos em itens. No entanto, este estudo não será abordado nesta alínea, uma vez se debruçar sobre as relações entre a vinculação e o medo da morte.

companheiros amorosos nas dimensões da vinculação; semelhança entre o estilo de vinculação amorosa do companheiro e o estilo de prestação de cuidados (*caregiving*) parental do sujeito, especialmente da figura parental do sexo oposto; associação entre os estilos de vinculação e a qualidade da relação amorosa, avaliada a partir de indicadores de comunicação, de confiança e de satisfação, percepcionadas tanto pelo próprio como pelo companheiro[28].

As amostras são constituídas por 80 mulheres e 34 homens, com idades compreendidas entre os 17 e os 24 anos (média de 18,6 anos), e por 71 pares de namorados, com um leque de idades de 18 a 44 anos (média de 22 anos) e com um tempo de duração média de relação de 17 meses, para a prossecução do primeiro e do segundo grupo de objectivos, respectivamente.

Relativamente ao primeiro grupo de objectivos, os resultados observados indicam que sujeitos com estilos de vinculação mais seguros (definidos a partir de valores mais elevados nas dimensões de 'confiança nos outros' e 'conforto com a proximidade emocional' e mais baixos na dimensão de 'ansiedade') têm comparativamente com os outros estilos: (a) uma visão mais positiva acerca de si próprios (com valores mais elevados de autoestima, de confiança social e de expressividade); (b) uma visão mais positiva acerca do mundo e da natureza humana (com valores mais elevados de confiança nos outros, independência, capacidade para controlar os resultados da sua vida, capacidade para adaptar o comportamento ao longo de diferentes situações e ao longo do tempo, e crença no altruísmo dos outros); e (c) visões do amor mais românticas. Estes resultados, ainda que com suporte estatístico moderado, confirmam os encontrados por Hazan e Shaver, apontando para o facto de diferenças na

[28] Embora se nomeiem os objectivos gerais do estudo, no sentido de permitir ao leitor uma visão da abrangência do estudo destes autores, apenas nos referiremos nesta alínea aos resultados que estão directamente ligados com as dimensões do funcionamento da relação amorosa. Os restantes serão analisados nas alíneas correspondentes aos conteúdos em causa.

BIBLIOT 258

vinculação estarem associadas a diferentes padrões de representação de si próprio, dos outros e da relação amorosa.

Relativamente ao segundo grupo de objectivos, e mais especificamente à associação entre vinculação e qualidade da relação amorosa, verificou-se que as dimensões da vinculação têm capacidade preditiva sobre características do funcionamento relacional, ainda que as dimensões que melhor predizem a qualidade da relação se diferenciem consoante o género. Ou seja, a ansiedade e o medo do abandono nas mulheres está relacionada com a insatisfação e representações negativas da relação por parte do companheiro e de si próprias, enquanto que, quando os homens reportam sentirem-se confortáveis com a proximidade emocional, as suas companheiras e os próprios referem níveis elevados de satisfação com a relação, representando-a, no geral, de forma mais positiva. A este aspecto da interferência do género na associação entre a vinculação e outras variáveis volveremos mais adiante.

Simpson (1990), por sua vez, utiliza o *Adult Attachment Questionnaire (AAQ)* e procura testar: (a) em que medida os estilos de vinculação amorosa se diferenciam em medidas do funcionamento da relação como a confiança, a satisfação, a qualidade da comunicação (variáveis estas já estudadas pelos autores anteriores), a interdependência, o compromisso e a tonalidade emocional; e (b) em que medida os estilos de vinculação amorosa se diferenciam em medidas de tensão emotional (*emotional distress*) após a dissolução da relação, utilizando um desenho de investigação em dois momentos sequenciais, espaçados por seis meses. A amostra é constituída por 144 pares de namorados, sendo que a média de idades da amostra feminina é de 18,7 anos e a da amostra masculina de 19,4 anos. A duração média da relação perfaz 13,5 meses.

Os principais resultados apontam no sentido das hipóteses formuladas, isto é: (1) indivíduos avaliados como seguros percepcionam maior interdependência,

maior compromisso, mais confiança e satisfação nas suas relações, replicando os resultados de Collins e Read (1990) e alargando-os a outras dimensões; (2) os estilos de vinculação estão associados a diferentes padrões de experiências emocionais, sendo que os sujeitos seguros reportam maior frequência de experiências emocionais de tonalidade positiva e menor de tonalidade negativa por oposição aos estilos inseguros; a mesma tendência também se observa, quando é relacionada a vinculação do sujeito e a percepção da qualidade da relação por parte do companheiro, muito embora com menor significância estatística; (3) os sujeitos evitantes masculinos são aqueles que relatam menor tensão emocional (na intensidade e na duração) após dissolução da relação, independentemente da duração da relação; e, finalmente, (4) resultados que combinam as percepções de ambos os parceiros indicam que a ansiedade na mulher está negativamente correlacionada com a satisfação no homem, embora o padrão não seja estável quando se inverte o género, isto é, não se encontram associações entre a ansiedade no homem e a satisfação na mulher, resultados que replicam a tendência encontrada nos estudos de Collins e Read (1990).

Por sua vez, Feeney *et al.* (1994) procuram avaliar empiricamente a aplicação da teoria da vinculação a relações de casamento, uma vez que a maioria dos estudos tem testado as suas hipóteses com pares de namorados. Numa pequena amostra de 35 casais[29], utilizam a medida dimensional de Simpson (1990) e recolhem registos diários da interacção conjugal[30], para além

---

29 Embora a amostra total consistisse em 35 casais, alguns dos procedimentos estatísticos são realizados apenas com 27 casais, nomeadamente os que envolvem o recurso aos diários, pelo facto de alguns destes se apresentarem incompletos.

30 Para o efeito servem-se do *Rochester Interaction Diary* (Wheeler & Nezlek, 1977) que fornece indicações quantitativas acerca das interacções diárias e informações qualitativas relativas ao reconhecimento, revelação, conflito, envolvimento, dominância e satisfação com as interacções.

de medidas de autorelato relativas à satisfação e à comunicação conjugal. Pretendem analisar as associações entre as variáveis referidas, a estabilidade da vinculação por um período de 9 meses, e a medida em que a vinculação prediz a comunicação e a satisfação conjugal mais tarde no tempo. Observam, mais uma vez, os efeitos negativos da ansiedade acerca do abandono da mulher e do desconforto com a proximidade do homem na comunicação e na satisfação conjugal. Relativamente à estabilidade das dimensões de vinculação, obtêm valores elevados, após terem sido controlados os efeitos dos erros de medida. Neste estudo verifica-se, ainda, que a vinculação não parece ser um bom predictor da satisfação conjugal (avaliada mais tarde no tempo) das mulheres, enquanto que nos homens ela parece interagir não tanto com a satisfação como com a comunicação conjugal.

Por último, Canavarro (1999) procura avaliar os efeitos de variáveis relativas às relações afectivas ao longo do ciclo de vida na determinação da saúde mental, com uma amostra de adultos portugueses (com idades compreendidas entre os 18 anos e mais de 60 anos)[31], constituindo, para tal, dois grupos clínicos (grupo de perturbações depressivas e grupo de perturbações ansiosas) e dois grupos de controlo retirados da população geral e emparelhados respectivamente com cada grupo clínico[32]. A autora verifica, a partir da análise de regressão

---

31 Note-se que a autora não refere a idade exacta do participante mais idoso; todavia identifica no grupo de controlo e no grupo de indivíduos com perturbações depressivas respectivamente 6 indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos; no grupo de controlo que emparelha com o grupo de indivíduos com perturbações de ansiedade identifica 1 sujeito respectivamente com idade igual ou superior a 60 anos.

32 Já tivemos a ocasião de fazer referência a este estudo no Capítulo 4 a propósito do instrumento *AAS*; traduzido e adaptado para a população portuguesa pela mesma autora. Muito embora do maior interesse para a comunidade científica, não pretendemos dar conta da diversidade de variáveis contempladas neste estudo e da totalidade dos resultados obtidos, pelo facto de não se

múltipla que, no grupo de indivíduos com perturbações depressivas as dimensões da vinculação (tal como avaliadas pela *AAS*) não determinam a satisfação percepcionada na relação com o sexo oposto; todavia, no grupo de controlo, a satisfação com o relacionamento amoroso é determinada pela dimensão da segurança na vinculação. Por seu lado, no grupo de indivíduos com perturbações de ansiedade, verifica que aqueles que não têm uma relação com o sexo oposto apresentam índices mais elevados de vinculação ansiosa e evitante, comparativamente com aqueles indivíduos que têm uma relação de casamento. Para além disso, mesmo quando têm relacionamentos com o sexo oposto, apresentam valores mais elevados de vinculação ansiosa e evitante. No entanto, a existência ou não de um relacionamento com o sexo oposto não diferencia os resultados nas dimensões do *AAS* no grupo de controlo.

2.2.2. Estudos que recorrem à formulação original da medida de Hazan e Shaver

Embora Hazan e Shaver tenham alertado para as deficiências metodológicas associadas ao seu instrumento, conforme descrevemos anteriormente, alguns autores recorreram à sua formulação original, de resposta forçada entre três parágrafos distintos. É o caso de Pistole (1989), de Feeney e Noller (1990)[33], de Kobak e Hazan (1991)[34] e de Tidwell *et al.*, 1996)[35].

---

inserir directamente no âmbito deste trabalho. Destacaremos, porém, aqueles que de perto se relacionam com as questões da vinculação.

[33] Mais tarde, porém, estas autoras também recorrem a uma medida baseada na decomposição dos parágrafos de Hazan e Shaver (1987).

[34] Apesar de terem utilizado a medida categorial de Hazan e Shaver (1987), estes autores não prosseguiram as análises baseando-se na distribuição dos sujeitos pelos estilos, pelo que não reportaremos quaisquer resultados baseados nesta medida. Esta opção deveu-se ao facto de terem encontrado uma percentagem de sujeitos inseguros inferior às então reportadas em diversos estudos. Esta situação poderá ser eventualmente explicada pelas características da

A primeira autora (Pistole, 1989) procurou testar em que medida os três estilos de vinculação se diferenciam em medidas de resolução de conflitos e de satisfação e coesão relacional, numa amostra de 137 jovens universitários de ambos os sexos (65 rapazes e 82 raparigas), envolvidos em relações amorosas. Os resultados apresentados são os seguintes: (a) comparativamente com os grupos ansioso/ambivalente e evitante, o grupo seguro reporta níveis mais elevados de satisfação relacional, recorrendo mais frequentemente a estratégias integradoras de resolução de conflitos que implicam abordar o problema directamente; (b) apenas comparativamente com o grupo ansioso/ambivalente, o grupo seguro apresenta valores mais elevados de coesão e de utilização de estratégias de compromisso na resolução de conflitos; e finalmente (c) comparativamente com o grupo evitante, o ansioso/ambivalente utiliza mais estratégias de submissão aos desejos do companheiro. Os autores referem que os resultados são consistentes com a teoria da vinculação, e que o facto de o grupo evitante não se diferenciar do seguro em termos da coesão e do uso do compromisso é explicável, no primeiro caso, pelo facto de as expectativas de coesão serem subjectivamente satisfeitas (o que obviamente não equivale a dizer que sejam qualitativamente semelhantes às do grupo seguro) e, no segundo caso, pelo facto de as estratégias de compromisso implicarem a centração no meio e em objectivos particulares e desviarem a atenção da angústia, com a qual os evitantes têm especialmente dificuldade em lidar.

---

amostra, nomeadamente o facto de se tratar de sujeitos ligados pelo casamento. Note-se, que no estudo de 1994, também Kirkpatrick e Davis observam uma percentagem mais reduzida de sujeitos inseguros numa amostra igualmente constituída por parelhas em relações estáveis.

35 Estes autores para além de solicitarem uma escolha forçada entre as três alternativas da medida de Hazan e Shaver, pedem igualmente aos participantes para se posicionarem numa escala contínua de 7 pontos relativamente a cada estilo.

Também Feeney e Noller (1990) procuram, por um lado, replicar os resultados de Hazan e Shaver (1987), testando as ligações entre estilo de vinculação, modelos mentais e história da vinculação na infância. Por outro lado, procuram explorar as articulações entre a vinculação e outras perspectivas sobre o amor, como, aliás, já o haviam feito outros autores. Numa amostra de 374 estudantes universitários, e utilizando exactamente os mesmos instrumentos de Hazan e Shaver (1987), os autores obtêm resultados que confirmam as associações entre estilos de vinculação, história de vinculação na infância e modelos mentais acerca de si próprio e dos outros e acerca do amor. Verificam, ainda, que os sujeitos seguros têm, comparativamente com os ansiosos/ambivalentes, relações mais longas, dado aliás confirmado noutros estudos (Brennan & Shaver, 1990; Collins & Read, 1990; Shaver & Brennan, 1992).

Mais tarde, Pistole (1995) procura estudar as reacções à dissolução da relação amorosa numa amostra de 118 estudantes universitários, desta vez utilizando a medida de escolha forçada entre quatro parágrafos de Bartholomew. Verifica que os sujeitos classificados como seguros, a partir deste sistema, têm uma recordação mais positiva das relações que terminaram, comparativamente com os sujeitos preocupados e amedrontados, que apresentam valores mais elevados em escalas de confusão, de tensão, de presença de vestígios de vinculação e de energia ou vigor. No entanto, os sujeitos desinvestidos revelam uma atitude mais favorável comparativamente com os restantes sujeitos inseguros, que, no entender da autora, poderá ser devido ao modo defensivo com que recordam as experiências de vinculação em geral, inibindo informação potencialmente angustiante, ou então, devido ao efeito protector de uma autoestima elevada.

Com o objectivo de examinar a interferência dos estilos de vinculação nas

actividades sociais em geral, Tidwell *et al.* (1996) recolhem registos escritos[36] de 125 estudantes universitários acerca das suas interacções diárias, atendendo a indicadores como a intimidade, o apoio e a experiência emocional. Os resultados indicam que: (a) os sujeitos seguros reportam mais emoções positivas nas suas experiências sociais, comparativamente com os ansiosos/ambivalentes e os evitantes, sendo que os últimos se distinguem dos dois primeiros pelo registo de mais emoções negativas; (b) os estilos de vinculação contribuem para explicar sobretudo as interacções com o sexo oposto; (c) os sujeitos seguros diferenciam, mais do que os inseguros, as relações com os companheiros amorosos das relações com outros elementos do sexo oposto, do ponto de vista da intimidade e de emoções positivas; (d) contrariamente aos sujeitos seguros e ansiosos/ambivalentes, os evitantes reportam menor intimidade quando têm uma relação amorosa, por oposição à inexistência de uma relação romântica; e (e) os sujeitos ansiosos/ambivalentes demonstram maior volatilidade emocional comparativamente com os outros sujeitos, muito embora ela só se manifeste relativamente às emoções positivas. Na discussão dos resultados, os autores acentuam o facto de os estilos de vinculação servirem essencialmente para diferenciar os comportamentos dos sujeitos em situações de interacção com o sexo oposto (situações de envolvimento romântico ou potencialmente romântico[37]), não se constituindo como traços de personalidade mais alargados. De um modo geral, os sujeitos seguros parecem desejar a intimidade nas

[36] Os sujeitos foram instruídos a registar durante uma semana todas as interacções efectuadas com terceiros numa folha de formato fixo, baseada numa versão modificada do *Rochester Interaction Record* (Reis & Wheeler, 1991).

[37] Note-se que quando os autores se referem às situações de interacção com o sexo oposto como potencialmente românticas, apenas o fazem na suposição global de que a maioria das relações românticas nascem de uma relação com o sexo oposto. Não foi, assim, avaliada a medida em que aquele sujeito poderia ser uma potencial figura para um envolvimento amoroso.

relações com os outros, sendo que diferenciam os sujeitos com que interagem em termos da proximidade emocional. Por seu lado, a relação romântica é aquela em que investem maior intimidade. Contrariamente, os evitantes, para além de evidenciarem níveis baixos de intimidade em geral nas suas interacções sociais, também experienciam as emoções mais negativas nas relações românticas, sendo que nestas últimas os valores de intimidade reportados são ainda mais baixos. Paralelamente, o seu comportamento não parece ser diferencial de acordo com o tipo de sujeitos com que interagem. Relativamente aos sujeitos ansiosos/ambivalentes, o dado mais interessante reporta-se ao facto de a variabilidade emocional destes sujeitos, já descrita em estudos anteriores, incidir particularmente nas emoções positivas. Deste modo, é adiantada a hipótese de estes sujeitos serem especialmente sensíveis a manifestações de afecto e de interesse na interacção com membros do sexo oposto, bem como a oscilações nestas manifestações. Finalmente, uma última referência ao facto de ter sido despistada a influência da atracção física na compreensão dos resultados, uma vez que esta variável tem desempenhado um papel importante na compreensão de algumas variáveis empiricamente associadas à vinculação.

Por último, Moreira *et al.* (1998) observam, numa amostra de estudantes universitários portugueses (N = 138 e média de idades de 26,82 anos) que o grupo de sujeitos seguros apresenta valores mais elevados de competência social, comparativamente com o grupo ansioso/ambivalente e o evitante.

2.2.3. Estudos que utilizam a medida de Hazan e Shaver, com alteração do formato de resposta

Ainda um terceiro grupo de estudos utiliza a medida de Hazan e Shaver, alterando, no entanto, o sistema de escolha forçada para a possibilidade de resposta a cada um dos parágrafos ao longo de um contínuo de 5 pontos

(Kirkpatrick & Davis, 1994[38]; Levy & Davis, 1988). A distribuição pelos estilos de vinculação é feita de acordo com a classificação mais elevada dos três parágrafos. Levy e Davis (1988) observam, igualmente, uma associação previsível entre os estilos de vinculação e dimensões do funcionamento da relação, numa amostra de 166 estudantes universitários. Assim, o estilo seguro encontra-se positivamente correlacionado com a intimidade, a paixão, o compromisso e a satisfação; o estilo ansioso/ambivalente negativamente correlacionado com a viabilidade[39], a intimidade, a capacidade para cuidar, o compromisso, a paixão e a satisfação, e positivamente correlacionado com o conflito/ambivalência. Finalmente, o estilo evitante correlaciona-se negativamente com a intimidade, a capacidade para cuidar, o compromisso, a paixão e a satisfação, e positivamente com o conflito/ambivalência. No que toca à resolução de conflitos, verificam, ainda, que estilos de resolução de conflitos que utilizam o compromisso e a integração aparecem associados positivamente ao estilo seguro e negativamente ao evitante e ao ansioso/ambivalente; o estilo dominador aparece relacionado positivamente com o estilo ansioso/ambivalente. Refira-se que este último resultado contrasta com o resultado obtido por Pistole (1989) e referido anteriormente, segundo o qual o grupo ansioso/ambivalente tende a utilizar mais estratégias de submissão aos desejos do companheiro,

---

38 De salientar que estes autores têm o cuidado de referir que, embora a utilização deste instrumento para classificar os indivíduos pelos estilos possa ser actualmente sujeito a diversas críticas, a implementação da parte empírica do estudo precedeu a publicação de 1987 de Hazan e Shaver, tendo-se apoiado numa versão ainda provisória do dito instrumento.

39 A escala da 'viabilidade' integra o *Relationship Rating Form* de Davis e Todd (1982, 1985) e avalia simultaneamente a confiança, o respeito e a tolerância na relação.

comparativamente com o grupo evitante[40].

Mais tarde, Kirkpatrick e Davis (1994) procuram: (a) para além de continuar a explorar as relações entre estilo de vinculação e dimensões relacionais, como a satisfação, o compromisso e o conflito, na linha dos autores anteriores, (b) analisar o emparelhamento dos estilos de vinculação entre os companheiros amorosos[41] e, finalmente, (c) avaliar a capacidade do estilo de vinculação para predizer a estabilidade *vs* ruptura da relação no tempo. Os autores recorrem a uma análise longitudinal em três momentos sequenciais e a amostra, que vai sofrendo baixas ao longo do tempo, é inicialmente constituída por 354 pares amorosos, com relações amorosas ditas estáveis e sérias, com uma média de idades de 21,2 anos. Relativamente aos resultados verificam-se as seguintes tendências: (1) mais uma vez, e na linha dos estudos apontados anteriormente, observa-se uma associação entre estilo de vinculação e dimensões do funcionamento da relação em função do género. Assim, os homens evitantes, referem, comparativamente com os seguros, menor satisfação, intimidade, viabilidade, carinho e compromisso e, comparativamente com os homens ansiosos, referem menor paixão e também menor compromisso na relação. No que diz respeito às mulheres, são as mulheres ansiosas que revelam, comparativamente com as seguras, os menores índices de satisfação, de viabilidade, carinho e, ainda, os maiores índices de conflito e de ambivalência.

---

[40] Saliente-se que o instrumento utilizado para a avaliação da resolução de conflitos é o mesmo em ambos os estudos, ou seja o *Rahim Organizational Conflict Inventory* de Rahim (1983).

[41] Note-se que Collins e Read (1990) haviam testado o emparelhamento da vinculação entre parceiros amorosos, mas com base em medidas contínuas de vinculação e não discretas ou categoriais. Por outro lado, Simpson (1990), embora tenha testado as correlações entre índices de vinculação, como vimos anteriormente, estas são apenas moderadas e baseiam-se numa amostra pequena. Em todo o caso, a questão da correspondência entre medidas de vinculação em ambos os parceiros amorosos será abordada mais adiante.

Mulheres evitantes referem menor viabilidade e mais conflito e ambivalência, quando comparadas com as seguras; (2) as relações de homens evitantes e de mulheres ansiosas, aqueles que reportaram apreciações mais negativas das relações num primeiro momento, são tão estáveis no tempo quanto as relações de sujeitos seguros. Contrariamente, são os homens ansiosos e as mulheres evitantes que apresentam maiores taxas de dissolução da relação ao longo do tempo.

A compreensão destes resultados beneficiaria da recolha de dados adicionais no segundo e no terceiro momentos, designadamente no que toca à vinculação e aos níveis de satisfação amorosa. De facto, não é possível detectar se os parceiros amorosos permanecem juntos ao longo do tempo, com alterações positivas ao nível da satisfação e do compromisso, ou inclusivamente se existem mudanças no estilo de vinculação.

2.3. Vinculação amorosa e self-disclosure [42, 43]

A relação entre a vinculação e o *self-disclosure* tem merecido uma atenção particular de alguns investigadores, que partem da hipótese de que a vinculação interfere não apenas na capacidade e no desejo para efectuar *self-disclosure*, mas também na adequação deste às circunstâncias do meio, bem como na reciprocidade manifestada em situações de *self-disclosure* por parte de outros.

Mikulincer e Nachshon (1991) são os primeiros autores a publicar um

[42] Optámos por manter a designação na língua original, uma vez ela constar do vocabulário habitualmente utilizado no âmbito da Psicologia em Portugal.

[43] Embora o *self-disclosure* constitua uma importante dimensão do funcionamento e da qualidade do relacionamento amoroso, a sua distinção numa alínea à parte justifica-se pelo facto de se ter assistido a um aprofundamento em particular da relação entre esta variável e a vinculação.

estudo especialmente dedicado à exploração detalhada desta relação[44]. Partem da hipótese de que a vinculação influencia o *self-disclosure* a partir dos modelos internos dinâmicos. Ao criarem expectativas relativamente à acessibilidade e à responsividade das figuras de vinculação, e regidos por um sistema de regras que regula as respostas emocionais a situações *stressantes*, estes modelos influenciariam as atitudes e os objectivos nas interacções sociais que, por sua vez, interfeririam no *self-disclosure*. Neste sentido, as diferenças no *self-disclosure* em função dos estilos de vinculação poderiam ser atribuídas a diferenças nestas atitudes e objectivos que os sujeitos desenvolvem e prosseguem nas interacções sociais. De acordo com a teoria da vinculação, os autores esperariam que os sujeitos seguros apresentassem níveis de *self-disclosure* adequados na frequência e intensidade e apropriados às circunstâncias interpessoais e do meio físico envolvente, pelo facto de estes desejarem envolver-se em relações de proximidade, e terem representações positivas dos outros enquanto seres responsivos e disponíveis, e de si próprios enquanto sujeitos merecedores de afecto e de atenção. Dos sujeitos evitantes, por sua vez, seria esperado que estes evitassem não apenas situações de exposição de si próprios mas também situações de exposição pessoal de outros, uma vez evidenciarem dificuldades com a proximidade emocional, sendo o seu objectivo a manutenção da (ou de uma certa) distância relativamente aos outros. Finalmente, no que diz respeito aos sujeitos ansiosos/ambivalentes, os autores descrevem duas alternativas opostas na previsão dos comportamentos de *self-disclosure*: poderíamos assistir a um elevado *self-disclosure*, assente num desejo extremo de ligações emocionais ou então poderíamos prever uma inibição

[44] Embora já em 1990, Collins e Read tivessem utilizado esta variável em conjugação com dimensões da vinculação, não o fizeram com a profundidade do estudo de Mikulincer e Nachshon (1991).

do *self-disclosure*, relacionado com a baixa autoestima destes sujeitos. Utilizando amostras de estudantes universitários e recorrendo a medidas categorias e dimensionais baseadas no instrumento de Hazan e Shaver (1987), os autores procuraram ainda discriminar o alvo do *self-disclosure*, constituindo assim as categorias de pai, mãe, namorado, amigo do mesmo sexo, amigo do sexo oposto, outros. A constituição destas categorias revelou-se de importância, já que elas fazem depender as associações encontradas entre vinculação e *self-disclosure*. Deste modo, os autores observaram que: (a) comparativamente com sujeitos evitantes, os sujeitos seguros fazem mais *self-disclosure* com os namorados, os amigos do mesmo sexo, os pais e as mães[45]; (b) comparativamente com sujeitos ambivalentes, os seguros fazem mais *self-disclosure* com pais e namorados; (c) comparativamente com sujeitos evitantes, os ansiosos/ambivalentes fazem mais *self-disclosure* com as mães e os amigos do mesmo sexo; (d) os sujeitos seguros apresentam maior flexibilidade, ajustando adequadamente o *self-disclosure* a uma diversidade de situações, por comparação com os restantes grupos de sujeitos; (e) os sujeitos seguros e os ansiosos/ambivalentes são aqueles que, face a sujeitos reveladores[46], tendem a evidenciar maior reciprocidade e a manifestar interesse em conhecer o outro e a continuar a interacção. Genericamente, podemos afirmar que os resultados confirmam as previsões de acordo com a teoria da vinculação. Relativamente ao estilo ansioso/ambivalente, aquele que suscitava mais dúvidas aquando da

---

[45] A ordem de enumeração dos alvos do *self-disclosure* corresponde também à ordem de preferência dos sujeitos seguros. Isto é, estes sujeitos fazem mais *self-disclosure* com os namorados, seguindo-se os amigos e finalmente os pais. Segundo os autores, este padrão corresponde às necessidades desenvolvimentais dos jovens de criar laços afectivos para além dos familiares.

[46] Entenda-se por 'sujeitos reveladores' aqueles que apresentam valores elevados de *self-disclosure*.

formulação das hipóteses, assistimos, porém, a um padrão complexo caracterizado por características ditas seguras e evitantes, e que por isso merece uma exploração empírica continuada e atenta. Estes sujeitos apresentam níveis de *self-disclosure* elevados e comportamentos de reciprocidade face a sujeitos reveladores (características estas semelhantes aos sujeitos seguros), mas têm dificuldades em adequar o seu *self-disclosure* às circunstâncias físicas e interpessoais dos contextos específicos, tendendo na reciprocidade manifestada a centrar-se em aspectos pessoais, referenciando-se pouco a tópicos do discurso dos outros (características semelhantes aos sujeitos evitantes).

No estudo de Collins e Read (1990), o qual já descrevemos anteriormente, também havia sido encontrada uma ligação entre segurança na vinculação e *self-disclosure*. De um modo geral, sujeitos mais confortáveis com a proximidade emocional e com capacidade para confiar nos outros [sujeitos definidos como seguros a partir das dimensões de Collins e Read (1990)] tendem a avaliar os níveis de comunicação relacional como superiores, fazem avaliações mais positivas dos seus companheiros e referem níveis elevados de *self-disclosure*. Por outro lado, e combinando as representações ao nível diádico, verifica-se que as mulheres, cujos companheiros se sentem confortáveis com a proximidade emocional, avaliam de forma positiva a comunicação e referem que os seus companheiros são afectuosos, responsivos e que estes fazem *self-disclosure*. Por sua vez, os homens cujas companheiras revelam conforto com a proximidade emocional, reportam valores elevados de comunicação e de confiança, avaliam a sua companheira como afectuosa e responsiva e referem níveis elevados de *self-disclosure* recíproco. Este estudo chama assim a atenção para a importância das caraterísticas do companheiro, e muito particularmente para a medida em que o companheiro se sente confortável com a proximidade emocional, para a avaliação do *self-disclosure*. Refira-se, porém, que esta dimensão do companheiro apenas parece estar associada em ambos os sexos à

representação do *self-disclosure* do outro. Ou seja, apenas os homens apresentam níveis mais elevados de revelação de si próprios quando têm companheiras que se sentem bem com a proximidade emocional. Nas mulheres, esta não parece ser necessariamente uma dimensão que favoreça a sua própria revelação. Contrariamente, quando as companheiras revelam níveis elevados de ansiedade e medo do abandono, os homens tendem a inibir o seu *self-disclosure*. Estes resultados beneficiariam, em nossa opinião, do controlo da variável da vinculação do próprio sujeito, isto é, não é possível descortinar se os sujeitos cujos companheiros apresentam resultados mais elevados na escala do conforto com a proximidade emocional, são também aqueles que, de uma forma geral, são mais seguros. No entanto, os dados correlacionais relativamente à correspondência entre as dimensões da vinculação em ambos os parceiros[47] fazem pensar, em nossa opinião, numa tendência para a circularidade no *self-disclosure*, uma vez que sujeitos tendem a estar envolvidos romanticamente com companheiros que partilham das mesmas representações no que toca a sentir-se confortável com a proximidade emocional. Em resumo, embora a investigação aponte para a existência de uma relação entre a vinculação e o *self-disclosure*, evidencia-se a necessidade de um maior aprofundamento acerca dos processos e dos objectivos envolvidos na emissão e na recepção de *self-disclosure* em função da vinculação.

47 Estes dados são descritos de forma mais detalhada mais adiante a propósito da concordância entre companheiros amorosos dos estilos de vinculação.

2.4. Vinculação amorosa, interacção[48] e apoio social

Como referimos no Capítulo 4, vários autores reclamam a necessidade de se recorrer a metodologias observacionais que permitam o estudo dos *comportamentos* de vinculação e das *interacções* entre os elementos de uma relação.

Simpson e colaboradores, por exemplo, procuram aprofundar o papel da ansiedade na elicitação de comportamentos de vinculação nos adultos, inspirando-se directamente nos estudos da vinculação na infância e muito particularmente nos procedimentos utilizados na *Situação Estranha* (Simpson *et al.*, 1992). Testam, assim, em que medida o confronto com uma experiência geradora de ansiedade[49] num dos elementos da díade (neste caso a mulher) desencadeia comportamentos de procura e de fornecimento de apoio no casal. Mais ainda, procuram explorar diferenças no modo como o casal interage em função dos estilos de vinculação amorosa. Assistimos, assim, à primeira tentativa para obter dados relativamente à influência dos estilos de vinculação nos *comportamentos* do par amoroso, numa situação supostamente de interacção espontânea. Para o efeito, é constituída uma amostra de 83 pares de namorados, juntos há pelo menos 3 meses (a duração média das relações é de

[48] Incluem-se nesta alínea fundamentalmente os estudos que procuraram observar os *comportamentos* de vinculação, numa tentativa de aprofundar as *interacções*. Assume-se, assim, a distinção proposta por Lewis (1988) entre relação e interacção, em que a primeira configura, ao nível representacional, as dimensões comportamentais actualizadas nas interacções.

[49] Refira-se, que, no estudo em causa, o confronto com uma experiência ansiógena consistiu em dizer ao sujeito que ele iria ser exposto a uma situação geralmente geradora de ansiedade na maioria das pessoas, mostrando-lhe uma sala com equipamento de psicofisiologia semelhante a uma câmara de isolamento. No entanto, o sujeito nunca chegou a passar por um acontecimento concreto. No decurso desta situação, a interacção do casal numa sala de espera foi gravada em *vídeo* e avaliada posteriormente por juizes independentes. A possibilidade do casal desistir a meio da experiência estava salvaguardada.

17,9 meses), em que um dos elementos foi recolhido a partir da universidade.

Na generalidade, os resultados confirmam as hipóteses, no sentido em que os sujeitos seguros se diferenciam dos evitantes em termos de comentários apoiantes, esforços para procurar e dar apoio emocional e ainda de contacto físico. Ou seja, perante um aumento de ansiedade, mulheres seguras tendem a procurar os companheiros como fonte de apoio e de encorajamento, enquanto que os homens seguros tendem a oferecer às suas companheiras apoio emocional e verbal. Pelo contrário, nos sujeitos evitantes, a ansiedade parece dificultar a procura de proximidade e a oferta de apoio. Alguns dados, porém, merecem referência pelo facto de contrariarem as expectativas: (a) a vinculação ansiosa não apareceu associada ao modo como os parceiros interagiam, o que os autores interpretam como ambivalência entre a procura de apoio e o afastamento, ou seja, por um lado os sujeitos desejam a proximidade do companheiro mas, por outro, estão zangados por este não estar completamente disponível; e (b) os sujeitos evitantes parecem beneficiar mais do apoio verbal por comparação com a proximidade física. Em todo o caso, importa ter em consideração que se avaliou apenas a procura de apoio nas mulheres, e a oferta de apoio nos homens, pelo que se alerta para o perigo de generalizações ao sexo oposto.

Na mesma linha do estudo anterior, segundo o qual os comportamentos de vinculação são especialmente accionados face a situações geradoras de ansiedade, Simpson e colaboradores (Simpson *et al.*, 1996), exploram, desta vez, a medida em que uma situação de conflito se relaciona com a qualidade dos comportamentos emitidos e contribui para a modificação das percepções do sujeito acerca do seu companheiro e da relação, em função da vinculação amorosa (desta feita avaliada por variáveis contínuas)[50]. A amostra é constituída

[50] Neste estudo, os casais eram convidados a discutir durante cerca de 10 minutos sobre um assunto que ambos considerassem polémico e actual na sua relação (de importância maior ou

por 123 pares de namorados estudantes universitários que namorassem pelo menos há seis meses. Os autores verificam que, de acordo com o esperado, sujeitos mais ambivalentes manifestam índices mais elevados de ansiedade e de *stress* durante a interacção conflitual de um problema considerado maior, reportam mais hostilidade relativamente aos seus companheiros, e representam-nos de modo mais negativo após a situação de conflito. Este padrão diferenciou-se daquele dos sujeitos com valores elevados de evitamento. Especialmente os homens tendem, neste caso, a não dar respostas de apoio, dado, aliás, que vem de acordo com os obtidos no estudo anterior. Os autores interpretam este resultado como um modo de evitamento do envolvimento emocional em situações que, por natureza, podem fazer activar o sistema de vinculação. Todavia, não se observa o mesmo comportamento nas mulheres, colocando-se a hipótese do papel tradicional da mulher, associado a uma maior expressão de afecto e de apoio emocional, bem como a uma maior preocupação com a manutenção da relação, se sobrepor às formas habituais dos estilos de vinculação funcionarem.

Numa tentativa de discriminar o efeito do apoio emocional comparativamente com o instrumental na antecipação a uma situação ameaçadora[51], Mikulincer e Florian (1997) observam, numa amostra de 135

---

menor consoante a condição experimental), sendo informados de que estariam a ser gravados em *vídeo*, ainda que no momento da ocorrência não houvesse ninguém directamente a assistir.

[51] Para o efeito, os autores criam uma situação experimental com três condições: Após terem observado um modelo, os participantes são solicitados a guiar uma cobra venenosa num labirinto. Antes da realização da tarefa (que nunca chega a concretizar-se), os sujeitos são distribuídos por três condições experimentais: na primeira, os sujeitos recebem apoio instrumental de um outro sujeito e são instruídos a conversar acerca do modo como vão realizar a tarefa e que estratégias de resolução de problemas vão utilizar; na segunda, os sujeitos recebem apoio emocional e são instruídos a conversar acerca dos seus sentimentos relativamente à tarefa; e na terceira, os sujeitos aguardam sozinhos numa sala. Antes e após terem sido submetidos às condições

estudantes universitários, que: (a) os sujeitos classificados de seguros pelo sistema de Hazan e Shaver (1987) beneficiam igualmente do apoio instrumental e do emocional perante situações de *stress*; (b) os sujeitos evitantes beneficiam apenas de apoio instrumental, já que o apoio emocional provoca o aumento de sentimentos negativos, situação que é interpretada pelos autores como revelando a estratégia defensiva destes sujeitos, que se caracteriza pela inibição da expressão de sentimentos negativos e do seu não reconhecimento, associada a uma autoconfiança compulsiva[52]; (c) os sujeitos ambivalentes não manifestam nenhuma alteração de humor após o apoio emocional e revelam um aumento de sentimentos negativos após o apoio instrumental. Este último resultado poderá ser explicado, segundo os autores, pelo facto de, no decurso das tentativas de conversar para a resolução do problema, os sujeitos serem confrontados com a sua ineficácia, diminuindo a já reduzida autoestima.

Mais tarde, diversos estudos (Blain, Whiffen & Thompson, 1993; Florian, Mikulincer & Bucholtz, 1995; Mikulincer & Florian, 1995; Mikulincer, Florian & Weller, 1993; Ognibene & Collins, 1998) debruçam-se sobre a capacidade dos estilos de vinculação diferenciarem o modo como os sujeitos percepcionam o apoio social, recorrendo, todavia, a instrumentos de autorelato e não à observação comportamental como o haviam feito os autores anteriores.

De um modo geral, os resultados apontam para o facto de o estilo de

---

experimentais, os sujeitos preenchem uma listagem de adjectivos relativamente ao seu estado de ânimo.

[52] Ao contrário do apoio instrumental que permite ao sujeito evitante a afirmação da sua autonomia e das suas competências de resolução de problemas, o apoio emocional envolve uma interacção mais próxima emocionalmente, uma vez que os participantes foram instruídos a conversar acerca dos sentimentos que a tarefa proposta está a provocar.

vinculação se relacionar de forma diferencial com as expectativas que o sujeito constrói relativamente à disponibilidade dos outros para prestar apoio, influenciando a procura de apoio emocional e instrumental do sujeito e a satisfação com o apoio obtido. Muito embora os estudos não apresentem dados absolutamente consistentes no que toca aos estilos de vinculação insegura, todos eles apontam para o facto de os sujeitos seguros apresentarem os resultados mais favoráveis nas dimensões enumeradas. Saliente-se que, se bem que os sujeitos preocupados afirmem, à semelhança dos seguros, a necessidade de apoio social, tendem a não estar satisfeitos com o apoio recebido. Por outro lado, esta necessidade não parece variar de acordo com a intensidade de *stress* experimentado, ao contrário dos restantes estilos que parecem aumentar ou diminuir a sua procura de apoio, no caso dos sujeitos seguros e dos desinvestidos e amedrontados, respectivamente (Ognibene & Collins, 1998).

Recentemente, Fraley e Shaver (1998) desenvolvem um estudo também baseado na observação naturalista, mas desta vez em contexto natural, utilizando para o efeito um aeroporto[53] e as reacções às separações de membros de um casal. Para além de recorrerem à observação não intrusiva dos casais, os autores recolhem, por via do autorelato, dados relativos ao estilo de vinculação (a partir do *RSQ* de Bartholomew & Horowitz, 1991) e à história da relação junto de

[53] Os autores defendem que o aeroporto é um contexto natural que potencia a activação do comportamentos de vinculação, referindo que, para além disso, se ajusta aos procedimentos de observação naturalista: "First, airports are public settings in which behavior is readily observable and easily documented. Second, (...), people express intimate behavior relatively freely in airports, despite the public environment. Third, given the public nature of the airport setting, people are aware that they are being watched to varying degrees by other people (...)." (Fraley & Shaver, 1998, p. 1203).

um total de 109 casais (218 sujeitos)[54], cujas idades variaram entre 16 e 68 anos (média de 34 anos) e a duração da relação entre um mês e 43 anos (média de 6 anos). Os autores pretendem contribuir para o aprofundamento das dinâmicas das relações de vinculação, procurando responder às seguintes questões: (a) como se manifesta o comportamento de vinculação no adulto? Será que existem paralelos funcionais entre o comportamento da criança e do adulto perante situações de separação?; (b) como varia a activação do comportamento de vinculação em função da acessibilidade do companheiro (a partir de duas condições, a primeira refere-se ao comportamento que precede a separação do casal, uma vez que um dos membros irá viajar; e a segunda refere-se ao comportamento que precede uma viagem em conjunto) e em função da duração da relação?; (c) em que medida são estas estratégias reguladas de forma diferencial consoante variações nos estilos de vinculação?

Os resultados indicam que, à semelhança do que acontece na infância, perante situações de separação, os adultos exibem comportamentos cuja função é obter e manter a proximidade do companheiro amoroso. No entanto, a sua manifestação é variável consoante o tempo de duração da relação e o estilo de vinculação. Relativamente à primeira variável, verifica-se que os casais com relações mais duradoiras no tempo não exprimem de forma tão notória estes comportamentos de vinculação. Relativamente à segunda, verificam-se algumas tendências observadas no estudo de Simpson *et al.* (1992), isto é, na condição da separação do companheiro amoroso, mulheres com valores elevados de evitamento apresentaram os índices mais reduzidos de comportamentos de procura e de manutenção de proximidade, bem como de prestação de cuidados. Para além disso, afastavam-se rapidamente, não mantendo o contacto ocular.

[54] Note-se que devido a omissões no preenchimento dos questionários, o número de sujeitos é variável nas diferentes análises realizadas.

No entanto, na condição de ambos os parceiros viajarem, estas mulheres apresentaram um comportamento diferente, procurando nomeadamente a atenção do companheiro. Por sua vez, também neste estudo, a dimensão da ansiedade não explica uma porção significativa da variância nos comportamentos, embora se correlacione com medidas de autorelato relativas à angústia de separação. Este resultado, que replica o observado no estudo de Simpson *et al.* (1992) de que já falámos, poderá ser explicado, segundo os autores, não pela existência de motivos em conflito, como sugerem estes autores, mas pelo facto de as dimensões ansiedade e evitamento serem independentes, como, aliás propõe Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Enquanto que a dimensão 'ansiedade' reflecte a variabilidade individual na tendência a sentir-se ansioso acerca do possível abandono e separação, estando, assim, subjacente à experiência subjectiva da angústia de separação, a dimensão 'evitamento' traduz a variabilidade individual na disponibilidade para procurar o apoio e a proximidade do outro, regulando as estratégias comportamentais. Dito de outro modo, um indivíduo pode ter uma ansiedade muito elevada relativamente à separação e, no entanto, não enveredar esforços no sentido de se aproximar do seu companheiro. Note-se, no entanto, que estas tendências não se observam na amostra masculina, evidenciando-se, mais uma vez, a necessidade de um maior aprofundamento das questões do género para a compreensão da organização do sistema de vinculação.

Finalmente, muito recentemente, Collins e Feeney (2000) procuram estudar os padrões normativos que articulam os comportamentos de prestação de cuidados (*caregiving behaviors*) e de procura de apoio (*support-seeking behaviors*) na interacção diádica. Para além disso, pretendem analisar (a) em que medida estes estão relacionados com a percepção subjectiva da interacção e do bem-estar daquele que procura o apoio; (b) em que medida é que os estilos de vinculação moldam a natureza e a qualidade das interacções de apoio, e em

que medida estas interacções estão relacionadas com a satisfação relacional; e (c) a concordância entre as percepções da interacção de ambos os elementos da díade e entre estes e observadores externos, e em que medida estas percepções são enviezadas pelas expectativas precedentes. A amostra é constituída por 93 pares de namorados, com uma média de duração de relação de 12,6 meses (variando entre 1 e 60 meses) e uma média de idades de aproximadamente 19 anos (de entre 17 e 26 anos)[55].

Os resultados indicam que, conforme previsto, aqueles sujeitos que avaliaram o seu problema como mais *stressante* procuraram o apoio de forma mais directa na situação de interacção, tendo igualmente os companheiros emitido comportamentos de prestação de cuidados mais eficazes. Na sequência destes comportamentos, os sujeitos que procuraram apoio percepcionaram a interacção como mais apoiante, tendo igualmente revelado mudanças positivas ao nível do humor. No que toca às diferenças em função da vinculação, indivíduos com valores mais elevados de evitamento (mas não de ansiedade) tendem a usar estratégias indirectas de procura de apoio, embora o evitamento não se correlacione com o comportamento de prestação de cuidados. Por sua vez, os participantes com valores elevados de ansiedade revelam comportamentos de prestação de cuidados mais pobres, sendo que todavia a ansiedade não aparece correlacionada com o comportamento de procura de apoio.

---

[55] Os participantes foram convidados a conversar em situação laboratorial acerca de uma preocupação recente que um deles introduziria, com excepção de problemas que envolvessem o conflito entre o casal. Esta interacção foi gravada em *vídeo* e posteriormente os comportamentos de prestação de cuidados e de procura de apoio foram codificados segundo uma versão modificada do esquema de classificação de Barbee e Cunningham (1995). Para além disso, os participantes preencheram diversos instrumentos de autorelato antes e após a situação experimental. Entre eles, contam-se a *AAS* de Collins e Read (1990) e o *RQ* de Bartholomew e Horowitz (1991) como medidas de avaliação da vinculação do adulto.

2.5. Género e vinculação amorosa

O género tem vindo a ser considerado uma importante variável no estudo das relações interpessoais em geral, e das relações amorosas em particular (Hendrick, Hendrick, Foote & Slapion-Foote, 1984; Hinde, 1984), evidenciando-se como uma variável diferenciadora que deverá ser contemplada na elaboração de teorias suficientemente abrangentes e integradoras do desenvolvimento humano. Também no âmbito da vinculação, as diferenças e as semelhanças entre os géneros têm suscitado o interesse de diversos investigadores. Ainda que não sendo totalmente consistentes, os resultados em função do género poderão fazer emergir algumas regularidades, sobretudo se tivermos em conta, mais uma vez, os diferentes sistemas de classificação dos sujeitos utilizados na avaliação da vinculação. Na apresentação dos estudos, iniciaremos a análise das diferenças de género nos estilos e dimensões na vinculação e prosseguiremos com a avaliação do impacto diferencial da vinculação em dimensões de diversa natureza consoante o género.

2.5.1. Diferenças na vinculação em função do género

Em consonância com o estudo inicial de Hazan e Shaver (1987), diversos estudos que se apoiam no sistema de classificação de três categorias não evidenciam diferenças de género nos estilos bem como em dimensões (derivadas desses estilos iniciais) da vinculação (Brennan *et al.*, 1991; Collins & Read, 1990; Collins, 1996; Feeney & Noller, 1990; Feeney, Noller & Patty, 1993; Levy, Blatt & Shaver, 1998; Levy & Davis, 1988; Moreira *et al.*, 1998; Shaver & Brennan, 1992). Outros estudos, porém, utilizando o sistema de classificação em quatro protótipos de Bartholomew, observam tendências para uma maior prevalência de homens desinvestidos e de mulheres preocupadas ou amedrontadas (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan *et al.*, 1991; Levy et *al.*, 1998), ainda que se assista a algumas excepções (Diehl *et al.*, 1998; Pistole,

1995). Por outro lado, medidas contínuas baseadas neste último sistema apontam ainda valores mais elevados de vinculação preocupada em mulheres e de vinculação desinvestida em homens (Bartholomew & Horowitz, 1991; Scharfe & Bartholomew, 1994).

Um resultado que nos merece particular atenção, uma vez que contraria os estereótipos veiculados sobre papéis sexuais, é o facto de, em alguns estudos, amostras masculinas terem obtido valores mais elevados em dimensões como 'desejo de união' e 'conforto com a intimidade e a proximidade emocional' (Hazan & Shaver, 1987; Collins & Read, 1990, 1º estudo), bem como estarem mais representados pelo protótipo preocupado comparativamente com a amostra feminina (Brennan *et al.*, 1991), dados que, aliás, não merecem os comentários dos autores ou que são interpretados como resultantes do acaso. Também com uma amostra de estudantes universitários portugueses, os rapazes obtêm valores mais elevados de ansiedade (por via do *ERI* a que já fizemos referência no Capítulo 4), comparativamente com as raparigas (Campos, 1998). A autora adianta algumas hipóteses na explicação deste resultado. Uma primeira está associada ao discurso social de prevenção relativamente ao relacionamento sexual, sendo que na medida em que a sexualidade é um importante mediador do relacionamento amoroso particularmente nos rapazes "pode ter vindo a provocar dissonância nos padrões de referência que os rapazes tinham quanto ao seu papel e o que deles era esperado na relação íntima, induzindo níveis maiores de ansiedade" (p. 253). Uma segunda hipótese relaciona-se com a possibilidade da ansiedade estar associada com a necessidade de exploração no domínio dos relacionamentos amorosos, permitida e particularmente incentivada na nossa cultura para os indivíduos de sexo masculino.

A maior sensibilidade a diferenças de género deste segundo sistema de classificação relativamente ao primeiro poderá dever-se, em nossa opinião, ao facto de o grupo considerado evitante de Hazan e Shaver albergar, não apenas

sujeitos desinvestidos, mas igualmente os amedrontados de Bartholomew, pelo que provavelmente as diferenças se esbatem quando se considera o grupo total[56]. Os estudos de Brennan *et al.* (1991) e de Levy *et al.* (1998) vêm, aliás, apoiar esta suposição, uma vez que sugerem diferenças de género apenas na medida de Bartholomew, tendo, todavia, os autores utilizado os dois sistemas de classificação.

2.5.2. Género e capacidade preditiva da vinculação

No que diz respeito à capacidade preditiva de dimensões da vinculação, alguns estudos verificam que esta é diferencial consoante o género. Isto é, o modo como a vinculação se relaciona com outras variáveis parece sofrer a influência do género. Collins e Read (1990), por exemplo, verificam que as mulheres, cujos companheiros apresentam valores elevados de conforto com a proximidade emocional, tendem a representar a relação de uma forma mais positiva (obtendo valores mais elevados em dimensões como satisfação, proximidade emocional com o companheiro, comunicação, responsividade e carinho do companheiro, percepção do *self-disclosure* do companheiro; etc...). Os homens, cujas mulheres apresentam valores elevados de ansiedade, tendem a avaliar a relação de um modo mais negativo (obtendo valores mais baixos de confiança na companheira, satisfação relacional, proximidade emocional, comunicação, *self-disclosure*, e valores mais elevados de conflito). Ou seja, a ansiedade nas mulheres está relacionada com insatisfação do companheiro e representações negativas da relação, enquanto que, quando os homens reportam sentirem-se confortáveis com a proximidade emocional, as suas companheiras referem níveis elevados de satisfação com a relação,

[56] Recorde-se, que como foi discutido no Capítulo 4, as principais diferenças entre ambos os sistemas de classificação residem na distribuição dos sujeitos evitantes.

representando-a, no geral, de forma mais positiva. Com base nos resultados referidos, os autores salientam a importância de dimensões da vinculação nos processos de escolha do companheiro e na organização dos comportamentos, percepções e expectativas que ocorrem no seio das relações amorosas.

O trabalho de Simpson (1990) replica esta tendência, ao evidenciar a associação negativa entre ansiedade relacional na mulher e satisfação por parte do companheiro, associação esta, mais uma vez, dependente do género (isto é, a ansiedade no homem não se encontra correlacionada negativamente com a satisfação na mulher).

Estes resultados são interpretados pelos autores como sendo consistentes com estereótipos tradicionais, devendo-se provavelmente à valorização de componentes diferentes no processo de socialização dos homens e das mulheres: as mulheres valorizando sobretudo as dimensões de proximidade emocional e os homens as de independência emocional, pelo que os critérios de avaliação da qualidade e da satisfação relacionais divergem. Estas afirmações obtêm, aliás, suporte teórico e empírico, em estudos realizados no âmbito da satisfação conjugal com abordagens teóricas que não a da vinculação (Davis & Oathout, 1987; Hatfield, 1983; White, Speisman, Jackson, Bartis & Costos, 1986).

Outros estudos posteriores também observam genericamente o mesmo padrão (Feeney, 1994; Feeney *et al.*, 1994; Kirkpatrick & Davis, 1994). Kirkpatrick e Davis (1994), por exemplo, constatam que homens, cujas companheiras amorosas apresentam um estilo de vinculação ansioso, reportam menor satisfação, compromisso, viabilidade, intimidade e maior conflito e ambivalência, quando comparados com aqueles que estão envolvidos com uma mulher segura. Também estes autores se servem do recurso aos papéis sexuais tradicionais para interpretar este resultado. Os comportamentos associados à vinculação compulsiva do padrão ansioso/ambivalente constituiriam uma ameaça

para o homem, cuja identidade se baseia em grande medida na aquisição da autonomia e da independência, gerando assim insatisfação por parte do homem.

No entanto, e em contraste com os resultados obtidos pelos autores anteriores, neste estudo as mulheres que têm companheiros evitantes avaliam a sua relação tão favoravelmente como as que têm companheiros ansiosos ou seguros. Apenas em dimensões como paixão e ambivalência-conflito, os estilos de vinculação dos companheiros masculinos são diferenciadores. Assim, as mulheres de companheiros evitantes tendem a reportar maior paixão do que aquelas com companheiros ansiosos, enquanto estas últimas reportam mais conflito-ambivalência do que as primeiras e do que as mulheres com companheiros evitantes. Deste modo, o resultado obtido por Collins e Read (1990) e Simpson (1990) de que a satisfação nas mulheres está inversamente associada ao evitamento nos homens não obtém confirmação neste estudo. Aliás, também Feeney (1994), mais tarde, contraria este resultado, observando que também a ansiedade no homem contribui para percepção de insatisfação, independentemente do estilo de vinculação da mulher.

Os autores não adiantam nenhuma possível explicação para este resultado, e é óbvio que a mesma linha de argumentação assente nos papéis sexuais tradicionais que serviu para ler o resultado anterior não se adequa neste momento. Isto é, embora diversos estudos e perspectivas desenvolvam a crença de que as mulheres constróem e definem a sua identidade basicamente a partir de questões relacionais, no que toca este estudo, mulheres de homens evitantes, isto é mais distantes ao nível da proximidade relacional, não parecem avaliar as suas relações como menos satisfatórias. Por outro lado, a presença de ansiedade nos homens que poderia traduzir-se em maior proximidade emocional (ainda que com tonalidades de dependência) também não constitui um factor avaliado pelas mulheres como contribuindo para a satisfação. De qualquer modo, e pensando que as mudanças nas representações sobre e no exercício

dos papéis sexuais provavelmente não decorrerão segundo dinâmicas lineares, podemos estar a assistir particularmente a transformações relativamente às mulheres, independentemente das experiências dos homens.

Finalmente, e com base no modelo de quatro categorias, Scharfe e Bartholomew (1994, 1995; Bartholomew, 1997) observam, à semelhança de Simpson (1990) e de Collins e Read (1990), que a ansiedade das mulheres, representada nos padrões preocupado e amedrontado, está associada a uma satisfação baixa em ambos os companheiros, enquanto que o padrão desinvestido do homem prediz a insatisfação de ambos os companheiros.

Utilizando uma medida de segurança da vinculação, construída a partir de uma metodologia de *Q-sort*, e que distingue as dimensões da disponibilidade psicológica (*psychological availability*) e de confiança (*reliance*), Kobak e Hazan (1991) constatam que a satisfação conjugal de ambos os parceiros está associada com a avaliação pelo marido da disponibilidade psicológica da mulher, enquanto que apenas a satisfação da mulher está relacionada com a avaliação da disponibilidade psicológica do companheiro, avaliada pela mulher.

O estudo de Feeney (1994), realizado com uma amostra de sujeitos em situações de casamento recente, vem, ainda, acrescentar a ideia de que possivelmente o impacto negativo da ansiedade da mulher na qualidade da relação sofre a influência das características de vinculação do companheiro. Ou seja, a ansiedade na mulher só explica a insatisfação conjugal quando aparece associada a desconforto no homem.

Simpson (1990) procura avaliar em que medida a vinculação prediz a experiência de angústia após a dissolução, verificando também a mediação da variável género. Embora sujeitos evitantes masculinos apresentam os menores índices de tensão emocional após dissolução de relações, o mesmo não se observa na amostra feminina. O autor interpreta este resultado, baseando-se em

estudos que apontam para a tendência geral dos homens de suprimirem as suas emoções em situações de conflito interpessoal por contraste com a exposição emocional das mulheres, combinando-os com as características do estilo evitante, em que se assiste a uma tendência a inibir defensivamente as experiências emocionais negativas (Hazan & Shaver, 1987; Main *et al.*, 1985).

Pietromonaco e Carnelley (1994) referem que, independentemente das características dos parceiros amorosos, são as mulheres preocupadas e os homens evitantes que experienciam maior quantidade de sentimentos negativos, quando lhes é solicitado que pensem na relação.

Simpson, Rholes e Phillips (1996) também observam diferenças de género na relação entre evitamento e prestação de apoio no decurso de situações de conflito. Enquanto que os homens evidenciam respostas não apoiantes e mesmo hostis[57], as mulheres não exibem os mesmos comportamentos face a situações de discussão de um tema conflituoso e gerador de ansiedade. Coloca-se a hipótese de o papel tradicional da mulher associado a uma maior expressão de afecto e de apoio emocional, bem como a uma maior preocupação com a manutenção da relação, se sobrepor às formas habituais de funcionamento dos estilos de vinculação.

Em resumo, algumas tendências parecem evidenciar-se ao longo de diversos estudos: (1) na compreensão do modo como a vinculação interfere ou se relaciona com dimensões do funcionamento da relação é importante considerar uma perspectiva que inclua o género e as questões ligadas aos papéis sexuais; (2) o impacto diferencial do género sobre outras variáveis parece fazer-se sobretudo ao nível dos estilos de vinculação insegura; (3) o resultado

[57] Note-se que a hostilidade, embora seja registada por observadores independentes, não é percebida pelos próprios.

que obteve maior consistência (porque também o mais estudado) ao longo de diversos estudos prende-se com o efeito da ansiedade e do medo do abandono na mulher na avaliação negativa da qualidade da relação, e particularmente nos índices de satisfação, tanto por parte da própria como do companheiro; e, finalmente, (4) os resultados diferenciais relativamente ao género em medidas categoriais de vinculação parecem depender do sistema de avaliação da vinculação utilizado.

2.6. Concordância da vinculação no par amoroso e acomodação

A interferência da vinculação na escolha do parceiro amoroso tem sido um tema que, muito embora de difícil operacionalização metodológica, tem atraído alguns investigadores na área da vinculação do jovem e do adulto. Ainda que sejam muito escassos os estudos que tenham dedicado uma atenção aprofundada a este assunto, os autores que utilizam amostras de pares amorosos não resistem a avaliar as correspondências entre estilos ou dimensões, recorrendo sobretudo a métodos correlacionais.

A investigação empírica dentro deste tema específico, constitui, em nosso entender, uma área altamente promissora para que a teoria da vinculação aplicada ao adulto possa servir para compreender os processos de desenvolvimento das relações amorosas, nomeadamente da selecção de um companheiro, da formação e da manutenção da relação e, finalmente, da sua dissolução[58]. De facto, é suposto os padrões de vinculação influenciarem a qualidade da relação, não apenas através de determinadas estratégias de

58 A possibilidade de a teoria da vinculação se constituir como uma abordagem teórica suficientemente abrangente para integrar dados empíricos no âmbito das relações de proximidade é, aliás, um dos objectivos a que, como já salientámos anteriormente, Hazan e Shaver (1994) especialmente se dedicam.

interacção, mas também a partir da selecção do companheiro. Na base deste argumento encontra-se a hipótese de que, muito provavelmente, se assistirá a processos de afiliação selectiva, ou seja à tendência dos sujeitos para procurar contextos sociais em geral, e companheiros amorosos em particular, que confirmem os seus modelos representacionais acerca de si próprios e dos outros.

Collins e Read (1990), por exemplo, a partir de correlações efectuadas com as dimensões do seu instrumento, verificaram que é possível encontrar correspondências entre algumas das dimensões da vinculação, quando se comparam os resultados de ambos os parceiros. Deste modo, os sujeitos tendem a estar envolvidos romanticamente com companheiros que partilham das mesmas representações sobre o 'sentir-se confortável com a proximidade emocional' e o 'sentir que é possível confiar e depender dos outros'. Não se assiste, contudo, a uma correlação significativa na dimensão da ansiedade e medo do abandono, isto é, sujeitos ansiosos não parecem estar especialmente ligados a outros com valores semelhantes nesta dimensão. No entanto, observa-se uma correlação significativa mas negativa entre a dimensão 'ansiedade' e a dimensão 'conforto com a proximidade'. Os autores procuram explicar este resultado a partir da hipótese de que os sujeitos tendem a seleccionar os companheiros que confirmam as suas representações de vinculação (Weiss, 1982). Neste caso, ao escolherem[59] companheiros que evitam a proximidade emocional (evidenciada por valores baixos na dimensão da proximidade emocional), estes sujeitos confirmariam os seus medos de serem abandonados. Por último, a capacidade para depender dos outros de ambos os

[59] É obvio que não podemos destrinçar com rigor, a partir desta metodologia de observação, se os valores que foram obtidos no instrumento de vinculação revelam a vinculação do sujeito enquanto estrutura desenvolvida ao longo do tempo, ou se são sensíveis as características particulares do companheiro e da relação. Nesta ordem de ideias não poderemos com propriedade utilizar o termo "escolherem" porque não houve qualquer avaliação pré e pós início da relação.

parceiros também apresenta uma correlação significativa, ainda que a um nível de significância baixo. Finalmente, todos estes resultados são estáveis independentemente do género.

Recorrendo a uma versão mais alargada do mesmo instrumento, Whisman e Allan (1996), contudo, não encontram associações significativas entre os companheiros nas três dimensões, numa amostra constituída por 68 pares de namorados estudantes universitários. Da mesma forma, também Feeney *et al.* (1994) não observam correlações significativas numa amostra de 35 casais, unidos pelo casamento e com uma duração média de relação de 32,9 meses, com base num instrumento semelhante, mas organizado em apenas duas dimensões.

Também Simpson (1990) avalia, a partir dos seus índices de vinculação[60], as correspondências de resultados numa amostra de 132 díades. Ainda que tenha encontrado associações entre evitamento e ansiedade no par amoroso, faz notar a baixa magnitude das correlações[61]. Acrescenta que, de acordo com a hipótese de que a qualidade da relação poderia interferir na transformação dos estilos de vinculação, seriam esperadas correlações mais elevadas com o aumento da duração da relação. Tal, contudo, não se verificou. Mais tarde, e recorrendo a medidas dimensionais numa amostra de tamanho semelhante, o autor e colaboradores reportam dados que apontam para a independência entre os parceiros em dimensões de segurança/evitamento e de ambivalência (Simpson *et al.*, 1996).

Kirkpatrick e Davis (1994) constatam, por sua vez, que o emparelhamento

---

60 Conforme descrito no Capítulo 4, os índices de vinculação consistiram no agrupamento dos itens relativamente a cada estilo de vinculação.

61 Note-se que resultado semelhante foi obtido no estudo de Collins e Read (1990), tendo, porém, o evitamento sido avaliado de forma inversa, ou seja como conforto com a proximidade.

dos estilos de vinculação de ambos os parceiros não parece ser aleatório. Isto é, encontram associações acima do estatisticamente esperado entre homens evitantes e mulheres ansiosas e vice-versa. Por outro lado, não encontram parelhas compostas por parceiros, ambos com estilos de vinculação evitante ou ansiosa, resultado aliás observado também numa amostra de 35 casais portugueses a partir de uma versão abreviada da *Entrevista de avaliação da vinculação aos pares* de Bartholomew (Costa, Oliveira & Matos, 2001) Baseando-se no facto de a amostra ser constituída por parelhas com relações consideradas duradoiras (64% tem uma relação há mais de um ano), os autores adiantam a possibilidade de ter existido uma selecção em fases iniciais da relação que contribui para a não existência de parelhas ansiosa-ansioso ou evitante-evitante, bem como a possibilidade de alteração da vinculação em virtude da interacção relacional. Neste sentido, Kirkpatrick e Davis (1994) destacam o efeito provável de uma variável na compreensão do impacto da vinculação no processo de desenvolvimento relacional, designadamente o estádio de desenvolvimento da relação, fortemente influenciado pela duração da relação.

Segundo estes autores, a própria teoria da vinculação oferece igualmente uma possível explicação para este resultado, na medida em que, uma vez terem vinculações inseguras idênticas, os comportamentos dos companheiros tenderiam a desconfirmar as expectativas relativas ao outro, o que resultaria na dissolução da relação. Ou seja, de acordo com os seus modelos gerais de relação, sujeitos evitantes esperariam que os companheiros fossem dependentes, exigentes e "pegajosos"; sujeitos ansiosos esperariam, por seu lado, que os companheiros fossem distantes, rejeitantes e evitantes da intimidade. Atenda-se, porém, ao facto de, também neste estudo, o poder estatístico ser baixo e de a amostra necessitar de ser maior para a possibilidade de inclusão de combinações de estilos, que por si só são estatisticamente pouco

prováveis.

Mas na sequência dos estudos de Collins e Read (1990) e de Kirkpatrick e Davis (1994), Brennan e Shaver (1995) procuram justamente assegurar uma representatividade equivalente de sujeitos dos três estilos de vinculação numa amostra de 242 estudantes universitários, por forma a testar em que medida determinadas parelhas tendem a emergir com menor frequência do que outras. O estudo do emparelhamento entre os estilos de vinculação amorosa foi todavia realizado apenas com aqueles sujeitos que tinham uma relação amorosa (n = 94), tendo os autores sido surpreendidos com o facto de apenas um par ser constituído por elementos ansiosos/ambivalentes. De qualquer modo, as associações entre os restantes estilos, ainda que significativas, revelaram-se baixas.

Também Bartholomew (1997), a partir de uma amostra de 78 parelhas amorosas recolhida em estudos anteriores (Scharfe & Bartholomew, 1994, 1995), e com base no seu modelo, verifica uma correlação moderadamente elevada entre as classificações no protótipo seguro de ambos os companheiros, obtidas por meio de entrevista. As restantes correlações significativas, designadamente entre o padrão seguro nas mulheres e o padrão desinvestido nos homens, e entre o padrão preocupado nas mulheres e o seguro nos homens apresentam-se moderadas e negativas. A autora sublinha a importância de se assumir uma atitude cautelosa na leitura destes dados, uma vez eles serem susceptíveis de interpretações diversas. Se bem que se possa pensar que as parelhas constituídas por mulheres seguras e homens desinvestidos tendam a ser pouco frequentes, ora pela ausência de escolha mútua (isto é, mulheres seguras não escolherem homens desinvestidos e homens desinvestidos não escolherem mulheres seguras), ora porque de alguma forma estas relações acabem por não permanecer no tempo (seja pelo facto de a mulher segura ou do homem desinvestido terminarem a relação), mais uma vez é possível considerar a

possibilidade de transformação da relação durante o período de relacionamento.

Aliás, justamente neste sentido, Kobak e Hazan (1991) haviam procurado avaliar o papel da segurança na vinculação e dos modelos dinâmicos[62] no funcionamento conjugal, sublinhando uma perspectiva que afirma os processos de acomodação a que estes estão sujeitos, para além de assimilarem as novas experiências de acordo com sistemas de regras preexistentes.

A partir de uma metodologia de *Q-sort,* os autores derivam duas escalas para avaliar a segurança na vinculação: a primeira diz respeito à medida em que o companheiro é percepcionado como sendo psicologicamente disponível e responsivo às necessidades de conforto e apoio, e a segunda avalia a capacidade do sujeito para confiar no companheiro e recorrer a ele como fonte de apoio e conforto. Os autores constróem um índice de acordo relativamente aos modelos dinâmicos, baseado na correlação entre as percepções do sujeito e do companheiro relativamente ao sujeito, num conjunto de itens que descrevem questões de vinculação, de funcionamento conjugal e de personalidade. Este índice pretende precisamente ser uma medida da extensão da acomodação dos modelos dinâmicos no par amoroso, sendo que é suposto ser influenciado pela existência de uma comunicação aberta, que facilite a troca de informação acerca do *self* e do outro e que permita uma maior sintonia dos modelos dinâmicos. Numa amostra de 40 casais, os autores encontraram resultados consistentes com estudos anteriores, que apontam para uma associação entre a segurança na vinculação e o ajustamento conjugal. Para além disso, observaram que o

---

62 Refira-se que de forma consistente ao longo do seu artigo, os autores apenas utilizam a expressão modelos dinâmicos (*working models*) e não modelos *internos* dinâmicos (*internal working models*). A razão subjacente a esta opção prende-se com o facto de os autores considerarem os modelos dinâmicos como sujeitos a processos de assimilação e de acomodação e não como produtos intrapsíquicos resultantes de experiências precoces, como, aliás, já tivemos a ocasião de debater no Capítulo 3.

efeito do acordo entre parceiros acerca dos modelos dinâmicos contribui para explicar mais de um terço da variância no ajustamento conjugal. Este resultado vem confirmar, segundo os autores, precisamente a importância da acomodação dos modelos dinâmicos às características do companheiro e da relação, enfatizando, assim o processo de influências recíprocas, a que estão sujeitos a vinculação e características específicas da própria relação.

Também Collins (1996) está particularmente interessada em investigar em que medida os modelos dinâmicos da vinculação moldam os *processos atribucionais*, como forma de explorar os mecanismos subjacentes às associações encontradas entre estilos de vinculação e qualidade da experiência amorosa. Além disso, a autora procura testar um modelo que articula o estilo de vinculação e os padrões atribucionais com respostas emocionais e comportamentais. É suposto que a interferência da vinculação, e mais especificamente das estruturas de conhecimento relevantes para a vinculação, nas experiências emocionais e nos comportamentos correspondentes, seja mediada pelas atribuições ou interpretações construídas em torno do acontecimento em causa. De um modo geral, a investigação consiste em analisar os registos escritos de uma amostra de 135 estudantes universitários relativamente a um conjunto de seis acontecimentos imaginados que procuram descrever comportamentos de companheiros amorosos com potenciais impactos negativos. Relativamente a cada um destes acontecimentos[63], os sujeitos foram instruídos a: (a) fornecer uma explicação escrita acerca do comportamento observado; (b) identificar as suas emoções numa lista de 13 itens numa escala de 7 pontos; (c) descrever, também por escrito, como reagiriam

[63] Dois destes acontecimentos foram escolhidos de forma a serem irrelevantes do ponto de vista da vinculação, como meio de demonstrar que as diferenças entre os sujeitos são devidas ao modelos da vinculação e não a modelos gerais.

comportamentalmente perante uma situação daquela natureza. Preencheram, igualmente, uma medida dimensional da vinculação, para além de registarem, num questionário sobre atribuições, a causa do acontecimento de acordo com 10 dimensões atribucionais. Os resultados apoiam a hipótese de que sujeitos com diferentes estilos de vinculação explicam os acontecimentos de forma consistente com os modelos de si próprios e dos outros em relações de proximidade. Por exemplo, sujeitos seguros fornecem explicações que tendem a minimizar o impacto negativo do acontecimento, representando o companheiro de forma positiva. Sujeitos ansiosos, por sua vez, tendem mais facilmente a sentir-se rejeitados e a considerar o companheiro como não responsivo e não confiável para além de avaliarem como mais negativo o impacto do acontecimento sobre si próprios e sobre a relação. Estes últimos também fazem atribuições mais estáveis e globais relativamente à causa dos comportamentos. Resultados semelhantes haviam sido encontrados por Baldwin e colaboradores (Baldwin, Fehr, Keedian, Seidel & Thomson, 1993) que avaliaram o tempo de reacção de estudantes universitários para reconhecer palavras que representassem situações positivas ou negativas do ponto de vista interpessoal em função do estilo de vinculação. Os participantes seguros foram mais rápidos a identificar palavras que representassem aspectos positivos, enquanto que os inseguros mais rápidos a identificar palavras com conotações negativas.

Mas para além de demonstrar que os modelos gerais relacionados com a vinculação interferem no modo como os sujeitos interpretam e reagem perante acontecimentos relacionais, Collins (1996) também procura avaliar o impacto de modelos representacionais construídos em torno das particularidades de uma relação e de um companheiro amoroso. Neste sentido, e com uma amostra de 129 sujeitos envolvidos em relacionamentos amorosos, a autora replica genericamente o mesmo procedimento de observação de dados. Verifica que sujeitos com relações satisfatórias e investidas emocionalmente tendem,

conforme previsto, a interpretar os acontecimentos de um modo menos ameaçador, desvalorizando o potencial impacto negativo do acontecimento no seio da relação. No entanto, o estilo de vinculação, enquanto modelo mais geral de representação acerca de si próprio e do outros, continua a exercer uma influência significativa na predição dos padrões de interpretação dos acontecimentos, ainda que apenas por meio da dimensão da ansiedade. Ou seja, se no primeiro estudo, os sujeitos evitantes também se distinguiam dos seguros pelas atribuições negativas que faziam, no segundo estudo as suas explicações aproximam-se das dos seguros. A autora interpreta este resultado, baseando-se na diferença da condição experimental. Isto é, quando estes sujeitos são chamados a fazer interpretações no contexto da sua relação amorosa actual (por oposição a um contexto amoroso hipotético), provavelmente os mecanismos de protecção do *self* sobrepõem-se à visão negativa acerca dos outros. Em todo o caso, a autora não deixa de salientar o facto de possivelmente as amostras se diferenciarem na quantidade de amedrontados e desinvestidos classificados como evitantes, o que poderia justificar o resultado obtido. Alguns procedimentos exploratórios indicam de facto que a segunda amostra está mais representada por desinvestidos, enquanto que a primeira por amedrontados.

Em nosso entender, será desejável que se desenhem planos de observação que contemplem precisamente o controlo da variável qualidade da relação actual, para além da duração da relação. Uma vez que os estudos realizados são de natureza transversal, não é possível detectar em que medida são as experiências específicas das relações em causa que interferem nos estilos de vinculação ou se, pelo contrário, serão antes os modelos ligados à vinculação que se impõem ao modo como as experiências relacionais são interpretadas e como as expectativas se transformam em acção. Por outro lado, ainda, se a vinculação interfere na escolha do companheiro e no tempo de duração da relação, é provável que relações mais duradoiras sejam indicadores mais fiáveis dos

processos de autoperpetuação ligados à vinculação. Finalmente há que assegurar, na constituição das amostras, a presença de um número substancial de participantes inseguros, designadamente preocupados e desinvestidos, por forma a garantir a possibilidade da manifestação dos diversos cruzamentos.

Em todo o caso, embora a evidência não seja de modo algum conclusiva, diversos estudos apontam para o facto de os estilos de vinculação não apresentarem independência estatística, ou seja determinadas parelhas, e muito particularmente as constituídas por elementos seguros, ou por um elemento ansioso/ambivalente e um evitante, tendem a ser mais frequentes do que o esperado pelo acaso.

2.7. Síntese

Dos estudos passados em revista, as seguintes tendências podem ser observadas na articulação entre a vinculação amorosa e outras variáveis:

(1) Os estilos de vinculação e a percepção subjectiva de dimensões do funcionamento e da qualidade da relação amorosa articulam-se de forma teoricamente consistente, isto é, os estilos de vinculação estão conceptualmente relacionados com o modo como os sujeitos experienciam as relações amorosas[64]. De um modo geral, sujeitos classificados como seguros relatam experiências relacionais mais positivas, caracterizadas por níveis mais elevados

[64] Como já foi sublinhado anteriormente, tal não equivale a afirmar que os estilos de vinculação influenciam a qualidade da experiência amorosa. A direcção causal das influência não é possível detectar em estudos correlacionais, e mesmo naqueles que se apoiam em desenhos longitudinais, por ausência de controle de variáveis importantes. De qualquer modo, provavelmente não arriscaríamos muito se antecipássemos um sistema de influências baseado na circularidade, ou seja, em interacções e efeitos recíprocos entre os estilos de vinculação e a especificidade dos contextos relacionais. Esta questão foi, aliás, desenvolvida no Capítulo 3.

de satisfação, de intimidade, de confiança e de investimento, de compromisso, de interdependência, por contraste com os sujeitos evitantes. Por sua vez, os sujeitos ansiosos/ambivalentes tendem a reportar mais experiências emocionais de tonalidade negativa, com níveis mais elevados de conflito e de ciúme.

(2) Esta articulação entre estilos de vinculação amorosa e qualidade da experiência amorosa parece ser mediada pelo género. Designadamente no que toca à satisfação verifica-se que muito embora, de um modo geral, os sujeitos seguros apresentem níveis mais elevados de satisfação relacional, esta parece ser determinada por dimensões distintas consoante o género. Ou seja, enquanto que a ansiedade na mulher (ou seja dimensões reveladoras da vinculação preocupada ou ansiosa/ambivalente) está negativamente associada à satisfação no homem, o evitamento no homem está negativamente associado à satisfação na mulher.

(3) Diferenças nos estilos de vinculação encontram-se igualmente associadas a padrões distintos de representações acerca de si próprio e dos outros. Sujeitos seguros evidenciam representações mais favoráveis acerca de si próprios e dos outros comparativamente com os restantes estilos de vinculação.

(4) Os estudos que recorrem a observações directas ou indirectas de interacções sociais reais, ainda que escassos, apresentam consistência quanto à capacidade dos estilos de vinculação de predizerem o funcionamento dos sujeitos em relações com o sexo oposto.

(5) Na generalidade, os estudos apresentados replicam e estendem os resultados obtidos no estudo inicial de Hazan e Shaver (1987).

Algumas das limitações presentes nestes estudos merecem, no entanto, uma referência. Tratam-se de estudos que recorrem, na sua grande maioria, a medidas de autorelato, assentam em desenhos transversais e que utilizam

estatísticas correlacionais, pelo que, para além de ser possível assistirmos a algum enviezamento dos dados, não é possível dirimir a direcção dos efeitos obtidos. Por outro lado, as amostras são, salvo algumas excepções, constituídas por pares de namorados universitários, pelo que generalizações a situações de casamento ou a outras populações poderão incorrer em alguns riscos. Para além disso, os instrumentos utilizados para a avaliação dos estilos de vinculação estão, ainda, numa fase inicial de validação, pelo que é de prever a existência de erros de medida[65]. Simultaneamente, alguns dos instrumentos utilizados para medir a qualidade da experiência amorosa assentam num campo semântico muito próximo daquele que constitui o da vinculação, pelo que ambas as medidas correm o risco de ser confundidas. Se umas variáveis forem meras extensões semânticas das outras, provavelmente não estaremos a medir constructos diferentes. De acrescentar também que parte da variância explicada poderá dever-se à variância comum de método, uma vez que este é o mesmo na recolha das diferentes variáveis.

Finalmente, voltamos a relembrar o facto de estes estudos, realizados na linha de investigação de Hazan e Shaver, não permitirem a distinção entre as duas formas de evitamento referidas por Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Neste sentido, alguns dos resultados obtidos poderão ser mais facilmente explicados à luz do padrão desinvestido, outros à luz do padrão amedrontado.

---

65 A título de exemplo, podemos identificar fragilidades psicométricas da medida de Simpson, que apresenta *alphas* de Cronbach de 0,51 e 0,59 para os índices de vinculação segura e ansiosa/ambivalente, respectivamente, bem como a variância total explicada da medida de Collins e Read, que perfaz apenas um total de 33,6%.

3. Relações entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa

Uma importante área de investigação empírica procura estudar em que medida existem relações entre a vinculação amorosa no adulto e as experiências de vinculação com os pais na infância. Subjacente a este interesse encontra-se a hipótese de Bowlby (1977a), de que a natureza e a qualidade das relações amorosas seria fortemente influenciada pelos acontecimentos ocorridos durante a infância e, muito particularmente, pelos modelos internos dinâmicos construídos a partir das interacções com as figuras de vinculação primárias. Estas relações emocionais serviriam de base ao desenvolvimento de protótipos que influenciariam os sujeitos ao longo da sua vida. Esta questão remete-nos para um importante debate em curso no âmbito do estudo da vinculação, que se prende com a consideração da continuidade e da mudança na organização da vinculação ao longo do ciclo de vida, a que nos referimos no Capítulo 3. Embora sejam escassos os estudos empíricos que adoptem desenhos longitudinais que contemplem períodos desenvolvimentais alargados e que permitam avaliar esta questão de forma rigorosa, tem-se assistido a algumas tentativas para abordar este problema, essencialmente a partir de desenhos transversais.

Entre estas é possível distinguir pelo menos dois modos diferentes de colocar a questão. O primeiro procura identificar as relações entre a vinculação amorosa ou aos pares, e a representação da vinculação familiar na infância, servindo-se das memórias retrospectivas construídas pelo sujeito ao longo do tempo. O segundo procura recolher indicadores do funcionamento actual da família, e não apenas sob o ponto de vista da vinculação, avaliando em que medida estes estão associados à vinculação amorosa do sujeito.

3.1. Vinculação amorosa e qualidade das relações familiares na infância

Uma primeira tentativa de abordagem desta questão poderá ser encontrada no estudo de Hazan e Shaver (1987), sob uma dupla forma. Em primeiro lugar, ao se defrontaram com resultados que apontam para a existência de padrões de vinculação semelhantes nos conteúdos e na distribuição aos encontrados nas crianças (cf. Capítulo 2), estes autores sugerem, mas obviamente não comprovam, que provavelmente existirão dinâmicas semelhantes subjacentes à vinculação na infância e no adulto. A distribuição das classificações pelos três estilos têm, aliás, replicado, em diversos estudos. Para além disso, num estudo recente efectuado com uma amostra representativa de adultos americanos (N = 8098), com idades compreendidas entre os 15 e os 54 anos, também foi observada uma distribuição semelhante à encontrada em estudos anteriores, isto é 59% dos participantes foram classificados como seguros, 25,2% como evitantes e 11,3% como ansiosos/ambivalentes (Mickelson, Kessler & Shaver, 1997)[66].

Em segundo lugar, e a partir de instrumentos de autorelato, os autores verificam que a percepção da qualidade da relação estabelecida na infância *com os pais* e dos *pais entre si* (avaliada a partir da identificação de 37 adjectivos) está associada com o estilo de vinculação romântica[67]. Isto é, por exemplo, sujeitos seguros do ponto de vista das suas relações românticas referem relações mais carinhosas com ambos os pais e entre estes, em que os últimos

---

[66] Note-se que 4,5% dos participantes não foram classificados, uma vez terem assinalado com valores semelhantes (em escalas contínuas) os três parágrafos da medida de Hazan e Shaver (1987).

[67] Como já tivemos a oportunidade de referir no Capítulo 2, trata-se de uma amostra constituída por 620 sujeitos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 14 e os 82 anos de idade (média de 36 anos), e na sua maioria com frequência universitária. 42% dos sujeitos são casados, 28% são divorciados e 31% referem uma relação de namoro.

tendem a ser percepcionados como mais respeitadores e aceitantes. Por sua vez, comparativamente com os ansiosos/ambivalentes, os sujeitos evitantes tendem a descrever a mãe como rejeitante e fria, enquanto que os primeiros identificam experiências de injustiça. Note-se, porém, que o divórcio parental e a duração da separação não aparecem associadas aos estilos de vinculação.

No entanto, num segundo estudo, também da publicação de 1987, assiste-se a uma tendência acentuada dos sujeitos evitantes a caracterizarem as relações com os pais de uma forma mais positiva, mais próxima dos sujeitos seguros, ainda que não deixando de referir aspectos mais negativos como o ser crítico e exigente, rejeitante e desinteressado. Os autores interpretam esta divergência, referindo o facto da média de idades da segunda amostra ser consideravelmente mais baixa (de 18 anos por contraste com os 36 anos da primeira amostra) e, por consequência, os sujeitos recorrerem mais a estratégias defensivas de recordação dos seus pais. Para apoiar esta explicação, realizam uma comparação da segunda amostra com um subgrupo da primeira amostra, constituída apenas por sujeitos jovens, e obtêm dados que confirmam as diferenças etárias na evocação das recordações parentais. De um modo geral, porém, a magnitude das correlações entre as variáveis relativas à família de origem e ao estilo de vinculação, para além de ser baixa, tende a enfraquecer à medida que os sujeitos crescem em idade[68].

---

[68] Alferes (1997) faz uma crítica severa à interpretação fornecida por Hazan e Shaver para interpretar a divergência dos resultados da evocação das recordação parentais dos evitantes relativamente às hipóteses iniciais, como ilustram as suas palavras: "Mas, contrariamente ao que os autores afirmam, a posição é freudiana, consonante com o pior dos freudismos! À semelhança dos analistas que invocam a resistência quando o cliente não verbaliza os conteúdos que confirmam as suas crenças, Hazan e Shaver (1987) invocam a idealização como mecanismo de defesa que impossibilita a corroboração das hipóteses de investigação." (p. 91). Segundo o autor, diversos resultados obtidos na investigação empírica de Hazan e Shaver são reveladores não do facto dos modelos internos dinâmicos desenvolvidos em fases precoces da existência garantirem a suposta continuidade entre a infância e a idade adulta, mas justamente do seu contrário, ou seja,

Também Collins e Read (1990) verificam que, comparativamente com sujeitos inseguros, os seguros tendem a recordar os seus pais como tendo sido carinhosos e não rejeitantes, embora o suporte estatístico seja apenas moderado. Outros estudos, por seu lado, indicam que os evitantes percepcionam as mães de forma menos positiva, comparativamente com os seguros e os ansiosos/ambivalentes, e que ambos os sujeitos evitantes e os ansiosos/ambivalentes percepcionam o pai de forma menos positiva do que os seguros (Mikulincer *et al.*, 1990). Também Feeney e Noller (1990) encontram uma associação entre a separação da mãe e o estilo evitante, quando procuram avaliar as correlações entre a vinculação e três acontecimentos distintos, como sejam a separação na infância do pai[69], a separação na infância da mãe e a separação parental ou divórcio. Contudo, quando testam as relações entre estilo de vinculação e história de vinculação na infância (avaliada a partir de uma listagem de atributos originalmente criada de Hazan e Shaver, 1987), obtêm dados consistentes com investigações anteriores, segundo as quais vinculações seguras aparecem associadas a representações mais positivas da interacção com ambos os pais na infância. Por sua vez, Brennan *et al.* (1991) observam, numa amostra de 850 estudantes universitários (média de idade de 19 anos), uma associação entre a dimensão do amedrontamento da medida de Bartholomew e a presença de problemas ligados ao consumo excessivo de álcool pelos pais.

Mas Collins e Read (1990) avançam ainda mais na exploração da questão

---

da "maior influência da história recente e das experiências posteriores à infância na determinação dos estilos de relação amorosa" (p. 90).

[69] Note-se que, muito embora o efeito da separação do pai não fosse significativo, as autores chamam a atenção para o facto do padrão dos resultados médios sugerir que medidas mais refinadas da vinculação possam eventualmente detectar este efeito (Feeney & Noller, 1990).

da influência das vinculações ocorridas durante a infância na escolha de um parceiro amoroso, ao procurarem testar as associações entre o estilo de vinculação amorosa do companheiro e o estilo de prestação de cuidados parental do sujeito, junto de uma amostra constituída por 71 pares de namorados (média de idades de 22 anos e médias de duração da relação de 17 meses). Partem da hipótese de que em particular a figura parental do sexo oposto poderá servir como modelo na escolha de um companheiro amoroso. Os investigadores obtêm resultados interessantes, ainda que sujeitos a discussão cautelosa, pelo facto de se observarem apenas correlações baixas a moderadas. Antes de mais, e de acordo com as hipóteses formuladas, apenas as descrições da relação com a figura parental do sexo oposto apresentam, de facto, associações com a vinculação amorosa do companheiro; isto é, quando existem correlações significativas, elas são entre a percepção da mãe nos homens e a vinculação da companheira, e entre a percepção do pai nas mulheres e a vinculação do companheiro. Os autores sublinham, a partir destes resultados, a importância da figura parental do sexo oposto na modelação de crenças e expectativas relativamente às relações heterossexuais. Um segundo resultado prende-se com a predição diferencial das dimensões da vinculação parental consoante o género. Para os homens, as descrições da mãe (relativamente às dimensões de afectuosidade, frieza e inconsistência) tendem a predizer a ansiedade da companheira; para as mulheres, as descrições dos pais tendem a predizer a medida de conforto com a proximidade emocional e a confiança nos outros do companheiro.

Lopez (1996), muito embora o objectivo central do seu estudo seja identificar as relações entre recordações dos laços emocionais na infância (a partir do *PBI*), a orientação da vinculação actual (a partir do *AAI* de Simpson, 1990) e o pensamento constructivo, verifica que as duas primeiras variáveis estão correlacionadas entre si. Mais concretamente, as recordações dos pais

como carinhosos e calorosos estão associadas a vinculações mais seguras e menos ansiosas em relações actuais de proximidade com o par amoroso; por sua vez, recordações dos pais como intrusivos e controladores estão associadas a vinculações actuais mais ansiosas. Do mesmo modo, Greenberger e McLaughlin (1998), num estudo que procura explorar a importância da segurança na vinculação parental na infância e da vinculação actual com o par amoroso na predição dos estilos de *coping* e dos estilos atribucionais; encontram associações interessantes entre as duas primeiras variáveis. A recordação da vinculação à mãe aparece associada moderadamente à vinculação amorosa actual, tanto em rapazes como em raparigas universitárias, enquanto que não se evidenciam associações significativas quando se considera a recordação da vinculação ao pai. Este resultado havia, aliás, também sido encontrado por Mikulincer e Nachshon (1991), num estudo especialmente dedicado às ligações entre a vinculação e o *self-disclosure* numa amostra constituída por 127 estudantes universitários.

Recentemente, Levy *et al.* (1998) procuram avaliar a *estrutura* e o *conteúdo* das representações relativamente às figuras parentais associadas a cada estilo de vinculação, numa tentativa de integrar a perspectiva da vinculação com a teoria das relações objectais. Numa amostra de 189 estudantes universitários, os autores administram o instrumento de Hazan e Shaver (1987), recorrendo a juizes para avaliar as dimensões estruturais e de conteúdo de descrições escritas acerca dos pais. Os resultados indicam que, quando comparados com estilos inseguros, indivíduos seguros representam as suas mães e os seus pais como mais benevolentes, menos punitivos, reportando menor ambivalência. Do ponto de vista estrutural, as descrições dos seguros são caracterizadas por um nível conceptual mais elevado e maior diferenciação. Não se assiste, porém, a diferenças significativas entre os grupos inseguros. No que respeita diferenças de género, é de notar que os homens ansiosos/ambivalentes apresentam valores

mais elevados de ambivalência relativamente às mães do que os dos outros grupos. No caso das mulheres, são as evitantes que apresentam maior ambivalência relativamente às mães, sendo que no cômputo geral os homens apresentam maior ambivalência relativamente às mães do que as mulheres.

Estes resultados foram, na generalidade, replicados, embora com uma amostra reduzida (N = 54), quando os sujeitos foram classificados a partir do sistema em quatro categorias de Bartholomew. Desta vez são os sujeitos amedrontados aqueles que representam os pais de forma mais ambivalente, ainda que as suas descrições sejam igualmente complexas e bem diferenciadas como as dos seguros. Este dado reveste-se da maior importância, uma vez que, apesar de conotados com o grupo mais inseguro, estes sujeitos parecem revelar sofisticação estrutural na representação dos seus pais (i.e., pensam acerca dos seus pais de modo complexo; integram diferentes aspectos na avaliação dos seus pais, diferenciam-se destes). Na tentativa de atribuir sentido a este resultado, os autores avançam com uma hipótese, em nossa opinião, ousada e possivelmente revolucionadora do pensamento acerca do modo como a vinculação opera em vários domínios. Para tal, apoiam-se em dados recentes de um estudo de Pearson, Cohn, Cowan e Cowan (1994). Estes últimos autores distinguem dois tipos de vinculação segura, a partir da *AAI:* os sujeitos ditos continuamente seguros (*continuously secure*) descrevem de forma coerente relações benevolentes e afectuosas com os seus pais na infância; os sujeitos referidos como tendo alcançado a segurança (*earned secure*) são sujeitos que, embora apresentem coerência e complexidade nas suas verbalizações, descrevem relações difíceis com os seus pais. Ainda que estes últimos sujeitos apresentem níveis elevados de depressão, semelhantes aos dos sujeitos inseguros, evidenciam comportamentos ligados ao exercício da paternidade/maternidade idênticos aos sujeitos seguros. Levy *et al.* (1998) adiantam, assim, a possibilidade de os sujeitos amedrontados poderem ser

avaliados como seguros pela *AAI* e exercerem o seu papel de pais de forma positiva, pese embora as dificuldades no relacionamento amoroso, que os levam a utilizar uma estratégia de evitamento. A confirmar-se esta hipótese, que poderíamos sintetizar na seguinte interrogação "Serão sujeitos amedrontados do ponto de vista amoroso, pais seguros?, poder-se-ia com certeza avançar nas considerações teóricas acerca do modo como o sistema da vinculação opera em diferentes domínios da existência.

Também Bartholomew e Horowitz (1991) procuraram avaliar a relação entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, com base no sistema de quatro categorias proposto pelos mesmos, e desta vez recorrendo a entrevistas semi-estruturadas[70]. Os resultados, junto de uma amostra de 69 estudantes universitários (média de idades de 19,5 anos), apontam para correlações significativas entre os protótipos de cada domínio (protótipos seguro: r = 0,39; preocupado: r = 0,66; amedrontado: r = 0,29; desinvestido: r = 0,41), muito embora a sua magnitude sugira igualmente considerável variância separada, pelo que os estilos de vinculação amorosa não se reduzem de modo algum às representações da vinculação à família. Mais tarde, numa amostra de 134 jovens adultos, observam igualmente correlações significativas entre as classificações dos protótipos em ambas as entrevistas (protótipos seguro: r = 0,37; preocupado: r = 0,42; amedrontado: r = 0,46; desinvestido: r = 0,35) (Bartholomew & Shaver, 1998). Todavia, quando se utilizam métodos diferentes na recolha de dados (como por exemplo a entrevista semi-estruturada para avaliar a vinculação à família e um instrumento de autorelato para avaliar a relação amorosa), as associações entre as dimensões correspondentes tendem a ser mais variáveis e

[70] No Capítulo 6 serão apresentadas estas entrevistas em detalhe, uma vez terem integrado a metodologia de observação utilizada no estudo empírico mais alargado de que este trabalho dá conta.

a magnitude da correlações inferior.

Owens, Crowell, Pan, Treboux, O´Connor e Waters (1995), por sua vez, procuram testar a concordância entre a representação da vinculação aos pais, tal como avaliada pela *AAI* e a representação da vinculação amorosa, a partir da *Current Relationship Interview (CRI)* [71] junto de uma amostra de 45 pares de namorados (média de idades de 24,2 anos e de duração da relação de 4,3 anos) da população geral. Os resultados indicam que: (a) 64% dos participantes obtiveram classificações semelhantes de segurança ou de insegurança em ambas as entrevistas; dos 50 sujeitos classificados como seguros na *AAI*, 30 também obtiveram a mesma classificação na *CRI*; dos 40 sujeitos classificados como inseguros na *AAI*, 28 também obtiveram classificação idêntica na *CRI*; (b) análises realizadas separadamente por género relativamente às correlações observadas entre dimensões paralelas de ambas as entrevistas apontam para a existência de maior número de associações significativas entre as representações das figuras parentais e do companheiro amoroso na amostra masculina; é assim por exemplo que se assistem a correlações significativas entre as seguintes dimensões para a amostra masculina em contraste com a amostra feminina: mãe carinhosa (*loving*) /companheira carinhosa; mãe rejeitante/companheira rejeitante; pai rejeitante/companheira rejeitante; irritação (*anger*) relativa ao pai/irritação relativa à companheira; irritação relativa à mãe/irritação relativa ao companheiro; depreciação da mãe/depreciação da companheira; para a amostra feminina apenas se observam correlações significativas entre as seguintes dimensões: irritação relativa ao pai/irritação relativa ao companheiro e idealização do pai/idealização do companheiro; (c) a coerência avaliada na *AAI* e na *CRI* apresenta correlações significativas para

---

[71] Recorde-se que a *CRI* pretende constituir-se como uma entrevista que traça um paralelo para o domínio das relações amorosas da *AAI*.

ambas as amostras.

Furman e Wehner (1997) obtêm resultados consistentes com uma perspectiva desenvolvimental da relação entre a qualidade das relações amorosas na adolescência e as relações familiares. Os autores defendem que à medida que o sistema de vinculação e de prestação de cuidados se torna mais relevante nas relações românticas – o que supostamente começa a acontecer no final da adolescência – as ligações entre as experiências ocorridas na família ao longo do desenvolvimento e aquelas que caracterizam os relacionamentos amorosos tornam-se mais evidentes. Utilizando uma metodologia que incluiu entrevistas semi-estruturadas e instrumentos de autorelato junto de uma amostra de estudantes do ensino secundário e de outra de estudantes universitários, verificam que, por contraste com a amostra de adolescentes mais novos, na amostra dos estudantes universitários, se observam correspondências mais fortes entre ambos os domínios relacionais.

Finalmente, Canavarro (1999), no âmbito de um estudo mais alargado a que já fizemos referência, está também interessada em "conhecer os efeitos das relações afectivas estabelecidas durante a infância nas relações estabelecidas posteriormente, durante a idade adulta e a contribuição dessas ligações para a compreensão da saúde mental" (p. 288). Para tal administra o *EMBU* [*Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (Perris, Jacobson, Lindstrom, Von Knorring & Perris, 1980)][72] para a avaliação das práticas educativas e o *AAS* para a avaliação da vinculação junto de 4 amostras de adultos portugueses, duas clínicas (grupo de sujeitos com perturbações

[72] A sigla do instrumento diz respeito às iniciais do mesmo na língua original sueca em que foi construído – *Egna Minnen av Barndoms Uppfostram* – Canavarro (1999) opta por manter a sigla de *EMBU*, atribuindo-lhe porém a designação por extenso de *Memórias de Infância*. Neste estudo é utilizada uma versão abreviada do mesmo. Para um estudo das qualidades psicométricas do *EMBU* aplicado a uma amostra portuguesa ver Canavarro (1996).

depressivas e grupo com perturbações ansiosas) e respectivos grupos de controle. As análises de regressão múltipla efectuadas com as dimensões da vinculação enquanto variáveis dependentes e os padrões de estilos educativos[73] enquanto variáveis independentes, separadamente para cada grupo apontam para os seguintes resultados: (a) no que toca ao grupo de perturbações depressivas verifica-se que tanto a vinculação segura como a vinculação evitante são explicadas pela representação do suporte emocional providenciado pelas figuras parentais durante a infância e a adolescência, sendo que no primeiro caso esta relação é positiva e no segundo negativa; (b) por sua vez, no grupo de perturbações de ansiedade, as análises revelam valores significativos apenas para a relação entre suporte emocional e vinculação segura; e finalmente (c) em ambos os grupos de controlo não se observaram efeitos significativos dos estilos educativos sobre a vinculação no adulto, salvo na relação entre suporte emocional e vinculação segura cujos valores de *p* se aproximaram do limite de significância. Em conclusão, parece ser sobretudo por via do suporte emocional prestado pelas figuras parentais na infância e na adolescência que as primeiras relações afectivas influenciam as relações afectivas subsequentes. Saliente-se, assim, que a rejeição e a sobreprotecção exercidas pelas figuras parentais (tal como avaliadas pelo *EMBU* e representadas pelos filhos adultos) não se associam significativamente às dimensões de vinculação no adulto, ao contrário de estudos anteriormente referidos.

Para além deste aspecto, o estudo procurou igualmente determinar em que medida os padrões de vinculação no adulto estão relacionados com medidas

---

[73] Note-se que a variável *estilos educativos* resulta da média das pontuações obtidas em relação ao pai e em relação à mãe nos estilos educativos avaliados pelo instrumento, designadamente o *suporte emocional, a rejeição e a sobreprotecção*, e procura traduzir "a intensidade média das práticas educativas utilizadas pelos pais" (Canavarro, 1999, p. 256).

relativas à existência de perturbações emocionais das figuras parentais[74], não tendo encontrado associações significativas. Também verifica que não existem diferenças significativas em termos de (a) pessoas com quem viveram durante a infância e a adolescência; (b) ocorrência de separação dos pais entre o grupo de pessoas com perturbações depressivas e o grupo de controlo, verificando-se, inclusivamente, que um maior número de indivíduos pertencentes ao grupo de controlo esteve separado de ambos os progenitores (muito embora este seja constituído por um maior número de indivíduos que estiveram separados do pai); (c) nem diferenças entre os grupos relativamente aos critérios 'motivo de separação por morte de pai/mãe' e 'separação por outros motivos'. Os grupos são também equivalentes relativamente à idade em que estiveram separados dos pais e à duração da separação.

3.2. Vinculação amorosa e qualidade das relações familiares actuais

Como adiantámos no início, mais recentemente diversos estudos têm procurado explorar as relações entre a vinculação amorosa e o funcionamento familiar actual, essencialmente a partir das representações que os próprios sujeitos constróem acerca dele.

Com base numa amostra de 137 pré-adolescentes do oitavo ano de escolaridade, Feeney *et al.* (1994) verificam que resultados elevados em dimensões de intimidade familiar e de parentalidade democrática (*democratic parenting*) e baixos em conflito familiar estão associados a valores elevados de 'confiança nos outros' e a valores baixos de 'preocupação com as relações',

[74] Esta variável dicotómica – existência ou não de perturbações emocionais nas figuras parentais – foi recolhida por via de entrevista em que se indagava se "durante a sua infância e adolescência, algum dos seus pais fez tratamento psiquiátrico ou psicológico ou considera que sofria dos nervos?" (Canavarro, 1999, p. 232).

'desconforto com a proximidade', 'necessidade de aprovação' e 'secundarização das relações'.

Pfaller, Kiselica e Gerstein (1998) testam numa amostra de 238 estudantes universitários, em que medida sujeitos com estilos de vinculação seguros (avaliados a partir da medida de escolha forçada de Hazan e Shaver, 1987) se diferenciam dos inseguros em indicadores de coesão, adaptabilidade e satisfação familiar, de acordo com o modelo circumplexo de Olson e colaboradores (Olson, McCubbin, Barnes, Larsen, Muxen & Wilson, 1983). Como esperado, os sujeitos inseguros percepcionam a família como menos próxima emocionalmente, menos capaz de se adaptar às mudanças e como menos satisfatória. Contudo, e muito embora os autores não tivessem formulado nenhuma hipótese a este respeito, verificamos que os sujeitos inseguros não se diferenciam entre si nestas medidas.

Também Mikulincer e Florian (1999) procuram aprofundar esta questão, comparando os resultados do estilo de vinculação de 98 estudantes universitários (a partir de uma derivação da medida de Hazan e Shaver, 1987) com aqueles relativos a aspectos da dinâmica familiar (por via da utilização do *FACES 3* de acordo com o modelo circumplexo de Olson *et al.*, 1983; e do *Family Environment Scale* de Moos e Moos, 1981), para além do estilo de vinculação dos seus pais[75]. Os resultados indicam que: (a) quanto maior a expressividade no seio da família e menor o conflito, tal como relatados pela mãe, maior a segurança na vinculação amorosa dos filhos (rapazes e raparigas); (b) quanto maior a adaptabilidade familiar (tal como relatada pelo pai) e maior a coesão, a adaptabilidade e a expressividade familiares (tal como relatadas pela mãe), menor a tendência para uma vinculação evitante, mas desta vez apenas nas

[75] Note-se que se trata da representação da vinculação *dos* pais apartir da medida de Hazan e Shaver, e não da representação da vinculação *aos* pais.

raparigas; (c) quanto maior o conflito (tal como relatado pelo pai), maior a tendência para uma vinculação ansiosa-ambivalente dos filhos rapazes. Muito embora, na generalidade, os resultados estejam de acordo com as expectativas, os autores manifestam alguma surpresa relativamente aos padrões encontrados por género. Colocam a hipótese de as dinâmicas familiares das raparigas evitantes e dos rapazes ansiosos/ambivalentes serem particularmente importantes no desenvolvimento destes estilos de vinculação, uma vez que estes contrariam as expectativas sociais relativamente aos papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres.

Por sua vez, Lapsley e Edgerton (1998) exploram as relações entre o processo de separação-individuação (a partir do *PSI*), o funcionamento familiar e a vinculação (a partir do *RQ*) numa amostra de 156 estudantes universitários. Observam que a coesão e a adaptabilidade familiares estão correlacionadas (ainda que a um nível baixo) com a vinculação segura. Por outro lado, das dimensões avaliadas pelo *PSI*, apenas a independência conflitual ao pai e à mãe se encontram correlacionadas positivamente (r médio = 0,19) com a vinculação segura e negativamente com a vinculação amedrontada (r médio = -0,25). Na comparação de médias, porém, verificam que os jovens com estilos de vinculação seguros são mais independentes emocionalmente do pai, comparativamente com os preocupados; jovens com estilos de vinculação seguros ou desinvestidos são mais independentes conflitualmente do pai do que aqueles com vinculações amedrontadas; e os jovens com estilos de vinculação seguros ou desinvestidos são mais independentes conflitualmente da mãe do que aqueles com vinculações preocupadas.

Finalmente, Rothbard e Shaver (1994) integram no seu estudo dimensões relativas à história de vinculação na família de origem (a partir de 15 escalas derivadas factorialmente de uma lista de 180 itens) e à natureza e qualidade das relações actuais com as figuras parentais (a partir 16 dimensões provenientes de

versões modificadas do *IPPA* e do *PAQ*). Os resultados, à semelhança de estudos anteriores e de acordo com as previsões teóricas, indicam que, comparativamente com os inseguros, os sujeitos seguros têm recordações mais positivas das figuras parentais na infância (e em particular da mãe), bem como descrevem as relações actuais com os pais de forma mais favorável. Ambos os grupos inseguros revelam que a mãe apresentava problemas no passado (nervosismo, depressão, medo, preocupação, confusão), sentindo-se actualmente desconfortáveis e alienados na sua presença. Para além disso, os sujeitos ansiosos/ambivalentes distinguem-se dos seguros pela descrição das mães como sendo intrusivas tanto no passado como no presente. No que toca à relação com o pai, este é descrito como tendo sido difícil (não flexível, impaciente, não razoável, instável do ponto de vista emocional), sendo que na actualidade se revela física e emocionalmente indisponível, sentindo-se os jovens alienados na relação com a figura paterna.

Por último, também Diehl *et al.* (1998) incluem também no seu estudo variáveis relativas ao contexto familiar actual e a recordações da família de origem, numa amostra de 304 sujeitos, que pretende abarcar um vasto espectro de idades (entre os 20 e os 87 anos; média de 48,6 anos, desvio padrão de 17,5). Para o efeito, administram o *RQ* de Bartholomew, conjugando uma abordagem dimensional e categorial da vinculação. Os resultados apontam para uma relação entre a vinculação amorosa e o contexto familiar, independentemente da idade. Ao nível dimensional, a vinculação segura aparece associada a uma avaliação mais positiva da família de origem e da família actual, contrastando claramente com a vinculação amedrontada. Por sua vez, tanto a vinculação preocupada como a desinvestida, embora apresentando o mesmo padrão de correlações que a vinculação amedrontada, registam um muito menor número de correlações com significado estatístico. Ao nível categorial, sujeitos com estilos de vinculação segura e desinvestida avaliam de forma mais positiva o

clima familiar actual bem como o da família de origem, quando comparados com os restantes estilos de vinculação insegura.

3.3. Síntese

Em síntese, na generalidade podemos afirmar que os resultados observados em diferentes estudos são consistentes, apontando para o facto de diferenças na vinculação estarem associadas a representações distintas da história da vinculação aos pais na infância, sendo que sujeitos seguros nas suas relações amorosas tendem a recordar as figuras parentais de forma mais favorável, comparativamente com os inseguros. Todavia, persistem dúvidas relativamente ao papel diferencial desempenhado por cada figura parental. Note-se que, de um modo geral, a natureza da recordação da mãe na infância permite diferenciar a qualidade da vinculação amorosa dos jovens e adultos, muito embora este resultado não seja absolutamente consistente ao longo dos diferentes estudos. Evidencia-se, para além disso, a necessidade de uma abordagem multidimensional do constructo de vinculação que permita uma análise mais fina das dimensões mais relevantes que operam a ligação entre estes contextos relacionais.

Por outro lado, importa chamar a atenção para o facto de, em alguns dos estudos que foram apresentados ao longo deste capítulo, se terem observado resultados semelhantes em algumas dimensões para os sujeitos seguros e os evitantes. De um modo geral, sempre que isto acontece, os investigadores têm recorrido à hipótese das estratégias defensivas, e nomeadamente da idealização, para explicar a aproximação de valores de ambos os grupos. Cremos, porém, ser necessário dedicar uma maior atenção ao aprofundamento desta questão; caso contrário poderemos cair no risco de continuamente assimilar a informação de acordo com as hipóteses e não acomodar os nossos esquemas interpretativos

aos dados empíricos, permitindo, assim, um maior desenvolvimento ao nível teórico.

Para além disso, não devemos esquecer que a maioria dos estudos referidos se baseia em metodologias retrospectivas de recolha de dados, que reflectem sobretudo as construções actuais das relações passadas, inevitavelmente influenciadas pelas diversas experiências de vida significativas ao longo da vida, para além obviamente das circunstâncias actuais do relacionamento com as figuras parentais[76].

Também no que diz respeito às associações entre a vinculação amorosa e a qualidade das relações familiares actuais, se pode concluir da presença de relações teoricamente previsíveis. É, no entanto, de salientar que em ambos os casos, as magnitudes das correlações obtidas não só apontam para importantes associações entre as variáveis, como apontam para uma porção bastante significativa de independência, sugerindo que a vinculação é um processo contínuo susceptível de revisão e de mudança.

[76] Já tivemos aliás a oportunidade de desenvolver esta questão mais em pormenor no Capítulo 4.

Capítulo 6
Investigação empírica: Objectivos, hipóteses e metodologia

Este capítulo e os dois seguintes são dedicados à apresentação e discussão de uma investigação levada a cabo junto de uma amostra de adolescentes de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto, com vista a abordar algumas das questões enunciadas ao longo da revisão da literatura. Esta investigação é constituída por um conjunto de estudos empíricos, que se procuram articulados entre si, e que dizem respeito (a) à exploração das associações existentes entre as variáveis em apreço – a vinculação aos pais e a vinculação amorosa em adolescentes -, e (b) ao processo de construção e de validação de instrumentos originais de autorelato, bem como à adaptação de metodologias empíricas, e em particular de entrevistas semi-estruturadas, que servem de suporte à avaliação dessas mesmas variáveis.

Mais especificamente, este capítulo dedica-se à delimitação do objecto de estudo, à definição dos pressupostos epistemológicos, à identificação dos grandes objectivos, à elaboração das hipóteses principais, bem como à descrição da metodologia geral em que assenta a investigação. Saliente-se que nos capítulos que se seguem serão explicitados os objectivos mais específicos e processuais, bem como as hipóteses a eles associados. Uma vez que os vários estudos se apoiaram em amostras distintas, proceder-se-á igualmente à sua caracterização aquando da apresentação dos resultados. Em concreto, o Capítulo 7 aborda o processo de desenvolvimento de dois questionários de avaliação das representações da vinculação, bem como os estudos realizados para a validação dos mesmos. Escusamo-nos, assim, de os incluir na secção da metodologia deste capítulo que ficará confinada à apresentação das entrevistas semi-estruturadas que também integram a abordagem metodológica desta

investigação. Finalmente, o Capítulo 8 apresenta e discute os resultados obtidos com o estudo mais alargado que procura testar as relações empíricas entre a vinculação aos pais e ao par amoroso numa amostra de adolescentes.

1. Objecto de estudo e opções epistemológicas

Os estudos empíricos, que de seguida apresentamos, tomam por objecto a vinculação e, mais especificamente, a organização da vinculação enquanto *representação mental* em adolescentes, tendo por quadro de referência a teoria da vinculação (Ainsworth, 1967; 1982; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/91; 1973, 1980). Entenda-se o conceito de representação mental no seu sentido mais amplo, como *estrutura de conhecimento* ou configuração idiossincrática de atribuição de sentido que se constrói na *relação dialéctica* do sujeito com o mundo e que se actualiza e renova (ou transforma) *na* e *pela* acção individual. Assuma-se a distinção proposta por Guidano e Liotti (1983; Guidano, 1987) entre níveis *tácito* e *explícito* do conhecimento humano[1], aplicando-a respectivamente aos conceitos de *modelos internos dinâmicos* e de *estilos de vinculação.* Além disso, considere-se a natureza activa e proactiva das representações que se constituem como *construções* das realidades sociais, por contraste com perspectivas mais convencionais segundo as quais o processo de conhecimento se constitui como um mero colector de sensações, em que as representações não são mais do que cópias de um mundo supostamente real. Mais, parte-se do princípio que enquanto organismos activos, os indivíduos *seleccionam e modificam* os contextos em que se desenvolvem, pelo que o

[1] O nível tácito é hierarquicamente superior e organiza um conjunto de processos básicos de ordenação da realidade que constituem o sistema, enquanto que o nível mais explícito é composto por processos que medeiam a relação presente do sujeito com o mundo (Guidano, 1987).

desenvolvimento humano se caracteriza por um jogo complexo de influências mútuas entre o indivíduo e o(s) contexto(s) (Bolger, Caspi, Downey & Moorehouse, 1988; Bronfenbrenner, 1977; Lerner & Bush-Rossnagel, 1981).

Finalmente nesta perspectiva, a dicotomia entre cognitivo e afectivo, entre razão e emoção, ou ainda entre pensar e sentir, tão enraizada no sistema de pensamento científico (e do senso comum) ocidental deixa de fazer sentido, dando lugar à ideia de que todos os objectos de conhecimento – de que as relações humanas são apenas um exemplo (e o objecto de eleição neste trabalho) – resultam de elaborações que articulam dimensões simultaneamente afectivas, cognitivas e comportamentais. A impossibilidade de dissociar estrutural e funcionalmente estas dimensões da experiência humana assenta numa visão *holística* do desenvolvimento e do funcionamento humanos, por oposição a paradigmas positivistas e racionalistas que ditam a supremacia do racional (determinado pelo cérebro) sobre processos considerados inferiores, como os sentimentos e os comportamentos (e determinados pelo corpo) (Damásio, 1995; Mahoney & Liddon, 1988). Do mesmo modo, o processamento da informação e o comportamento não são mais considerados funcionalmente diferentes, configurando uma teoria *motórica* da mente, segundo a qual os processos cognitivos encerram em si mesmos acções.

Considere-se a vinculação numa perspectiva de *ciclo vital*, ou seja, como um processo que não termina após a infância mas que ocorre durante toda a existência, podendo sofrer mudanças na sua organização ao longo da ontogénese (Ainsworth,1989, 1991; Bowlby, 1977b; Weiss, 1991). Neste sentido, os contextos de vinculação do jovem e do adulto poderão contribuir para a manutenção e a estabilização de estruturas adquiridas anteriormente, mas podem igualmente encerrar oportunidades relacionais decisivas para a revisão e a transformação dos modelos representacionais acerca de si próprio e dos outros. Deste modo, o equilíbrio atingido entre a necessidade de vinculação e a necessidade de autonomia e independência é susceptível de ser renegociado à

medida que o indivíduo enfrenta novos desafios de relação com o outro e, em particular, se confronta com transições potencialmente desenvolvimentais, sejam elas normativas ou não-normativas.

Em suma, o sistema de proposições metateóricas e metametodológicas teóricas subjacentes a este trabalho configuram uma epistemologia *constructivista* e *desenvolvimental* (Piaget, 1968)

2. Objectivos e Hipóteses

A investigação no âmbito da vinculação na adolescência tem, como já vimos nos capítulos anteriores, privilegiado o estudo da contribuição da qualidade das relações de vinculação com a família para o ajustamento psicossocial dos indivíduos em diferentes contextos de vida. Uma vasta quantidade de estudos empíricos apoia a predição teórica de que sujeitos com vinculações seguras tendem a apresentar resultados mais favoráveis numa diversidade de indicadores de desenvolvimento e funcionamento psicossocial (cf. Capítulo 5), sublinhando, assim, o facto de que o processo de crescimento psicológico é optimizado no contexto de proximidade emocional e de segurança construídas na família (Grotevant & Cooper, 1986; Hill & Holmbeck, 1986; Soares & Campos, 1988; Weiss, 1982; Youniss & Smolar, 1985). Quanto mais seguro o jovem se sentir no seio da sua família, tanto mais se envolve com confiança na exploração e resolução adaptativa de tarefas desenvolvimentais, sendo mais capaz de integrar as experiências emocionais ocorridas no seio da família e fora dela.

A partir da adolescência é esperado que os sujeitos se confrontem com uma série de tarefas psicológicas, que desafiam as suas capacidades para a descentração cognitiva e a tomada de perspectiva social, para a diferenciação e a integração psicológicas, com vista à aquisição de uma maior autonomia e simultaneamente à construção de relações de maior intimidade com os pares.

Vários autores sugerem que, com a idade, as funções da vinculação vão sendo progressivamente transferidas dos pais para os pares (Hazan & Shaver, 1994; Weiss, 1991). Isto é, se na infância as figuras de vinculação mais significativas tendem a ser os adultos, designadamente os pais, na idade adulta, são geralmente os pares, mais frequentemente um companheiro amoroso, que preenchem as necessidades de vinculação do sujeito. Este movimento em direcção aos pares, que tem o seu apogeu na adolescência, não resulta, como já discutimos anteriormente, na *substituição* dos pais, enquanto figuras de vinculação, por outras, mas, antes, na progressiva transformação de uma relação complementar numa relação de reciprocidade (Matos & Costa, 1996).

Paralelamente a este processo, e em resposta à necessidade de separação psicológica das figuras parentais[2], o adolescente inicia, como já referimos, ao nível dos pares, movimentos de procura de uma relação de vinculação, começando a ensaiar um novo papel – aquele que conjuga numa só personagem a *acção de cuidar e a de ser cuidado*, ou seja, para além de procurar noutra figura e numa relação de intimidade (habitualmente amorosa) a sua fonte primária de segurança, o adolescente passa a constituir-se ele próprio como fonte de segurança do elemento com que se encontra envolvido emocionalmente.

Mas se uma parte substancial da investigação no domínio da adolescência se tem concentrado nos efeitos adaptativos sobre o desenvolvimento, de vinculações seguras com a família, menor atenção tem sido atribuída à relação amorosa enquanto *contexto* e *processo* de vinculação. Isto é, como contexto que contribui, a par de outros, para a elaboração ou reelaboração de um sentido interno de segurança pessoal, fundamental para o exercício autónomo de um

[2] Esta influência faz-se, em nosso entender, igualmente no sentido contrário; isto é, o envolvimento amoroso do adolescente permite a reconstrução da relação com as figuras parentais, ou se quisermos permite a separação relativamente a formas anteriores de relacionamento que não são mais viáveis em face às transformações biológicas e psicológicas do adolescente.

papel diferenciado nos diversos contextos em que o sujeito participa[3]. Neste sentido, um *primeiro objectivo* desta investigação consiste em avaliar em que medida as representações dos adolescentes acerca dos seus relacionamentos amorosos são passíveis de ser interpretadas à luz da teoria da vinculação, adoptando para o efeito uma abordagem simultaneamente dimensional e prototípica, de acordo com o modelo de avaliação de Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991), que apresentámos no Capítulo 2.

Note-se que, desde que Hazan e Shaver (1987) perspectivaram o amor romântico a partir da teoria da vinculação, tem-se assistido ao desenvolvimento de uma quantidade bastante alargada de estudos empíricos com vista à exploração desta relação (cf. Capítulo 5). Todavia, a sua grande maioria recorre a amostras de estudantes universitários e a populações adultas em geral. O estudo desta variável na adolescência, e designadamente no final da adolescência[4], tem merecido uma atenção reduzida, cremos que, em parte, devido à ideia generalizada de que os envolvimentos amorosos são inevitavelmente passageiros e como tal vazios de significado e, em parte, porque se atribui um maior significado ao papel dos pares em geral, e das relações de amizade em particular, no desenvolvimento do adolescente.

Contrariando estas suposições, parte-se, então, da *hipótese* de que as relações amorosas nos adolescentes e nos jovens adultos podem constituir-se como um cenário importante para testar as representações acerca de si próprio e dos outros relativamente a situações de proximidade emocional. Referimo-nos, essencialmente, à avaliação que o sujeito faz de si próprio enquanto merecedor de afecto e atenção, e à avaliação que faz da disponibilidade e da sensibilidade

[3] Para sermos mais correctos, diga-se que na verdade o relacionamento amoroso na adolescência tem merecido muito pouca atenção, sob a perspectiva da teoria da vinculação ou qualquer outra.

[4] Entenda-se por final da adolescência o período que decorre entre os 15 e os 18 anos de idade e que corresponde em termos escolares à participação do sujeito no ensino secundário.

do outro para dar resposta a necessidades de segurança e de protecção, podendo, assim, estes relacionamentos ser perspectivados a partir da teoria da vinculação (Bowlby, 1973; Hazan & Shaver, 1994). Não atenderemos, deste modo, a outras funções importantes que o namoro poderá servir, em particular nesta faixa etária, como, por exemplo, as de afiliação, recreação, socialização, obtenção de prestígio social, experimentação e satisfação sexual (McCabe, 1984; Roscoe, Diana & Brooks, 1987; Skipper & Nass, 1966), muito embora reconheçamos o seu papel na exploração destas dimensões do crescimento e do desenvolvimento do adolescente.

Para muitos adolescentes este não é ainda, certamente, o contexto mais significativo de vinculação, e a família desempenha o papel central ao constituir-se como *base segura* que permita ao jovem explorar o mundo em seu redor com confiança. As experiências amorosas não têm a permanência no tempo para se constituírem como vinculações primárias, nem o outro assume um caracter de exclusividade na vida do sujeito[5]. Mais frequentemente as fontes de segurança do adolescente e do jovem adulto repartem-se pelas diferentes ligações afectivas significativas, seja no contexto da família, seja no contexto de uma relação amorosa, seja, ainda, no contexto de algumas relações de amizade. Só mais tarde, e embora o sujeito disponha de um conjunto mais ou menos alargado de figuras, que potencialmente podem servir funções de vinculação, o par amoroso tende a assumir o primeiro lugar na hierarquia das figuras de vinculação (Furman & Buhrmester, 1992; Hazan & Zeifman, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997).

De qualquer modo, apesar de ser escassa a investigação no domínio das relações amorosas na adolescência, a importância subjectiva do envolvimento amoroso é bem visível a partir das manifestações de luto a que a sua dissolução muitas vezes dá origem, afectando, em muitos casos, outras dimensões da

[5] Entenda-se a palavra exclusividade no sentido atribuído por Ainsworth (1989, p. 711): "(...) the partner is important as a unique individual and is interchangeable with none other".

adaptação psicossocial do sujeito, como sendo, por exemplo, a realização escolar ou académica (Kaczmarek, Backlund & Biemer, 1990; Okun, Taub & Witter, 1986; Pistole, 1995; 1996). A questão do luto após a perda é, aliás, especialmente significativa no contexto da teoria da vinculação, que afirma que um dos indicadores da existência de um vínculo emocional são justamente as reacções emocionais de protesto e de ansiedade decorrentes da perda da relação (cf. Capítulo 1). Por outro lado, indicadores subjectivos da natureza e das funções das redes de relações pessoais dos adolescentes apontam, igualmente, para a importância do companheiro amoroso como fonte importante de apoio e elemento de co-construção da intimidade, à medida que o adolescente vai crescendo em idade (Furman & Buhrmester, 1992). Finalmente, a experiência clínica permite escutar o(s) significado(s) associados à iniciação, à manutenção e à dissolução das ligações amorosas e os efeitos que estes processos exercem na vida emocional do jovem (*e.g.* Costa, 1996, 1999; Sampaio, 1999, 2000).

Um *segundo objectivo* prende-se com as regularidades e/ou intermitências que percorrem estes dois espaços relacionais da vida do adolescente, ou seja, consiste em observar as relações entre a representação da vinculação à família e a representação da vinculação amorosa. Pretende-se, essencialmente, abordar a questão da *transversalidade situacional* das representações e dos modelos que lhes subjazem; procurando-se identificar as comunalidades entre a vinculação aos pais e a amorosa, bem como as especificidades que as caracterizam.

Como já foi desenvolvido anteriormente, uma das asserções fundamentais da teoria da vinculação é aquela que prevê uma influência substancial das experiências ocorridas na relação com os pais, e muito particularmente durante a infância, na construção de modelos representacionais acerca de si próprio e do mundo que orientam a acção do sujeito em futuras relações de proximidade emocional. Todavia, ao contrário do que algumas críticas o têm feito crer (como aliás já discutimos no Capítulo 3), em nossa opinião, a teoria não tem subjacente

um caracter determinista na previsão do desenvolvimento, assumindo explicitamente, não apenas a circunstância de, ao longo da existência, o sujeito participar em diferentes contextos que lhe permitem preencher necessidades de vinculação, como também sublinhando o *efeito transformador* que a vivência de experiências relacionais diversas poderá exercer sobre a estrutura e a organização dos modelos representacionais acerca de si próprio e do outro.

De acordo com a teoria da vinculação e resultados da investigação empírica (cf. Capítulo 5), parte-se, assim, da *hipótese* da existência de importantes relações entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa e de que, em particular, dimensões de segurança na relação familiar estejam associadas a dimensões de segurança na relação com companheiros amorosos. Ou seja, é suposto que adolescentes com relações seguras com os pais se sintam mais confiantes na exploração das relações amorosas com os pares, exibindo comportamentos de vinculação que promovam a intimidade e a segurança relacional.

Por outro lado, crê-se que o processo de construção de uma vinculação segura a um par possibilita a revisão dos modelos de si próprio e dos outros que orientam a relação com os pais, e permite a actualização de novas formas comportamentais, afectivas e cognitivas de relacionamento entre pais e filhos adolescentes. Dito de outro modo, na adolescência não é tanto de um processo de separação relativamente *aos pais* que se trata, é mais de um processo de separação do sujeito relativamente *a si próprio*, relativamente às concepções e teorias pessoais que orientavam a relação do sujeito com o mundo, que não são mais viáveis e que não permitem mais dar sentido e tornar coerente a diversidade de experiências com que o adolescente se confronta (Kegan , 1982). Fica assim claro que, na análise das continuidades e descontinuidades que atravessam estes dois contextos relacionais da vida do adolescente, se considera a circularidade e a recursividade das influências.

E é justamente com o objectivo de nos aproximarmos do modo como os adolescentes conferem um *sentido pessoal* à sua relação com o mundo - do qual o domínio das relações com os pais e das relações amorosas constituem dois espaços afectivos da maior importância - que optámos por uma metodologia que inclui as entrevistas semi-estruturadas, como forma de escutar as *histórias* que organizam os acontecimentos mais significativas do passado e do presente. Atenderemos nesta abordagem metodológica a aspectos *estruturais* e de *conteúdo* das narrativas construídas pelos adolescentes, partindo-se da *hipótese* de que a qualidade dos laços emocionais com a família influencia as representações de si próprio e dos outros, considerando-se, assim, que uma tarefa essencial da família é apoiar os seus filhos no processo de construção de sentido ao longo do seu desenvolvimento. Deste modo, as estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal evidenciadas nos padrões de vinculação estão inevitavelmente associadas a configurações particulares dos processos de significação.

Todavia, uma vez que, embora relacionadas, não se prevê que as representações sejam idênticas, espera-se, do ponto de vista estatístico, a existência de variância separada considerável, sugerindo que a qualidade da vida romântica do adolescente é influenciada por um conjunto complexo de variáveis individuais, interpessoais e contextuais, não sendo, por isso mesmo, redutível às relações familiares.

Esta observação incidirá igualmente sobre uma amostra de adolescentes no final do ensino secundário. Conforme tivemos a ocasião de observar no Capítulo 5, a maior parte dos estudos recorre a amostras com sujeitos de idades mais velhas, sejam estudantes universitários, casais com relacionamentos amorosos duradoiros ou sujeitos retirados da população geral com um leque de idades alargado. Ora, este critério – o da idade - pode ser especialmente relevante, se tivermos em conta que é a partir do final da adolescência que se assiste ao eclodir de relacionamentos românticos que ganham em significado e em

estabilidade no tempo (podendo, como tal, preencher, entre outras, funções de vinculação), começando os sujeitos a ensaiar os equilíbrios possíveis entre a construção da intimidade e a construção da identidade, e a testar a *viabilidade* das representações elaboradas em relações anteriores. Neste sentido, seria esperado assistirmos a uma maior influência dos modelos construídos na relação com os pais sobre os envolvimentos amorosos, uma vez que é suposto a grande maioria dos sujeitos não ter tido ainda uma história de relacionamentos amorosos que lhes permita proceder a alterações substanciais dos modelos representacionais acerca de si próprio e dos outros. No entanto, como já referimos anteriormente, considera-se que este processo de influências entre as experiências ocorridas no seio da família e aquelas que caracterizam o relacionamento amoroso do adolescente é melhor compreendido se atendermos a uma perspectiva sistémica que enfatiza a circularidade e a reciprocidade dos efeitos.

Saliente-se que tanto a vinculação parental como a vinculação amorosa serão avaliadas por via do recurso a diferentes metodologias que procurarão iluminar, por um lado, aspectos da história das relações quer com a família de origem, quer com namorados e amigos, e por outro lado, aspectos mais ligados às interacções actuais em ambos os contextos.

É óbvio que este processo de construção e de revisão dos modelos dinâmicos é influenciado pela participação do sujeito em outros contextos de vida, como, por exemplo, a escola e as dinâmicas interpessoais que aí se produzem, bem como o grupo de pares e a comunidade em geral, para além da estrutura social mais alargada que inevitavelmente constrange, em larga medida, os sentidos possíveis deste processo. No que diz respeito ao primeiro aspecto, partilhamos a opinião de alguns autores que consideram que à medida que o sistema de vinculação e de prestação de cuidados se tornam mais importantes numa relação amorosa (como é o caso das relações amorosas do final da adolescência e do início da idade adulta), tanto mais será de esperar a influência

da relação parental (Furman & Wehner, 1997), dado ser este o contexto onde, por excelência, estes sistemas foram activados de forma mais significativa. Contrariamente em idades mais jovens em que dominam as motivações afiliativas e de atracção interpessoal e sexual, muito provavelmente a influência das experiências ocorridas na relação com os pares tenderá a ser mais significativa.

Relativamente à importância da organização cultural e das narrativas socialmente dominantes na determinação da acção individual, apenas se salienta que estes não constituem o nível de análise privilegiado neste trabalho, muito embora se reconheça a necessidade da sua articulação com outros determinantes individuais e situacionais para uma compreensão integrada do objecto de estudo em questão.

Um *terceiro objectivo* prende-se com a exploração da existência de determinadas configurações de relações entre as variáveis consoante o género quer do adolescente quer do progenitor. Conforme tivemos a oportunidade de rever no Capítulo 5, diversos estudos apontam para o facto de os adolescentes representarem de forma diferencial a relação com cada figura parental. Para além disso, em geral, o(s) género(s), dos pais e dos filhos, e a sua articulação em determinadas padrões diádicos, tem vindo a revelar-se uma variável importante na compreensão dos efeitos das relações parentais sobre variáveis desenvolvimentais dos adolescentes. Finalmente, algumas teorias reclamam a existência de importantes diferenças de género no modo como são articuladas, ao longo do desenvolvimento, dimensões de autonomia e de ligação emocional (Gilligan, 1992; Josselson, 1987). Por estas razões, decidiu-se avaliar a vinculação aos pais separadamente para cada figura parental, não apenas por via dos instrumentos de autorelato, mas também por via das entrevistas semi-estruturadas.

Tendo presentes as características da organização social portuguesa e os resultados observados nos estudos empíricos que revimos no Capítulo 5, parte-se

da *hipótese* de que existirão diferenças de género do adolescente e da figura parental nas representações da vinculação aos pais e amorosa. Espera-se que as raparigas representem maior proximidade emocional nas relações com as figuras parentais, e designadamente com a mãe, comparativamente com os rapazes. Além disso, espera-se que as raparigas percepcionem a relação com o pai como mais inibidora de movimentos exploratórios, comparativamente com a relação com a mãe. Finalmente, espera-se que, em comparação com a relação com o pai, a relação com a mãe se caracterize por valores mais elevados de vinculação preocupada.

No que concerne a vinculação amorosa, e uma vez que a metodologia de avaliação assenta na abordagem prototípica de Bartholomew que tem, na generalidade, evidenciado de forma consistente diferenças de género (cf. Capítulo 5), espera-se que as raparigas apresentem vinculações mais preocupadas relativamente aos seus companheiros, e os rapazes vinculações mais desinvestidas.

Por último, no que diz respeito à relação entre os dois domínios de análise – a vinculação aos pais e a vinculação amorosa – verifica-se que, nos estudos que diferenciam o género parental na avaliação da vinculação aos pais, a natureza da recordação da vinculação à mãe na infância parece ser especialmente diferenciadora da qualidade da vinculação amorosa actual, muito embora os resultados dos diferentes estudos empíricos não sejam absolutamente consistentes (cf. Capítulo 5). Permanece, deste modo, em aberto a questão relativa à possibilidade de um impacto diferencial da vinculação ao pai e à mãe neste domínio particular do envolvimento amoroso na adolescência. Recorde-se que este aspecto tem sido trabalhado em estudos que se debruçam sobre outros indicadores desenvolvimentais, de que são exemplo a identidade e a exploração da carreira (cf. Capítulo 5), parecendo assistir-se a variabilidade consoante o domínio em causa. No estudo presente, procuraremos, por um lado, analisar em que medida as associações entre a vinculação aos pais e aos pares são

diferentes para rapazes e raparigas, e por outro, em que medida existem diferenças nas associações entre as variáveis consoante se trate da vinculação ao pai e da vinculação à mãe.

Uma vez que a teoria da vinculação não prevê especificamente determinadas diferenças e os resultados da investigação empírica não são consistentes (cf. Capítulo 5), a *hipótese* reveste-se de um caracter essencialmente exploratório, esperando-se que este estudo permita uma maior clarificação do papel do género nas dinâmicas da vinculação familiar e amorosa dos adolescentes.

Como *quarto objectivo*, este estudo pretende oferecer um contributo para o desenvolvimento da metodologia de avaliação da vinculação, a dois níveis: por via da adaptação de entrevistas de avaliação da vinculação à família e aos pares que se inscrevem no modelo bi-dimensional da avaliação da vinculação de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) (ver Capítulo 2), e por via da elaboração de instrumentos originais de autorelato destinados à avaliação das representações da vinculação aos pais e ao par amoroso, e adaptados ao contexto português.

Relativamente ao primeiro aspecto, registe-se nomeadamente a utilidade da *Entrevista de avaliação da vinculação aos pares*, que permite a exploração de constructos psicológicos complexos e a classificação de dimensões e de protótipos de vinculação, desta vez adaptados ao domínio das relações de amizade e das relações amorosas. Note-se que se trata de entrevistas semi-estruturadas *codificadas* (*coding semi-structured interviews,* Bartholomew, Henderson & Marcia, 2000) que exigem a preparação de juizes qualificados para, a partir de um conjunto alargado de informações, inferirem as estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal em situações de proximidade emocional.

Relativamente ao segundo aspecto, pretende-se que os instrumentos elaborados se constituam como medidas alternativas, válidas e fiáveis para o estudo e a investigação das relações de vinculação amorosa em países de língua portuguesa. Note-se que, muito embora o interesse científico pelo estudo da vinculação em jovens e adultos tenha aumentado de forma muito significativa nos últimos anos na comunidade internacional, em Portugal são ainda escassos os estudos empíricos que se inscrevem nesta perspectiva, e inexistentes metodologias especificamente elaboradas para o nosso contexto.

As razões que levaram à decisão de construção de novos instrumentos, pese embora a diversidade daqueles existentes em outras línguas (como se observou no Capítulo 4), são de natureza diversa, a saber: (a) o facto de, muito embora tendo muitos deles como quadro de referência a teoria da vinculação, nem sempre contemplarem do ponto de vista substantivo os aspectos mais relevantes da mesma; (b) o facto de, constituindo-se como derivações da medida original de Hazan e Shaver (1987), alguns destes instrumentos não considerarem uma abordagem multidimensional do conceito de vinculação; (c) o facto de, em alguns casos, os instrumentos parecerem avaliar correlativos da vinculação e não propriamente o constructo em si mesmo; (d) o facto de, salvo algumas excepções, não ser possível dispor do racional e das etapas subjacentes ao processo de desenvolvimento dos instrumentos, apresentando-se estes com uma forte componente empírica e, finalmente, (e) o facto de, em alguns casos, ao processo de validação dos mesmos ser dada muito pouca atenção.

Estas observações não pretendem de modo algum diminuir o interesse científico na utilização dos ditos instrumentos, mas tão só chamar a atenção para alguns dos aspectos a ter em consideração na interpretação dos resultados. Por outro lado, sublinhe-se a plena consciência da morosidade que implica desenvolver e testar instrumentos de avaliação psicológica, pelo que nos propomos apenas dar início ao processo de validação dos mesmos, certos de que também estes apresentarão limitações, que procuraremos identificar e colmatar

em estudos posteriores. Em todo o caso, o Capítulo 7 é, como já dissemos, inteiramente dedicado a este último objectivo, procurando-se, para além de apresentar e discutir os resultados de estudos que permitem identificar a validade e a fiabilidade dos instrumentos, definir o racional teórico e a abordagem de avaliação das diferenças individuais subjacente à elaboração dos mesmos.

Finalmente, o último e *quinto objectivo* concretiza-se, justamente, no facto de se optar por uma metodologia compreensiva de observação da(s) realidade(s), constituída por instrumentos de autorelato e por entrevistas semi-estruturadas, permitindo, assim, abordar uma questão de interesse metodológico, com que se debatem actualmente os investigadores no domínio da vinculação no jovem e no adulto, como já tivemos a ocasião de desenvolver no Capítulo 4 – designadamente aquela que se relaciona com a testagem da *convergência* de diferentes metodologias e com a clarificação dos conteúdos específicos contemplados na avaliação da vinculação com instrumentos de autorelato por contraste com as entrevistas semi-estruturadas[6]. Saliente-se, aliás, que numa publicação muito recente que se procura constituir como um marco importante na história do estudo científico sobre a vinculação[7], de entre as propostas de investigação futura, Main (1999) enumera justamente a combinação destas metodologias como um objectivo importante a alcançar num futuro próximo.

A questão da convergência entre metodologias tem vindo a ser analisada em alguns estudos que procuram inclusivamente comparar métodos de avaliação da vinculação inscritos em diferentes sistemas de classificação (cf. Capítulo 4).

---

[6] Por outro lado, é igualmente importante obter informação relativamente às mesmas variáveis de fontes diversas, porque os instrumentos de autorelato poderão estar correlacionados por razões inconvenientes, como por exemplo a variância comum de método, ou viezes dos relatos subjectivos dos participantes.

[7] Cassidy, J. & Shaver, PR. (1999). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications.* New York: Guilford Press.

Neste estudo, porém, pretende-se avaliar a convergência de dois métodos – a entrevista semi-estruturada e o questionário de autorelato – elaborados segundo a proposta de classificação de Bartholomew, esperando-se uma convergência baixa a moderada entre os métodos que avaliam o mesmo domínio da vinculação (a vinculação aos pais ou a vinculação amorosa), na suposição de que existirão igualmente importantes diferenças entre as realidades acedidas por cada método.

No que diz respeito à questão da clarificação dos conteúdos, alguns autores defendem que os estilos se referem às representações conscientes das relações de vinculação, enquanto que os modelos internos dinâmicos dizem respeito a representações mais inconscientes (Furman & Wehner, 1997). As primeiras seriam mais facilmente apreendidas a partir de questionários de autorelato, enquanto que as segundas seriam acessíveis a partir de entrevistas. Neste sentido, é esperado que as entrevistas de vinculação à família e aos pares se correlacionam de forma mais elevada (do que as correlações entre os questionários) caso estejam em causa justamente os modelos dinâmicos, ou seja estruturas de conhecimento mais profundas e tácitas que influenciam os comportamentos e as estratégias dos sujeitos, bem como as representações que das relações os sujeitos construíram e vão construindo.

Em síntese, os objectivos prosseguidos são os seguintes:

(1) analisar as relações amorosas dos adolescentes à luz da teoria da vinculação e compreender o modo como estes dão sentido às suas experiências românticas;

(2) observar as relações entre dois importantes domínios relacionais da vida do adolescente – a vinculação aos pais e a vinculação amorosa – analisando os *conteúdos* das suas representações e a *forma* como estas estão organizadas;

(3) analisar o efeito do género na vinculação (aos pais e amorosa) e explorar a existência de configurações específicas nas associações entre a

vinculação parental e a vinculação amorosa, consoante o género quer do adolescente quer do progenitor;

(4) contribuir para o desenvolvimento da metodologia de avaliação da vinculação na adolescência e na idade adulta, por via da adaptação de entrevistas semi-estruturadas de avaliação da vinculação à família e aos pares e por via da elaboração de instrumentos originais de autorelato;

(5) testar a convergência de metodologias distintas na avaliação da vinculação e procurar clarificar os conteúdos específicos contemplados em cada uma.

3. Metodologia

O estudo mais vasto aqui apresentado procura utilizar uma metodologia compreensiva de observação da realidade, constituída por entrevistas e por instrumentos de autorelato. O recurso a esta estratégia de avaliação tem vindo a ser defendida por vários autores que propõem a utilização de combinações de avaliações qualitativas e quantitativas para fazer face aos desafios metodológicos colocados pela investigação da vinculação no domínio da adolescência e da idade adulta (Bartholomew & Shaver, 1998; Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Furman & Wehner, 1997; Kenny & Rice, 1995; Main, 1999). Deste modo, esta investigação propõe-se estudar diferentes domínios da vinculação (vinculação aos pais, vinculação amorosa e vinculação aos pares), recorrendo a diferentes métodos de recolha de dados (entrevistas semi-estruturadas e instrumentos de autorelato) e a diferentes fontes de informação (os adolescentes e observadores treinados).

No que diz respeito à avaliação das variáveis por entrevista, recorreu-se à Entrevista de Avaliação da Vinculação à Família (*Family Attachment Interview*, Bartholomew & Horowitz, 1991) e à Entrevista de Avaliação da Vinculação aos Pares (*Peer Attachment Interview*, Bartholomew & Horowitz, 1991), pelo facto de

constituírem propostas válidas e fiáveis de operacionalização do constructo de vinculação segundo o modelo de Bartholomew, em que este estudo se inscreve. Ambas as entrevistas têm sido utilizadas numa variedade de estudos e com amostras diversas, incluindo estudantes universitários (Bartholomew & Horowitz, 1991), jovens em relações amorosas duradoiras (Scharfe & Bartholomew, 1994), casais em relações violentas, adolescentes com problemas comportamentais e mulheres em tratamento de cancro da mama, revelando-se instrumentos úteis e fiáveis na avaliação das variáveis em causa (cf. Bartholomew, 1997).

Passemos então, de seguida, a uma breve descrição das entrevistas, uma vez que a elaboração dos instrumentos de autorelato, bem como a testagem das propriedades psicométricas e da validade de constructo serão desenvolvidos, como já referimos, no Capítulo 7.

3.1. Entrevistas de avaliação da vinculação

3.1.1. Entrevista de avaliação da vinculação à família

A *Entrevista de avaliação da vinculação à família* (EVF) é uma entrevista semi-estruturada que procura avaliar as representações dos sujeitos acerca das relações familiares à luz da teoria da vinculação, na linha da entrevista *Adult Attachment Interview* de Main (Bartholomew, 1997), tendo a duração aproximada de 1 hora e 15 minutos. Em anexo é possível encontrar as versões por extenso e em português do guião da entrevista, dos códigos da entrevista e da ficha de cotação (Anexo 1a).

Depois de solicitada uma breve descrição acerca de aspectos mais gerais relativos a questões demográficas familiares, o sujeito é convidado a recuar no tempo e a recordar-se da sua infância, sendo-lhe colocadas questões de acordo com os seguintes temas: momentos de vulnerabilidade e de preocupação; separações; rejeição; perdas, suicídio e terapia; mudanças na relação parental ao

longo do desenvolvimento e efeitos das experiências infantis no desenvolvimento. Para além destes, é igualmente abordado o tema das mudanças na relação parental ao longo do tempo, pedindo-se ao entrevistado que identifique períodos críticos no relacionamento e fale acerca da transição para a adolescência. Finalmente, é aberta a possibilidade ao entrevistado de recordar outras figuras que tenham sido especialmente significativas ao longo do seu desenvolvimento.

O processo de tradução e adaptação da entrevista ao contexto português deu origem a alguns ajustamentos, nomeadamente a partir da introdução de algumas questões adicionais e de pequenas alterações de outras, tendo-se, igualmente procedido ao acrescento de algumas dimensões na ficha de cotação. Foram as seguintes as operações realizadas:

(1) alteração da ordem de apresentação de alguns temas, nomeadamente a sequência: 1. Previsibilidade do comportamento parental; 2. Perdas, suicídio e terapia; 3. Modificações desenvolvimentais na relação com os pais; 4. Efeitos das experiências infantis; 5. Desejo de mudança nas relações parentais, passou para: 1. Previsibilidade do comportamento parental; 2. Desejo de mudança nas figuras parentais; 3. Modificações desenvolvimentais na relação com os pais; 4. Perdas, suicídio e terapia; 5. Efeitos das experiências infantis. Esta alteração teve em conta critérios que se prendem com a fluência no desenrolar dos temas e com a harmonia da própria entrevista;

(2) introdução de um tema novo designado de 'Incentivo à exploração', cujo conjunto de questões pretende fornecer elementos acerca do envolvimento parental na actividade lúdica da criança e do encorajamento parental de actividades exploratórias, de molde a permitir a cotação de uma nova dimensão introduzida na versão portuguesa e que é designada de *encorajamento da exploração e da individualidade*;

(3) na introdução ao tema da rejeição, optou-se por iniciar a conversa, explorando primeiro aspectos positivos da manifestação de afecto parental, e só depois indagar acerca de experiências negativas;

(4) introdução de algumas questões novas, com o intuito de fornecerem mais elementos que permitam uma melhor clarificação das representações dos sujeitos. É, por exemplo, o caso das questões: "Alguma vez sentiu-se discriminado(a) em relação a um(a) irmão(ã)?" com o sentido de aprofundar aspectos relativos à experiência de rejeição e/ou negligência. Todas as questões originais introduzidas na versão portuguesa da entrevista estão assinaladas com um asterisco no guião apresentado em anexo (Anexo 1a).

(5) introdução de questões que possibilitem a avaliação da representação do sujeito acerca do seu papel na transformação do relacionamento com as figuras parentais;

(6) passagem da avaliação acerca da importância de outros adultos ao longo do desenvolvimento para o final da entrevista, muito embora seja dada a oportunidade logo no início da entrevista para o entrevistado identificar as suas figuras de vinculação primárias.

No que concerne o processo de cotação, são as seguintes as 21 dimensões cotadas na versão de Bartholomew numa escala contínua de 9 pontos, pela ordem em que são apresentadas na ficha de cotação original[8]; *aceitação*; rejeição*; negligência*; consistência/previsibilidade do comportamento parental; expressividade emocional parental; pressão para a realização*; inversão de papéis*; irritação em relação aos pais*; idealização*; procura de proximidade; dominância na relação pais-filhos; proximidade actual; qualidade global da*

[8] Para efeitos de comparação entre a EVF e a *AAI*, à qual procederemos mais adiante, foram assinaladas com um asterisco as dimensões comuns no processo de cotação de ambas as entrevistas.

relação; elaboração; coerência; insistência em não recordar*; riso inapropriado; quantidade de "não sei"; ansiedade de separação; revolta adolescente* e finalmente, *autoconfiança*. O Quadro 6 apresenta uma síntese dos aspectos principais conducentes à classificação dos protótipos.

Para efeito do estudo empírico que aqui apresentamos, decidiu-se organizar as dimensões propostas pela autora ao longo das alíneas: *dimensões do comportamento parental, dimensões do sujeito, dimensões da relação*[9], *elementos estruturais da narrativa*, e finalmente, os *padrões de vinculação (seguro, preocupado, desinvestido* e *amedrontado*), tendo-se eliminado algumas dimensões da cotação final (a saber; *expressividade emocional parental; dominância na relação pais-filhos; riso inapropriado; quantidade de "não sei"*;) e acrescentado outras (*encorajamento da exploração* e *individualidade*) e substituído outras (*aceitação* e *negligência* por *responsividade/sensibilidade parental; autoconfiança* por *autonomia)*.

Por outro lado, decidiu-se, não apenas classificar as dimensões relativamente a ambas as figuras parentais, como também atribuir classificações separadas no que toca ao estilo de vinculação relativamente a cada progenitor, em face aos resultados de estudos empíricos que, como já analisámos no Capítulo 5, apontam para um impacto diferencial das relações com cada um dos progenitores em variáveis desenvolvimentais, para além de muitas vezes os adolescentes representarem a relação com cada figura parental de forma distinta. Por outro lado, como também já tivemos a oportunidade de constatar na revisão da literatura efectuada, as relações entre a vinculação à família e a vinculação

[9] Esta organização pretende apenas facilitar o trabalho de cotação, dispondo-se as dimensões na sequência em que os conteúdos a que elas se referem vão aparecendo ao longo da entrevista. Trata-se obviamente de uma organização forçada, uma vez que qualquer uma das alíneas está inevitavelmente associada às outras.

Quadro 6. *A entrevista de avaliação da vinculação à família: Elementos para a classificação dos protótipos*

Protótipos	*Seguro*	*Preocupado*	*Desinvestido*	*Amedrontado*
Dimensões avaliadas				
Dimensões chave	coerência, capacidade para avaliação realista do passado, capacidade de *insight*, valoriza as relações de vinculação	aglutinação emocional com os pais, elevada procura de proximidade e ansiedade de separação, ausência de coerência	desvaloriza as relações de vinculação, ênfase na independência, baixa procura de proximidade, ausência de avaliação de experiências precoces	desejo de proximidade e aceitação parental, mas evitamento devido ao medo da rejeição, sente-se fundamentalmente não-amado, culpabiliza-se pela rejeição parental
Dimensões de parentalidade	pais apoiantes, carinhosos baixa inversão de papéis ou então recordação de experiências difíceis mas que foram integradas cognitiva e emocionalmente	pais superprotectores, parentalidade muito inconsistente, divórcio ou história familiar complicada	pais rejeitantes, embora o sujeito desvalorize ou até defenda os pais *ou* pais distantes que enfatizam a independência e o sucesso/realização, ausência de expressão de afecto ou contacto físico, sem evidência clara de rejeição	rejeição parental na sequência da manifestação de comportamentos de vinculação, pais demasiado críticos ou severos, ou de tal forma indisponíveis que aparentam não preocupar-se; pais, pais abusivos ou distantes
Tonalidade géral	autoconfiança, ponderação, maturidade, capacidade para experienciar emoções e sentimentos	muito emotivo, seja positivamente ou expressando conflitualidade, baixa autoestima, demasiado sensível às opiniões dos outros	distância, autoconfiança, demasiada racionalidade, ausência de emotividade, no extremo arrogância, controle emocional	timidez, vulnerabilidade, baixa autoestima, continuação de elevado envolvimento emocional com os pais
Dimensões estruturais da narrativas	baixa idealização, elevada coerência, boa memória e elaboração	elevada idealização, baixa coerência, boa memória e elaboração	elevada idealização, baixa coerência, memória e elaboração pobres	não necessariamente idealização, boa memória e elaboração (a não ser que a timidez se sobreponha)

amorosa sofrem a influência do género quer da figura parental quer do sujeito em causa. Saliente-se, no entanto, que a grande maioria destes estudos tem recorrido a instrumentos de autorelato, pelo que constitui um aspecto inovador deste estudo classificar a partir de uma entrevista semi-estruturada o padrão de vinculação ao pai e à mãe diferenciadamente.

3.1.1.1. Semelhanças e diferenças entre a EVP e a *AAI*

Ainda que a *Adult Attachment Interview* de George *et al.* (1984) não integre a metodologia do estudo empírico aqui apresentado, julgamos pertinente analisar os aspectos comuns e divergentes entre esta entrevista e a EVF, uma vez que a primeira tem igualmente servido de suporte metodológico a uma vasta quantidade de estudos empíricos e que, como já desenvolvemos no Capítulo 4 (ponto 2.4.), goza de elevada credibilidade científica pelas provas dadas em diversos estudos realizados para a sua validação.

Pela análise comparativa que realizámos entre as duas entrevistas[10], verificamos que é notória a semelhança dos *conteúdos* abordados ao longo de ambas as entrevistas. As principais diferenças residem, de facto, nas *dimensões* contempladas no processo de cotação, bem como no *sistema de classificação* em que assenta este mesmo processo que, como tivemos ocasião de discutir no Capítulo 2, se orienta por uma abordagem prototípica da avaliação das diferenças. Deste modo e relativamente ao último aspecto, uma das inovações da entrevista de Bartholomew consiste justamente no facto de as categorias da vinculação não serem mutuamente exclusivas (como acontece com as classificações resultantes da *AAI*, em que o sujeito é classificado apenas num padrão), ou seja, o cotador deverá assinalar numa escala contínua de 9 pontos o grau de identificação dos sujeitos com *cada* um dos quatro estilos.

[10] Refira-se que esta análise foi feita com base na versão traduzida para português de Soares (1996).

Por outro lado, se parece haver correspondência substantiva entre três das categorias avaliadas (os estilos seguro, preocupado e desinvestido de Bartholomew e os padrões autónomo/seguro, emaranhado/preocupado e desligado de Main, respectivamente) (Bartholomew & Shaver, 1998), já o mesmo parece não ser tão evidente em relação à última categoria. Relembre-se que o estudo de Bartholomew e Shaver (1998) que procurou justamente analisar a correspondência entre os dois sistemas de classificação não comparou a atribuição das categorias 'não resolvido em relação à vinculação' e amedrontado, pelo facto de as características da amostra não o permitirem.

De qualquer modo e de acordo com o sistema de Main e Goldwyn (1991) a categoria 'não resolvido em relação à vinculação' é atribuída quando se assiste a lapsos importantes na monitorização metacognitiva dos processos discursivos e de pensamento a propósito da recordação de episódios traumáticos e/ou perdas. Ora o estudo de Levy, Blatt e Shaver (1998) parece ter indicado que, muito embora os sujeitos amedrontados sejam aqueles que representam os pais de forma mais ambivalente, as suas descrições são igualmente complexas e bem diferenciadas como as dos seguros, apresentando-se, assim, como sofisticadas do ponto de vista da estrutura. No entanto, não podemos esquecer que a atribuição da categoria amedrontamento no estudo citado foi feita com base nas relações amorosas e não nas relações familiares. Aliás, como já desenvolvemos no Capítulo 5, poder-se-ia colocar a questão se eventualmente os sujeitos classificados de amedrontados nas suas relações amorosas não estariam a ser avaliados como seguros pelo sistema de Main e Goldwyn, pelas propriedades estruturais manifestas no seu discurso.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, ou seja as dimensões contempladas no processo de cotação, podemos constatar que estão presentes na cotação proposta por Bartholomew 9 das 10 dimensões de Main (a escala 'luto não resolvido' não consta da cotação da EVF), sendo acrescentadas mais 12 dimensões novas, como já assinalámos anteriormente a propósito da descrição

da EVF. Sublinhe-se que a par da *AAI*, também a EVF considera no seu processo de avaliação dimensões relativamente aos *conteúdos* que descrevem a qualidade das experiências recordadas pelos entrevistados e dimensões que revelam a *estrutura* e a *forma* das narrativas construídas pelos mesmos.

3.1.2. Entrevista de avaliação da vinculação aos pares

A *Entrevista de avaliação da vinculação aos pares* (EVP) é uma entrevista semi-estruturada, que procura aceder às representações dos sujeitos relativamente à vinculação no contexto das amizades e no contexto das relações amorosas, dando, porém, particular relevo ao último domínio. Dos documentos disponibilizados pela autora, constam em anexo as versões por extenso e em português do guião da entrevista, dos códigos da entrevista e da ficha de cotação (Anexo 1b)[11]. A entrevista tem a duração aproximada de 1 hora e 15 minutos, tendo sido administrada neste estudo a terceira versão da autora (Bartholomew, 1996). Esta pretende ser uma versão aperfeiçoada daquela que foi utilizada no estudo original da autora, muito em particular ao nível das dimensões avaliadas.

Relativamente ao contexto das amizades, o sujeito é convidado a falar primeiro acerca da relação que mantém com um(a) amigo(a) mais próximo e depois acerca das amizades em geral. A segunda parte da entrevista é dedicada, mais extensamente, às relações amorosas e está organizada nos seguintes temas: história das relações amorosas; relação actual; comunicação e apoio; merecimento de amor e de confiança; relação física; resolução de conflitos; mutualidade; separações; arrependimentos e dissolução da relação; finalizando com uma avaliação geral dos relacionamentos do sujeito.

[11] O manual de cotação da entrevista foi igualmente traduzido e adaptado para o contexto português (Matos, Barbosa & Costa, 1998).

As entrevistas foram traduzidas e adaptadas ao contexto português, tendo em conta, em especial, a relevância e a adequação das questões à idade dos sujeitos a que se destina a sua aplicação neste estudo. Esta tarefa obrigou à realização de alguns ajustamentos, a partir da introdução, omissão ou alteração de algumas questões, tendo-se, igualmente procedido ao acrescento de algumas dimensões na ficha de cotação. Destas operações damos conta de seguida:

No que toca à *Entrevista de avaliação da vinculação aos pares* procedeu-se, então, a:

(1) alteração da parte inicial da entrevista, em que constam questões relativamente às representações do sujeito acerca da sua expressividade emocional, da procura de proximidade no decurso de situações de preocupação ou de desconforto e do padrão de choro (incluindo a frequência e as situações em que ocorre o choro). Uma vez que estas questões logo no início da entrevista resultam demasiados bruscas e inquisitoriais, com o risco de dificultarem o estabelecimento de uma relação favorável e cooperante à realização da entrevista, decidiu-se colocá-las mais à frente quando se aborda a comunicação e o apoio, pela sua proximidade temática;

(2) alteração da ordem de apresentação de alguns temas; designadamente a sequência: 1. Merecimento de amor e confiança; 2. Resolução de conflitos; 3. Relação física; 4. Separação; 5. Mutualidade, passou para: 1. Merecimento de amor e confiança; 2. Relação física; 3. Resolução de conflitos; 4. Mutualidade; e 5. Separação. Esta alteração deveu-se a critérios que se prendem com a fluência no desenrolar dos temas e com a harmonia da própria entrevista;

(3) introdução de algumas questões novas, cujo objectivo é apenas o de permitirem obter mais elementos para avaliar as dimensões a que se propõe aceder a entrevista. É, por exemplo, o caso das questões: "É uma pessoa que gosta de falar acerca de si própria? Gosta de dar a

conhecer-se?" com o sentido de aprofundar aspectos relativos ao *self-disclosure*. As questões adicionais introduzidas na versão portuguesa estão assinaladas com um asterisco no guião da entrevista em anexo (Anexo 1b);

(4) omissão da questão de abertura do tema História das relações amorosas: "Antes de mais, qual é a sua preferência sexual?" pelo facto de se considerar pouco adequada para o contexto português e para a faixa etária entrevistada. Isto é, não se esperaria que os sujeitos revelassem a sua preferência sexual no contexto da entrevista se ela não constituísse aquela que é socialmente aceite. Em todo o caso, a questão aparece traduzida no guião da entrevista e assinalada com parênteses rectas;

(5) introdução de algumas questões cujo objectivo é, mais uma vez, adaptar a entrevista à faixa etária considerada. É o caso, por exemplo, das questões: "Qual é a posição de cada um de vocês relativamente à existência de relações sexuais antes do casamento? Tem havido mudanças de opinião à medida que a relação vai decorrendo?" como forma de aceder aos valores e atitudes relativamente à sexualidade pré-conjugal e à sua interferência no relacionamento amoroso actual;

(6) introdução sistemática da questão: "Acha que tem um papel importante nessa(s) mudança(s)?", quando se avalia a satisfação do sujeito com determinados aspectos das suas relações e o desejo de assistir a transformações no futuro. O objectivo é obter informações relativamente às representações dos sujeitos acerca dos processos de mudança relacionais e do seu envolvimento e participação nesses mesmos processos;

(7) introdução de questões especificamente destinadas a avaliar dimensões acrescentadas na versão portuguesa, designadamente, a *base segura* e o *evitamento*.

No que diz respeito ao processo de cotação, é de notar que se trata de um processo bastante demorado e exigente, devido à extensão numérica e à complexidade substantiva das dimensões que se propõe avaliar. De um total de 27 dimensões (ver Anexo 1b) que deverão ser cotadas numa escala contínua de 9 pontos, 7 dizem especificamente respeito ao contexto das amizades (*self-disclosure, envolvimento relativo, dominância, idealização, qualidade das relações, qualidade das relações com o mesmo sexo* e *qualidade das relações com o sexo oposto*), 6 ao contexto das relações amorosas (*self-disclosure, envolvimento relativo, dominância, idealização, nível de envolvimento, qualidade das relações*)[12] e em 14 o cotador deverá ter em conta a informação proveniente de ambos os contextos (*padrão de choro* no que toca a *frequência* e a *situação* em que ocorre, *procura de proximidade, expressividade emocional, dependência emocional, prestação de cuidados, afectuosidade, ciúme, ansiedade de separação, confiança no outro, autoconfiança, idealização geral, elaboração* e *coerência).* Para além destas 27 escalas, o cotador deverá, igualmente, identificar a *duração da relação amorosa mais longa*, a *duração da relação actual*, o *número de relações significativas*, a *existência de situações de abuso*, e aspectos formais da narrativa do sujeito, como a *insistência em não recordar*, o *riso inapropriado* e a presença de *'não sei'.* Finalmente, o cotador deverá assinalar, numa escala de 9 pontos, a aproximação do sujeito a cada um dos protótipos de vinculação (*seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado*). De modo idêntico à entrevista anterior, apresenta-se a informação mais relevante de apoio à classificação dos protótipos no Quadro 7.

[12] Recorde-se que a estas 6 escalas foram ainda acrescentadas mais duas na versão portuguesa relativamente à base segura e ao evitamento

Quadro 7. *A entrevista de avaliação da vinculação aos pares: Elementos para a classificação dos protótipos*

Protótipos / **Dimensões avaliadas**	*Seguro*	*Preocupado*	*Desinvestido*	*Amedrontado*
Dimensões chave	elevada coerência, autoconfiança moderada a elevada, perspectiva positiva dos outros, intimidade nas relações	incoerência e idealização, altamente dependente dos outros para a autoestima, abordagem orientada para as relações	baixa elaboração e coerência, desvalorização da importância das relações, elevada autoconfiança, evitamento da intimidade	baixa autoconfiança e evitamento da intimidade devido ao medo de rejeição, motivações ambivalentes: desejo e simultaneamente medo da intimidade, elevada centração nos seus comportamentos e pensamentos.
Dimensões do relacionamento com pares	dependência emocional moderada, ciúmes e ansiedade de separação baixos a moderados, procura de proximidade, resolução constructiva de conflitos; mutualidade	elevada dependência emocional, ansiedade de separação e ciúme; necessidade de aprovação social, elevada procura de proximidade, conflitualidade nas relações, insatisfação com os outros	baixa dependência emocional, ansiedade de separação e ciúme; baixa procura de proximidade; ênfase na independência, liberdade e realização/sucesso; superficialidade nas relações	elevada dependência emocional, ansiedade de separação e ciúmes; dificuldade em confiar nos outros, elevada sensibilidade a sinais de rejeição, evitamento da proximidade e do conflito; desconforto com a manifestação de afecto.
Tonalidade geral	colaborantes na entrevista, afectuosos, ponderados, moderação na expressão de emoções.	elevada expressividade emocional, dificuldade em seguir o fio condutor da entrevista	distância emocional, racionalidade; no extremo frieza e arrogância	hesitação, vulnerabilidade, nervosismo, timidez, ainda que possam envolver-se na entrevista
Dimensões estruturais da narrativas	elevada coerência, boa memória e elaboração, capacidade de avaliação realista das relações, ausência de mecanismos de defesa acentuados	baixa coerência, boa memória e elaboração, oscilação entre idealização e desvalorização dos outros significativos	elaboração pobre; ausência de introspecção e de avaliação realista de experiências relacionais; intelectualização, defensividade	não necessariamente idealização, boa memória e elaboração, autoreferência

3.2. Formação de entrevistadores e de juizes

Em ordem a garantir uma correcta administração das entrevistas e a fiabilidade do respectivo processo de cotação, procedeu-se à formação de entrevistadores e de juizes que decorreu em três etapas.

Na primeira, a investigadora principal deste estudo participou num seminário que versou sobre metodologias de avaliação da vinculação em jovens e adultos, tendo realizado posteriormente uma formação intensiva relativamente ao sistema de classificação das entrevistas, ambos dirigidos por Kim Bartholomew.

Numa segunda etapa foi constituído um grupo de 2 psicólogas[13] e um psicólogo recém-licenciados[14], responsáveis pela realização das entrevistas junto da amostra e pela cotação das mesmas, garantindo-se, porém, a inexistência de acumulação de funções a um mesmo sujeito[15]. Ao longo de cerca de 4 meses realizaram-se reuniões semanais com a duração média de três horas que contemplaram, numa fase inicial, o conhecimento da teoria de vinculação, em geral, e o modelo de avaliação da vinculação de Bartholomew, em particular, a partir da leitura de bibliografia sugerida e da discussão em grupo acerca da mesma. De seguida, aprofundaram-se o guião da entrevista e o manual de

---

[13] As duas psicólogas em causa eram, na altura, bolseiras da Fundação para a Ciência e Tecnologia associadas a um projecto mais alargado sobre a ecologia das relações de vinculação financiado no âmbito do programa PRAXIS XXI. Refira-se que ambas as psicólogas participaram também no seminário sobre metodologias de avaliação, tendo uma realizado igualmente a formação intensiva.

[14] Em verdade, o psicólogo a que nos referimos encontrava-se em fase final da licenciatura, realizando, assim boa parte das entrevistas ainda enquanto estudante, muito embora durante o processo de cotação já tivesse obtido a licenciatura.

[15] Acrescente-se que durante a fase final de cotação das entrevistas houve a necessidade de recorrer a um quarto elemento para a avaliação das entrevistas de vinculação à família, devido à impossibilidade de cumprimento atempado da tarefa em causa pelos restantes elementos. Também este recebeu formação adequada para o efeito.

cotação. Finalmente, procedeu-se a uma fase mais prática da formação, tendo os elementos realizado entrevistas de ensaio com sujeitos não pertencentes à amostra, que serviram também de base para a discussão dos procedimentos de classificação, procurando-se averiguar dos critérios que fundamentavam as opções. Por outro lado, efectuaram-se também cotações a partir da leitura de transcrições e da audição de entrevistas em língua inglesa[16]. A possibilidade de confrontar em grupo as cotações realizadas por cada membro com a ficha de cotação proposta pela autora revelou-se um meio adicional de trabalho extremamente útil e eficaz. Saliente-se que destas fichas de cotação constam, não apenas a atribuição de valores numéricos, mas a sua justificação ao nível dos conteúdos apresentados durante a entrevista e da sua tradução ao nível da teoria da vinculação.

Numa terceira etapa e depois de iniciada a administração das entrevistas, as reuniões prosseguiram, a um intervalo de tempo mais alargado, com o intuito de criar um espaço de monitorização contínua deste processo, que permitisse registar eventuais dificuldades sentidas e o consequente aperfeiçoamento das competências para a avaliação das entrevistas que se seguiam.

3.3. Classificação das entrevistas e concordância entre juizes

O processo de classificação das entrevistas foi bastante demorado, em parte pela duração das mesmas e a quantidade de informação disponível, em parte pela complexidade e a quantidade de dimensões avaliadas. A maioria das entrevistas de vinculação aos pares foram avaliadas a partir do registo *audio*,

[16] Os materiais de suporte à formação, nomeadamente transcrições de entrevistas e cassetes *audio*, bem como fichas de cotação com as avaliações feitas pela própria autora e juizes altamente qualificados, foram gentilmente cedidos por K. Bartholomew e, por isso, encontram-se em língua inglesa. Saliente-se que o contacto mantido com a autora ao longo deste trabalho tem permitido discutir e clarificar aspectos da sua metodologia.

obtido com a permissão antecipada dos entrevistados, enquanto que a maioria das cotações das entrevistas de vinculação à família se realizaram a partir da transcrição do registo *audio* para papel da totalidade da entrevista[17].

Das entrevistas de vinculação à família e aos pares, 93,9% (n=77) e 87,8% (n=72), respectivamente, foram avaliadas por 2 juizes independentes, tendo sido as restantes (15 num total de 164) classificadas apenas por um juiz. Como já referimos, não existiu sobreposição de funções de juiz e de entrevistador, ou seja, cada juiz avaliou apenas as entrevistas que não realizou. Os desacordos de menor gravidade foram resolvidos em situações de discussão aberta entre os juizes; as situações de desacordo de maior gravidade recorreram à avaliação de um terceiro juiz independente. Também nos casos em que os juizes não chegaram a acordo, mesmo após discussão, as entrevistas foram classificadas por um terceiro juiz.

De acordo com a proposta de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991), procedeu-se, para a avaliação da fidelidade entre juizes, ao cálculo dos coeficientes *alpha* de Cronbach para todas as dimensões de ambas as entrevistas, uma vez que se tratam de variáveis contínuas. Os valores obtidos para as dimensões relativas à EVF e à EVP podem ser observados em anexo (Anexo 2a e 2b) respectivamente. O Quadro 8 apresenta os valores obtidos para os protótipos comparativamente com aqueles obtidos em outros estudos.

[17] O único critério que presidiu a esta situação prende-se com questões de economia de tempo. No entanto, por forma a despistarmos a possível influência desta diferença do material usado (*audio versus* escrito) como ponto de partida para a avaliação das entrevistas, realizaram-se MANOVAS quer dentro do domínio da vinculação avaliado (ou seja entre as entrevistas de um mesmo domínio, isto é familiar ou de pares), quer entre os domínios. Nenhuma das MANOVAS evidenciou efeitos significativos.

Quadro 8.

Valores de alpha *de Cronbach para as entrevistas de Bartholomew: Comparação entre estudos*

Protótipos / *Estudos*	Seguro	Preocupado	Desinvestido	Amedrontado
Vinculação à Família (EVF)				
Bartholomew & Horowitz (1991)*	0,75	0,86	0,86	0,86
Estudo presente**	0,84	0,85	0,85	0,89
Vinculação aos Pares (EVP)				
Bartholomew & Horowitz (1991)		entre 0,74 e 0,88		
Scharfe & Bartholomew (1994)		entre 0,85 e 0,93		
Scharfe & Bartholomew (1995)		entre 0,85 e 0,93		
Henderson, Bartholomew & Dutton (1997)	0,63	0,85	0,85	0,82
Estudo presente	0,83	0,85	0,90	0,86

* Os valores relativos à vinculação à família foram cedidos por Bartholomew (comunicação pessoal), embora se refiram ao estudo de Bartholomew & Horowitz (1991)

**Uma vez que o presente estudo atribui uma classificação relativamente ao pai e uma relativamente à mãe, os valores apresentados constituem médias aritméticas destes valores.

No que diz respeito aos valores de *alpha* observados para os *protótipos*, verificamos que, em ambas as entrevistas, as cotações dos juizes independentes se revelam bastante fiáveis, uma vez que os valores oscilam entre 0,83 e 0,90, estando de acordo com aqueles observados em outros estudos. Das restantes dimensões (Anexo 2a, 2b), se bem que a maioria dos valores esteja dentro dos parâmetros considerados aceitáveis para o número de itens (ou juizes) em causa, algumas avaliações parecem não merecer um acordo razoável entre os juizes. É o caso, na vinculação à família, das dimensões 'pressão para a realização na relação com a mãe' e 'procura de proximidade na relação com o pai'.

Relativamente à vinculação aos pares, verifica-se que as dimensões: 'dominância nas relações amorosas', 'afectuosidade', 'prestação de cuidados' e 'insistência em não recordar' obtiveram igualmente valores de *alpha* baixos. Na globalidade, as dimensões relativas à vinculação aos pais obtiveram valores mais elevados de concordância comparativamente com aqueles relativos à vinculação aos pares.

Os processos de testagem da fiabilidade das entrevistas incluíram, ainda, análises de correlações de Pearson entre os protótipos e as dimensões contempladas em cada entrevista (Anexos 2c e 2d), e análises de variância multivariada em função da divisão dos sujeitos pelo estilo dominante[18] (Anexos 2e, 2f, 2g).

No que diz respeito às correlações entre os protótipos para a vinculação à família, observam-se correlações negativas entre a segurança e o amedrontamento, tanto na relação com o pai ($r = -0,738$; $p < 0,001$), como na relação com a mãe ($r = -0,729$; $p < 0,001$). No que concerne a vinculação aos pares observa-se uma correlação negativa entre o estilo seguro e o amedrontado ($r = -0,739$; $p < 0,001$) e uma correlação negativa entre o estilo preocupado e o desinvestido ($r = -0,398$; $p < 0,001$). Por sua vez, da análise correlacional entre as dimensões das entrevistas e as classificações nos protótipos dominantes, é possível concluir que as cotações das entrevistas apresentam coerência interna, ou seja, o sistema de correlações relativamente a cada padrão está de acordo com o esperado teoricamente (cf. Quadros A3 e A4 do Anexo 2).

Também as MANOVAS indicam que a larga maioria das dimensões contempladas nas entrevistas diferenciam os sujeitos nos protótipos de vinculação (cf. Quadros A5, A6 e A7 do Anexo 2). Excepções constituem na vinculação ao pai, as dimensões 'pressão para a realização', 'ansiedade de separação' e 'insistência em não recordar', e na vinculação à mãe a 'pressão para a realização', a 'elaboração' e a insistência em não recordar'. Recorde-se que

[18] O estilo dominante é atribuído em função do valor mais elevado obtido nos protótipos.

algumas destas dimensões apresentaram valores mais baixos de consistência interna que poderão explicar a ausência da contribuição das mesmas para a explicação das diferenças entre grupos. Finalmente, na vinculação aos pares, do conjunto alargado de dimensões avaliadas, apenas as dimensões 'envolvimento relativo na amizade', 'base segura', 'insistência em não recordar' e 'riso inapropriado' não contribuem para explicar as diferenças entre grupos.

Em conclusão, na generalidade, os resultados observados com os procedimentos de avaliação da fiabilidade das entrevistas encontram-se dentro dos parâmetros aceitáveis, sendo o sistema de relações entre as diferentes variáveis consistente do ponto de vista teórico.

4. Plano de observação

Sem prejuízo dos procedimentos aos quais obedeceram os processos de implementação das metodologias de observação escolhidas para este estudo serem descritos, em pormenor, no Capítulo 7 e 8, procuraremos de seguida fornecer uma visão global do processo de recolha de dados.

Assim, e num primeiro momento (Abril de 1997) foi constituída, de forma aleatória, uma amostra alargada de 508 adolescentes do 12º ano de escolaridade de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto, de ambos os sexos, cujo principal objectivo era permitir a validação de instrumentos originais de avaliação da vinculação parental e amorosa. A esta amostra foram administrados os ditos instrumentos originais (o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, QVPM,* e o *Questionário de Vinculação Amorosa, QVA*), e a segmentos aleatórios da mesma uma série de outros cujas dimensões avaliadas permitissem funcionar como variáveis de critério para a testagem da validade de constructo dos primeiros (designadamente o *Inventory of Parent and Peer Attachment* de Armsden e Greenberg, 1987; o *Parental Separation Inventory* de Hoffman, 1984; o *Self-*

Description Questionnaire III de Marsh, 1988; o *Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status* de Bennion e Adams, 1986 e, finalmente, o *Social Support Appraisals* e o *Network Orientation Scale*, ambos de Vaux, Burda e Stewart 1986)[19]. No sentido de se avaliar a estabilidade do QVPM no tempo, administrou-se igualmente este instrumento seis semanas mais tarde a um grupo reduzido e aleatório de participantes.

Num segundo momento, procedeu-se à selecção de uma segunda amostra, proveniente da primeira, tomando-se como critérios o facto de os sujeitos estarem inseridos em famílias intactas e planearem entrar na faculdade no ano seguinte[20]. Dos sujeitos que reuniram estas condições, e após contacto telefónico, 92 sujeitos aceitaram participar na investigação. A esta amostra foram administradas as versões portuguesas da *Entrevista de avaliação da vinculação à família* e a *Entrevista de avaliação da vinculação aos pares*, a cerca de 4 meses (Setembro de 1997) da administração dos questionários. Refira-se que, intencionalmente, este segundo momento coincide com os primeiros meses de contacto com o meio universitário. Pretende-se, assim, por um lado, potencializar a activação do *sistema de vinculação*, uma vez que as exigências e os desafios com que os sujeitos se confrontam nesta transição poderão fazer emergir necessidades de protecção e o recurso a determinadas figuras como bases seguras, e, por outro lado, potencializar a activação do *sistema de exploração* pela novidade do contexto universitário e a consequente curiosidade e desejo de participação despertados pelo mesmo.

Devido a razões de natureza diversa e designadamente a dificuldades técnicas no registo *audio*, a amostra final ficou confinada a 82 participantes.

---

[19] Os instrumentos referidos encontram-se em anexo (Anexo 3).

[20] O segundo critério prende-se com um estudo sobre a adaptação à universidade que já tivemos a oportunidade de referir a propósito da revisão da literatura sobre este tema, mas que está fora do âmbito deste trabalho.

Capítulo 7
Desenvolvimento de instrumentos de vinculação e estudos de validação

Este capítulo pretende descrever o processo de desenvolvimento de dois instrumentos de avaliação da vinculação, bem como apresentar os estudos realizados para dar início ao processo de validação dos mesmos. Tratam-se de instrumentos de autorelato, destinados a ser utilizados com adolescentes e jovens adultos e que têm por objectivo avaliar as representações dos sujeitos acerca das suas relações de vinculação parentais e amorosas. A elaboração dos mesmos é inspirada nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby (1969/91; 1973, 1977a; 1980) e de Ainsworth (1982; 1989; 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991), bem como na proposta de avaliação da vinculação do adulto de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Os instrumentos pretendem constituir-se, por um lado, como medidas válidas e fiáveis, úteis para o estudo e a investigação das relações de vinculação em países de língua portuguesa, e por outro, como um meio propício ao trabalho psicoterapêutico, destinando-se, assim, igualmente a ser utilizados em contextos clínicos[1].

Uma primeira parte deste capítulo será dedicada à definição da abordagem conceptual de avaliação das diferenças individuais subjacente aos instrumentos, seguida da apresentação da organização temática que presidiu à escolha dos conteúdos. Posteriormente, serão apresentados separadamente cada um dos instrumentos e os estudos que foram levados a cabo, com vista à discussão das suas propriedades psicométricas, da estrutura factorial e da validade de

[1] Este último objectivo tem vindo a ser implementado de forma pontual em situações de consulta psicológica com adolescentes e jovens adultos, não se dispondo ainda, neste momento, de dados sistematizados que permitam avaliar a sua utilidade.

constructo. Os instrumentos em causa aparecerão designados por *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)* e *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)*.

1. Abordagem conceptual de avaliação das diferenças individuais

A elaboração dos instrumentos procurou conciliar uma abordagem dimensional com uma abordagem prototípica da avaliação da vinculação, por oposição a abordagens exclusivamente categoriais e tipológicas da vinculação[2]. Do ponto de vista teórico, esta opção equivale a considerar-se a possibilidade de coexistência de manifestações de vários padrões de vinculação simultaneamente (ainda que em grau variável, certamente), assumindo-se uma maior diversidade dos indivíduos que constituem cada grupo. Por outro lado, traduz-se, igualmente, na necessidade de definição das componentes essenciais das relações de vinculação, num esforço importante de delimitação teórica do constructo. Do ponto de vista psicométrico, e particularmente na elaboração de instrumentos de autorelato, esta opção operacionaliza-se na transformação do formato de resposta de escolha forçada em escalas de resposta contínuas, e na criação de um conjunto de itens organizadores de dimensões importantes da vinculação, por oposição a categorias fechadas e mutuamente exclusivas, permitindo, assim, uma avaliação mais rigorosa da fiabilidade do instrumento.

Refira-se, ainda, que muito embora a investigação tenha vindo a considerar a existência de três ou quatro estilos, o número de estilos não deverá ser encarado como uma questão fechada e definitiva, mas antes como matéria

[2] As vantagens e as desvantagens de cada uma destas abordagens foram já amplamente discutidas no Capítulo 4, pelo que nos escusamos de voltar a elas neste momento.

susceptível de exploração teórica e empírica, como, aliás, o evidenciam diversos estudos (Bartholomew, 1990; Hatfield, 1993; Latty-Mann & Davis, 1996; West & Sheldon-Keller, 1994)[3].

2. Organização temática dos instrumentos

Como já referimos anteriormente, os conteúdos dos itens foram derivados teoricamente de acordo com as propostas conceptuais de Bowlby (1969/91; 1973, 1977a; 1980) e de Ainsworth (1982, 1989, 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991) e a definição prévia de dimensões consideradas componentes essenciais das relações de vinculação.

Como já desenvolvemos no Capítulo 1, por relações de vinculação ou ligações afectivas de proximidade entendem-se aquelas relações que são únicas e exclusivas, que constituem importantes recursos na procura de conforto e de apoio, e cuja proximidade física e emocional é desejada sobretudo em situações consideradas ameaçadoras pelo sujeito. São, ainda, aquelas relações que implicam afectos intensos, particularmente em momentos de separação e de perda. Finalmente, são aquelas relações que funcionam como uma base segura, ou seja, que, de forma sustentada, incentivam o que poderíamos designar como "voo curioso e participado" do sujeito por outros contextos de existência, permitindo-lhe envolver-se em movimentos exploratórios com confiança (Ainsworth, 1989, 1991; Bowlby, 1973, 1977a, 1980).

Sete dimensões foram, então, escolhidas para definir as componentes de vinculação no jovem e no adulto, a saber: (1) *procura de proximidade*, (2) *ansiedade de separação*, (3) *medo da perda*, (4) *confiança na figura de vinculação*

[3] No Capítulo 4 tivemos já a oportunidade de debater esta questão, salientando o reducionismo de uma perspectiva assente numa tipologia fechada.

F.P.C.E. BIBLIOTECA U.P.

para providenciar apoio, (5) *exclusividade da relação*, (6) *admiração*, (7) *base segura*. Estas dimensões organizam-se em dois grandes temas, a vinculação e a exploração. A utilização do conceito de exploração prende-se com o facto de a organização da vinculação não ser acessível apenas a partir de comportamentos de vinculação, mas também de exploração (Ainsworth, 1989), assumindo-se como um conceito definidor da própria vinculação. Dito de outro modo, a qualidade da exploração é um importante indicador da natureza da vinculação (cf. Capítulo 1).

Passemos então a descrever cada umas das dimensões, exemplificando com a operacionalização das mesmas em itens concretos relativos à relação parental e à relação amorosa[4].

(1) *Procura de proximidade* - Especialmente no decurso de situações de *stress*, de ansiedade ou desconforto, o sujeito procura a proximidade física (quando disponível) e/ou emocional da figura de vinculação. (Ainsworth, 1989, 1991; Weiss, 1982). Uma vez que a necessidade de proximidade varia desenvolvimentalmente e em função do contexto, os itens estão formulados tanto em termos de proximidade física, tão característica das relações com os pares nos jovens, como em termos da representação interna da segurança que a figura de vinculação potencialmente transmite, mais adequada à relação parental. Estão, ainda, incluídos itens que exprimem o conforto com a proximidade do outro. (Exs: Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se o meu namorado for comigo; Quando tenho problemas, nem sempre gosto de procurar a minha namorada.)

(2) *Ansiedade de separação* - Um dos indicadores mais importantes da segurança em relações de vinculação é o modo como os sujeitos lidam com separações, sendo que estas tendem a fazer eclodir reacções de protesto e

[4] Saliente-se que os exemplos dados poderão traduzir modos qualitativamente diferentes da organização representacional da vinculação.

manifestações de ansiedade (Bowlby, 1973). No jovem e no adulto é esperado que relações de vinculação seguras desenvolvam nos sujeitos a capacidade para lidar adaptativamente com separações, sendo estes capazes de adiar por períodos de tempo mais longos (comparativamente com as crianças) o reencontro, sem que tal cause uma ansiedade exagerada. (Exs: Se tivesse de ir estudar para longe da minha mãe, sentir-me-ia perdido(a). Fico muito nervoso se não consigo encontrar a minha namorada quando preciso dela.)

(3) *Medo da perda* – O significado da relação de vinculação para os sujeitos conduz ao medo de perder a relação. No entanto, os sujeitos seguros desenvolvem a expectativa, baseada numa avaliação positiva de si próprios e dos outros, de que a relação permanecerá no tempo, quando ela é satisfatória. Esta dimensão tem, aliás, sido referida na avaliação de outros instrumentos como uma dimensão chave da vinculação (West & Sheldon-Keller, 1994) (Exs: Tenho confiança que a minha relação com o meu pai se vai manter no tempo. Tenho medo de ficar sozinha se perder o meu namorado.)

(4) *Confiança na figura de vinculação para providenciar apoio* – Uma das condições decisivas para o desenvolvimento de uma vinculação segura é a sensibilidade e a responsividade das figuras significativas às necessidades de segurança e de protecção do sujeito, de modo a que o mesmo se possa sentir compreendido e valorizado e a relação funciona como fonte de conforto e de apoio emocional. Deste modo desenvolvem-se representações positivas de si próprio como merecedor de atenção e dos outros como disponíveis e acessíveis (Exs: Confio na minha mãe para me apoiar em momentos difíceis da minha vida. Sei que posso contar com o meu namorado, sempre que precisar dele. O meu pai respeita os meus sentimentos. A minha namorada compreende-me.)

(5) *Exclusividade da relação* - A figura de vinculação, bem como a relação estabelecida com esta figura, são consideradas únicas, exclusivas e

insubstituíveis (Ainsworth, 1989)[5]. (Exs.: Apesar dos meus conflitos com o meu pai, ele é único para mim. Na nossa relação (de namoro) sinto que há qualquer coisa de especial.)

(6) *Admiração* - Esta dimensão pretende ser o correlativo no jovem e no adulto da percepção simbólica da figura de vinculação como "sábio e forte" (*wiser and stronger*), componentes referidos por Bowlby (1977a) como importantes na formação do laço emocional na infância. No jovem e no adulto, esta dimensão traduz-se, em nossa opinião, num sentimento mais difuso de valorização e admiração das características pessoais da figura de vinculação, seja ela a parental, seja ela a amorosa. Ainsworth (1982) refere mesmo a este propósito que, provavelmente nas relações amorosas, "cada parceiro desempenha ocasionalmente o papel de sábio e forte, por forma a que cada um retire segurança e conforto do outro." (p. 25) (Exs.: Em muitas coisas eu admiro a minha mãe. Admiro a forma como o meu namorado está no mundo.)

(7) *Base segura* - Um dos conceitos mais importantes da teoria da vinculação é o conceito de base segura (Ainsworth, 1967, 1982; Bowlby, 1977a, b), que descreve a função da relação de vinculação (e da figura de vinculação) de respeitar, permitir e incentivar o desejo de envolvimento do sujeito em movimentos exploratórios para além da própria relação. No jovem e no adulto, trata-se de criar as condições emocionais necessárias para que o sujeito desenvolva uma individualidade bem diferenciada (Exs.: O meu pai aceita-me como sou. A minha namorada faz-me sentir bem comigo próprio.) e estenda a sua participação a outros contextos de vida (Exs.: A minha mãe incentiva-me a fazer coisas diferentes. O meu namorado não gosta que eu conviva com outras pessoas.).

---

[5] As palavras de Ainsworth (1989, p. 711) ilustram bem o sentido das relações de vinculação como únicas, exclusivas e insubstituíveis "...the partner is important as a unique individual and is interchangeable with none other. (...) ...an attachment figure is never wholly interchangeable with or replaceable by another, even though there may be others to whom one is also attached."

A formulação dos itens foi, ainda, orientada pelo modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação de Bartholomew e colaboradores (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a, b). Na escolha da formulação dos itens, atendeu-se, assim, ao modo como cada um dos padrões de vinculação referidos por Bartholomew – o *seguro,* o *preocupado,* o *desinvestido* e o *amedrontado* - se comportaria relativamente a cada uma das dimensões anteriormente apresentadas. Ou seja, para cada dimensão foram escolhidos pelo menos três itens que corresponderiam a cada um dos quatro padrões de vinculação, tendo em conta, porém, a especificidade do contexto parental e do amoroso.

À definição das dimensões temáticas orientadoras do instrumento e à escolha dos itens precedeu, igualmente, um trabalho de análise e de aprofundamento de instrumentos desenvolvidos por outros autores. No âmbito das relações parentais destacamos a *Adult Attachment Interview* (*AAI*; George *et al.*, 1984), o *Parental Bonding Instrument*, (*PBI*, Parker *et al.*, 1979), o *Parental Attachment Questionnaire* (*PAQ*, Kenny, 1987) e o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987).

No âmbito das relações amorosas salientamos o *Adult Attachment Scale* (*AAS*, Collins & Read, 1990), o *Relationship Questionnaire* e o *Relationship Scales Questionnaire* (*RQ e RSQ*, Bartholomew & Horowitz, 1991), o *Adult Attachment Questionnaire (AAQ,* Simpson, 1990) e, finalmente, o *Avoidant Attachment Questionnaire for Adults* e o *Reciprocal Attachment Questionnaire for Adults* (West & Sheldon-Keller, 1994).

3. O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) – Estudos de validação

3.1. Versão inicial do QVPM

A versão inicial do questionário é constituída por um conjunto de 95 itens, escolhidos de um vasto leque de itens, após a eliminação de itens redundantes e pouco compreensíveis. Esta versão foi submetida a procedimentos de reflexão falada junto de um pequeno grupo de estudantes do ensino secundário e universitário (N = 21), dos quais resultaram algumas alterações na construção frasica dos itens, por forma a garantir a compreensão unívoca dos seus conteúdos.

Instruções. Relativamente às instruções, o sujeito é solicitado a "identificar as respostas que melhor exprimem o modo como se sente na relação com os seus pais", assinalando em colunas separadas as respostas relativas à relação com cada um dos progenitores. No sentido de permitir a resposta aos sujeitos que estão inseridos em situações familiares não tradicionais, definiu-se pais como "aquelas pessoas com quem o sujeito vive, que fazem parte da sua família mais próxima e que se responsabilizaram pela sua educação", não se restringindo a laços de consanguinidade[6].

Formato de resposta. A escala de resposta distribui-se por quatro alternativas (*é sempre assim, é muitas vezes assim, é poucas vezes assim, nunca é assim*), embora em versões posteriores[7] se tenha alargado para uma escala tipo *Likert* de seis pontos (de *concordo totalmente* a *discordo totalmente*).

---

[6] Note-se que na folha de rosto do questionário os participantes assinalaram a que figuras se referiam no preenchimento do questionário.

[7] Tratam-se de estudos que foram realizados por outros investigadores e que administraram versões refinadas do instrumento, tendo em conta justamente o processo de avaliação do mesmo conduzido neste trabalho (Barbosa, 2001; Oliveira & Costa, 2001).

3.2. Amostra e procedimento

Amostra. A amostra (Quadro 9) é constituída por 441 sujeitos, de idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos (M = 17,46; DP = 0,82)[8], sendo 258 sujeitos (58,5%) do sexo feminino e 183 (41,5%) do sexo masculino. Os sujeitos frequentam o 12º ano de escolaridade da via de prosseguimento de estudos de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto, escolas estas que foram seleccionadas aleatoriamente.

Uma análise da distribuição da amostra pelos diferentes agrupamentos do ensino secundário indica que o agupamento Científico-Natural é o representado pelo maior número de sujeitos (44,4%), seguindo-se o de Humanidades (23,4%) e o Económico-Social (22,2%). O agrupamento de Artes é aquele que é composto por um menor número de elementos da amostra (8,8%).

Os sujeitos provêem, na sua grande maioria (61,5%), de famílias com dois filhos, sendo que a escolaridade dos pais se situa maioritariamente até à 4ª classe (a frequência na distribuição da mãe é de 40,6% e do pai de 32,4%). O nível ocupacional dos pais é predominantemente médio e baixo (na mãe a distribuição é de 50,8% no estatuto baixo e 27,9% no médio, enquanto que no pai é de 38,1% e 38,8%, respectivamente)[9].

---

[8] O facto da amostra ser bastante homogénea no que toca a idade deriva da opção de estudarmos apenas determinado período etário e não deixar, assim, interferir factores desenvolvimentais na determinação da estrutura do instrumento, possíveis geradores de artefactos.

[9] Os critérios para a classificação do nível ocupacional seguiram de perto os determinados pela NORMA para a classificação da ocupação, tendo-se agrupado os níveis alto e médio-alto (nível alto), e os níveis médio-baixo e baixo (nível baixo), mantendo-se o nível médio.

Quadro 9.

Caracterização da amostra (N=441)

Sexo			
Feminino	58,5%	n=258	
Masculino	41,5%	n=183	
Idade			
16	0,9%	n=4	
17	65,0%	n=286	
18	24,8%	n=109	
19	6,8%	n=30	
20	2,0%	n=9	M = 17,46
22 ou mais	0,4%	n=2	DP = 0,82
Agrupamento do ensino secundário			
Científico – Natural	44,4%	n=196	
Humanidades	23,4%	n=103	
Económico – Social	22,2%	n=98	
Artes	8,8%	n=39	Valores omissos: 5
Situação familiar			
Famílias intactas	100%		
Número de Irmãos			
0	19,0%	n=84	
1	61,5%	n=271	
2	14,3%	n=63	
3	3,6%	n=16	
4 ou mais	1,6%	n=7	

Escolaridade do pai			**Escolaridade da mãe**		
Até 4º ano	32,4%	n=143	Até 4º ano	40,6%	n=179
5º e 6º	9,1%	n=40	5º e 6º	7,7%	n=34
7º, 8º e 9º	16,3%	n=72	7º, 8º e 9º	12,0%	n=53
10º, 11º e 12º	14,1%	n=62	10º, 11º e 12º	12,0%	n=53
Cursos médios politécnicos e bacharelatos	6,6%	n=29	Cursos médios politécnicos e bacharelatos	8,2%	n=36
Licenciatura e superior	15,6%	n=69	Licenciatura e superior	12,7%	n=56
	Valores omissos: 26			Valores omissos: 30	

Nível ocupacional do pai			**Nível ocupacional da mãe**		
Baixo	38,4%	n=168	Baixo	50,8%	n=224
Médio	38,8%	n=171	Médio	27,9%	n=123
Alto	17,7%	n=78	Alto	13,8%	n=61
Reformado	3,7%	n=16	Reformada	1,4%	n=6
Desempregado	1,1%	n=5	Desempregada	0,9%	n=4
			Doméstica	3,9%	n=17
	Valores omissos: 3			Valores omissos: 6	

Esta amostra foi constituída a partir de uma amostra mais alargada de 508 sujeitos que responderam ao questionário, controlando-se a variável "pertença a famílias intactas". A opção por este critério prendeu-se com o facto de considerarmos conveniente excluir da amostra situações de monoparentalidade e de recasamento, quer devida a separação ou divórcio, quer devida a viuvez, quer ainda devida a outras causas (como, por exemplo, o desconhecimento do progenitor)[10].

Procedimento. A administração do instrumento foi feita em turmas inteiras, durante um período lectivo, juntamente com outros instrumentos, escolhidos por forma a permitirem a testagem da validade de constructo do instrumento original, cujos estudos descreveremos mais tarde, e uma ficha de identificação (Anexo 4). Os instrumentos foram apresentados em ordens diversas, por forma a controlar efeitos de sequência, ou seja, a influência sistemática das respostas a um instrumento sobre as respostas ao seguinte, tendo sido a ficha de identificação preenchida no final da administração.

A equipa de administradores (que mobilizou cerca de 30 pessoas) era constituída por estudantes do curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo sido previamente sujeita a uma sessão de formação, de modo a inteirar-se acerca de diversas questões relativas à administração dos questionários. Nesse sentido, foi-lhes fornecida uma folha de instruções com a indicação de todos os passos a ter em

[10] Como é sabido, estas configurações familiares tendem a imprimir no relacionamento entre os diferentes elementos especificidades que poderiam enviezar os resultados do estudo (ver Costa, 1994). Pretende-se, assim, homogeneizando as características da amostra, avaliar a estrutura do questionário por referência à organização familiar mais habitual, ou seja, as famílias constituídas por mãe, pai e filho(s). Posteriormente, aquando dos estudos diferenciais, avaliar-se-á em que medida este instrumento é sensível à variação da composição familiar, recorrendo à utilização dos sujeitos restantes da amostra mais alargada para efeitos de comparação.

atenção, no sentido de se uniformizar as sessões de administração dos questionários. Foram dadas, também, indicações às equipas no sentido de alertarem os alunos para pormenores relativos ao preenchimento dos questionários.

Após se terem efectuado todas as diligências necessárias junto dos Conselhos Directivos das diferentes escolas, apelando à sua colaboração, agendou-se um dia e uma hora exactas para que cada equipa, constituída por dois elementos, pudesse dirigir-se à escola e à sala de aula, onde após preparação do material (colocação dos questionários sobre as mesas e de face voltada), aguardaria a chegada da turma previamente informada por um professor sobre a colaboração que lhes ia ser solicitada.

Os sujeitos pertencentes à amostra foram assim contactados directamente nas suas escolas e turmas, tendo-lhes sido explicado, de forma sucinta, quais os objectivos do estudo que estava a ser realizado, e para o qual a sua colaboração estava a ser solicitada, enfatizando-se a confidencialidade e a participação voluntária. Salientaram-se, ainda, algumas instruções relativas ao preenchimento dos questionários. Todas estas informações foram igualmente entregues por escrito numa carta dirigida ao participante (Anexo 5) que os estudantes leram antes de iniciarem o preenchimento dos instrumentos.

Não foi dado tempo limite para o preenchimento dos questionários. Apenas se solicitou que respondessem aos questionários de uma vez só, e que dessem resposta a todas as questões. O tempo de preenchimento total dos instrumentos durou em média todo o tempo lectivo, tendo os questionários sido administrados no mês de Abril de 1997.

Refira-se que alguns sujeitos desta amostra (escolhidos aleatoriamente) voltaram a preencher o questionário em causa cerca de 6 semanas mais tarde, por forma a permitir o estudo da estabilidade do instrumento no tempo.

3.3. Estrutura factorial

O estudo da validade factorial do instrumento, e mais especificamente da sua estrutura interna, foi efectuado com base na análise factorial exploratória de componentes principais (SPSS 7.5 para Windows). Realizaram-se análises factoriais separadas para o pai e para a mãe, no sentido de avaliar em que medida existem diferenças estruturais na organização das dimensões da vinculação.

Um primeiro passo deste processo consistiu em examinar a matriz de correlações, em ordem a investigar a pertinência de esta ser sujeita a procedimentos de análise factorial. Para tal, apreciaram-se os valores da estatística de Kaiser-Meyer-Olkin[11] e o teste de esfericidade de Bartlett[12].

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin apresenta um valor de 0,922 para os dados do pai e um valor de 0,903 para os dados da mãe, pelo que as matrizes de dados se ajustam muito bem a procedimentos de análise factorial. Quanto ao teste de esfericidade de Bartlett, o valor relativo aos dados do pai é de 6453,709, enquanto que o valor dos dados da mãe é de 5481,283. Os níveis de significância são de 0,000. Mais uma vez estes resultados indicam que a matriz é susceptível de ser submetida e avaliada a partir de procedimentos de análise factorial.

O *ratio* número de sujeitos/número de variáveis tem sido igualmente considerado por diversos autores como uma condição importante para a obtenção

---

[11] A estatística de Kaiser-Meyer-Olkin compara as magnitudes dos coeficientes de correlação observados e as magnitudes dos coeficientes de correlação parcial. Quanto mais próximos de 1 forem os valores desta estatística, tanto mais se adequa a procedimentos de análise factorial. Valores à volta dos 0,90 são considerados pelo autor como sendo "maravilhosos" (Kaiser, 1976).

[12] O teste de esfericidade de Bartlett testa a hipótese de a matriz de correlações ser uma *matriz identidade*, i.e., as diagonais serem 1 e as restantes variáveis não se correlacionarem entre si. O nível de significância da estatística deverá ser baixo e o valor do teste elevado para que a matriz não seja idêntica.

de factores fiáveis (Comrey, 1978; Tinsley & Tinsley, 1987). No nosso caso, este *ratio* é de 4,6 (441/95), tendo descido de 5,2, pelo facto de se terem seleccionado apenas os sujeitos pertencentes a famílias intactas, aproximando-se assim dos critérios referidos na literatura como adequados.[13]

Para efeitos da análise exploratória, foram testadas diferentes estruturas factoriais, após rotação ortogonal (*varimax*) e oblíqua (*direct-oblimin*), assumindo-se na extracção dos factores os seguintes critérios: (a) a análise do *graphical scree test* de Cattell (1966); (b) a maximização da variância total explicada, sendo que se considera um mínimo de 40%; e (c) critérios substantivos que organizem os itens em torno de dimensões, interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação.

Como seria de prever, as estruturas factoriais, decorrentes da utilização dos 95 itens, apresentaram valores de variância total explicada baixos, bem como saturações dos itens inferiores a 0,30, pelo que houve necessidade de se proceder à eliminação de itens, por forma a uma aproximação a uma estrutura mais parcimoniosa que agrupasse os itens de forma consensual em termos de conteúdo e interpretação dos mesmos. Deste modo, utilizaram-se os seguintes critérios de eliminação de itens: (a) baixo poder discriminativo, tendo-se considerado não aceitável a presença de uma percentagem superior a 70% numa alternativa de resposta[14]; (b) uma saturação inferior a 0,40 num factor; (c) a

[13] Embora se assista a alguma ligeira variabilidade no valor enunciado por diferentes autores, e este também possa variar em função do tamanho da amostra, considerou-se a proporção de 5 sujeitos por variável como critério.

[14] A distribuição das respostas pelas diferentes alternativas dá-nos uma medida da capacidade de discriminação dos itens, avaliando em que medida a resposta a estes poderão eventualmente estar a ser influenciados por processos de desejabilidade social ou a sofrer mecanismos de uniformização culturais. A opção de 70% das respostas numa alternativa como critério prende-se com o facto de ser esperado, de acordo com a literatura sobre a vinculação parental, uma percentagem elevada de sujeitos seguros.

existência de itens factorialmente complexos, i.e., com correlações simultâneas com dois factores, sendo a distância entre os valores não superior a 0,1.

Ainda que, genericamente, as estruturas factoriais finais repliquem em ambos os progenitores, algumas diferenças fizeram-se notar, pelo que decidimos apresentar cada uma separadamente. De qualquer modo, podemos adiantar que ambas as soluções fizeram emergir quatro factores teoricamente interpretáveis como *Inibição da Exploração e da Individualidade*, *Qualidade do Laço Emocional*, *Ansiedade de Separação,* e *Inversão de Papéis*. Com excepção do último, todos os factores são bipolares.

3.3.1. Estrutura factorial do QVPM da versão Mãe

A estrutura factorial final do QVPM da versão Mãe, após rotação *varimax*, é composta por 39 itens, distribuídos pelas 4 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 41% da variância total. Dos 56 itens retirados, segundo os critérios anteriormente enumerados, verificou-se que a sua maioria também apresentava comunalidades demasiado baixas. Os itens constituintes de cada factor parecem contribuir essencialmente para a variância do mesmo, uma vez que a grande maioria dos itens apresenta correlações muito baixas com os restantes factores. A estrutura factorial da versão Mãe é apresentada no Quadro 10.

O factor 1 (n = 15) inclui itens com saturações entre 0,47 e 0,66 e explica 23,1% da variância total. Os itens 58, 63 e 66 saturam negativamente. Os itens que compõem este factor estão relacionados essencialmente com a percepção de restrições à expressão da individualidade própria, seja pelas dificuldades sentidas na emissão de pontos de vista ou opiniões divergentes das da figura parental, seja, pela ausência de apoio a iniciativas de exploração, seja, ainda, pela interferência, não desejada, em questões que o sujeito considera pessoais.

Quadro 10.

Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe

	Dimensões/ Itens Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Comunalidades
	Inibição da Exploração e da Individualidade					
54	A minha mãe preocupa-se demasiadamente comigo e intromete-se onde não é chamada.	,66326				,465
28	Gostava muito que a minha mãe tivesse um feitio diferente.	,64432	-,17899			,467
70	A minha mãe impõe a maneira dela de ver as coisas.	,62574				,430
66	A minha mãe respeita as minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das dela.	-,62642	,26047			,457
48	Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos da minha mãe.	,61494			,20422	,424
68	A minha mãe está sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	,60507			,17771	,416
49	Discutir assuntos com a minha mãe é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	,60444	-,27151	-,22092	,19342	,525
10	Não gosto de pedir o apoio da minha mãe, porque sei que ela nunca me compreenderia.	,57007	-,21984	-,23813	,25950	,497
79	Gostaria de poder contar com o apoio da minha mãe em certos momentos, mas é difícil para mim confiar nela.	,56311	-,18022			,384
58	A minha mãe tem o feitio ideal.	-,53755	,15562	,24202	,22340	,422
37	A minha mãe dificilmente me dá ouvidos.	,51476	-,32523	-,17620		,414
94	A minha mãe desencoraja-me quando quero experimentar uma coisa nova.	,50789	-,22526		,24014	,366
11	Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem a minha mãe damos o braço a torcer.	,47797		-,19385		,273
63	A minha mãe incentiva-me a fazer coisas diferentes.	-,47150				,273
8	A minha mãe abafa a minha verdadeira forma de ser.	,46813	-,36882		,23829	,421

Quadro 10.

Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe (continuação)

	Dimensões/ Itens	Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Comunalidades
	Qualidade do Laço Emocional						
40	Em muitas coisas eu admiro a minha mãe.		-,32395	,60775			,505
12	Tenho confiança que a minha relação com a minha mãe se vai manter no tempo.		-,18623	,60334			,423
75	Apesar dos meus conflitos com a minha mãe, ela é única para mim.			,60015			,393
45	A minha mãe só pensa nela.		,21036	-,59499		,32437	,508
1	Apesar dos meus conflitos com a minha mãe, tenho orgulho nela.		-,16878	,59451			,391
13	A minha mãe tem um papel importante no meu desenvolvimento.		-,16268	,59079	,26021		,453
44	Confio na minha mãe para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.		-,35036	,57713	,26976		,529
3	Era-me indiferente, se a minha mãe fosse trabalhar para outro país.			-,50191	-,27549		,366
	Ansiedade de Separação e Dependência						
46	Tenho confiança em mim e não preciso da minha mãe para enfrentar situações novas.				-,68997		,502
41	Só consigo enfrentar situações novas, se a minha mãe estiver comigo.				,63496		,425
19	O apoio da minha mãe não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver os meus problemas sozinho(a).		,16765	-,18684	-,63398	,17518	,497
18	Penso constantemente que não posso viver sem a minha mãe.				,62240		,402
77	Se tivesse de ir estudar para longe da minha mãe, sentir-me-ia perdido(a).				,62067		,424
84	É fundamental para mim que a minha mãe concorde com aquilo que eu penso.				,50547		,308
5	Não preciso dos cuidados da minha mãe.		,18170	-,33026	-,49552		,405
57	A minha mãe é a única pessoa importante na minha vida.			,18305	,43329	,24853	,293

Quadro 10.

Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe (continuação)

	Dimensões/ Itens	Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Comunalidades
	Inversão de Papéis						
51	Sinto-me posto(a) de lado, quando a minha mãe decide fazer coisas com outras pessoas.			-,20501		,61942	,448
82	Acho que a minha mãe devia preocupar-se mais com o que eu faço nos tempos livres.			-,23177		,59120	,418
91	Gostava que a minha mãe me ligasse mais.		,15985			,58412	,368
90	Sei que a minha mãe precisa mais do meu apoio do que eu do dela.					,55902	,330
95	No fundo, sou eu que tenho que estar sempre a resolver os problemas da minha mãe.			-,32240		,55137	,419
88	Fico irritada quando combinamos coisas juntos(as) e a minha mãe não pode estar comigo.					,54504	,323
74	Não é possível discutir qualquer assunto, porque eu e a minha mãe temos sempre opiniões diferentes e acabo por aceitar a dela.		,27713	-,17293		,49653	,353
80	No fundo, sou eu que tenho de dar atenção à minha mãe.		,20354			,47386	,268
Valor próprio			9,02716	3,44728	1,98676	1,52336	
Percentagem de variância total explicada			23,1	8,8	5,1	3,9	
Variância total explicada							41,0

Nota: Os valores das correlações omissos são todos inferiores a 0,15.

De um modo geral, a figura parental não é percebida como apoiante e sensível às necessidades do sujeito, exprimindo o jovem o desejo da sua transformação. Este factor foi denominado de *Inibição da Exploração e da Individualidade*, uma vez que os itens conotados com estes conteúdos estão saturados positivamente, embora se trate de um factor bipolar.

O factor 2 (n = 8) é composto por itens que contribuem para explicar 8,8% da variância total e cujas saturações se situam entre 0,50 e 0,61. Os itens 3 e 45 estão saturados negativamente. Os conteúdos organizados em torno deste factor apontam para a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, percebida como fundamental e única no desenvolvimento do sujeito, a quem este recorrerá em situações de dificuldade e com quem projecta uma relação duradoura. Este factor é designado de *Qualidade do Laço Emocional*.

O factor 3 (n = 8) compreende itens com saturações entre 0,43 e 0,69 e explica 5,1% da variância total. Os itens que saturam negativamente são o 5, o 19 e o 46. O conteúdo dos itens, saturados positivamente, aponta para uma experiência de ansiedade e de medo da separação da figura de vinculação, reveladora de uma relação de dependência. Deste modo, a dimensão é designada de *Ansiedade de Separação e Dependência*.

Finalmente, o factor 4 (n = 8) reúne itens com saturações que oscilam entre 0,47 e 0,62 e que contribuem para explicar 3,9% da variância total. Embora no seu conjunto de mais difícil interpretação, esta dimensão parece indiciar a presença de situações de inversão de papéis, marcadas por uma visão da figura maternal como frágil, necessitando dos cuidados do sujeito, e pelo desejo de uma maior preocupação da figura de vinculação relativamente a si próprio, bem como pela presença de experiências de ciúme e de abandono na relação. Esta dimensão foi assim apelidada de *Inversão de Papéis*.

3.3.2. Estrutura factorial do QVPM da versão Pai

A estrutura factorial final do QVPM da versão Pai é composta por 40 itens, distribuídos pelas 4 dimensões anteriormente mencionadas, explicando 43,8% da variância total. Dos 55 itens retirados, a sua maioria apresentava correlações simultâneas e elevadas com dois factores. Também aqui os itens constituintes de cada factor parecem contribuir, preferencialmente, para a variância do mesmo,

uma vez que estes apresentam correlações baixas com os outros factores. A estrutura factorial da versão Pai é apresentada no Quadro 11.

O factor 1 (n = 14) inclui itens com saturações entre 0,50 e 0,69 e explica 26,4% da variância total. Todos os itens apresentam saturações positivas à excepção do 20, do 63 e do 66, cujos conteúdos exemplificam características positivas do relacionamento com o pai. Mais uma vez, os itens que compõem este factor parecem estar relacionados com questões relativas à *Inibição da Exploração* e da *Individualidade*, à semelhança da versão Mãe, sendo que, do conjunto de itens que compõem este factor, 13 são comuns à versão Mãe.

O factor 2 (n = 10) contribui para explicar 8,8% da variância total e apresenta um conjunto de itens cujas saturações variam entre 0,41 e 0,70, saturando os itens 3, 43, 45 e 60 negativamente. Designado igualmente de *Qualidade do Laço Emocional*, a par do factor 2 da versão Mãe, este factor é composto exactamente pelos mesmos itens que compõem a versão Mãe, à excepção de 2 itens que ocupam a última e a antepenúltima posições no intervalo de saturações neste factor.

O factor 3 (n = 9) compreende itens com saturações que se situam entre 0,51 e 0,66 e explica 4,8% da variância total, apresentando três itens com saturações negativas (o 19, o 46 e o 61). Há 7 itens que são comuns à versão Mãe, e mais uma vez os itens adicionais (o 61 e o 64) ocupam posições situadas no final da escala. O item 5 da versão Mãe não está presente na versão Pai. Este factor foi igualmente denominado de *Ansiedade de Separação e Dependência*.

Por último, o factor 4 (n = 7) reúne itens com saturações que oscilam entre 0,46 e 0,61 e explica 3,9% da variância total. Seis destes itens emergem também no factor 4 da versão Mãe; um deles, o item 16, é novo, e dois itens da versão Mãe (o 91 e o 80) não saturam neste factor do Pai. À semelhança da versão Mãe, este factor foi identificado como *Inversão de Papéis*.

Quadro 11.
Estrutura factorial do QVPM na versão Pai

	Conteúdos	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Comunalidades
	Inibição da Exploração e da Individualidade					
48	Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos do meu pai.	,68974			,15257	,507
49	Discutir assuntos com o meu pai é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	,67929	-,28140	-,19025		,577
70	O meu pai impõe a maneira dele de ver as coisas.	,64949				,435
66	O meu pai respeita as minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das dele.	-,63265	,33516			,520
28	Gostava muito que o meu pai tivesse um feitio diferente.	,62275	-,15204	-,26035		,479
10	Não gosto de pedir o apoio do meu pai, porque sei que ele nunca me compreenderia.	,59771	-,40666	-,16875	,18711	,586
54	O meu pai preocupa-se demasiadamente comigo e intromete-se onde não é chamado.	,57769		-,15728	,29046	,448
37	O meu pai dificilmente me dá ouvidos.	,56915	-,39708			,495
20	O meu pai respeita os meus sentimentos.	-,55109	,39759			,462
79	Gostaria de poder contar com o apoio do meu pai em certos momentos, mas é difícil para mim confiar nele.	,54517	-,28776	-,17050	,15942	,435
68	O meu pai está sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	,53990			,29427	,402
94	O meu pai desencoraja-me quando quero experimentar uma coisa nova.	,52814	-,26645		,20388	,392
8	O meu pai abafa a minha verdadeira forma de ser.	,50771	-,16594		,28451	,373
63	O meu pai incentiva-me a fazer coisas diferentes	-,49709	,27273	,18488		,366

Quadro 11.
Estrutura factorial do QVPM na versão Pai (continuação)

	Conteúdos	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Comunalidades
	Qualidade do Laço Emocional					
1	Apesar dos meus conflitos com o meu pai, tenho orgulho nele.	-,16640	,69658			,537
40	Em muitas coisas eu admiro o meu pai.	-,25709	,65951	,17393		,531
45	O meu pai só pensa nele.	,26145	-,65395		,20313	,542
12	Tenho confiança que a minha relação com o meu pai se vai manter no tempo.	-,25659	,62870	,15614	-,17427	,516
44	Confio no meu pai para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.	-,34275	,56788	,35941		,573
3	Era-me indiferente, se o meu pai fosse trabalhar para outro país.		-,56605	-,31338		,448
75	Apesar dos meus conflitos com o meu pai, ele é único para mim.		,55312	,22122		,377
60	Preferia que o meu pai morasse longe.	,22304	-,54947	-,36226	,15940	,508
13	O meu pai tem um papel importante no meu desenvolvimento.	-,21664	,52939	,32594	-,15901	,459
43	Sempre achei que não vou sentir muito a falta do meu pai um dia mais tarde.		-,40951	-,27142	,18007	,276
	Ansiedade de Separação e Dependência					
46	Tenho confiança em mim e não preciso do meu pai para enfrentar situações novas.		-,15032	-,65876	,17201	,498
41	Só consigo enfrentar situações novas, se o meu pai estiver comigo.			,62665	,17827	,440
19	O apoio do meu pai não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver os meus problemas sozinho(a).		-,29790	-,62447	,19410	,538
77	Se tivesse de ir estudar para longe do meu pai, sentir-me-ia perdido(a).		,18406	,60983		,415

Quadro 11.
Estrutura factorial do QVPM na versão Pai (continuação)

	Conteúdos	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Comunalidades
	Ansiedade de Separação e Dependência (cont.)					
18	Penso constantemente que não posso viver sem o meu pai.		,20081	,58852		,401
61	Prefiro que o meu pai me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.	,38113		-,53582		,453
57	O meu pai é a única pessoa importante na minha vida.			,52953	,21638	,355
64	Eu e o meu pai é como se fôssemos uma pessoa só.	-,29499		,51833	,22971	,428
84	É fundamental para mim que o meu pai concorde com aquilo que eu penso.		,18521	,51097		,318
	Inversão de Papéis					
95	No fundo, sou eu que tenho que estar sempre a resolver os problemas do meu pai.		-,20304		,60987	,431
82	Acho que o meu pai devia preocupar-se mais com o que eu faço nos tempos livres.	,15084			,57190	,368
51	Sinto-me posto(a) de lado, quando o meu pai decide fazer coisas com outras pessoas.			,19107	,56610	,381
88	Fico irritado(a) quando combinamos coisas juntos e o meu pai não pode estar comigo.			,15542	,54448	,343
90	Sei que o meu pai precisa mais do meu apoio do que eu do dele.				,53182	,300
16	Não mereço o apoio do meu pai.			-,18193	,46773	,273
74	Não é possível discutir qualquer assunto, porque eu e o meu pai temos sempre opiniões diferentes e acabo por aceitar a dele.	,30152	-,20617		,45734	,346
Valor próprio		10,55825	3,51198	1,93918	1,52325	
Percentagem de variância total explicada		26,4	8,8	4,8	3,8	
Variância total explicada						43,8

Nota. Os valores das correlações omissos são todos inferiores a 0,15.

3.4. Correlações entre as dimensões

Embora se tenha optado por uma estrutura factorial que assumiu a ortogonalidade dos factores, avaliaram-se as correlações existentes entre as dimensões de uma mesma versão e entre as versões do QVPM. Recorremos, para o efeito, ao coeficiente de correlação de Pearson, sendo os valores apresentados no Quadro 12.

Quadro 12.

Correlações de Pearson dos factores intra e entre versões

		Mãe				*Pai*			
Mãe		**IEI**	**QLE**	**ASD**	**IP**	**IEI**	**QLE**	**ASD**	**IP**
	IEI	1	-0,37*	0,09	0,44*	**0,80***	-0,18*	0,07	0,47*
	QLE		1	0,13*	-0,14*	-0,26*	**0,55***	0,16*	-0,18*
	ASD			1	0,26*	0,09	0,06	**0,79***	0,29*
	IP				1	0,41*	-0,09	0,29*	**0,88***
Pai									
	IEI					1	-0,24*	0,00	0,41*
	QLE						1	0,15*	-0,05
	ASD							1	0,31*
	IP								1

Nota: * $p < 0,01$. *Inibição da Exploração e da Individualidade* (IEI), *Qualidade do Laço Emocional* (QLB), *Ansiedade de Separação e Dependência* (ASD), e *Inversão de Papéis* (IP). A carregado encontram-se as correlações relativas a dimensões idênticas em ambas as versões.

A leitura do Quadro 12 permite identificar correlações baixas a moderadas e no sentido esperado, entre a *Inibição da Exploração e da Individualidade* e a *Qualidade do Laço Emocional* e entre o primeiro factor e a *Inversão de Papéis*, tanto na versão Mãe ($r = -0,37$; $r = 0,44$) como na versão Pai ($r = -0,24$; $r = 0,41$). Estes valores indicam que os factores avaliam, de algum modo, dimensões da vinculação relacionadas, responsáveis por cerca de 5 a 16% da variância comum

explicada. Por seu lado, o factor *Ansiedade de Separação e Dependência* não apresenta correlações com a *Inibição da Exploração e da Individualidade* nem com a *Qualidade do Laço Emocional*, o que equivale a afirmar que este factor parece dizer respeito a uma dimensão da vinculação totalmente distinta das duas últimas. Observam-se, porém, correlações significativas, embora baixas, entre a *Ansiedade de Separação e Dependência* e a *Inversão de Papéis*, quer na versão Mãe (r = 0,26), quer na versão Pai (r = 0,31). Deste modo, podemos inferir a existência de variância comum à roda do 6%, explicada por estes dois factores conjuntamente.

Em síntese, poderemos concluir da pertinência da avaliação de cada uma das dimensões separadamente. A variância comum explicada é de tal forma baixa que não justifica a utilização de um resultado total para a avaliação da vinculação.

No que diz respeito às correlações entre ambas as versões, verifica-se a existência de valores moderados a elevados entre os factores semelhantes em cada versão. Designadamente, observam-se as correlações de 0,80, 0,55, 0,79 e 0,88 para os factores *Inibição da Exploração e da Individualidade*, *Qualidade do Laço Emocional*, *Ansiedade de Separação e Dependência* e, finalmente, *Inversão de Papéis*, respectivamente.

A magnitude das associações entre os factores da mãe e do pai indicam a existência de variância comum (que oscila entre cerca de 30% e 70%), bem como de considerável variância separada, sugerindo a condução de análises posteriores, separadamente para cada progenitor.

3.5. Fiabilidade

Para a avaliação da fiabilidade do instrumento foram utilizadas medidas de consistência interna e de teste-reteste.

3.5.1. Consistência Interna

Para a avaliação da consistência interna das dimensões do instrumento foi utilizado o coeficiente *alpha* de Cronbach (Cronbach, 1951)[15]. O Quadro 13 apresenta os valores do *alpha* de Cronbach para as quatro dimensões do QVPM, tendo em conta a amostra total e também uma diferenciação por género.

Quadro 13.

Alphas de Cronbach para a amostra total e de acordo com o género dos pais e dos adolescentes

Factores	*Alphas*		
	Total	Raparigas	Rapazes
Mãe			
IEI	0,88	0,89	0,87
QLB	0,81	0,78	0,82
ASD	0,76	0,75	0,75
IP	0,74	0,76	0,70
Pai			
IEI	0,89	0,91	0,87
QLB	0,86	0,87	0,83
ASD	0,80	0,82	0,77
IP	0,68	0,62	0,71

Nota. Todos os valores são significativas a $p < 0,001$.

Na generalidade, os valores da amostra total podem ser considerados bons, com a excepção da dimensão *Inversão de Papéis*, que apresenta um valor de 0,68, evidenciando uma menor consistência interna. Esta situação agrava-se ainda mais, quando se avaliam os valores separadamente por género,

[15] O coeficiente *alpha* de Cronbach permite verificar se os itens que compõem cada uma das dimensões do QVPM estão, ou não, positivamente correlacionados entre si, ou seja, se veiculam a ideia de convergência para reflectirem um dado constructo. Esta medida é baseada na correlação média entre os itens de um factor, sendo sensível ao número de itens que compõem cada factor.

designadamente na amostra feminina, que apresenta um valor relativamente ao pai de 0,62. Com a excepção desta dimensão, da *Qualidade do Laço Emocional* na relação com a mãe (em que o valor é superior para os rapazes), e da *Ansiedade de Separação* na relação com a mãe (em que os valores são iguais), os valores de *alpha* são, porém, mais elevados na amostra feminina, por comparação com a masculina, assistindo-se, assim, a uma tendência para menor consistência nas respostas de sujeitos masculinos.

De qualquer modo, os valores em ambas as amostras são elevados, por forma a legitimar a utilização das dimensões para comparação entre grupos.

3.5.2. Teste-reteste

O teste-reteste foi efectuado numa amostra aleatória de 109 sujeitos, retirada da amostra mais alargada de 441 sujeitos, tendo sido o intervalo entre as duas administrações de 6 semanas. As idades dos sujeitos variam entre os 16 e os 20 anos, situando-se a média no valor 17,52. A amostra é constituída por 61 raparigas (56%) e 48 rapazes (44%). Todos os elementos da amostra pertencem a famílias intactas, vivendo com os pais, irmãos e/ou avós.

O Quadro 14 apresenta as correlações de Pearson entre os resultados obtidos em cada um dos momentos.

Os valores das correlações obtidas entre os resultados dos dois momentos variam entre 0,52 e 0,66, indicando que as dimensões avaliam características relativamente estáveis da relação com as figuras parentais, ainda que igualmente susceptíveis a variações, possivelmente resultantes do clima afectivo vivido no momento da avaliação pelo adolescente. Com a excepção da dimensão de *Ansiedade de Separação*, os valores relativamente ao pai são inferiores aos da relação com a mãe. Tratando-se dos mesmos itens, poder-se-ia suspeitar de uma maior instabilidade na relação do adolescente com o pai, embora esta hipótese careça obviamente de confirmações sólidas.

Quadro 14.

Correlações de Pearson entre as dimensões do QVPM: Teste-reteste

	Mãe				*Pai*			
Dimensões	**IEI**	**QLB**	**ASD**	**IP**	**IEI**	**QLB**	**ASD**	**IP**
Mãe								
IEI	0,64**	-0,34**	0,24*	0,42**				
QLB	-0,28**	0,66**	0,30**	0,08				
ASD	0,17	0,15	0,54**	0,24*				
IP	0,35**	0,01	0,15	0,62**				
Pai								
IEI					0,61**	-0,31**	0,08	0,35**
QLB					-0,28**	0,58**	0,32**	0,08
ASD					-0,04	0,28**	0,59**	0,15
IP					0,27**	0,08	0,21*	0,52**

Nota. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Note-se que a menor estabilidade das dimensões relativas à relação com o pai não podem ser explicadas a partir de um menor consistência destas, porque, como acabámos de ver, com a excepção da dimensão *Inversão de Papéis*, todos os restantes valores são superiores na versão pai comparativamente com a versão mãe. Finalmente, na generalidade, os valores encontrados estão abaixo daqueles obtidos com outros instrumentos de avaliação da vinculação parental,

muito embora, de um modo geral, os intervalos de tempo avaliados tenham sido inferiores[16].

3.6. Validade de constructo

Uma vez descrito o processo de elaboração do instrumento e testadas as suas qualidades psicométricas, procederemos à continuação do processo de validação do mesmo, desta feita atendendo à validade de constructo. Inicialmente serão apresentados quatro estudos correlacionais, aos que se seguem estudos que procuram avaliar a sensibilidade do instrumento às diferenças entre grupos[17]. Por fim, serão descritos estudos que recorrem à análise de *clusters* para classificar os sujeitos, no sentido de testar em que medida o instrumento permite a detecção de configurações específicas e com significado ao nível da teoria da vinculação.

No que diz respeito ao primeiro grupo de estudos, serão formuladas as hipóteses e definidos os objectivos em conjunto numa primeira parte, legitimando as opções feitas em termos das variáveis de critério. De seguida, serão relatados os estudos, tendo em conta a descrição da amostra[18] e do instrumento utilizado,

---

[16] É o caso, por exemplo, do instrumento PBI, que apresenta valores de 0,76 e 0,63 para as escalas de prestação de cuidados e de superprotecção, respectivamente, para um intervalo de 3 semanas (Parker *et al.*, 1979), embora em estudos posteriores esses valores tenham aumentado consideravelmente (Parker, 1989). Medidas de vinculação romântica têm encontrado valores de teste-reteste na ordem do 0,60 para intervalos de tempo variados (Brennan & Shaver, 1995; Kirkpatrick & Hazan, 1994)

[17] Note-se que em todas análises, com vista a testar a validade de constructo, só foram contemplados os itens comuns à versão Pai e à versão Mãe, em ordem a permitir a comparação entre as respostas relativas à relação com a mãe e aquelas relativas à relação com o pai.

[18] As amostras utilizadas para os estudos correlacionais fazem parte da amostra mais alargada dos 508 sujeitos, muito embora o número de sujeitos seja variável consoante cada estudo. O

bem como a apresentação e discussão de resultados. Refira-se que todos os instrumentos escolhidos para avaliar as variáveis de critério foram submetidos à testagem das suas qualidades psicométricas, a partir da análise da estrutura factorial e da consistência interna das suas dimensões, dados estes que serão igualmente reportados aquando da descrição dos estudos. Finaliza-se com uma conclusão relativa aos estudos correlacionais.

Relativamente aos estudos diferenciais, optou-se por um procedimento de apresentação semelhante. No início serão apresentadas as hipóteses, com base na literatura teórica e empírica, que prevêem diferenças entre grupos distribuídos de acordo com determinados critérios, designadamente o género do adolescente e do progenitor e a situação familiar do adolescente. Serão, igualmente, formuladas algumas hipóteses de carácter meramente exploratório, no que toca a variáveis menos relevantes do ponto de vista da teoria da vinculação. Posteriormente serão apresentados os resultados de cada estudo, finalizando-se com uma breve conclusão dos estudos diferenciais.

Finalmente, são apresentados e discutidos os resultados das análises de *clusters*.

3.6.1. Estudos correlacionais

3.6.1.1. Objectivos e hipóteses

Embora todos os estudos, que de seguida apresentamos, procurem contribuir para a avaliação da validade de constructo, cada um deles assume um

---

procedimento utilizado na administração dos instrumentos já foi descrito anteriormento, pelo que não consideramos necessário reproduzi-lo neste momento.

papel específico em termos de objectivos que pretende atingir e das hipóteses em que assenta.

O primeiro estudo recorre a um instrumento largamente utilizado pela comunidade científica para avaliar as relações de vinculação aos pais (cf. Capítulo 5) - o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (*IPPA*; Armsden & Greenberg, 1987), esperando-se correlações moderadas a elevadas entre as dimensões dos instrumentos, que afirmem simultaneamente a *validade convergente e a divergente* do QVPM.

O segundo estudo utiliza o *Psychological Separation Inventory* (*PSI*; Hoffman, 1984) como medida do processo de separação-individuação do adolescente relativamente aos pais. É esperado que jovens com vinculações seguras com os pais tendam a resolver de forma mais adequada tarefas desenvolvimentais de aquisição de autonomia e de independência psicológica, apresentando valores mais elevados de independência conflitual e emocional, testando-se, deste modo, a *validade preditiva* do instrumento[19].

Finalmente, o terceiro estudo explora as relações entre as dimensões do QVPM e o conceito de si próprio, assente numa perspectiva multidimensional, servindo-se para o efeito de várias escalas do *Self-Description Questionnaire III* (*SDQ III*; Marsh, 1988). Uma vez que vinculações seguras tendem a favorecer nos sujeitos representações positivas acerca de si próprios e acerca dos outros, esperam-se, na generalidade, correlações significativas entre o conceito de si próprio e o QVPM. No entanto, esta associação provavelmente não se estenderá

[19] O termo "validade preditiva" refere-se genericamente às relações funcionais entre uma variável preditora e uma variável de critério, observadas num mesmo tempo ou em tempos diferentes. Ou seja, a relação temporal entre as variáveis não impõe a realização de procedimentos diferenciais para a validação, devendo no entanto ser contemplada na interpretação dos resultados (Nunnally & Bernstein, 1994).

a todos os domínios do conceito de si próprio, tendo-se escolhido o domínio da Matemática para afirmar a *validade discriminante* do instrumento.

A opção por este domínio académico justifica-se pelo facto de, na faixa etária da nossa amostra, correspondente ao 12º ano de escolaridade, ser esperado uma aproximação mais realista entre a percepção da competência pessoal e níveis objectivos de realização escolar, como, por exemplo, os resultados escolares, conforme o indicam diferentes estudos (para uma revisão, Fontaine, 1991). Ora, a teoria da vinculação afirma a importância da segurança nas relações de vinculação familiares no desenvolvimento de modelos que orientam o comportamento do sujeito em situações interpessoais; não sugere uma influência directa no domínio da realização académica. Finalmente, é previsível que a magnitude das correlações com o conceito de si próprio seja superior no domínio da relação com os pais.

3.6.1.2. Relações entre o QVPM e o *Inventory of Parent and Peer Attachment*

Amostra. A amostra é constituída por 237 sujeitos de ambos os sexos, sendo que 48,1% pertencem ao sexo feminino e 51,9% ao sexo masculino. As idades são compreendidas entre os 16 e os 21 anos, com uma média de 17,8 anos e um desvio padrão de 0,86. Todos os sujeitos frequentam o 12º de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto e provêm, na sua maioria (75,1%), de famílias intactas.

Instrumento. O *Inventory of Parent and Peer Attachment* (*IPPA*; Armsden & Greenberg, 1987) é um questionário de autorelato que procura avaliar a qualidade das relações de vinculação aos pais e aos pares em adolescentes e jovens adultos, de acordo com as formulações teóricas de Bowlby. O instrumento é

constituído por 28 itens distribuídos por 3 dimensões: a *Confiança,* definida enquanto compreensão e respeito parental e confiança mútua; a *Comunicação*, na sua extensão e qualidade; e a *Alienação*, que descreve sentimentos de isolamento. Os itens dos pais e dos pares estão organizados em escalas diferentes, tendo-se utilizado apenas a versão dos pais.

Avaliação das qualidades psicométricas. A estrutura factorial do *IPPA*, avaliada a partir de uma análise factorial exploratória em três dimensões, replica na nossa amostra, explicando 51,5% da variância total. Os *alphas* de Cronbach são de 0,90 para a Confiança, de 0,86 para a Comunicação e de 0,81 para a Alienação, sendo as correlações entre as dimensões, no sentido e na extensão, semelhantes às encontradas pelos autores (Quadro 15).

Resultados e Discussão. As correlações entre as dimensões de ambos os instrumentos são apresentadas no Quadro 14.

Da análise das correlações de Pearson, verifica-se que existe uma correlação positiva e moderadamente elevada entre a dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* e a experiência de *Alienação.* Esta mesma dimensão apresenta, ainda, correlações negativas moderadas a elevadas com a *Confiança* e com a qualidade da *Comunicação* com os pais. A *Qualidade do Laço Emocional* correlaciona-se moderada e negativamente com a experiência de *Alienação*, e positivamente com a *Confiança* e com a *Comunicação.* Assiste-se a uma correlação negativa, embora baixa, entre a *Ansiedade de Separação e Dependência* e a experiência de *Alienação*, e a correlações positivas e moderadamente baixas entre esta mesma dimensão e a *Confiança* e a *Comunicação* na relação com os pais. Finalmente, verifica-se que a *Inversão de Papéis* apresenta uma correlação positiva com a *Alienação* e negativa com a *Comunicação* e a *Confiança*, muito embora os valores sejam baixos.

Quadro 15.

Correlações de Pearson entre o QVPM e o IPPA

	IPPA		
	Comunicação	**Confiança**	**Alienação**
IPPA			
Comunicação	1	0,792	-0,748
Confiança		1	-0,750
Alienação			1
QVPM			
Mãe			
Inibição da Exploração	-0,633	-0,719	0,646
Laço Emocional	0,622	0,596	-0,501
Ansiedade de Separação	0,327	0,240	-0,188
Inversão de Papéis	-0,348	-0,416	0,473
Pai			
Inibição da Exploração	-0,610	-0,764	0,635
Laço Emocional	0,588	0,609	-0,510
Ansiedade de Separação	0,466	0,437	-0,359
Inversão de Papéis	-0,288	-0,326	0,384

Nota. Todas as correlações são significativas a $p < 0,01$.

As correlações obtidas estão, assim, de acordo com o esperado, sendo que as dimensões da *Inibição da Exploração e da Individualidade* e da *Qualidade do Laço Emocional* apresentam correlações, no geral, mais elevadas com as dimensões do *IPPA*, do que as dimensões *Ansiedade de Separação e Dependência* e *Inversão de Papéis*. A leitura dos resultados indica, ainda, que a estrutura das correlações, em termos de sentido e de extensão, é semelhante para o pai e para a mãe, embora a dimensão *Ansiedade de Separação e*

Dependência apresente correlações mais elevadas com as dimensões do *IPPA* na relação com o pai comparativamente com as dimensões na relação com a mãe.

Finalmente, se os resultados nos informam da validade convergente de ambos os instrumentos, também nos dão indicações relativamente à validade divergente. A magnitude das associações entre as dimensões do *IPPA* e do QVPM, e muito particularmente no que toca às correlações que envolvem as dimensões *Ansiedade de Separação e Dependência* e *Inversão de Papéis*, indicam que estas últimas (apesar de partilharem alguma variância comum) não são contempladas na sua extensão no *IPPA*, pelo que é legítimo afirmar que esta medida de vinculação oferece algo de diferente relativamente à primeira. Justifica-se, assim, também a continuação do processo de validação e de aperfeiçoamento de uma medida da vinculação, que se pretende constituir como alternativa às actualmente existentes.

3.6.1.3. Relações entre o QVPM e o *Psychological Separation Inventory*

Amostra. A amostra consiste em 350 sujeitos de ambos os sexos; sendo que 49,7% pertencem ao sexo feminino e 50,3% ao sexo masculino. As idades são compreendidas entre os 16 e os 21 anos, com uma média de 17,7 anos e um desvio padrão de 0,87. Todos os sujeitos frequentam o 12º ano de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto e estão inseridos, na sua maioria (79,4%), em famílias intactas.

Instrumento. O *Psychological Separation Inventory* (*PSI*; Hoffman, 1984) é um questionário de autorelato baseado na teoria de Blos (1979), que procura avaliar a independência ou separação psicológica em relação a cada um dos pais, em adolescentes e jovens adultos. Este instrumento é constituído por 69 itens,

repartidos por 4 escalas de independência relativamente a cada um dos progenitores – a *Independência Funcional*, a *Independência Ideológica*, a *Independência Emocional* e a *Independência Conflitual* - tendo sido traduzido e adaptado para a população portuguesa por Almeida, Dias e Fontaine (1996).

Para efeitos deste estudo, apenas se utilizaram as escalas de *Independência Emocional* e de *Independência Conflitual,* uma vez serem conceitos que se articulam de forma mais próxima com o de vinculação. A primeira escala é definida como "uma relativa liberdade em relação à necessidade da aprovação, proximidade e apoio emocional dos pais". A segunda, como "uma relativa liberdade em relação a uma culpa excessiva, ansiedade, responsabilidade, inibição, ressentimento e raiva em relação aos pais" (Hoffman, 1984).

Avaliação das qualidades psicométricas. A estrutura interna do *PSI* foi avaliada a partir de procedimentos de análise factorial exploratória, de componentes principais com rotação *oblimin*. Em ambas as estruturas, a do pai e a da mãe, replicam os dois factores, constituídos pelas escalas originais, sendo que a estrutura da mãe explica 40,7% da variância total e a do pai 43,8%.

Os *alphas* de Cronbach são de 0,84 para ambas as escalas da mãe e de 0,86 para ambas as escalas do pai. As correlações entre as dimensões (Quadro 16) apresentam valores moderados mas negativos entre a *Independência Emocional* e a *Independência Conflitual*, confirmando resultados encontrados em estudos portugueses, e que chamam a atenção para o facto de jovens mais dependentes emocionalmente dos seus pais, relatarem menor conflito interior com os mesmos (Dias, 1996).

Resultados e Discussão. As correlações entre as dimensões de ambos os instrumentos são apresentadas no Quadro 16.

Quadro 16.

Correlações de Pearson entre o QVPM e o PSI

	PSI			
	Mãe		*Pai*	
	Independência Conflitual	**Independência Emocional**	**Independência Conflitual**	**Independência Emocional**
PSI				
Mãe				
Independência Conflitual	1	-0,376*	0,585*	-0,209*
Independência Emocional		1	-0,104	0,654*
Pai				
Independência Conflitual			1	-0,338*
Independência Emocional				1
QVPM				
Mãe				
Inibição da Exploração	-0,719*	0,388*	-0,480*	0,243*
Laço Emocional	0,507*	-0,533*	0,316*	-0,344*
Ansiedade de Separação	0,292*	-0,663*	0,089	-0,429*
Inversão de Papéis	-0,452*	-0,031	-0,410*	-0,011
Pai				
Inibição da Exploração	-0,462*	0,208*	-0,670*	0,374*
Laço Emocional	0,334*	-0,318*	0,442*	-0,560*
Ansiedade de Separação	0,264*	-0,536*	0,294*	-0,641*
Inversão de Papéis	-0,356*	-0,084	-0,339*	-0,071

Nota. * $p < 0,01$.

A análise do quadro permite constatar a existência de correlações negativas e moderadamente elevadas entre a *Inibição da Exploração e Individualidade* e a *Independência Conflitual*, ou seja, quanto maior a *Inibição da Exploração e Individualidade*, maior a *Dependência Conflitual*, na relação com ambos os progenitores. Por seu lado, as correlações moderadas desta dimensão da vinculação com a *Independência Emocional*, apresentam-se no sentido inverso, ou seja, quanto maior a *Inibição da Exploração e Individualidade* menor a *Dependência Emocional*. A *Qualidade do Laço Emocional* correlaciona-se moderada e positivamente com a *Independência Conflitual*, e moderada mas negativamente com a *Independência Emocional*. Assiste-se, ainda a correlações moderadamente baixas e positivas entre a *Ansiedade de Separação e Dependência* e a *Independência Conflitual* e moderadamente elevadas e negativas entre esta dimensão da vinculação e a *Independência Emocional*. Finalmente, verificam-se correlações baixas a moderadas e negativas entre a *Inversão de Papéis* e a *Independência Conflitual*.

À semelhança das correlações com o *IPPA*, a estrutura das correlações replica, na generalidade, em ambos os progenitores, tanto em termos do sentido como da extensão.

Se bem que os resultados correlacionais obtidos com o *PSI* confirmem as hipóteses formuladas, o sentido de alguns valores merece algumas considerações. De facto, seria esperado que a *Inibição da Exploração e da Individualidade* não estivesse correlacionada positivamente com a *Independência Emocional* e que, pelo contrário, a *Independência Emocional* apresentasse uma associação positiva com a *Qualidade do Laço Emocional*. As correlações, porém, apontam no sentido contrário, desconfirmando estas hipóteses.

Uma vez associações imprevisíveis entre dimensões do *PSI* e outros indicadores terem sido reportadas em estudos anteriores (Dias, 1996; Rice *et al.*, 1995), julgamos ser pertinente fazer uma avaliação rigorosa dos itens que

constituem cada dimensão, procurando discernir quanto à validade de conteúdo. De facto, relativamente à dimensão *Independência Emocional*, assistimos a um conjunto de itens, cujas respostas no polo negativo poderão igualmente ser interpretadas como distanciamento ou desvinculação emocional, uma dimensão que facilmente se poderá confundir com independência emocional, mas que não pressupõe a aquisição de uma autonomia emocional. Deste modo, poderíamos supor que contextos familiares inibitórios da exploração e da construção da individualidade facilitem o distanciamento emocional, ainda que não garantam que este processo assente na consolidação de uma autonomia plena, ou seja, uma autonomia que integra a relação com os outros. Por outro lado, uma relação de vinculação implica sempre a capacidade para depender emocionalmente de alguém, sem, no entanto, neste processo existir perda de individualidade. A correlação inversa entre *Qualidade do Laço Emocional* e *Independência Emocional* poderá precisamente revelar esta dinâmica. Isto é, a dependência associada à qualidade da relação será interpretada em termos de proximidade emocional exigida na relação de vinculação.

3.6.1.4. Relações entre o QVPM e o *Self-Description Questionnaire III*

Amostra. A amostra consiste em 350 sujeitos de ambos os sexos, sendo que 49,4% pertencem ao sexo feminino e 50,6% ao sexo masculino. As idades são compreendidas entre os 16 e os 21 anos (M = 17,68 anos; DP = 0,86). Todos os sujeitos frequentam o 12º ano de escolaridade, sendo que, na sua maioria (79,4%), estão inseridos em famílias intactas.

Instrumento. O *Self-Description Questionnaire III* (*SDQ III*; Marsh, 1988) destina-se a avaliar o conceito de si próprio de adolescentes do ensino

secundário, baseando-se no modelo teórico de Shavelson (Shavelson & Bolus, 1982; Shavelson, Hubner & Stanton, 1976), que assume a multidimensionalidade do constructo. Embora seja constituído na sua totalidade por 11 escalas (10 escalas referentes a domínios diversos e uma escala avaliando o conceito de si próprio global), apenas se utilizaram, para efeitos da validação do QVPM, as escalas que avaliam o conceito de si próprio nos 4 domínios seguintes: (1) relações com os pais; (2) estabilidade emocional; (3) matemática e (4) conceito de si próprio global.

Este instrumento, bem como outros semelhantes destinados a populações mais jovens (*SDQ I* e *SDQ II*, Marsh, 1988; Marsh *et al.*, 1983) têm sido amplamente estudados em Portugal por Faria e Fontaine (Faria, 1996; Faria & Fontaine, 1990; Fontaine, 1990, 1991), tendo-se recorrido à versão portuguesa das autoras.

Avaliação das qualidades psicométricas. Efectuaram-se análises factoriais exploratórias de componentes principais com rotação *varimax*, tendo-se obtido uma estrutura final em seis factores, com uma variância total explicada de 58%. Os valores da consistência interna dos 4 factores são de 0,92 , 0,92, 0,89 e 0,76 para as escalas conceito de si próprio global, matemática, relações com os pais e estabilidade emocional, respectivamente. As correlações entre os factores apresentam-se no sentido esperado (Quadro 17).

Resultados e Discussão. As correlações entre as dimensões do *SDQ III* e as do QVPM podem ser observadas no Quadro 17. Após análise dos resultados correlacionais, verifica-se a existência de correlações significativas entre todas as dimensões da vinculação e as do conceito de si próprio, com as seguintes excepções: (1) o domínio da *Matemática* não apresenta nenhuma correlação significativa; (2) a dimensão de *Ansiedade de Separação e Dependência* apenas apresenta correlações, baixas a moderadas, com o domínio do conceito de si próprio na *Relação com os Pais*.

Quadro 17.

Correlações de Pearson entre o QVPM e o SDQ III

	SDQ III			
	Global	**Estabilidade Emocional**	**Matemática**	**Relações com os Pais**
SDQ III				
Global	1	0,557**	0,113*	0,414**
Estabilidade Emocional		1	0,066	0,348**
Matemática			1	0,104
Relações com os Pais				1
QVPM				
Mãe				
Inibição da Exploração	-0,290**	-0,221**	-0,051	-0,633**
Laço Emocional	0,166**	0,171**	-0,040	0,473**
Ansiedade de Separação	-0,096	-0,091	-0,100	0,220**
Inversão de Papéis	-0,242**	-0,186**	-0,068	-0,330**
Pai				
Inibição da Exploração	-0,338**	-0,237**	-0,070	-0,654**
Laço Emocional	0,207**	0,162**	0,012	0,532**
Ansiedade de Separação	0,036	0,018	-0,060	0,399**
Inversão de Papéis	-0,195**	-0,133*	-0,078	-0,239**

Nota. ** p < 0,01; * p <005

Todas as correlações são semelhantes no sentido e na extensão na relação com a mãe como na relação com o pai, com a excepção da correlação entre a *Ansiedade de Separação* e a *Relação com os Pais* que é superior para a relação com o pai.

De um modo geral, todos os valores das correlações são baixos, assistindo-se, porém, no domínio da *Relação com os Pais,* a correlações

moderadamente elevadas. O sentido das correlações confirma as expectativas, *i.e.*, valores elevados na dimensão *Inibição da Exploração e da Individualidade* estão associados a um menor conceito de si próprio nos domínios da *Estabilidade Emocional*, da *Relação com os Pais* e na percepção *Global* de si próprio. Por sua vez, valores elevados de *Qualidade do Laço Emocional* relacionam-se com valores elevados de conceito de si próprio nos mesmos domínios.

3.6.1.6. Conclusão dos estudos correlacionais

Os estudos realizados para avaliar a validade de constructo do QVPM tendem a dar mostras de que as dimensões que organizam o instrumento se comportam relativamente a outras variáveis de acordo com o esperado.

Em primeiro lugar, a convergência das dimensões do QVPM e do *IPPA*, indicada pela magnitude das correlações, dá indicações de que ambos os instrumentos medem constructos semelhantes, ainda que não idênticos. Sobretudo a dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* é disso prova, quando, embora correlacionando-se com as dimensões do *IPPA*, o faz apenas baixa a moderadamente. Esta dimensão parece estar relacionada com uma vertente mais emocional, que atravessa a relação pais-filhos e a que o *IPPA* parece não ser tão sensível. A confirmar esta hipótese estão também os valores moderadamente elevados, encontrados nas correlações desta dimensão com a *Independência Emocional* do *PSI*. Se, de facto, a dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* está correlacionada com uma magnitude baixa com *Independência Conflitual*, o mesmo não poderá dizer-se relativamente à *Independência Emocional*. Como era previsível, relações familiares experienciadas com elevada ansiedade de separação relativamente aos progenitores tendem a criar dificuldades no processo de separação-individuação

do adolescente, muito particularmente ao nível da aquisição da sua independência emocional.

Mas se a *Ansiedade de Separação e Dependência* se constitui como um melhor preditor da *Independência Emocional*, a *Inibição da Exploração e da Individualidade* parece predizer melhor a *Independência Conflitual*. Ainda que não esquecendo o facto de o sentido das correlações ser gerador de discussão, a qual nos escusamos de repetir neste momento, o facto das magnitudes das associações serem diferenciais consoante as variáveis em causa aponta para a multidimensionalidade do conceito da vinculação subjacente à organização do instrumento. De salientar, ainda, que a dimensão *Qualidade do Laço Emocional* parece integrar simultaneamente componentes emocionais e cognitivas, expressas no modo como se associa de forma semelhante a ambas as independências, emocional e conflitual do processo de separação-individuação.

Também os resultados obtidos com o *SDQ III* permitem uma maior aproximação à definição do constructo subjacente ao QVPM. De facto, conforme seria de esperar, a dimensão do conceito de si próprio que mais se correlaciona com a vinculação parental é precisamente aquela que avalia o conceito de si próprio na relação com os pais. Todos os restantes domínios, embora comportando-se no sentido esperado, apresentam correlações muito baixas. Este resultado poderá indiciar que, se a vinculação parental continua a exercer um efeito importante no desenvolvimento de representações acerca de si próprio em diversas áreas da vida do jovem, ele poderá sofrer a mediação de outras variáveis, como, por exemplo, a qualidade dos acontecimentos vividos na interacção com os pares.

De acordo com a hipótese previamente formulada, o conceito de si próprio no domínio académico da Matemática não parece estar associado directamente à vinculação do adolescente aos pais. Uma vez que, na idade considerada na nossa amostra, é suposto o conceito de si próprio neste domínio ser influenciado

por critérios objectivos de realização, não era esperada a interferência de um contexto essencialmente emocional, como o é o da vinculação.

A finalizar, apenas uma referência às características psicométricas dos instrumentos utilizados para medir as variáveis de critério. As provas obtidas da adequação psicométrica dos mesmos, associadas, ainda, ao tamanho das amostras, conferem uma maior credibilidade aos resultados obtidos.

3.6.2. Estudos diferenciais

3.6.2.1. Objectivos e hipóteses

Um dos objectivos da utilização deste instrumento é a avaliação de diferenças nas dimensões de vinculação em função de diversas variáveis. Entre estas assumem particular relevância aquelas que têm que ver com o *género* tanto do adolescente como do progenitor. Como já tivemos a ocasião de rever no Capítulo 5, diversos estudos no âmbito das relações entre pais e filhos sugerem que os adolescentes tendem a caracterizar a relação com cada progenitor de forma diferencial (Collins & Russel, 1991; Hill & Holmbeck, 1986; Paterson *et al.*, 1994; Pipp *et al.*, 1985), para além destas representações variarem igualmente em função do género do adolescente (Moore, 1987; West *et al.*, 1998). Mais, o funcionamento de cada díade familiar (pai-filho, pai-filha, mãe-filho, mãe-filha) poderá desempenhar um papel particular na previsão de variáveis desenvolvimentais (Cooper & Grotevant, 1987; Kerns & Stevens, 1996). Finalmente, o género, de um modo geral, tem sido considerado uma variável importante no estudo das relações humanas, de acordo com perspectivas que assumem que homens e mulheres conferem um papel desigual às dimensões de independência e de relacionamento nas suas vidas (Gilligan, 1982; Josselson, 1988).

Tendo presente a revisão da investigação empírica efectuada (cf. Capítulo 5) e considerando a organização social portuguesa, espera-se que as raparigas, comparativamente com os rapazes, representem a relação com a mãe como sendo mais próxima emocionalmente e a relação com o pai como mais inibidora de movimentos exploratórios.

Para além das diferenças de género, procura-se igualmente avaliar em que medida a *composição familiar* poderá estar associada às representações de vinculação. Mais especificamente, contrastam-se famílias tradicionais constituídas por ambos os progenitores, com famílias monoparentais decorrentes de perdas reais, de divórcios ou de outras situações de separação[20]. Embora a investigação empírica não apresente dados consistentes relativamente a esta questão (cf. Capítulo 5), a teoria da vinculação assume claramente a influência de situações de perda real ou simbólica, não apenas na activação de comportamentos de vinculação, mas também na qualidade da relação estabelecida (Bowlby, 1973). Ou seja, situações de separação conjugal, de divórcio ou de perda real de um cônjuge podem interferir na disponibilidade das figuras de vinculação para responder de forma sensível às necessidades dos filhos, aumentando o risco do desenvolvimento de vinculações mais inseguras. Importa, no entanto, referir que a teoria da vinculação também confere um papel importante à natureza e à qualidade das relações familiares previamente existentes a estes acontecimentos críticos na resolução adaptativa de situações desta natureza (*vide* Capítulo 1).

---

[20] Estamos conscientes de que as situações de perda enumeradas se diferenciam entre si do ponto de vista do impacto que poderão produzir nos elementos da família (ver Costa, 1994). Por questão de conveniência, e nomeadamente em ordem a constituir uma amostra com um número de sujeitos razoável, optámos por reuni-las num só grupo. Em todo o caso, refira-se que em 29 participantes, os pais estão separados ou divorciados, em 18 existe uma situação de viuvez, em 2, apesar de os pais serem casados, os sujeitos não moram com ambos, e finalmente num caso, não existe qualquer relacionamento entre os pais.

Finalmente, realizam-se estudos diferenciais de carácter exploratório que pretendem avaliar a relação das dimensões de vinculação familiar com variáveis como o *agrupamento vocacional,* o número de irmãos na *fratria,* o *nível ocupacional* do pai e da mãe, bem como a *escolaridade* dos mesmos. Note-se que na medida em que são exploratórios, estes últimos estudos não desempenham um papel significativo no processo de validação do instrumento. Todavia, a sua inclusão permite recolher elementos de interesse para discussão futura.

3.6.2.2. Tratamentos estatísticos

Em ordem a testar em que medida este instrumento é sensível às diferenças enumeradas; procedeu-se, então, à realização de procedimentos estatísticos que recorreram à Análise de Variância Multivariada[21] (MANOVA, traço de Pillai[22]) num primeiro momento, e à condução de testes de *follow-up*, muito particularmente ANOVAs (teste de Scheffé) num segundo momento, quando a estatística de Pillai se mostrou significativa. Uma vez se terem encontrado diferenças significativas em função do género do adolescente, todas as análises subsequentes introduziram o género como covariante, em ordem a controlar estes efeitos. Para a avaliação das diferenças em função do género do progenitor, realizaram-se

[21] A Análise de Variância Multivariada (MANOVA) apresenta vantagens sobre a análise de variância simples (ANOVA), quando se utilizam mais do que uma variável dependente, porque toma em consideração as correlações entre as diferentes variáveis dependentes. Tende assim a controlar os erros de Tipo I e Tipo II (Haase & Ellis, 1987).

[22] O traço de Pillai tem sido considerado por diversos autores como a estatística mais robusta na presença de eventuais violações de pressupostos gerais, como poderá ser aquele que prevê a igualdade de matrizes de variância e de covariância. Em face à possibilidade deste pressuposto não ser assumido, decidiu-se pela escolha desta estatística (Olson, 1976).

testes t de Student. Para facilitar a leitura dos resultados, optou-se por apresentar apenas os quadros que dizem respeito às variáveis que registam diferenças significativas.

Refira-se, apenas por último, que a amostra utilizada e o procedimento seguido na administração dos instrumentos são aqueles que serviram para efeitos de avaliação da estrutura factorial (ponto 3.2.), pelo que não se procederá de novo à sua descrição.

3.6.2.3. Diferenças em função do género do adolescente e do progenitor

O Quadro 18 apresenta os valores das médias e dos desvios-padrão nas dimensões do QVPM de acordo com o género dos adolescentes e dos pais.

Quadro 18.

Médias e desvios-padrão de acordo com o género dos adolescentes e dos pais

		Raparigas		Rapazes		
Dimensões	Intervalo	M	DP	M	DP	Diferenças
Mãe						
IEI	4-52	26,31	5,23	27,00	5,11	F = Ma
QLE	4-32	23,95	2,13	23,26	2,57	F > Ma*
ASD	4-28	16,75	2,40	15,91	2,71	F > Ma*
IP	4-24	9,94	2,52	10,80	2,90	F < Ma**
Pai						
IEI	4-52	26,85	5,49	26,91	5,07	F = Ma
QLE	4-32	23,56	2,52	23,29	2,39	F = Ma
ASD	4-28	16,49	2,51	15,73	2,50	F > Ma*
IP	4-24	9,94	2,42	10,82	3,05	F < Ma**

Nota. ** p < 0,001; * p < 0,01. Valores mais elevados indicam maiores níveis de *Inibição da Exploração e da Individualidade* (IEI), de *Qualidade do Laço Emocional* (QLE), de *Ansiedade de Separação e Dependência* (ASD) e de *Inversão de Papéis* (IP). F = amostra feminina; Ma = amostra masculina.

Resultados. As Análises de Variância Multivariada indicam diferenças significativas em função do género dos adolescentes (F(8, 432) = 5,506; p = 0,000). Testes de *follow-up* apontam para valores mais elevados nas raparigas comparativamente com os rapazes na dimensão *Qualidade do Laço Emocional* apenas relativamente à mãe (F(1, 439) = 9,366; p = 0,002) e na dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* quer relativamente à mãe (F(1, 439) = 11,648; p = 0,001) quer ao pai (F(1, 439) = 9,744; p = 0,002). Finalmente, na dimensão *Inversão de Papéis* são os rapazes que apresentam valores mais elevados quer na relação com a mãe (F(1, 439) = 11,003; p = 0,001) quer com o pai (F(1, 439) = 11,413; p = 0,001). Não se encontraram diferenças significativas de género na dimensão *Inibição da Exploração e da Individualidade* em relação a ambas as figuras parentais.

Relativamente às diferenças em função do género dos progenitores, os resultados evidenciam diferenças significativas na comparação das representações parentais apenas para a amostra feminina. As raparigas apresentam valores mais elevados na dimensão *Qualidade do Laço Emocional* (t = 2;969; p = 0,003) relativa à mãe comparativamente com os valores na relação com o pai.

Discussão. De acordo com as hipóteses enunciadas e resultados de estudos anteriores (Bell, 1998; Benson, Harris & Rogers, 1992; Berman & Sperling, 1991; Kenny, 1994; Kenny & Donaldson, 1991; Frank et *al.*, 1988), comparadas com os rapazes, as raparigas representam as relações com as figuras parentais de modo mais próximo emocionalmente, apresentando igualmente níveis mais elevados de ansiedade de separação relativamente à mãe[23]. Por outro lado, tal como evidenciado na revisão da literatura

[23] Note-se que uma amostra aleatória de 361 participantes proveniente desta amostra de 441 sujeitos evidenciou diferenças de género também relativamente à dimensão da *Qualidade de Laço*

(Paterson *et al.*, 1994; Pipp *et al.*, 1985; Youniss & Smollar, 1985), as raparigas descrevem a relação com a mãe como sendo mais investida do ponto de vista emocional do que a relação com o pai, embora esta apresente igualmente níveis superiores de ansiedade de separação, possivelmente reveladores de uma relação mais dependente. Finalmente, os rapazes percepcionam mais situações de inversão de papéis com ambos os pais, comparativamente com as raparigas. O conteúdo dos itens relativos à dimensão da *Inversão de Papéis* indica que, provavelmente, os rapazes desenvolvem mais relacionamentos ambivalentes com os pais, tendo mais dificuldade em negociar a existência de um relacionamento próximo que não implique a perda de autonomia. Sentimentos de abandono e a necessidade de um relacionamento íntimo são verbalizados, mas simultaneamente os adolescentes parecem assumir a responsabilidade da situação, tendo uma visão negativa do *self*.

Estes resultados não significam, porém, que o pai não seja uma figura de vinculação importante para o adolescente ou que não seja tão competente na prestação de apoio e de cuidados como a mãe. Além disso, também não sugerem que os rapazes não desenvolvem laços de afectividade no seio da família ou que para eles não seja importante a proximidade emocional com os pais Os valores das médias obtidas pela amostra masculina e pela amostra feminina nestas dimensões dão bem conta da importância dos relacionamentos caracterizados por fortes laços emocionais tanto relativamente ao pai como relativamente à mãe.

Das dimensões que integram o QVPM, apenas a *Inibição da Exploração e da Individualidade* não evidenciou diferenças significativas em função do género,

---

Emocional na relação com o pai, no sentido semelhante à da relação com a mãe, tendo as raparigas obtido resultados mais elevados comparativamente aos pais (Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999). Outro estudo que recorreu ao QVPM evidenciou resultados idênticos com uma amostra independente de 296 adolescentes e jovens adultos (Oliveira & Costa, 2001).

contrariamente às expectativas e a resultados obtidos em estudos anteriores (Baptista & Lory, 1997; Lopez, 1996; Rice *et al.*, 1997). Este resultado é particularmente interessante, se tivermos em conta que tradicionalmente as famílias portuguesas tendem a encorajar mais a autonomia e a independência dos rapazes e a proteger mais as raparigas dos "riscos" associados a movimentos exploratórios. No entanto, se os pais actuam e se *comportam* de uma forma diferenciada perante os seus filhos em função do género dos mesmos (o que poderia ser acessível apenas a partir de observações naturalistas), estes resultados indicam que os adolescentes da nossa amostra *percepcionam* as atitudes e os comportamentos dos pais de modo semelhante. Um estudo conduzido muito recentemente com uma amostra representativa da população portuguesa apoia, em certa medida, esta ausência de diferenças, ao identificar a democratização das relações familiares como uma das mudanças mais significativas dos últimos 30 anos (Pais, Borges, Pires, Antunes, Ferreira, Vasconcelos & Ferreira, 1998). Ambos os resultados poderão traduzir, pelo menos ao nível das representações, mudanças nos papéis tradicionais associados ao género na sociedade portuguesa, significando que as relações parentais têm sido mais capazes de ultrapassar possíveis constrangimentos associados ao género. Não está, contudo, posta de parte a possibilidade de rapazes e raparigas construírem expectativas diferentes relativamente aos comportamentos parentais, que camuflam a presença de diferenças reais.

Em suma, os resultados acima enumerados apontam para a importância de se considerarem diferenças entre os quatro tipos de relacionamento sempre que se estudar a vinculação parental na adolescência.

3.6.2.4. Diferenças em função da composição familiar do adolescente

A partir das respostas dos sujeitos ao item "com quem vivo", procedeu-se à composição de dois grupos contrastantes. O primeiro, com um total de 441 sujeitos, engloba as famílias constituídas por ambos os pais e filho(s); o segundo totaliza apenas 50 sujeitos que vivem em famílias monoparentais.

O Quadro 19 apresenta os valores das médias e dos desvios-padrão nas dimensões do QVPM de acordo com a situação familiar do adolescente.

Quadro 19.

Médias e desvios-padrão de acordo com a situação familiar do adolescente

	Famílias intactas (n=441)		**Famílias monoparentais** (n=50)		
Dimensões	M	DP	M	DP	Diferenças
Mãe					
IEI	22,59	6,31	21,95	6,58	I = M
QLE	23,67	2,33	23,60	2,60	I = M
ASD	16,41	2,57	16,16	2,71	I = M
IP	10,30	2,71	10,82	3,09	I = M
Pai					
IEI	23,07	6,65	25,07	6;46	I < M*
QLE	23,46	2,47	21,70	3,33	I > M***
ASD	16,17	2,53	15,20	2,44	I > M**
IP	10,31	2,73	10,37	2,54	I = M

Nota. *** p < 0,001; ** p < 0,01; * p < 0,05. I = famílias intactas; M = famílias monoparentais.

Resultados. A partir da realização de uma MANOVA (que teve em consideração a existência de grupos desiguais), verificou-se a presença de diferenças significativas (F(8, 481) = 5,395; p < 0,001) apenas nas dimensões da vinculação ao pai. Testes de *follow-up* indicam que na dimensão *Inibição da Exploração e da Individualidade* os valores mais elevados pertencem ao grupo de sujeitos de famílias monoparentais (F(1, 489) = 4,129; p = 0,043). Por sua vez,

são os sujeitos inseridos nas famílias intactas que apresentam valores mais elevados na dimensão *Qualidade do Laço Emocional* (F(1, 489) = 21,161; p < 0,001), bem como na dimensão *Ansiedade de Separação* (F(1, 489) = 7,169; p = 0,008).

3.6.2.5. Diferenças em função da idade, do agrupamento vocacional, do tamanho da fratria, do nível ocupacional e da escolaridade do pai e da mãe

3.6.2.5.1. Idade

Para analisar as diferenças em função da idade dos sujeitos, optou-se por distribuir os sujeitos por dois grupos, sendo o primeiro composto por indivíduos com 16 e 17 anos de idade (n=290) e o segundo por indivíduos com 18 e mais anos de idade (n=150). Não se encontraram diferenças significativas em função desta variável (F (8; 430) = 0,920, p = 0,499).

3.6.2.5.2. Agrupamento vocacional

Relativamente à análise de diferenças em função do agrupamento vocacional, verifica-se que a amostra se distribui da seguinte maneira: Científico-Natural, n = 196; Humanidades, n = 103; Económico-Social, n = 98 e Artes, n = 39. Mais uma vez não foram encontradas diferenças significativas em função do agrupamento vocacional (F(24; 1278) = 1,299, p = 0,152).

3.6.2.5.3. Tamanho da fratria

No que respeita a condição 'tamanho da fratria', constituíram-se três grupos: o primeiro engloba os sujeitos que não têm irmãos (n=84), o segundo inclui os sujeitos que têm um ou dois irmãos (n=334) e o terceiro é composto pelos restantes elementos da amostra que têm 3 ou mais irmãos (n=23). Não foram

encontradas diferenças significativas em função desta variável (F (16, 862) = 0,457, p = 0,966).

3.6.2.5.4. Nível ocupacional dos pais

Quanto ao nível ocupacional do pai, procedeu-se também a uma categorização em três grupos principais: nível ocupacional baixo (n=168), médio (n=171) e alto (n=78). As categorias de reformado (n=16) e desempregado (n=5) foram omitidas por se considerar serem pouco representativas. Não se assistiu igualmente a um efeito principal desta variável (F (16, 814) = 1,643, p= 0,053).

Relativamente ao nível ocupacional da mãe optou-se pela mesma categorização, tendo a amostra assumido a seguinte distribuição: nível ocupacional baixo (n=224), médio (n=123) e alto (n=61). As categorias de reformada (n=6), desempregada (n=4) e doméstica (n=17) foram omitidas pela razão acima mencionada. Também no que diz respeito a esta variável não foram encontradas diferenças significativas (F (16, 796) = 0,810, p = 0,675).

3.6.2.5.5. Escolaridade dos pais

No que concerne a escolaridade dos pais, numa primeira categoria incluíram-se aqueles sujeitos que têm a escolaridade do 1º ao 6º ano (n = 183), numa segunda categoria os sujeitos desde o 7º até ao 12º anos (n = 134) e numa terceira categoria englobaram-se os sujeitos que têm formação de nível superior, i.e., cursos médios, politécnicos, bacharéis, licenciados ou mais (n = 98). Não se observaram diferenças significativas em função da escolaridade (F (16, 810) = 1,119; p= 0,332).

Relativamente à escolaridade da mãe, procedeu-se a uma categorização em tudo idêntica à realizada para o pai. Assim, a distribuição da amostra foi a seguinte: sujeitos com escolaridade do 1º ao 6º anos (n=213), sujeitos com escolaridade compreendida entre o 7º e 12º anos (n=106) e, finalmente, os

sujeitos com formação de nível superior (n=92). Não se evidenciaram diferenças significativas (F (16, 802) = 0,955; p = 0,505).

3.6.2.6. Conclusão dos estudos diferenciais

Os estudos diferenciais conduzidos em função do género permitem-nos identificar padrões distintos nas representações de vinculação familiar associadas ao género do adolescente e do progenitor, evidenciando, deste modo, a sensibilidade do instrumento. Por outro lado, os resultados chamam a atenção para a importância de se recorrer, no estudo da vinculação no adolescente e jovem adulto, a instrumentos que permitam a recolha das respostas relativamente a cada figura parental, no sentido de se proceder a uma avaliação mais fina do impacto da relação com cada progenitor no desenvolvimento do adolescente.

Também os resultados obtidos em função da composição familiar do adolescente são consistentes com estudos anteriores, que evidenciam o facto de, em famílias monoparentais, os adolescentes referirem menos oportunidades de interacção e menor proximidade afectiva com a figura paterna (Paterson *et al.*, 1984; Smollar & Youniss, 1985; Youniss & Ketterlinus, 1987).

Finalmente, e à semelhança dos resultados encontradas na infância (Ainsworth, 1989) e com amostras de adolescentes (Kenny, 1994; Soares, 1996), os resultados dos estudos mais exploratórios indicam que a teoria da vinculação parece ser válida para diferentes níveis de escolaridade e profissionais, enfatizando a sua relevância para a compreensão das relações humanas.

3.6.3. Análises de *clusters*

No sentido de avaliar a existência de configurações específicas na organização das dimensões, foram realizados procedimentos estatísticos de análise de *clusters* (K-Means e Simple Euclidian Distance). Pretendia-se testar em que medida os padrões de resultados que definiriam os diferentes *clusters* de indivíduos seriam consistentes com o modelo de Bartholomew, esperando-se que

os valores nas dimensões avaliadas pelo instrumento se organizassem por forma a evidenciarem os quatro protótipos de vinculação - o *seguro*, o *preocupado*, o *amedrontado* e o *desinvestido*. Uma vez se terem observado algumas diferenças em função do género do progenitor, testaram-se diferentes soluções separadamente, de acordo com as respostas relativas à relação com o pai e à relação com a mãe. Critérios de interpretabilidade apoiaram uma solução em 4 *clusters* para ambas as estruturas.

Após determinação das soluções, realizaram-se igualmente análises de variância multivariada para observar a variabilidade de cada uma das dimensões em função dos *clusters* de pertença e legitimar a especificidade de cada configuração (Quadro 20 e Quadro 21), introduzindo-se, mais uma vez, o género como covariante. Por outro lado, este procedimento permite avaliar com mais rigor que dimensões de facto diferem entre os *clusters*, já que é esperada, de acordo com o modelo de Bartholomew, a existência de determinadas semelhanças entre protótipos de quadrantes próximos.

No que diz respeito à mãe, observa-se, como seria de esperar, um efeito principal do *cluster* ($F(24, 1296) = 37{,}030$, $p < 0{,}001$), sendo que as diferenças entre os valores de cada dimensão entre os vários *clusters* estão assinalados no Quadro 20. Também relativamente ao pai, se observa um efeito principal do *cluster* ($F(24, 1296) = 38{,}419$, $p < 0{,}001$), apresentando-se os resultados da MANOVA no Quadro 20. Nas figuras 3 e 4 é possível obter uma visão de como os quatro *clusters* se distinguem nas variáveis do QVPM.

Os resultados observados permitem ler ambas as estruturas configuracionais, determinadas pelas análises em *clusters,* à luz do modelo de vinculação de Bartholomew. Comparativamente com os restantes *clusters*, o primeiro é caracterizado por valores reduzidos de *Inibição da Exploração e Individualidade* e de *Inversão de Papéis*, valores elevados de *Qualidade do Laço Emocional* e moderados de *Ansiedade de Separação,* evidenciando, assim, o grupo seguro.

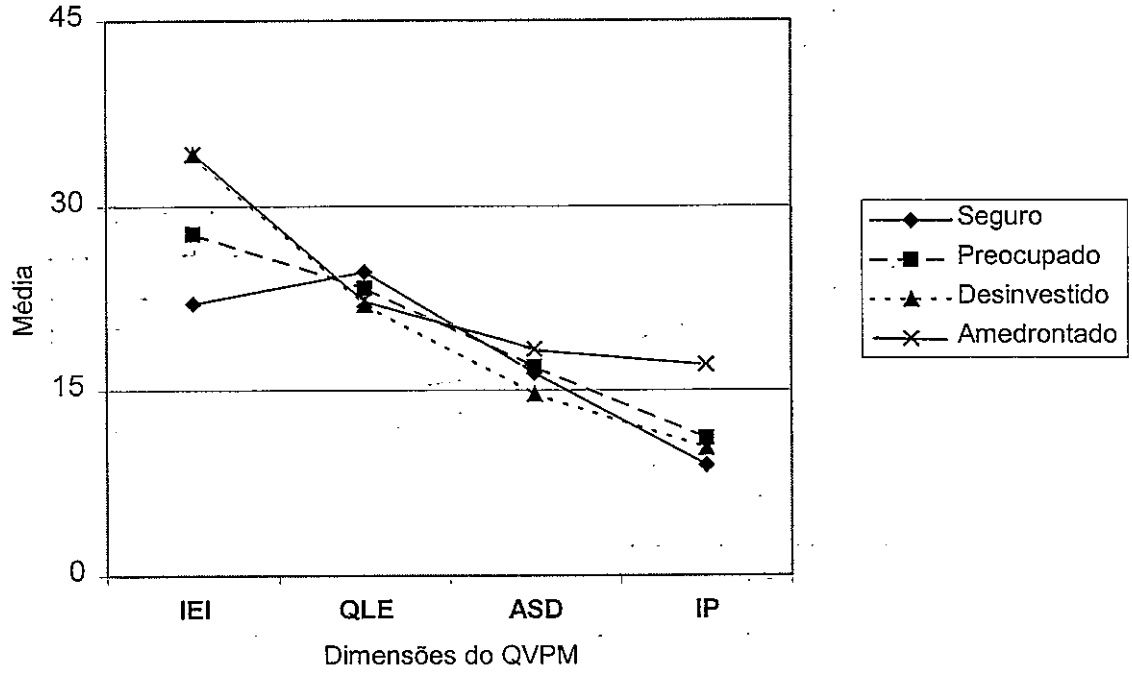
Quadro 20.

Análise de clusters do QVPM - versão mãe

Dimensões	*Clusters*			
	Seguro (n=197)	**Preocupado** (n=150)	**Desinvestido** (n=71)	**Amedrontado** (n=23)
IEI	22,09[a]	27,76[b]	34,18[c]	34,24[c]
QLE	24,67[a]	23,33[b]	21,98[c]	22,40[c]
ASD	16,40[a]	16,91[a]	14,70[b]	18,37[c]
IP	8,93[a]	11,07[b]	10,30[c]	17,09[d]

Nota. Valores mais elevados indicam níveis maiores de *Inibição da Exploração e da Individualidade* (IEI), de *Qualidade do Laço Emocional* (QLE), de *Ansiedade de Separação e Dependência* (ASD) e de *Inversão de Papéis* (IP). Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada *cluster* ao nível dimensional. Todas as diferenças são significativas a $p < 0,001$, com excepção daquelas encontradas para a dimensão QLE entre o *cluster* amedrontado e o preocupado ($p < 0,05$), para a dimensão ASD entre o *cluster* preocupado e o amedrontado ($p < 0,01$), e para a dimensão IP entre o *cluster* preocupado e o desinvestido ($p < 0,01$).

Figura 3. *Clusters do QVPM - Versão Mãe*



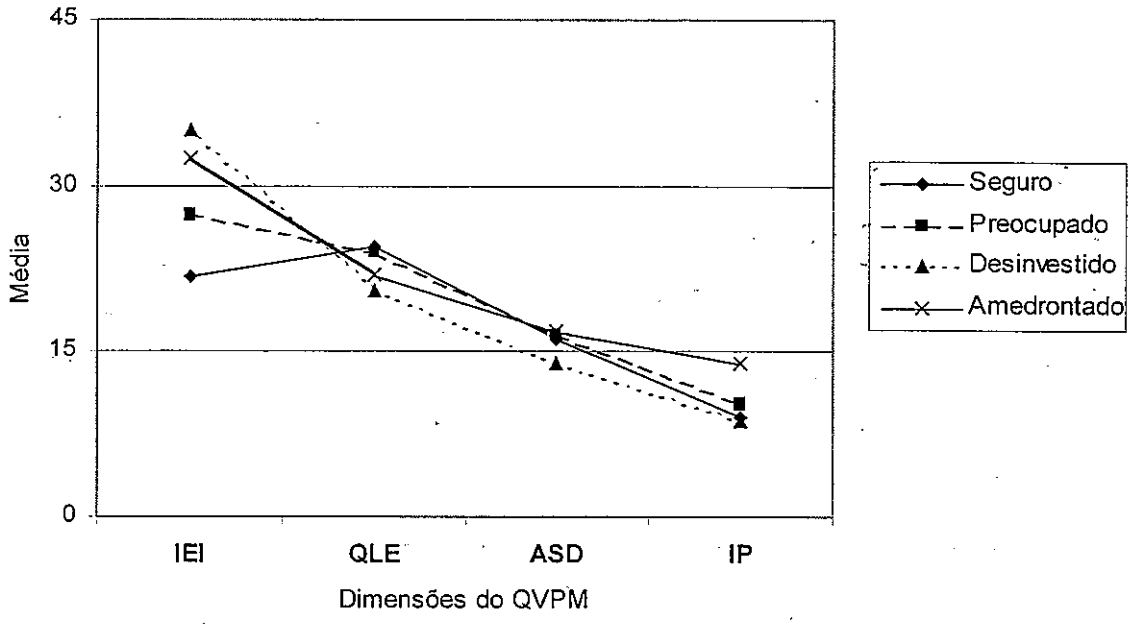
Quadro 21.

Análise de clusters do QVPM – versão pai

Dimensões	*Clusters*			
	Seguro (n=179)	**Preocupado** (n=136)	**Desinvestido** (n=47)	**Amedrontado** (n=79)
IEI	21,85[a]	27,38[b]	35,10[c]	32,52[d]
QLE	24,52[a]	23,88[b]	20,54[c]	22,03[d]
ASD	16,15[a]	16,51[ac]	13,96[b]	16,95[c]
IP	9,06[a]	10,36[b]	8,79[a]	13,95[c]

Nota. Valores mais elevados indicam níveis maiores de *Inibição da Exploração e da Individualidade* (IEI), de *Qualidade do Laço Emocional* (QLE), de *Ansiedade de Separação e Dependência* (ASD) e de *Inversão de Papéis* (IP). Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada *cluster* ao nível dimensional. Todas as diferenças são significativas a $p < 0,001$, com excepção daquelas encontradas para a dimensão ASD entre o *cluster* seguro e o amedrontado ($p < 0,05$), e para a dimensão QLE entre o *cluster* seguro e o preocupado ($p < 0,01$).

Figura 4. *Clusters do QVPM - Versão Pai*



Repare-se que, tanto na versão pai como na versão mãe, os valores de *Inibição da Exploração e Individualidade* e de *Qualidade do Laço Emocional* deste grupo considerado seguro se diferenciam significativamente de todos os outros *clusters*, na medida em que nenhum outro *cluster* tem valores tão reduzidos de *Inibição da Exploração e Individualidade* e tão elevados de *Qualidade do Laço Emocional.* Por sua vez, no que toca à *Ansiedade de Separação e Dependência,* verificamos que este grupo só não se diferencia significativamente do *cluster* 2, que supostamente revelará o grupo preocupado, o que, aliás, está de acordo com o esperado teoricamente, uma vez que ambos os protótipos terão subjacente um modelo representacional positivo dos outros, que se traduz na capacidade para confiar e depender dos outros.

Em contraste com este, o terceiro *cluster* reúne sujeitos com valores elevados de *Inibição da Exploração e Individualidade,* valores reduzidos *de Qualidade do Laço Emocional* e de *Ansiedade de Separação e Dependência,* sugerindo o grupo desinvestido. Em ambas as versões, este grupo diferencia-se dos protótipos seguro e preocupado em todas as dimensões (com a excepção já referida anteriormente da *Inversão de Papéis* no pai), sendo que no pai também acontece o mesmo relativamente ao *cluster* 4, supostamente revelador do grupo amedrontado. No que diz respeito à versão mãe, este grupo apresenta valores também muito elevados de *Inibição da Exploração e Individualidade* e muito reduzidos de *Qualidade do Laço Emocional,* mas não diferenciáveis do grupo amedrontado. Observe-se que se trata do grupo com os valores mais baixos de *Ansiedade de Separação e Dependência*, comparativamente com todos os grupos, o que está de acordo com o modelo negativo dos outros, supostamente subjacente à estratégia de evitamento que caracteriza o comportamento destes sujeitos em situações interpessoais.

O *cluster* 4, como já referimos, parece evidenciar o protótipo amedrontado. Repare-se em como este grupo de sujeitos apresenta valores elevados de *Inibição da Exploração e Individualidade* (conjuntamente com o grupo

desinvestido) e de *Inversão de Papéis* e, simultaneamente, valores elevados de *Ansiedade de Separação e Dependência* (os mais elevados na versão mãe e comparáveis com o padrão preocupado na versão pai). De facto, esta configuração deixa bem transparecer o padrão de relacionamento familiar em que estes sujeitos estão envolvidos (ou que pelo menos representam). Por um lado, vêem os seus esforços de exploração e aquisição de autonomia e individualidade coartados, por outro, encontram-se aparentemente dependentes emocionalmente dos seus pais, pelos elevados níveis de ansiedade de separação. Acresce, ainda, o facto de se verem envolvidos em situações de inversão de papéis, das quais provavelmente terão dificuldade em sair.

Finalmente, o segundo *cluster* é definido, comparativamente com os restantes, por níveis moderados de *Inibição da Exploração e Individualidade*, de *Qualidade do Laço Emocional* e de *Inversão de Papéis,* e níveis elevados de *Ansiedade de Separação e Dependência*, revelando o grupo preocupado.

Em síntese, as análises de *clusters* permitiram detectar configurações específicas na organização das dimensões teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação e designadamente o modelo de avaliação de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

3.6.3.1. Distribuição dos *clusters* em função do género

O Quadro 22 apresenta a distribuição dos *clusters* do pai e da mãe em função do género do adolescente. Da análise do quadro, podemos identificar os seguintes elementos:

(a) na generalidade, a distribuição difere daquelas encontradas em outros estudos pela maior prevalência de adolescentes preocupados e menor de seguros[1].

[1] Recorde-se que Bartholomew e Horowitz (1991) encontraram, com uma amostra de 77 jovens universitários, 57% de seguros, 10% de preocupados; 18% de desinvestidos e 15% de

Quadro 22.

Distribuição dos clusters em função do género

Domínios	*Clusters (%)*			
	Seguro	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Vinculação à mãe				
Raparigas	47,7	32,2	17,0	3,1
Rapazes	40,4	36,6	14,8	8,2
Total	45,0	34,0	16,0	5,0
Vinculação ao pai				
Raparigas	39,9	34,1	11,3	14,7
Rapazes	41,5	26,2	9,9	22,4
Total	40,0	31,0	11,0	18,0

(b) a percentagem de adolescentes seguros, desinvestidos e preocupados na relação com a mãe é superior à da relação com o pai; por sua vez observa-se uma maior percentagem de adolescentes amedrontados na relação com o pai (diferença de 13 pontos percentuais) comparativamente com a relação com a mãe (Figura 5); as diferenças nas distribuições da vinculação ao pai e à mãe são estatisticamente significativas, conforme revela uma análise de qui-quadrado (χ^2 (9)= 427,365; p < 0,001);

(c) no que toca à relação com a mãe, e comparando a distribuição em função do género do adolescente, verifica-se que existe uma percentagem mais elevada de raparigas seguras e desinvestidas e uma maior percentagem de rapazes preocupados e amedrontados (Figura 6); as diferenças nas distribuições de acordo com o género do adolescente não são, porém, estatisticamente

amedrontados, e que, numa meta-análise realizada por van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996) de estudos que recorreram à AAI, a distribuição da amostra de adolescentes se revelou semelhante à amostra de adultos, observando-se 55% de autónomos, 9% de preocupados, 16% de desligados, sendo que 19% foram incluídos na categoria "não resolvido".

significativas, muito embora o valor da probabilidade se aproxime do limite da significância estatística (χ^2 (3)= 7,559; p = 0,056);

(d) no que concerne a relação com o pai, e mais uma vez comparando a distribuição por género em cada *cluster*, observa-se uma maior percentagem de raparigas preocupadas e desinvestidas, e uma maior percentagem de rapazes amedrontados (Figura 7); todavia, estas diferenças não são estatisticamente significativas (χ^2 (3)= 5,942; p = 0,114).

Figura 5. *Vinculação à mãe e ao pai para a amostra total*

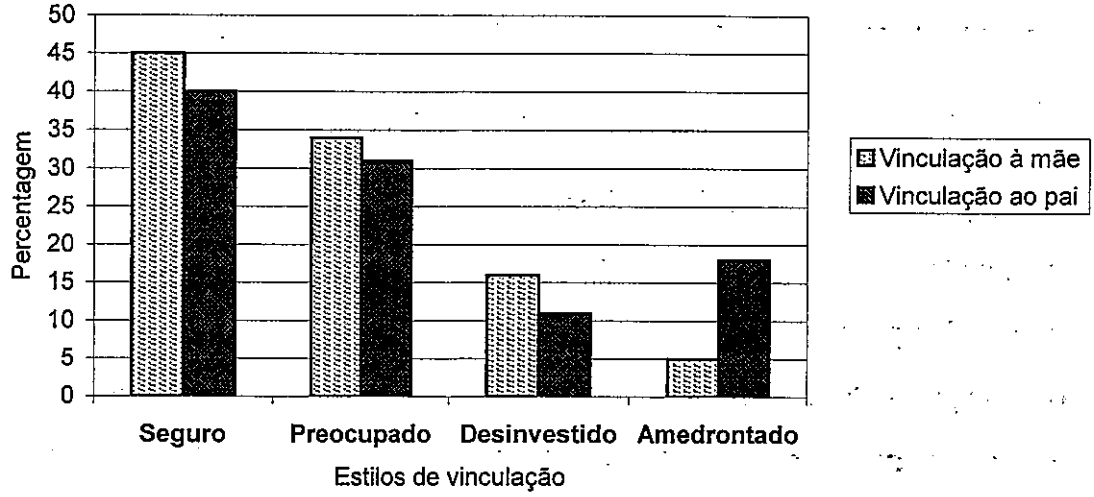


Figura 6. *Vinculação à mãe por género do adolescente*

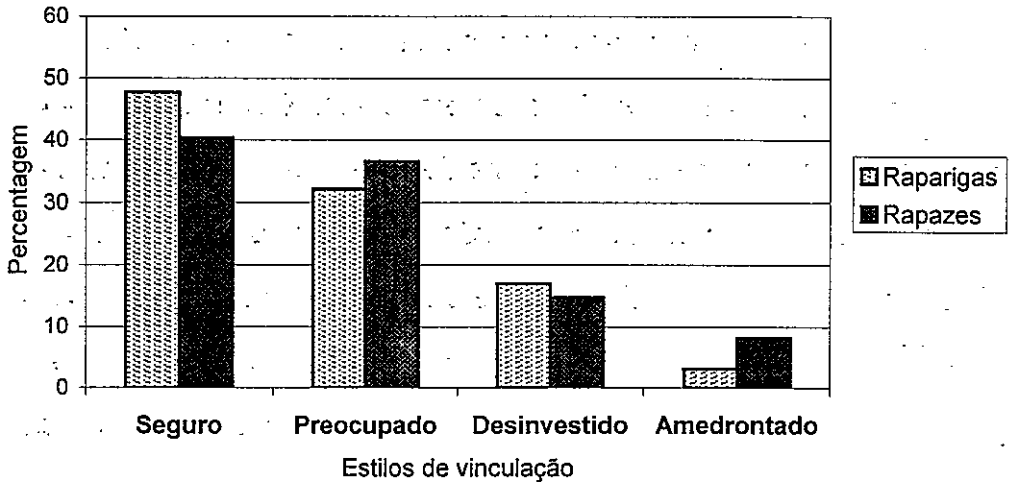
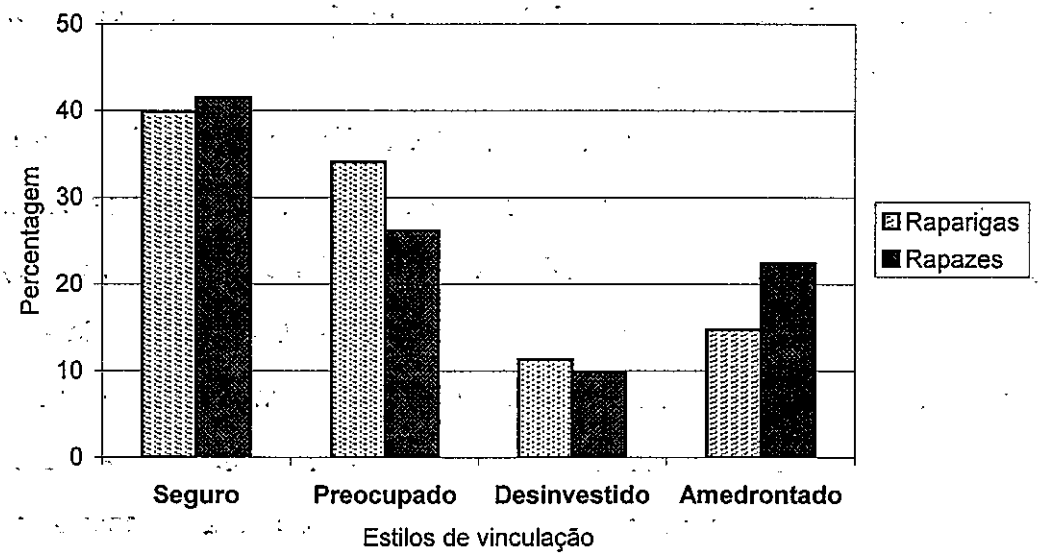


Figura 7. *Vinculação ao pai por género do adolescente*



3.7. Síntese

O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)* é um instrumento de autorelato que se destina a avaliar as representações de vinculação aos pais de adolescentes e jovens adultos. Na sua versão final, é constituído por 44 itens que se organizam em torno de uma estrutura de 4 factores teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação e que designamos por *Inibição da Exploração e da Individualidade*, *Qualidade do Laço Emocional*, *Ansiedade de Separação e Dependência,* e *Inversão de Papéis.* Na generalidade, a estrutura replica com ambas as figuras parentais, sendo que, à excepção do último factor, todos os restantes são bipolares.

O instrumento apresenta valores adequados de consistência interna e de estabilidade no tempo das suas dimensões, sendo que as mesmas se correlacionam no sentido previsto teoricamente, pelo que é legítimo afirmar a sua fiabilidade. De qualquer modo, saliente-se a maior fragilidade da dimensão *Inversão de Papéis,* que apresentou valores abaixo do desejável, designadamente na versão pai.

No que respeita a validade de constructo, verifica-se que o QVPM apresenta relações teoricamente previsíveis com o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (*IPPA*, Armsden & Greenberg, 1987), o *Parental Separation Inventory* (*PSI*, Hoffman, 1984) e o *Self-Description Questionnaire III* (*SDQ III*, Marsh, 1988). Estudos diferenciais demonstram, ainda, que o instrumento é sensível tanto a diferenças de género do adolescente como dos progenitores, na mesma direcção daquelas encontradas em outros estudos. Ou seja, comparadas com os rapazes, as raparigas apresentam valores mais elevados de ansiedade de separação relativamente a ambos os progenitores, representando o laço emocional como mais próximo na relação com a mãe. Por outro lado, quando se compara a relação com cada um dos progenitores, as raparigas descrevem a relação com a mãe como mais investida emocionalmente comparativamente com a relação com o pai. De notar que não foram encontradas diferenças de género do adolescente

na dimensão inibição da exploração e da individualidade, tanto na relação com o pai como na relação com a mãe.

Por outro lado, análises de *clusters* indicam que o QVPM é susceptível de ser lido à luz do modelo de avaliação de Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991), já que as constelações dos resultados dimensionais em cada *cluster* se aproximam de perto do previsto teoricamente. No entanto, a distribuição do número de participantes pelos *clusters* difere, tanto no pai como na mãe, daquela encontrada em outros estudos, muito particularmente no número mais elevado de sujeitos preocupados. Para além da possível interferência da dimensão cultural na explicação desta divergência, refira-se também o facto de a metodologia de observação diferir, sendo que no caso presente se trata de um questionário, e nos estudos referidos se trata de entrevistas semi-estruturadas.

4. O Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) – Estudos de validação

4.1. Versão inicial do QVA

A versão inicial do questionário é constituída por um conjunto de 84 itens, que procuram traduzir as dimensões definidas anteriormente e os padrões de vinculação de Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991). De modo idêntico ao QVPM, também o conjunto final de itens foi escolhido de um vasto leque de itens, após a eliminação daqueles que se revelaram redundantes e/ou pouco compreensíveis. Esta versão preliminar foi submetida a procedimentos de reflexão falada junto de um grupo de estudantes dos ensinos secundário e universitário (N = 21), que deram origem a algumas pequenas alterações, nomeadamente na formulação das instruções. Note-se que a formulação dos itens procurou garantir o reconhecimento pelos adolescentes de ambos os géneros, tendo-se optado por variar de forma intermitente as designações *o(a)*

meu(minha) namorado(a) e *a(o) minha(meu) namorada(o)*.

Instruções. Ao respondente é solicitado que "identifique as respostas que melhor exprimem o modo como se sente na relação que tem com o(a) seu(sua) namorado(a)", pelo que o questionário se centra numa relação específica, podendo esta ser, caso exista, a actual ou aquela que no passado foi a mais duradoira. Caso os sujeitos não tenham ainda tido uma relação, que considerem de namoro, são instruídos a responder "imaginando como gostaria que fosse uma relação sua com um(a) namorado(a)". Por último, é ainda dada a hipótese aos sujeitos de responder ao questionário, na ausência de relações de namoro, mas reportando-se a relações em que tenham "curtido". Os questionários que se inserem nas duas últimas alternativas não serão considerados para efeito das análises factoriais.

Embora o questionário solicite aos sujeitos para, ao responderem, pensarem numa relação específica, pensamos que as respostas são influenciadas tanto por características relacionais da relação actual (ou passada) e do comportamento do companheiro, como também pelos modelos que o sujeito foi construindo ao longo de diferentes relações e que se constituem como expectativas e grelhas de leitura pessoais das relações actuais. Neste sentido, as respostas aos itens são interpretações ou construções das realidades interpessoais e não traduções dessas mesmas realidades, pelo que se assume uma dinâmica interactiva entre características pessoais dos sujeitos envolvidos e características imprimidas pelo sistema relacional.

Formato de Resposta. A escala de resposta distribui-se por quatro alternativas (*é sempre assim, é muitas vezes assim, é poucas vezes assim, nunca é assim*), embora também neste instrumento se tenha alargado para uma escala tipo *Likert* de seis pontos (de *concordo totalmente* a *discordo totalmente*) em

versões posteriores, cujos resultados não serão apresentados neste momento[2].

4.2. Amostra e procedimento

Amostra. O instrumento foi administrado a uma amostra de 365 sujeitos (Quadro 23), de ambos os sexos (64,4% do sexo feminino e 35,6% do sexo masculino) e com idades compreendidas entre os 17 e os 22, situando-se a média em 17,5 anos (DP = 0,81). Os sujeitos frequentam na totalidade o 12º ano de escolaridade da via de prosseguimento de estudos de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto, sendo que 43% estão integrados no agrupamento Científico-Natural, 27% no agrupamento Humanidades, 21% no Económico-Social e finalmente 9% no agrupamento de Artes.

Estes jovens são provenientes, na sua grande maioria (90%), de famílias intactas, representando os restantes 10% situações de separação, divórcio ou viuvez. A maioria destas famílias (61,4%) são constituídas por fratrias de dois irmãos, sendo que 15,9% dos sujeitos são filhos únicos, e os restantes (22,7%) estão inseridos em famílias com três ou mais filhos. Aproximadamente 50% dos pais frequentaram a escolaridade até o 6º ano, e cerca de 22% têm cursos de bacharelato ou de licenciatura. Dos restantes, cerca de 15% frequentaram ou concluíram o ensino básico, e cerca de 13% frequentaram ou concluíram o ensino secundário. O nível ocupacional dos pais é predominantemente médio e baixo, sendo que na mãe a distribuição é de 50,8% no estatuto baixo e 27,9% no estatuto médio, enquanto que no pai é de 36,5% e de 39,0%, respectivamente.

---

[2] De modo idêntico ao QVPM, também versões aperfeiçoadas deste instrumento têm servido de apoio à investigação no domínio da vinculação em Portugal (Barbosa & Costa, 2001; Barbosa, Costa & Oliveira, 1999; Narciso, 2001).

Quadro 23.

Caracterização da amostra (N=365)

Sexo			
Feminino	64,4%	n=235	
Masculino	35,6%	n=130	
Idade			
16	0,8%	n= 3	
17	60,8%	n=222	
18	26,8%	n= 98	
19	8,5%	n= 31	
20	2,7%	n= 10	M = 17,53
22	0,3%	n= 1	DP = 0,81
Número de irmãos			
0	15,9%	n= 58	
1	61,4%	n=224	
2	15,3%	n= 56	
3	4,9%	n= 18	
4 ou mais	2,5%	n= 9	
Agrupamento do ensino secundário			
Científico – Natural	42,5%	n=155	
Artes	8,8%	n= 32	
Económico – Social	20,8%	n= 76	
Humanidades	26,8%	n= 98	Valores omissos: 4
Situação amorosa			
Já namoraram	92,9%	n=339	
Nunca namoraram	7,1%	n= 26	
Duração das relações amorosas			
1 mês – 6 meses	42,8%	n=145	
7– 12 meses	26,5%	n= 90	M = 12,79
13 - 24 meses	18,3%	n= 62	DP = 13,50
> 24 meses	12,4%	n= 42	Valores omissos: 26
Situação familiar			
Ambos os pais	88,9%	n=305	
Apenas um dos pais	8,7%	n= 30	
Avós, tios, madrinha	0,3%	n= 1	
Sozinho	1,7%	n= 6	
Outra situação	0,3%	n= 1	Valores omissos: 22

Escolaridade do pai			**Escolaridade da mãe**		
Até 4º ano	32,1%	n=107	Até 4º ano	41,7%	n=144
5º e 6º ano	11,4%	n= 38	5º e 6º ano	7,8%	n= 27
7º, 8º e 9º	15,6%	n= 57	7º, 8º e 9º	13,3%	n= 46
10º, 11º e 12º	14,0%	n= 51	10º, 11º e 12º	14,2%	n= 49
Cursos médios politécnicos e bacharelatos	6%	n= 22	Cursos médios politécnicos e bacharelatos	8,7%	n= 30
Licenciatura e superior	15,9%	n= 58	Licenciatura e superior	14,2%	n= 49
	Valores omissos: 32			Valores omissos: 20	

Nível ocupacional do pai			**Nível ocupacional da mãe**		
Baixo	36,5%	n=128	Baixo	50,8%	n=182
Médio	39,0%	n=137	Médio	27,9%	n=100
Alto	19,9%	n= 70	Alto	14,5%	n= 52
Reformado	3,7%	n= 13	Reformada	1,1%	n= 4
Desempregado	0,9%	n= 3	Desempregada	1,1%	n= 4
			Doméstica	4,5%	n= 16
	Valores omissos: 14			Valores omissos:7	

Esta amostra é controlada do ponto de vista da existência de experiências de relações amorosas actuais ou no passado, tendo sido seleccionada a partir de uma amostra mais alargada de 480 sujeitos[3]. Isto é, trata-se de sujeitos que referem terem actualmente, ou terem tido no passado um(a) namorado(a)[4].

Relativamente à duração das relações, verifica-se que 42,8% dos participantes se reportam a relações que duram (ou duraram) até 6 meses, 26,5% a relações que duram (ou duraram) entre 6 meses e 1 ano, 18,3% a relações que duram (ou duraram) entre 1 ano e 2 anos e, finalmente, em 12,4% dos participantes as relações tiveram uma duração superior a 2 anos. Em média, as relações tiveram uma duração de 12,79 meses (DP = 13,50).

Procedimento. O procedimento foi em tudo idêntico ao descrito a propósito do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (ponto 3.2.), uma vez os instrumentos terem sido administrados simultaneamente.

4.3. Estrutura factorial

Para o estudo da validade do instrumento, e mais especificamente da sua estrutura interna, realizaram-se procedimentos de análise factorial exploratória de componentes principais (SPSS 7.5 para Windows).

À semelhança do realizado para o QVPM, testaram-se as condições para a

---

[3] A título de informação, nesta amostra mais alargada, 13% dos sujeitos não tiveram ainda uma relação amorosa, 9,2% haviam "curtido" e consideraram nunca ter tido uma relação de namoro e, finalmente, 1,3% afirmaram não desejar vir a ter uma relação de namoro.

[4] Refira-se que, embora não tenha sido fornecida nenhuma definição criteriosa do conceito de namoro, como já referimos anteriormente foi dada a possibilidade aos sujeitos de escolherem entre várias alternativas, sendo que uma delas procurava incluir as experiências habitualmente designadas pelos jovens como de "curtir", não tendo sido incluídas na amostra, pelo facto de na generalidade não ser suposto potencializarem experiências de vinculação.

realização destes procedimentos. Assim, verifica-se que o *ratio* número de sujeitos por item é de cerca de 4,3/1 (365/84), aproximando-se do critério sugerido por vários autores de 5/1 como condição importante para a obtenção de factores fiáveis e interpretáveis (Comrey, 1978; Tinsley & Tinsley, 1987). Recorde-se que a ligeira distância do valor de critério se deve ao facto de terem sido retirados da amostra final 23,5% dos sujeitos da amostra inicial. De qualquer modo, o teste de esfericidade de Bartlett apresenta um valor de 13666,495 ($p < 0,001$) e o teste de Kaiser-Meyer-Olkin um valor de 0,9014, apontando para a boa adequação da matriz de dados a procedimentos de análise factorial.

Foram testadas diferentes estruturas factoriais, após rotação ortogonal (*varimax*) e oblíqua (*direct-oblimin*), assumindo-se na eliminação de itens os seguintes critérios: (1) o baixo poder discriminativo, considerando-se não aceitável a presença de uma percentagem superior a 60% numa única alternativa de resposta; (2) uma saturação inferior a 0,40 num factor; (3) a correlação simultânea com dois factores, sendo que a distância entre ambos os valores não diste em mais que 0,1, e (d) a ausência da contribuição do item para o aumento da consistência interna. Estabeleceu-se igualmente como critério que a estrutura explicasse pelo menos 40% da variância total. A extracção dos factores foi precedida pela avaliação do teste *graphical scree* de Cattell (1966) e por critérios substantivos e de interpretabilidade, tendo-se procurado a aproximação a uma estrutura o mais parcimoniosa possível.

No decurso de sucessivas análises decidiu-se por uma estrutura factorial, após rotação *varimax*, composta por 46 itens, distribuídos por 4 factores, que explica 44,9% da variância total (Quadro 24). Os itens que constituem cada factor contribuem essencialmente para a variância daquele factor, revelando-se o poder discriminativo bastante bom. Nesta estrutura estão presentes itens de todas as dimensões conceptuais que apoiaram a construção do instrumento, bem como de cada um dos protótipos de vinculação de Bartholomew.

Quadro 24.

Estrutura factorial do QVA

Dimensões/Itens	Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Com
Desconfiança						
7. Ela dá-me coragem para enfrentar situações novas.		-,69532	,14824	-,16600		,571
22. A minha namorada respeita os meus sentimentos.		-,67928				,460
11. As minha conversas com ele não me trazem nada de novo.		,65639		,29141		,505
60. Confio nele para me apoiar nos momentos difíceis da vida.		-,65272	,28364	-,27519		,561
36. A minha namorada compreende-me.		-,65261	,22376		-,22265	,547
61. O meu namorado só pensa nele.		,65170		,22240	,27766	,531
28. Desagrada-me a maneira de ser da minha namorada.		,65117			,28312	,532
64. A minha namorada faz-me sentir bem comigo próprio.		-,64243	,24636	-,18360		,544
54. Discutir assuntos com ele é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.		,61808		,21193		,457
73. Sei que posso contar com a minha namorada sempre que precisar dela.		-,61024	,20153	-,24389		,494
4. Não gosto de pedir o apoio dele porque sei que não me compreenderia.		,60281		,24627		,467
85. A minha namorada aceita-me como eu sou.		-,59420				,388
Dependência						
57. Só consigo enfrentar situações novas se ela estiver comigo.			,71395			,535
39. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.			,69917	-,32775		,591
80. Quando não podemos estar juntos, eu não sei o que fazer.		,16099	,69656	-,15322		,545
55. Fico nervoso ao pensar que posso perder a minha namorada.			,66282	-,39066		,613
41. Quando não podemos estar juntos, sinto-me abandonado.			,65026	-,23247	,15553	,494
71. Ela tem uma importância decisiva naquilo que eu sou.			,62279			,424
15. Apesar de haver coisas que não gosto no meu namorado, no fundo eu gostaria de ser igual a ele.			,58842			,372
53. Eu e a minha namorada é como se fossemos uma pessoa só.		-,36099	,55657		-,24887	,524
90. Quando tenho um problema, só o facto de pensar nela põe-me mais calmo.		-,25823	,53038	-,17012		,387
13. Tenho medo de ficar sozinha se perder o meu namorado.			,52390	-,42283		,462
2. Fico nervoso se não consigo encontrar a minha namorada quando preciso dela.			,49787	-,22460	,29511	,441
68. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ela for comigo.		-,27074	,48797	-,16060		,355

Quadro 24. *Estrutura factorial do QVA* (continuação)

Dimensões/Itens	Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Com
Evitamento						
45. É me indiferente quando a minha namorada prefere fazer coisas com outras pessoas.				,67801	-,16895	,489
16. Quando algo de grave acontece comigo, prefiro não estar perto dela.		,32450		,56163		,440
9. Não preciso dos cuidados da minha namorada.		,27810	-,19686	,54693		,381
38. Na minha vida pessoal, a minha relação com a minha namorada é secundária.		,21779	-,22946	,54568	,17645	,431
3. Não me preocupa não podermos estar juntos durante as férias.			-,23662	,54339	-,20242	,421
24. Para me sentir bem comigo próprio, são mais importantes outras coisas do que a minha namorada.			-,31065	,53401	,21394	,460
34. O apoio dela não é muito importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho.		,39927	-,24036	,52695		,524
49. Prefiro que a minha namorada me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.		,27788		,52156	,16034	,419
58. Sempre achei que, apesar de gostar da minha namorada, não vou sentir muito a falta dela se a relação terminar.		,21097	-,29212	,51045		,438
79. Quando tenho problemas nem sempre gosto de procurar a minha namorada.		,39937		,50934	,15115	,487
70. Sei que se a minha relação terminar isso não me vai afectar muito.		,21556	-,34151	,49353		,421
29. Quando tenho um problema prefiro ficar sozinho a procurar a minha namorada.		,32765		,49337		,434
20. Não costumo precisar do apoio do meu namorado.		,35359	-,34398	,44591		,494
Ambivalência						
50. Fico irritado quando combinamos coisas e ela não pode estar comigo.					,65850	,454
8. Fico furiosa quando preciso do apoio do meu namorado e verifico que não posso contar com ele.					,61874	,406
69. Sinto-me posto de lado, quando ela decide fazer coisas com outras pessoas.			,26477		,60930	,487
89. Gostava que a minha namorada me ligasse mais.		,25997			,55416	,433
87. Gostava de ser a pessoa mais importante para ela, mas não estou certo que assim seja.		,20524			,54320	,322
44. Às vezes sinto admiração por ela, outras vezes não.			-,16803	,17484	,55410	,346
33. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.		,40149	-,18149		,51279	,449
59. Apesar da minha relação ser muito importante, muitas vezes sinto-me sozinha.		,18261	,21610	,26261	,42993	,307
63. Às vezes acho que ele é fundamental na minha vida, mas outras vezes não.		,15696	-,26948	,32405	,42445	,383
Valor próprio		11,763	5,003	2,037	1,839	
Percentagem de variância total explicada		25,573	10,875	4,428	3,997	
Variância total explicada						44,873

Nota. Os valores das correlações omissos são todos inferiores a 0,15. Na escala original, os itens estão formulados na perspectiva de ambos os sexos. Com = Comunalidades

O primeiro factor (n=12) é bipolar e explica 25,6% da variância total, sendo que as saturações variam entre 0,59 e -0,69. É composto por itens que avaliam as percepções do sujeito relativamente à responsividade e à sensibilidade do companheiro para satisfazer as necessidades do sujeito, a medida em que este é percepcionado enquanto fonte de conforto e de apoio e se constitui como base segura de incentivo à exploração. Foi denominado *'confiança no companheiro enquanto figura de vinculação'*. No entanto, como os itens com conteúdos conotados positivamente apresentam saturações negativas, quando nos referirmos a este factor, utilizaremos a designação de *'desconfiança no companheiro enquanto figura de vinculação'*. Refira-se que, em estruturas factoriais iniciais, este factor, para além de replicar consecutivamente, era mais extenso, apresentando pelo menos mais 4 itens com saturações superiores a 0,45. A retirada destes itens deveu-se ao desejo de aumentar a percentagem de variância total explicada e ao facto de a consistência interna não sofrer alterações significativas, procurando-se, ainda, uniformizar, na medida do possível, o número de itens por factor.

O segundo factor reúne igualmente 12 itens, explica 10,9% da variância total e as saturações oscilam entre 0,47 e 0,71. Este factor inclui itens que avaliam a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda, tendo sido designado de *'dependência'*, pelo facto de a maioria dos seus itens estarem formulados de forma a traduzirem níveis bastante elevados de cada uma destas componentes. Curiosamente, neste factor apenas com excepção de dois itens, todos os restantes foram inicialmente pensados para traduzir o protótipo preocupado.

O terceiro factor é constituído por 13 itens, cujas saturações variam entre 0,48 e 0,66 e explica 4,4% da variância total. Os contéudos dos itens organizam-se em torno de uma dimensão que apelamos de *'evitamento'* e que revelam o papel secundário do companheiro amoroso no preenchimento de necessidades de vinculação, bem como a centração do sujeito na sua própria capacidade de

resolução de problemas. Mais uma vez os itens deste factor, e com nenhuma excepção, aparecem associados a um protótipo de vinculação, desta vez o desinvestido.

O quarto factor congrega 9 itens com saturações entre 0,41 e 0,64 e explica 4% da variância total. Este factor, designado de *'ambivalência'*, traduz a insegurança do sujeito expressa, por um lado, numa forte irritabilidade perante situações imprevisíveis e, por outro lado, na dúvida relativamente ao papel que desempenha enquanto figura amorosa, bem como nas suas próprias emoções face ao companheiro. Este factor era inicialmente mais pequeno, tendo-se, no entanto, adicionado dois itens da versão original, supostamente próximos do conteúdo avaliado pelo factor, aumentando, desta forma, a sua consistência interna, sem que este procedimento tenha contribuído para a alteração da estrutura factorial (Dawis, 1987).

Em síntese, os procedimentos de análise factorial realizados apontam para uma estrutura factorial em torno de 4 dimensões, teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação. Muito embora se tenha assistido, conforme previsto e desejado, a uma redução do número inicial de itens, todas as dimensões conceptuais que apoiaram a elaboração do instrumento estão contempladas na estrutura final do instrumento. Deste modo, considera-se que estão representados os aspectos teóricos e conceptuais mais relevantes para definir e caracterizar as relações de vinculação no jovem e no adulto.

4.4. Correlações entre as dimensões

Tendo em conta os conteúdos de cada factor, as correlações (avaliadas a partir do coeficiente de correlação de Pearson) entre os factores apontam no sentido esperado. Ou seja, verificam-se correlações significativas e positivas entre a *desconfiança* e o *evitamento* ($r = 0,63$; $p = 0,01$), entre a *desconfiança* e a *ambivalência* ($r = 0,45$; $p = 0,01$), a *ambivalência* e o *evitamento* ($r = 0,27$; $p =$

0,01), e correlações significativas e negativas entre a *dependência* e o *evitamento* (r = -0,58; p = 0,01) e a *dependência* e a *desconfiança* (r = -0,35; p = 0,01). A magnitude das correlações moderadamente elevadas no que diz respeito às combinações *desconfiança – evitamento* e *dependência - evitamento* indicam a presença de variância comum de cerca de 37% e de 27%, no primeiro e no segundo casos, respectivamente, pelo que é de supor que estes factores avaliem aspectos da vinculação relacionados, ainda que não sobrepostos.

4.5. Consistência interna

A avaliação da consistência interna do instrumento recorreu à utilização do coeficiente *alpha* de Cronbach, que aponta para valores elevados para as quatro dimensões, sendo que em todas as dimensões a amostra feminina apresenta valores mais elevados do que a amostra masculina, conforme indica o Quadro 25. A dimensão 'ambivalência' é aquela que tem uma menor consistência interna relativamente às restantes, ainda que os seus valores estejam dentro dos mínimos considerados aceitáveis.

Quadro 25.

Alphas de Cronbach para a amostra total e de acordo com o género

Factores	Número de itens	*Alphas*		
		Total	Raparigas	Rapazes
Desconfiança	12	0,90	0,91	0,86
Dependência	12	0,88	0,89	0,85
Evitamento	13	0,87	0,88	0,84
Ambivalência	9	0,75	0,77	0,70

Nota. Todos os valores são significativas a p < 0,001.

4.6. Teste da invariância dimensional

Uma vez a estrutura factorial ter sido explorada com base numa amostra constituída por sujeitos com experiências relacionais classificadas subjectivamente como de namoro, procedeu-se à testagem da medida em que as dimensões obtidas com sujeitos com experiências amorosas se ajustam aos dados daqueles que nunca tiveram uma relação e respondem na base da expectativa e do desejo, e daqueles que apenas tiveram experiências que classificam de "curtir". Ou, seja, avaliou-se a invariância dimensional do modelo, considerando uma amostra constituída por 112 sujeitos.

Para tal, recorreu-se a procedimentos de análise factorial confirmatória, considerando-se os itens como variáveis observadas e os factores como variáveis latentes. Para além disso, considerou-se a saturação dos itens apenas no factor para que foram originalmente designados pela análise exploratória e os erros de medida não-correlacionados.

Após ter sido testado o ajustamento dimensional, procurou-se igualmente analisar a adequação da estrutura global do instrumento à nova amostra. Os 46 itens foram especificados como variáveis observadas e os 4 factores como variáveis latentes. Mais uma vez, considerou-se a saturação dos itens apenas no factor para que foram originalmente designados e os erros de medida não-correlacionados.

Os índices utilizados para testar o ajustamento do modelo aos dados obtidos foram os seguintes: a Razão entre o Qui-Quadrado e os graus de liberdade (CMIN/DF), o Índice de Ajustamento Comparativo Normalizado (*Normed Comparative Fit, CFI*, Bentler, 1990), o Índice de Bondade Ajustado aos Graus de Liberdade (*Adjusted Goodness of Fit Index, AGFI*, Joreskog & Sorbom, 1989), e a Raiz Quadrada Média Residual (*Root Mean Square Residual, RMSEA*).

Os valores de vários índices de ajustamento ao nível dimensional, conforme constam do Quadro 26, estão no limite do considerado como aceitável, pelo que

se reclama prudência na utilização dos dados obtidos com a amostra de sujeitos que ainda não tiveram experiências amorosa à luz da estrutura conseguida com a amostra inicial. No que diz respeito ao modelo global, verifica-se que os índices indicam não ser possível utilizar o modelo com sujeitos sem experiências amorosas.

Quadro 26.

Valores dos índices de ajustamento (n=112)

	Indices de ajustamento			
Dimensões	CMIN/DF	AGFI	CFI	RMSEA
Desconfiança	2,363	0,781	0,795	0,111
Dependência	1,924	0,802	0,813	0,091
Evitamento	1,709	0,824	0,829	0,080
Ambivalência	2,450	0,809	0,763	0,115
Modelo global	1,867	0,569	0,520	0,088

4.7. Validade de constructo

Na apresentação dos estudos realizados com vista à testagem da validade de constructo do QVA proceder-se-á de modo semelhante àquele efectuado com o instrumento anterior. Iniciaremos esta apresentação com os estudos correlacionais, a que se seguem os estudos para avaliar a sensibilidade do instrumento a diferenças de vária ordem e, finalmente, procuraremos detectar configurações específicas na organização dos resultados dimensionais por via da análise de *clusters*. Cada secção iniciar-se-á com a explicitação dos objectivos subjacentes à escolha das variáveis, e das hipóteses de relação previstas entre elas. Prossegue-se com a caracterização da amostra e, por último, apresentam-se e discutem-se os resultados. Finaliza-se a apresentação dedicada aos estudos de validação deste instrumento com uma breve síntese.

4.7.1. Estudos correlacionais

4.7.1.1. Objectivos e hipóteses

À semelhança do efectuado com o QVPM escolheram algumas variáveis de critério que pudessem contribuir para a avaliação da validade de constructo do QVA.

Um primeiro estudo consiste na testagem das associações entre a vinculação amorosa e a *identidade*, procurando explorar as relações entre duas teorias de desenvolvimento - a teoria da vinculação de Bowlby e a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1950, 1968) -, que partilham concepções básicas para a compreensão do processo de desenvolvimento humano (Costa, 2000). De acordo com os pressupostos teóricos, é esperado que relações seguras e de proximidade com os companheiros amorosos criem as condições necessárias para que o adolescente se envolva na exploração de modos diferentes de se relacionar com o mundo, e em consequência, desenvolva um sentido diferenciado de identidade. Por outras palavras, e tomando como referência o *paradigma dos estatutos de identidade* de Marcia, prevê-se que tanto os processos de *exploração* como os de *investimento* sejam influenciados pela qualidade da vinculação que caracteriza a relação do adolescente com os seus pares, contribuindo à mesma medida para o seu desenvolvimento. Mais especificamente, prevê-se que as relações amorosas caracterizadas por proximidade emocional e confiança estejam associadas à identidade *achievement* e moratória, enquanto que os jovens com valores elevados de *foreclosure* tendam a relacionar-se com o companheiro com elevados níveis de ansiedade de separação, apresentando, assim, maior dependência. Finalmente, espera-se que a difusão da identidade se relacione com experiências de maior insegurança relacional, estando associada a níveis mais elevados de desconfiança, de ambivalência e de dependência.

No entanto, se bem que as associações entre a vinculação, designadamente aos pais, e a identidade tenham já sido exploradas empiricamente, conforme tivemos a ocasião de analisar no Capítulo 5 (Benson *et al.*, 1992; Frank *et al.*, 1990; Kamptner, 1988; Kroger & Haslett, 1988; Lapsley *et al.*, 1990; Quintana & Lapsley, 1987, 1990; Schultheiss & Blustein, 1994a; Young & Lichtenberg, 1996), têm sido encontrados resultados inconsistentes, muito provavelmente devido ao uso de diferentes metodologias de avaliação e a diferentes conceptualizações do constructo de identidade (Rice, 1990). Por sua vez, pouca atenção empírica tem sido dada ao papel desempenhado pelas relações românticas no desenvolvimento da identidade do adolescente, muito embora se reconheça a importância do grupo de pares neste processo.

Um segundo estudo pretende observar as relações entre o QVA e a percepção do *apoio social*. Segundo a teoria da vinculação, é justamente no contexto de relações apoiantes e sensíveis às necessidades dos indivíduos que os sujeitos desenvolvem uma representação de si próprios como dignos e merecedores de amor e confiança e dos outros como disponíveis na prestação de cuidados e de apoio. Em consonância com a teoria, diversos estudos empíricos têm, aliás, evidenciado que o estilo de vinculação se relaciona de forma diferencial com as expectativas que o sujeito constrói relativamente à disponibilidade dos outros para prestar apoio, influenciando a procura efectiva de apoio emocional e instrumental do sujeito e a satisfação com o apoio obtido (Bartholomew & Horowitz, 1991; Florian *et al.*, 1995; Herzberg, Hammen, Burge, Daley, Davila & Lindberg, 1999; Kobak & Sceery, 1988; Mikulincer & Florian, 1995; Mikulincer *et al.*, 1993; Ognibene & Collins, 1998; Simpson *et al.*, 1992). Muito embora, como tivemos a ocasião de rever no Capítulo 5, os estudos não apresentem resultados absolutamente consistentes no que toca aos estilos de vinculação insegura, todos eles apontam para o facto de os sujeitos seguros apresentarem os resultados mais favoráveis nas dimensões enumeradas.

Este estudo recorre a instrumentos elaborados de acordo com um modelo

transaccional e ecológico do apoio social (Vaux, 1988), segundo o qual o apoio social é considerado como um processo de transações entre o sujeito e as suas redes de apoio, que sofre as influências dos contextos ecológicos em que se insere. O primeiro (*Social Support Appraisals* de Vaux, Burda e Stewart; 1986) avalia as crenças que o sujeito desenvolve sobre si próprio no decurso das interacções ocorridas com contextos significativos, como os amigos e a família (para além de uma apreciação global). O segundo (*Network Orientation Scale* de Vaux *et al.*, 1986) diz mais respeito à representação global que o sujeito tem dos outros como fontes de apoio. São esperadas correlações significativas e positivas entre a percepção global positiva do apoio social, e em particular dos amigos e da família, e dimensões de segurança na relação amorosa.

4.7.1.2. Relações entre o QVA e o *Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status* (*EOMEIS-2*)

Amostra. A amostra é constituída por 267 participantes do 12º ano de escolaridade, sendo que 65,5% pertencem ao sexo feminino e 34,5% ao sexo masculino. A média de idades é de 17,5 anos e o desvio padrão de 0,78. Todos os sujeitos estão inseridos em famílias intactas, e têm no presente, ou tiveram no passado uma relação amorosa que consideram significativa.

Instrumento. Na avaliação da identidade, utilizou-se o *Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status* (*EOMEIS-2*) de Bennion e Adams (1986). Trata-se de um instrumento de autorelato amplamente utilizado na comunidade científica, destinado a avaliar a identidade de adolescentes e jovens, de acordo com a teoria do desenvolvimento da identidade de Erikson (1950; 1968) e a proposta de operacionalização da mesma de Marcia (1966).

O *EOMEIS-2* é constituído por 64 itens, distribuídos pelos quatro estatutos de identidade (identidade construída, identidade vicariante, identidade em moratória e identidade difusa) e em dois grandes domínios da identidade, o *ideológico* e o *interpessoal*. O primeiro domínio inclui as áreas vocacional, da religião, da política e da filosofia de vida, enquanto que o segundo domínio abrange as áreas da amizade, do namoro, dos papéis sexuais e dos tempos livres.

Avaliação das qualidades psicométricas. O instrumento foi testado numa amostra alargada de 530 adolescentes portugueses (42,6% do sexo masculino e 57,4% do sexo feminino), com uma média de idades de 17,5 anos (DP = 0,80). A estrutura factorial foi avaliada a partir de procedimentos de análise factorial confirmatória e exploratória. Com base nas expectativas teóricas e em resultados empíricos de estudos anteriores (Bennion & Adams, 1986; Grotevant & Adams, 1984), foram testadas diferentes estruturas factoriais. Na generalidade, os índices de ajustamento revelaram-se abaixo do desejável, com a excepção da dimensão *foreclosure* (*GFI* = 0,93, *AGFI* = 0,91, *RMR* = 0,009). A distribuição dos itens pelos componentes a partir de uma análise de componentes principais, bem como as correlações entre as dimensões originais não revelaram, todavia, inconsistências teóricas (Matos, Barbosa & Costa, 2000). Para a amostra de 267 participantes, os valores de *alpha* de Cronbach são, porém, baixos (*identidade construída* = 0,67; *identidade moratória* = 0,62; *identidade difusa* = 0,60), com a excepção da dimensão *identidade vicariante* (α = 0,81), sugerindo a necessidade de melhoramento da consistência interna do instrumento. Note-se, no entanto, que os valores se aproximam de perto daqueles encontrados em outros estudos (cf. Adams, Bennion & Huk, 1989).

Resultados e discussão. Na generalidade e de acordo com as expectativas, a vinculação amorosa aparece associada às dimensões da identidade, muito

embora seja de notar a baixa magnitude das correlações. o que não surpreende dada a consistência interna das dimensões da identidade. Como é possível observar no Quadro 27, a identidade construída correlaciona-se positivamente com a *dependência* e negativamente com a *desconfiança* e o *evitamento*; a identidade moratória e difusa correlacionam-se positivamente com a *desconfiança*, o *evitamento* e a *ambivalência*; e a identidade vicariante correlaciona-se positivamente com a *dependência* na relação amorosa.

Quadro 27.

Correlações de Pearson entre o QVA e o EOMEIS-2

	EOMEIS – 2			
	Identidade construída	**Identidade moratória**	**Identidade vicariante**	**Identidade difusa**
EOMEIS - 2				
Identidade construída	1	-0,079	0,127*	-0,190**
Identidade moratória		1	0,170**	0,428**
Identidade vicariante			1	0,076
Identidade difusa				1
QVA				
Desconfiança	-0,183**	0,215**	-0,067	0,216**
Dependência	0,252**	-0,064	0,243**	-0,088
Evitamento	-0,279**	0,226**	-0,033	0,269**
Ambivalência	-0,006	0,162**	0,053	0,138*

Nota. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Por forma a analisar o efeito do género nas associações observadas e tomando igualmente em conta a distinção entre domínios *ideológico* e *interpessoal*, realizaram-se análises de correlações separadamente para cada amostra, que evidenciaram alguns padrões de associações específicos de acordo com o género do adolescente. Assim, enquanto que na *amostra masculina* a identidade *achievement* (no domínio interpessoal) se encontra apenas correlacionada negativamente com o *evitamento* na relação amorosa ($r = -0,33$, $p < 0,001$), na *amostra feminina* todas as dimensões do QVA, com excepção da *ambivalência*, correlacionam-se no sentido esperado com a identidade *achievement*, tanto no domínio interpessoal como no ideológico. De modo semelhante, também no que diz respeito à identidade moratória, verifica-se que na *amostra masculina* apenas o *evitamento* se correlaciona positivamente com o domínio interpessoal de moratória, enquanto que na *amostra feminina* todas as dimensões do QVA apresentam uma correlação com o domínio interpessoal da identidade moratória, sendo que esta se correlaciona positivamente com a *desconfiança* ($r = 0,31$, $p < 0,001$), o *evitamento* ($r = 0,31$; $p < 0,001$) e a *ambivalência* ($r = 0,17$; $p < 0,05$), e negativamente com a *dependência* ($r = -0,23$; $p < 0,005$).

Da análise de correlações efectuada, gostaríamos de destacar dois aspectos:

(a) em concordância com propostas teóricas que sublinham a existência de padrões específicos por género no modo como são articuladas dimensões de autonomia e de ligação emocional no processo de desenvolvimento de identidade (Gilligan, 1982; Josselson, 1987), os resultados revelam que, para as raparigas, as dimensões do relacionamento amoroso parecem ter um maior peso no processo de construção da identidade, comparativamente com os rapazes. Note-se, designadamente, o facto de que, para além das correlações esperadas com o domínio interpessoal, se observam associações entre as representações dos envolvimentos amorosos e o domínio ideológico na amostra feminina;

(b) muito embora, na generalidade, os resultados confirmem a hipótese de que relações de segurança com o companheiro amoroso favorecem os processos de investimento e de exploração, como evidenciam, em particular, as associações com a identidade construída, é de sublinhar que a identidade moratória se correlaciona no sentido inverso com as dimensões da vinculação. Se, numa primeira leitura, este resultado poderá parecer surpreendente, rapidamente se compreende que uma atitude de exploração, em particular no domínio interpessoal e nesta faixa desenvolvimental, poderá estar associada a uma dificuldade em construir a intimidade com um par amoroso e em permitir-se depender do companheiro romântico. Ou seja, neste sentido os movimentos exploratórios não criam a oportunidade de construção e revisão dos modelos de relacionamento interpessoal, porque subjacentes a estes se encontram representações negativas do outro que conduzem a estratégias de evitamento. Por outro lado, é igualmente importante considerar que, do ponto de vista da organização social e cultural portuguesa, as raparigas não são incentivadas a experimentar diferentes envolvimentos amorosos. Finalmente, registe-se que as correlações entre a identidade moratória e a identidade difusa, aliás também observadas em outros estudos (Bennion & Adams, 1986; Craig-Bray & Adams, 1986) se, por um lado, podem alertar para a necessidade de um maior aprofundamento do instrumento na sua capacidade para detectar esta distinção, por outro, poderão fazer repensar, do ponto de vista teórico, justamente a distinção entre estes conceitos.

4.7.1.3. Relações entre o QVA e a percepção do apoio social

Amostra. A amostra é constituída por 95 sujeitos, sendo 57,9% dos sexo feminino e 42,1% do sexo masculino. As idades são compreendidas entre os 16 e os 20 anos, com uma média de 17,58 anos e um desvio padrão de 0,88. Todos

os sujeitos frequentam o 12º ano de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto e estão inseridos, na sua maioria (88,3%), em famílias intactas. Saliente-se que se trata de uma amostra controlada do ponto de vista da existência de relações de namoro no passado ou no presente.

Instrumentos. O *Social Support Appraisals* (*SSA*, Vaux *et al.*, 1986) é um instrumento de autorelato, que faz parte de um conjunto de quatro instrumentos destinados a avaliar as percepções do apoio social de adolescentes e jovens adultos, de acordo com a teoria do apoio social de Cobb (1976). O instrumento é constituído por um conjunto de 23 itens, distribuídos por 3 subescalas que traduzem o apoio prestado pelos amigos (SSA-am, com 7 itens), pela família (SSA-fam, com 8 itens) e pelas pessoas em geral (SSA-ger, com 8 itens). Este instrumento foi adaptado para a população portuguesa por Antunes e Fontaine (1994/95; Antunes, 1994) que acrescentaram uma nova escala referente à percepção do apoio social prestado pelos professores (SSA-prof, com 7 itens), totalizando, assim, a versão final 30 itens. A escala de resposta distribui-se por 4 alternativas, totalizando o resultado máximo 120 pontos.

Avaliação das qualidades psicométricas do SSA. Foi observada uma estrutura em 4 factores a partir de uma Análise Factorial de Componentes Principais numa amostra mais alargada em que os 95 sujeitos estão incluídos[1]. Esta estrutura explica 53,1% da variância total, sendo que cada factor reúne o conjunto de itens que lhe foi originalmente atribuído. Relativamente à consistência

[1] A amostra é constituída por um total de 350 sujeitos do 12º ano de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto. 49,7 % são do sexo feminino e 50,3% do sexo masculino, rondando a idade em média nos 17,7 anos (DP = 0,87). Na sua maioria (48,9%), estes jovens frequentam o agrupamento Científico-Natural, ao que se segue o de Económico-Social (22,3%), o de Humanidades (17,4%) e o de Artes (4,6%). 84,5% dos sujeitos estão inseridos em famílias intactas, sendo que a maioria (57,1%) das famílias são constituídas por fratrias de dois irmãos.

interna, verificamos que os valores de *alpha* de Cronbach são de 0,89, 0,84, 0,84 e 0,80 para as subescalas relativas à família, aos amigos, aos professores e à percepção global, respectivamente. As correlações entre as dimensões apresentam-se no sentido esperado (Quadro 28).

O *Network Orientation Scale* (NOS, Vaux *et al.*, 1986) é mais um instrumento de autorelato que compõe o conjunto desenvolvido por Vaux e colaboradores. Inspira-se no conceito de Tolsdorf (1976) de 'network orientation' que designa o conjunto de crenças, atitudes e expectativas de um sujeito relativamente à potencial utilidade dos membros da sua rede de apoio para o ajudar a lidar com determinado problema. Trata-se de um instrumento unidimensional, composto por 20 itens, que apresenta uma escala de resposta em 4 pontos, sendo o sujeito convidado a pronunciar-se sobre um conjunto de afirmações acerca da sua confiança ou desconfiança nos outros para o apoiarem em determinadas situações. Este instrumento também se encontra adaptado para a população portuguesa (Antunes & Fontaine, 1992), tendo-se recorrido à versão traduzida das autoras.

Avaliação das qualidades psicométricas do NOS. Uma análise factorial de factor único[2] (Principal axis factoring) confirma a estrutura univariada do instrumento (com a excepção de 5 itens que apresentam valores inferiores a 0,30[3]), explicando, porém, uma variância total apenas de 19,75% e revelando uma consistência interna de 0,78.

---

[2] À semelhança do que aconteceu com o instrumento SSA, também este foi testado na amostra mais alargada de 350 sujeitos, a qual descrevemos na nota de rodapé anterior.

[3] Trata-se dos itens 3, 16, 12, 15, 17 que já em estudos anteriores (Menezes, 1998) têm evidenciado correlações baixas com o factor único.

Resultados e discussão: As correlações de Pearson entre o QVA e as variáveis de critério podem ser observadas no Quadro 28. Podemos verificar que:

(a) em consonância com as previsões, a percepção global do apoio social correlaciona-se com as dimensões do QVA no sentido esperado, muito embora as magnitudes dos valores sejam baixas. Ou seja, quanto mais favorável a percepção do apoio em geral, menor é a *desconfiança*, o *evitamento* e a *ambivalência* representadas na relação amorosa. A dimensão *dependência* constitui, no entanto, uma excepção, já que não apresenta nenhuma correlação significativa com as subescalas do *SSA* e com o *NOS*;

(b) no que toca ao apoio social percepcionado na relação com a família e com os professores, apenas a dimensão *desconfiança* apresenta uma correlação significativa e negativa, ainda que igualmente baixa na sua magnitude. De qualquer modo, ela revela que, em certa medida, uma percepção positiva do apoio social nestes contextos está associada a uma atitude de maior confiança no outro na relação amorosa.

(c) finalmente, contrariamente às expectativas, não se observam correlações entre a percepção do apoio social dos amigos e as representações da vinculação amorosa.

Face à baixa magnitude das correlações e à ausência de associações significativas com a percepção do apoio social dos amigos, procurámos averiguar em que medida o género poderia exercer algum efeito sobre os resultados. Muito embora o número de sujeitos seja manifestamente reduzido (55 raparigas e 40 rapazes), observou-se um padrão diferencial de correlações entre as dimensões em causa de acordo com o género. De facto, na *amostra masculina*, o apoio percepcionado no seio da família apresenta uma correlação de $r = -0,39$ ($p < 0,01$) com a *desconfiança* na relação amorosa, enquanto que na *amostra feminina* esta relação não é estatisticamente significativa. O mesmo acontece com a percepção do apoio global que se correlaciona a um valor de $r = -0,45$ ($p < 0,005$) com a *desconfiança*, mas apenas para a amostra masculina. Todavia, não se

evidenciaram correlações entre a percepção do apoio social dos amigos e dimensões da relação amorosa.

Quadro 28.

Correlações de Pearson entre o QVA e o SSA e o NOS

	SSA				*NOS*
	Amigos	**Família**	**Professores**	**Global**	
SSA					
Amigos	1	0,492**	0,135	0,463**	
Família		1	0,385**	0,545**	
Professores			1	0,373**	
Global				1	
QVA					
Desconfiança	-0,195	-0,290**	0,226*	-0,343**	-0,207*
Dependência	0,091	0,127	0,159	0,118	0,157
Evitamento	-0,051	-0,126	-0,129	-0,266**	-0,161
Ambivalência	-0,038	-0,091	-0,184	-0,325**	0,026

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Em síntese, na generalidade, os resultados encontrados confirmam as expectativas de que dimensões de segurança na relação amorosa parecem estar associadas à percepção do apoio social, e afirmam a multidimensionalidade do instrumento, uma vez que estas associações divergem ao nível dimensional. No entanto, a ausência de correlações com o apoio social no domínio dos amigos deverá ser aprofundada em estudos posteriores. Para além de possíveis explicações ligadas ao número reduzido da amostra ou à menor sensibilidade do instrumento do apoio social para detectar a variabilidade dos sujeitos nesta dimensão, podemos igualmente questionar em que medida, do ponto de vista

teórico, será de esperar uma convergência destes dois domínios. De acordo com alguns autores, as dimensões que organizam as relações de amizade e as relações românticas são de natureza diferente, sendo que nas primeiras operaria fundamentalmente o sistema afiliativo e nas segundas o de vinculação (Furman & Wehner, 1997; Weiss, 1982; West & Sheldon-Keller, 1994).

4.7.2. Estudos diferenciais

4.7.2.1. Objectivos e hipóteses

O grupo de estudos que se segue procura avaliar a sensibilidade do instrumento a diferenças de ordem diversa, procurando contribuir, mais uma vez para a testagem da validade de constructo do mesmo.

O primeiro estudo diz respeito à avaliação das diferenças de *género* do adolescente. Ainda que não apresentando resultados totalmente consistentes, a investigação empírica que avalia diferenças na vinculação amorosa em função do género, evidencia algumas regularidades nas diferenças observadas, associadas ao sistema de classificação dos sujeitos utilizado na avaliação da vinculação (cf. Capítulo 5). De facto, e em consonância com o estudo inicial de Hazan e Shaver (1987), diversos estudos que se apoiam no sistema de classificação de três categorias, não constatam diferenças de género nos estilos bem como em dimensões (derivadas desses estilos iniciais) da vinculação (Collins & Read, 1990; Collins, 1996; Feeney & Noller, 1990; Feeney *et al.*, 1993; Levy *et al.*, 1998; Levy & Davis, 1988; Brennan *et al.*, 1991; Shaver & Brennan, 1992). Todavia, aqueles estudos, que se apoiam no sistema de classificação em quatro protótipos de Bartholomew, observam tendências para uma maior prevalência de homens desinvestidos e de mulheres preocupadas (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan *et al.*, 1991; Levy *et al.*, 1998). Por outro lado, ainda, medidas contínuas baseadas neste último sistema apontam também para valores mais elevados de

vinculação preocupada em mulheres e de vinculação desinvestida em homens (Bartholomew & Horowitz, 1991; Scharfe & Bartholomew, 1994)[4].

Uma vez este instrumento ter contemplado na escolha dos seus itens uma classificação dos sujeitos nos quatro protótipos de Bartholomew, espera-se encontrar diferenças de género, no sentido exposto anteriormente, ao nível das dimensões e da distribuição dos sujeitos pelas quatro configurações que emergiram através da análise em *clusters* e as quais apresentaremos mais adiante.

Para além das diferenças de género, procurou-se igualmente analisar em que medida a *existência ou não de experiências de relacionamento amoroso* e o *tempo de duração da relação* poderão fazer variar as representações da vinculação amorosa.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, antecipa-se que uma das possíveis razões para os sujeitos não terem tido ainda experiências de namoro poderá ser justamente devido a uma atitude de maior desconfiança nos outros e por isso de maior evitamento perante estas situações. Espera-se, assim, que estes sujeitos se diferenciem daqueles que têm ou tiveram experiências de namoro por valores mais elevados nas dimensões de desconfiança e de evitamento.

Relativamente ao segundo aspecto, muito embora a investigação tenha dado pouca atenção a esta variável, consideramos duas hipóteses. A primeira prevê uma interferência do factor tempo no processo de construção de uma vinculação amorosa, isto é, espera-se que com o decorrer do tempo, os companheiros amorosos aprendam a negociar entre si necessidades de autonomia e de ligação emocional, tornando-se progressivamente mais seguros do ponto de vista da

[4] Como já referimos no Capítulo 5, a maior sensibilidade a diferenças de género deste segundo sistema de classificação relativamente ao primeiro poderá dever-se ao facto de o grupo considerado evitante de Hazan e Shaver albergar, não apenas sujeitos desinvestidos, mas igualmente os amedrontados de Bartholomew, pelo que provavelmente as diferenças se esbatem quando se considera o grupo total.

vinculação. Para além do pressuposto teórico de que uma vinculação necessita de uma história de interacções para se criar, alguns estudos empíricos podem fornecer algumas indicações neste sentido. Furman e Wehner (1997), por exemplo, verificam que estudantes universitários (supostamente com relações mais duradoiras) têm representações de menor insegurança nas relações amorosas quando comparados com sujeitos do ensino secundário. Por outro lado, raparigas do ensino secundário e do universitário que têm relações amorosas estáveis apresentam-se como mais seguras, menos preocupadas e evitantes relativamente àquelas que mantêm relações pontuais.

Uma segunda hipótese remete para o modo como os indivíduos com estilos de vinculação segura lidam com relações insatisfatórias. Ou seja, a teoria da vinculação prevê que, perante situações relacionais penalizantes, os indivíduos seguros terminam as suas relações, em contraste com os inseguros, e designadamente os amedrontados e os preocupados, que prolongam no tempo as relações pela grande dificuldade em lidar com a perda e o sentimento de abandono. Ora, neste sentido, e contrariamente à hipótese anterior, não se espera uma correlação significativa entre as dimensões do QVA e a duração no tempo da relação amorosa.

Finalmente, apresentam-se estudos diferenciais de teor exploratório, com vista à análise das associações entre as dimensões da vinculação amorosa e a *composição familiar*, o *agrupamento vocacional*, o tamanho da *fratria*, o *nível ocupacional* e a *escolaridade* do pai e da mãe.

4.7.2.2. Tratamentos estatísticos

Para testar a sensibilidade do instrumento a diferenças de diversa ordem procedeu-se, então, à realização de procedimentos estatísticos que recorreram mais uma vez à Análise Multivariada de Variância (MANOVA), prosseguindo-se com testes de *post-hoc*, e particularmente ANOVAS para avaliar o sentido das

diferenças, quando a estatística traço de Pillai se mostrou significativa. Decidiu-se apresentar quadros com as médias e os desvios-padrão apenas quando se verifiquem diferenças significativas entre os grupos, por forma a facilitar a leitura dos resultados.

4.7.2.3. Diferenças em função do género

Com base na amostra total de 480 sujeitos, a Análise Multivariada de Variância (MANOVA, traço de Pillai's) revelou um efeito principal do género ao longo das dimensões da vinculação amorosa ($F(4, 475) = 8{,}342$, $p < 0{,}001$). As médias e os desvios-padrão para estas comparações são apresentadas no Quadro 29. Testes de *post-hoc* (ANOVA) indicaram que os rapazes apresentam valores mais elevados do que as raparigas nas dimensões de *evitamento* ($F(1, 478) = 13{,}508$ $p < 0{,}001$) e de *desconfiança* ($F(1, 478) = 17{,}704$, $p < 0{,}001$). Não se evidenciam diferenças de género nas dimensões de *dependência* e *ambivalência*.

Quadro 29.

Médias e desvios-padrão de acordo com o género dos adolescentes

		Raparigas		Rapazes	
QVA	Intervalo	M	DP	M	DP
Desconfiança	4-48	18,82[a]	5,78	21,06[b]	5,66
Dependência	4-48	28,85	6,79	29,34	6,12
Evitamento	4-52	23,35[a]	6,40	25,46[b]	5,84
Ambivalência	4-36	20,12	4,39	20,59	3,87

Nota.. Valores mais elevados indicam maiores níveis de *Desconfiança*, de *Dependência*, de *Evitamento e de Ambivalência*. Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p < 0{,}001$.

4.7.2.4. Diferenças em função da existência de experiências amorosas

Nesta análise comparou-se o grupo constituído por sujeitos com relações amorosas actuais ou no passado (n=365) com o grupo constituído por sujeitos que nunca tiverem relações de namoro, ou que apenas tenham tido relações que classificam como de "curtir" (n=112)[1] Eliminando-se o efeito do género (que foi introduzido como covariante), observou-se um efeito principal da variável existência de relação amorosa ($F(4, 471) = 5{,}369$, $p < 0{,}001$). Testes de *follow-up* indicam que os sujeitos do segundo grupo, isto é, aqueles que ainda não tiveram experiências de namoro, são mais evitantes, comparativamente com aqueles que já tiveram experiências amorosas ($F(1, 474) = 5{,}790$; $p = 0{,}016$). Não se evidenciam diferenças significativas nas restantes dimensões (Quadro 30).

Quadro 30.

Médias e desvios-padrão de acordo com a existência de experiências amorosas

		Grupo 1 (n=365)		Grupo 2 (n=112)	
QVA	Intervalo	M	DP	M	DP
Desconfiança	4-48	19,58	6,02	20,27	5,24
Dependência	4-48	28,76	6,83	29,30	5,37
Evitamento	4-52	23,73a	6,43	25,77b	5,49
Ambivalência	4-36	20,10	4,35	20,97	3,58

Nota. Valores mais elevados indicam maiores níveis de *Desconfiança*, de *Dependência*, de *Evitamento* e de *Ambivalência*. Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p < 0{,}05$.

[1] Recorde-se que a análise confirmatória para avaliar a invariância da estrutura factorial relativamente a sujeitos sem experiências amorosas aponta para a possibilidade de se efectuar esta comparação, muito embora os valores do ajustamento estejam no limite.

Uma vez se terem observado diferenças significativas em função do género e entre os grupos com e sem experiências de namoro, decidiu-se fazer as análises subsequentes, tendo em conta apenas o primeiro grupo de sujeitos, introduzindo-se o género como covariante.

4.7.2.5. Diferenças em função da duração da relação

Para efeitos desta análise, constituíram-se quatro grupos de acordo com os seguintes critérios: o grupo 1 reúne os sujeitos cujas experiências amorosas duraram até 6 meses (n = 145), o grupo 2 aqueles cujas relações duraram de sete meses a 1 ano (n = 90), o grupo 3 aqueles sujeitos com relações que duraram de 13 meses a dois anos (n = 62), e finalmente o grupo 4 integra os sujeitos com relações de duração superior a 2 anos (n = 42)[6].

Eliminado o efeito do género, a Análise Multivariada de Variância apenas detectou um efeito marginal, embora não significativo à luz do traço de Pillai ($F(4, 12) = 1,647$, $p = 0,074$), responsável pelas diferenças encontradas nas dimensões *dependência* ($F(3, 334) = 4,504$, $p = 0,004$) e *evitamento* ($F(3, 334) = 3,042$, $p = 0,029$). Em qualquer dos casos, o grupo 1, aquele com as relações menos duradoiras, é menos dependente e mais evitante comparativamente com os grupos 3 e 4, os que apresentam relações mais duradoiras. Na dimensão *evitamento*, o grupo 2 apresenta igualmente valores mais elevados comparativamente com o grupo 4.

4.7.2.6. Diferenças em função da composição familiar

Como se anunciou a propósito da descrição dos objectivos, procuraram-se avaliar as diferenças na representação da vinculação amorosa em função da

[6] Note-se que a soma dos quatro grupos apenas totaliza 339 sujeitos, uma vez 26 sujeitos terem deixado este item em branco. Em anexo encontra-se um quadro com as médias e os desvios-padrão relativos a esta análise (Anexo 6, Quadro A8).

composição familiar, constituindo-se, para tal, três grupos de sujeitos. O primeiro é constituído por sujeitos integrados em famílias intactas e totaliza 318 sujeitos, o segundo é constituído por famílias monoparentais e reúne 22 sujeitos, e o terceiro consiste em 15 sujeitos que não habitam com a família. Os resultados indicam a ausência de um efeito principal da composição familiar ($F(4, 348) = 4,298$; $p = 0,906$), muito embora se reconheça que a distribuição dos sujeitos pelos grupos não obedeça ao critério de proximidade numérica. Deste modo, somente seriam encontradas diferenças significativas se a magnitude do efeito fosse de facto substancial.

4.7.2.7. Diferenças em função da idade, do agrupamento vocacional, do tamanho da fratria, do nível ocupacional e escolaridade do pai e da mãe

A constituição dos grupos para a avaliação dos efeitos destas variáveis sobre as dimensões do QVA realizou-se de modo idêntico àquele referido aquando do QVPM (ponto 3.6.2.5.). As MANOVAS realizadas não revelaram efeitos significativos da idade ($F(4, 358) = 1,342$; $p = 0,254$), do agrupamento vocacional ($F(12, 1056) = 1,386$; $p = 0,166$), do tamanho da fratria ($F(8, 710) = 0,520$; $p = 0,825$), do nível ocupacional do pai ($F(8, 654) = 1,004$; $p = 0,431$) e da mãe ($F(8, 652) = 1,143$; $p = 0,332$), da escolaridade do pai ($F(8, 650) = 0,835$; $p = 0,572$) e da mãe ($F(8, 674)$; $= 1,178$; $p = 0,304$).

4.7.2.8. Conclusão dos estudos diferenciais

Os resultados observados a partir das análises diferenciais apoiam na globalidade as hipóteses formuladas e, em alguns casos, contrariam as expectativas. No que concerne as diferenças de género, e a partir das medidas contínuas da vinculação, verifica-se que os rapazes apresentam valores mais elevados de evitamento e de desconfiança, o que está de acordo com diversos estudos que utilizam o modelo de avaliação de Bartholomew, se considerarmos que estas dimensões se aproximam do ponto de vista substantivo da dimensão de

desinvestimento de Bartholomew.

Relativamente à interferência da existência de relações amorosas na natureza das representações amorosas, verifica-se que, de acordo com a hipótese formulada, os sujeitos que ainda não tiveram relações de namoro apresentam valores mais elevados de evitamento. A secundarização do papel do(a) namorado(a) no preenchimento de necessidades de vinculação, bem como a centração do sujeito na sua própria capacidade de resolução de problemas, conteúdos estes avaliados na dimensão do evitamento, poderão ser indicadores, por um lado, das dificuldades sentidas na aproximação a um par e na construção de uma relação amorosa (tendo como consequência o desenvolvimento de mecanismos de autoproteção, que poderão revelar uma confiança compulsiva em si próprio), ou, por outro lado, poderão traduzir a ausência de uma experiência amorosa real na vida dos sujeitos e, por isso, a dificuldade em percepcionarem o outro como uma fonte importante de apoio e de bem estar pessoal.

Finalmente, não se observaram diferenças nas representações da vinculação em função do tempo de duração da relação. No entanto, as médias observadas para cada grupo estão de acordo com a hipótese de que, à medida que a relação vai avançando no tempo, os sujeitos tendem, muito provavelmente, a desenvolver uma atitude de maior confiança nos companheiros, aprendendo a possibilidade de dependerem da relação sem perda da individualidade, assumindo o companheiro uma função mais vincada de figura de vinculação.

4.7.3. Análise de *clusters*

No sentido de avaliar a existência de configurações específicas na organização das dimensões, foram realizados procedimentos estatísticos de análise de *clusters* (K-Means e Simple Euclidian Distance). Pretendia-se testar em que medida os padrões de resultados que definiriam os diferentes *clusters* de indivíduos seriam consistentes com o modelo de Bartholomew, esperando-se que os valores nas dimensões avaliadas pelo instrumento se organizassem por forma

a evidenciarem os quatro protótipos de vinculação - *o seguro, o preocupado, o amedrontado e o desinvestido.* Critérios de interpretabilidade apoiaram uma solução em 4 *clusters,* tendo-se testado outras soluções, nomeadamente em três *clusters*, de acordo com o sistema de classificação de Hazan e Shaver (1987)[7] Após determinação da solução, realizaram-se igualmente MANOVAS para observar a variabilidade de cada uma das dimensões em função dos *clusters* de pertença e legitimar a especificidade de cada configuração (Quadro 31). A Figura 8 facilita a comparação dos quatro *clusters* entre si.

Quadro 31.

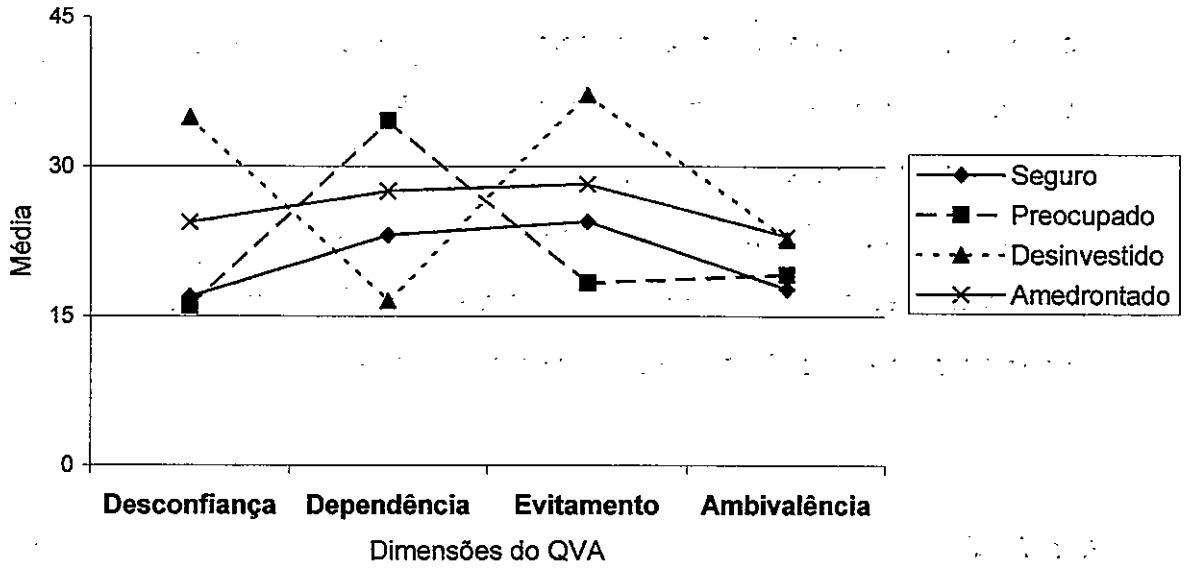
Análise de clusters do QVA

	Clusters			
Dimensões	**Amedrontado**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Seguro**
	(n = 112)	(n = 145)	(n = 15)	(n = 93)
Desconfiança	$24,42^{a}$	$15,95^{b}$	$34,93^{c}$	$16,94^{b}$
Dependência	$27,52^{a}$	$34,59^{b}$	$16,53^{c}$	$23,12^{d}$
Evitamento	$28,25^{a}$	$18,36^{b}$	$37,20^{c}$	$24,47^{d}$
Ambivalência	$22,95^{a}$	$19,16^{b}$	$22,67^{a}$	$17,70^{c}$

Nota. Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p < 0,001$.

[7] Uma vez que o procedimento de análise de *clusters* é muito sensível a *outliers*, e dado o facto de as percentagens de cada um dos *clusters* não corresponderem às encontradas em outros estudos e com outros instrumentos, procedeu-se novamente a uma inspecção cuidada da matriz de dados que não revelou dados inesperados. Analisaram-se, ainda, de novo os dados, retirando os sujeitos que constituíam o grupo desinvestido, pelo facto de evidenciarem resultados extremos nas dimensões avaliadas. Os resultados da nova organização dimensional produzida por esta análise de *clusters* não são susceptíveis de interpretação de acordo com a teoria da vinculação, facto este que acrescenta valor à solução encontrada com a amostra total.

Figura 8. *Clusters do QVA*



Os resultados apontam, assim, para a possibilidade de os *clusters* serem interpretados à luz do modelo de Bartholomew. Senão vejamos: no *cluster* 4 encontramos o grupo de sujeitos menos ambivalente face aos outros em comparação com todos os grupos, e aquele que têm graus moderados de dependência, de evitamento e de desconfiança. Este *cluster* parece evidenciar o protótipo de vinculação *segura* e caracteriza 25,5% da amostra.

No *cluster* 2 verificamos que os valores de dependência são claramente os mais elevados relativamente aos outros grupos e os de evitamento os mais baixos. Estão incluídos aqui igualmente os sujeitos que têm uma atitude de menor desconfiança, ou seja, de maior confiança no outro enquanto figura de vinculação. Apresentam, ainda, mais ambivalência do que os sujeitos do *cluster* 4, supostamente revelador do padrão seguro, o que poderá ser indicador do facto de que, apesar de revelarem bastante proximidade com os companheiros, estes sujeitos manifestam igualmente alguma insatisfação quanto ao apoio obtido. Estes valores parecem definir o protótipo de vinculação *preocupado* e abrangem 39,7% da amostra.

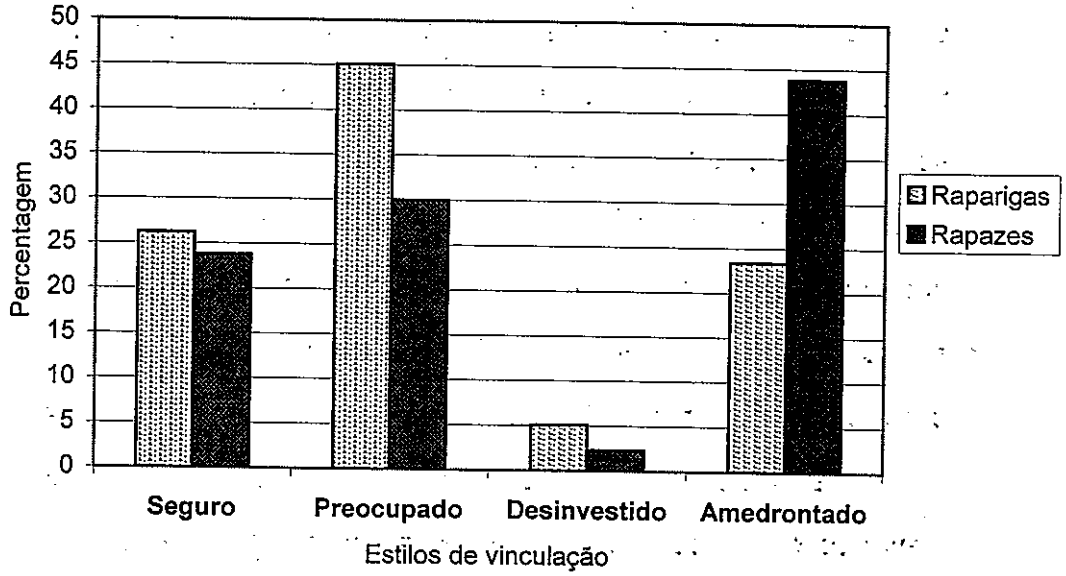
O *cluster* 1, por oposição bem definida relativamente aos outros grupos, apresenta valores elevados simultaneamente nas dimensões de desconfiança, de dependência e de evitamento. Parece assim evidenciar a dinâmica relacional do protótipo *amedrontado*, caracterizado pelo desejo de intimidade, explicado pelos valores de dependência, mas igualmente pelo medo de intimidade ou proximidade emocional, indicado pelos valores de evitamento. Note-se que se tratam também dos sujeitos com valores mais elevados de ambivalência, embora não significativamente diferentes do *cluster* 3 que supostamente descreverá o protótipo *desinvestido*. O *cluster* 1 representa 30,7% da amostra.

Finalmente, o *cluster* 3 reúne o grupo de sujeitos com os valores mais elevados de desconfiança e de evitamento, bastante distanciados de todos os outros, que poderá precisamente indicar a desvalorização das relações e a existência de um modelo negativo acerca do outro. É igualmente o grupo que apresenta os valores mais reduzidos de dependência, significativamente inferiores a todos os outros, incluindo o grupo seguro, como, aliás, seria de esperar. Este padrão está representado em apenas 4,1% da amostra.

4.7.3.1. Distribuição em função do género

Relativamente à distribuição do género pelos *clusters* (Gráfico 5), verifica-se que, de um total de 235 raparigas, 45,1% são classificadas no grupo preocupado, 26,2% no seguro, 23,4% no amedrontado e, finalmente, 5,1% no desinvestido. De um total de 130 rapazes, 43,8% estão incluídos no grupo amedrontado, 30% no preocupado, 23,8% no seguro e 2,3% no desinvestido. Ou seja, observa-se uma maior prevalência de raparigas preocupadas e de rapazes amedrontados, sendo que os protótipos seguro e desinvestido apresentam apenas distâncias ligeiras uns dos outros (Figura 9). Uma análise de qui-quadrado confirma a existência de diferenças significativas ao nível das distribuições (χ^2 (3) = 18,013; p < 0,001).

Figura 9 . *Vinculação amorosa por género do adolescente*



4.7.3.2. Diferenças na duração da relação em função dos *clusters*

Uma vez que as características do protótipo desinvestido se podem confundir com a inexistência de uma relação de vinculação, analisou-se em que medida se detectava um efeito do *cluster* sobre a duração no tempo da relação. Procurava-se verificar se eventualmente os sujeitos que foram classificados como desinvestidos nas suas relações amorosas apresentavam relações com menor duração no tempo e por isso mesmo, com menor probabilidade de assumirem características e funções de vinculação. A análise de variância univariada (ANOVA) não detectou um efeito principal do *cluster* ($F(3, 335) = 1{,}569$; $p = 0{,}197$). Registe-se, no entanto, a discrepância entre o número de sujeitos pertencentes a cada grupo e o facto de o grupo dos sujeitos classificados de desinvestidos ser bastante reduzido, razões que exigiriam que a magnitude do efeito fosse substancial para que diferenças fossem detectadas.

Resumindo, as diferenças encontradas nas médias das dimensões do QVA, evidenciadas a partir da análise de variância multivariada, sugerem a validade de constructo do instrumento, sendo possível identificar grupos com padrões distintos de vinculação. Saliente-se, por exemplo, o facto de o *cluster* 1 reunir sujeitos com características simultaneamente de dependência e de evitamento e desconfiança, tão reveladoras do padrão amedrontado, grupo este que não seria facilmente apreendido a partir das correlações negativas encontradas entre estas dimensões. Isto é, o valor moderadamente elevado observado na correlação entre a dependência e o evitamento ou a dependência e a desconfiança faz esperar que os sujeitos que tenham valores elevados numa dimensão apresentem valores baixos na outra. No entanto, verifica-se que, muito embora uma parte significativa da variância possa seja atribuída à variância comum, as dimensões não se excluem mutuamente e apresentam conteúdo substantivo distinto.

No que toca à distribuição por género, verifica-se que, conforme esperado, se observa uma maior prevalência de raparigas preocupadas. Todavia esta mesma distribuição identifica um elevado número de rapazes amedrontados por comparação com aquele de raparigas, resultado este não habitual na maioria dos estudos, muito embora estes não tenham vindo a debruçar-se sobre esta faixa etária em particular. A confirmar-se esta distribuição em estudos posteriores, este resultado poderá indicar que os rapazes do final da adolescência poderão ter mais dificuldades no processo de construção da intimidade amorosa.

A percentagem de distribuição dos sujeitos pelas diferentes configurações levanta, todavia, algumas questões que devem merecer a atenção. De facto, assistimos a uma distribuição dos sujeitos que não coincide globalmente com aquelas habitualmente observadas nos estudos que utilizaram um sistema de classificação em quatro categorias (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan & Morris, 1997; Brennan *et al.*, 1991; Diehl *et al.*, 1998; Pistole, 1995). Conforme indica o Quadro 32, a percentagem de sujeitos seguros é mais baixa, a de sujeitos preocupados mais alta e a de sujeitos desinvestidos, por sua vez, mais baixa.

Quadro 32.
Distribuição dos padrões pelo sistema de classificação de Bartholomew: Comparação entre estudos

Estudo	Instrumento	Amostra	Estilos (%)			
			Seguro	*Preocupado*	*Desinvestido*	*Amedrontado*
Bartholomew & Horowitz, 1991, estudo 1	Peer Attachment Interview	77	47	14	18	21
Bartholomew & Horowitz, 1991, estudo 2	Peer Attachment Interview	69	57	10	18	15
Brennan *et al.*, 1991	RQ	799	33,8	16	13,3	36,9
Feeney *et al.*, 1994	ASQ	235	40,4	22,1	24,7	12,8
Pistole, 1995	RQ	118	29	18,8	12	40,2
Brennan & Shaver, 1998	RQ	1407	47,9	15,2	15,9	21
Brennan & Bosson, 1998	RQ	371	45	16,5	13,8	24,7
Diehl *et al.*, 1998	RQ	114	51,8	10,5	15,8	21,9
Lapsley & Edgerton, 1998	RQ	145	46	13,3	16,7	24
Campos, 1998	ERI	365	15,9	35,6	23,6	24,9
Kemp & Neimeyer, 1999	RQ	722	50	13	15	22
Presente estudo	QVA	365	25	40	4	31

Nota. Todos os estudos foram realizados com amostras de estudantes universitários ou jovens adultos. ASQ – Attachment Scale Questionnaire (Feeney *et al.*, 1994); RQ – Relationship Questionnaire (Bartholomew & Horowitz, 1991); ERI – Multi-item measure of adult romantic attachment (Brennan *et al.*, 1996).

No que toca aos sujeitos amedrontados, o valor situa-se no intervalo daqueles que foram encontrados em outros estudos e que apresentam grande variabilidade. Note-se, por exemplo, o valor encontrado no estudo de Pistole (1995). Repare-se, no entanto, na distribuição observada por Campos (1996) com uma amostra de jovens portugueses, cujos valores mais se aproximam dos do presente estudo (com a excepção do grupo desinvestido), o que poderá sugerir a

importância de aspectos culturais no significado atribuído às diferentes estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal.

Mas para além da questão cultural, outras razões podem ser invocadas para explicar este cenário. Por um lado, ele pode dever-se ao método utilizado na classificação dos grupos, a análise de *clusters*, por oposição ao recurso directo a medidas categoriais presente na maior parte dos estudos.

Por outro lado, poderá ser revelador dos processos desenvolvimentais que caracterizam os adolescentes na abordagem das relações amorosas. A elevada percentagem de sujeitos supostamente preocupados poderá traduzir a tendência para a procura exacerbada de proximidade com os pares, bem como a grande importância atribuída à aceitação dos outros na avaliação de si próprio, tão habitual nesta etapa do desenvolvimento. Allen e Land (1999) sugerem, inclusivamente, uma semelhança do que ocorre ao nível dos pares na adolescência com a dependência da criança dos seus pais, sublinhando a importância deste processo de transição na aprendizagem de capacidades adultas de construção da intimidade.

Por sua vez, a percentagem de amedrontados poderá, de algum modo, traduzir os ensaios de aproximação e de afastamento nas relações amorosas dos adolescentes, indicativos das tentativas de conciliar necessidades de vinculação e necessidades de independência (Paul & White, 1990; Shulman & Knafo, 1997).

Finalmente, esta distribuição poderá estar relacionada com o facto de o questionário avaliar relações específicas e não orientações gerais nas relações amorosas, como acontece com uma grande maioria dos estudos, sendo assim sensível às particularidades relacionais de cada díade.

Para finalizar, apenas gostaríamos de sublinhar que, muito embora o instrumento apresente características que permitem a sua utilização para efeitos de investigação, estudos adicionais que reafirmem a validade de constructo deverão ser implementados no futuro.

4.8. Síntese

O *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)* pretende avaliar as representações de vinculação ao par amoroso de adolescentes e jovens adultos. É constituído por 46 itens que se distribuem por 4 dimensões teoricamente interpretáveis e consistentes internamente, e que designamos por *Deconfiança, Dependência, Evitamento* e *Ambivalência.*

De um modo geral, o instrumento apresenta relações teoricamente previsíveis com o apoio social, avaliado a partir dos instrumentos *Social Support Appraisals* (*SSA*; Vaux, Burda & Stewart 1986) e *Network Orientation Scale* (*NOS*; Vaux *et al.*, 1986), e a identidade, observada a partir do *Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status* (*EOMEIS-2*; Bennion & Adams, 1986), que atestam da sua validade de constructo. Para além disso, detecta diferenças de acordo com o género, no sentido daquelas observadas em outros estudos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan *et al.*, 1991; Levy *et al.*, 1998). Em concreto, os rapazes apresentam valores mais elevados de evitamento e de desconfiança, o que está de acordo com diversos estudos que utilizam o modelo de avaliação de Bartholomew.

Uma análise de *clusters* permite igualmente determinar configurações específicas na organização das dimensões, que evidenciam os quatro protótipos de vinculação de acordo com o modelo de Bartholomew (o *seguro*, o *preocupado*, o *amedrontado* e o *desinvestido*). Também a distribuição por género dos sujeitos a partir da análise de *clusters* revela, conforme esperado, uma maior prevalência de raparigas preocupadas. Todavia esta mesma distribuição identifica um elevado número de rapazes amedrontados por comparação com aquele das raparigas, resultado não habitual na maioria dos estudos, muito embora estes não tenham vindo a debruçar-se sobre esta faixa etária em particular.

Por outro lado, ainda, na generalidade, assistimos a uma distribuição dos sujeitos (25,5% de seguros, 39,7% de preocupados, 4,1% de desinvestidos e 30,7% de amedrontados) que não coincide globalmente com aquelas

habitualmente observadas nos estudos que utilizaram um sistema de classificação em quatro categorias. Tendo em conta a amostra total, a percentagem de sujeitos seguros é mais baixa, a de sujeitos preocupados mais alta e a de sujeitos desinvestidos, por sua vez, mais baixa. No que toca aos sujeitos amedrontados, o valor situa-se no intervalo daqueles que foram encontrados em outros estudos e que apresentam grande variabilidade. Esta diferença na distribuição pode, no entanto, dever-se ao método utilizado na classificação dos sujeitos e ao facto de o questionário avaliar relações específicas por oposição a orientações gerais, podendo ainda ser explicada por razões de natureza desenvolvimental e cultural.

F.P.C.E. BIBLIOTECA U. P.

Capítulo 8

Relações entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa em adolescentes: Estudo empírico

Neste capítulo procuraremos dar conta dos resultados encontrados no que diz respeito ao estudo empírico mais alargado que procura aprofundar o conhecimento acerca das representações de vinculação numa amostra de adolescentes. Em foco estarão dois contextos relacionais de vida que assumem particular importância nesta etapa do desenvolvimento – o das relações parentais e o das relações com os pares, e muito particularmente as relações amorosas – que, muita embora nesta etapa do desenvolvimento pareçam ser alvo de movimentos opostos do ponto de vista da vinculação, se articulam dialecticamente tendo por objectivo o desenvolvimento do adolescente.

Conforme ficou explícito no Capítulo 6, recorreu-se a uma abordagem metodológica que conjuga os instrumentos de autorelato com entrevistas semi-estruturadas, numa tentativa de aceder, por um lado, às representações mais explícitas ou conscientes construídas pelos adolescentes relativamente a cada um dos domínios relacionais e, por outro lado, a representações mais tácitas ou inconscientes que constituem o sistema de regras subjacente às possibilidades de construção de sentido. Deste modo, os dados sobre a vinculação provêm de duas fontes: dos relatos escritos dos próprios adolescentes e das inferências feitas por juizes qualificados a partir dos relatos verbais produzidos pelos mesmos sujeitos.

Dada a quantidade de dados recolhidos e a diversidade de variáveis em causa, optou-se pela apresentação dos resultados em três etapas. Num primeiro momento serão apresentados os resultados da aplicação dos instrumentos de autorelato, designadamente do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* e do *Questionário de Vinculação Amorosa*, cujos processos de elaboração e de

testagem das propriedades psicométricas e da validade de constructo foram descritos e analisados no capítulo anterior. Num segundo momento, serão apresentados resultados obtidos a partir das entrevistas semi-estruturadas – a *Entrevista de Avaliação da Vinculação à Família* e a *Entrevista de Avaliação da Vinculação aos Pares* – cujos objectivos e conteúdos foram desenvolvidos no Capítulo 6, a par dos resultados relativos aos procedimentos de avaliação da fiabilidade e da validade das mesmas. Finalmente, num terceiro momento, procurar-se-á integrar os resultados provenientes de ambas as metodologias, analisando a convergência entre métodos.

Uma vez que as amostras em que incidiu a administração dos instrumentos, se bem que derivadas da amostra inicial mais alargada, descrita no Capítulo 7, não coincidem com esta na totalidade, procederemos igualmente à sua descrição numa fase prévia à apresentação dos resultados. Para além disso, em cada etapa far-se-á uma discussão dos resultados no final da apresentação dos mesmos.

1. Instrumentos de autorelato

1.1. Amostra

Na composição da amostra para a observação das relações entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, seleccionaram-se da amostra mais alargada de 508 sujeitos todos os participantes que haviam respondido simultaneamente ao *Questionário da Vinculação ao Pai e à Mãe* e ao *Questionário da Vinculação Amorosa*, e que preenchiam dois requisitos: estarem inseridos em famílias intactas e terem tido no passado ou terem no momento do preenchimento dos questionários uma relação amorosa que considerassem significativa.

O Quadro 33 apresenta as características da amostra. Dos 298 sujeitos que

satisfazem as condições acima referidas, 64,4% são do sexo feminino (n = 192) e 35,6% do sexo masculino (n = 106). A média de idades é de 17,5 anos (DP = 0,78) e, como já foi referido anteriormente, todos os sujeitos frequentam o 12º ano de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto. No que diz respeito à distribuição pelos agrupamentos do ensino secundário, 41,8% dos adolescentes estão integrados no agrupamento Científico-Natural, 26,2% no de Humanidades, 21,4% no Económico-Social, e 10,2% no de Artes.

A maioria dos adolescentes vive em famílias com dois filhos (63,8%) e em famílias em que ambas as figuras parentais trabalham (cerca de 95%). Aproximadamente 43,1% das mães e 32,9% dos pais têm uma escolaridade igual ou inferior a quatro anos; 8,2% das mães e 12,1% dos pais têm o quinto ou o sexto ano de escolaridade; 12,1% das mães e 18,1% dos pais têm uma escolaridade entre 7 e 9 anos inclusive; cerca de 15% de ambos os progenitores concluíram a licenciatura. Os restantes pais (cerca de 14%) frequentaram ou concluíram o ensino secundário. Do ponto de vista profissional, a maioria das mães (54,3%) apresenta um nível ocupacional baixo, enquanto que nos pais esta é repartida pelo nível ocupacional baixo (38,6%) e médio (39,3%). Apenas cerca de 16% dos pais (15,4% das mães e 17,8% dos pais) se incluem no nível ocupacional alto.

Nas suas respostas, 44,3% dos sujeitos reportam-se a uma relação de namoro que têm actualmente, e 55,7% a uma relação que tiveram no passado e que já terminou. A média de duração no tempo da relação amorosa é de 12 meses e meio (DP = 13,48), não se evidenciando diferenças significativas em função do género ($t(273) = -0,661$; $p = 0,509$).

Quadro 33.

Características da amostra (N = 298)

Sexo			
Feminino	64,4%	n=192	
Masculino	35,6%	n=106	
Idade			
16	0,7%	n= 2	
17	63,1%	n=188	
18	26,2%	n= 78	
19	7,7%	n= 23	
20	2,0%	n= 6	M = 17,49
22	0,3%	n= 1	DP = 0,78
Número de irmãos			
0	17,1%	n= 51	
1	63,8%	n=190	
2	13,1%	n= 39	
3	4,0%	n= 12	
4 ou mais	2,0%	n= 6	
Agrupamento			
Científico–Natural	41,8%	n=123	
Artes	10,2%	n= 30	
Económico-Social	21,4%	n= 63	
Humanidades	26,2%	n= 78	Valores omissos: 4
Situação amorosa			
Namoram actualmente	44,3%	n=132	
Já namoraram	55,7%	n=166	
Duração da relação			
1 – 6 meses	42,9%	n=118	M = 12,61
7 – 12 meses	34,7%	n= 76	DP = 13,48
mais de 13 meses	28,4%	n= 81	Valores omissos: 23

Nível ocupacional do pai			**Nível ocupacional da mãe**	
Baixo	38,6%	n=115	54,3%	n=159
Médio	39,3%	n=117	24,6%	n= 72
Alto	17,8%	n= 53	15,4%	n= 45
Reformado(a)	3,4%	n= 10	1,0%	n= 3
Desempregado(a)	0,7%	n= 2	1,0%	n= 3
Doméstica			3,8%	n= 11
	Valores omissos: 1		Valores omissos: 16	

Escolaridade do pai			**Escolaridade da mãe**	
Até 4ª classe	32,9%	n=93	43,1%	n=121
5º e 6º anos	12,1%	n=34	8,2%	n= 23
7º, 8º ,9º anos	18,1%	n=51	12,1%	n= 34
10º, 11º, 12º anos	14,5%	n=41	13,2%	n= 37
cursos médios, politécnico e bacharelato	6,7%	n=19	8,2%	n= 23
licenciatura e superior	15,6%	n=44	15,3%	n= 43
	Valores omissos: 16		Valores omissos:17	

1.2. Tratamentos estatísticos

Os resultados que se apresentam de seguida assentam em dois procedimentos estatísticos distintos, revelando igualmente dois modos diversos de abordar o constructo de vinculação – um *dimensional* e um *categorial*.

No primeiro caso, recorreu-se à Análise da Correlação Canónica como meio de avaliar as associações entre as variáveis em causa. Em contraste com a regressão múltipla que identifica as associações entre um conjunto de variáveis preditoras e uma única variável de critério, a análise de correlação canónica identifica as associações entre um conjunto de variáveis preditoras e um conjunto de variáveis de critério. Mais especificamente, consiste na formação de combinações lineares óptimas (designadas por *funções canónicas*) entre dois compósitos lineares distintos ou conjuntos de variáveis. As funções canónicas observadas resultam, assim, da maximização da correlação entre ambos os conjuntos de variáveis. A primeira função canónica derivada explica a maior porção de variância na relação, e a correlação canónica (r) representa a magnitude da relação entre os dois compósitos. A análise canónica permite, ainda, determinar a partir da análise da redundância, quanto da variância num conjunto explica a variância comum (definida pela correlação canónica ao quadrado, r^2) partilhada pelo outro conjunto. Na determinação das funções canónicas, consideram-se os seguintes critérios: a *magnitude* da correlação canónica; o *nível de significância estatística* da correlação canónica; e a *estimativa da redundância* (*redundancy measure of shared variance*) (Bernstein, 1988; Hair, Anderson, Tatham & Black, 1995; Thompson, 1995). Considera-se como mínimo aceitável o valor de 0,35 para a correlação canónica e uma significância estatística de $p < 0,05$ para o F do teste Lambda de Wilks. Para a condução destas análises, recorreu-se ao programa SAS CANCORR (SAS Institute, 1990).

No segundo caso, realizaram-se Análises de Variância e de Covariância Multivariada, procurando-se avaliar diferenças nas dimensões da vinculação

amorosa em função dos protótipos de vinculação parental, obtidos a partir de análises de *clusters*. Note-se, assim, que sempre que se fizer referência à distribuição dos sujeitos pelos *clusters*, se deverá ter em conta que esta se realizou com amostras mais alargadas cujos resultados demos conta no Capítulo 7, a propósito do processo de validação dos instrumentos originais de vinculação. Sempre que a estatística traço de Pillai se mostrou significativa, conduziram-se testes de *post-hoc*, e muito particularmente ANOVAs, tendo-se recorrido ao teste de Scheffé e considerado o nível de significância igual ou inferior a 0,05. Como já foi referido anteriormente, a opção pelo traço de Pillai deve-se essencialmente à sua robustez em face a eventuais violações de pressupostos gerais, tendo-se todavia verificado apenas situações esporádicas de não homogeneidade das variâncias. As análises foram feitas com base no programa SPSS 7.5 para Windows.

1.3. Resultados

1.3.1. Associações entre vinculação parental e amorosa ao nível dimensional

Em ordem a determinar as associações entre as dimensões da vinculação parental e amorosa, recorreu-se, como já se disse, à técnica estatística multivariada da análise de correlação canónica. Para tal, assumiram-se as quatro dimensões do QVPM – *inibição da exploração, qualidade do laço emocional, ansiedade de separação* e *inversão de papéis* – relativamente a cada uma das figuras parentais como o conjunto de variáveis independentes (variáveis preditoras) e as quatro dimensões relativamente à vinculação romântica (QVA) – *desconfiança, dependência, evitamento* e *ambivalência* - como o conjunto de variáveis dependentes (variáveis de critério), muito embora importe referir que tal determinação é de irrelevância para a estimação estatística.

Já que se observaram diferenças significativas em função do género tanto nas dimensões relativas à vinculação parental como à vinculação amorosa (*vide* Capítulo 7), realizaram-se análises canónicas separadamente para a amostra masculina (n = 106) e para a amostra feminina (n = 192)[1].

Das quatro funções produzidas para cada amostra, apenas a primeira é estatisticamente significativa, conforme indicam os Quadros 34 e 35. A função canónica para a amostra feminina explica 65,6% da variância na solução, sendo que a função canónica para a amostra masculina explica 69,2% da variância. Quanto às medidas de redundância, na amostra feminina o conjunto de variáveis independentes (QVPM) explica 3,5% da variância no conjunto de variáveis dependentes (QVA), enquanto que o o conjunto de variáveis dependentes (QVA) explica 3,3% da variância no conjunto de variáveis independentes (QVPM). Na amostra masculina, 7,2% da variância no conjunto das variáveis dependentes (QVA) é explicada pelas variáveis independentes (QVPM), enquanto que 7,2% da

[1] Uma vez que a amostra sobre a qual foram realizados estes procedimentos estatísticos consiste num grupo restrito da amostra mais alargada que apresentámos no capítulo anterior, seria de esperar que as diferenças de género encontradas nas variáveis da vinculação parental e da vinculação amorosa se mantivessem. Em todo o caso repetiram-se as análises de variância multivariada que, de facto, apontaram para a presença de um efeito principal do género nas dimensões da vinculação parental ($F(8, 289) = 6,004$; $p < 0,001$) e nas dimensões da vinculação amorosa ($F(4, 293) = 3,941$; $p = 0,004$). Comparativamente com os rapazes, e no que diz respeito às variáveis da vinculação parental, as raparigas apresentam valores mais elevados de *Qualidade do Laço Emocional* na relação com a mãe ($F(1, 296) = 20,801$; $p < 0,001$) e na relação com o pai ($F(1, 296) = 8,092$; $p = 0,005$), mais elevados de *Ansiedade de Separação* na relação com a mãe ($F(1, 296) = 14,273$; $p < 0,001$) e na relação com o pai ($F(1, 296) = 8,412$; $p = 0,004$) e mais baixos de *Inversão de Papéis*, tanto na relação com a mãe ($F(1, 296) = 19,545$; $p < 0,001$), como na relação com o pai ($F(1, 296) = 15,299$; $p < 0,001$). Relativamente às variáveis da vinculação amorosa, os rapazes apresentam valores mais elevados de *Desconfiança* ($F(1, 296) = 5,380$; $p = 0,021$) e de *Evitamento* ($F(1, 296) = 5,193$; $p = 0,023$). Note-se que todas as diferenças de género haviam sido detectadas nas análises previamente efectuadas com vista à validação dos instrumentos QVPM e QVA, com excepção da encontrada na representação da *Qualidade do Laço Emocional* com o pai.

variância nas variáveis independentes é explicada pelo conjunto de variáveis dependentes (QVA).

Quadro 34.

Funções canónicas para a amostra feminina

Funç.	Valor próprio	% da Variância	r	r^2	Depois função	λ de Wilks	F	gl	p
					0	0,709	2,032	32	0,001
1	0,186	50,9	0,553	0,157	1	0,841	1,541	21	0,059
2	0,097	26,6	0,383	0,089	2	0,923	1,242	12	0,252
3	0,061	16,6	0,128	0,057	3	0,979	0,792	5	0,557
4	0,022	5,91	0,090	0,021					

Quadro 35.

Funções canónicas para a amostra masculina

Funç.	Valor próprio	% da Variância	r	r^2	Depois função	λ de Wilks	F	gl	p
					0	0,608	1,570	32	0,028
1	0,366	65,6	0,518	0,268	1	0,830	0,866	21	0,636
2	0,108	19,3	0,312	0,097	2	0,938	0,673	12	0,776
3	0,055	9,9	0,2490	0,052	3	0,972	0,563	5	0,728
4	0,029	5,2	0,168	0,028					

O Quadro 36 apresenta a estrutura dos pesos canónicos (*canonical loadings*) que representam as correlações entre as combinações lineares de cada conjunto de variáveis (*canonical variates*) e as variáveis originais, e que podem ser interpretados como pesos factoriais. Na interpretação dos resultados,

consideram-se apenas as correlações com valores iguais ou superiores a 0,35 que representam um mínimo de 12,3% da variância comum.

Quadro 36.

Estrutura da correlação canónica para as amostras feminina e masculina

Dimensões de vinculação aos pais	**Amostra feminina**	**Amostra masculina**
Vinculação à mãe		
Inibição da Exploração	**-0,360**	**-0,513**
Laço Emocional	-0,284	-0,035
Ansiedade de Separação	**-0,762**	**-0,647**
Inversão de Papéis	**-0,471**	**-0,543**
Vinculação ao pai		
Inibição da Exploração	-0,202	**-0,389**
Laço Emocional	-0,179	0,060
Ansiedade de Separação	**-0,613**	**-0,789**
Inversão de Papéis	**-0,464**	**-0,622**
Vinculação amorosa		
Desconfiança	**-0,428**	-0,240
Dependência	**-0,782**	**-0,751**
Evitamento	0,169	-0,316
Ambivalência	-0,284	**-0,596**

Nota. As saturações com valor superior a 0,35 estão assinaladas a carregado.

Na generalidade, a estrutura da correlação canónica é semelhante para ambas as amostras. Na amostra feminina, a função canónica caracteriza-se por saturações elevadas na *Ansiedade de Separação* e moderadas na *Inversão de Papéis* relativamente a ambas as figuras parentais, e saturações elevadas na *Dependência* e apenas moderadas na *Desconfiança*, relativamente à vinculação amorosa. No que toca ainda à vinculação parental, também a *Inibição da*

Exploração na relação com a mãe apresenta uma correlação baixa, enquanto que a dimensão *Qualidade do Laço Emocional* não contribui para explicar a função canónica. Por outras palavras, as raparigas adolescentes que experienciam elevados níveis de ansiedade de separação relativamente a ambas as figuras parentais e que estão envolvidas em situações de inversão de papéis tendem a apresentar níveis elevados de dependência face aos seus companheiros amorosos, apresentando, porém, níveis moderados de desconfiança.

No que diz respeito à amostra masculina, a função canónica revela, de forma idêntica àquela da amostra feminina, saturações elevadas na *Ansiedade de Separação* e moderadas na *Inversão de Papéis* relativamente a ambas as figuras parentais. No entanto, para além da dimensão *Inibição da Exploração* na relação com a mãe apresentar uma saturação moderada, também a mesma dimensão na relação com o pai se correlaciona, ainda que com uma magnitude reduzida. O conjunto destes valores está associado a uma saturação elevada na *Dependência* e a uma moderada na *Ambivalência*. Mais uma vez a dimensão *Qualidade do Laço Emocional* não contribui para a interpretação da função. Esta configuração de resultados indica que os adolescentes do sexo masculino que representam elevados níveis de ansiedade de separação relativamente aos pais, que estão envolvidos em situações de inversão de papéis e que avaliam a relação, em particular com a mãe, como inibitória dos seus movimentos exploratórios, apresentam valores elevados de dependência nas relações amorosas, experienciando igualmente ambivalência face às companheiras e à relação.

1.3.2 Diferenças na vinculação amorosa em função dos protótipos de vinculação aos pais

Como já se adiantou, as análises multivariadas, cujos resultados se apresentam de seguida, foram feitas com base na distribuição dos sujeitos pelos 4 grupos obtidos a partir da análise de *clusters* efectuada com a amostra mais

alargada dos 441 sujeitos relativamente a cada figura parental, e que supostamente representam os quatro protótipos de vinculação parental semelhantes àqueles propostos por Bartholomew. Mais especificamente estas análises incluíram o género e a duração da relação amorosa[2] como covariantes (MANCOVAS), pelo facto de se ter assistido a diferenças significativas nas dimensões da vinculação amorosa em função destas variáveis. Refira-se que se realizaram, ainda, análises de variância multivariada multifactoriais com o género, a duração da relação amorosa e o *cluster* parental como factores independentes e as dimensões da vinculação amorosa como variáveis dependentes, não tendo sido, porém, observados efeitos significativos de interacção.

Relativamente ao número de participantes incluído em cada *cluster* e que compõe a amostra presente, verifica-se que relativamente à vinculação à mãe, 47,7% dos adolescentes são seguros (n = 142), 33,5% preocupados (n = 100), 14,1% desinvestidos (n = 42) e 4,6% amedrontados (n = 14). No que diz respeito à vinculação ao pai, 40,9% dos adolescentes são considerados seguros (n = 122), 32,5% preocupados (n = 97), 17,1% amedrontados (n = 51) e 9,4% desinvestidos (n = 28).

No que concerne a vinculação ao pai, assiste-se a um efeito principal do *cluster* ($F(12, 879) = 3{,}270$; $p < 0{,}001$), responsável pela diferenças observadas

[2] Do mesmo modo que se havia procedido anteriormente em relação ao género, realizaram-se análises de covariância em função da duração da relação nesta amostra de 298 sujeitos. Recorde-se que na amostra mais alargada não se constatou nenhum efeito principal desta variável. Mais uma vez os sujeitos foram classificados em 4 grupos, sendo que no primeiro grupo (n=118) as relações de namoro duram (ou duraram) entre 0-6 meses; no segundo grupo (n=76) duram 7 a 12 meses; no terceiro grupo (n=47) entre 13 a 24 meses; e no quarto grupo (n=57) mais de 24 meses. A análise (que incluiu o género como covariante) evidenciou um efeito principal ($F(12, 879) = 2{,}127$; $p = 0{,}013$), e testes de *follow-up* revelaram diferenças significativas na *Desconfiança* ($F(3, 294) = 4{,}043$; $p = 0{,}008$) e na *Dependência* ($F(3, 294) = 4{,}944$; $p = 0{,}002$) no sentido teoricamente esperado, ou seja, em relações menos duradoiras os sujeitos apresentam valores inferiores de dependência e mais elevados de desconfiança.

nas dimensões da *Ambivalência* (F (3, 294) = 4,719; p = 0,003) e da *Dependência* (F (3, 294) = 2,670; p = 0,048). Na relação com a mãe, foi também detectado um efeito principal do *cluster* (F (12, 879) = 2,831; p < 0,001), responsável pelas diferenças encontradas na *Ambivalência* (F (3, 294) = 2,950; p = 0,033) e no *Evitamento* (F (3, 294) = 3,006; p = 0,031).

Análises univariadas indicaram que os adolescentes com uma relação preocupada ou amedrontada com o pai são mais ambivalentes nas relações amorosas comparativamente com aqueles que têm uma relação segura com o pai. Para além disso, sujeitos amedrontados em relação ao pai são mais dependentes nas relações amorosas, comparativamente com aqueles que têm relações desinvestidas ou seguras com o pai (Quadro 37).

Quadro 37.

Médias e desvios-padrão nas dimensões do QVA em função da vinculação ao pai.

	Vinculação ao pai							
QVA	**Seguro**		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Desconfiança	31,23	2,38	31,79	2,22	31,29	2,21	30,74	2,79
Dependência	$28,06^{a}$	7,07	$29,76^{ac}$	6,33	$27,52^{a}$	6,90	$30,69^{c}$	6,94
Evitamento	23,08	6,17	24,17	5,80	23,81	7,56	24,44	6,76
Ambivalência	$19,22^{a}$	4,33	$21,26^{b}$	4,17	$19,62^{ab}$	5,24	$20,90^{b}$	3,70

Nota. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada *cluster* ao nível dimensional.

Por sua vez, adolescentes com uma vinculação preocupada à mãe são mais ambivalentes nas relações amorosas comparativamente com os seguros. No entanto, os adolescentes preocupados na vinculação à mãe são também mais

evitantes comparativamente com os amedrontados e os seguros. Finalmente, adolescentes caracterizados por uma vinculação desinvestida à mãe são mais ambivalentes nas relações amorosas do que o grupo seguro (Quadro 38).

Quadro 38.

Médias e desvios-padrão nas dimensões do QVA em função da vinculação à mãe

	Vinculação à mãe							
QVA	**Seguro**		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Desconfiança	31,48	2,22	31,24	2,41	31,19	2,32	30,93	4,10
Dependência	28,14	7,17	29,61	6,12	29,47	6,68	32,14	8,21
Evitamento	$23,02^{a}$	6,27	$25,11^{b}$	5,99	$23,73^{ab}$	6,98	$21,21^{ac}$	4,87
Ambivalência	$19,44^{a}$	4,43	$20,80^{b}$	4,15	$21,09^{b}$	4,10	$21,17^{ab}$	4,80

Nota. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada *cluster* ao nível dimensional.

1.3.3. Efeitos de uma vinculação segura a pelo menos uma das figuras parentais

Em ordem a avaliar em que medida poderia produzir uma diferença na qualidade da vinculação amorosa o facto de o jovem ter uma relação segura com pelo menos uma figura parental, realizaram-se análises de covariância multivariada, com o género como covariante.

Para a distribuição dos sujeitos, constituíram-se quatro grupos: no grupo 1 estão incluídos sujeitos que têm uma vinculação segura a ambos os pais (n = 113; 37,9%), no grupo 2 estão incluídos aqueles que têm uma vinculação preocupada a ambos os pais (n = 79; 26,5%); o grupo 3 reúne os sujeitos com uma vinculação evitante (amedrontada ou desinvestida) a ambos os pais, assim como aqueles com uma relação evitante a um dos pais e preocupada ao outro (n = 68; 22,8%);

finalmente, o quarto grupo é constituído por sujeitos que têm uma vinculação segura a uma figura e insegura a outra (isto é, preocupada, desinvestida ou amedrontada) (n = 38; 18,8%).

Foi encontrado um efeito multivariado significativo do grupo (F (12, 876) = 2,455, p = 0,004), responsável pelas diferenças encontradas nas dimensões da *Ambivalência* (F (3, 293) = 4,317, p= 0,005) e da *Dependência* (F (3, 293) = 2,608, p= 0,052). Testes *post-hoc* indicam que os jovens com uma relação preocupada com ambas as figuras parentais são mais ambivalentes nas relações amorosas, comparativamente com aqueles que têm relações seguras com ambos os pais, e são também mais dependentes nas relações amorosas, comparativamente com aqueles que têm relações seguras com ambos os pais, e os que têm uma relação insegura com uma figura e segura com a outra (Quadro 39). Por outras palavras, quando pelo menos a relação com uma das figuras parentais é segura, os adolescentes parecem ser menos dependentes dos(das) seus(suas) namorados(as), quando comparados com adolescentes que têm uma vinculação preocupada a ambas as figuras parentais.

Mais uma vez, análises de variância multivariadas bifactoriais com o género e os grupos como factores independentes e as dimensões do QVA como variáveis dependentes não produziram efeitos significativos de interacção.

Quadro 39.

Médias e desvios-padrão nas dimensões do QVA de acordo com a vinculação ao pai e à mãe

	Grupo 1 (n=113)		Grupo 2 (n=79)		Grupo 3 (n=68)		Grupo 4 (n=38)	
QVA	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Desconfiança	31,35	2,29	31,34	2,21	31,24	2,83	31,46	2,36
Dependência	$28,24^{ac}$	7,22	$30,45^{b}$	6,30	$29,59^{ab}$	6,77	$27,29^{ac}$	6,56
Evitamento	22,85	6,26	24,23	5,91	24,36	6,89	24,23	5,97
Ambivalência	$19,18^{a}$	4,38	$21,42^{b}$	4,08	$20,47^{ab}$	4,30	$20,28^{ab}$	4,31

Nota. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada *cluster* ao nível dimensional. Grupo 1 – vinculação segura a ambas as figuras parentais; Grupo 2 – vinculação preocupada a ambas as figuras parentais; Grupo 3 – vinculação evitante (amedrontada e desinvestida) a ambas ás figuras parentais; Grupo 4 – vinculação segura a uma figura parental e insegura à outra.

O Quadro 40 sintetiza as principais diferenças encontradas nas análises realizadas com os instrumentos de autorelato.

Quadro 40.

Síntese das diferenças na vinculação amorosa em função dos estilos de vinculação aos pais

Pai	**Mãe**	**Mãe/Pai**
- Dependência	*- Evitamento*	*- Dependência*
Amedrontados > Desinvestidos	Preocupados > Amedrontados	Preoc./Preoc. > Seguro/Seguro
Amedrontados > Seguros	Preocupados > Seguros	Preoc./Preoc. > Seguro/Inseguro
- Ambivalência	*- Ambivalência*	*- Ambivalência*
Amedrontados > Seguros	Desinvestidos > Seguros	Preoc./Preoc. > Seguro/Seguro
Preocupados > Seguros	Preocupados > Seguros	

1.4. Discussão

O objectivo deste primeiro grupo de análises foi investigar as relações entre as representações da vinculação aos pais e da vinculação amorosa a partir de dois instrumentos de autorelato, construídos originalmente para a população de adolescentes e jovens adultos portugueses, utilizando simultaneamente uma abordagem dimensional e categorial da vinculação.

Na generalidade, os resultados evidenciam associações significativas entre as dimensões da vinculação em ambos os domínios relacionais, consistentes com as hipóteses formuladas e com a teoria da vinculação. Ou seja, é possível constatar que aqueles adolescentes que desenvolvem relações de insegurança com os os seus pais parecem relacionar-se de um modo mais inseguro com os seus companheiros amorosos, comparativamente com adolescentes seguros, resultados aliás em consonância com investigação empírica anterior (Diehl *et al.*, 1998; Feeney *et al.*, 1994; Lapsley & Edgerton, 1998; Rothbard & Shaver, 1994). Mais, o género do adolescente não parece ser um factor de grande relevância na determinação destas associações, muito embora se verifique, a partir da análise canónica, que as atitudes de inibição da exploração e da individualidade, quer da parte da mãe quer da parte do pai, parecem exercer um efeito mais significativo sobre a natureza dos relacionamentos amorosos dos rapazes, comparativamente com as raparigas. Recorde-se que nas análises diferenciais (apresentadas no Capítulo 7 com a amostra mais alargada de 441 sujeitos e de novo conduzidas com esta amostra) não se haviam detectado diferenças significativas em função do género do adolescente no que toca justamente a dimensão 'inibição da exploração e individualidade', revelando uma semelhança no modo como os jovens percepcionam as atitudes e os comportamentos parentais neste domínio. Todavia a relação desta variável com outras, e designadamente no estudo presente com a qualidade do envolvimento amoroso, evidencia o impacto diferencial de dimensões específicas da qualidade do relacionamento com os pais consoante o género do adolescente. Este resultado poderá ser interpretado à luz

dos estereótipos sociais que enformam os relacionamentos entre pais e filhos e que poderão influenciar as expectativas dos rapazes e das raparigas relativamente aos comportamentos parentais. Neste sentido, se os rapazes esperam que os seus pais os incentivem à exploração do mundo, ou pelo menos, que não criem barreiras a essa mesma exploração, atitudes parentais que desconfirmem estas expectativas poderão ter um impacto mais substancial nos rapazes, comparativamente com as raparigas que esperam atitudes de maior controle parental.

Para além disso, registe-se o facto de, em particular na amostra feminina, uma configuração familiar caracterizada pela inversão de papéis, por alguma inibição da exploração e por uma elevada ansiedade de separação, estar relacionada com uma atitude do adolescente que conjuga a forte dependência com alguma desconfiança no par amoroso. Ou seja, estes resultados indicam que a dependência e a desconfiança não são, pelo menos para a amostra feminina, dimensões opostas do ponto de vista substantivo mas que, pelo contrário, é possível depender fortemente da relação e do namorado sem, no entanto, confiar inteiramente nele. Resultados semelhantes haviam já sido encontrados quando se efectuaram análises de *cluster* para a amostra mais alargada de 365 sujeitos e cujos resultados reportámos no Capítulo 7. A articulação entre estas duas dimensões parece revelar o equilíbrio instável que configura o padrão de vinculação amedrontado e que se actualiza na dificuldade em conciliar uma atitude de evitamento do envolvimento emocional que tem por base uma forte desconfiança nos outros, com uma atitude de grande necessidade de proximidade do outro, à qual subjaze uma representação desfavorável acerca de si próprio.

Relativamente ao género da figura parental, os resultados observados permitem também levantar algumas pistas para investigação futura. Se na análise canónica não se observam diferenças substanciais quando se comparam as correlações para ambas as amostras entre a vinculação ao pai e a vinculação à mãe, as análises de variância dão indicações de que os efeitos da qualidade da

vinculação aos pais poderão ser diferenciais consoante o género da figura de vinculação. Referimo-nos particularmente ao facto de a vinculação ao pai fazer variar a dependência nas relações amorosas, enquanto que a vinculação à mãe faz variar o evitamento nas relações amorosas, para além obviamente da ambivalência que parece ser explicada pela vinculação a ambas as figuras parentais. Ou seja, importa aprofundar no futuro em que medida a insegurança na relação com o pai está particularmente associada a uma atitude do jovem de procura intensa do par amoroso para um envolvimento emocional, e a insegurança na relação com a mãe, pelo contrário, se associa a uma atitude de maior retracção perante o envolvimento com o par amoroso.

Adicionalmente, verifica-se que os sujeitos classificados como amedrontados na relação com os pais são mais dependentes nas relações românticas comparativamente com o grupo de adolescentes seguros e desinvestidos, mas não comparativamente com o grupo de preocupados. De facto, de acordo com o modelo de Bartholomew, estes dois grupos – o amedrontado e o preocupado – partilham ambos uma representação negativa acerca de si próprios, responsável por uma necessidade constante da aceitação e da aprovação dos outros para a manutenção da sua autoestima, tornando-se altamente dependentes. Note-se que o grupo de desinvestidos e o de seguros, justamente aqueles que têm um modelo positivo acerca de si próprios, não se diferenciam entre si na dimensão da dependência, resultado este observado também em outros estudos empíricos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Kobak & Sceery, 1988).

Por sua vez, os adolescentes com uma vinculação preocupada à mãe apresentam valores mais elevados de evitamento nas relações amorosas comparativamente com os seguros e os amedrontados. Este resultado sugere que a aglutinação emocional que caracteriza a relação dos adolescentes com uma vinculação preocupada à mãe (mas não ao pai) provavelmente dificulta a construção da intimidade com um companheiro amoroso, devido às dificuldades no processo

de resolução da separação. No entanto, poder-se-á especular relativamente ao modo como estes adolescentes se relacionarão com um companheiro amoroso mais tarde na sua vida adulta. Alguns provavelmente evidenciarão características de um padrão de vinculação preocupado, tornando-se altamente dependentes dos seus companheiros, sobretudo se no processo de crescimento não se tiver assistido a uma transformação das relações entre pais e filhos com vista a uma maior reciprocidade, mas pelo contrário se a nova figura de vinculação vier substituir o papel parental.

Um segundo aspecto que merece atenção prende-se com o facto de a duração da relação amorosa não parecer exercer um efeito substancial na determinação das relações entre a natureza da vinculação em ambos os domínios relacionais. Embora esta variável tenha merecido muito pouca atenção na investigação empírica, a sua integração no desenho metodológico permite, quanto a nós, aprofundar o conhecimento acerca do impacto da qualidade da relação amorosa na transformação dos modelos representacionais acerca de si e dos outros.

Duas hipóteses contrastantes poderão ser colocadas: a primeira prevê que à medida que as relações amorosas vão perdurando no tempo, tanto mais a possibilidade de o jovem iniciar processos de revisão e de transformação dos significados construídos em relações anteriores; deste modo esperar-se-ia uma associação cada vez mais fraca entre as representações da vinculação em ambos os contextos relacionais. Uma segunda hipótese remete, pelo contrário, para o facto de que à medida que as relações amorosas no adolescente vão evoluindo no tempo, tanto maior a probabilidade de o sistema de vinculação e de prestação de cuidados caracterizar as dinâmicas relacionais do par, actualizando experiências vividas na relação com as figuras parentais. Os resultados observados não permitem confirmar ou infirmar qualquer uma das hipóteses, sendo, no entanto, de sublinhar o facto de se assistir a um efeito principal da duração da relação sobre as representações da natureza da relação amorosa, no

sentido previsto teoricamente, ou seja, à medida que os jovens se vão conhecendo e que a relação permanece no tempo, diminuem os níveis de desconfiança e aumentam os de dependência. De qualquer modo, uma vez que com a amostra mais alargada dos 365 jovens apenas se observou um efeito marginal desta variável (ver Capítulo 7), será importante retomar esta questão em estudos posteriores.

Por último, apenas uma referência ao facto de se ter analisado simultaneamente a vinculação com cada figura parental e a sua relação com o envolvimento amoroso. Como é sabido, muito embora exista uma correlação moderada a elevada entre a qualidade do relacionamento com a figura paterna e a figura materna (também evidenciada nos estudos apresentados no Capítulo 7), indicadora do sistema de influências múltiplas e recíprocas no seio da família, existem variações não só do ponto de vista dimensional nas representações da vinculação a cada figura parental, como é possível cada uma das relações com as figuras parentais ser classificada de forma diferencial com base numa avaliação categorial. Embora as análises efectuadas não tenham a pretensão de avaliar as dinâmicas de vinculação que se estabelecem entre pais e filhos, uma vez que estas não se reduzem ao somatório dos valores em cada categoria, podem fornecer alguns dados sobre os efeitos compensatórios de uma vinculação segura pelo menos a uma das figuras de vinculação. De facto, foi possível observar que os adolescentes com relações preocupadas com ambos os progenitores apresentam valores mais elevados de dependência nas relações amorosas, comparando com o grupo constituído por relações seguras com ambas as figuras parentais e aquele constituído por uma relação segura com uma figura e uma insegura com a outra figura parental.

2. Entrevistas

Conforme referimos no início do capítulo, prosseguiremos com a análise dos resultados provenientes da realização de entrevistas semi-estruturadas, designadamente da *Entrevista de Avaliação da Vinculação à Família* e da *Entrevista de Avaliação da Vinculação aos Pares* (Bartholomew & Horowitz, 1991). Por motivos de clareza da exposição, e dada a quantidade de variáveis em causa, designaremos por: (a) *dimensões do relacionamento* parental e com os pares, as variáveis contínuas que serviram de base ao processo de cotação das entrevistas; (b) *dimensões estruturais* das narrativas, as variáveis contínuas relativas à organização discursiva dos participantes; (c) *padrões de vinculação,* as variáveis contínuas que dizem respeito às classificações atribuídas aos quatro protótipos de vinculação – seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado; e (d) *padrão de vinculação dominante,* a variável categorial que organiza os sujeitos a partir da classificação mais elevada obtida nas escalas contínuas anteriores. Os Quadro 41 e 42 apresentam o conjunto de variáveis contempladas nas análises que, de seguida, se apresentam.

Quadro 41.

Variáveis relativas à entrevista de avaliação da vinculação à família

Dimensões do relacionamento com os pais	*Dimensões estruturais das narrativas*
Responsividade/Sensibilidade *	**Elaboração**
Encorajamento da exploração *	**Coerência**
Rejeição *	**Integração**
Pressão para a realização*	**Insistência em não recordar**
Consistência de atitudes e comportamentos*	**Idealização***
Procura de proximidade e apoio *	
Ansiedade de separação*	*Protótipos de vinculação*
Raiva/revolta em relação aos pais *	**Seguro ***
Autonomia *	**Preocupado ***
Inversão de papéis *	**Desinvestido***
Qualidade da relação *	**Amedrontado***

Nota. Todas as dimensões assinaladas com * são avaliadas separadamente para cada figura parental.

Quadro 42.

Variáveis relativas à entrevista de avaliação da vinculação aos pares

Dimensões relativas ao domínio das amizades	*Dimensões estruturais das narrativas*
Self-disclosure	**Elaboração**
Envolvimento relativo	**Coerência**
Dominância	**Insistência em não recordar**
Qualidade da relação com o sexo oposto	**Riso inapropriado**
Qualidade da relação com o mesmo sexo	**"Não sei"**
Qualidade global das relações	**Idealização das relações de amizade**
	Idealização das relações amorosas
Dimensões relativas ao domínio das relações amorosas	**Idealização geral**
Self-disclosure	*Protótipos de vinculação*
Envolvimento relativo	**Seguro**
Dominância	**Preocupado**
Base segura	**Desinvestido**
Situação de abuso	**Amedrontado**
Qualidade das relações	
	Informações adicionais
Dimensões globais	**Padrão de choro**
Procura de proximidade	**Duração da relação mais longa**
Expressividade emocional	**Duração da relação actual**
Dependência emocional	**Nível de envolvimento**
Prestação de cuidados	**Número de relações significativas**
Afectuosidade	
Ciúme	
Ansiedade de separação	
Confiança no outro	
Autoconfiança	

2.1. Amostra

O Quadro 43 apresenta as características da amostra. A amostra é constituída por 82 participantes, sendo que 63,4% são do sexo feminino (n = 52) e 36,6% do sexo masculino (n = 30)[3]. O intervalo de idades varia entre os 17 e os 19 anos, sendo a média de 17,28 anos e o desvio padrão de 0,55.

[3] Note-se que muito embora se tenha tentado equilibrar a amostra do ponto de vista do género, dois factores contribuíram para a desigualdade numérica: por um lado, assistiu-se a uma menor adesão por parte dos rapazes à colaboração na realização das entrevistas e, por outro, perderam-

Todos os adolescentes são provenientes de famílias intactas e vivem actualmente com ambos os pais. A maioria destes jovens (65,9%) tem um(a) irmão(ã), 15,9% é filho único, e os restantes (18,3%) vivem em famílias constituídas por mais de dois filhos. Relativamente à escolaridade dos pais, em média as mães têm 3,06 anos de escolaridade (DP = 1,84), enquanto que os pais têm 3,14 anos (DP = 1,72). Quanto ao nível ocupacional, 44,4% dos pais foram classificados no nível médio, e 33,3% no baixo, enquanto que 50,6% das mães foram classificadas no nível baixo e 29,6% no médio. Refira-se que não existem diferenças significativas em função do género do adolescente no que diz respeito à escolaridade do pai ($t(81) = -0,080$; $p = 0,936$) e da mãe ($t(81) = -0,075$; $p = 0,941$), bem como ao nível ocupacional do pai ($t(81) = -0,278$; $p = 0,782$) e da mãe ($t(81) = -0,277$; $p = 0,782$).

No que toca ao agrupamento do ensino secundário, 45,6% dos adolescentes frequenta o agrupamento Científico-Natural, 26,6% o Económico-Social e 27,8% o de Humanidades. Note-se que dos participantes que acederam realizar as entrevistas, nenhum pertence ao agrupamento das Artes.

Dos adolescentes que realizaram as entrevistas, 12 (14,6%) consideram que nunca tiveram uma relação de namoro significativa. Dos restantes 70 (85,4%), a média de duração da relação mais longa é de 9,58 meses (DP = 8,47), da relação actual é de 10,62 meses (DP = 9,45), sendo que em média os jovens referem ter tido uma a duas relações amorosas que consideraram significativas. Testes t para amostras independentes revelaram a não existência de diferenças em função do género relativamente à duração da relação mais longa ($t(68) = 0,262$; $p = 0,794$), à duração da relação actual ($t(27) = 0,377$; $p = 0,709$), e ao número de relações significativas relatadas pelos adolescentes ($t(68) = 0.939$; $p = 0,351$).

---

perderam-se alguns participantes do sexo masculino por razões de natureza técnica, nomeadamente devido a deficiências no processo de gravação *audio*.

Quadro 43.
Caracterização da amostra (N = 82)

Sexo			
Feminino		63,4%	n=52
Masculino		36,6%	n=30
Idade			
17		74,1%	
18		21,0%	M = 17,28
19		3,7%	DP = 0,55
Situação familiar			
Famílias intactas		100%	
Número de irmãos			
0		15,9%	n=13
1		65,9%	n=54
2		13,4%	n=11
3		4,9%	n= 4
Escolaridade do pai		**Escolaridade da mãe**	
Até 4º ano	27,6%	Até 4º ano	34,2%
5º e 6º ano	7,9%	5º e 6º ano	6,6%
7º, 8º e 9º	25,0%	7º, 8º e 9º	19,7%
10º, 11º e 12º	17,1%	10º, 11º e 12º	14,5%
Cursos médios politécnicos e bacharelatos	7,9%	Cursos médios politécnicos e bacharelatos	9,2%
Licenciatura e superior	14,4%	Licenciatura e superior	15,8%
Nível ocupacional do pai		**Nível ocupacional da mãe**	
Baixo	33,3%	Baixo	50,6%
Médio	44,4%	Médio	29,6%
Alto	17,3%	Alto	16,0%
Reformado	2,5%	Reformada	0%
Desempregado	2,5%	Desempregada	1,2%
		Doméstica	2,5%
Agrupamento do ensino secundário			
Científico – Natural		45,6%	n=37
Económico – Social		26,6%	n=23
Humanidades		27,8%	n=22
Situação amorosa			
Já namoraram		85,4%	n=70
Nunca namoraram		14,6%	n=12
Duração da relação amorosa mais longa			
1 mês – 6 meses		50,7%	n=35
7 – 12 meses		23,2%	n=16 M = 9,58
Mais do que 12 meses		26,1%	n=18 DP = 8,47

2.2. Tratamentos estatísticos

À semelhança das análises efectuadas no ponto anterior com os instrumentos de autorelato, realizaram-se tratamentos estatísticos a partir de dois tipos de variáveis no que toca à vinculação: (1) aquelas que resultaram das classificações dos juizes em escalas contínuas de 9 pontos e que dizem respeito (a) às *dimensões de relacionamento* com os pais e com os pares contempladas em cada entrevista; (b) às dimensões estruturais das narrativas; e (c) aos *padrões de vinculação* relativamente a cada figura parental e aos pares, sendo que para cada variável se calculou a média dos valores atribuídos pelos dois juizes; (2) aquelas que resultaram da distribuição dos sujeitos pela classificação mais elevada relativamente aos padrões de vinculação, considerando-se assim um *padrão de vinculação dominante.*

Para os tratamentos estatísticos recorreu-se: a Análises de Variância Univariada e Multivariada (traço de Pillai) e à condução de testes *post-hoc* para a detecção da direcção das diferenças (teste de Scheffé); ao teste t de Student para amostras emparelhadas e independentes para avaliação das diferenças; a correlações de Pearson no sentido de testar as associações ao nível dimensional, e à medida de concordância de Cohen para avaliação da correspondência entre classificações categoriais.

Utilizou-se, ainda, o procedimento estatístico da Análise Discriminante para detectar as características na vinculação aos pais que distinguem os sujeitos dos grupos de vinculação aos pares, ou seja, pretende-se discriminar os 4 grupos de vinculação aos pares, classificados com base nos critérios da entrevista semi-estruturada, a partir da informação recolhida sobre as representações da vinculação aos pais. Mais especificamente, a análise discriminante calcula, a partir de um conjunto de variáveis preditoras ou independentes, uma combinação linear de variáveis (*função discriminante*), que permita a maximização da separação entre grupos. O número de funções discriminantes calculadas é igual ao número de grupos menos 1, ou igual ao número de variáveis preditoras, caso

este último critério resulte no valor inferior dos dois (Reis, 1997). No entanto, para a determinação do número de funções que deverão ser retidas, recorre-se ao teste estatístico de λ de Wilks e ao nível de significância associado. Para além disso, dever-se-á ter em conta o valor da correlação canónica, cuja proximidade de 1 indica a existência de uma relação importante entre a função discriminante e o conjunto de variáveis, sendo que o quadrado da correlação canónica poderá ser interpretado como a proporção da variância da função discriminante explicada pelos grupos. Para além de permitir determinar um conjunto de funções que distinga os grupos entre si a partir de um conjunto de variáveis preditoras, a análise discriminante possibilita, igualmente, testar a probabilidade de uma correcta classificação dos sujeitos nos grupos conhecidos *a priori* a partir do conhecimento de informação adicional (Tabachnick & Fidell, 1996).

Para a realização das análises recorreu-se ao programa SPSS 10 para Windows.

2.3. Resultados

Os resultados das entrevistas serão apresentados em 5 alíneas. Iniciaremos com análises descritivas relativamente às distribuições da vinculação aos pais e aos pares, baseadas nas avaliações categoriais do padrão de vinculação dominante e nas avaliações dimensionais dos padrões de vinculação. De seguida, analisaremos o efeito do género sobre os padrões de vinculação e as dimensões de relacionamento em ambos os domínios relacionais. Apresentaremos também os resultados das análises diferenciais relativas às associações entre a duração da relação amorosa e a vinculação aos pares, bem como a vinculação aos pais. Prosseguiremos, em terceiro lugar, com o estudo das relações entre a vinculação aos pais e aos pares, a partir da avaliação da concordância nos padrões dominantes e da análise das correlações entre as medidas contínuas da vinculação. Em quarto lugar, abordaremos as dimensões

estruturais das entrevistas, a partir do estudo correlacional entre estas e a vinculação. Finalmente, serão apresentados resultados de análises discriminantes relativas à identificação das variáveis dos padrões de vinculação e das dimensões estruturais das narrativas sobre a família que melhor discriminam os grupos de vinculação aos pares. A quantidade e a complexidade dos resultados exigiu que se procedesse a uma discussão dos mesmos no final de cada alínea.

2.3.1. Distribuições das classificações da vinculação aos pais e aos pares

2.3.1.1. A vinculação aos pais

O Quadro 44 apresenta a distribuição das classificações atribuídas aos adolescentes de acordo com o valor mais elevado relativamente aos quatro protótipos, e a Figura 10 organiza a informação graficamente. Desde logo, é possível constatar que uma percentagem bastante significativa de adolescentes – cerca de 71,5% - é classificada de segura relativamente à vinculação aos pais, sendo que, para além disso, a medida de concordância de Cohen indica que uma percentagem significativa de adolescentes recebeu a mesma classificação para ambos os progenitores ($k = 0,68$; $p < 0,001$).

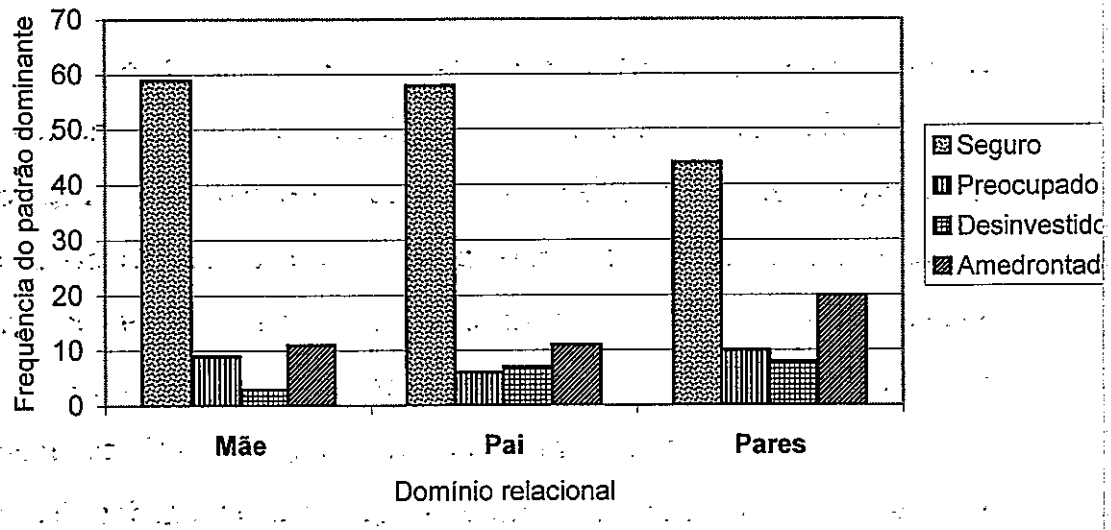
Um segundo aspecto que ressalta da leitura do Quadro 44 prende-se com as semelhanças e as diferenças nas distribuições em função do género da figura parental. De facto, a maioria dos adolescentes obteve uma classificação mais elevada no protótipo seguro e 13,4% foram classificados como predominantemente amedrontados, independentemente do género do progenitor. No entanto, assiste-se a uma maior percentagem de sujeitos que foi classificada de preocupada relativamente à mãe (11,0%), comparativamente com a relação com o pai (7,3%). Contrariamente, uma maior percentagem de adolescentes foi classificada de desinvestida relativamente ao pai (8,5%), em comparação com a relação com a mãe (3,7%).

Quadro 44.

Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais

	Padrão dominante (%)			
Domínios relacionais	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Vinculação à mãe	72,0	11,0	3,7	13,4
Vinculação ao pai	70,7	7,3	8,5	13,4
Vinculação aos pares	53,6	12,2	9,8	24,4

Figura 10. *Padrão de vinculação de acordo com os domínios relacionais*



Uma análise de qui-quadrado confirma a existência de diferenças significativas ao nível das distribuições (χ^2 (9) = 100,864; p < 0,001)[4]. Para além

[4] Também quando se consideram as amostras por género, se observam diferenças estatisticamente significativas entre as distribuições da vinculação ao pai e à mãe (amostra feminina: χ^2 (9) = 71,816; p < 0,001; amostra masculina: χ^2 (6) = 33,583; p < 0,001). Note-se que os graus de liberdade para amostra masculina são inferiores pela inexistência de rapazes desinvestidos em relação à mãe.

disso, testes t para amostras emparelhadas efectuados com base nas avaliações contínuas dos protótipos indicam que a vinculação à mãe é classificada como mais preocupada do que a vinculação ao pai, independentemente do género do adolescente (t(81) = 2,798; p = 0,006) (Anexo 7, Quadro A9). No entanto, apenas os rapazes são classificados com mais desinvestidos relativamente ao pai por comparação com a mãe (t(29) = -2,509; p = 0,018) (Anexo 7, Quadros A10 e A11).

2.3.1.2. A vinculação aos pares

No que concerne a vinculação aos pares, 53,6% dos adolescentes são classificados de seguros, 12,2% de preocupados, 9,8% de desinvestidos e 24,4% de amedrontados.

2.3.1.3. Comparação entre a vinculação aos pais e aos pares

A análise do Quadro 44 permite ainda verificar que, de um modo geral, existe uma maior percentagem de adolescentes considerados seguros na relação parental do que na relação com os pares. Por sua vez, assiste-se a uma maior percentagem de adolescentes considerados amedrontados na vinculação aos pares, comparativamente com a relação com as figuras parentais.

Testes t para amostras emparelhadas com as variáveis contínuas confirmam esta tendência (Anexo 7, Quadro A12). Os resultados indicam que os adolescentes obtiveram: (a) valores mais elevados de vinculação preocupada na relação com os pares do que na relação paterna (t(81) = 4,014; p < 0,001) e na relação materna (t(81) = 2,244; p = 0,028); (b) valores mais elevados de vinculação amedrontada na relação com os pares do que na relação paterna (t(81) = 6,891; p < 0,001) e na relação materna (t(81) = 6,643; p < 0,001); (c) valores mais elevados de vinculação desinvestida na relação com os pares do que na relação paterna (t(81) = 2,016; p = 0,047) e na relação materna (t(81) = 2,837; p = 0,006); e finalmente (d) valores mais baixos de vinculação segura na

relação com os pares do que na relação paterna (t(81) = -5,647; p < 0,001) e na relação materna (t(81) = -5,876; p < 0,001).

Análises do qui-quadrado para a comparação das distribuições não apresentam, todavia, diferenças estatisticamente significativas, tanto quando se compara a distribuição da vinculação à mãe com a da vinculação aos pares (χ^2 (9) = 11,342; p = 0,253), como quando se compara a distribuição da vinculação ao pai com a da vinculação aos pares (χ^2 (9) = 16,147; p = 0,064).

Em resumo, observaram-se os seguintes resultados:

1. Existe uma concordância significativa entre as classificações obtidas para a relação com ambas as figuras parentais.
2. Existem diferenças estatisticamente significativas entre as distribuições da *vinculação à mãe e ao pai*, tanto quando se considera a amostra total como separadamente por género do adolescente. Verifica-se que: (a) a distribuição dos padrões seguro e amedrontado é semelhante para o pai e para a mãe; (b) uma percentagem superior de adolescentes foram classificados no padrão preocupado relativamente à mãe, por comparação com o pai; (c) uma percentagem superior de adolescentes foram classificados no padrão desinvestido relativamente ao pai por comparação com a mãe.
3. Em avaliações contínuas dos *padrões de vinculação*, os adolescentes, independentemente do género, foram classificados como mais preocupados em relação à mãe por comparação com o pai; por sua vez apenas os rapazes foram classificados como mais desinvestidos relativamente ao pai por comparação com a mãe.
4. Numa abordagem categorial não se evidenciam diferenças entre a distribuição do padrão de vinculação relativamente à *mãe* e a do padrão de vinculação relativamente aos *pares*, bem como entre a distribuição do padrão de vinculação relativamente ao *pai* e a do padrão de vinculação

relativamente aos *pares*. Todavia, ao nível dimensional, observam-se valores mais elevados de insegurança (nos três padrões) e inferiores de segurança na relação com os pares, comparativamente com a relação com cada um dos pais;

2.3.1.4. Discussão

Um primeiro comentário aos resultados observados dirige-se às distribuições encontradas para as classificações dos padrões de vinculação dominantes. No que toca à vinculação aos pais, verificamos que uma percentagem bastante significativa de adolescentes – cerca de 71% - é classificada de segura. Esta percentagem é reveladora de que as famílias com adolescentes são capazes de criar condições para reorganizações internas, que permitam ao adolescente conciliar a necessidade de uma maior autonomia e diferenciação psicológicas com a manutenção de laços emocionais estáveis no seio da família. Distribuição semelhante foi encontrada por Soares (1996) com uma amostra de adolescentes portugueses, num estudo que recorreu à *AAI* para avaliar a representação da vinculação. Muito embora o método de classificação das entrevistas não coincida com o utilizado neste estudo[5], a autora encontrou 78,3% dos sujeitos com uma representação segura da vinculação e 21,6% com uma representação insegura.

Mas a percentagem reduzida de jovens com vinculações inseguras aos pais poderá igualmente ser explicada a partir da homogeneidade da amostra, designadamente no que à estrutura intacta da composição familiar diz respeito. De facto, o divórcio e a separação conjugal criam condições que, ao exigirem reorganizações sistémicas familiares, activam o sistema de vinculação, podendo dar origem a alterações significativas da qualidade das relações de vinculação.

[5] Como já foi referido anteriormente, o método de classificação utilizado foi a versão portuguesa do "The Regensburg Method of Analysing the Adult Attachment Interview" de Fremmer-Bombik, Rudolph, Weit, Schwarz e Schwarzmeier (1989).

Aliás, noutros estudos, também com jovens, observaram-se percentagens inferiores de sujeitos seguros, entre 52% e 69,5%, bastante superiores de vinculação desinvestida (ou desligada para referir o sistema de classificação de Main), entre 21% e 32%, e percentagens bastante variáveis de vinculação preocupada, entre 6,7% e 24% (Allen & Hauser, 1991; Kobak & Sceery, 1988; Sagi *et al.*, 1994).

Em consonância com a teoria da vinculação, as avaliações realizadas pelos juízes[6] indicam que os pais destes jovens são sensíveis e responsivos às necessidades dos mesmos, encorajadores dos movimentos de exploração e de procura da autonomia, não rejeitantes, e consistentes nas suas atitudes e práticas educativas. Por sua vez, muito embora procurem moderadamente a proximidade com as figuras parentais, estes adolescentes consideram que podem contar com o apoio das mesmas em momentos de dificuldade. Revelando uma elevada autonomia e uma baixa ansiedade de separação, estes jovens não manifestam sentimentos de revolta ou mágoa por acontecimentos passados ou presentes, nem idealizam as figuras parentais, reconhecendo de forma realista as suas virtudes e limitações. Finalmente, não estão presentes nestas famílias situações de inversão de papéis.

Mas para além das dimensões do relacionamento com os pais contempladas nas entrevistas, é possível identificar nas narrativas destes jovens outros denominadores comuns. Um primeiro tem que ver com a capacidade para *reflectir* acerca das experiências familiares. Independentemente da natureza dos acontecimentos, que em diversos casos incluem a divergência, a tensão e o conflito familiar, é possível identificar nas narrativas um sentido *coerente* atribuído aos acontecimentos emocionais mais significativos que ocorreram ao longo do

[6] Note-se que temos aqui em conta a magnitude das correlações observadas entre os padrões de vinculação e as dimensões observadas na EVF que constam do Anexo 2c, e às quais fizemos referência no Capítulo 6.

ciclo de vida. Esta reflexão traduz-se numa atitude de ponderação que caracteriza a forma como os jovens falam acerca das suas experiências, constituindo-se, além disso, o momento da entrevista como ocasião de revisão de alguns sentidos construídos acerca da relação com os outros. Isto é, se a entrevista revela a capacidade para o sujeito dar sentido à experiência, ela não encerra em si mesma um sentido último, fechado e absoluto, abrindo antes a possibilidade à construção de novas perspectivas.

Um segundo aspecto que tivemos a oportunidade de identificar nas narrativas destes jovens, muito embora não constasse de forma explícita na ficha de cotação e que julgamos ser um elemento interessante para investigação futura, relaciona-se com a dimensão do *tempo*. E não apenas com a dimensão cronológica e histórica que permite ao adolescente enquadrar as experiências passadas em função de circunstâncias específicas, internas e externas, que pautaram o ciclo de vida familiar, mas também com a dimensão do tempo psicológico. Se quisermos, o próprio adolescente descreve-se como um ser em desenvolvimento, sujeito a momentos de crise e de transição psicológica, capaz de rever o seu próprio comportamento à luz de uma nova consciência e de procurar novos sentidos para a sua relação com o mundo. Os momentos de maior tensão familiar, geralmente descritos a propósito de um desejo intenso de autonomia comportamental, exemplificados, na maior parte das vezes, nas saídas à noite e no fim-de-semana, são reconstruídos pelo adolescente à luz de uma perspectiva ecológica que considera a importância da estrutura e da organização familiar, os diferentes papéis e as culturas geracionais, e as transições desenvolvimentais, para além do meio social mais alargado.

Um último aspecto, que engloba os dois primeiros, e que caracteriza de forma clara o modo como estes adolescentes representam as relações de vinculação, prende-se com a noção de *autoria*. Com efeito, nas histórias destes adolescentes emerge a ideia do sujeito como actor do seu próprio projecto de vida que inclui os outros como uma dimensão essencial, e designadamente os

progenitores como figuras insubstituíveis. Se bem que o adolescente discorde de determinadas atitudes dos pais, compreende a divergência de perspectivas que relevam do exercício de papéis diferentes. Para além disso, reconhece a importância do seu papel na transformação das relações familiares, atribuindo-se inclusivamente responsabilidades em momentos mais críticos.

Mas se na grande maioria dos casos, os jovens estabelecem relações de segurança com ambas as figuras parentais, poderá evidenciar-se uma tendência das mães para criarem laços de sobredependência com os filhos (rapazes e raparigas), e uma tendência dos pais para desenvolverem uma relação de maior afastamento especialmente com os rapazes. Por outro lado, não deixa de ser curioso o facto de não existirem na amostra rapazes classificados no padrão dominante desinvestido relativamente à mãe, e ainda o facto de este padrão ser aquele que, na globalidade dos padrões, apresenta a menor representatividade. Estes aspectos merecem, quanto a nós, a atenção de estudos interculturais, por forma a detectar a influência da estrutura cultural na determinação dos significados construídos em torno da relação com cada figura parental. Ou seja, independentemente da universalidade do sistema de vinculação, é importante analisar em que medida existem variabilidades culturais na relevância de determinados padrões da vinculação para a adaptação.

À semelhança do que tem acontecido com outros estudos e em outros domínios relacionais (Bartholomew & Horowitz, 1991; Kobak & Sceery, 1988), são, deste modo, os padrões de vinculação insegura preocupado e desinvestido, que fazem emergir diferenças de género. A esta situação provavelmente não será alheio o facto de estes padrões configurarem as representações mais próximas das definições sociais mais tradicionais dos papéis sexuais (Shaver, Papalia, Clark, Koski, Tidwell & Nalbone, 1996). De facto, estudos recentes têm vindo a demonstrar uma associação entre o padrão preocupado e a feminilidade e entre o padrão desinvestido e a masculinidade, aparecendo o padrão seguro

especialmente relacionado com a androgenia. Também um estudo em curso com amostras de casais portugueses evidenciou resultados semelhantes (Ribeiro & Costa, 2001).

No que concerne a vinculação aos pares, na generalidade a distribuição observada assemelha-se a outras provenientes de estudos que recorreram ao sistema de classificação de Bartholomew e a amostras de adolescentes e jovens adultos, e os quais tivemos já a oportunidade de sintetizar no Capítulo 7 (Quadro 32, pág. 455). Note-se que, muito embora seja habitual esperar-se uma maior percentagem de sujeitos desinvestidos por comparação com os preocupados – situação que, em nosso entender, está fortemente ligada com a distribuição encontrada com os primeiros estudos na infância a partir da *Situação Estranha* e com o sistema em 3 categorias –, dos 11 estudos aos quais fazemos referência, 4 indicam uma maior prevalência de sujeitos preocupados por comparação com os desinvestidos e 1 uma distribuição semelhante para ambos estilos. De qualquer modo, na nossa amostra tanto o protótipo preocupado como o desinvestido, encontram-se abaixo dos valores percentuais observados em outros estudos, com a excepção de um (*eg.* Diehl *et al.*, 1998)[7]. A percentagem de sujeitos amedrontados encontra-se dentro da média daquelas observadas em outros estudos, embora seja de reconhecer a sua maior variabilidade comparativamente com os outros padrões. Finalmente, a percentagem de adolescentes seguros é a segunda mais elevada relativamente aos mesmos estudos.

[7] Refira-se, porém, que muito embora no estudo de Diehl *et al.* (1998), os autores designem a amostra de jovens adultos, na verdade a média de idades é de 30,3 anos (DP = 5,8), tendo inclusivamente sido eliminados da amostra os sujeitos com idade igual ou inferior a 20 anos.

A comparação entre as classificações da vinculação em ambos os domínios relacionais não revela diferenças significativas do ponto de vista das distribuições respectivas; no entanto evidencia que os jovens foram classificados de forma distinta quando se consideram escalas contínuas, o que mais uma vez vem sublinhar a importância da utilização de abordagens mistas, categoriais e dimensionais, no estudo da vinculação. De facto, mormente a semelhança estatística dos valores percentuais das categorias da vinculação, aliás já encontrada em estudos anteriores (van IJzendoorn *et al.*, 1996), foram atribuídos valores mais elevados de insegurança no domínio da relação com os pares e mais elevados de segurança no domínio da relação com as figuras parentais, independentemente do género do progenitor. A este resultado poderão estar associados pelo menos dois tipos de explicações.

Uma primeira terá que ver com a qualidade das experiências de relacionamento com os pares, e designadamente com os companheiros amorosos (uma vez que este domínio é privilegiado no processo de cotação final dos padrões), que poderão caracterizar-se por níveis de maior insegurança. O facto de se tratarem das primeiras experiências amorosas com significado permite compreender que o adolescente se confronta com um novo papel que exige competências que não foram ainda postas em prática em outras relações.

A necessidade de aceitação social, o desejo de experimentação sexual (no seu sentido mais lato) e a transformação da relação parental criam uma forte motivação para a procura de uma relação amorosa (Gray & Steinberg, 1999). No entanto, a construção da intimidade emocional comporta riscos e os adolescentes encontram-se perante a tarefa de experimentar os efeitos desses mesmos riscos e de aprender a negociar um equilíbrio entre o sentido do *Eu* e o sentido do *Nós* (Costa, 2000). Não se trata apenas de conhecer o outro; trata-se também de conhecer-se a si próprio, de avaliar em que medida é possível permitir-se depender emocionalmente sem que a sua individualidade seja posta em causa, de confrontar-se com o papel de cuidar emocionalmente de alguém e de poder e

querer funcionar como fonte importante de conforto, de protecção e de segurança. Se quisermos, trata-se de o adolescente se conhecer *em relação* com um outro especialmente significativo. Ora, contrariamente à relação com os pais cuja duração no tempo garante uma maior previsibilidade do comportamento do outro, na relação amorosa o desconhecido abre portas a mais hesitações, incertezas e inseguranças. Como diria Bowlby (1969/91), só na medida em que o tempo permitir a transformação do novo no familiar, é possível que a segurança se construa progressivamente.

Uma segunda explicação remete para o período desenvolvimental que os jovens atravessam e que se caracteriza não apenas pela procura intensa da proximidade dos pares, mas também por uma tendência para fazer depender a autoestima da aceitação dos outros numa atitude de grande conformismo com o grupo de pertença. O forte investimento na relação amorosa, de que é exemplo a vinculação preocupada, poderá assim sofrer a influência de um modo particular de dar sentido à(s) realidade(s) nesta etapa de desenvolvimento, podendo assistir-se a um menor recurso a este padrão de funcionamento mais tarde na idade adulta. Embora sejam escassos os estudos que tematizam esta questão, procurando analisar as influências desenvolvimentais nas representações da vinculação, podemos sublinhar o estudo de Benoit e Parker (1994) que comparou três gerações (filhas, mães e avós) e observou uma tendência para uma maior prevalência de vinculação desligada na geração mais velha.

Finalmente, um terceiro aspecto, que poderá contribuir para explicar os níveis superiores de segurança na relação com os pais, poderá estar relacionado com o facto de estes jovens, dada a permanência no tempo destas relações, estarem mais preparados para reflectir acerca das mesmas, construindo um sentido mais coerente da sua história de relacionamento com as figuras significativas, e sendo mais capazes de integrar num todo consistente experiências positivas e negativas.

2.3.2. Efeitos do género e da duração da relação amorosa

2.3.2.1. Nos padrões de vinculação aos pais e aos pares

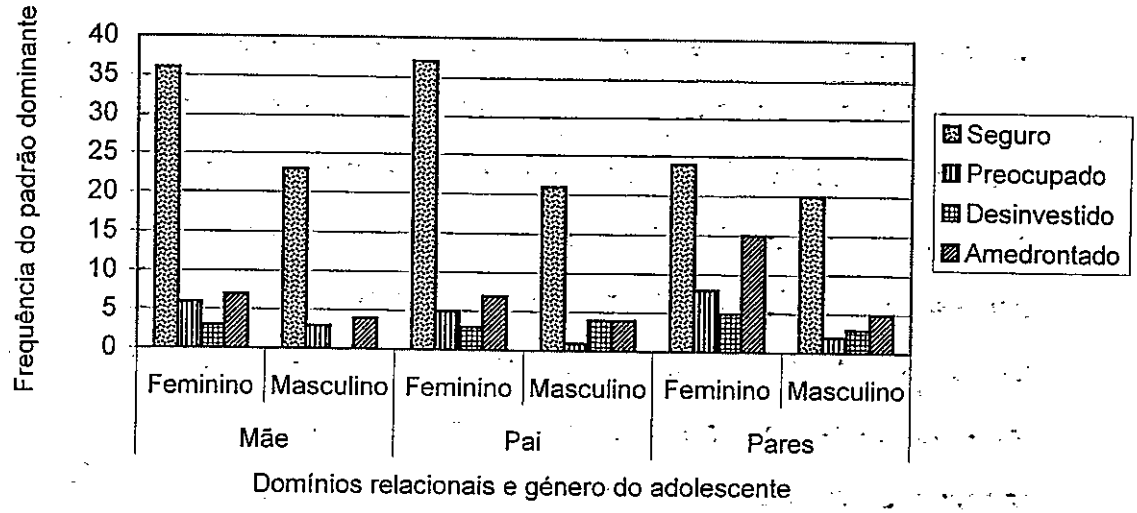
O Quadro 45 apresenta as distribuições nos padrões de vinculação de acordo com os domínios relacionais e o género, e permite constatar diferenças percentuais na distribuição das classificações de acordo com o género do adolescente. A Figura 11 apresenta as distribuições graficamente. Note-se, em particular, o facto de a amostra não incluir rapazes desinvestidos em relação à mãe, comparativamente com 5,8% das raparigas. Por sua vez, 13,3% dos rapazes foram classificados de desinvestidos em relação ao pai, em comparação com apenas 5,8% das raparigas. Contrariamente, apenas 3,3% dos rapazes foram classificados de preocupados em relação ao pai, em comparação com 9,6% das raparigas.

Quadro 45.

Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais e o género do adolescente

	Padrão dominante (%)			
Domínios relacionais	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Vinculação à mãe				
Raparigas	69,2	11,5	5.8	13.5
Rapazes	76,7	10,0	0	13,3
Vinculação ao pai				
Raparigas	71,2	9,6	5,8	13,5
Rapazes	70,0	3,3	13,3	13,3
Total				
Vinculação aos pares				
Raparigas	46,2	15,4	9,6	28,8
Rapazes	66,7	6,7	10,0	16,7

Figura 11. *Padrão de vinculação de acordo com os domínios relacionais e o género do adolescente*



Na distribuição relativa à vinculação aos pares existe, no entanto, uma maior aproximação das classificações obtidas em ambas as amostras no que toca a vinculação desinvestida. De qualquer modo, observa-se uma maior prevalência de raparigas preocupadas e amedrontadas, e uma maior prevalência de rapazes seguros.

Estas diferenças nas distribuições não são, contudo, estatisticamente significativas, quando se analisa o qui-quadrado, tanto na relação entre o género e a vinculação à mãe ($\chi^2(3) = 1{,}918$; $p = 0{,}590$) como na relação entre o género e a vinculação ao pai ($\chi^2(3) = 2{,}305$; $p = 0{,}512$). Também no que diz respeito à distribuição das classificações da vinculação aos pares, não se observam diferenças significativas entre as distribuições em função do género ($\chi^2(3) = 3{,}837$; $p = 0{,}280$).

Realizaram-se, ainda, análises de variância multivariada para avaliar o efeito do género do adolescente sobre os padrões de vinculação ao pai e à mãe considerados enquanto variáveis contínuas. Não se observaram efeitos principais do género no que toca a vinculação ao pai ($F(4; 77) = 1{,}390$; $p = 0{,}245$) e a

vinculação à mãe (F(4, 77) = 0,497; p = 0,738). Dito de outro modo, os rapazes e as raparigas não se diferenciam entre si no modo como são classificados ao longo de escalas contínuas relativas à segurança, à preocupação, ao desinvestimento e ao amedrontamento.

No que diz respeito à vinculação aos pares, realizou-se uma análise de variância multivariada bifactorial com o género e a duração da relação amorosa mais longa como factores independentes e os quatro padrões de vinculação aos pares como variáveis dependentes. Para o efeito criaram-se 3 grupos com base na duração da relação, sendo o primeiro constituído pelos jovens que tiveram uma relação que durou entre 1 a 6 meses (n = 35), o segundo constituído por aqueles que tiveram uma relação que durou entre 7 meses e um ano (n = 16), o terceiro constituído pelos sujeitos que tiveram uma relação com duração superior a um ano (n = 18)[8]. A análise não revelou um efeito principal do género (F(4, 60) = 0,893; p = 0,474) nem da duração da relação (F(8, 122) = 0,818; p = 0,588), nem detectou um efeito de interacção (F(8, 122) = 0,735; p = 0,661)[9]. Para além disso, constatou-se, a partir de uma análise de variância univariada, que a duração da relação mais longa também não varia em função do padrão dominante de vinculação aos pares (F(3, 69) = 0,392; p = 0,759), do padrão dominante de vinculação ao pai (F(3, 69) = 2,368; p = 0,082) e do padrão dominante de vinculação à mãe (F(3, 69) = 2,076; p = 0,116).

[8] Note-se que para a distribuição pelos grupos é considerado um total de 69 sujeitos.

[9] Também quando se analisa o efeito do género com o total de 82 sujeitos, não se evidencia um efeito principal do mesmo nos padrões de vinculação aos pares (F(4, 77) = 1,557; p = 0,194).

2.3.2.2. Nas dimensões do relacionamento com os pais e com os pares

Conforme foi desenvolvido no Capítulo 6, cada uma das entrevistas reúne um conjunto de critérios ao longo dos quais as entrevistas são classificadas e que apoiam o juiz na decisão final quanto à cotação ao longo dos quatro padrões de vinculação. Os critérios que permitem a avaliação da qualidade do relacionamento parental ou com os pares foram, como já dissemos, designados de *dimensões de relacionamento*, tendo sido tratados como variáveis contínuas.

Conduziram-se, assim, análises de variância multivariada por forma a averiguar o efeito do género do adolescente sobre as dimensões do relacionamento com cada uma das figuras parentais e com os pares. No que diz respeito ao relacionamento com o pai, não se evidenciaram diferenças de género ($F(16, 59) = 1{,}359$; $p = 0{,}194$). No entanto, no relacionamento com a mãe, detectou-se um efeito principal do género ($F(16, 60) = 2{,}392$; $p = 0{,}008$). Testes de *post-hoc* revelaram que as raparigas obtiveram valores mais elevados de *procura de proximidade* ($F(1, 81) = 6{,}435$; $p = 0{,}013$) e de *ansiedade de separação* ($F(1, 81) = 12{,}418$; $p = 0{,}001$), e mais baixos de *autonomia* ($F(1, 81) = 5{,}073$; $p = 0{,}027$) (Anexo 7, Quadro A13).

Também quando se toma em consideração o género da figura parental, se assiste a diferenças significativas. Os testes t para amostras emparelhadas evidenciaram diferenças significativas para as dimensões *responsividade, procura de proximidade, ansiedade de separação* e *inversão de papéis,* nas quais os valores relativamente à relação com a mãe são superiores aos da relação com o pai (Anexo 7, Quadro A14). Quando se realizam as análises separadamente por género do adolescente, verifica-se que nas raparigas, continuam a evidenciar-se diferenças significativas nas mesmas dimensões, com a excepção da *responsividade,* sendo que emerge também uma diferença relativamente à *autonomia*, em que a relação com a mãe é avaliada como menos autónoma do que a relação com o pai ($t(51) = -2{,}360$; $p = 0{,}022$). Relativamente à amostra masculina, verificam-se diferenças significativas apenas na dimensão *procura de*

proximidade e apoio, sendo as mães mais procuradas do que os pais (t(29) = 2,044; p = 0,050). Note-se, porém, que a diferença na dimensão *responsividade* se aproxima da significância estatística (t(29) = 1,938; p = 0,062) e no sentido encontrado com a amostra total.

Finalmente, uma análise multivariada de variância bifactorial com o género do adolescente e a duração da relação amorosa mais longa como factores e as dimensões do relacionamento com os pares como variáveis dependentes também não evidenciou um efeito principal do género do adolescente (F(34, 23) = 1,928; p = 0,054), da duração da relação amorosa (F(68, 48) = 1,395; p = 0,113), nem um efeito de interacção entre ambos os factores (F(68, 48) = 1,004; p = 0,501).

Em síntese, observaram-se os seguintes resultados:

1. Comparando os resultados nos *padrões de vinculação* ao pai e à mãe por género do adolescente, não se observam diferenças significativas tanto ao nível das distribuições como do ponto de vista dimensional.
2. Por sua vez, no que respeita às dimensões de relacionamento, e na relação com a mãe, as raparigas obtêm valores mais elevados de *procura de proximidade* e *de ansiedade de separação* e *inferiores de autonomia* comparativamente com os rapazes.
3. Os rapazes obtêm valores mais elevados *na procura de proximidade e apoio* na relação com a mãe, por comparação com a do pai. As raparigas obtêm valores superiores nas *dimensões procura de proximidade e de apoio*, *ansiedade de separação* e *inversão de papéis* e valores inferiores de autonomia na relação com a mãe comparativamente com a do pai.
4. Não se evidenciam diferenças de género na distribuição dos *padrões de vinculação aos pares*, nem se observam diferenças ao nível dimensional em função do género e da duração da relação.

5. Do mesmo modo, não se observam diferenças significativas em função do género do adolescente e da duração da relação amorosa nas *dimensões de relacionamento* com os pares..

2.3.2.3. Discussão

Contrariamente a resultados encontrados em estudos anteriores com entrevistas semi-estruturadas (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bell, 1998; Kobak & Sceery, 1988) e às hipóteses formuladas, não foram detectadas diferenças de género do adolescente nos *padrões de vinculação* ao pai e à mãe, bem como aos pares, tanto numa abordagem categorial como dimensional. No entanto, evidenciaram-se diferenças de género em três das *dimensões do relacionamento* com a mãe, em que as raparigas obtiveram valores mais elevados de ansiedade de separação, de procura de proximidade e mais baixos de autonomia, comparativamente com os rapazes. Por outro lado, em consonância com as hipóteses levantadas e na linha dos resultados observados com os instrumentos de autorelato (cf. Capítulo 7) as mães são consideradas como mais responsivas, particularmente pelos rapazes, assistindo-se, para ambos os géneros, a uma maior procura da proximidade e do apoio desta figura por comparação com o pai.

De qualquer forma, os resultados traduzem, na globalidade, a inexistência de diferenças substanciais no modo como rapazes e raparigas adolescentes organizam as suas narrativas acerca dos acontecimentos afectivos mais significativos no domínio das relações com os pais e com os pares; bem como nas estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal que utilizam nas suas interacções com os outros significativos. Esta tendência para um esbatimento das diferenças de género poderá ser eco de uma cultura que tende cada vez mais a aceitar e a imprimir nas suas práticas um ideal andrógino, e a afastar-se da rigidez e da estereotipia associadas à definição de papéis sexuais tradicionais.

De qualquer forma, note-se que um conjunto alargado de estudos que utilizaram instrumentos de autorelato também não evidenciaram diferenças de género do adolescente, como tivemos a oportunidade de desenvolver no Capítulo 5 (Armsden & Greenberg, 1987; Brack *et al.*, 1993; Haigler *et al.*, 1995; Kenny *et al.*, 1993; Lapsley *et al.*, 1990; McCormick & Kennedy, 1994; Parker *et al.*, 1979; Quintana & Lapsley, 1990; Rice & Cummins, 1996; Rice *et al.*, 1995; Vivona, 2000; Young & Lichtenberg, 1996), para além do estudo de Soares (1996) que recorreu à entrevista junto de uma amostra de adolescentes portugueses.

2.3.3. Relações entre a vinculação aos pais e aos pares

2.3.3.1. Concordância nas classificações dominantes

Os Quadros 46 e 47 indicam a concordância entre as classificações da vinculação em ambos os domínios. A medida de concordância de Cohen entre a vinculação à mãe e a vinculação aos pares revelou-se significativa (k = 0,20; p = 0,004), assim como aquela entre a vinculação ao pai e a vinculação aos pares (k = 0,21; p = 0,02). Estes resultados indicam que, ao nível categorial, as classificações da vinculação aos pais estão correlacionadas (embora com uma magnitude baixa)[10] com a vinculação aos pares. Note-se, por exemplo, que dos 59 sujeitos classificados como seguros na relação com a mãe, 36 receberam a mesma classificação na relação com os pares, ou que dos 11 adolescentes classificados como amedrontados na relação com a mãe, 5 também o foram na relação com os pares. No entanto, dos 20 adolescentes que obtiveram uma classificação de amedrontados relativamente aos pares, 12 foram classificados de seguros na vinculação à mãe. No total, 54,9% dos sujeitos obtiveram a mesma

[10] Para além de se considerar a significância estatística, o valor do kappa de Cohen pode ser interpretado como a magnitude do efeito.

classificação em ambos os domínios relacionais, tendo em conta os quatro padrões de vinculação, tanto quando se considera a vinculação à mãe como a vinculação ao pai. Refira-se que as percentagens esperadas pelo acaso são de 43,6% para a vinculação à mãe e de 43,1% para a vinculação ao pai.

Quadro 46.

Concordância das classificações da vinculação à mãe e aos pares com base nos quatro protótipos

	Vinculação aos pares				
Vinculação à mãe	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**	Total
Seguro	37	5	5	12	59
	(31,7)	(7,2)	(5,8)	(14,4)	
Preocupado	3	2	1	3	9
	(4,8)	(1,1)	(0,9)	(2,2)	
Desinvestido	1	1	1	0	3
	(1,6)	(0,4)	(0,3)	(0,7)	
Amedrontado	3	2	1	5	11
	(5,9)	(1,3)	(1,1)	(2,7)	
Total	44	10	8	20	82

Nota. As frequências esperadas são incluídas entre parênteses.

Quadro 47.

Concordância das classificações da vinculação ao pai e aos pares com base nos quatro protótipos

	Vinculação aos pares				
Vinculação ao pai	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**	Total
Seguro	37	5	5	11	58
	(31,3)	(7,1)	(5,7)	(14,1)	
Preocupado	1	2	0	3	6
	(3,2)	(0,7)	(0,6)	(1,5)	
Desinvestido	3	0	2	2	7
	(3,8)	(0,9)	(0,7)	(1,7)	
Amedrontado	3	3	1	4	11
	(5,9)	(1,3)	(1,1)	(2,7)	
Total	44	10	8	20	82

Nota. As frequências esperadas são incluídas entre parênteses.

Para além de se testar a concordância entre ambos os domínios a partir do sistema dos quatro protótipos, avaliou-se igualmente a concordância com base em duas categorias, designadamente o grupo de sujeitos seguros e o de sujeitos inseguros. Verifica-se que, dos adolescentes classificados de seguros na relação com a mãe, 62,7% também são classificados de seguros na relação com os pares por contraste com 37,3% que obtiveram uma classificação de inseguros; dos adolescentes classificados de inseguros relativamente à mãe, 30,4% foram classificados de seguros na relação com os pares e 69,6% de inseguros (k = 0,27; p = 0,008) (Quadro 48). No total, 64,6% dos adolescentes obtiveram a mesma classificação em ambos os domínios relacionais, tendo apenas em conta a distinção entre padrão seguro e padrões inseguros.

Por sua vez na relação com o pai, dos sujeitos classificados de seguros, 63,8% também o foram relativamente aos pares, sendo 36,2% classificados de inseguros, e dos sujeitos classificados de inseguros na relação com o pai, 70,8% obtiveram a mesma classificação no domínio dos pares e 29,2% obtiveram uma classificação de seguros (k = 0,30; p = 0,004) (Quadro 49). No total, 65,8% dos adolescentes obtiveram a mesma classificação em ambos os domínios relacionais, a partir da distinção entre padrão seguro e padrões inseguros.

Quadro 48.

Concordância das classificações da vinculação à mãe e aos pares com base em duas categorias

	Vinculação aos pares		
Vinculação à mãe	**Seguro**	**Inseguro**	**Total**
Seguro	37	22	59
	(31,7)	(27,3)	
Inseguro	7	16	23
	(12,3)	(10,7)	
Total	44	38	82

Nota. As frequências esperadas são incluídas entre parênteses.

Quadro 49.

Concordância das classificações da vinculação ao pai e aos pares com base em duas categorias

	Vinculação aos pares		
Vinculação ao pai	**Seguro**	**Inseguro**	Total
Seguro	37	21	58
	(31,1)	(26,9)	
Inseguro	7	17	24
	(12,9)	(11,1)	
Total	44	38	82

Nota. As frequências esperadas são incluídas entre parênteses.

2.3.3.2. Correlações entre os padrões de vinculação

As associações entre a vinculação aos pais e aos pares foram ainda analisadas a partir das medidas contínuas atribuídas aos padrões de vinculação, com base nas correlações de Pearson. Como é possível observar no Quadro 50, todas as correlações entre os protótipos idênticos em ambos os domínios (assinaladas a carregado) são significativas e variam entre 0,29 e 0,41, sendo que os valores da vinculação ao pai são superiores aos da vinculação à mãe. Para além disso, observam-se igualmente correlações entre dimensões de vinculação distintas em ambos os domínios. Note-se, em particular, a correlação negativa e moderada entre uma vinculação segura aos pais e a vinculação amedrontada aos pares (r médio = -0,48), reveladora da medida em que uma vinculação segura poderá exercer um efeito protector sobre a qualidade da relação com os pares.

Quadro 50.

Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e aos pares

	Vinculação aos pares			
Vinculação aos pais	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Vinculação à mãe				
Seguro	**0,380****	-0,266*		-0,462**
Preocupado	-0,230*	**0,336****		0,242*
Desinvestido			**0,294****	
Amedrontado	-0,295**			**0,377****
Vinculação ao pai				
Seguro	**0,413****			-0,496**
Preocupado	-0,229*	**0,400****	-0,252*	0,240*
Desinvestido			**0,374****	
Amedrontado	-0,270*	0,231*		**0,380****

Nota. Só estão incluídas as correlações significativas. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Na generalidade, o padrão de correlações replica na relação com ambas as figuras parentais. Excepções constituem, no caso da vinculação à mãe, a correlação negativa entre uma vinculação segura à mãe e uma vinculação preocupada aos pares, e no caso da vinculação ao pai, a correlação negativa entre uma vinculação preocupada ao pai e desinvestida aos pares, e a correlação positiva entre uma vinculação amedrontada ao pai e preocupada aos pares. Finalmente, uma nota para o facto de o sentido das correlações observadas não contrariar o esperado do ponto de vista teórico, isto é, independentemente do domínio em causa, valores de segurança numa relação estão correlacionados positivamente com valores de segurança e negativamente correlacionados com valores de insegurança na outra relação.

O Quadro 51 compara os valores do presente estudo com aqueles observados em outros estudos com as mesmas entrevistas (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bartholomew & Shaver, 1998). Note-se que nestes estudos não foi diferenciado o género do progenitor na avaliação da vinculação aos pais.

Na generalidade, é possível constatar que os valores do estudo presente se encontram dentro da média daqueles observados nos outros estudos, com a excepção do valor para o padrão preocupado que é mais baixo no estudo presente.

Quadro 51.

Correlações de Pearson entre padrões de vinculação idênticos: Comparação entre estudos

	Padrões de vinculação			
Estudos	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Bartholomew & Horowitz, 1991	0,39**	0,66**	0,41**	0,29*
Bartholomew & Shaver, 1998	0,37**	0,42**	0,35**	0,46**
Estudo presente				
vinculação à mãe	0,38**	0,34**	0,29**	0,38**
vinculação ao pai	0,41**	0,40**	0,37**	0,38**

Nota. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

2.3.3.3. Correlações entre dimensões do relacionamento e padrões de vinculação

Como já referimos, para além das classificações nos protótipos, o material das entrevistas permite igualmente avaliar as representações dos adolescentes relativamente a uma diversidade de *dimensões do relacionamento* com os pais e os pares, que servem de critérios de apoio ao processo de cotação. Com o objectivo de identificar as condições do relacionamento num domínio relacional que são especialmente significativas na compreensão da qualidade da vinculação no outro domínio relacional, efectuaram-se análises de correlações de Pearson:

(a) entre as dimensões do relacionamento com os pais e os padrões de vinculação aos pares e (b) entre as dimensões do relacionamento com pares e os padrões de vinculação aos pais[11].

No que concerne o primeiro grupo de análises[12], verifica-se que uma vinculação *segura* aos pares encontra-se positivamente correlacionada com a responsividade parental[13] (rm = 0,28; p = 0,012; rp = 0,27; p = 0,013), o encorajamento à exploração (rm = 0,23; p = 0,037; rp = 0,25; p = 0,026), a autonomia (rm = 0,29; p = 0,009; rp = 0,29; p = 0,008) e a qualidade da relação com os pais (rm = 0,30; p = 0,006; rp = 0,33; p = 0,003), e encontra-se negativamente correlacionada com a rejeição (rm = -0,27; p = 0,013; rp = -0,22; p = 0,045), a revolta relativamente à figura paterna (rp = -0,26; p = 0,018), e a inversão de papéis na relação com o pai (rp = -0,22; p = 0,049).

A vinculação *preocupada* aos pares encontra-se positivamente correlacionada com a inversão de papéis (rm = 0,43; p < 0,001; rp = 0,33; p = 0,002) e negativamente com a autonomia (rm = -0,28; p = 0,012; rp = 0,26; p = 0,018).

A vinculação *desinvestida* aos pares não se encontra correlacionada com nenhuma das dimensões de conteúdo do relacionamento parental.

Finalmente, a vinculação *amedrontada* encontra-se positivamente correlacionada com a rejeição (rm = 0,30; p = 0,007; rp = 0,28; p = 0,010), a

---

[11] As correlações observadas para cada uma das alíneas encontram-se em Anexo. No texto que se segue destacam-se apenas as correlações significativas.

[12] A matriz de correlações para a amostra feminina, masculina e total consta no Anexo 8 (Quadro A15).

[13] Os valores da correlação de Pearson para as variáveis da relação com a mãe e com o pai serão identificados por rm e rp, respectivamente.

ansiedade de separação relativamente aos progenitores (rm = 0,29; p = 0,009; rp = 0,22; p = 0,047), a pressão para a realização da parte do pai (rp = 0,29; p = 0,008) e a revolta relativamente à figura paterna (rp = 0,27; p = 0,016), e negativamente correlacionada com a responsividade (rm = -0,32; p = 0,003; rp = -0,39; p < 0,001), o encorajamento da exploração (rm = -0,30; p = 0,007; rp = -0,40; p < 0,001), a procura de proximidade do pai (rp = -0,32; p = 0,004), a autonomia (rm = -0,43; p < 0,001; rp = -0,41; p < 0,001) e a qualidade da relação com os pais (rm = -0,38; p < 0,001; rp = -0,50; p < 0,001).

Dos resultados apresentados, saliente-se: (a) o facto de o sentido das correlações estar de acordo com o esperado do ponto de vista teórico; (b) o facto de, na generalidade, a magnitude das correlações ser baixa, com a excepção dos valores moderados encontrados para algumas associações; assinale-se, em particular, o valor encontrado entre a vinculação desinvestida e a qualidade do relacionamento com o pai; (c) o facto de, muito embora no ponto anterior (2.3.4.1.) se tivesse constatado uma associação, ainda que de baixa magnitude, entre a vinculação desinvestida aos pais e aos pares, esta não parecer ser explicada a partir das dimensões de relacionamento com os pais avaliadas na entrevista.

Por forma a testar em que medida a ausência de associações significativas com a vinculação desinvestida poderia ser explicada a partir do género do adolescente, calcularam-se as correlações de Pearson, separadamente por género. Mais uma vez, os resultados não evidenciaram correlações significativas entre as dimensões do relacionamento familiar e a vinculação desinvestida. De qualquer modo, no que se refere aos restantes padrões de vinculação, refira-se um maior número de correlações significativas para a amostra feminina, comparativamente com a amostra masculina (*vide* Quadro A15).

O segundo grupo de análises diz respeito às correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e as dimensões de relacionamento com os pares[14].

Assim, observaram-se correlações significativas e positivas entre uma vinculação *segura* aos pais[15] e a qualidade do relacionamento com os pares (rm = 0,34; p = 0,002; rp = 0,35; p = 0,001), a base segura (rm = 0,25; p = 0,034; rp = 0,27; p = 0,020), a qualidade das relações amorosas (rp = 0,27; p = 0,017), a confiança no outro (rm = 0,42; p < 0,001; rp = 0,45; p < 0,001), e a autoconfiança (rm = 0,37; p = 0,001; rp = 0,35; p = 0,001). Encontraram-se correlações negativas com o evitamento (rp = -0,24; p = 0,038), o ciúme (rm = -0,29; p = 0,010; rp = -0,24; p = 0,031) e a ansiedade de separação (rm = -0,31; p = 0,005; rp = -0,28; p = 0,012).

No que toca à vinculação *preocupada* aos pais, detectaram-se correlações positivas com a frequência do choro (rm = 0,32; p = 0,004; rp = 0,22; p = 0,046), o *self-disclosure* (rp = 0,27; p = 0,016), a dependência emocional (rm = 0,29; p = 0,009; rp = -0,43; p < 0,001), a prestação de cuidados (rp = 0,22; p = 0,044), o ciúme (rm = 0,23; p = 0,035; rp = -0,28; p = 0,011) e a ansiedade de separação (rp = 0,25; p = 0,022)

A vinculação *desinvestida* aos pais correlaciona-se negativamente com a frequência do choro (rm = -0,22; p = 0,046; rp = -0,26; p = 0,018), o *self-disclosure* (rp = -0,29; p = 0,009), a dependência emocional (rp = -0,23; p = 0,035) e o ciúme (rp = -0,25; p = 0,024).

---

[14] As matrizes de correlações para a amostra total, feminina e masculina constam no Anexo 8 (Quadros A16, A17 e A18).

[15] Note-se que nem sempre se observaram correlações significativas com ambas as figuras parentais. Entre parêntesis é possível detectar que correlações se mostraram significativas a partir da designação *rp* que indica a correlação entre a variável do relacionamento com pares e a vinculação ao pai, e *rm* que indica a correlação no caso da associação com a vinculação à mãe.

Por último, a vinculação *amedrontada* aos pais apresenta correlações positivas com a dependência emocional (rm = 0,23; p = 0,035), o ciúme (rm = 0,26; p = 0,020; rp = 0,33; p = 0,003), a ansiedade de separação (rm = 0,30; p = 0,006; rp = -0,28; p = 0,010), e negativas com a qualidade do relacionamento com os pares (rm = -0,25; p = 0,021; rp = -0,25; p = 0,026), a base segura (rm = -0,25; p = 0,034), a qualidade das relações amorosas (rm = -0,24; p = 0,033; rp = -0,25; p = 0,032), a confiança no outro (rm = -0,29; p = 0,008; rp = -0,26; p = 0,019) e a autoconfiança (rm = -0,30; p = 0,006; rp = -0,23; p = 0,036).

Em geral é, assim, possível constatar que: (a) o sentido das correlações observadas está conforme ao esperado teoricamente; (b) a magnitude das correlações, à semelhança das apresentadas no ponto anterior, é baixa, com a excepção dos valores moderados encontrados para algumas associações; (c) das dimensões relativas ao relacionamento com os pares, a ansiedade de separação, o ciúme e a dependência emocional são aquelas que apresentam correlações significativas com praticamente todos os padrões de vinculação aos pais; (d) de modo idêntico ao observado no ponto anterior, a vinculação ao pai apresenta maior número de correlações significativas com a vinculação aos pares; (e) também se assiste a um maior número de correlações significativas para a amostra feminina.

2.3.3.4. Correlações entre padrões de vinculação e modelo de si próprio e do outro

De acordo com a sugestão de Griffin e Bartholomew (1994a) avaliaram-se igualmente as correlações de Pearson entre os modelos de si próprio e do outro em cada domínio relacional. Para o cálculo da dimensão 'modelo de si próprio' somaram-se os valores obtidos nos padrões que representam um modelo positivo acerca de si próprio (seguro e desinvestido), subtraindo-se os valores dos padrões que representam um modelo negativo de si próprio (preocupado e amedrontado). Para o cálculo do 'modelo do outro', por sua vez, somaram-se os valores dos padrões que têm subjacente um modelo positivo acerca dos outros

(seguro e preocupado), tendo-se subtraído os valores daqueles que representam um modelo negativo dos outros (desinvestido e amedrontado). Valores elevados nas variáveis em causa representam, assim, modelos positivos de si próprio e do outro. O Quadro 52 indica as correlações observadas entre os padrões de vinculação aos pais e os modelos na relação com os pares, enquanto que o Quadro 53 indica as correlações entre os padrões de vinculação aos pares e os modelos na relação com os pais.

Quadro 52.
Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e modelos de si e do outro na relação com os pares

	Vinculação aos pares	
Vinculação aos pais	**Modelo de si**	**Modelo do outro**
Vinculação à mãe		
Seguro	0,474**	0,246*
Preocupado	-0,375**	
Desinvestido		-0,250*
Amedrontado	-0,385**	
Vinculação ao pai		
Seguro	0,456**	0,327**
Preocupado	-0,417**	
Desinvestido		-0,334**
Amedrontado	-0,395**	

Nota. Só estão incluídas as correlações significativas. **p<0,001; *p<0,05

Quadro 53.
Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pares e os modelos de si e do outro na relação com os pais

	Vinculação à mãe		*Vinculação ao pai*	
Vinculação aos pares	**Modelo de si**	**Modelo do outro**	**Modelo de si**	**Modelo do outro**
Seguro	0,334**	0,292**	0,314**	0,318**
Preocupado	-0,352**		-0,392**	
Desinvestido	0,245*		0,282*	
Amedrontado	-0,439**	-0,340**	-0,439**	-0,366**

Nota. Só estão incluídas as correlações significativas. ** p < 0,001; * p < 0,05

Da leitura conjugada entre os Quadros 52 e 53 é possível verificar que: (a) existe uma articulação entre a segurança e modelos positivos de si próprio e do outro, independentemente do domínio relacional; isto é, uma vinculação segura aos pais está ligada ao desenvolvimento de modelos positivos acerca de si próprio e dos outros na relação com os pares, e uma vinculação segura aos pares está associada a modelos positivos de si e do outro construídos na relação com os pais; (b) a vinculação preocupada está particularmente associada a um modelo negativo de si próprio, não se observando correlações significativas com o modelo do outro; (c) enquanto que uma vinculação desinvestida aos pais se correlaciona com um modelo negativo dos outros na relação com os pares, uma vinculação desinvestida aos pares está associada a um modelo positivo de si próprio na relação com os pais; e finalmente (d) o amedrontamento na relação com os pares está associado a modelos negativos de si próprio e do outro na relação com os pais, ainda que uma relação amedrontada com os pais esteja apenas correlacionada com o desenvolvimento de um modelo negativo acerca de si mesmo na relação com os pares.

O Quadro 54 apresenta as correlações entre os modelos de si e do outro, tendo em conta ambos os domínios relacionais, permitindo averiguar da dependência *vs* independência dos modelos construídos em cada um dos domínios relacionais. De facto, a partir da leitura do Quadro 54 podemos constatar que existe uma maior ligação entre os modelos de si próprio em ambos os domínios relacionais, comparativamente com aquela que existe entre os modelos do outro.

Quadro 54.
Correlações de Pearson entre os modelos de si e do outro em ambos os domínios

	Vinculação aos pares	
Vinculação aos pais	**Modelo de si**	**Modelo do outro**
Vinculação à mãe		
Modelo de si	0,523**	
Modelo do outro	0,259*	0,291**
Vinculação ao pai		
Modelo de si	0,543**	
Modelo do outro	0,230*	0,369**

Nota. Só estão incluídas as correlações significativas. ** $p < 0,001$; * $p < 0,05$

2.3.3.5. Discussão

Uma dos objectivos centrais deste estudo consistiu em explorar as relações entre a vinculação aos pais e aos pares, partindo da hipótese geral de que a qualidade do relacionamento familiar constitui uma importante fonte de variação individual na natureza dos relacionamentos que os jovens estabelecem com os seus pares, e em particular com os companheiros amorosos. Conforme explicitámos, nas análises conduzidas para a testagem destas relações, utilizaram-se variáveis contínuas e categoriais, reveladoras de dois modos distintos de colocar o problema da avaliação da vinculação. Para além disso, ao considerarmos diversos indicadores no processo de cotação, criámos a possibilidade de entender o constructo de vinculação sob diversos prismas.

Comecemos por considerar a concordância entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares ao nível categorial, tomando por referência os padrões dominantes. De acordo com o esperado, os resultados indicam que existe uma correspondência entre as classificações atribuídas em ambos os domínios relacionais, muito embora os valores das medidas de Cohen sejam reveladores de que esta correspondência é apenas moderada, na linha, aliás, do que tem sido observado nos poucos estudos realizados com este objectivo (Crowell & Treboux,

2001; Owens *et al.*, 1995)[16]. Recorde-se que Owens *et al.* (1995) encontraram 64% dos sujeitos com classificações idênticas na *AAI* e numa entrevista de avaliação da vinculação aos pares (*CRI*), tendo por base apenas a distinção entre seguro e inseguro, sendo que este valor desce para 56% quando se consideram quatro grupos de vinculação. Também Crowell e Treboux (2001) verificaram, com uma amostra de casais jovens e com base na classificação em duas categorias, que 67% dos participantes tem classificações concordantes a partir das entrevistas acima mencionadas. No estudo presente os valores foram de aproximadamente 65% de correspondências a partir da dicotomia seguro – inseguro e de 54,9% quando se consideraram os quatro protótipos, valores estes muito próximos daqueles observados nos estudos anteriores.

Mas para além deste aspecto, e tendo em conta a dicotomia padrão seguro-padrão inseguro, importa realçar dois pontos: o primeiro refere-se ao facto de cerca de 36,5% dos casos classificados de seguros na relação com os pais terem sido classificados de inseguros na relação com os pares, e o segundo diz respeito ao facto de cerca de 30% dos casos de insegurança na relação com os pais terem sido classificados de seguros na relação com os pares. O primeiro resultado é especialmente revelador de que o contexto do relacionamento com os pares e as exigências associadas, em particular, à situação amorosa criam situações de vulnerabilidade emocional perante as quais o jovem tem dificuldade em agir, mesmo em face a um contexto familiar supostamente caracterizado pela existência de uma base segura. Tendo presente a possibilidade de variabilidade entre os indivíduos classificados num mesmo padrão, aliás, definidora do conceito de protótipo, poderíamos especular em que medida estes jovens, ainda que considerados na globalidade de seguros, apresentariam valores mais elevados de insegurança na relação com os pais e os pares em escalas contínuas de

[16] Referimo-nos apenas aqui àqueles estudos que têm avaliado a concordância a partir de avaliações categoriais.

vinculação. De qualquer modo, seria interessante despistar se a classificação de insegurança na relação com os pares se manteria no futuro ou se, pelo contrário, ela poderia ser reveladora de circunstâncias específicas do relacionamento amoroso em causa. Pensamos, por exemplo, em situações de perda da figura amorosa ou de abandono da relação que, imprevistas e/ou contrárias ao desejo do jovem, poderão fazer eclodir sentimentos de grande vulnerabilidade, que necessitam de tempo para serem integrados constructivamente. De qualquer forma, o reconhecimento de que é justamente no seio das relações afectivas mais próximas, e designadamente na formação, na manutenção e na dissolução das ligações emocionais, que se experienciam as emoções mais intensas (Bowlby, 1973) obriga também a que se atendam aos mecanismos que desequilibram o sistema pessoal e que colocam os indivíduos em sofrimento (Noam & Fisher, 1996).

Por outro lado, este resultado poderá também ser interpretado à luz da dinâmica relacional estabelecida no seio da família, aspecto que é dificilmente acedido a partir da consideração da relação diádica entre o adolescente e cada um dos progenitores. De qualquer forma, verificamos que dos 24 jovens nestas circunstâncias, apenas 5 têm uma vinculação segura a uma das figuras e uma vinculação insegura a outra, enquanto que os restantes apresentam vinculações seguras a ambas as figuras parentais. Na primeira condição, poder-se-ia averiguar em que medida a figura com quem o adolescente tem uma vinculação insegura não desempenhará um papel central no desenvolvimento do adolescente, e em particular no desenvolvimento de modelos menos positivos acerca de si próprio e dos outros.

Mas se o resultado que acabámos de discutir evidencia a descontinuidade entre os contextos de vinculação do jovem, o segundo é, em nossa opinião, especialmente interessante à luz da teoria da vinculação, justamente porque permite a constatação da possibilidade de mudança em direcção à construção de uma relação mais favorável consigo próprio e com os outros, mesmo quando as

condições familiares tendem a ser adversas. Neste sentido, sugere-se que o contexto do grupo de pares e, em particular, o contexto do relacionamento amoroso, terá criado situações emocionalmente significativas, que permitiram ao jovem desconfirmar asserções negativas acerca de si próprio e dos outros, fazendo, deste modo, com que o mesmo se sentisse merecedor de amor e de atenção e confiasse no companheiro para a obtenção de conforto e de segurança. Apoiando esta hipótese, estudos prospectivos que procuram avaliar as consequências do apaixonar-se têm evidenciado mudanças significativas ao nível do autoconceito, do sentido de eficácia pessoal e da estima de si próprio (Aron, Paria & Aron, 1995).

É óbvio que importa também, mais uma vez, ter em consideração a dinâmica familiar, e em particular a medida em que uma vinculação segura a pelo menos uma das figuras parentais poderá exercer um efeito protector sobre a qualidade da vinculação aos pares, atenuando a natureza da vinculação insegura à outra figura parental, como aliás se constatou a partir dos resultados apresentados no 1º momento deste capítulo com os instrumentos de autorelato. Na nossa amostra, de um total de 7 adolescentes nestas condições, 2 sujeitos têm de facto uma vinculação segura a um dos progenitores.

Em todo o caso, no futuro pretende-se efectuar uma análise exploratória das regularidades presentes nas entrevistas deste grupo de jovens, por forma a obter algumas pistas relativas aos mecanismos psicológicos subjacentes a estes processos de mudança. Para além disso, está em curso um acompanhamento longitudinal que pretende, para além de outros aspectos, testar em que medida os recursos emocionais construídos na relação com os pares contribuem para a reorganização da relação com os pais, tema a que a investigação empírica tem dado muito pouca atenção.

Os resultados obtidos com as classificações categoriais são apoiados pelas medidas contínuas da vinculação. De acordo com o esperado, existem associações significativas e teoricamente consistentes entre a vinculação aos pais

e a vinculação aos pares do ponto de vista dimensional. De salientar, em particular, a importância de uma vinculação segura aos pais como meio de prevenir o amedrontamento na relação com os pares. De qualquer modo, comparativamente com o estudo de Bartholomew e Horowitz (1991), que administrou as entrevistas utilizadas no estudo presente, existem algumas diferenças na magnitude dos valores, nomeadamente nos padrões preocupado e desinvestido em que os valores são superiores no referido estudo, e no padrão amedrontado em que o valor é inferior no referido estudo. Recorde-se que os valores encontrados por Bartholomew e Horowitz (1991), numa amostra de 69 estudantes universitários e com ambas as entrevistas, foram de 0,39 para o padrão seguro, 0,66 para o preocupado, 0,41 para o desinvestido e 0,29 para o amedrontado, não tendo este estudo distinguido a vinculação ao pai e à mãe. Todavia, numa segunda amostra de 134 jovens adultos, foram observados valores de 0,37 para o padrão seguro, 0,42 para o preocupado, 0,35 para o desinvestido e 0,46 para o amedrontado, que se aproximam mais daqueles observados no estudo presente, com a excepção do valor encontrado para o padrão amedrontado que, desta vez, é superior no referido estudo. Tomando por referência os estudos que se baseiam em outros indicadores da qualidade da relação com os pais e a vinculação aos pares é também possível constatar que os valores encontrados são consistentes com a generalidade dos mesmos (Carnelley, Pietromonaco & Jaffe, 1994; Diehl *et al.*, 1998; Furman & Wehner, 1997; Pfaller *et al.*, 1998; Owens *et al.*, 1995).

Mas se este tipo de análises nos informa acerca da existência de regularidades do ponto de vista da vinculação entre ambos os domínios relacionais, as análises subsequentes permitem-nos reunir algumas pistas relativas aos mecanismos e processos que operam as ligações entre a qualidade da relação com os pais e a natureza da vinculação aos pares. Se bem que a magnitude das correlações seja baixa, mais uma vez na ordem dos valores

encontrados em outros estudos (Diehl *et al.*, 1998; Levy *et al.*, 1998; Owens *et al.*, 1995), sugerindo a presença de factores mediadores não contemplados neste estudo, é notória a presença de correlações significativas entre uma quantidade alargada de dimensões envolvidas no relacionamento com os pais e os padrões de vinculação aos pares, sendo que os padrões de associações se diferenciam consoante os protótipos de vinculação em causa. Senão vejamos.

Tomando apenas em linha de conta as correlações positivas, verificamos que uma vinculação *segura* aos pares está correlacionada com a responsividade parental, o encorajamento à exploração, e a autonomia, enquanto que uma vinculação amedrontada está correlacionada com a rejeição, a ansiedade de separação, a pressão para a realização e a revolta relativamente à figura paterna. Dito de outro modo, os jovens seguros em relação aos pares parecem habitar em famílias que criam condições emocionais para o desenvolvimento de uma confiança básica (Erikson, 1950, 1968) que garante a procura equilibrada de proximidade com um par e potencializa a construção progressiva da intimidade e da segurança relacional. Em claro contraste com estas, as famílias dos jovens com vinculações *amedrontadas* aos pares parecem não permitir o desenvolvimento da autonomia dos jovens, pressionando-os para a realização e o sucesso e evidenciando simultaneamente sinais de rejeição. Por sua vez, embora revelando alguma ansiedade de separação relativamente aos progenitores, estes jovens sentem revolta perante a situação familiar. Estamos, assim, perante uma configuração familiar complexa que parece colocar o jovem perante alternativas de difícil conciliação, fazendo lembrar padrões comunicacionais caracterizados pelo *double-bind* (Watzlawick, 1972).

No que toca à vinculação *preocupada* aos pares, um padrão diferente de funcionamento familiar parece emergir, especialmente caracterizado pela existência de situações de inversão de papéis. Note-se que também Bartholomew (1993) observou correlações significativas e positivas entre a vinculação preocupada aos pares e a inversão de papéis na relação com o pai (r

= 0,51) e na relação com a mãe (r = 0,31). A exigência por parte da família de que o jovem desempenhe o papel de figura cuidadora, sendo muitas vezes responsabilizado pelos estados emocionais negativos das figuras parentais, tem vindo, aliás, a ser referido na literatura como um factor de risco para o desenvolvimento de perturbações do foro psicopatológico (Guidano, 1987). Também Bowlby (1977a) salientava esta situação, a propósito de condições familiares adversas susceptíveis de potenciarem o desenvolvimento de vinculações ansiosas aos próprios pais. Por um lado, é possível interpretar este resultado como uma tentativa do jovem de substituir a relação parental pela relação com o par (especialmente o par amoroso), procurando compensar o desejo de ser cuidado e a necessidade de protecção, não satisfeitos na relação com os progenitores. Por outro lado, e paradoxalmente, as situações de inversão de papéis, ao exigirem um comportamento por parte do jovem para o qual ele ainda não está preparado para desempenhar, dada a precocidade da idade, criam a dependência emocional, pelo facto de as atitudes parentais associadas serem, frequentemente, de insatisfação e de punição relativamente aos cuidados prestados pelos jovens. Além disso, para além de não ser dado espaço para a manifestação dos próprios sentimentos de vulnerabilidade e de desagrado relativamente à situação, é implicitamente veiculada a mensagem ao jovem de que o bem estar do adulto depende, em última análise, do próprio jovem. Deste modo, estão criadas as condições para o desenvolvimento de uma autoestima dependente das oscilações de humor das figuras de vinculação que poderá repercutir-se também numa forte dependência da avaliação e da aprovação social por parte dos pares.

Finalmente, assiste-se a uma ausência de correlações entre a vinculação *desinvestida* aos pares e dimensões específicas do relacionamento com os pais, muito embora se tenha observado, como já referimos anteriormente, a associações significativas quando se toma por referência os padrões de vinculação. Crê-se, assim, que existirão outros factores não contemplados na

entrevista que poderão mediar a relação entre o desinvestimento na relação com os pares e a relação com os pais. Em todo o caso, uma análise cuidada dos resultados observados em outros estudos empíricos aponta para uma situação semelhante: ora não se encontram correlações significativas entre a vinculação desinvestida e dimensões do relacionamento familiar (Diehl *et al.*, 1998; Levy *et al.*, 1998), ora análises de variância indicam que este grupo de sujeitos apresenta valores próximos dos seguros no que diz respeito às representações acerca da qualidade das relações com a família de origem (Brennan & Shaver, 1998[17]; Diehl *et al.*, 1998; Machado *et al.*, 1996), circunstância que tem vindo a ser interpretada como resultado de mecanismos defensivos, designadamente de processos de idealização. Note-se que nos referimos aos estudos que se baseiam no sistema bidimensional de Bartholomew ou no sistema de classificação de Main, os quais partilham concepções aproximadas da noção de desinvestimento, ao contrário do sistema de Hazan e Shaver, como já tivemos a oportunidade de desenvolver no Capítulo 2.

Mas se na generalidade os autores crêem que a pretensa defensividade nos indivíduos desinvestidos está ligada a uma história de experiências familiares negativas (Cassidy & Kobak, 1988; Main, 1990; Main & Weston, 1982), importa considerar também a hipótese levantada por Bartholomew (1990) (cf. Capítulo 2), segundo a qual é possível que estes indivíduos tenham crescido em famílias que se caracterizam essencialmente pela ausência de expressividade emocional mas simultaneamente pelo encorajamento da independência e da confiança em si

[17] Para ser precisa, este estudo não encontra diferenças de médias entre o grupo desinvestido e o grupo seguro nas variáveis 'encorajamento da independência' por parte do pai e da mãe, e 'idealização' relativamente à figura paterna e materna. São encontradas diferenças significativas na variável 'aceitação paterna', em que o grupo desinvestido obtém um resultado inferior ao grupo seguro, mas igual aos grupos preocupado e amedrontado, bem como na 'aceitação materna' em que o grupo desinvestido obtém um resultado inferior ao grupo seguro, igual ao grupo preocupado e superior ao grupo amedrontado (Brennan & Shaver, 1998).

próprio, o que, aliás, explicaria o modelo positivo de si. Neste sentido, os jovens aprenderiam a usar estratégias de minimização do afecto, de desvalorização da importância do outro, associadas ao evitamento do conflito e da discussão para a resolução de problemas. Muito provavelmente tratar-se-ão, do ponto de vista sistémico, de famílias fechadas, muito pouco permeáveis às trocas com o exterior e, por isso mesmo, menos sensíveis a mudanças decorrentes justamente da relação com o meio.

Mas para além de procurarmos identificar alguns dos processos familiares ligados à qualidade e à natureza dos relacionamentos com os pares, procurámos também identificar que aspectos particulares das dinâmicas relacionais com os pares estão associados à qualidade da vinculação aos pais. Quando se observam as correlações entre os padrões de vinculação aos pais e as dimensões do relacionamento com os pares, verifica-se que as correlações significativas que emergem estão intimamente relacionadas com processos de regulação emocional, designadamente o ciúme, a ansiedade de separação e a dependência emocional. O padrão de correlações observado é consistente com a teoria da vinculação, segundo a qual um contexto familiar caracterizado pela consistência de atitudes e a sensibilidade às necessidades dos seus elementos cria condições para que a criança e o jovem organizem a sua experiência emocional e aprendam a regular as emoções e a segurança percebida nas relações interpessoais (Bowlby, 1973, 1980; Cassidy, 1996; Sroufe & Waters, 1977). Ou seja, os modelos dinâmicos desenvolvidos *na* e *sobre* a relação com os pais estão relacionados com o funcionamento emocional dos jovens em outros contextos, resultados, aliás, consistentes com os encontrados em outros estudos (Kobak, Cole, Ferenz-Gilles, Fleming & Gamble, 1993; Kobak & Sceery, 1988; McCarthy, Moller & Fouladi, 2001; Vivona, 2000).

Uma análise exploratória das entrevistas permite identificar, ainda, outros elementos, para além daqueles que constam do processo de cotação, e que

julgamos serem importantes para investigação futura. De facto, nas suas relações com os pares, e especialmente as românticas, os adolescentes seguros aos pais parecem ser capazes de atingir um equilíbrio dinâmico entre necessidades de proximidade e ligação e necessidades de isolamento e independência. Os conflitos existem, mas são abordados de uma forma constructiva e as soluções são negociadas. As metáforas presentes nas narrativas destes adolescentes descrevem os relacionamentos com os pares, e em particular o envolvimento amoroso, como uma construção, em que o tempo é um ingrediente fundamental para o desenvolvimento da intimidade. As relações são descritas como sistemas evolutivos que se iniciam, desenvolvem, transformam e que, por vezes, terminam.

Finalmente, um comentário relativamente aos resultados encontrados quando se tomam em linha de conta as variáveis 'modelo de si próprio' e 'modelo do outro', e que são consistentes com o modelo de avaliação da vinculação proposto por Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), muito embora se assista a uma correlação baixa entre o modelo do outro construído na relação com os pais e o modelo de si próprio resultante da relação com os pares, revelador da possibilidade de interacção entre estas estruturas. Recorde-se que Griffin e Bartholomew (1994b) não observaram nenhuma correlação entre o modelo de si e do outro, tendo interpretado este resultado no sentido da independência dos modelos.

Para além disso, atenda-se particularmente ao facto de a vinculação preocupada, quer aos pais quer aos pares, aparecer associada a um modelo negativo de si próprio, muito embora a correlação com o modelo positivo acerca dos outros não seja significativa. Este resultado poderá ser entendido à luz da natureza do modelo dos outros que caracteriza os sujeitos com uma vinculação preocupada e que se, na generalidade, é considerado como positivo, na verdade parece reunir um conjunto de imagens inconsistentes acerca dos outros,

assistindo-se a uma tendência para a idealização como, aliás, será possível, verificar mais adiante, com base na análise das dimensões estruturais das narrativas. Por sua vez, é interessante verificar que, no que concerne o padrão desinvestido, o modelo positivo de si sofre sobretudo a influência do domínio parental, enquanto que o modelo negativo dos outros parece ser construído mais em torno das relações com os pares.

Salientamos, por último, o facto de a magnitude da correlação entre os modelos de si próprio em ambos os domínios relacionais ser superior àquela relativa à correlação entre os modelos do outro. Podemos especular em que medida o modelo de si representará uma estrutura mais sólida, mais tácita, mais dependente de um conjunto de experiências emocionais básicas com as figuras de vinculação, mais consistente ao longo de diversas situações relacionais, enquanto que o modelo do outro poderá ser mais mais plástico e permeável à interacção com o grupo de pares, mais dependente das circunstâncias relacionais e da qualidade da relação com os pares. Deste modo, enquanto que o modelo de si próprio tenderia a ser uma estrutura mais consistente e integrativa, situada a um nível hierarquicamente superior na rede de modelos do sujeito (Collins & Read, 1994), o modelo dos outros tenderia a permitir maior diversidade, sem a criação de dissonância cognitiva. Ou seja, parece ser possível a coexistência de modelos específicos relacionados com as características particulares dos diferentes relacionamentos, sem necessariamente pôr em causa a coerência interna do indivíduo (*vide* Capítulo 3, ponto 1.2)

2.3.4. Relações entre dimensões estruturais das narrativas e vinculação

2.3.4.1. Correlações entre dimensões estruturais da EVF e padrões de vinculação aos pares

Conforme explicitámos anteriormente, do processo de cotação das entrevistas constam, igualmente, dimensões respeitantes à organização e à estrutura do discurso do adolescente. Começamos por analisar as correlações entre dimensões estruturais das narrativas relativamente à família e os valores obtidos nos padrões de vinculação aos pares (Quadro 55).

Quadro 55.

Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pares e dimensões estruturais das narrativas relativas à família

	Vinculação aos pares			
Dimensões estruturais das narrativas da família	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Elaboração	0,286**	0,275*	-0,409**	-0,260*
Coerência	0,361**	-0,251*		-0,331**
Integração	0,324**			-0,352**
Insistência em não recordar		-0,272*		0,220*
Idealização				
mãe				0,308**
pai				0,264*

Nota. Só estão incluídas as correlações significativas. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Como é possível observar no Quadro 55, a dimensão do *amedrontamento* na relação com os pares correlaciona-se com todas as dimensões estruturais das narrativas relativas à família, isto é, a elaboração, a coerência, a integração, a

insistência em não recordar e a idealização, enquanto que a dimensão do *desinvestimento* apenas se correlaciona negativamente com a elaboração. Por seu lado, a *segurança* na relação com os pares correlaciona-se positivamente com a elaboração, a coerência e a integração, e a *preocupação* na relação com os pares correlaciona-se positivamente com a elaboração, e negativamente com a coerência e a insistência em não recordar. Relembre-se que por elaboração se entende a capacidade de fornecer uma narrativa detalhada, rica em pormenores, ainda que não necessariamente coerente. Finalmente, com a excepção do valor moderado da correlação encontrada entre o desinvestimento e a elaboração, todos os restantes são baixos.

A observação das correlações entre as dimensões estruturais das narrativas acerca da família e as dimensões de relacionamento com os pares permite, ainda, destacar os valores encontrados, para a amostra feminina, entre a integração das experiências familiares e a confiança em si próprio na relação com os pares ($r = 0,50$; $p < 0,001$) e entre a integração e a confiança no outro ($r = 0,50$; $p < 0,001$), sendo que na amostra masculina não se observam correlações estatisticamente significativas entre estas variáveis. Também a coerência aparece associada à confiança em si próprio e no outro com os valores de $r = 0,39$ ($p < 0,005$) e $r = 0,37$ ($p < 0,01$) mas para a amostra feminina, não se assistindo a correlações significativas para a amostra masculina.

2.3.4.2. Correlações entre dimensões estruturais da EVP e padrões de vinculação aos pais

Prosseguimos com a avaliação das correlações de Pearson entre dimensões estruturais das narrativas relativas aos pares e os padrões de vinculação aos pais (Quadro 56). Das dimensões avaliadas, a idealização relativa às relações amorosas é, sem dúvida, aquela que mais correlações significativas apresenta com os protótipos de vinculação aos pais. Basicamente, quanto mais

preocupados e amedrontados os adolescentes são na relação com os pais, tanto maior a tendência para idealizarem a figura e o relacionamento amoroso. Por sua vez, quanto mais seguros na relação com os pais, tanto menor a idealização no relacionamento amoroso.

Quadro 56.

Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e dimensões estruturais das narrativas relativas aos pares

Vinculação aos pais	*Dimensões estruturais das narrativas dos pares*				
	Elaboração	**Coerência**	**Idealização relações amorosas**	**"Não sei"**	**Riso inapropriado**
Vinculação à mãe					
Seguro			-0,297**		
Preocupado	0,281*		0,353**		0,335**
Desinvestido				0,305**	
Amedrontado			0,280*		
Vinculação ao pai					
Seguro		0,249*	-0,364**		
Preocupado	0,227*		0,420**		0,269**
Desinvestido				0,249**	
Amedrontado			0,292**		

Nota: Só estão incluídas as correlações significativas. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Note-se que, para além da idealização na relação amorosa, a entrevista permite também a avaliação da idealização nas relações de amizade. Relativamente a esta dimensão apenas foi encontrada uma correlação de $r = 0,29$ ($p = 0,008$) entre a vinculação preocupada ao pai e a idealização nas relações de amizade. Para além disso, verifica-se que a idealização da relação amorosa se correlaciona significativamente com outras dimensões do relacionamento com os pais, como as seguintes: rejeição ($rm = 0,23$; $p < 0,05$; $rp = 0,27$, $p < 0,05$), raiva

na relação paterna (rp = 0,32, p = 0,005), inversão de papéis (rm = 0,35; p < 0,005; rp = 0,47; p < 0,001), responsividade por parte do pai (rp = -0,25; p < 0,05), consistência de atitudes e comportamentos (rm = -0,23; p < 0,05; rp = -0,32, p = 0,005), autonomia (rm = -0,28; p < 0,05; rp = -0,31, p < 0,005) e a qualidade da relação com a mãe (rm = -0,25; p < 0,05). Acrescente-se que embora a correlação entre a qualidade da relação com o pai e a idealização não seja significativa, o valor de *p* aproxima-se da significância estatística.

Para além disso, note-se que a vinculação preocupada aos pais se correlaciona com a elaboração e o riso inapropriado presentes nas entrevistas de vinculação aos pares, enquanto que os adolescentes com uma vinculação desinvestida aos pais tendem a utilizar com mais frequência o "não sei" nas narrativas acerca dos pares. Finalmente, registe-se que apenas a vinculação à figura paterna apresenta uma correlação significativa com a coerência do discurso relativamente aos pares. Quando analisamos a correlação desta última variável com as dimensões de relacionamento com os pais, constatamos uma correlação positiva com a consistência das atitudes paternas (r = 0,22; p < 0,05), e correlações negativas com a inversão da papéis na relação com o pai (r = -0,28; p < 0,05) e com a ansiedade de separação relativa à mãe (r = 0,25; p < 0,05).

2.3.4.3. Correlações entre dimensões estruturais de ambas as entrevistas

Por fim, analisaram-se as correlações de Pearson entre as dimensões estruturais de ambas as entrevistas, conforme o Quadro 57. A dimensão 'riso inapropriado' não se correlacionou significativamente com nenhuma das dimensões da entrevista relativamente à família, pelo que não foi incluída no quadro.

Quadro 57.

Correlações de Pearson entre dimensões estruturais de ambas as entrevistas

Vinculação aos pais	*Vinculação aos pares*			
	Elaboração	**Coerência**	**Idealização relações amorosas**	**"Não sei"**
Elaboração	0,448**			-0,472**
Coerência		0,249*	-0,339**	-0,234*
Integração		0,265*	-0,245*	-0,404**
Insistência em não recordar	-0,352**			0,477**
Idealização				
mãe			0,231*	
pai			0,285*	

Nota. Só estão incluídas as correlações significativas. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

A observação do Quadro 57 permite constatar a existência de correlações significativas entre as dimensões estruturais de ambas as entrevistas, sendo que as dimensões 'elaboração' e 'insistência em não recordar' apresentam as magnitudes mais elevadas, muito embora sejam apenas moderadas.

2.3.4.4. Discussão

O conjunto de análises que acabámos de apresentar teve como objectivo testar a hipótese de que vinculações seguras aos pais se relacionam não apenas com os *conteúdos* narrados pelos adolescentes acerca das suas experiências interpessoais mais significativas, como evidenciam os resultados anteriormente expostos, mas também com a *estrutura* dessas mesmas histórias. Trata-se, assim, de explorar uma nova dimensão da vinculação, aquela que tem que ver com a organização do discurso acerca de temas e de acontecimentos carregados emocionalmente e com o modo como estes são comunicados no contexto da

relação com um estranho, isto é, no contexto interpessoal da entrevista (Main *et al.*, 1985; Oppenheim & Waters, 1995).

Na generalidade, os resultados sugerem uma ligação entre a qualidade dos laços emocionais e dimensões estruturais das narrativas, tanto quando se considera a associação entre as dimensões estruturais das narrativas acerca da família e a natureza da vinculação aos pares, como quando se analisa a associação entre qualidade da vinculação aos pais e dimensões estruturais das narrativas acerca do relacionamento com os pares. Dito de outro modo, os diferentes padrões de vinculação não estão apenas relacionados com *o que* o adolescente narra e privilegia na sua história, mas também com o *modo* como a sua história se organiza.

Comecemos pelo primeiro ponto, ou seja, a medida em que a capacidade para produzir uma narrativa elaborada, internamente consistente e coerente acerca da família poderá estar associada à qualidade da vinculação aos pares. De facto, os resultados indicam que as propriedades estruturais das histórias que os jovens contam acerca da sua família estão ligadas de forma teoricamente consistente com os relacionamentos com os pares. Assim, verificamos que quando o jovem é capaz de integrar as experiências emocionalmente significativas ocorridas na história da sua vida familiar, construindo um sentido para a sua relação com a família, as relações com os pares tendem a ser mais seguras. Em sentido contrário, quando se torna difícil compreender os acontecimentos emocionais que ligam o sujeito às figuras de vinculação primárias, quando apesar de serem escassas as recordações acerca do passado, as figuras tendem a ser idealizadas, quando não parece ser possível construir uma narrativa coerente que dê sentido à existência, então as relações com os pares tendem a ser mais amedrontadas.

Mas como dizíamos, um segundo modo de colocar a questão da relação entre dimensões estruturais das narrativas e vinculação, prende-se com a medida

em que a natureza das ligações com as figuras parentais poderá relacionar-se com a forma impressa às narrativas acerca dos pares.

No que toca aos jovens desinvestidos em relação às figuras parentais, verifica-se que, a par do que acontece quando descrevem a sua história familiar, tendem a ser lacunares nas suas descrições dos envolvimentos amorosos e dos relacionamentos com os pares de um modo geral, refugiando-se, mais do que os outros jovens, no "não sei" ao longo da entrevista, possivelmente revelador de uma exclusão defensiva (Bowlby, 1980). Como já referimos anteriormente, a hipótese mais frequentemente adiantada para a compreensão desta atitude considera que a informação associada a acontecimentos penosos tende a ser excluída da consciência e do processamento, prevenindo, deste modo, o confronto com uma matéria susceptível de fazer eclodir emoções com as quais o indivíduo não aprendeu a lidar (Cassidy & Kobak, 1985; Main, 1990). Parte-se, assim, do princípio de que estes sujeitos terão vivido situações familiares altamente adversas, tendo desenvolvido mecanismos de protecção pessoal, nos quais se incluem a tendência para a idealização das figuras parentais, isto é a tendência para oferecerem descrições muito favoráveis dos progenitores, sem, todavia, serem capazes de as apoiar com informação episódica e factual acerca dos acontecimentos mais relevantes da história de vida familiar. O mesmo parece acontecer quando escutamos as entrevistas relativas aos pares, isto é, evidencia-se uma tendência para estes jovens apresentarem um discurso pobre e uma atitude pouco colaborante e envolvida na situação interpessoal da entrevista.

Mas para além desta hipótese, de difícil operacionalização metodológica, é possível compreender o comportamento destes indivíduos à luz de outras propostas. Alguns autores crêem que este tipo de respostas deriva antes de dificuldades ao nível familiar na comunicação emocional e na ausência da aprendizagem de competências de construção narrativa (Bartholomew, 1990; Oppenheim & Waters, 1995). Esta explicação descentra a atenção das possíveis situações adversas vividas na infância e com fortes repercussões no

desenvolvimento do indivíduo, para os processos de comunicação familiar que favorecem a expressão adequada de emoções e a manutenção de uma memória viva acerca do passado. Saliente-se, aliás, que a investigação acerca dos supostos mecanismos defensivos presentes nos indivíduos desinvestidos tem vindo a considerar a possibilidade de as estratégias defensivas evidenciadas pelas crianças evitantes poderem assemelhar-se mais a resultados observados com adultos amedrontados e não tanto com adultos desinvestidos (Fraley, Davis & Shaver, 1998; Fraley & Shaver, 1997).

Num sentido contrário, uma vinculação preocupada aos pais parece estar associada à construção de narrativas pormenorizadas acerca da relação com os pares, ainda que muitas vezes estas se distanciem do tópico de conversa e percam em relevância. Por outro lado, também se regista uma maior quantidade de riso inapropriado quando são relatados os acontecimentos com os pares. Além disso, verifica-se que nas histórias dos jovens preocupados, a figura e a relação amorosa aparecem especialmente idealizadas, isto é, existe um elevado grau de discrepância entre as percepções do jovem acerca das suas relações interpessoais e as inferências que o cotador faz com base nas experiências relatadas. Poderá supor-se, na linha do argumento anteriormente utilizado, que o estilo de comunicação destas famílias é caracterizado por uma elevada expressividade emocional e simultaneamente pela presença de estratégias que ocultam informação relevante ao jovem ou que distorcem a(s) realidade(s) vivida(s) pelos sujeitos, revelando, assim uma comunicação familiar disfuncional. Recorde-se, aliás, a este propósito, que Bowlby (1973) ao longo da sua obra sublinha a importância de uma comunicação familiar, franca e aberta, acerca das representações de si próprios, da criança e dos outros, que permita o reconhecimento por parte da criança das experiências vividas e a possibilidade de questionar os significados que lhe são atribuídos. Estudos empíricos acerca das discrepâncias entre as percepções de pais e filhos adolescentes sobre o

funcionamento familiar têm vindo a revelar-se como preditivas de um menor bem estar psicológico do adolescente ao longo do tempo (Shek, 1998).

Para finalizar, se os valores relativos às associações observadas entre as dimensões de ambas as entrevistas são consistentes com o esperado do ponto de vista de teórico, na medida em que se encontram correlações positivas entre dimensões idênticas em ambos os domínios, é de realçar nomeadamente a baixa magnitude do valor relativo à coerência que é revelador de que, pelo menos na faixa etária contemplada neste estudo, a coerência de cada narrativa é provavelmente bastante influenciada pela natureza e a qualidade das experiências em cada contexto relacional. Doutro modo, se a coerência traduzisse uma propriedade estrutural, seria esperado que a magnitude da correlação fosse mais elevada. Note-se, por exemplo, que no estudo de Owens *et al.* (1995), os autores observaram correlações de r = 0,33 para uma amostra feminina com uma idade média de 23,4 anos, e de r = 0,54 para uma amostra masculina com uma idade média de 25,0 anos.

2.3.5. Discriminação dos grupos de vinculação aos pares em função da vinculação aos pais

No sentido de aprofundar a exploração da relação entre as variáveis da vinculação em ambos os domínios relacionais, decidiu-se recorrer à Análise Discriminante, como forma de: (a) identificar as variáveis do relacionamento com os pais que melhor discriminam os grupos de vinculação aos pares; (b) averiguar em que medida esta discriminação se diferencia consoante o género do progenitor; e de (c) calcular a percentagem de sujeitos que é possível classificar correctamente nos grupos de vinculação aos pares, tendo em conta a informação relativa à vinculação aos pais. Conduziram-se um conjunto de 3 análises, uma vez que, para além de terem sido efectuadas análises separadamente para a

vinculação ao pai e a vinculação à mãe, se consideraram dois tipos diferentes de variáveis preditoras, designadamente: (1) os *padrões de vinculação* aos pais enquanto variáveis contínuas; e (2) as *dimensões estruturais* das narrativas acerca da família. Recorde-se que estas últimas, com excepção da idealização, se referem à totalidade da narrativa, não discriminando pai e mãe.

2.3.5.1. Discriminação em função dos padrões de vinculação aos pais

Conforme acabámos de referir, nas duas primeiras análises consideraram-se os 4 grupos de vinculação aos pares – seguro (n=44), preocupado (n=10), desinvestido (n=8) e amedrontado (n=20) – como grupos a discriminar, e os quatro padrões de vinculação aos pais (separadamente por género do progenitor) como variáveis preditoras.

Relativamente à vinculação à mãe, é de notar que uma MANOVA não produziu diferenças estatisticamente significativas nas médias dos padrões de vinculação para os grupos de vinculação aos pares (traço de Pillai; $F(12, 231) = 1{,}535$; $p = 0{,}113$).

No que toca à vinculação ao pai, uma MANOVA revela um efeito principal multivariado (traço de Pillai; $F(12, 231) = 2{,}761$; $p = 0{,}002$). Como é possível constatar, a partir do Quadro 58 que apresenta os valores dos testes univariados, à excepção do padrão amedrontado, todos os restantes apresentam diferenças estatisticamente significativas para os grupos considerados. O Quadro 59 apresenta as médias e os desvios-padrão e assinala os grupos que diferem entre si.

Quadro 58.
Estatísticas para a igualdade de médias na vinculação ao pai entre os grupos de vinculação aos pares

Variáveis preditoras	λ de Wilks	F	p
Padrões de vinculação			
Seguro	0,894	3,078	0,032
Preocupado	0,885	3,382	0,022
Desinvestido	0,861	4,212	0,008
Amedrontado	0,925	2,095	0,108

Quadro 59
Médias e desvios-padrão para os padrões de vinculação ao pai em função dos padrões de vinculação aos pares

	Padrões de vinculação aos pares							
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
Padrões de vinculação ao pai	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Seguro	$6,24^{a}$	0,29	$5,30^{ab}$	0,61	$5,06^{ab}$	0,68	$4,78^{b}$	0,43
Preocupado	$1,72^{a}$	0,21	3,10b	0,44	$1,38^{ab}$	0,50	$2,25^{ab}$	0,31
Desinvestido	1,88a	0,22	$1,50^{ac}$	0,46	$3,69^{b}$	0,51	$1,85^{a}$	0,32
Amedrontado	1,81	0,28	3,00	0,58	2,06	0,65	2,83	0,41

Nota. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada grupo ao nível dimensional.

O Quadro 60 permite verificar que nenhuma função se revela significativa para a vinculação à mãe, como, aliás, era de esperar uma vez que as variáveis preditoras em causa não apresentaram diferenças significativas nos grupos considerados.

Por sua vez, das 3 funções esperadas para a vinculação ao pai, as 2 primeiras revelaram-se estatisticamente significativas (Quadro 61). Os valores

para esta análise indicam correlações canónicas de 0,447 e 0,339 para a primeira e a segunda funções, respectivamente, perfazendo um total de variância explicada de 85,2%, em que 56% são explicados pela primeira função e 29,1% pela segunda. Os níveis de significância para o λ de Wilks são de 0,002 e 0,026 para a primeira e a segunda funções, respectivamente. Note-se que com as duas funções incluídas, o valor do χ^2 (12) de 31,453 indica uma relação bastante consistente entre as variáveis preditoras e os grupos. Quando a primeira função é removida, existe ainda uma relação consistente entre as variáveis preditoras e os grupos conforme o valor de χ^2 (6) de 14,308.

Quadro 60.

Funções discriminantes para a vinculação à mãe

Funç.	Valor próprio	% da Variância	% Acumulada	Corr. can.	Depois função	λ de Wilks	χ^2	gl	p
					0	0,790	18,160	12	0,111
1	0,172	68,2	68,2	0,383	1	0,925	5,968	6	0,427
2	0,072	28,5	96,7	0,259	2	0,992	0,634	2	0,728
3	0,008	3,3	100,0	0,091					

Quadro 61.

Funções discriminantes para a vinculação ao pai

Funç.	Valor próprio	% da Variância	% Acumulada	Corr. can.	Depois função	λ de Wilks	χ^2	gl	p
					0	0,665	31,453	12	0,002
1	0,249	56,0	56,0	0,447	1	0,830	14,308	6	0,026
2	0,130	29,1	85,2	0,339	2	0,938	4,918	2	0,086
3	0,066	14,8	100,0	0,249					

A análise conjunta dos coeficientes discriminantes estandardizados e dos coeficientes estruturais (Quadro 62) permite constatar que: (a) na primeira função a variável *padrão desinvestido* contribui mais para explicar a função, apresentando esta função correlações moderadamente elevadas com o padrão desinvestido (0,690) e com o padrão preocupado (-0,652); (b) na segunda função é a variável *padrão seguro* que se salienta como mais determinante na explicação da função, sendo que esta apresenta uma correlação elevada com o *padrão seguro* (0,858) e moderada com o *padrão amedrontado* (-0,481).

Quadro 62.

Coeficientes discriminantes estandardizados e coeficientes estruturais para a vinculação ao pai

	Coeficientes estandardizados		*Coeficientes estruturais*	
Padrões de vinculação	**Função 1**	**Função 2**	**Função 1**	**Função 2**
Seguro	0,087	1,736	0,174	**0,858**
Preocupado	-0,511	0,582	**-0,652**	-0,116
Desinvestido	0,765	0,424	**0,690**	-0,373
Amedrontado	-0,315	0,549	-0,393	**-0,481**

Nota. As saturações com valor superior a 0,40 estão assinaladas a carregado.

A observação das médias dos grupos de vinculação aos pares pelas duas funções discriminantes (Quadro 63) permite distribuir os sujeitos do modo indicado na representação gráfica dos centróides apresentada na Figura 12. Assim, o grupo de sujeitos com um padrão de vinculação segura aos pares posiciona-se no pólo positivo de ambas as funções, enquanto que o grupo de sujeitos amedrontados aos pares se posiciona no pólo negativo de ambas as funções. Por sua vez, o grupo de sujeitos preocupados aos pares posiciona-se

no pólo negativo da primeira função e no pólo positivo da segunda, por contraste com o grupo de sujeitos desinvestidos que se situa no pólo positivo da primeira função e no negativo da segunda. Finalmente, os resultados indicam que é possível classificar correctamente 59,8% dos sujeitos a partir das funções discriminantes observadas, sendo que a percentagem é claramente superior no que diz respeito ao grupo seguro (84,1%) e inferior nos grupos inseguros (30% para o preocupado; 37,5% para o desinvestido e 30% para o amedrontado). Note-se que a probabilidade *a priori* dos indivíduos pertencerem a cada grupo é de 53,7% para o grupo seguro, de 12,2% para o preocupado, de 9,8% para o desinvestido e de 24,4% para o amedrontado, pelo que é possível afirmar que os padrões de vinculação ao pai contribuem com informação adicional substantiva para a classificação dos sujeitos relativamente à vinculação aos pares.

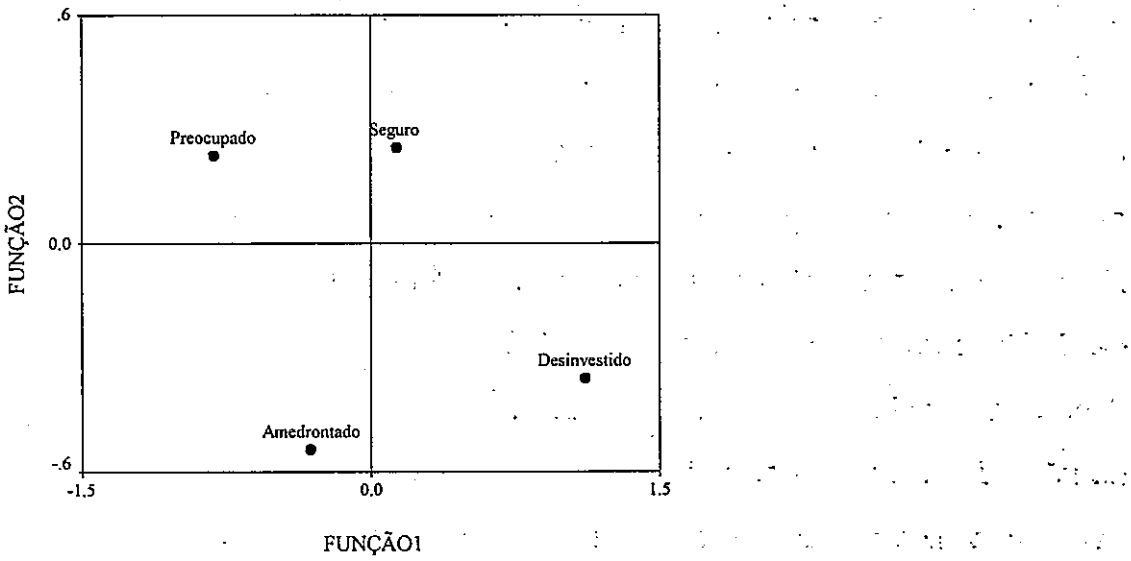
Quadro 63.

Médias dos grupos de vinculação aos pares pelas funções discriminantes

Grupos de vinculação	Função 1	Função 2
Seguro	0,129	0,254
Preocupado	-0,821	0,233
Desinvestido	1,115	-0,335
Amedrontado	-0,319	-0,541

A leitura destes resultados permite, ainda, organizar as diferenças entre os grupos a partir do modelo bi-dimensional de Bartholomew, na medida em que a primeira função poderá ser idêntica à dimensão *modelo do outro*, uma vez que maximiza a separação entre os grupos seguro e preocupado dos grupos desinvestido e amedrontado, sendo que a segunda função corresponderia ao *modelo de si próprio*, distinguindo os grupos preocupado e amedrontado dos grupos seguro e desinvestido.

Figura 12. Distribuição dos grupos pelas funções discriminantes canónicas (padrões de vinculação ao pai)



2.3.6.2. Discriminação em função das dimensões estruturais da EVF

Uma segunda análise consistiu em considerar em que medida as dimensões estruturais das narrativas relativamente à família contribuem para discriminar os grupos de vinculação aos pares. Uma MANOVA revela um efeito principal multivariado (traço de Pillai, F(18, 225) = 2,512; p = 0,001), indicando os testes univariados diferenças significativas entre os grupos na *elaboração* (F(3, 78) = 9,541; p < 0,001) e na *insistência em não recordar* F(3, 78) = 4,075; p = 0,010). As diferenças para a dimensão *coerência* aproximam-se da significância estatística F(3, 78) = 2,556; p = 0,061). O Quadro 64 apresenta as médias e os desvios padrão para as dimensões estruturais da narrativa da família em função dos padrões de vinculação aos pares.

Quadro 64.
Médias e desvios-padrão para as dimensões estruturais da narrativa da família em função dos padrões de vinculação aos pares

Dimensões estruturais	*Padrões de vinculação aos pares*							
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Elaboração	6,65[a]	0,95	6,95[a]	1,14	4,50[b]	1,60	5,88[ab]	1,42
Coerência	6,67	1,37	5,70	1,75	5,50	1,65	6,28	1,07
Integração	6,47	1,44	6,45	1,21	5,69	1,36	5,75	1,02
Insistência em não recordar	2,11[ac]	1,57	1,05[a]	0,16	3,63[bc]	3,03	2,98[ab]	2,12
Idealização								
mãe	2,32	1,43	2,40	1,15	2,56	2,10	2,73	1,3
pai	2,39	1,55	2,70	1,36	2,31	1,53	2,68	1,2

Nota. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada grupo ao nível dimensional.

Os resultados da análise discriminante indicam que depois de removida a primeira, ainda é possível encontrar um poder discriminativo significativo para a segunda função (Quadro 65). Ambas explicam um total de 96,3% da variância, sendo que a primeira função é responsável por 59,4% da variabilidade entre grupos e a segunda por 36,9%.

Quadro 65.
Funções discriminantes canónicas para as dimensões estruturais

Funç.	**Valor próprio**	**% da Variância**	**% Acumulada**	**Corr. can.**	**Depois função**	**λ de Wilks**	**χ^2**	**gl**	**p**
					0	0,564	43,590	18	0,001
1	0,392	59,4	59,4	0,531	1	0,785	18,442	10	0,048
2	0,244	36,9	96,3	0,443	2	0,976	1,860	4	0,761
3	0,025	3,7	100,0	0,155					

A partir da leitura do Quadro 66, verificamos que a variável *elaboração* contribui fortemente para a explicação da primeira função (0,955), apresentando esta função uma correlação elevada e positiva com a *elaboração* (0,957), e moderada e negativa com a *insistência em não recordar* (-0,526). Note-se que relativamente à primeira função se assiste a um coeficiente estandardizado baixo para a variável 'insistência em não recordar', sendo que o coeficiente estrutural é moderado, facto derivado à correlação elevada entre esta variável e a elaboração, à qual o coeficiente estandardizado é sensível.

Relativamente à segunda função, a variável *coerência* emerge como determinante na explicação da função (1,451), a par da *integração* (1,032). As variáveis *coerência* (0,424) e *insistência em não recordar* (-0,445) contribuem para a diferenciação dos grupos em termos da segunda função. Tendo em conta a informação de ambos os coeficientes, considera-se que a função é essencialmente definida pela coerência.

Quadro 66.
Coeficientes discriminantes estandardizados e coeficientes estruturais para as dimensões estruturais da narrativa da família

	Coeficientes estandardizados		*Coeficientes estruturais*	
Dimensões estruturais	**Função 1**	**Função 2**	**Função 1**	**Função 2**
Elaboração	**0,955**	0,214	**0,957**	-0,175
Coerência	0,375	**1,451**	0,334	**0,424**
Integração	-0,176	**1,032**	0,358	-0,154
Insistência em não recordar	0,013	**-0,488**	**-0,526**	**-0,445**
Idealização				
mãe	-0,217	**0,513**	-0,119	0,071
pai	0,344	-0,305	0,012	-0,029

Nota. As saturações com valor superior a 0,40 estão assinaladas a carregado.

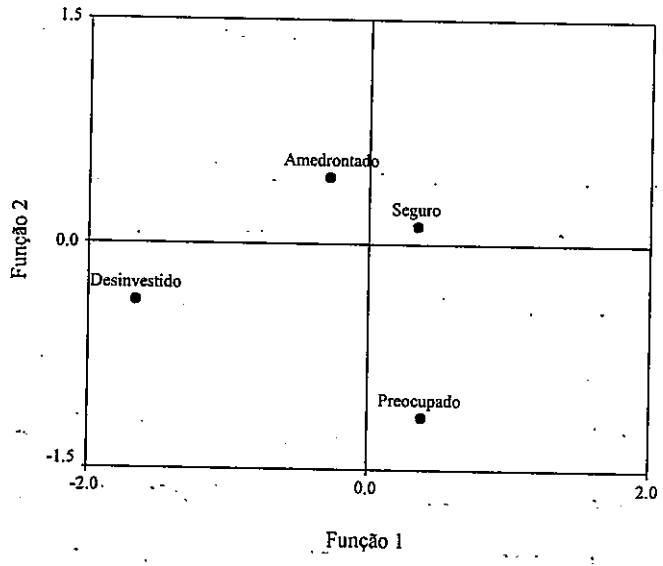
O Quadro 67 indica os valores das médias obtidos pelos quatro grupos de vinculação aos pares em cada uma das funções discriminantes, e a Figura 13 apresenta a sua distribuição gráfica. Como é possível constatar, a primeira função maximiza a separação entre os grupos seguro e amedrontado e os grupos preocupado e desinvestido. A segunda função distingue os grupos seguro e preocupado dos grupos amedrontado e desinvestido. De facto, o grupo de sujeitos com uma vinculação segura aos pares situa-se no pólo positivo da primeira e da segunda funções, revelando que as narrativas relativamente aos pais foram simultaneamente elaboradas e coerentes. Em contraste com este, encontra-se o grupo de sujeitos desinvestidos em relação aos pares, cujas narrativas da família se apresentam incoerentes e pouco elaboradas, com uma tendência do adolescente a não recordar-se de episódios concretos que apoiem as avaliações feitas acerca da relação com os pais. O grupo de sujeitos preocupados em relação aos pares, por sua vez, situa-se no pólo positivo da primeira função e no negativo da segunda função, sugerindo, assim, que estes sujeitos tendem a descrever as famílias de forma incoerente, embora as suas histórias surjam bastante elaboradas, isto é, apresentem muitos pormenores e detalhes. Finalmente, o grupo de sujeitos amedrontados em relação aos pares diferencia-se dos restantes pelo facto de as suas narrativas relativamente à família, embora apresentando coerência, revelam ausência de grande elaboração. Note-se, por último, que a partir das duas funções discriminantes é possível classificar correctamente e no total 61% dos sujeitos, sendo todavia que uma percentagem superior diz respeito aos sujeitos seguros (88,6%), seguida de 50% relativamente aos desinvestidos, 30% dos preocupados, e 25% dos amedrontados. Mais uma vez, comparativamente com o acaso (53,7% para o grupo seguro, de 12,2% para o preocupado, de 9,8% para o desinvestido e de 24,4% para o amedrontado), verifica-se que as dimensões estruturais das narrativas da família contribuem com informação adicional substantiva para a classificação dos sujeitos relativamente à vinculação aos pares, muito particularmente no que toca aos padrões de vinculação desinvestida, segura e preocupada. Note-se que, tendo em conta a probabilidade *apriori*, o poder de classificação dos amedrontados é irrelevante.

Quadro 67.

Médias dos grupos de vinculação aos pares pelas funções discriminantes

	Função 1	Função 2
Grupos de vinculação		
Seguro	0,345	0,127
Preocupado	0,385	-1,148
Desinvestido	-1,668	-0,378
Amedrontado	-0,284	0,446

Figura 13. Distribuição dos grupos pelas funções discriminantes canónicas (dimensões estruturais da EVF)



2.3.5.3. Discussão

Procurámos com este último grupo de análises examinar em que medida as variáveis da vinculação à família, tanto do ponto de vista dos padrões de

vinculação ao pai e à mãe como do ponto de vista das dimensões estruturais das narrativas, discriminam os grupos de vinculação aos pares.

Os resultados da primeira análise discriminante permitem concluir que a discriminação dos sujeitos pelos grupos de vinculação aos pares está associada à qualidade da vinculação ao pai, contribuindo esta informação com valor substantivo adicional para a predição da qualidade das ligações emocionais que os jovens estabelecem com os pares. Mais, os resultados são consistentes com aqueles reportados nos estudos de Bartholomew e colaboradores (Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a, b); uma vez que podem ser lidos à luz das dimensões latentes constituídas pelo modelo de si próprio e do outro que organizam os padrões de vinculação. Também Diehl *et al.* (1998) haviam verificado, a partir de uma análise discriminante, que descrições mais positivas das relações passadas e actuais com a família de origem diferenciam os padrões de vinculação aos pares que têm subjacente um modelo positivo de si próprios (seguro e desinvestido) daqueles que têm um modelo negativo acerca de si próprios (preocupado e amedrontado)[18].

Mas se estes resultados apoiam a hipótese, aliás na continuidade dos anteriormente apresentados, da existência de invariantes ao nível da vinculação em ambos os domínios relacionais, é de sublinhar a ausência da capacidade da vinculação à mãe para discriminar os grupos de vinculação aos pares. Note-se que já anteriormente tinha sido possível constatar que, também ao nível dimensional, a magnitude das correlações observadas para a vinculação à mãe tendia, na generalidade, a ser inferior do que aquela relativa às correlações para a vinculação ao pai.

[18] É importante precisar que a função discriminante compreende não apenas variáveis relativas às percepções familiares, mas também outras que dizem respeito à personalidade e a mecanismos defensivos (Diehl *et al.*, 1998).

Estes resultados são tanto mais interessantes, porquanto um conjunto alargado de estudos aponta para o facto de, especialmente na adolescência, se assistir a um maior distanciamento entre a figura paterna e os filhos (e especialmente as raparigas, Steinberg, 1987) que se evidencia num envolvimento do pai mais limitado a questões instrumentais, numa menor expressão de afecto, numa maior restrição de tópicos de conversa e numa menor procura da figura paterna para *self-disclosure* (ver Hosley & Montemayor, 1997 para uma revisão). Contrariamente, a figura materna surge como mais envolvida nos vários aspectos da vida do adolescente, sendo representada, na generalidade dos estudos, como mais próxima emocionalmente (*vide* Capítulo 5).

Também os resultados observados no estudo presente são consistentes com este padrão. Comparativamente com os pais, as mães surgem como mais responsivas e sensíveis às necessidades dos filhos, procurando os adolescentes mais a sua proximidade e apoio. Mas se a figura materna parece desempenhar um papel importante na vida do adolescente, como compreender a aparente ausência de significado da relação com a mãe na qualidade dos relacionamentos com os pares, e em particular, na relação amorosa?

Uma primeira observação tem que ver necessariamente com considerações de natureza estatística, e designadamente com a menor variabilidade das variáveis que se referem à vinculação à mãe, e que impossibilita a manifestação de efeitos substanciais nas análises efectuadas. A esta situação poderão estar associadas pelo menos duas razões. A primeira terá que ver com uma possível menor sensibilidade do sistema de classificação para detectar as variações relativas ao relacionamento com a mãe, justamente pelo facto de serem avaliadas dimensões mais tradicionalmente ligadas ao papel da mãe. Uma segunda terá que ver com a existência real de uma menor variabilidade, quer devido à homogeneidade da amostra quer devido ao facto de, do ponto de vista social, se

assistir a um maior consenso relativamente ao papel da figura materna comparativamente com o papel da figura paterna.

Se a introdução no mercado de trabalho por parte da mulher marca o início de uma importante mudança ao nível da organização familiar, o papel social atribuído à função de mãe não perde em importância, pelo contrário ganha em relevância a dimensão de figura cuidadora da família. O exercício do papel de trabalhadora coloca o desafio da conciliação de papéis e de interesses, mas não exige uma redefinição social substantiva do papel de mãe. Relativamente à figura paterna, configura-se um cenário diferente. Para além da definição social de paternidade ter vindo a sofrer mudanças significativas ao longo dos tempos, continua a haver importantes variações entre grupos sociais no entendimento generalizado (explícito e implícito) acerca da(s) função(ões) do pai (Lamb, 2000).

Mais recentemente, assiste-se a um discurso que enfatiza a importância da presença paterna e que reivindica a sua participação directa nos cuidados básicos das crianças, numa acepção de paternidade mais próxima da de maternidade. Contudo, esta definição restrita de paternidade desvia a atenção de uma concepção mais alargada de paternidade que permita compreender outras formas de envolvimento paterno no desenvolvimento dos filhos e que articule a experiência de paternidade e o desempenho do papel de pai na sua interligação com outras experiências e papéis de vida (Lamb, 2000). Seria, por exemplo, muito interessante estudar de que modo se encontram organizados hierarquicamente os papéis desempenhados pelo homem, qual a centralidade do papel de pai nesta organização e em que medida existem variações ao longo do desenvolvimento da criança (e inevitavelmente do próprio) nesta articulação.

De qualquer modo, importa ter presente que uma quantidade bastante significativa (88,6%) dos jovens portugueses de ambos os sexos (entre os 15 e os 29 anos de idade) inscreve a conjugalidade e a parentalidade como intenções no seu projecto de vida (Vasconcelos, 1998). Mesmo assim, os poucos estudos que têm procurado estudar o envolvimento do pai indicam que na maioria das famílias

são as mães que ocupam uma parte substancial do seu tempo a interagir directamente com as crianças, que estão mais acessíveis fisicamente em caso de necessidade dos filhos e que se responsabilizam pela organização do seu quotidiano, incluindo-se, neste último ponto, questões como assegurar as idas regulares ao infantário, ao pediatra, etc. (Lamb, 2000; Parke, 2000). Em todo o caso, colocar a questão das diferenças do impacto da qualidade das relações com as figuras parentais a partir das variações nas representações sociais acerca do papel de mãe e do pai obriga a redefinir o ponto de partida desta discussão, isto é, não se trata de o relacionamento com a mãe não exercer um impacto importante na qualidade das relações com os pares dos filhos, trata-se antes de a relação com o pai apresentar uma maior variabilidade e daí se associar de forma mais significativa com a vinculação aos pares.

Mas para além desta possibilidade, que julgamos ser do maior interesse para investigação futura, importa igualmente considerar a especificidade da relação com cada figura parental, como meio de compreender o impacto diferencial no relacionamento com os pares. Refira-se, aliás, que num estudo realizado com uma amostra de jovens portugueses com o objectivo de explorar as relações entre a vinculação aos pais e a imagem corporal, também a vinculação ao pai se associa de forma mais significativa às dimensões relativas à imagem corporal, comparativamente com a relação com a mãe (Barbosa, 2001). No entanto, também com base numa amostra de estudantes universitários portugueses, Dias e Fontaine (1996) concluíram que as dificuldades no processo de separação-individuação na relação com a mãe exercem um efeito negativo mais forte nos jovens, e em particular nos rapazes, designadamente na resolução de tarefas desenvolvimentais ligadas à construção da autonomia e da intimidade relacional. De qualquer modo, também outros estudos internacionais têm vindo a observar que, comparativamente com a relação com a mãe, as interacções com o pai e o estilo educativo paterno estão particularmente relacionadas com a autoestima, o desenvolvimento do *ego* e o bem estar psicológico (Allen, Hauser, Bell &

O'Connor, 1994; Bartle, Anderson & Sabatelli, 1989; Shek, 1999). Num estudo não publicado, também Bartholomew (comunicação pessoal) verificou que a relação com o pai parece ser mais preditiva da vinculação aos pares, comparativamente com a vinculação à mãe.

É óbvio que a questão da quantidade do tempo que os filhos passam com os pais não pode ser dissociada da qualidade das interacções que se produzem nesse tempo e da satisfação que os diferentes elementos retiram desse mesmo tempo. Oliveira e Costa (2001) verificaram justamente que as representações dos adolescentes acerca da satisfação dos progenitores quanto ao exercício do papel parental estão correlacionadas com a qualidade da vinculação. Outros estudos apontam para o facto de tanto as mães como os pais representarem o período adolescente (idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos) como a etapa de vida dos filhos geradora de mais dificuldades para o exercício do papel parental (Pasley & Gecas, 1984), sendo, no entanto, que para os pais as questões relacionadas com o desejo de independência e as influências do grupo de pares parecem estar na base destas percepções. Por sua vez, Montemayor e Brownlee (1987) observaram, com uma pequena amostra de adolescentes de ambos os sexos, que estes retiram maior satisfação das actividades realizadas com o pai do que com a mãe, o que poderá estar relacionado com o facto de uma parte substancial do tempo que é passado com os pais ser utilizado em actividades recreativas e de tempos livres, enquanto que nas interacções com as mães as tarefas domésticas e o apoio ou incentivo à realização dos trabalhos escolares ocupam uma parte importante do tempo.

E esta questão conduz-nos à consideração dos conteúdos das interacções directas e indirectas entre cada uma das figuras parentais e os filhos, durante a adolescência, aspecto muito negligenciado na investigação empírica, em parte devido à importância emergente do grupo de pares, em parte porque o tempo dedicado a actividades em conjunto é muitíssimo reduzido. Mas é justamente porque pressões de natureza biológica, psicológica e social ditam um maior

afastamento entre pais e filhos na adolescência que consideramos da maior pertinência compreender a natureza das interacções e os espaços encontrados para a comunicação.

Recentemente, Lamb (1997) concluiu, a partir de uma revisão dos estudos acerca da influência paterna no desenvolvimento da criança que "os mecanismos e os meios através dos quais os pais influenciam os seus filhos parecem ser semelhantes àqueles que medeiam as influências maternas nas crianças" (p. 13). Ou seja, as dimensões mais relevantes da influência parental estariam essencialmente relacionadas com características parentais e não com características ligadas ao género. E entre estas, o autor identifica a afectuosidade, a capacidade de cuidar emocionalmente e a proximidade emocional. Mas será que é possível identificar um padrão semelhante na adolescência ou será que as questões ligadas ao género adquirem um papel diferente durante esta etapa do ciclo de vida, na qual a tarefa da construção da identidade de género do adolescente ganha também uma nova dimensão?

Embora os estudos para a exploração destas questões sejam escassos no que toca ao período da adolescência, Hauser e colaboradores (Hauser, Book, Houlihan, Powers, Wiss-Perry, Follansbee, Jacobson & Noam, 1987) procuraram observar os padrões de comunicação em famílias, a partir de um procedimento estandardizado com base na discussão dos dilemas morais de Kohlberg (1984). O estudo evidenciou importantes diferenças no modo como pais e mães comunicam verbalmente com os seus filhos acerca de temas teóricos, isto é, tendo em conta a estrutura e os conteúdos da situação. Enquanto que os pais encorajavam mais os filhos a falar, as mães criavam mais situações de constrangimento, a partir designadamente da interrupção do discurso. Os filhos (rapazes e raparigas), por sua vez, dirigiam-se com mais frequência aos pais, envolviam-se mais directamente com os pais na procura de estratégias para a resolução dos dilemas e aceitavam mais as sugestões dos mesmos.

Mas os efeitos do relacionamento paterno no desenvolvimento dos filhos sofrem necessariamente a influência de outros sistemas, e designadamente da qualidade da relação conjugal (Marsiglio & Cohan, 2000). Alguns estudos muito interessantes apontam para o facto de as atitudes das mulheres perante o exercício da paternidade e as experiências que elas tiveram com os próprios pais predizerem fortemente o comportamento dos maridos (Radin, 1981, 1982, 1988). Ou seja, no que toca pelo menos às crianças mais pequenas, verifica-se que existe uma maior probabilidade de os homens se envolverem em actividades de parentalidade e de prestação de cuidados básicos às crianças quando as mulheres têm atitudes mais favoráveis relativamente a esses comportamentos e quando representam os seus próprios pais como tendo sido carinhosos. Por sua vez, estudos antropológicos indicam também que em sociedades em que o casal partilha mais actividades em comum (como por exemplo as refeições, o tempo livre, as divisões da casa), observa-se um maior envolvimento da figura paterna com os filhos (cf. Hewlett, 2000). A experiência clínica revela, igualmente, que a preservação de espaços comuns e regulares para a comunicação familiar, a par do respeito pela individualidade, fortalece as ligações emocionais entre os membros e o sentido simbólico de família. Todos estes dados apontam, mais uma vez, para a necessidade de prestar uma atenção particular às dinâmicas relacionais no seio da família.

A finalizar, uma referência aos resultados da terceira análise discriminante que são especialmente interessantes por duas razões: por um lado revelam a importância dos aspectos estruturais das narrativas relativamente à família na predição das classificações da vinculação aos pares, e em particular da vinculação *desinvestida,* uma vez que este grupo de sujeitos é aquele cuja probabilidade de classificação correcta na vinculação aos pares aumenta de forma substancial a partir do conhecimento das variáveis em causa. Crê-se, assim, que um importante factor mediador entre a qualidade das ligações com os

pais e a natureza das relações com os pares diz respeito à dificuldade de construir um sentido coerente acerca das experiências familiares. Recorde-se que nos interrogávamos justamente acerca desta ligação anteriormente a propósito da ausência de correlações negativas entre os padrões de vinculação aos pares e as dimensões de relacionamento com os pais.

Por outro lado, a análise discriminante permite avançar na clarificação do padrão de vinculação amedrontado de Bartholomew. Note-se que relativamente ao padrão amedrontado, muito embora a qualidade das experiências com as figuras de vinculação tenda a ser desfavorável, parece ser possível ao sujeito encontrar um quadro coerente que organiza a informação factual e afectiva de forma consistente. Já o estudo de Levy *et al.* (1998) havia concluído que os participantes classificados de amedrontados nas relações amorosas a partir do modelo de avaliação de Bartholomew revelavam sofisticação estrutural na representação dos seus pais (i.e., pensam acerca dos seus pais de modo complexo; integram diferentes aspectos na avaliação dos seus pais, diferenciam-se destes), não se distinguindo dos seguros relativamente às dimensões estruturais de relatos escritos acerca das figuras parentais, contrariamente aos desinvestidos e aos preocupados (*vide* Capítulo 5). Na altura, os autores adiantaram a possibilidade de estes sujeitos serem provavelmente classificados de seguros a partir do sistema de classificação de Main, apresentando, porém, um padrão de vinculação aos pares caracterizado pela dificuldade em conciliar a necessidade de vinculação e a necessidade de independência, configurado no cruzamento de estratégias evitantes e ansiosas de relação com o outro. Os resultados obtidos com a terceira análise discriminante vão justamente no sentido da proposta referida.

3. Convergência entre métodos

Conforme tivemos a ocasião de desenvolver no Capítulo 6, este estudo procura também abordar uma questão de interesse metodológico que, mais recentemente, tem vindo a despertar a atenção de alguns investigadores, e que se prende com a testagem da convergência entre metodologias distintas de avaliação da vinculação, designadamente os instrumentos de autorelato e as entrevistas semi-estruturadas.

3.1. Amostra

Para o efeito, analisámos os dados provenientes da condução de ambas as entrevistas (EVF e EVP) junto da amostra de 82 sujeitos, conjuntamente com aqueles relativos ao preenchimento do QVPM e do QVA para os mesmos sujeitos. A amostra coincide, assim, com a descrita no ponto 2.1., pelo que nos escusamos de a voltar a caracterizar.

3.2. Tratamentos estatísticos

Os tratamentos estatísticos consistiram na condução de análises de qui-quadrado para a comparação das distribuições; da realização do teste k de Cohen para a avaliação da concordância da classificação dos sujeitos através do recurso à entrevista por contraste com o instrumento de autorelato; e no cálculo de correlações de Pearson para a avaliação das associações entre as variáveis contínuas contempladas em ambos os instrumentos. Recorde-se que o QVPM se organiza em torno de 4 dimensões teoricamente interpretáveis como *inibição da exploração e da individualidade, qualidade do laço emocional, ansiedade de separação* e *inversão de papéis.* Por sua vez, também o QVA apresenta uma estrutura factorial composta por quatro dimensões, que foram designadas de *desconfiança, dependência, evitamento e ambivalência.*

As análises foram feitas com base no programa SPSS 10 para Windows.

3.3. Resultados

3.3.1. Concordância entre as classificações da vinculação obtidas por meio de métodos diferentes

Começámos por analisar a concordância entre as classificações categoriais provindas das entrevistas e dos questionários, tomando apenas em conta, numa primeira fase, a divisão dos sujeitos por dois grupos: o grupo relativo àqueles sujeitos que foram classificados de seguros, e o grupo de sujeitos que foi classificado nos padrões inseguros. O Quadro 68 apresenta as distribuições para cada um dos domínios relacionais de acordo com a dicotomia segurança-insegurança.

Quadro 68.

Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais e as metodologias

	Classificações (%)	
Domínios/metodologias	**Seguro**	**Inseguro**
Vinculação à mãe		
EVF	72,0	28,0
QVPM	48,8	51,2
Vinculação ao pai		
EVF	70,7	29,3
QVPM	42,7	57,3
Vinculação aos pares		
EVP	51,5	48,5
QVA	30,3	69,7

No que diz respeito às distribuições relativas à vinculação às figuras parentais, verifica-se que as análises de qui-quadrado confirmam a existência de relações entre os dois métodos de observação da vinculação, quer para a vinculação ao pai (χ^2 (1) = 4,337; p = 0,037), quer para a vinculação à mãe (χ^2 (1) = 6,589; p = 0,010). No que toca à vinculação aos pares, porém, as distribuições são independentes (χ^2 (1) = 0,140; p = 0,709), o que significa que não existe uma probabilidade superior ao acaso de os sujeitos serem classificados num mesmo padrão em ambos os métodos. Note-se que este cálculo é feito com base em apenas 66 sujeitos que haviam sido classificados por meio do QVA, uma vez que 16 sujeitos não tinham na altura da administração deste questionário uma relação amorosa considerada significativa pelos próprios.

Mas se as análises de qui-quadrado nos informam acerca das diferenças distribucionais, não nos dão indicações acerca da concordância das classificações realizadas pelos diferentes métodos. Por forma a avaliar em que medida as classificações dos sujeitos pelos protótipos de vinculação obtidos a partir das avaliações das entrevistas correspondiam àquelas obtidas por meio dos instrumentos de autorelato, analisou-se, assim, o k de Cohen para cada umas das parelhas que versavam sobre o mesmo domínio. A medida de concordância de Cohen apresenta-se significativa para a vinculação relativa a ambas as figuras parentais (vinculação à mãe: k = 0,252; p = 0,010; vinculação ao pai: k = 0,195; p = 0,037), revelando, assim, uma associação, ainda que baixa, entre as avaliações provindas de ambos os métodos. No que toca à vinculação à mãe, no total 62,2% dos sujeitos tiveram a mesma classificação em ambos os métodos, sendo 49,5% esperados pelo acaso. Quanto à vinculação ao pai, no total 57,3% dos sujeitos obtiveram uma classificação idêntica em ambos os métodos, sendo 47,1% esperados pelo acaso.

Conforme esperado a partir do resultado do qui-quadrado, o kappa de Cohen também não se revelou significativo para a vinculação aos pares (k = 0,042; p = 0,709). Uma análise do Quadro 69 que apresenta o cruzamento das

duas distribuições permite constatar que 67,6% dos jovens que foram classificados de seguros pela entrevista obtiveram uma classificação num dos três padrões de vinculação insegura por via do questionário.

Quadro 69.

Concordância nas classificações da vinculação aos pares a partir de métodos distintos

	Questionário (QVA)		
Entrevista (EVP)	**Seguros**	**Inseguros**	Total
Seguros	*11*	23	34
	10,3	23,7	34,0
	32,4%	67,6%	100,0%
	55,0%	50,0%	51,5%
	16,7%	38,4%	51,5%
Inseguros	9	*23*	32
	9,7	*22,3*	32,0
	28,1%	71,9%	100,0%
	45,0%	50,0%	48,5%
	13,6%	34,8%	48,5%
Total	20	46	66
	20,0	46,0	66,0
	30,3%	69,7%	100%
	100,%	100,0%	100%
	30,3%	69,7%	100%

Nota. As 5 linhas em cada cruzamento indicam, de cima para baixo respectivamente, a frequência observada, a frequência esperada, a percentagem dentro da EVP, a percentagem dentro do QVA e a percentagem do total. A itálico encontram-se os valores das frequências observadas e esperadas relativas a cruzamentos concordantes.

Prosseguimos com uma análise mais fina das correspondências entre os métodos de observação da vinculação utilizados neste estudo, avaliando, desta vez, a convergência com base nos quatro protótipos de vinculação. Uma vez não se ter assistido a uma convergência significativa no domínio da vinculação aos pares, as análises centraram-se na vinculação aos pais.

No Quadro 70 é possível comparar as distribuições das classificações pelos quatro padrões dominantes obtidas a partir das entrevistas, isto é, através das avaliações realizadas pelos juizes, e dos questionários, designadamente por via da análise de *clusters* junto da amostra mais alargada de 441 participantes (*vide* Capítulo 7, ponto 3.5.3). Mais uma vez, as análises de qui-quadrado indicam que as distribuições obtidas por meio das entrevistas e aquelas resultantes da análise de *clusters* do QVPM não são independentes, tanto no que toca à vinculação à mãe (χ^2 (9) = 22,425; p = 0,008) como na vinculação ao pai (χ^2 (9) = 18,890; p = 0,026).

Quadro 70.

Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais e as metodologias

	Classificações (%)			
Domínios/metodologias	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Vinculação à mãe				
EVF	72,3	10,8	3,6	13,3
QVPM	48,2	28,9	19,3	3,6
Vinculação ao pai				
EVF	71,1	7,2	8,4	13,3
QVPM	42,2	33,7	10,8	13,3
Vinculação aos pares				
EVP	53,0	12,0	9,6	24,1
QVA	41,8	22,4	6,0	29,9

Para a vinculação ao pai, o teste de Cohen mostrou-se significativo (k = 0,133; p = 0,023), indicando que na generalidade existe uma correspondência, ainda que baixa, entre as classificações atribuídas pelos juizes a partir das

entrevistas e as classificações dos estilos para os quais os sujeitos foram designados a partir da análise de *clusters* do QVPM (Quadro 71).

Quadro 71.

Concordância nas classificações da vinculação ao pai a partir de métodos distintos

	Questionário(QVPM)				
Entrevista(EVF)	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**	**Total**
Seguro	*29* *24,8* 50,0% 82,9% 35,4%	19 19,8 32,8% 67,9% 23,2%	2 6,4 3,4% 22,2% 2,4%	8 7,1 13,8% 80,0% 9,8%	58 58,0 100,0% 70,7% 70,7%
Preocupado	3 2,6 50,0% 8,6% 3,7%	*2* *2,0* 33,3% 7,1% 2,4%	1 ,7 16,7% 11,1% 1,2%	0 0,7 0,0% 0,0% 0,0%	6 6,0 100,0% 7,3% 7,3%
Desinvestido	2 3 28,6% 5,7% 2,4%	2 2,4 28,6% 7,1% 2,4%	*3* *0,8* 42,9% 33,3% 3,7%	0 0,9 0,0% 0,0% 0,0%	7 7,0 100,0% 8,5% 8,5%
Amedrontado	1 4,7 9,1% 2,9% 1,2%	**5** **3,8** 45,5% 17,9% 6,1%	**3** **1,2** 27,3% 33,3% 3,7%	*2* *1,3* 18,2% 20,0% 2,4%	11 11,0 100,0% 13,4% 13,4%
Total	35 35,0 42,7% 100,0% 42,7%	28 28,0 34,1% 100,0% 34,1%	9 9,0 11,0% 100,0% 11,0%	10 10,0 12,2% 100,0% 12,2%	82 82,0 100,0% 100,0% 100,0%

Nota. As 5 linhas em cada cruzamento indicam, de cima para baixo respectivamente, a frequência observada, a frequência esperada, a percentagem dentro da EVF, a percentagem dentro do QVPM e a percentagem do total. A itálico estão os valores das frequências observadas e esperadas relativas a cruzamentos concordantes. A carregado estão os cruzamentos que obtiveram frequências observadas superiores a frequências esperadas em mais de 1 ponto.

Uma análise das frequências observadas e esperadas (Quadro 71) permite verificar que existem duas células em que as frequências observadas são

F.P.C.E. BIBLIOTECA U.P.

superiores às frequências esperadas em mais de um ponto, para além, obviamente, daquelas respeitantes às classificações concordantes. Tratam-se das células em que se cruza o padrão amedrontado da entrevista e o padrão preocupado do questionário e em que se cruza o padrão amedrontado da entrevista com o padrão desinvestido do questionário. Ou seja, existe um número de sujeitos superior ao acaso que foram classificados de amedrontados na entrevista e obtiveram classificações de preocupados e de desinvestidos no questionário. Para além disso, é de notar que a célula correspondente ao cruzamento dos padrões preocupados de ambos os métodos apresenta uma frequência observada igual àquela esperada pelo acaso. De facto, dos 28 sujeitos classificados como preocupados no questionário, apenas 7,1% obtiveram a mesma classificação na entrevista, tendo 67,9% sido classificados como seguros. Finalmente, registe-se que as maiores correspondências dizem respeito aos padrões seguro e desinvestido. No total da amostra e tendo em conta os quatro protótipos, 43,9% dos sujeitos obtiveram a mesma classificação, sendo 35,1% esperados pelo acaso.

No que diz respeito à vinculação à mãe, o teste de Cohen não se revelou significativo ($k = 0,069$; $p = 0,246$). Uma análise das frequências observadas e esperadas (Quadro 72) permite detectar algumas semelhanças e diferenças comparativamente com os resultados obtidos para a vinculação ao pai. Para além da informação relativa aos cruzamentos EVF preocupado – QVPM preocupado, EVF amedrontado – QVPM preocupado e EVF amedrontado – QVPM desinvestido, que é idêntica para ambas as figuras parentais, verifica-se, adicionalmente, que também o cruzamento dos padrões amedrontados de ambos os métodos apresenta uma frequência observada inferior à esperada pelo acaso. Note-se que, dos 11 adolescentes classificados como amedrontados pela entrevista, nenhum obteve a mesma classificação no QVPM, sendo que 45,5% foram integrados no padrão preocupado e 45,5% no padrão desinvestido pelo questionário. Finalmente, também é possível verificar uma frequência observada

superior à esperada no que toca ao cruzamento do padrão preocupado da entrevista com o padrão desinvestido do questionário.

Quadro 72.
Concordância nas classificações da vinculação à mãe a partir de métodos distintos

		Questionário(QVPM)			
	Seguro	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**	**Total**
Entrevista (EVF)					
Seguro	*34* *28,8* 57,6% 85,0% 41,5%	17 16,5 28,8% 73,9% 20,7%	6 11,5 10,2% 37,5% 7,3%	2 2,2 3,4% 66,7% 2,4%	59 59,0 100,0% 72,0% 72,0%
Preocupado	5 4,4 55,6% 12,5% 6,1%	*0* *2,5* 0,0% 0,0% 0,0%	**3** **1,8** 33,3% 18,8% 3,7%	1 ,3 11,1% 33,3% 1,2%	9 9,0 100,0% 11,0% 11,0%
Desinvestido	0 1,5 ,0% ,0% ,0%	1 0,8 33,3% 4,3% 1,2%	*2* *0,6* 66,7% 12,5% 2,4%	0 0,1 0,0% 0,0% 0,0%	3 3,0 100,0% 3,7% 3,7%
Amedrontado	1 5,4 9,1% 2,5% 1,2%	**5** **3,1** 45,5% 21,7% 6,1%	**5** **2,1** 45,5% 31,3% 6,1%	*0* *0,4* 0,0% 0,0% 0,0%	11 11,0 100,0% 13,4% 13,4%
Total	40 40,0 48,8% 100,0% 48,8%	23 23,0 28,0% 100,0% 28,0%	16 16,0 19,5% 100,0% 19,5%	3 3,0 3,7% 100,0% 3,7%	82 82,0 100,0% 100,0% 100,0%

Nota. As 5 linhas em cada cruzamento indicam, de cima para baixo respectivamente, a frequência observada, a frequência esperada, a percentagem dentro da EVF, a percentagem dentro do QVPM e a percentagem do total. A itálico estão os valores das frequências observadas e esperadas relativas a cruzamentos concordantes. A carregado estão os cruzamentos que obtiveram frequências observadas superiores a frequências esperadas em mais de 1 ponto.

3.3.2. Correlações entre dimensões das entrevistas e dos instrumentos de autorelato

Observaram-se também, como já referimos, as correlações de Pearson entre as variáveis contínuas avaliadas a partir das entrevistas EVF e EVP e dos instrumentos de autorelato QVPM e QVA, respeitando a semelhança dos domínios avaliados e das figuras parentais em causa. Conduziram-se igualmente análises separadamente por género, cujos resultados serão apresentados quando se evidenciarem padrões distintos em cada amostra. Recorde-se que os questionários em causa não avaliam directamente os padrões de vinculação, mas antes dimensões consideradas componentes essenciais das relações de vinculação. Começaremos pelas associações observadas no domínio da relação com as figuras parentais, distinguindo mais uma vez os padrões de vinculação e as dimensões de relacionamento com os pais e, de seguida, apresentaremos os resultados no domínio da relação com os pares, discriminando do mesmo modo os padrões de vinculação e as dimensões de relacionamento com os pares.

3.3.2.1. Correlações entre padrões de vinculação aos pais e QVPM

A vinculação *segura* à mãe correlaciona-se positivamente com a ansiedade de separação (rm = 0,27; p = 0,016) e negativamente com a inibição da exploração (rm = -0,26; p = 0,017), sendo que a correlação com a qualidade do laço emocional, embora não significativa, se aproxima do limite da significância estatística (rp = 0,20; p = 0,056). A vinculação *segura* ao pai correlaciona-se positivamente com a ansiedade de separação (rp = 0,24; p = 0,029) e negativamente com a inibição da exploração (rp = -0,30; p = 0,007). Note-se que quando se efectuam análises separadamente por género do progenitor, se verifica que as correlações entre a segurança e a ansiedade de separação relativamente à mãe emergem apenas para a amostra masculina (rm = 0,42; p = 0,018).

Não se observam correlações significativas entre o padrão de vinculação *preocupado* quer à mãe quer ao pai e as dimensões do QVPM.

A vinculação *desinvestida* à mãe correlaciona-se positivamente com a inibição da exploração (rm = 0,28; p = 0,012) e negativamente com a qualidade do laço emocional (rm = -0,27; p = 0,020). Com a excepção da correlação negativa entre a vinculação desinvestida ao pai e a ansiedade de separação, que embora não significativa, se aproxima da significância estatística (rp = 0,21; p = 0,054), não se observam correlações entre este padrão e as dimensões do QVPM.

Por último, a vinculação *amedrontada* à mãe correlaciona-se positivamente com a inibição da exploração (rm = 0,23; p = 0,038), e a vinculação *amedrontada* ao pai correlaciona-se positivamente com a inibição da exploração (rp = 0,24; p = 0,028), e negativamente com a ansiedade de separação (rp = -0,22; p = 0,047).

3.3.2.2. Correlações entre dimensões do relacionamento parental e QVPM

A *inibição da exploração e da individualidade* por parte da mãe correlaciona-se positivamente com a rejeição (rm = 0,31; p = 0,004); a raiva (rm = 0,28; p = 0,012) e negativamente com a responsividade (rm = -0,30; p = 0,006), a consistência das atitudes (rm = -0,29; p = 0,027), a procura de proximidade (rm = -0,31; p = 0,004), a qualidade da relação (rm = -0,30; p = 0,008). O padrão de correlações relativas à *inibição da exploração e da individualidade* por parte do pai, bem como a magnitude dos valores, é semelhante àquela encontrada para a relação com a mãe.

A *qualidade do laço emocional* com a mãe correlaciona-se positivamente com a responsividade materna (rm = 0,27; p = 0,012), a procura de proximidade da mãe (rm = 0,38; p < 0,001), a ansiedade de separação (rm = 0,30; p = 0,006), com a qualidade da relação (rm = 0,22; p = 0,042), e negativamente com a raiva (rm = -0,23; p = 0,041). Note-se que quando se efectuam as análises por género do adolescente, se verifica que esta dimensão se correlaciona a r = 0,45 (p = 0,011) com a consistência das práticas maternas para a amostra masculina. Não

se observam correlações entre a *qualidade do laço emocional* com o pai e as dimensões da entrevista para a amostra total, mas constata-se uma correlação significativa entre a qualidade do laço emocional e a procura de proximidade da mãe para a amostra feminina.

A *ansiedade de separação* relativamente à mãe correlaciona-se positivamente com o encorajamento da exploração (rm = 0,25; p = 0,021), a consistência de práticas e atitudes (rm = 0;24; p = 0;029), a qualidade da relação (rm = 0,29; p = 0,009) e negativamente com a raiva (rm = -0,23; p = 0,042) e a inversão de papéis (rm = -0,28; p = 0,011). O padrão de correlações e a magnitude das mesmas é semelhante para a relação com o pai; apenas se observam adicionalmente uma correlação positiva com a responsividade (rp = 0,33; p = 0,003) e negativa com a pressão para a realização (rm = -0,31; p = 0,004); correlações essas não significativas para a relação com a mãe, embora as significâncias se encontrem próximas do limite da probabilidade aceitável. De salientar que nas análises realizadas separadamente por género, se observa um valor de r = 0,57 (p = 0,001) entre a consistência de atitudes da mãe e a ansiedade de separação relativamente à mãe para a amostra masculina; além disso a ansiedade de separação relativamente ao pai encontra-se negativamente correlacionada a r = -0,48 (p = 0,007) com a rejeição da figura paterna. Diga-se, aliás, que a maioria das correlações observadas para a ansiedade de separação recebem uma magnitude muito mais elevada para a amostra masculina, sendo que muitas perdem significância para a amostra feminina.

Finalmente, a *inversão de papéis* na relação com a mãe correlaciona-se positivamente com a rejeição (rm = 0,42; p = 0;002) mas apenas para a amostra feminina. O mesmo acontece com a *inversão de papéis* na relação com o pai, embora a magnitude da correlação seja inferior (rp = 0,28; p = 0,041).

Das correlações observadas, podemos verificar que, na generalidade, o sentido das mesmas se encontra de acordo com o esperado tendo em conta os conteúdos substantivos avaliados por cada dimensão.

3.3.2.3. Correlações entre padrões de vinculação aos pares e QVA

Relativamente às correlações entre os padrões de vinculação aos pares (EVP) e as dimensões do QVA, apenas se encontrou uma correlação postiva entre o padrão *desinvestido* e o evitamento (r = 0,33; p = 0,007) e uma correlação negativa entre o padrão *preocupado* e o evitamento (r = -0,30; p = 0,014). Quando se consideram as amostras separadamente por género, verifica-se que a amostra feminina não evidencia correlações significativas, enquanto que os valores para a amostra masculina sobem para r = 0,58 (p = 0,005) no primeiro caso e para r = -0,42 (p = 0,05) no segundo caso.

3.3.2.4. Correlações entre dimensões de relacionamento com os pares e o QVA

No que concerne as dimensões de relacionamento com os pares, verifica-se que a *desconfiança* se correlaciona positivamente com situações de abuso (r = 0,31; p = 0,011) e negativamente com o *self-disclosure* nas relações amorosas (r = -0,25; p = 0,045), a base segura (r = -0,31; p = 0,012), a ansiedade de separação (r = -0,31; p = 0,012) e a qualidade das relações amorosas (r = -0,28; p = 0,025).

A *dependência* correlaciona-se positivamente com o *self-disclosure* nas relações amorosas (r = 0,43; p < 0,001), a procura de proximidade (r = 0,33; p = 0,006), a ansiedade de separação (r = 0,33; p = 0,007), surgindo no limite a correlação com a dependência emocional (r = 0,24; p = 0,055). Além disso, correlaciona-se negativamente com o evitamento (r = -0,28; p = 0,027).

O *evitamento* correlaciona-se positivamente com a dominância nas relações amorosas (r = 0,25; p = 0,044), o evitamento (r = 0,27; p = 0,031), e negativamente com a procura de proximidade (r = -0,27; p = 0,031), o envolvimento nas relações amorosas (r = -0,29; p = 0,019), a dependência emocional (r = -0,41; p = 0,001), a exclusividade da relação (r = -0,31; p = 0,012), a afectuosidade (r = -0,29; p = 0,024) e a ansiedade de separação (r = -0,48; p < 0,001). As análises conduzidas com as amostras separadas por género indicam

que, de um modo geral, se observa um maior número de correlações significativas para a amostra masculina e que os valores encontrados são igualmente superiores àqueles encontrados para a amostra total. Por exemplo, observam-se correlações de r = -0,74 ($p < 0,001$) entre o *evitamento* e a dependência emocional, de r = -0,50 (p = 0,019) entre o *evitamento* e a prestação de cuidados, de r = -0,61 (p = 0,003) entre o *evitamento* e a ansiedade de separação.

Finalmente, a *ambivalência* não apresenta correlações significativas com as dimensões da entrevista, tanto quando se considera a amostra total como as amostras separadamente por género.

3.4. Discussão

Um último objectivo deste trabalho consiste, conforme anunciámos no Capítulo 6, em abordar uma questão de interesse metodológico e que se relaciona com a testagem da convergência entre as classificações da vinculação provenientes de métodos diferentes, procurando, assim, iluminar alguns aspectos relativos aos conteúdos avaliados em entrevistas semi-estruturadas por comparação com os instrumentos de autorelato. A análise da convergência incidiu não apenas na avaliação da concordância entre as classificações categoriais atribuídas pelos juizes e por via da análise de *clusters*, mas também na avaliação das correlações entre as variáveis dimensionais contempladas em cada um dos métodos.

Recorde-se, antes de mais, que os questionários (QVPM e QVA) utilizados para o efeito não foram concebidos em ordem a avaliar directamente os padrões de vinculação, como acontece com outras medidas dimensionais (ver por exemplo Griffin & Bartholomew, 1994a e b), mas pretendem antes organizar um conjunto de dimensões supostamente relacionadas com a qualidade da vinculação, tendo sido a classificação pelos padrões derivada, conforme já

dissemos, da análise de *clusters*. Este procedimento estatístico permite, como se sabe, organizar um conjunto de indivíduos em grupos relativamente homogéneos, a partir do conhecimento do seu comportamento em determinadas dimensões. O critério de inclusão dos sujeitos não é assim, definido *apriori*, mas emerge das relações estabelecidas entre os sujeitos ao longo das variáveis. Para além disso, é importante ter em conta, na interpretação dos resultados, o facto de os questionários e as entrevistas não terem sido administrados num mesmo tempo, distando o intervalo de passagem entre os dois momentos em média em cerca de 4 meses, o que poderá obviamente atenuar as associações entre os métodos.

Comecemos, então, por discutir os resultados provenientes das avaliações da concordância no que concerne a vinculação aos pais. De um modo geral, os resultados apontam para uma correspondência baixa entre as classificações obtidas no QVPM e na EVF, sendo esta mais elevada quando se dividem os sujeitos com base na dicotomia seguro – inseguro, comparativamente com a classificação nos quatro protótipos. Por outro lado, quando se toma em conta este último sistema de classificação, verifica-se que não existe concordância no que toca à vinculação à mãe, resultado que poderá também sofrer a influência do número baixo de sujeitos em determinadas células.

De qualquer modo, os elementos fornecidos pela comparação entre as frequências esperadas e as observadas permitem-nos fazer uma leitura mais fina das correspondências, tendo em conta a especificidade de cada protótipo de vinculação. Uma primeira observação refere-se ao facto de serem os padrões seguro e desinvestido aqueles que reúnem uma maior percentagem de concordâncias entre métodos. Este dado é especialmente interessante na medida em que contesta a ideia de que os sujeitos desinvestidos tendem a apresentar mecanismos de distorção das realidades mais acentuados, recorrendo nomeadamente à idealização das figuras parentais. De facto, na nossa amostra não parece ser esse o caso, uma vez que as inferências realizadas pelos juizes com base no discurso dos sujeitos correspondem, na generalidade, ao modo

como os sujeitos se representam a si próprios, por meio da resposta ao QVPM. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Griffin e Bartholomew (1994a) onde foi possível observar que o padrão desinvestido é aquele que obtém correlações mais elevadas (r = 0,47) entre as avaliações da entrevista e do autorelato, por contraste com o padrão seguro que apresenta uma correlação mais baixa.

Mas para além desta questão, verifica-se também que, por diversas ocasiões, a amostra masculina apresenta um maior número de correlações significativas e magnitudes mais elevadas, comparativamente com a amostra feminina. Este resultado poderá indiciar, por um lado, uma maior consistência das respostas dos rapazes ao longo do tempo, e por outro, uma maior coerência entre as representações explícitas acerca das relações familiares e os modelos subjacentes de relação consigo próprio e com os outros. Qualquer uma destas hipóteses carece naturalmente de uma atenção mais cuidada em estudos futuros.

Para além disso, a observação das frequências permite-nos igualmente interpretar os resultados à luz da hipótese de que cada um dos métodos avalia aspectos específicos da vinculação, permitindo a entrevista o acesso a estruturas mais tácitas do conhecimento e os questionários a identificação das estratégias mais superficiais de regulação do comportamento de vinculação e, por isso mesmo, mais influenciáveis por aspectos circunstanciais. De facto, evidencia-se uma tendência do método da entrevista para identificar modelos seguros de vinculação em jovens que revelam no instrumento de autorelato estratégias inseguras do ponto de vista da vinculação, nomeadamente preocupadas e amedrontadas. Isto é, apesar de os jovens relatarem experiências que poderão traduzir sentimentos de insegurança na relação com os pais, os juizes consideram que os modelos subjacentes configuram um padrão de vinculação seguro, à luz obviamente de uma perspectiva desenvolvimental que enquadra os acontecimentos verbalizados no contexto das reorganizações familiares em curso. Por outro lado, esta situação poderá ainda dever-se ao facto de os instrumentos

de autorelato, na generalidade, e aqueles que se debruçam sobre dimensões afectivas do relacionamento, em particular, poderem ser mais sensíveis a possíveis oscilações do sistema familiar. De qualquer modo, recorde-se que uma percentagem importante de jovens classificados de seguros no QVPM também o foi a partir da entrevista.

Um segundo aspecto tem que ver com o facto de se assistir a uma frequência maior do que a esperada pelo acaso de jovens que são classificados de amedrontados pela entrevista e que se integram nos estilos preocupado e desinvestido do QVPM. Esta situação não é de modo algum surpreendente, uma vez que um padrão amedrontado de vinculação conjuga simultaneamente estratégias preocupadas e desinvestidas de regulação emocional, podendo o questionário justamente revelar aquelas com que o sujeito melhor se identifica num plano consciente. Aliás, a este propósito, importa recuperar o conceito de protótipo utilizado por Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) que por definição integra a possibilidade de importantes variações entre os sujeitos de um mesmo grupo. Recorde-se, ainda, que o protótipo preocupado foi aquele que evidenciou ausência de convergência entre as medidas de Bartholomew (entrevista e questionário relativas à vinculação à família) em duas amostras distintas, e que o protótipo amedrontado também não revelou correlações significativas numa das amostras (Bartholomew & Shaver, 1998).

Mais surpreendente é o facto de uma frequência de jovens superior à esperada pelo acaso ter sido classificada no padrão preocupado da entrevista e no estilo desinvestido do questionário, resultado observado apenas na classificação da qualidade da relação com a mãe. Note-se, porém, que falamos de 3 sujeitos que, em amostras mais alargadas poderão não ter qualquer expressão.

Finalmente, os resultados das análises correlacionais confirmam a ideia de que, muito embora existam relações teoricamente esperadas entre as dimensões de ambos os métodos, cada um avalia aspectos particulares do conceito de

vinculação. Refira-se que a magnitude das correlações, na generalidade baixa, está de acordo com resultados observados em outros estudos (Crowell, Treboux e Waters, no prelo, citado em Crowell, Fraley & Shaver, 1999). Aliás, acrescente-se que a equipa de Main tem vindo a enveredar esforços no sentido de construir um instrumento de autorelato que apresente fortes correlações com a *AAI*, defrontando-se, porém, com dificuldades (Main, 1999).

Mas se é possível identificar algumas regularidades na vinculação aos pais a partir de métodos distintos, o mesmo não acontece com a vinculação aos pares, sobretudo no que diz respeito às avaliações categoriais, uma vez que as medidas de Cohen não se apresentam significativas, quer quando se consideram os quatro protótipos quer quando se dividem os sujeitos em seguros e inseguros. Várias explicações podem concorrer para a compreensão deste resultado. Uma primeira diz respeito ao facto de a entrevista e o questionário não se reportarem necessariamente aos mesmos relacionamentos. O QVA instrui os participantes a responder tendo em conta a relação de namoro actual, ou no caso de os jovens não terem uma relação no momento do preenchimento do questionário, a reportar-se à relação de namoro do passado que tenha sido mais duradoura[19]. Ora, se bem que as respostas ao questionário sofram necessariamente a influência de modelos mais globais de representação acerca de si próprio e dos outros, são necessariamente influenciadas pela qualidade do relacionamento em questão e sensíveis aos acontecimentos vividos no momento, e especialmente aqueles que poderão activar o sistema de vinculação. Recorde-se, por exemplo, o estudo de Baldwin, Keelan, Fehr, Enns e Koh-Rangarajoo (1996) que evidencia que 47% das pessoas (neste caso jovens com uma média de idades de 19 anos) identifica na sua rede de relações significativas relacionamentos que correspondem aos três estilos de vinculação de Hazan e Shaver.

[19] Recorde-se que, como apresentámos no Capítulo 7, está contemplada a possibilidade de o sujeito não ter uma relação de namoro.

A entrevista, por seu lado, toma em linha de conta, não apenas dois domínios relacionais, o das amizades e o dos relacionamentos amorosos, como também procura identificar, para cada domínio, as regularidades do ponto de vista da vinculação, com base na descrição das várias experiências relacionais, não se centrando apenas numa. Conforme apresentámos no Capítulo 6, a classificação nos padrões de vinculação finais deverá resultar de uma conjugação da informação contida em toda a entrevista, com um maior peso atribuído às relações amorosas. Deste modo, compete ao juiz inferir, a partir do discurso, as invariâncias tanto do ponto de vista da estrutura como do ponto de vista dos conteúdos que enformam os modelos nucleares acerca de si próprio e dos outros. Esta tarefa nem sempre se revelou fácil, justamente pela descontinuidade relacional, evidenciada no discurso de alguns participantes, entre a primeira parte da entrevista, especialmente dedicada a questões de amizade, e a segunda parte da entrevista que se debruça sobre o domínio amoroso. Considera-se, assim, que, em futuros estudos seria desejável que fosse contemplado na classificação final cada um dos domínios separadamente, por forma inclusivamente a permitir a testagem da transversalidade sistémica ao nível do grupo de pares. De qualquer modo, o processo de cotação das entrevistas, de um modo geral, requer sempre que o cotador decida um conjunto de classificações a partir da organização de uma quantidade vasta de informação que permite ter acesso a processos psicológicos e ao modo como o sujeito dá sentido à experiência (Bartholomew *et al.*, 2000).

Em todo o caso, registe-se que, do ponto de vista dimensional, se assistiu a correlações significativas e teoricamente previsíveis entre algumas dimensões de ambos os métodos, sendo inclusivamente surpreendentes as magnitudes das correlações entre o evitamento (tal como avaliado pelo QVA) e algumas dimensões da entrevista, designadamente para a amostra masculina, tendo particularmente em conta a distância temporal que mediou as administrações de ambos os métodos e ainda o facto de, com elevada probabilidade, se poder

assistir a uma ligeira diminuição dos valores devido à consistência interna do próprio questionário. Estes resultados sugerem, na linha dos anteriormente observados para as relações familiares, que os rapazes tendem a exprimir os seus sentimentos, pensamentos e atitudes relativos a relações significativas de forma consistente independentemente do contexto e do método de evocação dessas experiências. Simultaneamente poderá colocar-se a hipótese de as raparigas utilizaram mais estratégias dissimuladoras na apresentação do modo como se relacionam com os outros significativos e nos sentimentos que tais experiências fazem emergir.

Em síntese, de um modo geral é possível concluir da existência de importantes diferenças entre a informação recolhida por meio dos questionários e aquela inferida a partir das entrevistas. De qualquer modo, de futuro importa assegurar uma representação mais equilibrada de participantes pelos vários padrões.

Conclusões

Tomando como ponto de partida a teoria da vinculação de John Bowlby e Mary Ainsworth, este trabalho procurou oferecer um contributo para o desenvolvimento científico a três níveis: (a) o da reflexão acerca da aplicação do constructo e da teoria à adolescência e idade adulta, (b) o da elaboração e adaptação de metodologias de observação das representações de vinculação, e finalmente (c) o da exploração empírica das relações entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa em adolescentes.

Neste sentido, a primeira parte deste trabalho reuniu um conjunto de 5 capítulos (Capítulos 1 ao 5) que procuram contribuir para uma sistematização e análise crítica dos conceitos e dos princípios gerais que organizam a teoria da vinculação, das abordagens conceptuais e metodológicas mais relevantes no domínio do jovem e do adulto, das questões mais controversas no plano teórico e no plano do desenvolvimento metodológico e, finalmente, dos resultados observados a partir da revisão da literatura empírica. Uma segunda parte, da qual constaram 3 capítulos (Capítulos 6 ao 8), apresentou e discutiu os resultados do processo de elaboração e de validação de dois instrumentos de autorelato, de adaptação de duas entrevistas semi-estruturadas, e da implementação de um estudo empírico com vista à observação das relações entre a vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes.

Mais especificamente, o Capítulo 1 deste trabalho foi dedicado à apresentação da teoria da vinculação. O conhecimento das trajectórias biográficas dos seus autores principais – John Bowlby e Mary Ainsworth – bem como das condições epistemológicas que caracterizavam o contexto científico à época da elaboração das primeiras propostas conceptuais sistematizadas, permitiram compreender a emergência da teoria e enquadrar historicamente a

sua relevância no quadro do paradigma de pensamento científico dominante. Embora preservando importantes asserções da teoria psicanalítica, a teoria da vinculação desenvolveu-se, em parte, como resposta à convicção de que a psicanálise havia subestimado o papel do ambiente e das experiências de vida reais no desenvolvimento humano. A convergência de tendências dominantes no campo da biologia e das ciências sociais pemitiram reconceptualizar o papel das ligações emocionais à luz de uma perspectiva evolucionista, que considera o *sistema comportamental da vinculação* como tendo evoluído no processo de selecção natural, por preencher uma função biológica específica – a de garantir a protecção e, deste modo, a sobrevivência. A natureza da ligação emocional entre a mãe e o bebé (e as consequências que derivam da privação, separação ou perda da relação) ganha, assim, um novo significado, bem como o papel que determinadas figuras e ligações desempenham no desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. De facto, a teoria enfatiza não apenas a necessidade vital do ser humano desenvolver e manter laços de grande proximidade com outros durante toda a existência, mas também a natureza epistémica das relações de vinculação, ao conferir-lhes um papel determinante na construção de *modelos de si e dos outros* que orientam a relação do sujeito com o mundo.

Mas se a teoria da vinculação rapidamente se constituiu como uma abordagem preferencial para o estudo do desenvolvimento da criança, multiplicando-se os estudos empíricos que recorreram aos seus conceitos, mais recente é a sua aplicação a outras etapas do desenvolvimento, designadamente à idade adulta, e inclusivamente a outros domínios relacionais, de que é exemplo o relacionamento amoroso.

O Capítulo 2 deu, assim, lugar à apresentação das abordagens conceptuais e metodológicas mais recentes e no seio das quais se desenvolveu a grande maioria de estudos empíricos nos últimos anos, no âmbito da adolescência e da idade adulta. Privilegiaram-se três contribuições, unanimemente reconhecidas

pela comunidade científica como tendo estimulado a reflexão teórica e impulsionado a investigação empírica neste domínio. As duas primeiras – a de Mary Main e colaboradoras e a de Cindy Hazan e Philipp Shaver – inauguraram duas importantes linhas de investigação, enquanto que a terceira – a de Kim Bartholomew – integra os resultados dos trabalhos antecedentes, propondo um modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto, teoricamente consistente com as propostas conceptuais de Bowlby.

Muito embora partindo dos pressupostos básicos da teoria da vinculação, cada uma ofereceu contributos distintos para o desenvolvimento da teoria, tanto ao nível da elaboração conceptual como da criação de dispositivos metodológicos destinados a observar a vinculação em jovens e adultos. A confrontação das três abordagens permitiu a identificação das comunalidades e das diferenças subtantivas na definição conceptual e operacional do constructo da vinculação.

Main e colaboradores propõem que os *modelos internos dinâmicos* se constituem como organizadores de um conjunto de regras que orientam não apenas o comportamento e a avaliação cognitiva e afectiva das experiências, mas também a atenção e a memória, possibilitando ou limitando o acesso à informação relativa a experiências de vinculação. Do ponto de vista metodológico, Main privilegia a linguagem e a organização discursiva e do pensamento como processo representacional susceptível de fazer emergir as diferenças individuais nos modelos construídos a partir da história das interacções com as figuras significativas.

Recorde-se que o ponto de partida para o aprofundamento desta questão ao nível do adulto consistiu em analisar em que medida as representações dos adultos relativamente às experiências de vinculação com os seus pais estariam relacionadas com a qualidade de prestação de cuidados aos filhos, predizendo, por sua vez, o padrão de vinculação destes com base na *Situação Estranha*. A elaboração da *Adult Attachment Interview* (AAI) (George, Kaplan & Main, 1984)

constitui um importante avanço metodológico, permitindo observar o *modo* como o indivíduo processa e integra a informação disponível, a partir das memórias autobiográficas relacionadas com as experiências de vinculação com os pais, em especial na infância. Os estudos demonstraram que, do ponto de vista conceptual, existem semelhanças entre os padrões de vinculação dos adultos (o *autónomo-seguro*, o *preocupado* e o *desligado*) e os propostos por Ainsworth e colaboradores para a infância, tendo sido encontradas correlações significativas entre os padrões dos pais e os das crianças. (cf. Capítulo 2).

Uma segunda abordagem desenvolvida no Capítulo 2 centrou-se nos trabalhos efectuados por Cindy Hazan e Phillip Shaver, a propósito do amor romântico na idade adulta como processo e contexto de vinculação. Para além de situarem o amor romântico numa perspectiva evolucionista, os autores centraram a atenção na observação das semelhanças *dinâmicas* e *funcionais* entre os comportamentos de vinculação na infância e aqueles que caracterizam o par amoroso na idade adulta. Fortemente influenciados pelo pensamento dominante no domínio da vinculação na infância, os autores construíram um instrumento de autorelato de escolha forçada entre três parágrafos que descrevem diferentes orientações relativamente às relações amorosas. Os resultados apontaram para a existência de padrões de vinculação semelhantes na sua organização qualitativa e na distribuição aos encontrados nas crianças (que os autores designaram de *seguro*, *preocupado* e *evitante)* associados, conforme previsto, a diferentes formas de experienciar o relacionamento amoroso.

Em todo o caso, se as relações pais-filhos na infância e as relações amorosas na idade adulta partilham elementos comuns, é importante salientar igualmente as suas diferenças, designadamente (a) o facto de nos jovens e nos adultos as relações tenderem a ser de *reciprocidade* ou de simetria com pares, em que à partida é suposto os sujeitos disporem de um estatuto semelhante e da possibilidade de exercício igual de poder, (b) o facto de ambos os elementos da

díade se encontrarem num duplo papel de receptores dos cuidados do outro e de prestadores de cuidados ao outro; (c) o facto de a sexualidade e a atracção sexual desempenharem um papel importante nas relações românticas do adulto, e, ainda, (d) o facto de o sistema de vinculação não se sobrepor aos restantes como acontece na infância.

Finalmente, uma terceira abordagem destacada no Capítulo 2 referiu-se ao modelo bidimensional de avaliação da vinculação do adulto de Kim Bartholomew, que forneceu o enquadramento conceptual e metodológico para o presente estudo. Este modelo organiza-se em torno da positividade e da negatividade de duas dimensões latentes, representadas pelo modelo de si próprio e pelo modelo do outro (Bowlby, 1969/91, 1973, 1982), e que representam expectativas gerais acerca do valor do *self* e da acessibilidade e disponibilidade dos outros. Da intersecção entre estas duas dimensões resultam quatro padrões prototípicos de vinculação (o *seguro* - modelo positivo de si e do outro; o *preocupado* - modelo negativo de si e positivo do outro; o *amedrontado* - modelo negativo de si e do outro; e o *desinvestido* - modelo positivo de si e negativo do outro), conceptualizados enquanto estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal em situações de proximidade afectiva. Sublinhe-se, ainda, que este modelo tomou em consideração o facto de que, embora sob designações muito próximas, as categorias medidas pela *AAI* e pelas respostas aos parágrafos de Hazan e Shaver evidenciam diferenças fundamentais no constructo de evitamento. O padrão *desinvestido* descreve um padrão defensivo de manutenção de um sentido de autosuficiência, correspondendo ao padrão desligado da linha de Main e colaboradores, enquanto que o padrão *amedrontado* configura uma estratégia ambivalente caracterizada simultaneamente pelo desejo de intimidade e respostas de evitamento pelo medo antecipado da rejeição, assemelhando-se ao estilo evitante de Hazan e Shaver.

Conforme tivemos a ocasião de desenvolver no Capítulo 4, estudos recentes têm vindo a demonstrar que a maioria das dimensões avaliadas pelos

instrumentos de vinculação existentes na comunidade científica são susceptíveis de ser organizadas num espaço bidimensional, caracterizados pelos modelos de si próprio e do outro (ou pela ansiedade e o evitamento, como outros autores lhes preferem chamar).

Mas se a teoria da vinculação tem fornecido o enquadramento conceptual e teórico a uma vastíssima quantidade de estudos empíricos que procuram compreender as ligações emocionais dos jovens e dos adultos, não é menos verdade que se tem assistido a leituras divergentes das suas proposições que têm suscitado alguma controvérsia. Dedicou-se, assim, uma especial atenção no Capítulo 3 a um conjunto de questões que estão patentes, ainda que muitas vezes de forma implícita, no debate teórico, tendo-se destacado a natureza disposicional *vs* relacional do constructo da vinculação, a envolvência ecológica das relações de vinculação, a estabilidade *vs* mudança das estruturas de vinculação e, finalmente, a continuidade dos processos e dinâmicas da vinculação. As mesmas foram analisadas à luz não apenas dos desenvolvimentos recentes no plano teórico e empírico, mas também da própria transformação da organização da vida social e humana, explicitando-se a concepção de desenvolvimento humano subjacente ao presente trabalho. Enfatizou-se, assim, uma perspectiva que considera o indivíduo como um *sistema autopoiético* que se caracteriza por um processo contínuo e generativo de transformação, sendo o mecanismo central de autoregulação essencialmente determinado por uma tendência para manter a coerência sistémica dos processos de construção de significado (Guidano, 1987). Para além disso, privilegiou-se, igualmente, uma perspectiva *ecológica*, ao se considerar a relação do indivíduo com os vários contextos de vida, o sistema de influências recíprocas que entre estes se estabelece e o seu impacto do desenvolvimento e no funcionamento psicológicos (Bronfenbrenner, 1977, 1979).

O Capítulo 4 procurou sistematizar as principais questões do foro metodológico relativas à observação empírica da vinculação, em torno de três eixos temáticos. O primeiro explicitou as abordagens conceptuais subjacentes à avaliação das diferenças individuais na vinculação, designadamente as *categoriais* ou *tipológicas*, as *dimensionais* e as *prototípicas*, pondo em evidência as vantagens e limitações de cada uma. Para além disso, sublinhou-se a necessidade de os investigadores procederem a uma formalização teórica da natureza ontológica da variável observada. O segundo eixo temático versou sobre as metodologias de observação, tendo-se analisado o tipo de métodos que mais frequentemente têm sido utilizados no âmbito da adolescência e da idade adulta, procurando-se clarificar a especificidade de cada um para uma aproximação mais compreensiva ao objecto de estudo. Por outro lado, discutiram-se alguns aspectos de natureza ética que se colocam à investigação, em particular devido à natureza da variável em causa. Destacámos o possível efeito desorganizador da ordem individual produzido pela realização das entrevistas e os constrangimentos impostos à observação directa quer em contexto natural quer experimental. Um terceiro eixo debruçou-se sobre os domínios contemplados na grande maioria dos dispositivos de avaliação – o *domínio parental*, das *relações amorosas* e de *amizade* – identificando-se os elementos comuns e diferentes aos diversos instrumentos. Além disso, reflectiu-se em que medida as relações de amizade poderão ser consideradas relações de vinculação. Finalmente, colocou-se o problema da convergência entre métodos e sistemas de classificação, justamente pela presença de diversidade nos modos de definir e observar o constructo da vinculação. Transversalmente a todos os eixos apresentaram-se os instrumentos de avaliação que têm assumido um papel predominante na investigação sobre a vinculação na adolescência e na idade adulta, no sentido de possibilitar uma leitura mais rigorosa dos principais resultados da investigação empírica, tendo presentes as definições operacionais das variáveis e as limitações impostas pelas qualidades psicométricas dos

instrumentos.

Finalmente, no Capítulo 5 procedeu-se a uma revisão da investigação empírica, tendo-se optado por sistematizar a informação de acordo com os dois grandes domínios privilegiados neste trabalho - o da vinculação aos pais e o da vinculação amorosa. Na medida em que se enfatizou a necessidade de uma maior precisão conceptual derivada de diferenças substantivas no constructo de vinculação, a revisão dos estudos não se centrou apenas na apresentação e discussão de resultados, mas identificou as metodologias utilizadas e o sistema específico de classificação em que se basearam os mesmos. Apresentaram-se, num primeiro momento, as associações de cada uma destas variáveis com um conjunto de outros indicadores e processos desenvolvimentais que puseram em evidência a relevância do constructo de vinculação para compreender as diferenças individuais, afirmando a sua especificidade conceptual por referência a outros constructos. Além disso, os resultados da investigação revista reforçam uma perspectiva que afirma a necessidade da manutenção de importantes ligações emocionais com as figuras parentais, mas também a sua estreita articulação com a construção da autonomia do adolescente. Do ponto de vista da vinculação ao par amoroso, a extensa literatura empírica debruça-se principalmente sobre o adulto e o estudante universitário, sendo escassos os estudos relativamente à adolescência. De qualquer modo, verifica-se que os estilos de vinculação se correlacionam de forma teoricamente previsível com um conjunto alargado de outras variáveis relativas ao relacionamento amoroso. No entanto, será importante, prestar uma maior atenção aos processos e às dinâmicas subjacentes à construção de vinculações a partir da adolescência, período em que se dá início, de forma mais notória, a um processo de revisão dos modelos de si e dos outros.

Num segundo momento da revisão da investigação empírica, foram analisados os estudos que procuraram compreender as ligações entre as

representações relativas a cada domínio, e que exploram uma hipótese central da teoria da vinculação, aquela que prevê a existência de importantes relações entre as experiências afectivas vividas no seio da família e a capacidade do indivíduo para desenvolver e manter ligações afectivas com os pares. Da revisão efectuada, é possível concluir que, na generalidade, os adultos com vinculações seguras aos pares tendem a representar mais favoravelmente as figuras parentais, tanto no que diz respeito às experiências vividas na infância como no que diz respeito às interacções actuais. Todavia, verifica-se que os sujeitos evitantes tendem a apresentar valores próximos dos seguros, o que, se, por um lado, poderá ser interpretado como um processo de exclusão defensiva, por outro poderá remeter para a necessidade de considerar outras explicações para a compreensão deste padrão de vinculação. Adicionalmente, também o papel do género da figura parental na articulação das continuidades entre ambos os domínios relacionais merece um maior aprofundamento em estudos futuros, na medida em que se assiste a inconsistências do ponto de vista empírico.

Tendo recordado os aspectos mais relevantes desenvolvidos nos capítulos que constituem a primeira parte deste trabalho e sublinhado a sua relevância para a estrutura geral desta dissertação, prosseguiremos com a segunda parte que procurou oferecer um contributo ao nível do desenvolvimento metodológico e da exploração empírica das representações da vinculação numa amostra de adolescentes. Relembre-se que no presente trabalho as representações da vinculação foram entendidas numa dupla vertente, nomeadamente enquanto estruturas de conhecimento profundas que organizam os modelos do *self* e dos outros em relação à vinculação, e enquanto estratégias mais explícitas de regulação da segurança percebida e do comportamento interpessoal em situações de proximidade emocional.

Retomaremos os principais resultados obtidos em cada uma das etapas da presente investigação, organizados de acordo com os cinco objectivos gerais

enunciados no Capítulo 6, alterando-se no entanto a ordem de apresentação dos mesmos. Pretende-se sistematizar as principais conclusões decorrentes dos resultados descritos nos Capítulos 7 e 8, para além de evidenciar as limitações inerentes ao tipo de análises realizadas e ao desenho metodológico escolhido. Simultaneamente serão identificados os aspectos mais inovadores deste trabalho, bem como sugeridas pistas para investigação futura.

1. Do desenvolvimento e adaptação de metodologias de observação da vinculação

Definimos como um dos objectivos deste trabalho o desenvolvimento e a adaptação de metodologias de observação psicológica das representações de vinculação, tendo em vista a sua aplicação a adolescentes e jovens adultos portugueses. Para o efeito foram elaborados dois instrumentos originais de autorelato – o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)* e o *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)* – e adaptadas duas entrevistas semi-estruturadas e respectivos materiais de apoio – a *Entrevista de avaliação da vinculação à família* e *à Entrevista de avaliação da vinculação aos pares* de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Como foi desenvolvido no Capítulo 7, a construção dos questionários foi orientada conceptualmente pelas propostas teóricas de Bowlby (1969/91, 1973, 1977a, 1980) e Ainsworth (1982, 1989, 1991), e pelo modelo bidimensional de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), tendo-se definido as componentes essenciais das relações de vinculação e operacionalizado as mesmas num conjunto de itens que se pretendem adequados às etapas desenvolvimentais em questão. Optou-se, assim, por uma abordagem metodológica que partiu dos constructos teóricos (tal como desenvolvidos no Capítulo 1) como organizadores dos conteúdos dos instrumentos, privilegiando-

se, numa primeira fase, a garantia de uma validade substantiva e de uma estrutura internamente consistente e teoricamente interpretável. Numa segunda fase, procedeu-se, então, à realização de procedimentos que permitiram averiguar da relação dos instrumentos com variáveis de critério (método correlacional), da sensibilidade dos mesmos a diferenças entre grupos (método diferencial), e da organização das dimensões em configurações de sentido (por via da análise de *clusters*), por forma a testar a validade de constructo.

Em nosso entender, o desenvolvimento de dispositivos de avaliação que contemplem as mudanças desenvolvimentais continua a ser um importante desafio que se coloca à investigação, particularmente devido ao facto de na adolescência existirem importantes variações, não apenas na expressão do sistema de vinculação de acordo com o contexto relacional e o período específico da adolescência, mas também nos significados atribuídos aos comportamentos, crenças ou atitudes relacionadas com a vinculação.

Na globalidade, os resultados obtidos com os procedimentos de validação permitem concluir que os instrumentos se poderão constituir como medidas alternativas válidas e fiáveis para o estudo das representações da vinculação, dadas, por um lado, as suas propriedades psicométricas e, por outro, as associações empíricas observadas com variáveis de critério teoricamente relevantes, bem como o poder de diferenciação entre grupos.

Para ambos os questionários, os resultados das análises de componentes principais apontam para estruturas teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação, sendo os valores da consistência interna e da estabilidade no tempo adequados, com a excepção da dimensão *Inversão de papéis* no QVPM que, apesar de apresentar correlações com significado estatístico e substantivo com as variáveis de critério, evidencia valores baixos de consistência interna, nomeadamente na versão pai.

Para além disso, as análises de *clusters* evidenciaram configurações particulares de sentido na organização das dimensões, susceptíveis de serem

lidas à luz dos quatro protótipos propostos pelo modelo de Bartholomew. Importa, porém, sublinhar o facto de os questionários não terem sido especialmente concebidos para classificar os sujeitos do ponto de vista categorial, tendo-se privilegiado, na construção dos mesmos, uma abordagem dimensional da avaliação das diferenças individuais, na linha de estudos recentes que evidenciam a relevância de modelos dimensionais na observação da vinculação (cf. Capítulo 4).

Também as análises correlacionais apoiaram a grande maioria das hipóteses formuladas a partir da investigação empírica e das proposições teóricas, afirmando a validade de constructo. Além disso, permitiram avançar na precisão conceptual das dimensões observadas. Refira-se que todos os instrumentos relativos às variáveis de critério foram analisados quanto à sua qualidade psicométrica (designadamente quanto à estrutura factorial e à consistência interna), tendo, na generalidade, dado provas da sua adequação, reforçando, assim, os resultados observados nas análises correlacionais. Três das dimensões (identidade *achievement*, moratória e em difusão) avaliadas pelo EOMEIS-2 constituíram a excepção, apresentando valores baixos de consistência interna, aliás, em consonância com resultados observados em estudos anteriores (cf. Adams, Bennion & Huk, 1989), podendo inclusivamente explicar a baixa magnitude das correlações com o QVA. Todavia, o sentido das correlações confirma as expectativas, permitindo inclusivamente aprofundar as questões de género na articulação entre dimensões de vinculação e de identidade, aspecto a que demos atenção no Capítulo 5.

Os estudos diferenciais revelaram, igualmente, a sensibilidade dos instrumentos a diferenças entre grupos, confirmando a maioria das hipóteses e reafirmando, mais uma vez, a necessidade de se contemplar uma perspectiva multidimensional na avaliação das representações da vinculação.

Mas se na globalidade é possível afirmar a qualidade dos instrumentos, reconhece-se a importância de implementar um programa contínuo e rigoroso de

validação por forma a (a) averiguar da invariância estrutural e dimensional dos questionários, bem como da fiabilidade das dimensões em diferentes amostras, sugerindo-se o recurso a procedimentos de análise factorial confirmatória, e (b) a recolher evidência quanto ao comportamento das dimensões face a outras variáveis com base em hipóteses teoricamente relevantes. A continuação do processo de validação dos instrumentos é, aliás, um dos objectivos a prosseguir no futuro, pretendendo-se acompanhar de perto os estudos que têm vindo a ser conduzidos por outros investigadores e que têm recorrido aos instrumentos em causa (R. Barbosa, 2001, S. Barbosa & Costa, 2001; M. Costa, em curso; Narciso, 2001; Oliveira & Costa, 2001; Silva, em curso). Note-se que alguns destes estudos administraram os questionários junto de populações distintas daquela que serviu para a validação inicial, pelo que importa considerar a possível interferência de mudanças desenvolvimentais na organização e na expressão da vinculação, conforme já referimos anteriormente.

Uma segunda vertente da contribuição metodológica deste trabalho consistiu na adaptação das entrevistas semi-estruturadas de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). A escolha da integração de um método desta natureza na abordagem metodológica de um estudo empírico requer que se estime com prudência o tempo, os custos e a complexidade que a tarefa exige (Bartholomew *et al.*, 2000). Como facilmente se depreende, esta opção exigiu um investimento prolongado não apenas no conhecimento da abordagem conceptual subjacente ao modelo de avaliação da vinculação no adulto de Bartholomew, mas também na formação de entrevistadores e sobretudo de juizes competentes para a realização do processo de análise e classificação das entrevistas, na medida em que se trata de entrevistas codificadas. A substituição de uma abordagem categorial por uma abordagem prototípica da vinculação obrigou, de forma notória, a um exercício permanente de contrariar a tendência para classificar precipitadamente o jovem num padrão, e a atender à

complexidade da gestão individual das diferentes estratégias de regulação emocional e de comportamento interpessoal, a partir da identificação de elementos de outros padrões. E, neste sentido, apraz-nos afirmar a mais-valia que constituiu a possibilidade de formação directa com a autora da metodologia. Esta oportunidade permitiu também evidenciar a necessidade de discutir, no plano intercultural, os significados atribuídos a determinados comportamentos.

De qualquer modo, consideramos importante destacar duas dificuldades sentidas no processo de classificação das entrevistas e que merecem, em nosso entender, uma maior atenção em estudos futuros. A primeira relaciona-se com o facto de algumas entrevistas terem suscitado elevados níveis de desacordo, tendo inclusivamente sido difícil chegar a um consenso, mesmo no decurso da explicitação das razões que legitimaram determinadas classificações em discussão aberta entre juizes. Uma segunda dificuldade, especialmente sentida nas entrevistas de vinculação aos pares, e que muito provavelmente sofre a interferência do período desenvolvimental em questão, tem que ver com o facto de, por diversas ocasiões, se ter observado que os modelos que orientam as relações de amizade são distintos daqueles que subjazem às relações com os companheiros românticos. Embora a classificação final não seja uma média das representações em ambos os domínios relacionais, privilegiando-se o domínio amoroso, esta é sempre ponderada à luz do conhecimento dos relacionamentos de amizade. Desta forma, corre-se o risco de enviezamentos nas classificações, ficando, além disso, impossibilitada a exploração da concordância entre os modelos de ambos os domínios, questão de interesse teórico, como foi, aliás, desenvolvido no Capítulo 3.

Por último, destaque-se o importante valor heurístico das entrevistas, na medida em que constituem ocasiões privilegiadas para a elaboração de hipóteses que permitem o refinamento contínuo da teoria. Refira-se, a este propósito, por exemplo, a identificação de alguns denominadores comuns no discurso dos jovens com vinculações seguras aos pais, e designadamente o factor tempo (cf.

Capítulo 8), que poderão vir a configurar algumas pistas para investigação futura. Deste modo, considera-se que o material recolhido por via das entrevistas é susceptível de ser (re)analisado numa atitude mais exploratória de procura de regularidades nos conteúdos e na estrutura do discurso que possam eventualmente fornecer elementos para uma compreensão dos processos de construção das relações de vinculação na adolescência.

2. Da convergência entre métodos

Um segundo objectivo de caracter metodológico decorreu da integração de uma abordagem compreensiva para a observação da vinculação e do recurso, designadamente, aos dois métodos anteriormente referidos, as entrevistas semi-estruturadas e os questionários. Embora tradicionalmente a utilização de cada um destes métodos tenha aparecido associada a linhas de investigação distintas, conforme tivemos a ocasião de rever no Capítulo 4, a sua combinação tem vindo a ser reconhecida como um importante meio para uma compreensão mais abrangente do constructo da vinculação. Em questão está a análise da convergência entre métodos, no pressuposto de que existem importantes diferenças não apenas nos *modos* de observar mas também nos *conteúdos* (no sentido mais lato da palavra) por eles acedidos. Partiu-se da suposição de que os instrumentos de autorelato têm acesso a representações mais conscientes das relações, que dizem respeito às estratégias mais explícitas de regulação emocional e de comportamento interpessoal, enquanto que as entrevistas criam condições para o acesso a representações mais inconscientes ou tácitas, que configuram modelos nucleares de si próprio e dos outros e que organizam a relação do sujeito com o mundo. De qualquer modo, tanto no primeiro como no segundo caso, considera-se que as respostas aos estímulos (sejam eles um conjunto de itens ou de questões formuladas por um entrevistador) são

influenciadas por estratégias defensivas de protecção pessoal, variáveis na sua intensidade de acordo com a história desenvolvimental de relação com os tópicos em questão.

No estudo presente a análise da convergência recaiu sobre a combinação de dois métodos elaborados de acordo com o modelo de Bartholomew, tendo-se procedido à análise da concordância entre classificações categoriais e à análise das correlações entre variáveis dimensionais. Tendo presentes a limitação imposta pela distância temporal entre a administração de ambos os métodos e o facto de os questionários não se constituírem como medidas directas para a classificação (categorial ou dimensional) nos padrões de vinculação (cf. Capítulo 8), os resultados apontam para a existência de uma convergência baixa entre as medidas alternativas da vinculação, no caso da vinculação aos pais, e para a ausência de convergência, no caso da vinculação aos pares. Ou seja, as representações que os adolescentes transmitem de si em questionários de autorelato relativos a questões de vinculação nem sempre são concordantes com as representações que juízes qualificados deles constroem com bases em conversas estruturadas. Se este resultado não é surpreendente, dado, por um lado, o período desenvolvimental em causa e, por outro, o nível de análise contemplado em cada método, o facto de esta divergência ser menor para os sujeitos desinvestidos contraria a ideia generalizada de que estes sujeitos apresentam os mecanismos defensivos mais acentuados. Na medida em que também a revisão da investigação empírica apontou para resultados inconsistentes relativamente a este padrão (cf. Capítulo 5), considera-se importante aprofundar as dinâmicas e os processos subjacentes a este tipo de padrão de vinculação em estudos posteriores.

De qualquer forma, importa salientar que, do ponto de vista dimensional, não existem inconsistências teóricas no sentido das correlações observadas e que, em alguns casos, e nomeadamente na amostra masculina, a magnitude das correlações entre dimensões do QVA e da EVP é elevada.

3. Das relações amorosas como contexto de vinculação na adolescência

Mas para além dos objectivos de caracter metodológico, neste trabalho propusemo-nos também analisar as relações amorosas de adolescentes à luz da teoria da vinculação. Sugeriu-se, por um lado, que as relações amorosas se constituem como contextos significativos de vinculação, nos quais decorrem importantes processos de actualização, revisão e transformação das representações acerca de si e dos outros, construídas em relações anteriores. Propôs-se, por outro, que a activação do sistema de vinculação e de prestação de cuidados nestes contextos permite ensaiar um novo papel que conjuga a *acção de cuidar e de ser cuidado*, e (re)negociar novos equilíbrios entre a necessidade de ligação e a necessidade de independência. Consideraram-se, ainda, as relações amorosas no quadro de um processo desenvolvimental mais alargado de reorganização das relações familiares e da progressiva transferência das funções de vinculação dos pais para os pares.

A organização das respostas ao QVA em dimensões teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação (decorrente de análises factoriais em componentes principais) permitiu analisar as representações da vinculação amorosa e compreender a sua relação com outras variáveis. Em particular, destacamos a importância da vinculação ao par amoroso para compreender o processo de construção da identidade nas raparigas e a importância da percepção do apoio familiar para uma atitude de confiança no companheiro amoroso nos rapazes.

Por outro lado, análises diferenciais revelaram valores mais elevados de insegurança na relação com os pares, comparativamente com os pais, consistentes com a ideia de que, por um lado, os envolvimentos amorosos colocam importantes desafios desenvolvimentais ao adolescente e que, por outro, os pais preenchem, neste grupo etário, muito provavelmente, uma função

ainda primordial na criação de uma base segura para o encorajamento dos movimentos. De qualquer modo, a ideia de que a passagem das funções de vinculação dos pais para os pares ocorre numa sequência cumulativa de componentes (ou seja, procura de proximidade, procura de conforto e apoio, e base segura) (Hazan & Zeifman, 1994, 1999) só poderá ser estudada a partir de planos de investigação longitudinais, que diferenciem operacionalmente cada uma destas funções.

Igualmente interessante foi verificar que a estrutura global observada com o QVA se adequa deficitariamente à leitura das respostas de jovens que ainda não tiveram experiências amorosas ou que responderam ao questionário com base em experiências que eles próprios não consideram de namoro (como foi o caso do "curtir") (cf. teste da invariância dimensional, Capítulo 7). Ou seja, por um lado, e conforme esperado, existem experiências relacionais com o sexo oposto que não se caracterizam por elementos de vinculação; por outro, parece ser justamente no seio das interacções reais (e não imaginadas)[1] que se actualizam e constroem as representações de si e dos outros relevantes do ponto de vista da vinculação. Importa também ter presente que, para além de uma percentagem significativa de adolescentes (76% de um total de 480) considerar ter tido pelo menos uma relação de namoro, a duração média dos relacionamentos a que os jovens se reportam é de cerca de um ano (pese embora a variabilidade interindividual), o que contraria a ideia generalizada de que os investimentos amorosos dos adolescentes tendem a ser pontuais. Para além disso, acentue-se a ausência de diferenças de género do adolescente na duração das relações amorosas.

Do ponto de vista das distribuições categoriais, verificou-se que a distribuição observada a partir do QVA (25,5% de seguros, 39,7% de

[1] Recorde-se que caso os sujeitos não tivessem tido, ainda, uma relação, que considerassem de namoro, eram instruídos a responder "imaginando como gostaria que fosse uma relação sua com um(a) namorado(a)".

preocupados, 4,1% de desinvestidos e 30,7% de amedrontados) não coincide globalmente com aquelas observadas em outros estudos. Já quando analisámos a distribuição dos padrões de vinculação a partir das classificações das entrevistas, verificámos que a distribuição (53,6% de seguros, 12,2% de preocupados, 9,8% de desinvestidos e 24,4% de amedrontados) está de acordo com estudos estudos internacionais. De qualquer modo, importa ter presente a elevada percentagem de adolescentes amedrontados em ambas as distribuições, e que poderá ser reveladora das dificuldades sentidas na construção da intimidade com um par amoroso.

As diferenças distribucionais que resultam da comparação de ambos os métodos obrigam, assim, à condução de estudos adicionais que permitam averiguar em que medida estas são devidas à natureza do procedimento de classificação dos sujeitos (a análise de *clusters* por contraste com a classificação directa de juizes) e/ou ao facto de os métodos utilizados (o QVA e a entrevista) observarem aspectos distintos da vinculação, sendo o primeiro particularmente sensível às características particulares de um determinado relacionamento. Por outro lado, comparativamente com estudos internacionais, as divergências poderão ser explicadas por razões desenvolvimentais, nomeadamente o facto de, tendo presente a idade da amostra, ser possível que os relacionamentos se possam caracterizar por maiores níveis de insegurança que traduzem justamente os ensaios de novos equilíbrios na construção da intimidade e da identidade.

4. Das (des)continuidades entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa em adolescentes

Um dos objectivos centrais deste trabalho consistiu em aprofundar as associações entre dois domínios relacionais da vida do adolescente – o da relação com os pais e o da relação amorosa - , apoiando-se numa abordagem

metodológica que combinou as entrevistas semi-estruturadas com instrumentos de autorelato. Pretendeu-se, como já referimos, aceder, por um lado, às representações da vinculação enquanto estruturas de conhecimento ou configurações idiossincráticas de significações que regulam o sistema pessoal e, por outro lado, às estratégias mais explícitas de regulação emocional e de comportamento interpessoal que medeiam a relação do indivíduo com o mundo. Mais, tomando em consideração abordagens conceptuais recentes (cf. Capítulo 2), observaram-se as (des)continuidades entre ambos os contextos tanto do ponto de vista das recorrências de conteúdo, como do ponto de vista da organização discursiva, prestando atenção às recorrências estruturais no modo de dar sentido às experiências de vinculação. Num primeiro momento apresentaram-se os resultados da conjugação entre o QVPM e o QVA; num segundo momento aqueles que foram observados a partir das entrevistas. Em qualquer dos casos, a análise dos dados contemplou simultaneamente uma abordagem dimensional e categorial do constructo de vinculação, tendo-se optado por uma variedade de tratamentos estatísticos que incluíram, entre outros, análises de variância (univariada, multivariada e covariada), análises discriminantes e análises de correlações canónicas.

Na globalidade, os resultados observados confirmam a hipótese de que existem regularidades entre as representações da vinculação em ambos os domínios relacionais, sendo consistentes com estudos anteriores (cf. Capítulo 5 e 8). Em concreto, 65% e 54,9% dos adolescentes apresentam classificações concordantes no sistema de duas categorias (seguro-inseguro) e de quatro protótipos, respectivamente, para além de se observarem correlações significativas (entre 0,29 e 0,41) e teoricamente consistentes entre os padrões, ao nível dimensional. Mais, cada padrão de vinculação aos pares parece estar associado a uma constelação específica de factores do relacionamento familiar (com a excepção da vinculação desinvestida), e a qualidade da vinculação aos pais parece exercer um efeito importante ao nível dos processos de regulação

emocional no contexto dos pares, de que são exemplo o ciúme, a ansiedade de separação e a dependência emocional. Finalmente, as análises correlacionais efectuadas com as dimensões 'modelo de si próprio' e 'modelo do outro' permitiram evidenciar alguns aspectos interessantes relativos à transversalidade situacional dos modelos e às dinâmicas subjacentes à construção dos mesmos, que deverão ser aprofundados em estudos posteriores. Referimo-nos, por um lado, à diferença de magnitudes observada quando comparamos as correlações entre os modelos de si próprio em ambos os domínios relacionais com as relativas aos modelos do outro, e que poderão revelar a natureza mais integrativa do modelo de si próprio por contraste com a maior dependência contextual e situacional do modelo do outro. Referimo-nos, também, ao facto de a qualidade da relação com os pares (por oposição à relação com os pais) parecer ser especialmente relevante no desenvolvimento de uma representação negativa acerca dos outros dos sujeitos desinvestidos, mantendo os mesmos um modelo positivo de si próprios desenvolvido na relação com os pais. E finalmente, referimo-nos à natureza do modelo dos outros dos sujeitos preocupados, que se de acordo com o modelo bidimensional de Bartholomew é considerado como positivo, poderá muito provavelmente reunir um conjunto de imagens inconsistentes e idealizadas acerca dos outros.

A distinção entre dimensões de conteúdo e dimensões estruturais das narrativas permitiu, ainda, constatar que os padrões de vinculação se relacionam com aspectos organizativos do discurso do adolescente, apoiando a hipótese de que o apoio emocional parental, o encorajamento da autonomia e uma comunicação aberta constituem ingredientes básicos ao desenvolvimento por parte do adolescente de representações acerca de si próprio e do mundo coerentes, flexiveis e dinâmicas.

Também a análise de correlação canónica efectuada com os questionários e as análises de diferenças entre grupos convergem no sentido de evidenciar que os adolescentes com vinculações seguras às figuras parentais parecem

relacionar-se de um modo mais seguro com os companheiros amorosos, apresentando níveis inferiores de dependência, ambivalência e evitamento. Em todo o caso, importa ter presente que a natureza correlacional dos resultados não nos permite fazer inferências causais acerca das associações entre as variáveis. Neste sentido, para além de se considerar os efeitos das experiências vividas no contexto familiar sobre o modo como o adolescente se envolve nas relações amorosas, não podemos esquecer que a construção de uma relação de vinculação a um par amoroso poderá, justamente, facilitar o processo de aquisição de autonomia relativamente às figuras parentais e permitir a transformação da relação familiar em direcção a uma maior reciprocidade. Este último aspecto tem merecido pouca atenção por parte da comunidade científica e poderá, em nossa opinião, iluminar alguns dos processos psicológicos envolvidos na reelaboração e integração emocional de experiências familiares menos positivas.

Mas se os resultados indicam a existência de importantes ligações entre as experiências que ocorrem no contexto familiar e no contexto amoroso do ponto de vista da vinculação, importa sublinhar que, conforme esperado, a natureza e a qualidade dos relacionamentos amorosos dos adolescentes não são, de modo algum, redutíveis a variáveis do relacionamento familiar. Vários resultados apontam neste sentido. Do ponto de vista categorial, cerca de 36,5% (n = 21) dos casos classificados de seguros na relação com os pais foram classificados de inseguros na relação com os pares, e cerca de 30% (n = 7) dos casos classificados de inseguros na relação com os pais foram classificados de seguros na relação com os pares. Do ponto de vista dimensional, as magnitudes das correlações, ainda que apresentem um intervalo de variação lato, são, na generalidade baixas, apresentando as medidas de redundância relativas à análise canónica igualmente valores baixos de variância explicada.

Esta situação é consonante com a perspectiva desenvolvimental assumida neste trabalho, que considera a vinculação como um processo contínuo ao longo

do ciclo de vida, podendo sofrer mudanças na sua organização ao longo da ontogénese (Ainsworth,1989, 1991; Bowlby, 1977b; Weiss, 1991). Neste sentido, os contextos de vinculação do jovem e do adulto podem não apenas contribuir para a manutenção e a estabilização de estruturas adquiridas anteriormente, mas podem igualmente encerrar oportunidades relacionais decisivas para a revisão e a transformação dos modelos representacionais acerca de si próprio e dos outros. Deste modo, o equilíbrio atingido entre a necessidade de vinculação e a necessidade de autonomia e independência é susceptível de ser renegociado à medida que o indivíduo enfrenta novos desafios de relação com o outro.

3. Do papel do género nas representações da vinculação aos pais e ao par amoroso

Finalmente assumiu-se, também, como um dos objectivos deste estudo, a exploração do papel do género, tanto do adolescente como da figura parental, não apenas nas representações da vinculação em cada um dos domínios relacionais, mas também na articulação entre as representações de ambos os domínios.

Relativamente ao primeiro aspecto, os resultados observados confirmam, na generalidade, as hipóteses formuladas, embora se assista a ligeiras variações consoante o método (questionário ou entrevista) e a abordagem das diferenças individuais utilizados (dimensional ou categorial). Em todo o caso, é possível constatar que a vinculação à mãe tende a ser mais preocupada, tanto para os rapazes como para as raparigas, e a vinculação ao pai tende a ser mais desinvestida apenas para os rapazes. Além disso, verifica-se que rapazes e raparigas obtêm valores mais elevados de procura de proximidade e de apoio na relação com a mãe e que as raparigas representam a relação com a mãe como

mais investida emocionalmente. Por sua vez, comparativamente com os rapazes, as raparigas apresentam também valores mais elevados de ansiedade de separação relativamente a ambas as figuras parentais, e inferiores de autonomia na relação com a mãe. De qualquer modo, sublinhe-se a inexistência de diferenças de género do adolescente nos padrões de vinculação ao pai e à mãe (por meio da entrevista), quer ao nível das distribuições quer ao nível dimensional.

Relativamente à vinculação amorosa, os resultados confirmam parcialmente as hipóteses, na medida em que, se nas respostas ao questionário (QVA) os rapazes apresentam valores mais elevados de desconfiança e de evitamento relativamente às raparigas, nas classificações da entrevista não se evidenciam diferenças de género, tanto do ponto de vista das distribuições como ao nível dimensional. Mais, a distribuição resultante da análise de *clusters* identifica um número elevado de rapazes amedrontados, que habitualmente não tem sido observado em estudos anteriores, muito embora seja de relembrar o estudo de Campos (1998) com uma amostra de estudantes universitários portugueses, que constatou justamente valores mais elevados de ansiedade acerca do abandono nos rapazes. Para além de questões de natureza desenvolvimental e de natureza metodológica, a que nos já referimos anteriormente, importa, assim, ter presente razões culturais na determinação das estratégias de vinculação. De qualquer modo, os resultados, para além de poderem sofrer a influência do número reduzido de sujeitos no segundo método, poderão também dever-se ao facto de as respostas ao questionário poderem ser especialmente sensíveis a mecanismos de desejabilidade social, mas também ao facto de a entrevista aceder de forma mais profunda à organização dos modelos de vinculação.

Mas para além de analisar o papel do género nas representações da vinculação em cada domínio relacional, procurámos observar em que medida as associações entre as representações de ambos os domínios variavam em função do género do adolescente e da figura parental. A estrutura das correlações

canónicas, bem como as análises diferenciais efectuadas com o QVPM e o QVA, apontam para a inexistência de diferenças substanciais em função do género do adolescente, ainda que se constatem algumas diferenças nas dimensões do relacionamento amoroso responsáveis pela variabilidade entre os grupos da vinculação ao pai por comparação com a vinculação à mãe. Neste sentido, importa aprofundar no futuro em que medida a insegurança na relação com o pai poderá estar particularmente associada a uma atitude de procura intensa por parte do jovem do par amoroso, enquanto que a insegurança na relação com a mãe poderá estar ligada a uma atitude de evitamento e de maior retração relativamente ao envolvimento amoroso.

Os resultados das análises discriminantes efectuadas com as entrevistas são particularmente interessantes, na medida em que contrariam as expectativas, evidenciando a importância da figura paterna para a compreensão da qualidade e da natureza dos relacionamentos amorosos dos adolescentes. Aliás, a relação pai-filhos adolescentes tem merecido muito pouca atenção na investigação empírica, pese embora as alterações importantes que o papel do pai tem vindo a sofrer na organização familiar e social. Fica, assim, reforçada a necessidade de um maior aprofundamento da natureza desta relação para o desenvolvimento do adolescente, do pai, e do sistema familiar como um todo.

Em síntese, ao reconceptualizar o papel das ligações emocionais ao longo do ciclo de vida, a teoria da vinculação oferece uma abordagem conceptual de relevo para o estudo e o aprofundamento dos processos de construção e de dissolução das relações afectivas, que ocorrem não apenas na infância mas também na idade adulta. Ao privilegiar o final da adolescência, o presente trabalho deu lugar à exploração das representações da vinculação num importante período de transição normativa, permitindo, assim, aprofundar as dinâmicas entre dois contextos de vida significativos – o da relação com as figuras parentais e o da relação com as figuras amorosas. Para além de

observar a articulação entre dois domínios distintos da vinculação, do ponto de vista metodológico este estudo caracterizou-se pelo recurso a diferentes métodos de observação de dados (as entrevistas semi-estruturadas e os instrumentos de autorelato) e, por conseguinte, a diferentes fontes de informação (os adolescentes e juizes qualificados). Por outro lado discriminou, em ambos os métodos, a relação com cada figura parental, tendo igualmente procedido à distinção entre dimensões de conteúdo e dimensões estruturais das narrativas dos adolescentes.

Para finalizar, apenas reafirmamos o importante valor heurístico que as proposições da teoria da vinculação encerram e que deverão impulsionar a condução de estudos empíricos (nacionais e de comparação internacional) para uma melhor compreensão do desenvolvimento humano e dos seus processos de transformação. Ficamo-nos, porém, com as palavras avisadas de Waters e Cummings (2000, p.164):

> "For attachment theory, a significant challenge is to assimilate so many advances and remain coherent. The greatest risk is resting on the laurels of past successes - foregoing Bowlby's commitment to rigorous theoretical and empirical analysis - and settling for research that can at best confirm what we already know."

Referências bibliográficas

**Abraham, K. (1924). A short study of the development of the libido. In K. Abraham *Selected papers on psyco-analysis.* London: Hogarth.

Adams, G.R., Shea, J.A., & Fitch, S.A. (1979). Toward the development of an objective assessment of ego identity status. *Journal of Youth and Adolescence, 8*, 223-237.

Ainsworth, M.D.S. (1963). The development of infant-mother interaction among the Ganda. In B.M. Foss (Ed.), *Determinants of infant behavior* (pp. 67-104). New York: Wiley.

Ainsworth, M.D.S. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: John Hopkins University Press.

Ainsworth, M.D.S. (1972). Attachment and dependency: A comparison. In J.L. Gewirtz (Ed.), *Attachment and dependency* (pp.97-137). Washington, DC: V.H. Winston.

Ainsworth, M.D.S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C.M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior.* New York: Basic Books.

Ainsworth, M.D.S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist, 44*, 709-716.

Ainsworth, M.D.S. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London, N.Y.: Routledge.

Ainsworth, M.D.S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation.* Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Ainsworth, M.D.S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist, 46*, 331-341.

Ainsworth, M.D.S., & Eichberg, C.G. (1991) Effects on infant-mother attachment of mother's unresolved loss of an attachment figure or other traumatic experiences. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 160-186). London, N.Y.: Routledge.

Ainsworth, M.D.S., & Marwin, R.S. (1995). On the shaping of attachment theory and research: An interview with Mary D.S. Ainsworth. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial Nr. 244), 3-24.

Ainsworth, M.D.S.; & Wittig, B.A. (1969). Attachment and exploratory behavior in one-year-olds in a Strange Situation. In B.M. Foss (Ed.), *Determinants of infant behaviour* (Vol. 4, pp.111-136). London: Methuen.

Albuquerque, P.B., & Santos, J.A. (2000). O paradoxo da influência da emoção na memória implícita: Acção nos processos ou contextualização episódica das tarefas? *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 1, 87-98.

Alferes, V.R. (1997). *Encenações e comportamentos sociais. Para uma psicologia social da sexualidade.* Porto: Edições Afrontamento.

Allen, J.P., & Hauser, S.T. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adult's states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology, 8*, 793-809.

Allen, J.P., & Hauser, S.T., Bell, K.L., & O'Connor, T.G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of ego development and self-esteem. *Child Development, 65*, 179-194.

Allen, J.P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P.H. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications.* New York: Guilford Press.

Almeida, M.J.V., Dias, G.F., & Fontaine, A.M. (1996). Separação psicológica das figuras parentais em jovens universitários: Adaptação do "Psychological Separation Inventory" de Hoffman à população portuguesa. *Psiquiatria Clínica, 17*, 5-18.

Antunes, C. (1994). *O apoio social e o conceito de si próprio na adolescência.* Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Antunes, C., & Fontaine, A.M. (1992). *Network Orientation Scale.* Documento não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Antunes, C., & Fontaine, A.M. (1994/95). Diferenças na percepção de apoio social na adolescência: Adaptação de uma escala, o *Social Support Appraisals"* (SSA) de Vaux et al. (1990). *Cadernos de Consulta Psicológica, 10/11*, 115-127.

Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 427-453.

Aron, A., Paria, M., & Aron, E.N. (1995). Falling in love: Prospective studies of self-concept change. *Journal of Personality and Social Psychology, 69*, 1102-1112.

Baker, R.W., & Siryk, B. (1984). Measuring adjustment to college. *Journal of Counseling Psychology, 31*, 179-189.

Bakermans-Kranenburg, M.J., & Van IJzendoorn, M.H. (1993). A psychometric study of the Adult Attachment Interview: Reliability and discriminant validity. *Developmental Psychology, 29*, 870-879.

Baldwin, M.W., Fehr, B., Keedian, E., Seidel, M., & Thompson, D.W. (1993). An exploration of the relational shemata underlying attachment styles: Self-report and lexical decision approaches. *Personality and Social Psychology Bulletin, 19*, 746-754.

Baldwin, M.W., Keelan, J.P.R., Fehr, B., Enns, V., & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Social-cognitive conceptualization of attachment working models: Availability and acessibility effects. *Journal of Personality and Social psychology, 71*, 94-109.

Baptista, A., & Lory, F. (1997). Questionário de ligação parental. Validação para a população portuguesa do Parental Bonding Instrument.- PBI. *Actas da V Conferência Internacional sobre Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. 5*, (pp. 859-868). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Baptista, A., Negrão, A.M., Lory, F., & Carvalho, D. (1997). Práticas parentais educativas na adolescência. Desenvolvimento e validação do Questionário de Ligação Parental – Forma Adolescente (QLP-A). *Actas da V Conferência Internacional sobre Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. 5*, (pp. 781-787). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

*Barbee, A.P., & Cunningham, M.R. (1995). An experimental approach to social support communications: Interactive coping in close relationships. *Communication Yearbook, 18*, 381-413.

Barbosa, R. (2001). *A vinculação aos pais e a imagem corporal de adolescentes e jovens.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Barbosa, R., Costa, M.E., Oliveira, J. (1999). Body image, peers and romantic attachment styles in portuguese adolescents. Comunicação apresentada no *VI European Congress of Psychology,* Roma, Itália.

Barbosa, S., & Costa, M.E. (2001). Vinculação amorosa e a experiência emocional do toque em jovens adultos. Comunicação apresentada nas *IV Jornadas de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos,* Porto.

Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationhips, 7*, 147-178.

Bartholomew, K. (1993). From childhood to adult relationships: Attachment theory and research. In S. Duck (Ed.). *Learning about relationships: Understanding relationship processes Series.* Newbury Park: Sage Publications.

Bartholomew, K. (1996). *Peer Attachment Interview.* (Manuscrito não publicado)

Bartholomew, K. (1997). Adult attachment processes: Individual and couple perspectives. *British Journal of Medical Psychology, 70*, 249-263.

Bartholomew, K., Henderson, A., & Marcia, J.E. (2000). Coded semi-structured interviews in social psychological research. In H. T. Reis & C. M. Judd (Eds.), *Handbook of research methods in social and personality research.* Cambridge: Cambridge University Press.

Bartholomew, K., Henderson, A., & Dutton, D. (2001). Insecure attachment and abusive intimate relationships (pp. 43-61). In C. Clulow (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy.* London: Brunner-Routledge.

Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 2, 226-244.

Bartholomew, K., & Shaver, P.R. (1998). Methods of assessing adult attachment. Do they converge? In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships.* (pp. 25-45). New York: Guilford Press.

Bartle, S.E., Anderson, S.A., & Sabatelli, R.M. (1989). A model of parenting style, adolescent individuation and adolescent self-esteem: Preliminary findings. *Journal of Adolescent Research, 4*, 283-298.

Beck, A.T. (1967). *Depression: Clinical, experimental and theoretical aspects.* New York: Harper & Row.

Beck, A.T., & Emery, G. (1985). *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective.* New York: Basic Books.

Bell, K.L. (1998). Family expressiveness and attachment. *Social Development, 7*, 37-53.

Belsky, J., & Cassidy, J. (1994). Attachment and close relationships: An individual difference-perspective. *Psychological Inquiry, 5*, 27-30.

Belsky, J., Campbell, S.B., Cohn, J.F., & Moore, G. (1996). Instability of infant-parent attachment security. *Developmental Psychology, 32*, 921-924.

Bennion, L.D., & Adams, G.R. (1986). A revision of the Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status: An identity instrument for use with late adolescents. *Journal of Adolescent Research, 1*, 183-198.

Benoit, D., & Parker, K.C.H. (1994). Stability and transmission of attachment across three generations. *Child Development, 65*, 1444-1456.

Benson, M.J., Harris, P.B., & Rogers, C.S. (1992). Identity consequences of attachment to mothers and fathers among late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 2, 187-204.

Bentler, P. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin, 107*, 238-246.

Berlin, L.J., & Cassidy, J.C. (1999). Relations among relationships. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 688-712). N.Y.: Guilford Press.

Berman, W.H., & Sperling, M.B. (1991). Parental attachment and emotional distress in the transition to college. *Journal of Youth and Adolescence, 20*, 427-440.

*Bersheid, E., Snyder, M., & Omoto, A.M. (1989). The Relationship Closeness Inventory: Assessing the closeness of interpersonal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 792-807.

Bertalanffy, L. von (1969). *General systems theory.* New York: Braziller.

Bishof, N. (1975). A systems approach to the functional connections of attachment and fear. *Child Development, 46*, 801-817.

Black, K.A., & McCartney, K. (1997). Adolescent females' security with parents predicts the quality of peer interactions. *Social Development, 6*, 91-110.

Blain, M.D., Whiffen, V.E., & Thompson, J.M. (1993). Attachment and perceived social support in late adolescence: The interaction between working models of self and others. *Journal of Adolescent Research, 8*, 226-241.

**Blatz, W. (1966). *Hostages to peace: Parents and the children of democracy.* New York: Morrow.

**Blatz, W. (1966). Human security. Toronto, Ontario, Canada: University of Toronto Press.

Blos, P. (1979). *The adolescent passage: Developmental issues.* New York: International Universities Press.

Blustein, D., Walbridge, M., Friedlander, M., & Palladino, D. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology, 38*, 39-50.

Bolger, N., Caspi, A., Downey, G., & Moorehouse, M. (Eds.) (1988). *Persons in context.* Cap. 1. Cambridge: Cambridge University Press.

Bowlby, J. (1940). The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character. *nternational Journal of Psychoanalysis, 21*, 154-178.

Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life. *International Journal of Psychoanalysis, 25*, 1-57, 207-228.

Bowlby, J. (1951). *Maternal care and mental health.* Geneva, Switzerland: World Health Organization.

Bowlby, J. (1953). *Child care and the growth of love.* London: Penguin Books.

Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis, 39,* 350-373.

Bowlby, J. (1959). Separation Anxiety. *International Journal of Psycho-Analysis, 41,* 1-25.

Bowlby, J. (1960). Grief and mourning in infancy and early childhood. *The Psychoanalitic Study of the Child, 15,* 9-52.

Bowlby, J. (1969/91). *Attachment and loss,* Vol.1: *Attachment.* Londres: Hogarth Press. (1ª Edição 1969)

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss,* Vol.2: *Separation, anxiety and anger.* New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1977a). The making and breaking of affectional bonds. I. Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. *British Journal of Psychiatry, 130,* 201-210.

Bowlby, J. (1977b). The making and breaking of affectional bonds. II. Some principles of psychotherapy. *British Journal of Psychiatry, 130,* 421-431.

Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds.* London: Tavistock

Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss,* Vol.3 : *Loss, sadness and depression.* New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1982). Epilogue. In: C. Parkes & Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior.* London: Tavistock Publications.

Bowlby, J. (1988a). *A secure-base. Parent-child attachment and healthy human development.* London: Routledge.

Bowlby, J. (1988b). Developmental psychiatry comes of age. *American Journal of Psychiatry, 145,* 1-10.

Bowlby, J., Robertson, J., & Rosenbluth, D. (1952). A two-year-old goes to hospital. *The Psychoanalytical Study of the Child, VIII,* 82-94.

Brack, G., Gay, M.F., & Matheny, K.B. (1993). Relationships between attachment and coping resources among late adolescents. *Journal of College Student Development, 34,* 213-215.

Bradford, E., & Lyddon, W.J. (1994). Assessing adolescent and adult attachment: an update. *Journal of Counseling and Development, 73,* 215-219.

Brennan, K.A., & Shaver, P.R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin, 21,* 267-283.

**Brennan, K.A., & Shaver, P.R. (1990). *Dimensions of adult attachment and the dynamics of*

romantic relationships. Manuscrito não publicado.

Brennan, K.A., Shaver, P.R., & Tobey, A.E. (1991). Attachment styles, gender and parental problem drinking. *Journal of Social and Personal Relationships, 8*, 451-466.

Brennan, K.A., & Morris, K.A. (1997). Attachment styles, self-esteem, and patterns of seeking feedback from romantic partners. *Personality and Social Psychology Bulletin, 23*, 23-31.

Brennan, K.A., & Bosson, J. K. (1998). Attachment-style differences in attitudes toward and reactions to feedback from romantic partners: An exploration of the relational bases of self-esteem. *Personality and Social Psychology Bulletin, 24,* 7, 699-714.

Brennan, K.A., Clark, C., & Shaver, P.R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative view. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.

Brennan, K.A., & Shaver, P.R. (1998). Attachment styles and personality disorders: Their connections to each other and to parental divorce, parental death, and perceptions of parental caregiving. *Journal of Personality, 66*, 835-878.

Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial Nr. 129), 3-38.

Bretherton, I. (1990). Open communication and internal working models: Their role in the development of attachment relationships. In: R.A. Thompson (Ed.). *Nebraska Symposium on Motivation, Vol. 36*, 57-113. Lincoln: University of Nebraska Press.

Bretherton, I. (1991). The roots and growing points of attachment theory. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 9-32). London, N.Y.: Routledge.

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bolwby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology, 28,* 759-775.

Bretherton, I. (1998). Attachment and psychoanalysis: A reunion in progress. Commentary on Steele and Steele. *Social Development, 7,* 132-136.

Bretherton, I., & Main, M. (2000). Mary Dinsmore Salter Ainsworth 1913-1999). *American Psychologist, 55*, 1148-1149.

Bretherton, I., & Munholland, K.A. (1999). Internal working models in attachment relationships. A construct revisited. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 89-111). N.Y.: Guilford Press.

Brewin, C.R., Andrews, B., & Gotlib, I.H. (1993). Psychopathology and early experience: a reappraisal of retrospective reports. *Psychological Bulletin, 113*, 82-98.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist, 32*, 513-530.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1986). Recent advances in research on the ecology of human development. In R.K. Silberreisen, K. Eyferth & G. Rudinger (Eds.), *Development as action in context: Problem behavior and normal development*. Heidelberg and New York: Springer Verlag.

Campbell, E., Adams, G., & Dobson, W. (1984). Familial correlates of identity formation in late adolescence: A study of the predictive utility of connectedness and individuality in family relations. *Journal of Youth and Adolescence, 13*, 509-525.

**Campbell, D.T., & Fiske, D.W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin, 56*, 81-105.

Campos, P. (1998). *Vinculação e identidade em jovens universitários.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Canavarro, M.C.S (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica, 16*, 5-18.

Canavarro, M.C.S. (1999). *Relações afectivas e saúde mental. Uma abordagem ao longo do ciclo de vida.* Coimbra: Quarteto Editora.

Canavarro, M.C.S. (no prelo). A vinculação do adulto – a sua avaliação através da EVA. *Revista de Psiquiatria Clínica.*

Carnelley, K.B., Pietromonaco, P.R., & Jaffe, K. (1994). Depression, working models of others, and relationship functioning. *Journal of Personality and Social Psychology, 66*, 127-140.

Carpenter, E.M., & Kirkpatrick, L.A. (1996). Attachment style and presence of a romantic partner as moderators of psychophysiological responses to a stressful laboratory situation. *Personal Relationships, 3*, 351-367.

Cassidy, J. (1996). Emotion regulation: Influences of attachment relationships. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 59* (2-3 Sr. Nr. 240), 228-249.

Cassidy, J. (1998). Attachment and object relations theories and the concept of independent behavioral systems. Commentary on Steele and Steele. *Social Development, 7*, 120-126.

Cassidy, J., & Berlin, L.J. (1994). The insecure/ambivalent pattern of attachment: Theory and research. *Child Development, 65*, 971-991.

Cassidy, J., & Kobak, R.R. (1988). Avoidance and its relation to other defensive processes. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 300-323). Hilldsdale,

N.J.: Erlbaum Publ.

Cassidy, J., & Shaver, P. (1999). *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications.* Preface New York: The Guilford Press.

Cattell, R.B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research, 1*, 245-276.

**Chickering, A.W., & Reisser, L. (1993). *Education and identity.* (2ª Ed.) San Francisco: Jossey-Bass.

**Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine, 38*, 300-314.

Collins, N.L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*, 810-832.

Collins, N.L., & Feeney, B.C. (2000). A safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*, 1053-1073.

Collins, N.L., & Read, S.J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 644-663.

Collins, N.L., & Read, S.J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood*, Vol.5 (pp. 53- 92). London: Jessica Kingsley Publ.

Collins, W.A., & Russel, G. (1991). Mother-child and father-child relationships in middle childhood and adolescence: A developmental analysis. *Developmental Review, 11*, 99-136.

Comrey, A. (1978) Common methodological problems in factor analytic studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 46*, 648-659.

Conzen, P. (1996). *Erik Erikson: Leben und Werk.* Stuttgart: W. Kohlhammer Druckerei GmbH.

Cooper, C.R. and Grotevant, H.D. (1987). Gender issues in the interface of family experience and adolescent's friendship and dating identity. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 247-264.

Costa, M.E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade.* Lisboa: INIC.

Costa, M.E. (1994). *Intervenção psicológica em transições familiares: Divórcio, monoparentalidade e recasamento.* Porto: Edições Asa.

Costa, M.E. (1996). A intimidade à procura de um psicoterapeuta. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 5-11.

Costa, M.E. (1999). *Novos encontros de amor.* Porto: Edinter.

Costa, M.E. (2000). *Proposta integrativa do desenvolvimento da intimidade.* Provas de agregação apresentadas à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Costa, M.E. (2001). Generatividade: Questões de desenvolvimento e de intervenção psicológica. Conferência proferida nas *IV Jornadas de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos*, 13-14 de Dezembro. Porto, Serviço de psicoterapia e Orientação Vocacional do ICPFD.

Costa, M.E., Oliveira, J., & Matos, P.M. (2001). *Attachment and intimacy in married couples.* Comunicação apresentada no 8th International Conference of the AIFREF, Quebec, CANADA.

*Costa, P.T, Jr., & McCrae, R.R. (1985). *The Neo Personality Inventory.* Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

Craig-Bray, L., & Adams, G. R. (1986). Different methodologies in the assessment of identity: Congruence between self-report and interview techniques? *Journal of Youth and Adolescence, 15,* 191-204.

**Craik, K. (1943). *The nature of explanation.* Cambridge: Cambridge University Press.

Crittenden, P.M. (1985). Social networks, quality of parenting, and child development. *Child Develoment, 56*, 1299-1313.

Crittenden, P.M. (1988). Relationships at risk. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), *The clinical implications of attachment* (pp. 136-174). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Crittenden, P.M. (1992). Quality of attachment in the preschool years. *Development and Psychopathology, 4*, 209-241.

Cronbach, L.J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika, 16*, 297-334.

Crowell, J.A., & Feldman, S.S. (1987). Mother's internal models of relationships and children's behavioral and developmental status: A study of mother-child interaction. *Child Development, 59*, 1273-1285.

Crowell, J.A., Fraley, R.C., & Shaver, P.R. (1999). Measurement of individual differences on adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 434-465). New York: The Guilford Press.

**Crowell, J.A., Pan, H.S., Gao, Y., Owens, G., O'Connor, E., & Waters, E. (1998). *'The Secure Base Scoring System for Adults'.* Manuscrito não publicado. State University of New York at Stony Brook.

Crowell, J.A., & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development, 4*, 294-327.

Crowell, J.A., & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy* (pp. 28-42). London: Brunner-Routledge.

Crowell, J.A., Waters, E., Treboux, D., O'Connor, E., Colon-Downs, C., Feider, O., Golby, B, & Posada, G. (1996). Discriminant validity of the Adult Attachment Interview. *Child Development, 67*, 2584-2599.

Damásio, A.R. (1995). *O erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano.* Mem Martins: Publicações Europa América.

*Davis, M.H., & Oathout, H.A. (1987). Maintenance of satisfaction in romantic relationships: Empathy and relational competence. *Journal of Personality and Social Psychology, 53*, 397-410.

**Davis, K.E., & Todd, M.J. (1982). Friendship and love relationships. In K.E. Davis & T.O. Mitchell (Eds.). *Advances in descriptive psychology*, Vol.2. Greenwitch, CT: J.A.I. Press.

Davis, K.E., & Todd, M.J. (1985). Assessing friendship: Prototypes, paradigm cases, and relationship assessment. In S.W. Duck & D. Perlman (Eds.). *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 17-43). Beverly Hills, C.A.: Sage Publications.

Dawis, R.V. (1987). Scale construction. *Journal of Counseling Psychology, 34*, 481-489.

DeWolff, M., & van IJzendoorn, M. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development, 68*, 571-591.

**de Wuffel, F.J. (1986). *Attachment beyond childhood: Individual and developmental differences in parent-adolescent attachment relationships.* Unpublished doctoral dissertation, Catholic University of Nijmegen, the Netherlands.

Dias, G:F. (1996). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens.* Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Manuscrito não publicado.

Dias, G.F., & Fontaine, A.M. (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar dos jovens: Algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 103-114.

Diehl, M., Elnick, A.B., Bourbeau, L.S., & Labouvie-Vief, G. (1998). Adult attachment styles: Their relations to family context and personality. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 1656-1669.

Digman, J.M. (1990). Personality structure: Emergence of the five factor model. *Annual Review*

of Psychology, 41, 417-440.

Dozier, M., & Kobak, R.R. (1992). Psychophysiology in attachment interviews: Converging evidence for deactivating strategies. *Child Development, 63*, 1473-1480.

Duck, S. (1994). Attaching meaning to attachment. *Psychological Inquiry, 5*, 34-38.

Epstein, S. (1990). Cognitive-experiential self-theory. In L.A. Pervin (Ed.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp.165-191). New York: Guilford Press.

Erickson, M., Sroufe, L., & Egeland, B. (1985). The relationship between quality of attachment and behavior problems in preschool in a high-risk sample. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial Nº 209), 147-166.

Erikson, E. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.

Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crises*. New York: Norton.

*Eysenck, H.J., & Eysenck, S.B.G. (1968). *Manual for the Eysenck Personality Inventory*. San Diego, CA: Educational and Industrial Testing Service.

Faria, L. (1996). Marsh's Self-Description Questionnaire III (SDQ III): Adaptation study with portuguese college students. *Social Behavior and Personality, 24*, 343-350.

Faria, L., & Fontaine, A.M. (1990). Avaliação do conceito de si próprio de adolescentes: Adaptação do SDQ I de Marsh à população portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica, 6*, 97-105.

Feeney, J. A. (1994). Attachment style, communication patterns and satisfaction across the lyfe cycle of marriage. *Personal Relationships, 1*, 333-348.

Feeney, J.A. (1995). Adult attachment and emotional control. *Personal Relationships, 2*, 143-159.

Feeney, J.A., & Kirkpatrick, L.A. (1996). Effects of adult attachment and presence of romantic partners on physiological responses to stress. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 281-291.

Feeney, J. A., & Noller, P. (1991). Attachment style and verbal descriptions of romantic partners. *Journal of Social and Personal Relationships, 8*, 187-215.

Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 281-291.

Feeney, J. A., Noller, P., & Callan, V.J. (1994). Attachment style, communication and satisfaction in the early years of marriage. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships, Vol.5*, 1269-308.

Feeney, J. A., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994). Assessing adult attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults* (pp. 128-152). N.Y.: The Guilford Press.

Feeney, J. A., Noller, P., & Patty, J. (1993). Adolescents' interactions with the opposite sex: Influence of attachment style and gender. *Journal of Adolescence, 16*, 169-186.

Ferreira, M. (1998). *Representação da relação de vinculação com pais e pares e gravidez na adolescência.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Manuscrito não publicado.

Fishler, P.H., Sperling, M.B., & Carr, A.C. (1990). Assessment of adult relatedness: A review of empirical findings from object relations and attachment theories. *Journal of Personality Assessment, 55*, 499-520.

Florian, V., Mikulincer, M., & Bucholtz, I. (1995). Is personality related to the perception and seeking of social support? A test of attachment theory. *Journal of Social Psychology, 129*, 665-676.

Fonagy, P., Steele, M., & Steele, H. (1991). Intergenerational patterns of attachment: Maternal representations during pregnancy and subsequent infant-mother attachments. *Child Development, 62*, 891-905.

Fontaine, A.M. (1990). Desenvolvimento do conceito de si próprio e realização escolar na adolescência. *Psychologica, 2*, 1-19.

Fontaine, A.M. (1991). O conceito de si próprio no ensino secundário: Processo de desenvolvimento diferencial. *Cadernos de Consulta Psicológica, 7*, 33-54.

Fox, N.A., & Card, J.A. (1999). Psychophysiological measures in the study of attachment. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 226-248). New York: The Guilford Press.

Fraley, R.C., Davis, K.E., & Shaver, P.R. (1998). Dismissing-avoidance and the defensive organization of emotion, cognition and behavior. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp.249-279). New York: Guilford Press.

Fraley, R.C., & Shaver, P.R. (1997). Adult attachment and the suppresion of unwanted thoughts. *Journal of Personality and Social Psychology, 75,* 1198-1212.

Fraley, R.C., & Shaver, P.R. (1998). Airport separations: A naturalistic study of adult attachment dynamics in separating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 75,* 1198-1212.

Fraley, R.C., & Waller, N.G. (1998). Adult attachment patterns: A test of the typological model. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp.77-114). New York: Guilford Press.

Frank, S.J., Avery, C.B., & Laman, M.S. (1988). Young adults' perceptions of their relationships with their parents: Individual differences in connectedness, competence, and emotional autonomy. *Developmental Psychology, 24*, 729-737.

Frank, S.J., Pirsch, L.A., & Wright, V.C. (1990). Late adolescents' perceptions of their relationships with their parents: Relationships among deidealization, autonomy, relatedness, and insecurity and implications for adolescent adjustment and ego identity status. *Journal of Youth and Adolescence,* 19, 571-588.

Freud, A. (1960). Discussion of Dr. John Bowlby's paper. *Psychoanalytic Study of the Child, 15*, 54-62.

**Freud, A. (1965). *Normality and pathology in childhood: Assessments of development.* New York: International Universities Press.

**Fremmer-Bombik, E. (1992). *The Regensburg method of analysing the Adult Attachment Interview. A brief version.* Universität Regensburg. Manuscrito não publicado.

**Fremmer-Bombik, E., Rudolph, J., Veit, B., Schwarz, G., & Schwarzmeier, I. (1989). *The Regensburg method of analysing the Adult Attachment Interview.* Universität Regensburg. Manuscrito não publicado.

Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development, 63*, 103-115.

Furman, W., & Wehner, E.A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman & W.A. Collins (Eds.), Romantic relationships in adolescence: Developmental perspectives. *New Directions for Child Development, 78*, 21-36.

Geada, M. (1990). Padrões de vinculação afectiva e níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento em toxicodependentes e não-toxicodependentes. *Jornal de Psicologia, 9*, 14-18.

**George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984). *Attachment interview for adults.* University of California at Berkeley. Manuscrito não publicado.

Gerlsma, C., Kramer, J.J.A.M., Scholing, A., & Emmelkamp, P.M.G. (1994). The influence of mood on memories of parental rearing practices. *British Journal of Clinical Psychology, 33*, 159-172.

Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development.* Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Goldberg, S. (2000). *Attachment and development.* London: Arnold.

Goossens, L., Marcoen, A., Hees, S. van, & Woestijne, O. van (1998). Attachment style and loneliness in adolescence. *European Journal of Psychology of Education, 13*, 529-542.

**Gosskurth, P. (1986). *Melanie Klein: Her world and her work.* New York: Alfred A. Knopf.

Gotlib, I.H., Mount, J.H., Cordy, N.I., & Whiffen, V.E. (1988). Depression and perceptions of early parenting: a longitudinal investigation. *British Journal of Psychiatry, 152*, 24-27.

Greenberger, E., & McLaughlin, C.S. (1998). Attachment, coping, and explanatory style in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 27*, 121-139.

**Grice, H.P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J.L. Moran (Eds.), *Syntax and semantics III: Speech acts* (pp. 41-58). New York: Academic.

Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994a). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships, Vol. 5, Attachment Processes in Adulthood* (pp. 17-52). London: Jessica Kingsley.

Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994b). Models of self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 430-445.

Grossmann, K.E., & Grossmann, K. (1991). Attachment quality as an organizer of emotional and behavioral responses in a longitudinal perspective. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 93-114). London, N.Y.: Routledge.

Grotevant, H., & Cooper, C. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity and role-taking skill in adolescence. *Child Development, 56*, 415-428.

Grotevant, H.D., & Cooper, C.R. (1986). Individuation in family relationships. *Human Development, 29*, 82-100.

Guidano, V.F. (1987). *Complexity of the self: A develomental approach to psychopathology and therapy.* New York: The Guilford Press.

Guidano, V.F., & Liotti, G. (1983). *Cognitive processes and emotional disorders. A structural approach to psychotherapy.* New York: Guilford.

Haase, R.F., & Ellis, M.V. (1987). Multivariate Analysis of Variance. *Journal of Counseling Psychology, 34*, 404-413.

Halverson, C.F. (1988). Remembering your parents: Reflections on the retrospective method. *Journal of Personality, 56*, 435-443.

Hamilton, C.E. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development, 71*, 690-694.

Haigler, V.F., Day, H.D., & Marshall, D.D. (1995). Parental attachment and gender-role identity. *Sex Roles, 33*, 203-220.

Hair, J.F., Anderson, R., Tatham, R.L., & Black, W. (1995). *Multivariate data analysis with*

readings. New Jersey: Prentice Hall.

**Harlow, H.F. (1958). The nature of love. *American Journal of Psychology, 13*, 673-685.

Harris, T. (1990). Obituary John Bowlby (1907-1990). *British Journal of Medical Psychology, 63*, 305-309.

**Hatfield, E. (1983). What do women and men want from love and sex? In E.R. Allgeier & N. B. McCornick (Eds.), *Changing boundaries: Gender roles and sexual behavior* (pp. 106-134). Palo Alto, CA: Mayfield.

**Hatfield, E. (1993). Varieties of romantic attachment. Paper presented at the *Preconference on Relationship* Research, Annual Meeting of the Society of Experimental Social Psychology, Santa Barbara, CA.

Hauser, S.T., Book, B.K., Houlihan, S.P., Weiss-Perry, B., Follansbee, D., Jacobson, A.M., & Noam, G.G. (1987). Sex differences within the family: Studies of adolescent and parent family interactions. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 19-220.

Hazan C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.

Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5*, 1-22.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships, Vol. 5, Attachment Processes in Adulthood* (pp. 151-177). London: Jessica Kingsley.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evisdence. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 336-354). New York: The Guilford Press.

Henderson, A.J.Z., Bartholomew, K., & Dutton, D.G. (1997). He loves me; He loves me not: Attachment and separation resolution of abused women. *Journal of Family Violence, 12*, 169-191.

Hendrick, C., & Hendrick, S.S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology, 50*, 392-402.

Hendrick, C., & Hendrick, S.S. (1989). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology, 56*, 784-794.

Hendrick, C. Hendrick, S.S., Foote, F., & Slapion-Foote, M.J. (1984). Do men and women love differently? *Journal of Social and Personal Relationships, 1*, 177-195.

Herzberg, D.S, Hammen, C., Burge, D., Daley, Davila, & Lindberg (1999). Attachment cognitions predict perceived and enacted social support during late adolescence. *Journal of*

Adolescent Research, 14, 387-404.

Hesse, E. (1999). The Adult Attachment Interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 395-433). New York: The Guilford Press.

Hesse, E. (1996). Discourse, memory and the Adult Attachment Interview: A note with emphasis on the emerging Cannot Classify category. Infant Mental Health Journal, 17, 4-11.

Hewlett, B.S. (2000). Culture, history, and sex: Anthropological contributions to conceptualizing father involvement. In H.E. Peters & R.D. Day (Eds.), *Fatherhood: Research, interventions and policies* (pp.59-73). New York: The Haworth Press.

Hill, J.P., & Holmbeck, G.N. (1986). Attachment and autonomy during adolescence. *Annals of Child Development, 3*, 145-189.

Hinde, R.A. (1984). Why do sexes behave differently in close relationships. *Journal of Social and Personal Relationships, 1*, 471-501.

Hoffman, J.A. (1984). Psychologial separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counseling Psychology,* 31, 170-178.

Holahan, C.J., Valentiner, D.P., & Moos, R.H. (1994). Parental support and psychological adjustment during the transition to young adulthood in a college sample. *Journal of Family Psychology, 8*, 215-233.

Holmbeck, G.N., & Wandrei, M.L. (1993). Individual and relational predictors of adjustment in first-year college students. *Journal of Counseling Psychology, 40*, 73-78.

Holmes, J. (1993). *John Bowlby and attachment theory.* London, N.Y.: Routledge.

Holmes, J. (1996). *Attachment, intimacy, autonomy. Using attachment theory in adult psychotherapy.* London: Jason Aronson Inc.

Horowitz, L.M., Rosenberg, S.E., Baer, B.A., Ureno G., & Villasenor, V.S. (1988). Inventory of Interpersonal Problems: Psychometric properties and clinical applications. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 56*, 885-892.

*Horowitz, L.M., Rosenberg, S.E., Ureno G., Kalehzan, B.M., & O'Halloran, P. (1989). Psychodynamic formulation, consensual response method, and interpersonal problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 57*, 599-606.

Hosley, C.A., & Montemayor, R. (1997). Fathers and adolescents. In M.E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 162-178). New York: John Wiley and Sons.

Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 671-687). New York: The Guilford Press.

Jöreskog, K.G., & Sörbom, D. (1989). *LISREL 7: A guide to the program and applications* (2ª Ed.) Chicago: University of Chicago.

Josselson, R. (1987). *Finding herself: Pathways to identity development in women.* San Francisco: Jossey-Bass.

Josselson, R. (1988). The embedded self: I and yhou revisited. In D.K. Lapsley & F.C. Power (Eds.), *Self, ego, and identity. Integrative approaches.* New York: Springer Verlag.

Kaczmarek, P., Backlund, B., & Biemer, P. (1990). The dynamics of ending a romantic relationship: An empirical assessment of grief in college students. *Journal of College Student Development, 31*, 319-324.

Kagan, J. (1980). Perspectives on continuity. In O.G. Brim, Jr & J. Kagan (Eds.), *Constancy and change in human development* (pp. 26-74). Harvard: Harvard Press.

Kaiser, H.F. (1976). Review of factor analysis as a statistical method. *Educational and Psychological Measurement, 36*, 586-588.

Kamptner, N.L. (1988). Identity development in late adolescence: Causal modeling of social and family influences. *Journal of Youth and Adolescence, 17*, 493-514.

Kegan, R. (1982). *The evolving self.* Cambridge: Harvard University Press.

Kemp, M.A., & Neimeyer, G.J. (1999). Interpersonal attachment: Experiencing, expressing, and coping with stress. *Journal of Counseling Psychology, 46,* 388-394.

Kenny, M.E. (1987). The extent and function of parental attachment among first-year college students. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 17-27.

Kenny, M.E. (1990). College seniors' perceptions of parental attachments: The value and stability of family ties. *Journal of College Student Development, 31*, 39-46.

Kenny, M.E. (1994). Quality and correlates of parental attachment among late adolescents. *Journal of Cousneling and Development, 72*, 399-403.

Kenny, M.E., & Donaldson, G.A. (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal of Counseling Psychology, 38,* 479-486.

Kenny, M.E., Moilanen, D.L., Lomax, R., & Brabeck, M.M. (1993). Contributions of parental attachments to view of self and depressive symptoms among early adolescents. *Journal of Early Adolescence, 13,* 408-430.

Kenny, M.E., & Rice, K.R. (1995). Attachment to parents and adjustment in late adolescent college students: Current status, applications, and future considerations. *The Counseling Psychologist, 23*, 433-456.

Kerns, K.A., & Stevens, A.C. (1996). Parent-child attachment in late adolescence: Links to social

relations and personality. *Journal of Youth and Adolescence, 25*, 323-342.

Kirkpatrick, L.A., & Davis, K.E. (1994). Attachment style, gender and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology, 66*, 502-512.

Kirkpatrick, L.A., & Hazan, C. (1994). Attachment styles and close relationships: A four-year prospective study. *Personal Relationships, 1*, 123-142.

**Kobak, R.R. (1993). *The Attachment Interview Q-set.* University of Delaware/Cornell University. Manuscrito não publicado.

Kobak, R.R. (1994). Adult attachment. A personality or a relationship construct. *Psychological Inquiry, 5*, 42-44.

Kobak, R.R., Cole, H., Ferenz-Gillies, R., Fleming, W., & Gamble, W. (1993). Attachment and emotion regulation during mother-teen problem-solving: A control theory analysis. *Child Development, 64*, 231-245.

Kobak, R.R., & Duemmler, S. (1994). Attachment and conversation: Toward a discourse analysis of adolescent and adult security. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships, Vol.5* (pp. 121-149). London: Kingsley.

Kobak, R.R., & Hazan, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 861-869.

Kobak, R.R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation and representations of self and others. *Child Development, 59*, 135-146.

Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development, Vol. 2. The psychology of moral development: The nature and validity of moral stages.* San Francisco: Harper & Row.

Kroger, J. (1985). Separation-individuation and ego identity status in New Zealand university students. *Journal of Youth and Adolescene, 14*, 133-147.

Kroger, J., & Haslett, S.J. (1988). Separation-individuation and ego identity status in late adolescence: A two year longitudinal study. *Journal of Youth and Adolescene, 17*, 59-79.

Lamb (1997). *The role of the father in child development* (pp. 162-178). New York: John Wiley and Sons.

Lamb, M.E. (2000). The history of research on father involvement: an overview. In H.E. Peters & R.D. Day (Eds.), *Fatherhood: Research, interventions and policies* (pp. 23-42). New York: The Haworth Press.

Lamb, M.E., Thompson, R.A., Gardner, W.P., & Charnov, E.L. (Eds.) (1985). *Infant-mother attachment.* Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Lapsley, D.K., & Edgerton, J. (1998). Pathological and normal separation-individuation in late adolescence: Implications for adult attachment and college adjustment. Comunicação

apresentada no *Biennial Meeting of the Society for Research on Adolescence*. San Diego.

Lapsley, D.K., Rice, K.G., & Shadid, G.E. (1989). Psychological separation and adjustment to college. *Journal of Counseling Psychology, 36*, 286-294.

Lapsley, D.K., Rice, K.G., & FitzGerald, D.P. (1990). Adolescent attachment, identity, and adjustment to college: Implications for the continuity of adaptation hypothesis. *Journal of Counseling and Development, 68*, 561-565.

**Latty-Mann, H., & Davis, K.E. (1996). Attachment theory and partner choice: Preference and actuality. *Journal of Social and Personal Relationships, 13*, 5-23.

Leak, G.K., & Parsons, C.J. (2001). The susceptibility of three attachment measures to socially desirable responding. *Social Behavior and Personality, 29*, 21-26.

**Lee, J.A. (1973). *The colors of love. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.*

Lerner, R.M., & Busch-Rossnagel, N. A. (Eds.) (1981). *Individuals as producers of their development: A life-span perspective.* New York: Academic Press.

**Levine, L.V., Tuber, S.B., Slade, A, & Ward, M.J. (1991). Mother's mental representations and their relationship to mother-infant attachment. *Bulletin of the Menninger Clinic, 55*, 454-469.

Levinger, G. (1994). Attachment theory as a paradigm for studying close relationships. *Psychological Inquiry, 5*, 45-47.

Levy, K.N., Blatt, S.J., & Shaver, P.R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 407-419.

Levy, E.A., & Mineka, S. (1998). Anxiety and mood congruent autobiographical memory: A conceptual failure to replicate. *Cognition and Emotion, 12*, 625-634.

Levy, M.B., & Davis, K.E. (1988). Lovestyles and attachment styles compared: Their relations to each other and to various relationship characteristics. *Journal of Social and Personal Relationships, 5*, 439-471.

Lewinsohn, P.M., & Rosenbaum, M. (1987). Recall of parental behavior by acute depressives, remitted depressives, and non-depressives. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 611-619.

Lewis, M. (1988). Social development in infancy and early childhood. In J.D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (pp. 419-493). New York: John Wiley and Sons.

Lewis, M. (1994). Does attachment imply a relationship or multiple relationships? *Psychological Inquiry, 5*, 47-51.

Lewis, M., Feiring, C., & Rosenthal, S. (2000). Attachment over time. *Child Development, 71*, 707-720.

Lieblich, A., Tuval-Mashiach, & Zilber, T. (1998). Narrative research: Reading, analysis, and interpretation. *Applied Social Research Methods Series, Vol. 47.* Thousand Oaks: Sage Publications.

Lopez, F.G. (1996). Attachment-related predictors of constructive thinking among college students. *Journal of Counseling & Development, 75*, 58-63.

Lopez, F.G., Campbell, V.L., & Watkins, C.E. Jr. (1986). Depression, psychological separation, and college adjustment: An investigation of sex differences. *Journal of Counseling Psychology, 33,* 52-56.

Lopez, F.G., Campbell, V.L., & Watkins, C.E. Jr. (1988). Family structure, psychological separation, and college adjustment: A canonical analysis and cross-validation. *Journal of Counseling Psychology, 35*, 402-409.

Lopez, F.G., & Gover, M.R. (1993). Self-report measures of parent-adolescent attachment and separation-individuation: A selective review. *Journal of Counseling & Development, 71,* 560-569.

**Lorenz, K.E. (1935). Der Kumpan in der Umwelt der Vogel. In C.H. Schiller (Ed.), *Instinctive behavior.* New York: International Universities Press.

Lyddon, W.J., Bradford, E., & Nelson, J.P. (1993). Assessing adolescent and adult attachment: A review of current self-report measures. *Journal of Counseling and Development, 71*, 390-395.

Lyons-Ruth, K., & Jacobvitz, D. (1999). Attachment disorganization. Unresolved loss, relational violence, and lapses in behavioral and attentional strategies. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 520-554). New York: The Guilford Press.

Machado, G., Soares, I., & Silva, C. (1996). Avaliação da representação da vinculação e da percepção da qualidade da relação actual pais-adolescente. In L.S. Almeida, S. Araújo, M.M. Gonçalves, C. Machado & M.R. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. 4* (pp. 539-557). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Mahoney, M.J., & Liddon, W.J. (1988). Recent developments in cognitive approaches to counseling and psychotherapy. *The Counseling Psychologist, 16*, 190-234.

Main, M. (1981). Avoidance in the service of attachment. In K. Immelmann, G. Barlow, L. Petrinovich, & M. Main (Eds.), *Behavioral development* (pp. 651-693). New York: Cambridge University Press.

Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human Development, 33*, 48-61.

Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs

multiple (incoherent) model of attachment. Findings and future directions. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 127-159). London, N.York: Routledge.

Main, M. (1996). Introduction to the special section on attachment and psychopathology: 2. Overview of the field of attachment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 237-243.

Main, M. (1999). Epilogue. Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. In J. Cassidy & P.R.Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research and clinical applications* (pp. 845-887). New York: The Guilford Press.

**Main, M., & Goldwyn, R. (1991). *Adult attachment classification system.* University of California at Berkeley: Department of Psychology. (Manual não publicado)

Main, M. & Hesse, E. (1990). parent's unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In M.T. Greenberg, D. Cicchetti & E.M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 161-182). Chicago: University of Chicago Press.

Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I.Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points in attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 50*, (1-2, Serial Nr. 209), 66-104.

Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. Brazelton & M. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy.* Norwood: Ablex.

Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In T. Greenberg, D. Cicchetti & E.M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.

Main, M., & Weston, D.R. (1982). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development, 52*, 66-106.

Mallinckrodt, B. (1991). Client's representations of childhood emotional bonds with parents, social support, and formation of the working alliance. *Journal of Counseling Psychology, 38*, 401-409.

Mallinckrodt, B. (1992). Childhood emotional bonds with parents, development of adult social competencies, and availability of social support. *Journal of Counseling Psychology, 39*,

453-461.

Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology, 3,* 551-558.

Marcia, J. E. (1993). The status of the statuses: Research review. In J.E. Marcia, A. S. Waterman, D.R. Matteson, S.L. Archer & J.L. Orlofsky (Eds.), *Ego identity: A handbook for psychosocial research.* New York: Springer-Verlag.

Marsiglio, W., & Cohan, M. (2000). Contextualizing father involvement and paternal influence: sociological and qualitative themes. In H.E. Peters & R.D. Day (Eds.), *Fatherhood: Research, interventions and policies* (pp. 75-95). New York: The Haworth Press.

*Marsh, H.W. (1988). *The Self-Description Questionnaire (SDQ) III: A theoretical and empirical basis for the measurement of multiple dimensions of the late adolescent self-concept: An interim test manual and a research monograph.* San Antonio, TX: The Psychological Corporation.

Marsh, H.W., Relich, J.D., & Smith, I.D. (1983). Self-concept: The construct validity of interpretations based upon the SDQ. *Journal of Personality and Social Psychology, 45,* 173-187.

Matos, P.M., Barbosa, S., Almeida, H.M., & Costa, M.E. (1999). Parental attachment and identity in Portuguese late adolescents. *Journal of Adolescence, 22,* 805-818.

Matos, P.M., Barbosa, S., & Costa, M.E. (1998). *Manual da entrevista de vinculação aos pares de Bartholomew, e documentos adicionais.* Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento, Universidade do Porto. Material policopiado (pp.88).

Matos, P.M., Barbosa, S., & Costa, M.E. (2000). A propósito da avaliação psicológica da identidade: Estudo sobre o EOMEIS-2. *Psychologica, 25,* 45-66.

Matos, P.M., & Costa, M.E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12,* 45-54.

Matos, P.M., & Costa, M.E. (2000). *Ecologia das relações de vinculação: Representações e processos desenvolvimentais em jovens adultos.* Relatório final de projecto apresentado à Fundação para a Ciência e Tecnologia (PRAXIS XXI/PCSH/C/PSI/84/96)

Menezes, I. (1998). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social.* Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

McCabe, M.P. (1984). Toward a theory of adolescent dating. *Adolescence, 19,* 159-170.

McCarthy, C.J., Moller, N.P., & Fouladi, R.T. (2001). Continued attachment to parents: Its relationship to affect regulation and perceived stress among college students.

Measurement and Evaluation in Counseling and Development, 33, 198-213.

McCormick, C.B., & Kennedy, J.H. (1994). Parent-child attachment working models and self-esteem in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 23,* 1-18.

Meehl, P.E. (1995). Bootstraps taxometrics: Solving the classification problem in psychopathology. *American Psychologist, 50*, 266-275.

Mickelson, K.D., Kessler, R.C., & Shaver, P.R. (1997). Adult attachment in a nationally representative sample. *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 1092-1106.

Mikulincer, M., & Florian, V. (1995). Appraisal of and coping with a real-life stressful situation: The contribution of attachment style. *Personality and Social Psychology Bulletin, 21*, 406-414.

Mikulincer, M., & Florian, V. (1997). Are emotional and instrumental supportive interactions beneficial in times of stress? The impact of attachment style. *Anxiety, Stress and Coping, 10*, 109-127.

Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between parental reports of attachment style and family dynamics, and offspring's reports of adult attachment style. *Family Process, 38*, 243-257.

Mikulincer, M. Florian, V., & Tolmacz, A. (1990). Attachment styles and fear of personal death: A case study of affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 273-280.

Mikulincer, M., Florian, V., & Weller, A. (1993). Attachment styles, coping strategies, and posttraumatic psychological distress: The impact of the Gulf War in Israel. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*, 817-826.

Mikulincer, M., & Nachshon, O. (1991). Attachment styles and patterns of self-disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 321-331.

Mohr, J.J. (1999). Same-sex romantic attachment. In J. Cassidy & P.H. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 378-394). New York: Guilford Press.

Montemayor, R., & Brownlee, J. (1987). Fathers, mothers, and adolescents: Gender-based differences in parental roles during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 281-291.

Moore, D. (1987). Parent-adolescent separation: The construction of adulthood by late adolescents. *Developmental Psychology, 23*, 298-307.

Moos, R.H., & Moos, B.S. (1981). *Family Environment Scale Manual.* Palo Alto CA: Consulting Psychologists Press.

Moreira, J.M., Bernardes, S., Andrez, M., Aguiar, P., Moleiro, C., & Silva, M.F. (1998). Social

competence, personality and adult attachment style in a Portuguese sample. *Personality and Individual Differences, 24*, 565-570.

Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas – À procura do padrão que liga.* Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

**Neves, L. (1995). *Suporte emocional na adolescência. A importância dos pais e dos amigos em momentos de transição escolar.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Neves, L., Soares, I., & Silva, M.C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência – I.P.P.A. In M.R. Simões, M.M. Gonçalves, & L.S. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal, Vol. 2* (pp. 37-48). Braga: APPORT/SHO.

*Nezlek, J.B., Wheeler, L., & Reis, H.T. (1983). Studies on social participation. In H.T. Reis (Ed.), *Naturalistic approaches to studying social interaction. New directions for methodology of social and behavioural science, Vol.15.* Jossey-Bass, San Francisco.

Nicolis, G., & Prigogine, I. (1977). *Self-organization in non-equilibrium systems. From dissipative structures to order through fluctuations.* New York: Wiley.

Noller, P., & Feeney, J.A. (1994). Whither attachment theory: Attachment to our caregivers or to our models? *Psychological Inquiry, 5,* 51-56.

Nunnally, J.C., & Bernstein, I.H. (1994). *Psychometric Theory.* (3ª Ed.). New York: McGraw-Hill, Inc. (1ª Edição 1967).

Ognibene, T.C., & Collins, N.L. (1998). Adult attachment styles, perceived social support, and coping strategies. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*, 323-345.

Okun, M., Taub, J., & Witter, R. (1986). Age and sex differences in negative life events and students services usage. *Journal of College Student Personnel, 3*, 160-164.

Oliveira, J., & Costa, M.E. (2001). Perceptions of marital and parental satisfaction and its relation with parental attachment in Portuguese late adolescents. Poster apresentado na *8th International Conference of the AIFREF,* Quebec, CANADA.

Olson, C.L. (1976). On choosing a test statistic in multivariate analysis of variance. *Psychological Bulletin, 83*, 579-586.

Olson, D.H., McCubbin, H.I., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1983). *Families: what makes them work.* Beverly Hills, CA: Sage.

*Olson, D.H., Portner, J., & Lavee, Y. (1985). *FACES III – Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales.* St. Paul: Department of Family Social Science, University of Minnesota. Manuscrito não publicado.

Oppenheim, D., & Waters, H.S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial Nr. 244), 197-215.

Owens, G, Crowell, J.A., Pan, H., Treboux, D., O'Connor, E., & Waters, E. (1995). The prototype hypothesis and the origins of attachment working models: Adult relationships with parents and romantic partners. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial Nr. 244), 216-233.

Pais, J.M., Borges, G.C., Pires, L., Antunes, M.Ferreira, P.A., Vasconcelos, P., & Ferreira, V.S. (1998). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea.* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Parke, R.D. (2000). Father involvement: a developmental psychological perspective. In H.E. Peters & R.D. Day (Eds.), *Fatherhood: Research, interventions and policies* (pp. 43-58). New York: The Haworth Press.

Parker, G. (1981). Parental reports of depressives: An investigation of several explanations. *Journal of Affective Disorders, 3*, 131-140.

Parker, G. (1989). The parental bonding instrument: Psychometric properties reviewed. *Psychiatric Development, 4*, 317-335.

Parker, G., Tupling, H., & Brown, L.B. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Medical Psychology, 52*, 1-10.

**Parkes, C.M (1973). Factors determining the persistence of phantom pain in the amputee. *Journal of Psychosomatic Research, 17*, 97-108.

Parkes, C.M., & Stevenson-Hinde, J. (1982). *The place of attachment in human behaviour.* London: Tavistock.

Parkes, C.M., & Weiss, R. (1983). *Recovery from bereavement.* New York: Basic Books.

Pasley, K., & Gecas, V. (1984). Stresses and satisfactions of the parental role. *The Personnel and Guidance Journal, 62,* 400-404.

Paterson, J.E., Field, J., & Pryor, J. (1994). Adolescence perceptions of their attachment relationships with their mothers, fathers and friends. *Journal of Youth and Adolescence, 23*, 579-600.

Paul, E.L., & White, K.M. (1990). The development of intimate relationships in late adolescence. *Adolescence, 15*, 375-400.

Pearson, J., Cohn, D.A., Cowan, P.A., & Cowan, C.P. (1994). Earned- and continuous-security

in adult attachment: Relation to depressive symptomatology and parenting style. *Development and Psychopathology, 17*, 326-335.

Pederson, D.R., & Moran, G. (1995). A categorical description of infant-mother relationships in the home and its relation to Q-sort measures of infant-mother interaction. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial Nr.244), 111-133.

*Perris, C., Jacobson, L., Lindstorm, H., Von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinava, 61,* 265-274.

Peterson, D.R. (1994). Fewer bricks, better buildings. *Psychological Inquiry, 5,* 56-58.

Pietromonaco, P.R., & Carnelley, K.B. (1994). Gender and working models of attachment: Consequences for perceptions of self and romantic relationships. *Personal Relationships, 6*, 505-510.

Pfaller, J., Kiselica, M., & Gerstein, L. (1998). Attachment style and family dynamics in young adults. *Journal of Counseling Psychology, 45*, 353-357.

Piaget, J. (1968). *Le structuralisme*. Paris: Presses Universitaires de France.

Pinto, A.C. (1998). O impacto das emoções na memória: Alguns temas em análise. *Psicologia, Educação e Cultura, 2*, 215-240.

Pipp, S., Shaver, P., Jennings, S., Lamborn, S., & Fisher, K.W. (1985). Adolescents' theories about the development of their relationships with their parents. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*, 991-1001.

Pistole, M.C. (1989). Attachment in adult romantic relationships: Style of conflict resolution and relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships, 6*, 505-510.

Pistole, M.C. (1995). College students' ended love relationships: Attachment style and emotion. *Journal of College Student Development, 36*, 53-60.

Pistole, M.C. (1996). After love: Attachment styles and grief themes. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, Vol. 4*, 199-207.

Quintana, S.M., & Lapsley, D.K. (1987). Adolescent attachment and ego identity: A structural equations approach to the continuity of adaptation. *Journal of Adolescent Research, 2,* 393-409.

Quintana, S.M., & Lapsley, D.K. (1990). Rapprochement in late adolescent separation-individuation: a structural equations approach. *Journal of Adolescence, 13*, 371-385.

Radin, N. (1981). Childrearing fathers in intact families: I Some antecedents and consequences.

Merril-Palmer Quarterly, 27, 489-514.

Radin, N. (1982). Primary caregiving and role-sharing fathers. In M.E. Lamb (Ed.), *Nontraditional families: Parenting and child development.* Hillsdale, NJ.: Erlbaum.

Radin, N. (1988). Primary caregiving of long duration. In P. Bronstein & C.P. Cowan (Eds.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 127-143). New York: Wiley.

*Rahim, M.A. (1983). A measure of styles of handling interpersonal conflict. *Academy of Management Journal, 26*, 368-376.

Reis, E. (1997). *Estatística multivariada aplicada.* Lisboa: Edições Sílabo.

*Reis, H. T., & Wheeler, L. (1991). Studying social interaction with the Rochester Interaction Record. In M.P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology, Vol. 24* (pp. 269-318). San Diego, CA: Academic Press.

Reise, S.P., Waller, N.G., & Comrey, A.L. (2000). Factor analysis and scale revision. *Psychological Assessment, 12*, 287-297.

Ribeiro, T. & Costa, M.E. (2001). Estilos de vinculação, papéis sexuais, género e satisfação conjugal: um estudo com casais. Comunicação apresentada nas *IV Jornadas de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos.* Porto, Serviço de psicoterapia e Orientação Vocacional do ICPFD.

Rice, K.G. (1990). Attachment in adolescence: A narrative and meta-analytic review. *Journal of Youth and Adolescence, 19*, 511-538.

Rice, K.G. (1992). Separation-individuation and adjustment to college: A longitudinal study. *Journal of Counseling Psychology, 39*, 203-213.

Rice, K.G., & Cummins, P.N. (1996). Late adolescent and parent perceptions of attachment: An exploratory study of personal and social well-being. *Journal of Counseling and Development, 75*, 50-57.

Rice, K.G., Cunningham, T.J., & Young, M.B. (1997). Attachment to parents, social competence, and emotional well-being: A comparison of black and white late adolescents. *Journal of Counseling Psychology, 44*, 89-101.

Rice, K.G., FitzGerald, D.P., Whaley, T.J., & Gibbs, C.L. (1995). Cross-sectional and longitudinal examination of attachment, separation-individuation, and college student adjustment. *Journal of Counseling and Development, 73*, 463-474.

Rice, K.G., & Walley, T.J. (1994). A short-term longitudinal study of within-semester stability and change in attachment and college student adjustment. *Journal of College Student Development, 35*, 324-330.

Richman, J.A., & Flaherty, J.A. (1987). Adult psychological assets and depressive mood over

time: Effects of internalized childhood attachments. *Journal of Nervous and Mental Disease, 175*, 703-712.

Roberts, N., & Noller, P. (1998). The associations between adult attachment and couple violence: The role of communication patterns and relationship satisfaction. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 317-352). New York: Guilford Press.

Rosch, E. (1973). Natural categories. *Cognitive Psychology, 7*, 573-605.

Roscoe, B., Diana, M.S., & Brooks, R.H. (1987). Early, middle, and late adolescents' views on dating and factors influencing partner selection. *Adolescence, 22*, 59-68.

Rothbard, J., & Shaver, P. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M.Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults* (pp. 31-71). N.Y.: The Guilford Press.

Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology, 16*, 265-273.

Sagi, A., Van IJzendoorn, M.H., Scharf, M., Koren-Karie, N. Joels, T., & Mayseless, O. (1994). Stability and discriminant validity of the Adult Attachment Interview: A psychometric study in young Israeli adults. *Developmental Psychology, 30*, 771-777.

Sampaio, D. (1999). *A arte da fuga.* Lisboa: Editorial Caminho.

Sampaio, D. (2000). *Tudo o que temos cá dentro.* Lisboa: Editorial Caminho.

Sanford, K. (1997). Two dimensions of adult attachment: Further validation. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*, 133-143.

SAS Institute Inc. (1990). *SAS/STAT User's Guide*, Versão 6, 4ª Ed.. Cary, North Carolina: SAS Institute Inc.

**Selman, R.L. (1980). *The growth of interpersonal understanding: Developmental and clinical analyses.* New York: Academic Press.

**Schaffer, H.R., & Emerson, P.E. (1964). The development of social attachments in infancy. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 29*, 1-77.

Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships, 1*, 23-43.

Schultheiss, D.E.P., & Blustein, D.L. (1994a). Contributions of family relationship factors to the identity formation process. *Journal of Counseling and Development, 73*, 159-166.

Schultheiss, D.E.P., & Blustein, D.L. (1994b). Role of adolescent-parent relationships in college student development and adjustment. *Journal of Counseling Psychology, 41*, 248-255.

**Senn, M.J.E. (1977). *Interview with John Bowlby.* Unpublished manuscript, National Library of

Medicine, Washington D.C.

Sharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships, 1*, 23-43.

Sharfe, E., & Bartholomew, K. (1995). Accomodation and attachment representations in young couples. *Journal of Social and Personal Relationhips, 12*, 380-401.

Shavelson, R. & Bolus, R (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology, 74*, 3-17.

Shavelson, R., Hubner, J.J., & Stanton, J.c. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research, 46*, 407-441.

Shaver, P.R., & Brennan, K.A. (1992). Attachment styles and the big five personality traits: their connections with each other and with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin, 18*, 536-545.

Shaver, P.R., & Clark, C.L. (1994). The psychodynamics of adult romantic attachment. In J.M. Masling & R.F. Bornstein (Eds.), *Empirical perspectives on object relations.* Washington DC: APA.

Shaver, P.R., & Hazan, C. (1993). Adult romantic attachment: Theory and evidence. In D. Perlman & W, Jones (Eds.), *Advances in personal relationships, Vol. 4* (pp. 29-70). Greenwich, CT: JAI.

Shaver, P.R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems: In: R.J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The anatomy of love.* New Haven, CT: Yale University Press.

Shaver, P.R., Papalia, D., Clark, C.L., Koski, L.R., Tidwell, M.C., & Nalbone, D. (1996). Androgyny and attachment security: Two related models of optimal personality. *Personality and Social Psychology Bulletin, 22, 582-597.*

Shek, D.T.L. (1998). A longitudinal study of Hong-Kong adolescents' and parents' perceptions of family functioning and well-being. *The Journal of Genetic Psychology, 159*, 389-403.

Shek, D.T.L. (1999). Paternal and maternal influences on the psychological well-being of Chinese adolescents. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs, 125*, 269-296.

Sheldon, A.E.R., & West, M (1989). The functional discrimination of attachment and affiliation: Theory and empirical demonstration. *British Journal of Psychiatry, 155*, 18-23.

*Sherer, M., Maddux, J.E., Mercadante, B., Prentice-Dunn, S., Jacobs, B., & Rogers, R.W. (1982). The Self-Efficacy Scale: Construction and validation. *Psychological Reports, 51*, 663-671.

Shulman, S., & Knafo, D. (1997). Balancing closeness and individuality in adolescent close

relationships. *International Journal of Behavioral Development, 21,* 4, 687-702.

Simões, A. (1999). A personalidade do adulto: Estabilidade e/ou mudança? *Psychologica, 22,* 9-26.

Simpson, J.A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 59,* 971-980.

Simpson, J.A. (1994). Pair bonding as an organizational model for integrating research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5,* 58-61.

Simpson, J.A., Rholes, W.S., & Nelligan, J.S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: the role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology, 62,* 434-446.

Simpson, J.A., Rholes, W.S., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: an attachment perspective. *Journal of Personality and Social Psychology, 71,* 899-914.

Skipper, J.K., & Nass, G. (1966). Dating behavior: A framework for analysis and an illustration. *Journal of Marriage and the Family, 28,* 412-420.

Smollar, J., & Youniss, J. (1985). Adolescent self-concept development. In R.L. Leahy (Ed.), *The development of the self* (pp. 247-266). New York: Academic Press.

Solomon, J., & George, C. (Eds.) (1999). *Attachment disorganization.* New York: The Guilford Press.

Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: Mãe - Filho(a).* Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Soares, I., & Campos, B.P. (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente aos pais. *Cadernos de Consulta Psicológica, 4,* 57-64.

Soares, I., Fonseca, A. Almeida, C., Machado, G., Neves, L., & Henriques, M. (1989). *Manual de codificação da "Entrevista sobre a vinculação para adultos e adolescentes": Versão portuguesa de "The Regensburg Method of Analysing the Adult Attachment Interview"* de E. Fremmer-Bombik, J. Rudolph, B. Weit, G. Schwarz, & I. Schwarzmeier. Porto: Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Sperling, M.B., & Berman, W.H. (Eds.) (1991). An attachment classification of desperate love. *Journal of Personality Assessment, 56,* 45-55.

Sperling, M.B., & Berman, W.H. (Eds.) (1994). *Attachment in adults.* New York: The Guilford Press.

Sperling, M.B., Berman, W.H., & Fagen, G. (1992). Classification of adult attachment: An

integrative taxonomy from attachment to psychoanalytic theories. *Journal of Personality Assessment, 59*, 239-247.

Sroufe, L.A. (1979). The coherence of individual development. *American Psychologist, 34*, 834-841.

Sroufe, L.A., & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W Hartup & Z. Rubin (Eds.), *Relationships and development.* Hillsdale: Lawrence Erlbaum.

Sroufe, L.A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development, 48,* 1184-1199.

Stayton, D.J., & Ainsworth; M.D.S. (1973). Individual differences in infant responses to brief, everyday separations as related to other infant and maternal behaviors. *Developmental Psychology, 9,* 226-235.

Steele, H., & Steele, M. (1998a). Attachment and psychoanalysis: Time for a reunion. *Social development, 7,* 92-119.

Steele, H., & Steele, M. (1998b). Response to Cassidy, Lyons-Ruth and Bretherton. A return to exploration. *Social Development, 7,* 137-141.

Steele, H., & Steele, M. (1994). Intergenerational patterns of attachment. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood. Advances in Personal Relationships Series, Vol. 5* (pp. 93-120). London: Kingsley.

Steinberg, L. (1987). Recent research on the family at adolescence: the extent and nature of sex differences. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 191-197.

Stern, D. (1985). *The interpersonal world of the infant.* New York: Basic Books.

Streit, F. (1978). *Technical manual. Youth Perception Inventory.* Fred Streit Associates.

Stroebe, M. (2001). *Coping with bereavement: Application of the dual process model to youth and adults.* Conferência proferida nas *IV Jornadas de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos.* Porto, Serviço de psicoterapia e Orientação Vocacional do ICPFD.

Sullivan, K., & Sullivan, A. (1980). Adolescent-parent separation. *Developmental Psychology, 16*, 93-99.

Swann, W.B. (1987). Identity negotiation: Where the two roads meet. *Journal of Personality and Social Psychology, 53,* 1038-1051.

Swann, W.B., & Read, S.J. (1981a). Self-verification processes: How we sustain our self-conceptions. *Journal of Experimental Social Psychology, 17*, 351-372.

Tabachnick, B.G., & Fidell, L.S. (1996). *Using multivariate statistics.* New York: Harper Collins College Publishers.

Takahashi, K. (1986). Examining the Strange Situation procedure with Japanese mothers and 12-months old infants. *Developmental Psychology, 22*, 265-270.

Takahashi, K. (1990). Are the key assumptions of the Strange Situation procedure universal? A view from Japanese Research. *Human Development, 33*, 23-30.

Taub, D.J. (1997). Autonomy and parental attachment in traditional-age undergraduate women. *Journal of College Student Development, 38*, 645-654.

Thompson, B. (1995). *Canonical correlation analysis. Uses and interpretation.* New Orleans: Sage University.

Thompson, R.A., Lamb, M.E., & Estes, D. (1983). Harmonizing discordant notes: A reply to Waters. *Child Development, 54*, 521-524.

Tidwell, M. C. O., Reis, H.T., & Shaver, P.R. (1996). Attachment, attractiveness, and social interaction: a diary study. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*, 729-745.

**Tinbergen, N. (1951). *The study of instinct.* London: Oxford University Press.

Tinsley, H.E.A., & Tinsley, D.J. (1987). Uses of factor analyses in counseling psychology research. *Journal of Counseling Psychology, 34*, 414-424.

Trinke, S.J., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*, 603-625.

Tolsdorf, C.C. (1976). Social networks, support and coping: an exploratory study. *Family Process, 4*, 407-417.

Troll, L.E., & Smith, J. (1976). Attachment through the life span: Some questions about dyadic bonds among adults. *Human Development, 19*, 156-170.

Tulving, E. (1985). How many memory systems are there? *American Psychologist, 40*, 385-398.

Van IJzendoorn, M.H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin, 117*, 387-403.

Van IJzendoorn, M.H., & Bakermans-Kranenburg, M.J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analysis search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 8-21.

Van IJzendoorn, M.H., Schuengel, C., & Bakermans-Kranenburg, M.J. (1999). Disorganized attachment in early childhood: Meta-analysis of precursors, concomitants, and sequelae. *Development and Psychopathology, 11*, 225-249.

Varela, F. (1979). *Principles of biological autonomy.* New York: North Holland.

Vasconcelos, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens

portugueses. In M. Villaverde Cabral & J. Machado Pais (Coords.), *Jovens portugueses de hoje.* Oeiras: Celta Editora.

Vaughn, B., Egeland, B., Sroufe, L.A., & Waters, E. (1979). Individual differences in infant-mother attachment at 12 and 18 months: Stability and change in families under stress. *Child Development, 50*, 971-975.

Vaux, A. (1988). *Social support, theory, research and interventions.* New York: Praeger.

Vaux, A., Burda, P., & Stewart, D. (1986). Orientation toward utilization of support resources. *Journal of Community Psychology, 14*, 159-170.

Vivona, J.M. (2000). Parental attachment styles of late adolescents: Qualities of attachment relationships and consequences for adjustment. *Journal of Counseling Psychology, 47*, 316-329.

**Waddington, C.H. (1957). *The strategie of the genes.* London: Allen & Unvin.

**Waller, N.G., & Meehl, P.E. (1998). *Multivariate taxometric procedures: Distinguishing types from continua.* Thousand Oaks, CA: Sage.

Waters, E. (1981). Traits, behavioral systems, and relationships: Three models of infant-adult attachment. In K. Immelmann, G.W. Barlow, L. Petinovich, & M.B. Main (Eds.), *Behavioral development.* Cambridge: Cambridge University Press.

Waters, E., & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*, 164-172.

Waters, E., & Deane, K.E. (1985). Defining and assessing individual diffrences in attachment relationships: Q-methodology and the organization of behavior in infancy and early childhood. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 50*, 41-64.

Waters, E., Hamilton, C.E., & Weinfield, N.S. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General introduction. *Child Development, 71*, 678-683.

Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: A twenty-year longitudinal study. *Child Development, 71*, 684-689.

Waters, E., Weinfield, N.S., & Hamilton, C.E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child Development, 71*, 703-706.

Watzlavick, P. (1972). *Une logique de la communication.* Paris: Seuil.

Weinfield, N.S., Sroufe, L.A., & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood

in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development, 71,* 695-702.

Weinfield, N.S., Sroufe, L.A., Egeland, B., & Carlson, E.A. (1999). The nature of individual differences in infant-caregiver attachment. In J. Cassidy & P.H. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 68-88). New York: Guilford Press.

Weinstein, G., & Alschuler, A.S. (1985). Educating and counseling for self-knowledge development. *Journal of Counseling and Development, 64,* 19-25.

Weiss, R.S. (1982). Attachment in adult life. In C.M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior.* London: Tavistock Publ.

Weiss, R.S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London, New York: Routledge.

West, M., Rose, M.S., Spreng, S., Sheldon-Keller, A.E.R., & Adam, K. (1998). Adolescent Attachment Questionnaire: A brief assessment of attachment in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 27,* 661-673.

West, M., & Sheldon, A.E.R. (1988). Classification of pathological attachment patterns in adults. *Journal of Personality Disorders, 2,* 153-159.

West, M., & Sheldon-Keller, A.E.R. (1994). *Patterns of relating. An adult attachment perspective.* New York: Guilford Press.

West, M., Sheldon, A.E.R., & Reiffer, L. (1987). An approach to delineation of adult attachment: Scale development and reliability. *The Journal of Nervous and Menal Disease, 175,* 738-741.

Wheeler, L., & Netzlek, J. (1977). Sex differences in social participation. *Journal of Personality and Social Psychology, 35,* 742-754.

Whisman, M.A., & Allan, L.E. (1996). Attachment and social cognition theories of romantic relationships: Convergent or complementary perspectives? *Journal of Social and Personal Relationhips, 13,* 263-278.

White, K.M., Speisman, J.C., Jackson, D., Bartis, S., & Costos, D. (1986). Intimacy maturity and its correlates in young married couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 50,* 152-162.

*Winston, R., Miller, T., & Prince, J. (1987). *Student Development Task and Lifestyle Inventory.* Athens, G.A.: Student Development Associates.

Young, T.L., & Lichtenberg, J.W. (1996). Parental attachment and identity formation in late

adolescents. Paper presented at the *Annual Convention of the American Psychological Association.*

Youniss, J., Ketterlinus, R.D. (1987). Communication and connectedness in mother- and father-adolescent relationships. *Journal of Youth and Adolescence, 16;* 265-280:

Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends.* Chicago: University of Chicago Press.

Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). A process model of adult attachment formation. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions.* New York: John Wiley & Sons.

* Bibliografia de referência a instrumentos não ligados à vinculação, citada a propósito da revisão da literatura empírica, e que não foi consultada directamente.

** Bibliografia citada nas fontes consultadas, mas não consultada directamente.

Índice de Quadros e Figuras

Quadro 1 - Correspondência entre as categorias da *AAI* e da *Situação Estranha* 67

Quadro 2 - Modelo processual da formação de uma vinculação no adulto 88

Quadro 3 - Comparação dos instrumentos de Bartholomew e Horowitz (1991) e de Hazan e Shaver (1987) 108

Quadro 4 - Tipologias na organização da vinculação no adulto 121

Quadro 5 - Episódios da *Situação Estranha* 157

Quadro 6 - A entrevista de avaliação da vinculação à família: Elementos para a classificação dos protótipos 339

Quadro 7 - A entrevista de avaliação da vinculação aos pares: Elementos para a classificação dos protótipos 346

Quadro 8 - Valores de *alpha* de Cronbach para as entrevistas de Bartholomew: Comparação entre estudos 350

Quadro 9 - Caracterização da amostra (N=441) 364

Quadro 10 - Estrutura factorial do QVPM na versão Mãe 370

Quadro 11 - Estrutura factorial do QVPM na versão Pai 375

Quadro 12 - Correlações de Pearson dos factores intra e entre versões 378

Quadro 13 - *Alphas* de Cronbach para a amostra total e de acordo com o género dos pais e dos adolescentes 380

Quadro 14 - Correlações de Pearson entre as dimensões do QVPM: Teste-reteste 382

Quadro 15 - Correlações de Pearson entre o QVPM e o IPPA 388

Quadro 16 - Correlações de Pearson entre o QVPM e o PSI 391

Quadro 17 - Correlações de Pearson entre o QVPM e o SDQ III 395

Quadro 18 - Médias e desvios-padrão de acordo com o género dos adolescentes e dos pais 401

Quadro 19 -Médias e desvios-padrão de acordo com a situação familiar do adolescente 405

Quadro 20 - Análise de *clusters* do QVPM - versão mãe 410

Quadro 21 - Análise de *clusters* do QVPM – versão pai 411

Quadro 22 - Distribuição dos *clusters* em função do género 414

Quadro 23 - Caracterização da amostra (N=365) 421

Quadro 24 - Estrutura factorial do QVA 424

Quadro 25 - Alphas de Cronbach para a amostra total e de acordo com o género 428

Quadro 26 - Valores dos Índices de ajustamento (n=112) 430

Quadro 27 - Correlações de Pearson entre o QVA e o *EOMEIS- 2* 435

Quadro 28 - Correlações de Pearson entre o QVA, o *SSA* e o *NOS* 441

Quadro 29 - Médias e desvios-padrão de acordo com o género dos adolescentes 445

Quadro 30 - Médias e desvios-padrão de acordo com a existência de experiências amorosas 446

Quadro 31 - Análise dos *clusters* do QVA 450

Quadro 32 - Distribuição dos padrões pelo sistema de classificação de Bartholomew: Comparação entre estudos 455

Quadro 33 - Caracterização da amostra (N = 298) 462

Quadro 34 - Funções canónicas para a amostra feminina 466

Quadro 35 - Funções canónicas para a amostra masculina 466

Quadro 36 - Estrutura da correlação canónica para as amostras feminina e masculina 467

Quadro 37 - Médias e desvios-padrão nas dimensões do QVA em função da vinculação ao pai. 470

Quadro 38 - Médias e desvios-padrão nas dimensões do QVA em função da vinculação à mãe. 471

Quadro 39 -Médias e desvios-padrão nas dimensões do QVA de acordo com a vinculação ao pai e à mãe 473

Quadro 40 - Síntese das diferenças na vinculação amorosa em função dos estilos de vinculação aos pais 473

Quadro 41 - Variáveis relativas à *Entrevista de avaliação da vinculação à família* 479

Quadro 42 - Variáveis relativas à *Entrevista de avaliação da vinculação aos pares* 480

Quadro 43 - Caracterização da amostra (N = 82) 482

Quadro 44 - Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais 486

Quadro 45 - Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais e o género do adolescente 496

Quadro 46 - Concordância das classificações da vinculação à mãe e aos pares com base nos quatro protótipos 503

Quadro 47 - Concordância das classificações da vinculação ao pai e aos pares com base nos quatro protótipos 503

Quadro 48 - Concordância das classificações da vinculação à mãe e aos pares com base em duas categorias 504

Quadro 49 - Concordância das classificações da vinculação ao pai e aos pares com base em duas categorias 505

Quadro 50 - Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e aos pares 506

Quadro 51 -Correlações de Pearson entre padrões de vinculação idênticos: Comparação entre estudos 507

Quadro 52 - Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e modelos de si próprio e do outro na relação com os pares 512

Quadro 53 - Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pares e os modelos de si e do outro na relação com os pais 512

Quadro 54 - Correlações de Pearson entre os modelos de si e do outro em ambos os domínios 514

Quadro 55 - Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pares e dimensões estruturais das narrativas relativas à família 525

Quadro 56 - Correlações de Pearson entre os padrões de vinculação aos pais e dimensões estruturais das narrativas relativas aos pares 527

Quadro 57 - Correlações de Pearson entre dimensões estruturais de ambas as entrevistas 529

Quadro 58 - Estatísticas para a igualdade de médias na vinculação ao pai entre os grupos de vinculação aos pares 535

Quadro 59 - Médias e desvios-padrão para os padrões de vinculação ao pai em função dos padrões de vinculação aos pares 535

Quadro 60 - Funções discriminantes para a vinculação à mãe 536

Quadro 61 - Funções discriminantes para a vinculação ao pai 536

Quadro 62 - Coeficientes discriminantes estandardizados e coeficientes estruturais para a vinculação ao pai 537

Quadro 63 - Médias dos grupos de vinculação aos pares pelas funções discriminantes 538

Quadro 64 - Médias e desvios-padrão para as dimensões estruturais da narrativa da família em função dos padrões de vinculação aos pares 540

Quadro 65 - Funções discriminantes para as dimensões estruturais 540

Quadro 66 - Coeficientes discriminantes estandardizados e coeficientes estruturais para as dimensões estruturais da narrativa da família 541

Quadro 67 - Médias dos grupos de vinculação aos pares pelas funções discriminantes 543

Quadro 68 Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais e as metodologias 553

Quadro 69 - Concordância nas classificações da vinculação aos pares a partir de métodos distintos 555

Quadro 70 - Distribuição das classificações da vinculação de acordo com os domínios relacionais e as metodologias 556

Quadro 71 - Concordância nas classificações da vinculação ao pai a partir de métodos distintos 557

Quadro 72 - Concordância nas classificações da vinculação à mãe a partir de métodos distintos 559

Figura 1 - Modelo da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991) 104

Figura 2 - Organização dos modelos de vinculação (Collins & Read, 1994) 135

Figura 3 - *Clusters* do QVPM – Versão Mãe 410

Figura 4 - *Clusters* do QVPM – Versão Pai 411

Figura 5 - Vinculação à mãe e ao pai para a amostra total 415

Figura 6 - Vinculação à mãe por género do adolescente 416

Figura 7 - Vinculação ao pai por género do adolescente 416

Figura 8 - *Clusters* do QVA 451

Figura 9 - Vinculação amorosa por género do adolescente 453

Figura 10 - Padrão de vinculação de acordo com os domínios relacionais 486

Figura 11 - Padrão de vinculação de acordo com os domínios relacionais e os género do adoelscente 497

Figura 12 - Distribuição dos grupos pelas funções discriminantes canónicas (padrões de vinculação ao pai) 539

Figura 13 - Distribuição dos grupos pelas funções discriminantes canónicas (dimensões estruturais da EVF) 543

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento

(DES)CONTINUIDADES NA VINCULAÇÃO AOS PAIS E AO PAR AMOROSO EM ADOLESCENTES

ANEXOS

2002

Índice de Anexos

Anexo 1.

a. Entrevista de avaliação da vinculação à família (*Family Attachment Interview*, Bartholomew & Horowitz, 1991) – Guião e materiais de apoio à cotação. Versão traduzida e adaptada para português.
b. Entrevista de avaliação da vinculação aos pares (*Peer Attachment Interview*, Bartholomew & Horowitz, 1991) – Guião e materiais de apoio à cotação. Versão traduzida e adaptada para português.

Anexo 2.

a. Quadro A1: Valores de *alpha* de Cronbach para as dimensões da EVF
b. Quadro A2: Valores de *alpha* de Cronbach para as dimensões da EVP
c. Quadro A3: Correlações de Pearson entre protótipos de vinculação e dimensões da EVF
d. Quadro A4: Correlações de Pearson entre protótipos de vinculação e dimensões da EVP
e. Quadro A5: Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVF em função dos protótipos da EVF – vinculação ao pai
f. Quadro A6: Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVF em função dos protótipos da EVF – vinculação à mãe
g. Quadro A7: Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVP em função dos protótipos da EVP – vinculação aos pares

Anexo 3.

a. Inventory of Parent and Peer Attachment- IPPA (Armsden & Greenberg, 1987)
b. Parental Separation Inventory – PSI (Hoffman, 1984)
c. Self-Description Questionnaire III (Marsh, 1988)
d. Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status – EOMEIS-2 (Bennion & Adams, 1986)
e. Social Support Appraisals – SSA (Vaux, Burda & Stewart, 1986)
f. Network Orientation Scale – NOS (Vaux, Burda & Stewart, 1986)

Anexo 4.

Ficha de identificação

Anexo 5.

a. Carta dirigida ao Presidente do Conselho Directivo das escolas seleccionadas
b. Carta dirigida ao participante

Anexo 6.

Quadro A8: Médias e desvios-padrão para as dimensões do QVA em função da duração da relação

Anexo 7.

a. Quadro A9: Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra total
b. Quadro A10: Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra feminina
c. Quadro A11: Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra masculina
d. Quadro A12: Médias e desvios-padrão para a vinculação aos pares e aos pais
e. Quadro A13. Médias e desvios-padrão para as dimensões de relacionamento com a mãe em função do género do adolescente
f. Quadro A14: Médias e desvios-padrão para as dimensões de relacionamento com os pais

Anexo 8.

a. Quadro A15: Correlações entre padrões de vinculação aos pares e dimensões da EVF para as amostra feminina, masculina e total
b. Quadro A16: Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra total
c. Quadro A17: Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra feminina
d. Quadro A18: Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra masculina

Anexo 1.

a. Entrevista de avaliação da vinculação à família (*Family Attachment Interview*, Bartholomew & Horowitz, 1991) – Guião e materiais de apoio à cotação. Versão traduzida e adaptada para português.

b. Entrevista de avaliação da vinculação aos pares (*Peer Attachment Interview*, Bartholomew & Horowitz, 1991) – Guião e materiais de apoio à cotação. Versão traduzida e adaptada para português:

ENTREVISTA DE VINCULAÇÃO À FAMÍLIA[1]

(K. Bartholomew, 1996)

(Adaptação P. Mena Matos, S. Barbosa e M.E. Costa, 1997)

HISTÓRIA FAMILIAR

Ao longo desta entrevista vamos falar bastante acerca da sua família. Vou-lhe pedir para começar por me dizer onde nasceu?, onde viveu?, se mudou de casa algumas vezes?, se têm irmãos? [**Transições Familiares**]

Se necessário: Quem eram as pessoas que viviam consigo na casa? Actualmente, onde estão os membros da sua família mais próxima?

Os seus pais, o que fazem profissionalmente? E os seus irmãos estudam ou trabalham?

Vamos procurar recuar no tempo. Tem recordações acerca de como X era em criança? Lembra-se o que costumavam dizer de si? Tem alguma imagem ou acontecimento que recorde particularmente com mais facilidade? [**Caracterização de si próprio na(s) relação(ões)**]

Recorda-se como era a relação dos seus pais entre eles quando era criança? Eles eram carinhosos um com o outro na sua frente? Havia zangas, discussões ou conflitos entre eles? Costumava estar presente nessas situações? Como se sentia?[**Expressão de Carinho e Afecto**]

Se necessário: Os seus pais separaram-se ou divorciaram-se?

RELAÇÃO COM OS PAIS

E a relação que os seus pais tinham consigo? Lembra-se de se sentir mais próximo de um deles em particular? Quer recordar algumas situações que o fazem pensar assim?

Os seus pais eram carinhosos consigo? Havia diferenças entre eles?

ADJECTIVOS

Se eu lhe pedisse para descrever a sua mãe durante a infância, que adjectivos escolheria? E se a tivesse de descrever agora? Haveria diferenças? Procure dar-me alguns exemplos de situações que ilustrem os adjectivos que escolheu.

E para descrever o seu pai, que adjectivos escolheria? Existem diferenças entre a imagem que tinha dele na infância e a imagem que tem agora? Quer dar-me alguns exemplo de situações ou acontecimentos que ilustrem os adjectivos que escolheu?

[1] As questões acrescentadas na versão portuguesa serão assinaladas com * no final da questão. Entre parênteses rectas estão tópicos de apoio ao entrevistador, acrescentados também na versão portuguesa.

INCENTIVO À EXPLORAÇÃO*

Recorda-se quais eram as suas brincadeiras preferidas? Os seus pais costumavam brincar consigo?

Procurar explorar: disponibilidade para brincar com o filho, prazer/envolvimento na brincadeira de pais e filho, tipo de brincadeiras com cada um dos pais, etc.

Havia brincadeiras ou jogos que os seus pais não gostavam que fizesse? Quais eram as razões que eles invocavam para não o(a) deixar brincar algumas vezes? Lembra-se de alguma situação em particular?

Procurar explorar: existência de razões justificadas pelo tipo e natureza das brincadeiras, ou pelo contrário existência de ansiedade exacerbada ou super-protecção.

Sentia-se muitas vezes preso(a) em casa sem poder fazer o que gostava? Como reagia a essa situação?

MOMENTOS DE VULNERABILIDADE [**Criança em situação de vulnerabilidade - reacção das fig. de vinculação**]

Durante a sua infância houve certamente momentos em que se sentiu aborrecido, triste ou infeliz. Lembra-se de algum em particular? Quer falar um pouco acerca dele?

Recorda-se se procurava os seus pais? Como reagiam eles nessas ocasiões? Havia diferenças entre eles?

Se necessário: Quando se sentia magoado no decurso de conflitos com irmãos ou professores?
Quando se sentia gozado pelos colegas?

Não sei se X teve alguma doença em particular (Ex.: asma, epilepsia, estrabismo, etc.) ou se estava frequentemente adoentado? Lembra-se de como era tratado pelos seus pais?

Houve algum acidente ou algum acontecimento (Ex.: partir uma perna, operação às amígdalas, quedas, etc.) em pequeno que alterasse de algum modo a rotina normal do seu dia-a-dia? Quer falar um pouco acerca dessa(s) situação(ões) e de como foi(foram) vivida(s) por si e pela sua família?

Lembra-se se na sua infância chorava muitas vezes? Era um menino(a) que fazia birras? Porque razões o fazia? Consideravam-no(a) um(a) menino(a) mimado(a)? Era uma criança difícil?

Os seus pais, o que costumavam fazer nessas alturas? O que os levava a agir desse modo?

SEPARAÇÕES

Lembra-se da primeira vez que esteve separado(a) dos seus pais por algum período de tempo? (Exemplos: campo de férias, férias dos pais, hospitalizações).

Se necessário: E de entrar no infantário?
E de ir para a escola pela primeira vez?
E de ir para a universidade?
Ausência do(s) pai(s) por motivos profissionais?

Em criança, alguma vez se perdeu? Lembra-se de como se sentiu e o que fez? Os seus pais como reagiram? [**ter em conta fonte de recordações**]

Alguma vez lhe apeteceu fugir ou fugiu realmente de casa? Quer falar um pouco acerca disso? Qual foi a reacção dos seus pais?

REJEIÇÃO

Durante a sua infância, os seus pais fizeram-no sentir que o amavam? Que tinham carinho por si? Que X era uma pessoa importante? Que tinham orgulho em si?

Lembra-se de como é que eles manifestavam o seu afecto?

Vamos agora falar de experiências de natureza diferente.

Quando era criança, alguma vez sentiu que os seus pais o(a) estavam a desvalorizar? E a rejeitar? Quer falar um pouco de como foi essa experiência para si? [**Rejeição/Abandono**]

O pai ou a mãe aperceberam-se de que o(a) estavam a rejeitar/desvalorizar, ou de que se estava a sentir rejeitado(a)?

Se adequado: Falou-me de que tinha irmãos. Alguma vez sentiu-se discriminado(a) em relação a eles? Quer contar algum episódio em que isso tenha ocorrido?

Alguma vez se sentiu pressionado(a) pelos seus pais?

Quando criança, recorda-se de alguma vez ter tido medo dos seus pais?

Alguma vez ficou magoado(a) com eles?

Alguma vez sentiu que desiludiu os seus pais? Como lhe fizeram sentir que estavam desiludidos? É muito importante para si fazer aquilo que os seus pais gostariam? (Por exemplo: em relação aos resultados escolares, escolha de amigos, frequência de locais de lazer?)

PREVISIBILIDADE DO COMPORTAMENTO

Alguma vez os seus pais o ameaçaram, seja por brincadeira ou por disciplina?

A disciplina era muito importante para eles? Que métodos utilizavam como forma disciplinar?

Considera que a forma de disciplina que recebeu era abusiva?

Em geral, o comportamento dos seus pais era previsível? Sabia como eles iriam reagir face a diferentes situações?* Alguma vez os seus pais fizeram coisas que o(a) surpreendessem?

MUDANÇAS

O que pensa que justificou o modo como eles actuaram em determinados momentos?

Gostaria que os seus pais tivessem sido diferentes? Em que sentido?
Se necessário: Os seus pais alguma vez o(a) desapontaram?
Há alguma coisa que não gostasse nos seus pais?

Se for tudo negativo: Tem algumas recordações positivas da relação com os pais?

Quando for pai/mãe, tenciona educar os seus filhos como os seus pais o(a) educaram?

Acha que os seus pais gostariam que você tivesse sido diferente? Em que aspectos?

Por vezes os irmãos têm experiências e recordações semelhantes da sua infância, outras vezes não. No seu caso, pensa que os seus irmãos têm uma ideia parecida com a sua da infância e dos pais?

MODIFICAÇÕES NA RELAÇÃO COM OS PAIS

Na sua opinião, houve mudanças substanciais na relação com os seus pais desde a infância? Quer falar um pouco acerca delas? O que acha que contribuiu para que essas mudanças ocorressem?

Ao longo da vossa relação houve períodos mais críticos entre X e os pais? (Ex.: zangas, discussões, etc.) O que motivava as discussões ou os conflitos? Como eram resolvidos por vocês?

Como aceitaram os seus pais a sua entrada na adolescência, i.e., o facto de que já não ser mais uma criança? [**Transição na adolescência**]

Como é a relação com os seus pais agora? Costuma conversar com eles acerca de questões/preocupações pessoais? Existem assuntos que seriam difíceis de falar com eles? Sente que eles o(a) compreendem?

Acha que poderia contar com o apoio dos seus pais, se algo de grave acontecesse?*

Quais as expectativas dos seus pais em relação ao seu futuro? O que pensam eles do curso que escolheu e da sua entrada (ou não entrada) na faculdade?

PERDAS (REAIS E SIMBÓLICAS), SUICÍDIOS E TERAPIA

Alguma vez perdeu alguém que lhe era próximo? Quer falar um pouco acerca de como sentiu a ausência dessa pessoa e de como lidou com essa situação?

Procurar explorar: idade do sujeito aquando da perda, qualidade da relação que mantinha com a figura perdida, circunstâncias da perda, reacções à perda, condições para a resolução do processo de luto, etc.

Se necessário: Como foi lidando com a situação ao longo do tempo? Sentiu muita falta dessa pessoa? Houve mudanças na sua vida após essa perda? Que recordações guarda dessa pessoa?

Não sei se teve algum animal de estimação que tivesse perdido e do qual gostasse de falar?

Tem conhecimento se alguma vez alguém da sua família procurou o suicídio como forma de resolver os seus problemas?

Procurar explorar: Quem o fez, porque razões o fez, como reagiu a restante família, a tentativa ajudou a resolver alguma coisa, como é encarada essa situação hoje em dia, fala-se ou alguma vez se falou acerca desse assunto em família, houve recurso a especialistas (psicólogos, psiquiatras, terapeutas familiares, etc.)

Já alguma vez procurou, ou alguém da sua família procurou ajuda de um psicólogo ou psiquiatra ? Quais as razões a que se deveu essa procura?

EFEITOS

Na sua opinião, acha que aprendeu alguma coisa com as suas experiências de infância?

Pensa que as experiências da sua infância influenciaram quem é hoje e o modo como se relaciona com as pessoas em geral? Em que sentido?

Sente que houve algo na sua infância que inibiu ou dificultou o seu desenvolvimento?

Actualmente com qual dos pais se identifica mais?

Se necessário: Por identificação quero dizer com qual dos dois sente que partilha o mesmo tipo de personalidade, valores, atitudes, ou perspectiva sobre o mundo.

Na sua opinião, qual dos pais exerceu uma influência mais significativa ao longo do seu desenvolvimento?

OUTROS

Temos estado a falar da sua família e particularmente da relação com o seu pai e a sua mãe. Existiram outras pessoas/adultos importantes ao longo do seu desenvolvimento? (Ex.: educadores de infância, amas, avós, professores, vizinhos, etc.) Gostaria de falar um pouco acerca dessas pessoas e da recordação que guarda delas?

Não sei se gostaria de acrescentar alguma coisa a esta entrevista...

ENTREVISTA DE VINCULAÇÃO À FAMÍLIA

(K. Bartholomew, 1996; Adaptação P. Mena Matos, S. Barbosa e M.E. Costa, 1997)

FICHA DE COTAÇÃO

SUJEITO #_____ DATA___/___/___

SEXO_____ ENTREVISTADOR_____

IDADE_____ CODIFICADOR_____

CONTEÚDOS

DIMENSÕES DO COMPORTAMENTO PARENTAL	MÃE	PAI
1. Responsividade/ Sensibilidade parental*	____	____
2. Encorajamento da exploração e individualidade*	____	____
3. Rejeição	____	____
4. Pressão para a Realização/Sucesso	____	____
5. Consistência/Previsibilidade do comportamento parental	____	____
DIMENSÕES DO SUJEITO		
6. Procura de proximidade e apoio	____	____
7. Ansiedade de Separação	____	____
8. Raiva/Revolta em relação aos pais	____	____
9. Autonomia	____	____
DIMENSÕES DA RELAÇÃO		
10. Inversão de papéis	____	____
11. Qualidade da relação	____	____
ELEMENTOS DA NARRATIVA		
12. Elaboração	____	
13. Coerência	____	
14. Integração*	____	
15. Insistência em não recordar	____	
16. Idealização	____	____

* Conteúdos acrescentados na versão portuguesa.

PADRÕES PAI/MÃE

Seguro	_____/_____	Preocupado	_____/_____
Desinvestido	_____/_____	Amedrontado	_____/_____

OBSERVAÇÕES

ENTREVISTA DE VINCULAÇÃO À FAMÍLIA

(K. Bartholomew, 1996; Adaptação P. Mena Matos, S. Barbosa e M.E. Costa, 1997)

CÓDIGOS

1. Responsividade/Sensibilidade parental*

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ausência de responsividade/ sensibilidade				Responsividade/ sensibilidade moderada				Responsividade/ sensibilidade total

2. Encorajamento da exploração*

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Inibe a exploração				Facilita adequadamente a exploração				Incentiva a exploração

3. Rejeição (pelos pai/mãe)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Não há evidência de rejeição		Rejeição ligeira		Rejeição moderada		Rejeição clara/explícita		Rejeição extrema

4. Pressão para a realização/sucesso (pelos pai/mãe)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Não há evidência		Ligeira		Moderada		Explícita		Extrema

5. Consistência/Previsibilidade (do comportamento do pai/mãe)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Completamente inconsistente		Muito inconsistente		Consistência média		Muito consistente		Consistência elevada

6. Procura de proximidade e apoio em relação aos pais

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nunca		Limitada		Moderada		Frequente		Constante

7. Ansiedade de separação

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nenhuma				Média				Extrema

* Conteúdos acrescentados na versão portuguesa.

8. Raiva/Revolta (dirigida aos pais)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nenhuma		Irritação		Alguma		Temática		Extrema

9. Autonomia relacional

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Compulsivamente independente		Muito independente		Autónomo		Muito dependente		Excessivamente dependente

10. Inversão de Papéis

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Não há evidência de inversão		Ligeira inversão		Alguma (mas não realmente invertida)		Inversão explícita		Inversão completa

11. Qualidade Global da Relação Pais - Filho(a)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Extremamente pobre		De forma geral pobre		Adequada		Razoavelmente boa		Excepcionalmente boa; ideal

12. Elaboração

1	2	3	4	5	6	7	8	9
S/ elaboração		Pouca		Alguma		Bastante		Extrema

13. Coerência

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Extremamente incoerente		Incoerente		Alguma		Bastante		Extremamente coerente

14. Integração*

1	2	3	4	5	6	7	8	9
S/ Integração		Pouca		Alguma		Bastante		Total

15. Idealização (dos pai/mãe)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nenhuma		Ligeira		Alguma		Clara/ explícita		Extrema

* Conteúdos acrescentados na versão portuguesa.

ENTREVISTA DE VINCULAÇÃO AOS PARES[2]

(K. Bartholomew, 1996, versão IV)

(Adaptação de P. Mena Matos, S. Barbosa e M.E. Costa, 1997)

AMIZADES

Ao longo desta entrevista vamos conversar acerca das suas relações com os seus amigos em geral e acerca das relações mais próximas ou mais íntimas, como por exemplo a relação com um melhor amigo ou com um namorado.

Começava por lhe perguntar se existem muitas pessoas que considera amigos.

Os seus amigos tendem a ser mais homens/rapazes ou mulheres/raparigas? Há alguma razão para isto acontecer? Foi sempre assim ou este facto tem-se transformado com o tempo?

Acha que existem diferenças entre as suas amizades com homens/rapazes e as mulheres/raparigas?
Se necessário: As pessoas normalmente dizem que as amizades com o sexo oposto levam a que a pessoa se envolva romanticamente. Isto já alguma vez aconteceu consigo? Como lidou com a situação?

Destes amigos em geral, quantos considera seus amigos íntimos? Quer-me explicar o que é para si um amigo íntimo, um amigo verdadeiro?

Se achasse bem, pedia-lhe para escolher alguém que considere um(a) amigo(a) especial, íntimo(a). Se me quiser dizer qual é o primeiro nome (A), facilita o decurso da nossa conversa.

Quer falar um pouco acerca da vossa amizade? Há quanto tempo se conhecem? Como nasceu a vossa amizade? O que gostam de fazer juntos? Quando costumam estar juntos? Quem costuma tomar a iniciativa dos encontros?

Na sua opinião, o que os levou a tornarem-se bons amigos? Poderia dar-me alguns exemplos de situações que foram importantes para si e que contribuíram para que se tornassem bons amigos?

Provavelmente existem alguns aspectos que gosta mais em A e outros que lhe desagradam. Quer falar um pouco acerca disso?

Alguma vez A lhe provocou sentimentos negativos? (mágoa, raiva/revolta, tristeza, etc.). Quer recordar alguns episódios em que isso aconteceu? Como reagiu ou como costuma reagir nessas situações?
Se necessário: A já o magoou alguma vez?
Já existiram momentos em que você e A estiveram sem se falar?
Existem outras pessoas envolvidas na vossa amizade?

[2] As questões acrescentadas na versão portuguesa serão assinaladas com * no final da questão.

Relativamente às conversas que têm um com o outro, sente-se bem a falar sobre assuntos pessoais, mais íntimos com A? Ou existem alguns temas que prefere não abordar com A? (Por exemplo: sente-se desconfortável a falar sobre eles; tem medo de magoar o amigo; prejudicam a relação, ...) É uma pessoa que gosta de falar acerca de si? * Gosta de dar a conhecer-se? * E como se sente quando as outras pessoas lhe dão a conhecer aspectos mais íntimos de si próprio? *

Procurando situar-se desde o momento em que se conheceram e se tornaram amigos até agora, considera que tem havido mudanças na vossa amizade? Será que houve alguns períodos mais críticos?

Desejaria que algo se modificasse na sua relação com A? Acha que é possível isso acontecer? Qual o seu papel nessa mudança? *

Como é que perspectiva a sua amizade no futuro? * Acha que vai ser um relação que se vai manter no tempo ou antevê dificuldades? * O que o leva a pensar assim? * Como se sente com isso? *

AMIGOS EM GERAL

Vamos falar agora um pouco acerca dos seus amigos em geral. Acha que é possível comparar a relação que tem com A com aquela que tem com os amigos em geral? Quais seriam as semelhanças e as diferenças?

Procurar explorar: proximidade física e emocional, confiança, apoio, tempo passado juntos, qualidade da relação, ...

Costumam existir conflitos, discussões, zangas, mal entendidos entre os seus amigos em geral e relações mais íntimas como com o namorado, por exemplo?

Procurar explorar: ciúmes, dificuldades de gestão do tempo, incompatibilidades, ...

Acontece muitas vezes sentir-se magoado pelos seus amigos? Quer dar-me algum exemplo de uma situação que tenha ocorrido?

Qual a impressão que acha que os seus amigos têm de si? É a imagem que gostaria de dar? Para si é muito importante a imagem que os outros têm de si? E a opinião deles?

Acha que é fácil para si fazer novos amigos? Considera-se tímido?

Quando conhece pessoas novas fica com a ideia que elas vão gostar de si?

Procurar explorar: entrada no mundo universitário e as exigências de construção de novos relacionamentos que ela implica.* Verificar se o sujeito entra sozinho ou se já conhece alguém que vai com ele ou que já frequenta a faculdade.*

Gostaria que alguma coisa fosse diferente na relação que mantêm com os seus amigos em geral? Acha que tem um papel importante nessa(s) mudança(s)?*

Não sei se existe algo acerca das suas amizades que não tivéssemos falado e que lhe pareça importante exprimir?

HISTÓRIA DAS RELAÇÕES AMOROSAS

Temos estado a falar acerca das suas amizades em geral e acerca da sua relação com um(a) amigo(a) íntimo(a) em particular. Vamos agora falar de outro tipo de relações, aquelas que se têm com um(a) namorado(a). [Antes de mais, qual é a sua preferência sexual?] (N)

Não sei se actualmente tem um(a) namorado(a)? Já existiram outras relações anteriores?

Seria possível dar-me uma ideia das diferentes relações que teve com namorados?

Procurar explorar: quantos foram, o envolvimento na relação, a qualidade da relação, razões para a separação, quem iniciou a separação, como encarou a separação, como foi o período pós-separação, etc.

No(s) período(s)em que esteve sozinho(a) e não tinha nenhum namorado(a), como se sentiu? Pensava muitas vezes que gostaria de ter um nova relação ou de continuar com a que tinha acabado? Sentiu-se atraída(o) por alguém? Saiu com alguém? Procurou iniciar um relacionamento com alguém?

Apesar de podermos dizer que as relações são sempre diferentes umas das outras, acha que é possível identificar alguns aspectos que se assemelhem em todas elas?

O que é que costuma procurar numa relação?* E o que é que costuma ser particularmente difícil para si numa relação?* Ou o que é importante numa relação para que se sinta bem consigo mesma(o) e com o outro? *

Acha que é uma pessoa que tende a apaixonar-se facilmente? *

RELAÇÃO ACTUAL

Vamos então falar um pouco da sua relação actual com o(a) seu(sua) namorado(a). Pedia-lhe que me desse uma ideia de como se conheceram, há quanto tempo se conheceram, quando começaram a sair juntos? Quando resolveram assumir um compromisso? Quem tomou a iniciativa de pedir namoro? Como se sentem um com o outro? Quanto tempo passam juntos?...

Sente que N é uma pessoa importante para si? * Quer falar um pouco acerca disso? Costumam discutir o vosso futuro e fazer planos para mais tarde?

Pedia-lhe para fazer uma breve descrição de N. Quais são os aspectos que mais o(a) atraem e que mais admira? E quais as características de N ou da sua relação que gostaria de ver modificadas? Quer falar um pouco disso?

Se eu pedisse a N para me dizer o que gosta mais em si, o que diria ele(a)? E o que gostaria ele que fôsse diferente em si ou na relação? Já alguma vez conversaram acerca disto?

COMUNICAÇÃO E APOIO

Sente que na vossa relação há espaço e abertura para falar acerca de assuntos pessoais, daquilo que vos preocupa e daquilo que envolve a vossa relação? Ou existem assuntos que evita falar com N (seja por se sentir desconfortável a falar desses assuntos, seja por que pode magoar N, seja porque coloca a relação em risco, ...)

Costumam procurar o apoio e a ajuda um do outro para resolver problemas ou para desabafar? Como se sente com isso? (i.e., como se sente a procurar apoio e como reage cada um dos dois quando é solicitado apoio).*

De um modo geral, quando está preocupado com alguma coisa ou quando se sente triste ou magoado, o que costuma fazer? Procura a companhia das pessoas (não necessariamente de N) para conversar/desabafar ou prefere lidar com a situação sozinho(a)?

Voltando à sua relação com N, sente-se compreendido por N? Este preocupa-se consigo, dá-lhe atenção, dá-lhe carinho? Ou gostaria que as coisas fossem diferentes?

Já aconteceu alguma vez chorar em frente de N? Como reagiu N? E como se sentiu nessa situação ou, em geral, a chorar na frente de N?

Em geral, é uma pessoa que costuma chorar muito? Que razões costumam levá-lo(a) a chorar? Sente-se melhor a chorar sozinho(a) ou prefere chorar com alguém?

É uma pessoa que costuma manifestar as suas emoções, sejam elas negativas ou positivas? Acha que é mais ou menos emotivo que a maioria das pessoas? Quer dar-me alguns exemplos em que isso tenha acontecido?

Merecimento de Amor e Confiança

Por vezes podem existir momentos em que os outros nos fazem sentir mal. Já alguma vez se sentiu magoado(a) por N? Já alguma vez se sentiu posto(a) de lado ou até rejeitado(a) por N? Lembra-se de um situação em particular em que tal tenha ocorrido?

Sente que na vossa relação, X e N são sinceros e verdadeiros um com o outro?

Procurar explorar: autenticidade e genuinidade na relação. *

[Costumam dizer um ao outro que se amam? Isto acontece frequentemente? Há algum de vocês que o faz mais vezes do que o outro?]

Relação Física

Há casais de namorados que gostam muito de manifestar o afecto um pelo outro, tanto em privado como em público através, por exemplo, de andarem de mão dada, de se abraçarem e beijarem, de dizerem palavras ternas, da forma como trocam os olhares, etc. Como se passa convosco? Existem diferenças entre vocês?

Este tema, manifestações de carinho, gera desentendimento ou discussões entre vocês?

Uma forma de os namorados comunicarem é através da sexualidade. Quer falar um pouco acerca do papel que a sexualidade tem na vossa relação? É mais importante para si ou para o seu(sua) namorado(a)?

Qual é a posição de cada um de vocês relativamente à existência de relações sexuais antes do casamento?* Tem havido mudanças de opinião à medida que a relação vai decorrendo? *

É um tema que gera desentendimento e discussão entre vocês? Como lidam com essa situação?

Se adequado: Quem costuma tomar a iniciativa da relação sexual? O que costuma fazer quando N toma a iniciativa e não o deseja? E vice-versa? Esta situação ocorre muitas vezes? Costumam conversar acerca disso?

Gostaria que houvesse mudanças na vossa relação sexual ou no modo como encaram a sexualidade?

RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

De um modo geral, na vossa relação existem muitas vezes conflitos ou discussões? Quais são os temas ou as situações que geram mais conflitos? Como se desenrola normalmente uma discussão? O que costumam fazer para ultrapassar essa situação?

Se necessário: Costumam ter opiniões diferentes relativamente ao tempo que gostariam de passar juntos, aos tempos livres, às saídas, ao estudo, aos amigos, à família, ao futuro, etc.

Se necessário: Poderia dar-me um exemplo de um conflito típico e descrever como costuma acontecer?

Se necessário: Costumam ficar zangados muito tempo após a discussão? Algum de vocês inicia as discussões com mais frequência? E qual de vocês tende a terminar a discussão ou a resolver a situação?

Alguma vez se interrogou se N discorda de si, mas não diz nada? E ao contrário, X discordar de N, mas não o revelar?

Já alguma vez sentiu medo do(a) seu(sua) namorado(a)?

Já alguma vez os vossos conflitos resultaram em agressão como por exemplo partir ou atirar coisas pelo ar, empurrar ou esbofetear? Com que frequência? Descrever.

Se apropriado: Isto costumava acontecer em relações anteriores?

Costumam fazer críticas um ao outro com frequência?

O(a) seu(sua) namorado(a) já alguma vez fez algo que considere abusivo? E você já alguma vez fez algo que considere abusivo?

Se necessário: Quando têm que tomar decisões como fazem? Conversam primeiro e decidem os dois ou é difícil chegarem a um consenso?

MUTUALIDADE

Por vezes, as pessoas quando têm uma relação acham que o investimento dos dois é desigual. Isto é, um parece estar mais envolvido na relação do que o outro. Isto acontece na vossa relação? Quer falar um pouco mais acerca do que pensa e sente relativamente a isto?

Algumas pessoas preocupam-se com a possibilidade de se tornarem demasiado dependentes na relação e da relação. Esta é uma preocupação para si? E para o(a) seu(sua) namorado(a)?

Já alguma vez você ou o(a) seu(sua) namorado(a) sentiram ciúmes? Quer recordar alguma situação em particular?

Se adequado: Como lhe faz sentir N que é ciumento? * Como costuma reagir a essa situação? Como faz X sentir a N que tem ciúmes? * Como lida N com essa situação? *

Se necessário: É possessiva em relação a N? N é possessivo em relação a si? Como se sente relativamente a isso?

SEPARAÇÕES

Vamos falar acerca de quando não estão juntos ou de quando têm que se separar.

De um modo geral, no dia-a-dia, quando não está com N, como se sente? *

Não sei se costumam passar as férias juntos? Se não, como é para si estar longe de N? O que sente nessas alturas e o que costuma pensar? E N como se sente relativamente a isso?

Geralmente após situações de separação como por exemplo férias ou outras (razões profissionais, doença, mudança de país, etc.) como costuma ser o reencontro?*

Procurar explorar: níveis de ansiedade, procura de proximidade, confiança, dependência emocional, etc.*

Peço-lhe para imaginar que se teria que separar do(a) seu(sua) namorado(a) por um período alargado de tempo.* O que acha que aconteceria nessa altura? Como viveria essa distância? *

ARREPENDIMENTOS E DISSOLUÇÃO DE RELAÇÃO

Já alguma vez pensou em separar-se de N e terminar a relação? Quais foram as razões que o(a) levaram a pensar assim e a reagir desse modo?

Até que ponto seria difícil para si terminar esta relação? O que poderia ganhar e perder com essa decisão? Qual seria a perspectiva de N? *

Se necessário: Alguma vez se arrependeu ou teve dúvidas em se envolver (ou casar) com o(a) seu(sua) namorado(a)?

Se apropriado: Acha que a sua relação tem condições para durar? Quem, na sua opinião, tomaria mais facilmente a iniciativa de terminar a relação?

Avaliação Geral

Pensando no futuro, gostaria que a sua relação com N se modificasse de algum modo? Que aspectos gostaria que fossem diferentes? Sente que tem algum papel nessas transformações? * Gostaria de ver mudanças também em si próprio(a)? * E em N?

Fazendo agora um pouco o balanço das relações com namorados(as) que já teve, o que acha que costuma correr mal e o que acha que costuma correr especialmente bem? *

Não sei se gostaria de referir algo mais acerca das suas relações amorosas...

Relações Sociais Gerais

Para finalizar e pensando agora no modo como se relaciona com as pessoas em geral, independentemente de serem amigos ou namorados, gostaria que algo fosse diferente? Em si, nos outros? Quer falar um pouco acerca disso?

Existe algo mais acerca das suas relações sociais que não tivéssemos falado e que lhe parece importante?

Chegamos ao fim da nossa conversa. Gostaria apenas de lhe perguntar como se sentiu a falar destes temas? Não sei se costuma abordá-los com outras pessoas?

ENTREVISTA DE VINCULAÇÃO AOS PARES

(K. Bartholomew, 1996; Adaptação de P. Mena Matos, S. Barbosa e M.E. Costa, 1997)

FICHA DE COTAÇÃO

SUJEITO _____ DATA___/___/____

SEXO_____ ENTREVISTADOR_____

IDADE_____ COTADOR_____

Resposta quando preocupado:

_____

_____

Padrão de choro: Frequência (1-9) _____ Situação (1-9)_____

Procura de Proximidade (1-9) _____

AMIZADES (1-9)

Self-Disclosure	_____	Qualidade das relações	_____
Envolvimento relativo	_____	Qualidade com o mesmo sexo	_____
Dominância	_____	Qualidade com sexo oposto	_____
Idealização	_____		

*OBSERVAÇÕES*_____

_____

_____

_____

_____

_____

RELAÇÕES AMOROSAS

Duração da relação mais longa _____

Duração da relação actual _____

Nível de envolvimento (1-9) _____

Número de relações significativas _____

SUJEITO _____

Self-Disclosure (1-9) _____

Envolvimento relativo (1-9) _____ Base segura* (1-9) _____

Dominância (1-9) _____ Evitamento* (1-9) _____

Idealização (1-9) _____ Qualidade das relações (1-9) _____

Situações de abuso (emocional, físico ou sexual)?_____

Especificar:_____

_____

*OBSERVAÇÕES*_____

_____

_____

_____

OUTRAS ESCALAS (1-9)

Expressividade emocional _____ Ciúme _____

Dependência emocional _____ Ansiedade de separação _____

Prestação de cuidados _____ Confiança no outro _____

Afectuosidade _____ Autoconfiança _____

Idealização geral _____

*OBSERVAÇÕES*_____

_____

_____

_____

CONTAGENS

Insistência em não recordar _____
(1 - nenhum, 5 - algum, 9 - constante)

Riso inapropriado _____
(1 - nenhum, 5 - algum, 9 - constante)

"Não sei" _____
(1 - nenhum, 5 - algum, 9 - constante)

* Dimensões acrescentadas na versão portuguesa.

SUJEITO _____

ELEMENTOS DA NARRATIVA (1-9)

Elaboração _____

Coerência _____

Integração* _____

*OBSERVAÇÕES*_____

ESTILOS (1-9)

Seguro _____ Preocupado _____

Desinvestido _____ Amedrontado _____

*OBSERVAÇÕES*_____

ENTREVISTA DE VINCULAÇÃO AOS PARES

(K. Bartholomew, 1996; Adaptação de P. Mena Matos, S. Barbosa e M.E. Costa, 1997)

CÓDIGOS

Frequência com que chora

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quase nunca (<<1/ano)		1/ano		1-2/mês		1/semana		Maioria dos dias

Situação em que chora

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Apenas sozinho		Maioria das vezes sozinho		Sozinho e acompanhado		Mais na presença de outros		Maioria das vezes acompanhado

Procura de proximidade

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nunca		Limitada		Moderada		Frequente		Elevada

Self-Disclosure (B)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Evita completamente		Inibido		Confortável com discrição		Auto-revelação frequente		Auto-revelação indiscriminada

Envolvimento relativo (B)

1. O outro muito mais envolvido e investido emocionalmente.

3. O outro um pouco mais envolvido, com maior investimento emocional.

5. Envolvimento e investimento emocional idênticos.

7. O *self* um pouco mais envolvido e investido emocionalmente.

9. O *self* muito mais envolvido e investido emocionalmente.

Dominância (B)

1. Muito baixa dominância e ausência de controle por parte do próprio, submissão.

3. Baixa dominância, sujeito à participação em compromissos, mas com menor controle.

5. Poder e controle partilhados por ambos os elementos.

7. Alta dominância, o outro estabelece mais compromissos, outro menos em controle.

9. Dominância muito alta, o outro sempre a estabelecer compromissos, o outro sem controle.

Idealização

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nenhuma		Ligeira		Alguma		Clara/ Explícita		Extrema

Nível de envolvimento nas relações amorosas

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nenhum		Alguns encontros		Relações casuais		Mais longas e sérias		Casamento (ou equivalente)

Base segura*

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Inibe a exploração				Facilita moderadamente a exploração				Facilita adequadamente a exploração

Evitamento*

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ausência de evitamento				Evitamento moderado				Evitamento elevado

Qualidade das relações (Qualidade: intimidade, proximidade, abertura, respeito mútuo, apoio mútuo, capacidade para a honestidade, compreensão realista de problemas, etc.)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Extremamente pobre		Na generalidade pobre		Razoável/ Adequada		Razoavelmente boa		Excepcionalmente boa; ideal

Expressividade emocional (B)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Rígido/ Super-controlado		Reservado; inibido		Expressivo; capaz de controle equilibrado		Extremamente expressivo		Histriónica

Dependência emocional (B)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Compulsivamente independente		Muito independente		Autónomo		Muito dependente		Excessivamente dependente

* Dimensões acrescentadas na versão portuguesa.

Prestação de cuidados (B)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Incapaz		Evita activamente		Confortável com limites		Procura activamente		Mártir

Afectuosidade

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Excepcionalmente frio		Reservado		Médio		Muito afectuoso		Excepcionalmente afectuoso

Ciúme

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nunca				Médio				Extremo

Ansiedade de separação

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nenhuma				Média				Extrema

Confiança no outro

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Extremamente baixa		Desconfiado		Moderada		Com confiança		Extremamente elevada

Autoconfiança

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Extremamente baixa		Pouca		Média		Bastante		Extremamente elevada; ideal

Elaboração

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ausência de elaboração		Pouca		Alguma		Bastante		Extrema

Coerência

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Extremamente incoerente		Incoerente		Média coerência		Coerente		Extremamente coerente

Anexo 2.

a. Quadro A1: Valores de *alpha* de Cronbach para as dimensões da EVF
b. Quadro A2: Valores de *alpha* de Cronbach para as dimensões da EVP
c. Quadro A3: Correlações de Pearson entre protótipos de vinculação e dimensões da EVF
d. Quadro A4: Correlações de Pearson entre protótipos de vinculação e dimensões da EVP
e. Quadro A5: Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVF em função dos protótipos da EVF – vinculação ao pai.
f. Quadro A6: Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVF em função dos protótipos da EVF – vinculação à mãe.
g. Quadro A7: Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVP em função dos protótipos da EVP – vinculação aos pares.

Quadro A1.
Valores de alpha de Cronbach para as dimensões de EVF

Dimensões da EVF	α	
	Mãe	**Pai**
Responsividade	0,8368	0,8396
Encorajamento da exploração	0,8897	0,8660
Rejeição	0,8770	0,8812
Pressão para a realização	0,4889	0,7355
Consistência	0,8064	0,7938
Procura de proximidade	0,8944	0,4549
Ansiedade de separação	0,8359	0,7687
Raiva	0,9093	0,8522
Autonomia	0,8461	0,8200
Inversão de papéis	0,8015	0,7955
Qualidade	0,9053	0,9390
Idealização	0,8791	0,8736
Insistência não recordar	0,8262	
Elaboração	0,8602	
Coerência	0,8110	
Integração	0,7941	

Quadro A2.
Valores de alpha de Cronbach para as dimensões da EVP

Dimensões da EVP	α
Domínio das amizades	
Self – disclosure	0,8132
Envolvimento relativo	0,6660
Dominância	0,6840
Qualidade relação c sexo oposto	0,7393
Qualidade relação c mm sexo	0,7814
Qualidade global das relações	0,7622
Domínio das relações amorosas	
Self – disclosure	0,7671
Envolvimento relativo	0,8733
Dominância	0,4718
Base segura	0,7906
Situações de abuso	0,8861
Evitamento	0,6848
Qualidade das relações	0,7668
Dimensões globais	
Procura de proximidade	0,7350
Expressividade emocional	0,9023
Dependência emocional	0,7891
Prestação de cuidados	0,5016
Afectuosidade	0,5353
Ciúme	0,8306
Ansiedade de separação	0,8161
Confiança no outro	0,7168
Autoconfiança	0,8308
Dimensões estruturais das narrativas	
Elaboração	0,6488
Coerência	0,6863
Insistência em não recordar	0,4672
Riso inapropriado	0,6640
"Não sei"	0,6003
Idealização das relações de amizade	0,6610
Idealização das relações amorosas	0,6983
Idealização geral	0,6958
Informações adicionais	
Frequência choro	0,9302
Situação choro	0,8967
Duração da relação mais longa	0,9841
Duração da relação actual	0,9902
Nível de envolvimento	0,8077

Quadro A3.

Correlações de Pearson entre protótipos de vinculação e dimensões da EVF

		Padrões de vinculação aos pais							
		Seguro		**Desinvestido**		**Preocupado**		**Amedrontado**	
Dimensões da EVF		**Mãe**	**Pai**	**Mãe**	**Pai**	**Mãe**	**Pai**	**Mãe**	**Pai**
Responsividade	**Mãe**	0,734**	0,659**	-0,457**	-0,383**	-0,165	-0,254*	-0,686**	-0,665**
	Pai	0,599**	0,744**	-0,323**	-0,453**	-0,262*	-0,233*	-0,545**	-0,616**
Encorajamento	**Mãe**	0,569**	0,562**	-0,386**	-0,395**	-0,224*	-0,159	-0,487**	-0,547**
de Exploração	**Pai**	0,464**	0,595**	-0,261*	-0,361**	-0,182	-0,127	-0,424**	-0,507**
Rejeição	**Mãe**	-0,684**	-0,584**	0,280*	0,251*	0,349**	0,363**	0,726**	0,700**
	Pai	-0,563**	-0,572**	0,141	0,195	0,313**	0,306**	0,641**	0,703**
Pressão para a	**Mãe**	-0,198	-0,201	0,003	0,093	0,083	-0,038	0,193	0,166
Realização	**Pai**	-0,152	-0,260*	-0,052	0,054	-0,008	-0,076	0,229*	0,229*
Conseistência	**Mãe**	0,642**	0,603**	-0,307**	-0,269*	-0,459**	-0,434**	-0,512**	-0,547**
	Pai	0,582**	0,644**	-0,237*	-0,302**	-0,430**	-0,425**	-0,516**	-0,550**
Procura de	**Mãe**	0,362**	0,316**	-0,388**	-0,353**	0,190	0,157	-0,514**	-0,436**
Proximidade	**Pai**	0,352**	0,435**	-0,305**	-0,374**	0,084	0,104	-0,504**	-0,473**
Ansiedade de	**Mãe**	-0,258*	-0,226*	-0,234*	-0,255*	0,477**	0,412**	0,174	0,238*
Separação	**Pai**	-0,177	-0,127	-0,213	-0,294**	0,342**	0,344**	0,177	0,228*
Raiva	**Mãe**	-0,609**	-0,553**	0,370**	0,353**	0,326**	0,288**	0,442**	0,478**
	Pai	-0,581**	-0,645**	0,202	0,292**	0,487**	0,449**	0,419**	0,507**
Idealização	**Mãe**	-0,461**	-0,585**	0,277*	0,352**	0,368**	0,360**	0,314**	0,349**
	Pai	-0,471**	-0,534**	0,338**	0,356**	0,357**	0,350**	0,282*	0,341**
Autonomia	**Mãe**	0,656**	0,644**	0,047	0,016	-0,578**	-0,511**	-0,487**	-0,569**
	Pai	0,652**	0,621**	0,017	0,021	-0,570**	-0,480**	-0,515**	-0,625**
Inversão de	**Mãe**	-0,484**	-0,435**	0,016	-0,011	0,436**	0,506**	0,443**	0,502**
Papéis	**Pai**	-0,462**	-0,482**	0,071	0,098	0,402**	0,500**	0,458**	0,500**
Qualidade	**Mãe**	0,849**	0,779**	-0,487**	-0,426**	-0,339**	-0,317**	-0,693**	-0,724**
	Pai	0,741**	0,870**	0,384**	-0,491**	-0,338**	-0,280*	-0,603**	-0,678**
Elaboração		0,094	0,128	-0,360**	-0,420**	0,202	0,284**	-0,071	-0,025
Coerência		0,778**	0,807**	-0,433**	-0,519**	-0,405**	-0,365**	-0,627**	-0,606**
Integração		0,587**	0,650**	-0,463**	-0,529**	-0,229*	-0,126	-0,457**	-0,455**
Insistência não recordar		-0,067	-0,152	0,282*	0,362**	-0,184	-0,249*	0,049	-0,001

Nota. * p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

Quadro A4.

Correlações de Pearson entre protótipos de vinculação e dimensões da EVP

	Padrões de vinculação aos pares			
Dimensões da EVP	**Seguro**	**Preocupado**	**Desinvestido**	**Amedrontado**
Domínio das amizades				
Self – disclosure	0,131	0,499**	-0,239*	-0,234*
Envolvimento relativo	0,181	0,103	-0,071	-0,191
Dominância	0,143	0,227*	-0,120	-0,234*
Qualidade relação c sexo oposto	0,593**	0,053	-0,343**	-0,483**
Qualidade relação c mm sexo	0,658**	-0,074	-0,274*	-0,565**
Qualidade global das relações	0,680**	-0,008	-0,334**	-0,587**
Domínio das relações amorosas				
Self – disclosure	0,279*	0,133	-0,332**	-0,237*
Envolvimento relativo	0,068	0,401**	-0,475**	0,016
Dominância	0,136	-0,255*	0,489**	-0,358**
Base segura	0,323**	-0,126	-0,067	-0,300*
Evitamento	-0,404**	-0,349**	0,447**	0,341**
Situações de abuso	-0,159	0,095	0,182	0,076
Qualidade das relações	0,537**	-0,039	-0,306**	-0,389**
Dimensões globais				
Procura de proximidade	0,251*	0,361**	-0,275*	-0,302**
Expressividade emocional	0,117	0,582**	-0,312**	-0,220
Dependência emocional	-0,134	0,670**	-0,636**	0,306**
Prestação de cuidados	0,339**	0,277*	-0,415**	-0,156
Afectuosidade	0,516**	0,383**	-0,508**	-0,455**
Ciúme	-0,228*	0,612**	-0,483**	0,333**
Ansiedade de separação	-0,049	0,556**	-0,630**	0,270*
Confiança no outro	0,726**	0,067	-0,257*	-0,717**
Autoconfiança	0,697**	-0,268*	0,086	-0,764**
Dimensões estruturais das narrativas				
Elaboração	0,394**	0,285**	-0,235*	-0,453**
Coerência	0,792**	-0,183	-0,218*	-0,636**
Insistência em não recordar	-0,194	-0,012	-0,063	0,249*
Riso inapropriado	-0,456**	0,243*	0,013	0,352**
"Não sei"	-0,300**	-0,120	0,171	0,361**
Idealização das relações de amizade	-0,303**	0,426**	0,155	0,074
Idealização das relações amorosas	-0,322**	0,449**	-0,125	0,270*
Idealização geral	-0,376**	0,498**	-0,038	0,243*
Informações adicionais				
Situações choro	0,119	0,495**	-0,336**	-0,141
Frequência choro	-0,094	0,381**	-0,397**	0,203
Duração da relação mais longa	0,064	0,134	0,027	-0,097
Duração da relação actual	0,012	0,055	0,068	0,024
Nível de envolvimento	0,168	0,095	-0,210	-0,037
Número de relações significativas	-0,179	0,346**	0,038	0,046

Nota. * p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

Quadro A5.

Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVF em função dos protótipos da EVF – vinculação ao pai

Dimensões	*Padrões de vinculação*								
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	F (3,78)
Responsividade	$6,92^{a}$	0,17	$5,85^{ab}$	0,67	$4,25^{b}$	0,46	$4,84^{b}$	0,38	18,79***
Encorajamento da Exploração	$6,70^{a}$	0,17	$6,35^{ab}$	0,67	$4,94^{b}$	0,47	$5,06^{b}$	0,38	8,43***
Rejeição	1,20a	0,14	$1,75^{ab}$	0,54	$2,08^{ab}$	0,38	$3,06^{b}$	0,31	13,04***
Pressão para a Realização	4,94	0,19	3,95	0,76	5,63	0,53	5,72	0,43	1,31
Consistência	$7,19^{a}$	0,15	$6,35^{ab}$	0,61	$5,92^{b}$	0,42	$5,56^{b}$	0,35	10,52***
Procura de Proximidade	$5,07^{a}$	0,15	$5,55^{ab}$	0,60	$3,77^{bd}$	0,42	$3,16^{cd}$	0,34	12,67***
Ansiedade de Separação	4,65	0,16	6,20	0,63	4,13	0,44	5,12	0,36	2,66
Raiva	$1,41^{a}$	0,16	$2,65^{bc}$	0,65	$3,33^{bc}$	0,45	$2,87^{c}$	0,37	12,21***
Autonomia	$6,92^{a}$	0,14	$5,40^{bc}$	0,56	$6,60^{a}$	0,39	$4,98^{c}$	0,32	13,72***
Inversão de Papéis	$1,10^{a}$	0,10	$1,65^{bc}$	0,38	$1,58^{bc}$	0,27	$1,89^{c}$	0,22	7,81***
Qualidade	$6,82^{a}$	0,15	$5,05^{bc}$	0,59	$3,97^{bc}$	0,41	$4,30^{c}$	0,34	30,76***
Elaboração	$6,31^{ab}$	0,18	$7,15^{a}$	0,70	$5,31^{b}$	0,49	$6,21^{ab}$	0,40	3,14*
Coerência	$7,01^{a}$	0,13	$5,45^{bc}$	0,53	$4,13^{bc}$	0,37	$4,81^{c}$	0,30	32,36***
Integração	$6,65^{a}$	0,16	$5,70^{ab}$	0,63	$4,56^{b}$	0,44	$5,16^{b}$	0,36	11,09***
Insistência em não recordar	2,20	0,26	2,00	1,02	4,10	0,71	2,09	0,59	2,49
Idealização	$2,00^{a}$	0,18	$3,95^{b}$	0,71	$3,56^{b}$	0,50	$3,20^{ab}$	0,41	7,14***

Nota. * p<0,05, ** p<0,01, *** p<0,001

F (48, 198) = 3,060; p< 0,001

Quadro A6.

Médias e desvios-padrão para as dimensões da EVF em função dos protótipos da EVF – vinculação à mãe

Dimensões	*Padrões de vinculação*								
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	F (3,78)
Responsividade	$7,25^{a}$	0,90	$5,67^{b}$	1,22	$5,17^{bc}$	0,58	$4,41^{cd}$	1,24	32,00***
Encorajamento da Exploração	$6,47^{a}$	1,24	$5,11^{b}$	1,27	$5,17^{ab}$	1,53	$4,77^{b}$	1,29	8,18***
Rejeição	$1,08^{a}$	0,28	$2,83^{b}$	1,40	$2,00^{ab}$	1,00	$2,77^{b}$	1,23	31,15***
Pressão para a Realização	4,96	1,45	5,17	1,66	4,50	1,32	5,68	1,08	0,97
Consistência	$7,31^{a}$	1,01	$5,00^{b}$	1,12	$6,00^{ab}$	0,50	$5,91^{b}$	1,04	17,79***
Procura de Proximidade	$5,53^{a}$	1,05	$5,44^{ab}$	1,59	$3,67^{b}$	0,58	$3,32^{b}$	0,51	15,68***
Ansiedade de Separação	$4,85^{a}$	1,12	$6,33^{b}$	1,32	$4,50^{ab}$	0,87	$5,23^{ab}$	1,99	3,75*
Raiva	$1,37^{a}$	0,69	$3,56^{b}$	2,08	$2,33^{abc}$	1,89	$2,77^{b}$	1,56	13,76***
Autonomia	$6,78^{a}$	1,05	$4,67^{b}$	0,83	$6,67^{ac}$	0,76	$5,45^{bc}$	1,17	14,08***
Inversão de Papéis	$1,28^{a}$	0,68	$2,61^{b}$	1,78	$1,50^{ab}$	0,50	$2,55^{b}$	2,13	6,68***
Qualidade	$7,03^{a}$	0,92	$4,56^{b}$	1,04	$4,33^{b}$	1,15	$4,23^{b}$	1,17	41,05***
Elaboração	6,31	1,22	7,06	1,10	5,67	1,89	5,68	1,79	2,03
Coerência	$6,92^{a}$	1,09	$4,83^{b}$	1,25	$5,67^{ab}$	1.04	$4,63^{b}$	0,74	21,42***
Integração	$6,60^{a}$	1,31	$5,44^{ab}$	0,81	$5,33^{ab}$	0,58	$5,00^{b}$	0,84	7,58***
Insistência em não recordar	2,34	1,83	1,28	0,67	3,33	2,84	2,95	2,55	1,61
Idealização	$2,16^{a}$	1,31	$3,61^{bc}$	1,62	$1,67^{ac}$	0,76	$3,27^{ac}$	1,29	4,93**

Nota. * p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

F (48, 198) = 3,787; p< 0,001

Quadro A7.

Médias e desvios - padrão para as dimensões da EVP em função dos protótipos da EVP – vinculação aos pares

	Padrões de vinculação								
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**		
Dimensões da EVP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	F (32,96)
Domínio das amizades									
Self – disclosure	$7,73^{a}$	0,15	$6,10^{b}$	0,28	$4,38^{ac}$	0,32	$4,34^{ac}$	0,22	9,05***
Envolvimento relativo	5,06	0,10	5,20	0,18	4,75	0,20	4,78	0,14	1,76
Dominância	$5,03^{ab}$	0,12	$5,55^{a}$	0,22	$4,81^{ab}$	0,24	4,60	0,17	4,18**
Qualidade relação c sexo oposto	$5,47^{a}$	0,15	$5,35^{a}$	0,28	$3,81^{b}$	0,31	$4,20^{b}$	0,22	13,22***
Qualidade relação c mm sexo	$6,34^{a}$	0,17	$5,50^{ab}$	0,31	$4,81^{b}$	0,35	$4,81^{b}$	0,25	11,56***
Qualidade global das relações	$6,00^{a}$	0,14	$5,50^{ac}$	0,26	$4,38^{b}$	0,29	$4,66^{bc}$	0,20	15,16***
Domínio das relações amorosas									
Self – disclosure	4,73	0,19	4,80	0,35	3,75	0,39	4,44	0,28	1,91
Envolvimento relativo	$4,74^{a}$	0,21	$5,60^{a}$	0,39	$3,19^{b}$	0,44	$4,44^{a}$	0,31	5,96***
Dominância	$5,06^{a}$	0,16	$4,60^{a}$	0,29	$6,13^{b}$	0,32	$4,88^{a}$	0,23	4,67**
Base segura	3,84	0,30	3,05	0,56	3,69	0,62	2,75	0,44	1,64
Evitamento	$5,50^{a}$	0,22	$5,10^{a}$	0,40	$7,13^{b}$	0,45	$6,56^{a}$	0,32	6,35***
Qualidade das relações	$5,03^{a}$	0,23	$4,30^{a}$	0,43	$3,94^{a}$	0,48	$3,72^{b}$	0,34	4,13**
Dimensões globais									
Procura de proximidade	4,86	0,20	5,50	0,38	4,13	0,42	4,22	0,30	3,18*
Expressividade emocional	$4,27^{a}$	0,18	$6,10^{b}$	0,34	$3,50^{a}$	0,38	$3,78^{a}$	0,27	12,31***
Dependência emocional	$5,44^{a}$	0,17	$7,25^{b}$	0,32	$3,69^{c}$	0,36	$6,06^{a}$	0,26	19,50***
Prestação de cuidados	$5,21^{a}$	0,08	$5,55^{a}$	0,14	$4,50^{b}$	0,16	$5,06^{a}$	0,11	8,54***
Afectuosidade	$5,19^{a}$	0,14	$5,80^{a}$	0,27	$3,75^{b}$	0,30	$3,91^{b}$	0,21	16,87***
Ciúme	$4,67^{a}$	0,21	$6,10^{b}$	0,40	$3,50^{a}$	0,45	$5,30^{ab}$	0,32	7,17***
Ansiedade de separação	$5,14^{ac}$	0,20	$6,70^{b}$	0,37	$3,88^{c}$	0,42	$5,59^{ab}$	0,30	9,12***
Confiança no outro	$5,61^{a}$	0,16	$5,55^{a}$	0,29	$4,63^{a}$	0,33	$3,44^{b}$	0,23	22,19***
Autoconfiança	$5,63^{ac}$	0,17	$4,50^{bd}$	0,31	$5,13^{dc}$	0,35	$3,60^{b}$	0,25	16,53***
Dimensões estruturais das narrativas									
Elaboração	$6,29^{ab}$	0,20	$7,00^{a}$	0,36	$5,31^{bc}$	0,41	$5,09^{c}$	0,29	7,48***
Coerência	6,06	0,16	5,05	0,29	4,75	0,33	4,41	0,23	13,68***
Insistência em não recordar	1,33	0,13	1,20	0,25	1,06	0,28	1,66	0,20	1,28
Riso inapropriado	2,04	0,25	3,30	0,47	2,63	0,53	2,81	0,37	2,32
"Não sei"	2,59	0,27	1,80	0,51	3,38	0,57	3,50	0,40	2,72*
Idealização das relações de amizade	$1,86^{a}$	0,16	$3,65^{b}$	0,31	$2,75^{ab}$	0,34	$2,19^{a}$	0,24	9,60***
Idealização das relações amorosas	$2,36^{a}$	0,20	4,00	0,37	$2,69^{a}$	0,41	$2,81^{a}$	0,29	5,22**
Idealização geral	$2,11^{a}$	0,14	$3,70^{ab}$	0,27	$2,69^{a}$	0,30	$2,81^{a}$	0,21	10,03***

Nota. * p<0,05; ** p< 0,01; *** p< 0,001

$F(87, 120) = 3,332;\ p < 0,001$

Anexo 3.

a. Inventory of Parent and Peer Attachment- IPPA (Armsden e Greenberg, 1987)

b. Parental Separation Inventory – PSI (Hoffman 1984)

c. Self-Description Questionnaire III (Marsh, 1988)

d. Extended Version of the Objective Measure of Ego Identity Status – EOMEIS-2 (Bennion & Adams, 1986)

e. Social Support Appraisals – SSA (Vaux, Burda & Stewart,1986)

f. Network Orientation Scale – NOS (Vaux, Burda & Stewart,1986)

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

IPPA

(Armsden & Greenberg, 1987; Adaptação de Ferreira & Costa, 1996)

Nesta página vai encontrar um conjunto de afirmações acerca do modo como os jovens se sentem com os seus pais. Nas suas respostas deverá considerar a sua família como um todo e não pensar separadamente na sua mãe ou no seu pai. Para cada frase deverá assinalar a sua opinião na **folha de respostas**, podendo escolher entre 4 alternativas:

Concordo Totalmente A	**Concordo** B	**Discordo** C	**Discordo Totalmente** D

1. Os meus pais respeitam os meus sentimentos.
2. Considero que os meus pais têm sucesso enquanto pais.
3. Gostaria de ter pais diferentes.
4. Os meus pais aceitam-me corno eu sou.
5. Quando tenho algum problema para resolver, só posso contar comigo próprio
6. Gosto de ter a opinião dos meus pais em assuntos que me preocupam.
7. Acho inútil demonstrar os meus sentimentos.
8. Os meus pais apercebem-se de quando eu estou preocupado com alguma coisa.
9. Falar acerca dos meus problemas com os meus pais faz-me sentir envergonhado e ridículo.
10. Os meus pais esperam demasiado de mim.
11. Aborreço-me facilmente em casa.
12. Estou muito mais vezes aborrecido do que os meus pais se apercebem.
13. Quando discutimos algum assunto, os meus pais consideram o meu ponto de vista.
14. Os meus pais confiam nas minhas opiniões.
15. Os meus pais têm os seus próprios problemas, por isso não os quero incomodar com os meus.
16. Os meus pais ajudam-me a compreender-me melhor.
17. Falo com os meus pais acerca dos meus problemas e dificuldades.
18. Sinto-me zangado(a) com os meus pais.
19. Não recebo muita atenção em casa.
20. Os meus pais encorajam-me a falar acerca das minhas dificuldades.
21. Os meus pais compreendem-me.
22. Hoje em dia não sei em quem posso confiar.
23. Quando estou zangado por alguma razão, os meus pais tentam ser compreensivos.
24. Confio nos meus pais.
25. Os meus pais não compreendem o que tenho de passar nos dias de hoje.
26. Posso contar com os meus pais quando preciso de desabafar.
27. Sinto que ninguém me compreende.
27. Se os meus pais sabem que qualquer coisa me preocupa, perguntam-me acerca disso.

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

PSI

(Hoffman, 1984; adaptação de Almeida, Dias & Fontaine, 1996)

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com os pais. Leia atentamente cada uma das frases e procure identificar as respostas que exprimem o modo como se sente na relação que tem com os seus pais.

Nas primeiras 22 frases deverá responder com o que se passa com a sua mãe; a partir da frase 23 deverá reportar-se ao que se passa com o seu pai. Para cada frase deverá assinalar a sua opinião na folha de respostas, podendo escolher entre quatro alternativas, a que correspondem quatro letras.

Concordo Totalmente A	**Concordo** B	**Discordo** C	**Discordo Totalmente** D

1. Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe aos meus amigos.
2. Sinto-me constantemente em guerra com a minha mãe.
3. Tenho saudades quando estou muito tempo longe da minha mãe.
4. Por vezes a minha mãe é um peso para mim.
5. A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim.
6. Culpo a minha mãe de muito dos problemas que eu tenho.
7. Estar longe da minha mãe faz-me sentir só.
8. Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora.
9. Quando estou longe de casa, às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe.
10. Gostava que a minha mãe não tentasse manipular-me.
11. Quando vou a casa de férias, gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe.
12. Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe que gostava de não ter.
13. Depois de ir passar férias com a minha mãe, tenho dificuldade em deixá-la.
14. Desejo muitas vezes que a minha mãe me trate mais como um(a) adulto(a).
15. Gosto de abraçar e beijar a minha mãe.

16. Estou muitas vezes zangado(a) com a minha mãe.

17. A minha mãe é a minha melhor amiga.

18. Desejava que a minha mãe não tentasse que eu tomasse o partido dela

19. Julgo ter uma relação mais próxima com a minha mãe do que a maioria das pessoas da minha idade.

20. Por vezes a minha mãe é para mim origem de embaraço.

21. Quando estou longe, sinto-me culpado(a) se não escrevo com frequência suficiente à minha mãe.

22. Fico irritado(a) quando a minha mãe me critica.

23. Gosto de mostrar a fotografia do meu pai aos meus amigos.

24. Sinto-me constantemente em guerra com o meu pai.

25. Tenho saudades quando estou muito tempo longe do meu pai.

26. Por vezes o meu pai é um peso para mim.

27. O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim.

28. Culpo o meu pai de muitos dos problemas que eu tenho.

29. Estar longe do meu pai faz-me sentir só.

30. Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector.

31. Quando estou longe de casa, às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai.

32. Gostava que o meu pai não tentasse manipular-me.

33. Quando vou a casa de férias, gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai.

34. Sinto que tenho obrigações para com o meu pai que gostava de não ter.

35. Depois de ir passar férias com o meu pai tenho dificuldade em deixá-lo.

36. Desejo muitas vezes que o meu pai me trate mais como um(a) adulto(a).

37. Gosto de abraçar e beijar o meu pai.

38. Estou muitas vezes zangado(a) com o meu pai.

39. O meu pai é o meu melhor amigo.

40. Desejava que o meu pai não tentasse que eu tomasse o partido dele.

41. Julgo ter uma relação mais próxima com o meu pai do que a maioria das pessoas da minha idade.

42. Por vezes o meu pai é para mim origem de embaraço.

43. Quando estou longe, sinto-me culpado(a) se não escrevo com frequência suficiente ao meu pai.

44. Fico irritado(a) quando o meu pai me critica.

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

SDQ III

(Marsh, 1988; Adaptação de Faria & Fontaine, 1992)

Esta é uma oportunidade para reflectir sobre o que pensa e sente acerca de si próprio(a). Isto não é um teste: não há boas nem más respostas e todos poderão responder de forma diferente. Nas páginas seguintes vai encontrar um conjunto de afirmações com as quais pode concordar ou discordar em diferentes graus. Existem oito alternativas de resposta para cada frase que são:

concordo totalmente
concordo
concordo moderadamente
concordo mais do que discordo
discordo mais do que concordo
discordo moderadamente
discordo
discordo totalmente

Responda a cada afirmação, tendo em conta a forma como se sente agora, mesmo que se tenha sentido de um modo diferente noutra altura da sua vida.

1. Considero que muitos problemas de Matemática são interessantes e desafiadores.
2. De uma forma geral, eu tenho muito respeito por mim próprio(a).
3. Costumo ser uma pessoa bastante calma e descontraída.
4. Raramente vejo as coisas do mesmo modo que os meus pais.
5. Tenho um corpo fisicamente atraente.
6. Eu sou um(a) bom(boa) atleta.
7. Hesitei em escolher cursos que tivessem Matemática.
8. De um modo geral, tenho falta de confiança em mim próprio(a).
9. Sou uma pessoa que se preocupa muito.
10. Se tiver filhos, gostaria de os criar como os meus pais me criaram.
11. Sou feio(a).
12. Sou desajeitado(a) e um pouco descoordenado(a) na maioria dos desportos e actividades físicas.
13. Sempre fui melhor em Matemática do que noutras disciplinas.
14. De um modo geral, aceito-me bem a mim próprio(a).
15. Sinto-me feliz a maior parte do tempo.
16. Tenho ainda muitos conflitos por resolver com os meus pais.
17. No que diz respeito ao meu corpo, tenho uma boa figura.
18. Tenho boa resistência e energia nos desportos e actividades físicas.
19. A Matemática faz-me sentir incapaz.
20. De um modo geral, não tenho muito respeito por mim próprio(a).
21. Estou ansioso(a) a maior parte do tempo.
22. Em geral, os meus pais sentem-se infelizes ou desapontados com o que eu faço e com o que eu fiz.
23. Há muitas coisas na minha aparência física que eu gostaria de mudar.
24. Detesto desportos e actividades físicas.
25. Sou bastante bom (boa) em Matemática.
26. Na generalidade, eu tenho muita confiança em mim próprio(a).
27. Raramente me sinto deprimido(a).
28. Os meus valores são semelhantes aos dos meus pais.
29. O meu peso está bem (nem sou muito gordo(a) nem muito magro(a)).
30. Tenho muita energia nos desportos e actividades físicas.
31. Tenho dificuldades em perceber qualquer coisa que se baseie em Matemática.
32. De um modo geral, eu tenho uma ideia muito positiva de mim próprio(a).
33. Tenho tendência a ser emotivo(a), tenso(a) e inquieto(a).
34. Os meus pais nunca me respeitaram muito.
35. Não gosto da minha aparência.
36. Eu não sou bom(boa) em actividades que exijam capacidade física e coordenação.
37. Eu sempre fui bom(boa) em Matemática.
38. De um modo geral, nada do que faço é realmente importante.
39. Eu não perco muito tempo a preocupar-me com as coisas.

40. Os meus pais sempre me trataram de uma forma justa.
41. Eu tenho feições bonitas.
42. Gosto de praticar intensamente desportos e actividades físicas.
43. Tenho sempre dificuldades em testes que exigem capacidade de raciocínio matemático.
44. Na generalidade, tenho sentimentos positivos relativamente a mim próprio(a).
45. Sinto-me deprimido(a) com frequência.
46. Sempre foi difícil para mim falar com os meus pais.
47. Gostaria de ser mais atraente fisicamente.
48. Sou fraco(a) na maior parte dos desportos e actividades físicas.
49. Na escola, os meus colegas procuram-me sempre para pedir ajuda em Matemática
50. De um modo geral, eu tenho uma ideia pouco positiva de mim próprio(a).
51. Tenho tendência a ser um(a) optimista.
52. Os meus pais compreendem-me.
53. A maioria dos meus colegas têm melhor aparência física do que eu.
54. Gosto de desportos e actividades físicas.
55. Nunca me entusiasmei muito pela Matemática.
56. De um modo geral, eu tenho sentimentos bastante negativos em relação a mim próprio(a).
57. Tenho tendência a ser uma pessoa muito nervosa.
58. Gosto dos meus pais.
59. Tenho boa aparência física.
60. Sou do tipo sedentário e evito actividades enérgicas.
61. De um modo geral, faço muitas coisas importantes.
62. De um modo geral, não me aceito muito bem a mim próprio(a).

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

EOMEIS - 2

(Bennion & Adams, 1986)
(Versão para investigação P. Mena Matos & M.E. Costa, 1997)

Nas folhas que se seguem vai encontrar uma série de frases que dizem respeito a diversas áreas da vida dos jovens. Leia atentamente cada uma das frases e procure identificar as respostas que exprimem o modo como pensa e sente relativamente a cada um dos assuntos, reportando-se aquilo que acontece consigo. Para cada frase deverá assinalar na folha de respostas a sua opinião, podendo escolher entre seis alternativas, a que correspondem seis letras:

Concordo Fortemente **A**	**Concordo** **B**	**Concordo Moderadamente** **C**	**Discordo Moderadamente** **D**	**Discordo** **E**	**Discordo Fortemente** **F**

1. Eu ainda não escolhi o que quero fazer na vida, em termos profissionais, e estou à espera de que me surja alguma ideia.

2. Não há nenhuma religião com que me identifique, mas também não estou muito preocupado(a) com isso.

3. As ideias que eu tenho sobre as diferenças entre homens e mulheres são fortemente influenciadas pelos meus pais.

4. Não me identifico com nenhum estilo de vida em particular.

5. Existem diferentes tipos de amigos e ainda não sei bem com qual deles me sinto melhor.

6. Não costumo tomar a iniciativa de fazer qualquer coisa nos tempos livres. Vou para onde me levarem.

7. Namorar é um assunto com o qual não me preocupo muito.

8. Apesar de se poder ter poucas certezas acerca da política, acho importante ter as minhas opções.

9. Eu ainda estou a tentar definir o meu projecto profissional.

10. Preocupo-me pouco com questões que tenham a ver com a religião.

11. Há diferentes maneiras de dividir responsabilidades e tarefas no casamento. Eu ainda não sei bem como gostaria que acontecesse comigo.

12. Tenho pensado no estilo de vida que gostaria de ter.

13. Sei bem quais são os amigos com quem eu me sinto melhor.

14. Tenho experimentado várias actividades de tempos livres, mas ainda não me decidi por nenhuma em particular.

15. Como já tive vários(as) namorados(as), sei o que procuro numa relação de namoro.

16. Nunca pensei verdadeiramente em política. Simplesmente não me interessa muito.

17. Eu podia ter pensado numa série de profissões para o meu futuro mas, realmente, os meus pais tiveram um papel decisivo na minha escolha.

18. A fé é algo de único. Eu próprio(a) penso várias vezes sobre a questão e tenho uma posição acerca dela.

19. Na verdade, eu nunca pensei seriamente na distribuição dos papéis masculinos e femininos no casamento. É um assunto que não me preocupa

20. Tenho pensado bastante acerca do estilo de vida que gostaria de ter. Já cheguei a algumas conclusões.

21. Os meus pais sabem o que é melhor para mim no que se refere à escolha dos meus amigos.

22. Pensei em várias alternativas e escolhi uma (ou mais) actividade(s) que gosto de fazer nos tempos livres.

23. Eu não penso muito em namorar. Aproveito as oportunidades que me surgem.

24. Os meus pais tiveram uma influência decisiva nas minhas opções políticas.

25. Para mim qualquer profissão serve.

26. Tenho-me interrogado acerca do significado da religião para mim.

27. A minha ideia acerca do que é ser homem e do que é ser mulher foi-me transmitida pelos meus pais e não tenho necessidade de a pôr em causa.

28. O estilo de vida que eu desejo para mim é aquele que os meus pais sempre valorizaram.

29. Não tenho grandes amigos e não sinto necessidade de nenhum neste momento.

30. Gosto de participar em actividades de lazer, mas não vejo necessidade de procurar uma actividade para praticar regularmente.

31. Tenho tido várias relações de namoro, mas ainda não estou seguro(a) do que quero para mim.

32. Há tantos partidos e ideias políticas diferentes. Não consigo optar por nenhum até ter uma ideia mais clara acerca de cada um deles.

33. Demorei algum tempo a decidir, mas agora sei que rumo dar à minha vida em termos profissionais.

34. Actualmente a religião é um tema confuso para mim. Estou sempre a mudar as minhas opiniões acerca dele.

35. Tenho pensado sobre os papeis do homem e da mulher no casamento e acho que sei como gostaria que acontecesse comigo.

36. Tenho-me interrogado acerca do que espero da vida, mas ainda não tenho nenhuma posição.

37. É muito importante que os meus pais aprovem os amigos com quem ando.

38. Nos tempos livres sinto-me bem a fazer o que os meus pais costumam fazer.

39. É muito importante para mim que os meus pais aceitem o(a) meu(minha) namorado(a).

40. No que respeita à política, em alguns aspectos concordo com os meus pais, em outros discordo.

41. Os meus pais sempre tiveram projectos para mim em termos profissionais e eu penso seguir os planos deles.

42. Atravessei um período de questionamento acerca da fé e agora estou mais seguro acerca das minhas opções.

43. Não tenho ainda uma opinião formada de como marido e mulher devem distribuir responsabilidades no casamento.

44. A visão dos meus pais sobre a vida parece-me suficientemente boa para mim. Não preciso de mais nenhuma.

45. Tive várias amizades diferentes e agora tenho uma ideia mais clara do tipo de pessoas com quem gosto mais de estar.

46. Experimentei várias actividades de tempos livres e acabei por escolher uma que pratico regularmente.

47. Ainda não tenho uma ideia clara do que espero de uma relação de namoro.

48. Estou a tentar definir-me politicamente.

49. Demorei bastante tempo a decidir, mas agora estou bastante certo(a) da direcção a tomar em relação ao meu futuro profissional.

50. Pratico a mesma religião que a minha família. Nunca me questionei verdadeiramente porquê.

51. Há muitas formas de um casal dividir as responsabilidade familiares. Tenho pensado em muitas delas e acho que sei o que desejo para mim.

52. Gosto da vida de uma forma geral e não estou a ver que tenha que adoptar necessariamente uma perspectiva pessoal acerca dela.

53. Não tenho grandes amigos. Prefiro andar por aí com as pessoas e divertir-me.

54. Tenho experimentado várias actividades recreativas na esperança de encontrar uma (ou mais) que realmente me agrade(m).

55. Eu namorei com diferentes tipos de pessoas e sei melhor o que espero de uma relação e de um(a) namorado(a).

56. Nunca me envolvi suficientemente em política para ter uma opinião formada sobre o assunto.

57. Não consigo decidir que curso ou que profissão escolher. Existem tantas alternativas que me atraem.

58. Nunca senti necessidade de questionar verdadeiramente a minha religião. Se está bem para os meus pais, também está bem para mim.

59. Hoje em dia, os papeis do homem e da mulher parecem bastante confusos. Por isso, não penso muito nesta questão.

60. Depois de reflectir bastante, tenho uma ideia mais clara de como gostaria que fosse o meu estilo de vida.

61. Tenho-me interrogado acerca do valor da amizade, e ainda não estou certo do seu papel na minha vida.

62. Os meus pais têm um papel decisivo na escolha das minhas actividades de tempos livres.

63. Só me sinto bem a namorar com pessoas que os meus pais aprovem.

64. A minha família tem convicções morais e políticas sobre determinados temas, que têm sido decisivas na formação das minhas opiniões.

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

SSA

(Vaux, 1986; Adaptação de Antunes & Fontaine, 1994)

Nesta página vai encontrar um conjunto de frases sobre o seu relacionamento com diferentes pessoas. Para cada frase deverá assinalar a sua opinião na folha de respostas, podendo escolher entre quatro alternativas, a que correspondem quatro letras:

Concordo Totalmente A	Concordo B	Discordo C	Discordo Totalmente D

1. Os meus amigos respeitam-me.
2. Tenho professores que se preocupam bastante comigo.
3. A minha família estima-me muito.
4. Eu não sou importante para os outros.
5. Os meus professores estimam-me.
6. A minha família preocupa-se bastante comigo.
7. As pessoas, de um modo geral, gostam de mim.
8. Posso confiar nos meus amigos.
9. Sou muito admirado(a) pela minha família.
10. Eu sou respeitado(a) pela generalidade das pessoas.
11. Os meus amigos não se preocupam nada comigo.
12. Eu sou bastante admirado(a) pelos meus professores.
13. As pessoas têm muita estima por mim.
14. Sinto-me muito ligado(a) aos meus amigos.
15. Os meus professores confiam em mim.
16. A minha família gosta muito de mim.
17. Os meus amigos gostam de estar comigo.
18. Não posso contar com nenhum dos meus professores para me dar apoio.
19. Os membros da minha família confiam em mim.
20. Sinto que as pessoas, de um modo geral, me admiram.
21. A maioria dos meus professores respeitam-me muito.
22. Não posso contar com a minha família para me dar apoio.
23. Sinto-me bem quando estou com outras pessoas.
24. Eu e os meus amigos somos muito importantes uns para os outros.
25. A minha família respeita-me muito.
26. Sinto que as pessoas me dão valor .
27. Eu e os meus amigos temo-nos ajudado imenso uns aos outros.
28. Não me sinto muito chegado(a) aos meus professores.
29. Se eu amanhã morresse, poucas pessoas teriam saudades de mim.
30. Não me sinto muito ligado(a) à minha família.

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

NOS

(Vaux, Burda & Stewart, 1986; Adaptação de Antunes & Fontaine, 1992)

Nesta página vai encontrar um conjunto de frases sobre o seu relacionamento com outras pessoas. Para cada frase deverá assinalar a sua opinião na folha de respostas, podendo escolher entre quatro alternativas, a que correspondem quatro letras:

Concordo Totalmente **A**	**Concordo** **B**	**Discordo** **C**	**Discordo Totalmente** **D**

1. Às vezes é preciso falar com alguém sobre os nossos problemas.
2. Os amigos, por vezes, dão-nos bons conselhos.
3. Temos que ter cuidado com as pessoas a quem contamos coisas pessoais.
4. É frequente as outras pessoas darem-me bons conselhos.
5. As pessoas deviam guardar os seus problemas para si próprias.
6. Tenho facilidade em falar dos meus problemas pessoais.
7. Os meus amigos já me ajudaram bastante com problemas meus.
8. Não se pode confiar nas pessoas para guardar segredos.
9. Quando uma pessoa tem um problema, devia falar disso com um amigo.
10. Os outros não compreendem os meus problemas.
11. Toda a gente tem alguém em quem pode confiar um problema pessoal.
12. Se eu não consigo resolver os meus próprios problemas, mais ninguém pode.
13. Nunca achei que as opiniões dos outros me ajudassem a resolver os meus problemas.
14. Quando estamos aborrecidos com alguma coisa, ajuda imenso contar a um amigo o que se passa.
15. Algumas coisas são demasiado pessoais para se contar a quem quer que seja.
16. É fácil saber em quem se pode confiar e em quem não se pode.
17. Já fui traído(a) por pessoas em quem confiava.
18. Se confiarmos aos outros os nossos problemas, eles podem aproveitar-se disso mais tarde para nos prejudicar.
19. Não há mal nenhum em pedir favores aos outros.
20. Mesmo que precisasse de um favor de alguém, seria incapaz de lho pedir.

Anexo 4.

Ficha de identificação

Código ___/___/___

Quem sou eu?

Nome completo _____

Data de Nascimento ___/___/___ Idade em anos ____ Telef. ( ) _____

Morada _____ Código Postal _____

Quem é a minha família?

PAI

Idade___

Profissão _____

Escolaridade_____

MÃE

Idade ___

Profissão_____

Escolaridade_____

Estado Civil dos pais

1- Casados ☐
2- Separados ☐ Há quanto tempo? ____
3- Divorciados ☐ Há quanto tempo? ____
4- Viuvez ☐ Há quanto tempo? ____

Nº de irmãos_____

Pessoas com quem vivo_____

A minha escola?

Escola que frequento? _____

Ano de escolaridade _____ Turma _____

Agrupamento que escolhi:

Científico-Natural ☐ Económico-Social ☐
Artes ☐ Humanidades ☐

Quais são os meus projectos?

Após o 12º ano, o que penso fazer?

. Inscrever-me num curso superior universitário ☐
. Inscrever-me num curso superior politécnico ☐
. Não sei o que vou fazer ☐
. Vou deixar de estudar para tentar entrar no mundo do trabalho ☐
. Outra alternativa. Qual? _____

Anexo 5.

a. Carta dirigida ao Presidente do Conselho Directivo das escolas seleccionadas

b. Carta dirigida ao participante

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Exmº(ª) Senhor(a)
Presidente do Conselho Directivo
Escola Secundária Abel Salazar

Exmºs Senhores,

Está neste momento em curso uma investigação levada a cabo pelo Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, que procura estudar a natureza e a qualidade das relações afectivas que os jovens têm com os seus pares e a sua família, procurando avaliar dimensões que contribuem para o ajustamento e o desenvolvimento psicossocial do jovem.

Na Área Metropolitana do Porto foram seleccionadas várias escolas, entre as quais a Escola Secundária Abel Salazar.

Vimos, por este meio, solicitar a colaboração de V. Exª e da comunidade escolar através da permissão de administração de diversos inquéritos às turmas do 12º ano, na semana de 3 a 7 de Abril.

O preenchimento dos inquéritos exige a disponibilidade dos alunos para dois dias seguidos, cerca de 45 minutos cada dia.

Ficando a aguardar resposta de V. Exª, agradecíamos se nos fossem indicados os dias e as horas mais convenientes para a administração.

Agradecendo antecipadamente, e estando ao dispôr para qualquer informação.

Com os melhores cumprimentos

Porto, 31 de Janeiro de 1997

Prof. Doutora Maria Emília Costa
(Responsável pela investigação)

Rua do Campo Alegre, 1021/1055 • 4169 - 004 Porto • Telef. 22 607 97 00 - Fax: 22 607 97 25 • Email FPCE@psi.up.pt.

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Porto, Abril de 1997

Caro(a) Jovem

Está a ser realizado pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto um projecto de investigação, cujo objectivo é conhecer melhor os jovens portugueses e especificamente como sentem eles as relações que têm com figuras muito próximas, como os pais e o(a) namorado(a). A sua escola foi seleccionada para fazer parte da amostra estudada e, por isso, lhe pedimos a sua colaboração no preenchimento de diferentes inquéritos.

Os resultados dos inquéritos são estritamente confidenciais e não serão mostrados a ninguém. Os dados biográficos e demográficos que lhe solicitamos, como por exemplo o nome, a idade, a morada, etc. servem, apenas, para caracterizar a amostra na sua totalidade e para identificar a pertença dos diferentes inquéritos a uma só pessoa, uma vez que os mesmos vão ser respondidos em dois momentos diferentes. Hoje serão passados alguns inquéritos e amanhã serão passados os restantes.

Pretende-se que seja o mais sincero(a) possível e que dê a sua opinião relativamente a diferentes questões que fazem parte da vida dos jovens. Não existem respostas certas ou erradas, nem se procura avaliar se está ou não a dizer a verdade. O que interessa é que responda de acordo com aquilo que sente e que pensa. Sempre que tiver alguma dúvida, ponha o dedo no ar e uma das psicólogas procurará responder à sua questão. Como os inquéritos vão ser respondidos por mais de 500 jovens, por favor, escreva as suas respostas apenas na folha de respostas e mantenha o original com as afirmações intacto.

A participação é voluntária.

Agradecendo a sua colaboração, com os melhores cumprimentos

Pela Equipa de Investigação

(Drª Paula Mena Matos)

Rua do Campo Alegre, 1021/1055 • 4169 - 004 Porto • Telef. 22 607 97 00 - Fax: 22 607 97 25 • Email FPCE@psi.up.pt.

Anexo 6.

Quadro A8: Médias e desvios-padrão para as dimensões do QVA em função da duração da relação

Quadro A8.

Médias e desvios padrão para as dimensões do QVA em função da duração da relação

	Grupo 1 (n=145)		**Grupo 2** (n=90)		**Grupo 3** (n=62)		**Grupo 4** (n=42)	
Dimensões	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Ambivalência	20,45	4,29	20,02	4,70	19,21	3,81	20,06	4,50
Desconfiança	20,11	6,14	20,02	7,01	18,23	5,18	18,43	4,75
Dependência	27,49	6,72	28,77	6,87	30,50	6,98	30,83	6,48
Evitamento	24,27	6,06	24,14	7,55	22,23	5,98	21,52	5,36

Nota. Grupo 1= 0 – 6 meses; Grupo 2 = 7 – 12 meses; Grupo 3 = 13 – 24 meses; Grupo 4 = mais de 2 anos.

Anexo 7.

a. Quadro A9: Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra total
b. Quadro A10: Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra feminina
c. Quadro A11: Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra masculina
d. Quadro A12: Médias e desvios-padrão para a vinculação aos pares e aos pais
e. Quadro A13. Médias e desvios-padrão para as dimensões de relacionamento com a mãe em função do género do adolescente
f. Quadro A14: Médias e desvios-padrão para as dimensões de relacionamento com os pais

Quadro A9.

Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe- amostra total

Padrões de vinculação	M	DP	t	p
seguro - mãe	5,74	2,01	0,875	0,384
seguro - pai	5,65	2,01		
preocupado - mãe	2,27	1,71	2,728	**0,008**
preocupado - pai	1,98	1,46		
desinvestido - mãe	1,85	1,27	-1,708	0,091
desinvestido - pai	2,00	1,53		
amedrontado - mãe	2,25	1,96	0,314	0,754
amedrontado - pai	2,23	1,87		

Nota. As diferenças significativas têm assinaladas a carregado o valor de p.

Quadro A10.

Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra feminina

Padrões de vinculação	M	DP	t	p
seguro –mãe	5,61	2,10	0,15	0,88
seguro - pai	5,59	2,07		
preocupada - mãe	2,48	1,74		
preocupado - pai	2,23	1,63	2,01	**0,05**
desinvestido - mãe	1,82	1,28		
desinvestido - pai	1,84	1,32	-0,19	0,85
amedrontado - mãe	2,33	2,06		
amedrontado - pai	2,31	1,89	0,18	0,86

Nota. As diferenças significativas têm assinaladas a carregado o valor de p.

Quadro A11.

Médias e desvios-padrão para a vinculação ao pai e à mãe - amostra masculina

Padrões de vinculação	M	DP	t	p
seguro –mãe	6,02	1,82	1,19	0,24
seguro - pai	5,81	1,91		
preocupada - mãe	1,95	1,60		
preocupado - pai	1,53	0,99	2,09	**0,05**
desinvestido - mãe	1,89	1,25		
desinvestido - pai	2,25	1,81	-2,51	**0,02**
amedrontado - mãe	2,09	1,79		
amedrontado - pai	2,05	1,83	0,31	0,76

Nota. As diferenças significativas têm assinaladas a carregado o valor de p.

Quadro A12.

Médias e desvios – padrão para a vinculação aos pares e aos pais

Padrões de vinculação	M	DP	t	p
seguro - pares	4,33	1,91	-5,647	**0,000**
seguro - pai	5,65	2,01		
seguro - pares	4,33	1,91	-5,876	**0,000**
seguro - mãe	5,74	2,01		
preocupado - pares	2,77	1,75	4,014	**0,000**
preocupado - pai	1,99	1,47		
preocupado - pares	2,77	1,75	2,244	**0,028**
preocupado - mãe	2,27	1,71		
desinvestido - pares	2,38	1,55	2,016	**0,047**
desinvestido - pai	2,00	1,53		
desinvestido - pares	2,38	1,55	2,837	**0,006**
desinvestido - mãe	1,85	1,27		
amedrontado - pares	3,92	2,11	6,891	**0,000**
amedrontado - pai	2,23	1,87		
amedrontado - pares	3,92	2,11	6,643	**0,000**
amedrontado - mãe	2,25	1,96		

Nota. As diferenças significativas têm assinaladas a carregado o valor de p.

Quadro A13.

Médias e desvios-padrão para as dimensões de relacionamento com a mãe em função do género do adolescente

Dimensões	Sexo	M	DP
Responsividade	Feminimo	5,66	0,20
	Masculino	5,71	0,26
Encorajamento da exploração	Feminimo	5,45	0,26
	Masculino	5,23	0,33
Rejeição	Feminimo	2,21	0,14
	Masculino	2,13	0,18
Pressão para a realização	Feminimo	5,17	0,30
	Masculino	5,04	0,38
Consistência de atitudes e comportamentos	Feminimo	6,01	0,21
	Masculino	6,20	0,27
Procura de proximidade e apoio	Feminimo	4,70a	0,20
	Masculino	4,23b	0,26
Ansiedade de separação	Feminimo	5,59a	0,24
	Masculino	4,61b	0,31
Raiva/revolta	Feminimo	2,48	0,23
	Masculino	2,64	0,30
Autonomia	Feminimo	5,70a	0,20
	Masculino	6,11b	0,26
Inversão de papéis	Feminimo	2,10	0,23
	Masculino	1,88	0,30
Qualidade da relação	Feminimo	5,11	0,20
	Masculino	5,07	0,26

Quadro A14.

Médias e desvios-padrão para as dimensões de relacionamento com os pais

Dimensões de relacionamento com os pais		M	DP	t	p
Responsividade	Mãe	6,62	1,43	2,538	**0,013**
	Pai	6,30	1,54		
Encorajamento de exploração	Mãe	6,05	1,42		0,069
	Pai	6,22	1,37	-1,841	
Rejeição	Mãe	1,54	1,01		
	Pai	1,60	1,18	-0,735	0,464
Pressão para a realização	Mãe	5,06	1,43		
	Pai	5,15	1,45	-0,786	0,434
Consistência de atitudes e comportamentos	Mãe	6,82	1,30		
	Pai	6,80	1,27	0,435	0,665
Procura de proximidade e apoio	Mãe	5,15	1,31		
	Pai	4,71	1,28	4,763	**0,000**
Ansiedade de separação	Mãe	5,05	1,35		
	Pai	4,82	1,24	3,972	**0,000**
Raiva	Mãe	1,84	1,33		
	Pai	1,88	1,40	-0,581	0,563
Idealização	Mãe	2,45	1,43		
	Pai	2,49	1,43	-0,433	0,666
Autonomia	Mãe	6,37	1,27		
	Pai	6,45	1,25	-1,773	0,080
Inversão de papéis	Mãe	1,60	1,23		
	Pai	1,34	0,80	3,097	**0,003**
Qualidade da relação	Mãe	6,28	1,54		
	Pai	6,06	1,55	2,177	**0,032**

Nota. As diferenças significativas têm assinaladas a carregado o valor de p.

Anexo 8.

a. Quadro A15: Correlações entre padrões de vinculação aos pares e dimensões da EVF para as amostra feminina, masculina e total

b. Quadro A16: Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra total

c. Quadro A17: Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra feminina

d. Quadro A18: Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra masculina

Quadro A15.

Correlações entre padrões de vinculação aos pares e dimensões da EVF para as amostras feminina masculina e total

		Padrões de vinculação aos pares											
		Seguro			**Preocupado**			**Desinvestido**			**Amedrontado**		
Dimensões da EVF		F	M	Total	F	M	Total	F	M	Total	F	M	Total
Responsividade	**Mãe**	0,274*	0,289	0,277*	-0,130	-0,083	-0,115	0,012	0,014	-0,115	-0,368**	-0,246	-0,320**
	Pai	0,239	0,357	0,274*	-0,105	0,023	-0,071	0,036	-0,024	-0,071	-0,395**	-0,403*	-0,388**
Encorajamento	**Mãe**	0,231	0,195	0,231*	-0,078	-0,011	-0,074	-0,022	-0,027	-0,074	-0,307*	-0,238	-0,298**
da exploração	**Pai**	0,177	0,333	0,246*	0,057	0,083	0,044	-0,017	-0,140	0,044	-0,416**	-0,320	-0,396**
Rejeição	**Mãe**	-0,353*	-0,102	-0,272*	0,274*	-0,030	0,196	-0,078	-0,026	0,196	0,353*	0,166	0,296**
	Pai	-0,271	-0,185	-0,222*	0,229	-0,082	0,109	-0,139	0,018	0,109	0,322*	0,281	0,282*
Pressão para a	**Mãe**	-0,171	-0,125	-0,156	0,080	-0,069	0,037	0,014	0,086	0,037	0,133	0,024	0,097
realização	**Pai**	-0,200	-0,240	-0,212	0,088	-0,072	0,033	-0,149	-0,007	0,033	0,303*	0,301	0,291**
Consistência	**Mãe**	0,262	0,010	0,180	-0,290*	0,114	-0,187	0,108	-0,025	-0,187	-0,313*	-0,038	-0,221*
	Pai	0,273	0,128	0,216	-0,239	-0,099	-0,191	0,070	-0,204	-0,191	-0,327*	-0,008	-0,208
Procura de	**Mãe**	0,052	0,069	0,029	0,029	-0,256	-0,018	-0,133	0,136	-0,018	-0,114	-0,179	-0,090
proximidade	**Pai**	0,207	0,208	0,198	0,009	-0,304	-0,068	-0,128	0,147	-0,068	-0,328*	-0,343	-0,315**
Ansiedade de	**Mãe**	-0,235	0,147	-0,117	0,059	-0,075	0,069	-0,112	-0,184	0,069	0,295*	0,143	0,286**
separação	**Pai**	-0,115	0,112	-0,054	0,013	-0,064	0,036	-0,093	-0,191	0,036	0,160	0,178	0,220*
Raiva	**Mãe**	-0,196	-0,179	-0,190	0,241	-0,041	0,165	-0,144	0,092	-0,059	0,203	0,110	0,171
	Pai	-0,249	-0,279	-0,260*	0,271	-0,188	0,154	-0,268	0,295	-0,067	0,347*	0,094	0,265*
Autonomia	**Mãe**	0,309*	0,167	0,289**	-0,295*	-0,127	-0,277*	0,235	0,024	0,168	-0,454**	-0,287	-0,434**
	Pai	0,285*	0,241	0,291**	-0,301*	-0,091	-0,261*	0,248	-0,108	0,121	-0,436**	-0,273	-0,406**
Inversão de	**Mãe**	-0,166	-0,215	-0,192	0,514**	0,117	0,432**	-0,280*	-0,030	-0,202	0,044	0,176	0,103
papéis	**Pai**	-0,160	-0,339	0,218*	0,424**	-0,013	0,333**	-0,246	0,124	-0,132	0,085	0,313	0,160
Qualidade	**Mãe**	0,287*	0,318	0,300**	-0,213	-0,163	-0,200	0,051	0,032	0,046	-0,356**	-0, 431*	-0,380**
	Pai	0,293*	0,369*	0,325**	-0,070	-0,137	-0,097	0,069	-0,051	0,030	-0,525**	-0,434*	-0,498**
Idealização	**Mãe**	-0,245	-0,007	-0,178	-0,045	0,077	0,018	-0,025	0,013	-0,021	0,422**	0,041	0,308**
	Pai	-0,208	-0,153	-0,203	0,016	0,020	0,036	0,033	0,002	0,012	0,256	0,223	0,264*
Elaboração		0,209	0,450*	0,286**	0,233	0,459*	0,275*	-0,382**	-0,486**	-0,409**	-0,223	-0,334	-0,260*
Coerência		0,403**	0,273	0,361**	-0,238	-0,287	-0,251*	-0,069	0,036	-0,028	-0,341*	-0,309	-0,331**
Integração		0,407**	0,229	0,324**	-0,085	-0,022	-0,054	-0,108	-0,058	-0,090	-0,449**	-0,256	-0,352**
Insistência não recordar		-0,118	-0,297	-0,168	-0,323*	-0,144	-0,272*	0,278*	0,020	0,195	0,168	0,349	0,220*

Nota. * p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

Quadro A16.

Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP – amostra total

	Padrões de vinculação aos pais							
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
Dimensões da EVP	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Domínio das amizades								
Self – disclosure	0,029	0,106	0,182	0,266*	-0,195	-0,288**	0,031	0,031
Envolvimento relativo	0,177	0,097	-0,047	0,044	-0,134	-0,078	-0,183	-0,149
Dominância	0,102	0,050	0,041	0,046	-0,065	-0,055	-0,081	0,001
Qualidade relação c sexo oposto	0,230*	0,255*	-0,086	-0,119	-0,101	-0,129	-0,189	-0,168
Qualidade relação c mm sexo	0,263*	0,288**	-0,029	-0,033	-0,175	-0,155	-0,185	-0,193
Qualidade global das relações	0,336**	0,349**	-0,079	-0,085	-0,183	-0,167	-0,255*	-0,246*
Domínio das relações amorosas								
Self – disclosure	0,132	0,163	0,074	0,092	-0,033	-0,104	-0,102	-0,133
Envolvimento relativo	-0,164	-0,156	0,108	0,080	-0,022	-0,035	0,074	0,101
Dominância	0,114	0,141	0,028	-0,080	0,078	0,046	-0,146	-0,136
Base segura	0,250*	0,273*	-0,061	-0,168	-0,050	-0,052	-0,250*	-0,200
Situações de abuso	-0,141	-0,131	0,246*	0,022	0,049	0,074	0,087	0,247*
Evitamento	-0,118	-0,236*	0,120	0,134	0,072	0,220	0,090	0,075
Qualidade das relações	0,206	0,272*	-0,034	-0,093	-0,067	-0,151	-0,244*	-0,245*
Dimensões globais								
Procura de proximidade	0,206	0,137	-0,031	0,107	-0,182	-0,169	-0,154	-0,177
Expressividade emocional	0,098	0,093	0,058	0,124	-0,160	-0,209	-0,066	0,004
Dependência emocional	-0,206	-0,172	0,289**	0,427**	-0,181	-0,233*	0,233*	0,202
Prestação de cuidados	0,046	0,134	0,110	0,223*	-0,124	-0,208	-0,116	-0,100
Afectuosidade	0,155	0,208	0,082	0,046	-0,122	-0,189	-0,189	-0,132
Ciúme	-0,286**	-0,240*	0,234*	0,282*	-0,146	-0,251*	0,258*	0,329**
Ansiedade de separação	-0,305**	-0,276*	0,206	0,254*	-0,135	-0,154	0,301**	0,282*
Confiança no outro	0,416**	0,453**	-0,162	-0,178	-0,200	-0,201	-0,291**	-0,258*
Autoconfiança	0,374**	0,353**	-0,170	-0,212	-0,087	-0,054	-0,302**	-0,232*
Dimensões estruturais das narrativas								
Elaboração	-0,081	0,016	0,281*	0,227*	-0,061	-0,104	0,022	0,056
Coerência	0,181	0,249*	-0,214	-0,212	0,010	-0,072	-0,166	-0,170
Insistência em não recordar	-0,001	0,003	-0,135	-0,174	0,142	0,089	0,060	0,043
Riso inapropriado	-0,163	-0,172	0,335**	0,269*	-0,031	-0,029	0,117	0,174
"Não sei"	-0,201	-0,148	-0,124	-0,184	0,305**	0,249*	0,142	0,126
Idealização das relações de amizade	-0,134	-0,161	0,205	0,289**	0,077	0,131	0,051	0,086
Idealização das relações amorosas	-0,297**	-0,364**	0,353**	0,420**	0,019	0,080	0,280*	0,292**
Idealização geral	-0,221*	-0,289**	0,315**	0,340**	0,049	0,129	0,132	0,154
Informações adicionais								
Frequência choro	-0,108	-0,047	0,320**	0,223*	-0,224*	-0,264*	0,028	0,078
Situação choro	-0,103	-0,072	0,242*	0,309**	-0,234*	-0,224*	0,108	0,116
Duração da relação mais longa	0,110	0,107	-0,023	-0,112	-0,020	-0,020	-0,113	-0,039
Duração da relação actual	0,081	0,080	-0,033	0,028	-0,160	-0,083	-0,040	-0,033
Nível de envolvimento	-0,001	0,066	0,133	0,010	-0,065	-0,164	-0,064	-0,024
Número de relações significativas	-0,075	-0,021	0,059	-0,001	0,078	-0,011	-0,120	-0,060

Nota. * p<0,05; ** p< 0,01; *** p< 0,001

Quadro A17.

Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP - amostra feminina

	Padrões de vinculação aos pais							
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
Dimensões da EVP	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Domínio das amizades								
Self – disclosure	-0,027	0,105	0,178	0,219	-0,142	-0,307*	0,087	0,061
Envolvimento relativo	0,108	0,091	0,012	0,086	-0,067	-0,020	-0,137	-0,119
Dominância	0,119	0,176	-0,129	-0,168	0,153	0,113	-0,169	-0,265
Qualidade relação c sexo oposto	0,296*	0,341*	-0,158	-0,203	-0,121	-0,192	-0,210	-0,170
Qualidade relação c mm sexo	0,358**	0,357**	-0,178	-0,184	-0,242	-0,259	-0,225	-0,219
Qualidade global das relações	0,409**	0,438**	-0,180	-0,191	-0,236	-0,284*	-0,285*	-0,261
Domínio das relações amorosas								
Self – disclosure	0,168	0,194	-0,015	0,042	0,011	-0,099	-0,095	-0,130
Envolvimento relativo	-0,188	-0,136	0,273	0,198	-0,046	-0,126	0,057	0,174
Dominância	0,071	0,023	0,038	0,048	-0,088	-0,145	-0,054	0,063
Base segura	0,270	0,285	-0,288	-0,373*	0,062	0,061	-0,233	-0,187
Situações de abuso	-0,203	-0,204	0,263	0,064	-0,089	-0,051	0,091	0,261
Evitamento	-0,154	-0,291*	0,072	0,101	-0,021	0,170	0,181	0,142
Qualidade das relações	0,265	0,311*	-0,168	-0,237	0,003	-0,099	-0,265	-0,256
Dimensões globais								
Procura de proximidade	0,183	0,147	-0,021	0,031	-0,095	-0,059	-0,135	-0,176
Expressividade emocional	0,118	0,141	0,043	0,089	-0,150	-0,242	-0,095	0,008
Dependência emocional	-0,245	-0,232	0,537**	0,608**	-0,175	-0,273	0,229	0,257
Prestação de cuidados	0,030	0,083	0,073	0,178	0,020	-0,029	-0,105	-0,057
Afectuosidade	0,263	0286*,	-0,093	-0,062	-0,137	-0,268	-0,235	-0,144
Ciúme	-0,354*	-0,302*	0,439**	0,404**	-0,109	-0,248	0,243	0,356*
Ansiedade de separação	-0,398**	-0,385**	0,392**	0,352*	-0,070	-0,114	0,330*	0,377**
Confiança no outro	0,447**	0,485**	-0,280*	-0,242	-0,184	-0,250	-0,316*	-0,284*
Autoconfiança	0,449**	0,421**	-0,290*	-0,296*	-0,141	-0,154	-0,368**	-0,294*
Dimensões estruturais das narrativas								
Elaboração	-0,006	0,078	0,221	0,231	-0,090	-0,202	-0,063	-0,019
Coerência	0,167	0,232	-0,346*	-0,316*	0,061	-0,062	-0,133	-0,127
Insistência em não recordar	-0,001	0,026	-0,052	-0,127	0,080	0,022	0,048	0,027
Riso inapropriado	-0,193	-0,277*	0,395**	0,373**	-0,101	-0,043	0,151	0,191
"Não sei"	-0,214	-0,164	-0,157	-0,281*	0,351*	0,379**	0,170	0,151
Idealização das relações de amizade	-0,123	-0,120	0,231	0,281*	0,050	0,127	0,006	0,049
Idealização das relações amorosas	-0,307*	-0,361**	0,355*	0,493**	-0,033	-0,028	0,308*	0,320*
Idealização geral	-0,187	-0,230	0,279*	0,340*	-0,009	0,020	0,115	0,133
Informações adicionais								
Frequência choro	-0,066	-0,065	0,309*	0,144	-0,335*	-0,370**	-0,006	0,083
Situação choro	-0,035	-0,008	0,270	0,294*	-0,237	-0,265	0,051	0,081
Duração da relação mais longa	0,082	0,047	-0,051	-0,022	-0,004	0,089	-0,104	-0,027
Duração da relação actual	0,046	0,001	0,028	-0,032	-0,109	0,035	-0,030	-0,008
Nível de envolvimento	-0,105	-0,049	0,199	0,000	0,003	-0,089	-0,001	0,083
Número de relações significativas	-0,150	-0,043	0,134	-0,001	0,141	0,009	-0,102	-0,015

Nota. * p<0,05; ** p<0,01; *** p<0,001

Quadro A18.

Correlações entre padrões de vinculação aos pais e dimensões da EVP – amostra masculina

	Padrões de vinculação aos pais							
	Seguro		**Preocupado**		**Desinvestido**		**Amedrontado**	
Dimensões da EVP	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Domínio das amizades								
Self – disclosure	0,246	0,157	0,082	0,241	-0,299	-0,218	-0,142	-0,077
Envolvimento relativo	0,332	0,099	-0,137	0,008	-0,311	-0,230	-0,291	-0,208
Dominância	0,169	0,122	0,180	0,274	-0,028	0,053	-0,155	-0,168
Qualidade relação c sexo oposto	0,120	0,093	0,010	0,025	-0,051	-0,014	-0,164	-0,185
Qualidade relação c mm sexo	0,105	0,178	0,216	0,332	-0,068	-0,037	-0,121	-0,154
Qualidade global das relações	0,176	0,160	0,134	0,243	-0,073	-0,008	-0,189	-0,219
Domínio das relações amorosas								
Self – disclosure	0,110	0,135	0,195	0,129	-0,115	-0,082	-0,144	-0,164
Envolvimento relativo	-0,160	-0,227	-0,192	-0,170	0,018	0,078	0,128	-0,022
Dominância	0,126	0,086	0,330	0,111	-0,062	-0,038	-0,113	0,083
Base segura	0,268	0,285	0,311	0,208	-0,258	-0,174	-0,303	-0,240
Situações de abuso	-0,071	-0,037	0,266	-0,014	0,234	0,181	0,095	0,245
Evitamento	-0,019	-0,115	0,193	0,197	0,254	0,317	-0,107	-0,060
Qualidade das relações	0,145	0,239	0,165	0,183	-0,201	-0,208	-0,232	-0,255
Dimensões globais								
Procura de proximidade	0,266	0,125	-0,068	0,303	-0,329	-0,298	-0,199	-0,185
Expressividade emocional	0,130	0,012	-0,023	0,045	-0,178	-0,109	-0,033	-0,052
Dependência emocional	-0,091	-0,040	-0,261	-0,165	-0,183	-0,154	0,228	0,080
Prestação de cuidados	0,177	0,297	0,053	0,148	-0,384*	-0,384*	-0,206	-0,252
Afectuosidade	-0,028	0,076	0,375*	0,231	-0,078	-0,035	-0,125	-0,149
Ciúme	-0,112	-0,109	-0,236	-0,191	-0,195	-0,208	0,270	0,264
Ansiedade de separação	-0,104	-0,061	-0,175	-0,046	-0,246	-0,193	0,236	0,101
Confiança no outro	0,331	0,386*	0,121	0,095	-0,248	-0,196	-0,227	-0,196
Autoconfiança	0,164	0,200	0,183	0,216	-0,002	0,016	-0,134	-0,081
Dimensões estruturais das narrativas								
Elaboração	-0,229	-0,101	0,393*	0,218	-0,003	0,036	0,193	0,190
Coerência	0,190	0,279	0,113	0,184	-0,106	-0,128	-0,232	-0,248
Insistência em não recordar	-0,038	-0,059	-0,250	-0,230	0,250	0,145	0,108	0,096
Riso inapropriado	-0,063	0,053	0,163	-0,135	0,120	0,039	0,026	0,123
"Não sei"	-0,118	-0,090	-0,163	-0,052	0,244	0,148	0,041	0,037
Idealização das relações de amizade	-0,098	-0,265	0,023	0,119	0,198	0,283	0,144	0,152
Idealização das relações amorosas	-0,268	-0,369	0,358	0,210	0,137	0,281	0,209	0,232
Idealização geral	-0,296	-0,435*	0,386*	0,310	0,200	0,362*	0,167	0,198
Informações adicionais								
Frequência choro	-0,080	0,043	0,228	0,130	-0,035	-0,035	0,032	0,014
Situação choro	-0,218	-0,187	0,147	0,317	-0,219	-0,149	0,216	0,168
Duração da relação mais longa	0,169	0,210	0,007	-0,128	-0,039	-0,132	-0,134	-0,059
Duração da relação actual	0,276	0,338	-0,161	0,402	-0,350	-0,361	-0,140	-0,140
Nível de envolvimento	0,232	0,301	-0,019	-0,007	-0,188	-0,255	-0,204	-0,236
Número de relações significativas	0,164	0,050	-0,163	-0,102	-0,053	0,010	-0,189	-0,195

Nota. * p<0,05; ** p< 0,01; *** p< 0,001